C. G. JUNG · CHARLES L. WHITFIELD · MARION WOODMAN
JOSEPH CAMPBELL · JOHN BRADSHAW · JAMES HILLMAN
MARIE-LOUISE VON FRANZ · ROBERT M. STEIN · JUNE SINGER
GASTON BACHELARD · BRUNO BETTELHEIM · JEAN HOUSTON
ERIK H. ERIKSON · RALPH METZNER · ALEXANDER LOWEN
M. SCOTT PECK e outros

O REENCONTRO DA CRIANÇA INTERIOR

Cultrix

JEREMIAH ABRAMS (Org.)

Jeremiah Abrams (Org.)

O REENCONTRO DA CRIANÇA INTERIOR

Tradução:
MARIA SILVIA MOURÃO NETO

9ª Edição - 1999

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

O REENCONTRO DA CRIANÇA INTERIOR

Jeremiah Abrams (org.)

A criança é que conhece o segredo primordial da Natureza e é à criança em nós que retornamos. Nossa criança interior é simples e ousada o suficiente para viver esse segredo.

Chuang Tzu

A maioria de nós sente uma forte ressonância com a criança interior. Sabemos intuitivamente o que é isso, qual o seu significado para nós. Sentimos, talvez em segredo, que uma parte em nós continua inteira, intacta diante dos reveses da vida, capaz de sentir uma imensa alegria e deslumbramento diante das menores coisas.

O Reencontro da Criança Interior é uma coletânea de 37 artigos que definem e dão realidade concreta à imagem abstrata da criança interior, mostrando que ela é um símbolo de união do ser, símbolo que representa, de acordo com C. G. Jung, "a parte da personalidade humana que deseja desenvolver-se e tornar-se inteira".

Abrangendo várias disciplinas, desde a psicologia profunda até a literatura relativa ao tema, estes ensaios são voltados para objetivos eminentemente práticos como:

- realizar a promessa da criança interior e cumprir o seu destino;
- reivindicar a inocência, o espírito lúdico e o deslumbramento da criança no adulto;
- curar a criança abandonada ou maltratada e resolver antigos traumas;
- estabelecer contato com a criança interior como símbolo da nossa energia criativa;
- perdoar nossos pais;
- desenvolver uma consciência de compaixão para ser um pai ou uma mãe melhores;
- completar a atividade variada e inacabada da infância.

* * *

Joseph Campbell, C. G. Jung, James Hillman, June Singer, Marie-Louise von Franz, Gaston Bachelard, Bruno Bettelheim e Jean Houston figuram entre seus autores.

EDITORA CULTRIX

Título do original:
Reclaiming the Inner Child
Copyright © 1990 by Jeremiah Abrams.
Publicado originalmente nos Estados Unidos da América por Jeremy P. Tarcher, Inc.

9ª Edição - 1999

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270-000 - São Paulo, SP - Fone: 272-1399 que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Impresso em nossas oficinas gráficas.

Para Phillip, Rachael e Barbara meu melhor amigo, minha melhor amiga e sua mãe: “Se não fosse por vocês, de modo algum eu seria convincente.”

Por fim pensei que, dentre as nostalgias que perseguem o coração humano, a maior de todas, para mim, é a ânsia infindável de rejuvenescer em cada um de nós aquilo que é mais velho.

Laurens van der Post

Sumário

Agradecimentos 10
Introdução: A criança interior 11
JEREMIAH ABRAMS 11
Parte 1 28
A promessa da criança interior 28
Introdução 29
1. Um experimento inédito: O arquétipo da criança interior 32
EDITH SULLWOLD 32
2. A psicologia do arquétipo da criança 43
C. G. JUNG 43
3. O arquétipo da criança na poesia de Wordsworth 53
JAMES H. YOUNG 53
4. Devaneios sobre a infância 68
GASTON BACHELARD 68
5. O motivo da criança divina 83
JUNE SINGER 83
6. O renascimento e a criança eterna 91
RALPH METZNER 91
Parte 2 98
A criança abandonada 98
Introdução 99
7. O cruel segredo do nascimento: Oh, eu sou minha própria mãe perdida de minha própria criança triste 104
GELDA FRANTZ 104
8. O abandono da criança 124
JAMES HILLMAN 124
9. O arquétipo do órfão 140
ROSE-EMILY ROTHENBERG 140
10. A criança da alma 158
MARION WOODMAN 158
11. O amor e o medo do abandono 165
M. SCOTT PECK 165
12. Os que vão embora de Omelas 172
URSULA K. LEGUIN 172
Parte 3 183
Eterna juventude e narcisismo: o dilema da criança 183
Introdução 184

13. Narcisismo: o desequilíbrio da nossa época 189
JOEL COVITZ 189
14. A busca do verdadeiro self 198
ALICE MILLER 198
15. *Puer aeternus* 217
MARIE-LOUISE VON FRANZ 217
16. O self da infância e as origens da psicologia do *puer* 227
JEFFREY SATINOVER 227
17. O Pequeno Príncipe 247
HELEN M. LUKE 247
Parte 4 260
A criança ferida interior 260
Introdução 261
18. Como podemos curar nossa criança interior? 266
CHARLES L. WHITFIELD 266
19. A criança interior vulnerável 275
HAL STONE E SIDRA WINKELMAN 275
20. Por que você está com tanta raiva de mim? 290
ALEXANDER LOWEN 290
21. Em defesa da criança 297
ALICE MILLER 297
22. Sobre o incesto e o abuso de crianças 303
ROBERT M. STEIN 303
23. O sussurro das paredes 310
SUSANNE SHORT 310
Parte 5 321
O resgate da criança 321
Introdução 322
24. O poder da sua outra mão 324
LUCIA CAPACCHIONE 324
25. O contato com a criança interior 336
JOYCE C. MILLS E RICHARD J. CROWLEY 336
26. Liberando sua criança interior perdida 348
JOHN BRADSHAW 348
27. Tornar-se uma criança 363
JOHN LOUDON 363
28. A integração do self mais jovem 376
NATHANIEL BRANDEN 376
29. Recordando a criança 386
JEAN HOUSTON 386

30. Revendo os filmes de sua infância 392
ADELAIDE BRY 392
31. Matando o dragão 403
JOSEPH CAMPBELL 403
32. A redenção da criança interior no casamento e na terapia 406
ROBERT M. STEIN 406
Parte 6 425
Criança interior/criança exterior: o futuro do papel dos pais 425
Introdução 426
33. Comentário sobre as histórias 429
JAMES HILLMAN 429
34. Explorando a infância como adulto 434
BRUNO BETTELHEIM 434
35. A relevância histórica da infância humana 445
ERIK H. ERIKSON 445
36. O que sai da boca dos bebês 448
THEODORE REIK 448
37. O pai ferido interior 457
SAMUEL OSHERSON 457
Epílogo: 467
“Que você possa permanecer jovem para sempre” 467
Notas 469
ABREVIAÇÕES USADAS NAS NOTAS 469
Sobre os colaboradores 483
Bibliografia 490
Permissões e direitos autorais 498
Sobre o organizador 503

Agradecimentos

Um projeto como este é um trabalho de várias mãos. Sem as energias generosas, criativas e solidárias de muitas pessoas, este trabalho único sequer existiria.

Sou especialmente grato à minha querida esposa Barbara Shindell, que se sacrificou para manter tudo em andamento durante minha ausência e que tem sido meu esteio, principal leitora e fã entusiasta.

Sou muito agradecido à editora, Connie Zweig, rara e talentosa mulher que conseguiu ser uma amiga querida, e ainda a mãe e parteira deste livro.

Muitas outras pessoas merecem também meus mais especiais agradecimentos por suas colaborações específicas a este trabalho: Bob Stein e Joel Covitz, que, na qualidade de leitores, crentes, críticos e colaboradores deste livro, deram um inesgotável apoio intelectual e emocional. Marie Dowie e Marie Libarle, que me ajudaram a dar a este livro um grandioso começo. Bill e Vivienne Howe, que generosamente me permitiram usar sua biblioteca como local de pesquisa. Sharon Heath, que me infundiu apoio com seu projeto paralelo. Lotte Stein, Joanna Karp, Bruce e Carla Burman e Alys Graveson, que me proporcionaram um inestimável apoio crítico na qualidade de leitores. Kathleen Dickey, que socorreu e comandou o preparo do manuscrito com elegância. O apoio de Jeremy Tarcher e equipe foi o tempo todo atencioso e profissional. E, claro, sou muito grato a todos os autores e editores que generosamente permitiram que seus trabalhos fossem inseridos nesta coletânea.

Em especial quero agradecer aos clientes e amigos pessoais que partilharam comigo o mais íntimo de suas pessoas ao longo de muitos anos, que conferiram realidade às minhas vivências da criança interior e às possibilidades de cura que todos temos dentro de nós.

Introdução: A criança interior

JEREMIAH ABRAMS

A Criança é que conhece o segredo primordial da Natureza e é à criança em nós que retornamos. Nossa criança interior é simples e ousada o suficiente para viver esse Segredo.

- Chuang Tzu

A maioria de nós sente uma forte ressonância com a criança interior. Sabemos intuitivamente o que é isso, qual o seu significado para nós. Sentimos, talvez em segredo, que uma parte em nós continua inteira, intacta diante dos padecimentos da vida, capaz de sentir uma imensa alegria e deslumbramento face às menores coisas.

Essa imagem da criança é de complexidade e veracidade bastante sutis. Sua mensagem é: *todos nós carregamos aqui dentro uma criança eterna,* um jovem ser inocente e maravilhoso. *E essa criança simbólica também nos carrega,* carrega quem fomos, o registro de nossas experiências de formação, de nossos prazeres e dores.

Como uma realidade simbólica e poética, a criança interior aparece em nossa imaginação, em nossos sonhos, em nossa arte e nas mitologias do mundo todo, representando a renovação, a divindade, o entusiasmo de viver, uma sensação de deslumbramento, esperança, o futuro, a descoberta, a coragem, a espontaneidade e a imortalidade. Nesse sentido, a criança interior é um símbolo de união que reúne partes separadas ou dissociadas da personalidade individual. Marie-Louise von Franz, eminente analista junguiana e erudita, diz: “Se eu confiar na minha reação ingênua, então estou inteira: estou inteiramente na situação e íntegra diante da vida... É por isso que os terapeutas de crianças deixam que elas brinquem e, em dois minutos, elas revelam a totalidade de seu problema, pois que,

assim, estão sendo quem são."

A criança interior é tanto um fato em desenvolvimento como uma possibilidade simbólica. É a alma da pessoa, criada dentro de nós através do experimento da vida, e é a imagem primordial do Self, o cerne mesmo de nosso ser individual. Como sugeriu Carl Gustav Jung, a criança representa uma "totalidade que abrange as próprias raízes da Natureza".

Wordsworth disse: "A Criança é o pai do Homem." A criança é o pai da pessoa inteira.

A maioria das pessoas continua tendo contato com a criança, na fase adulta, através de hábitos, desejos e condutas pueris, e mediante o contato com as crianças de carne e osso. Jung disse que a tendência a empenhar-se em atividades regressivas tem a função positiva de nos manter ligados à criança, de ativar a criança interior. Ele disse que a regressão é uma "tentativa genuína de alcançar alguma coisa necessária: a sensação universal da inocência infantil, a sensação de segurança, de proteção, de amor recíproco, de confiança, de fé - essa coisa que tem tantos nomes".[1]

Todos fomos crianças

Nossa criança interior possui o espírito da veracidade, da absoluta espontaneidade, da autenticidade. Suas ações traduzem em nós o que é natural, a nossa capacidade para fazer a coisa certa, para salvar uma situação. Culver Baker, psicólogo inglês, observou o quanto é importante tomar consciência da criança interior, ter com ela uma relação consciente e ser reforçado pela mesma. Escreveu o seguinte:

Quando falo da criança interior, quero dizer aquele aspecto em nós, adultos, que ainda reflete certas qualidades da criança divina... Quando ficamos por demais inconscientes dela, por qualquer motivo, e por isso não a incorporamos, sua força contém todo o potencial para atividades construtivas, assim como para destrutivas. Dessa forma, ela pode conter a dinâmica

criativa da personalidade humana, sua força motivadora.[2]

"Somente quando dou espaço para a voz de minha criança interior", diz a renomada psicanalista suíça Alice Miller, "é que me sinto genuína e criativa."

A voz da criança é essencial ao processo de tornar-se único. A individuação, aquele processo vitalício de desenvolvimento da personalidade, está ligada à identidade peculiar do self infantil e gira em tomo dela. Von Franz concorda com Miller a esse respeito quando diz: "A criança interior é a parte genuína, e a parte genuína dentro da pessoa é a que sofre... Muitos adultos excluem essa parte e, dessa forma, perdem a individuação, pois somente se a pessoa a aceita, e com ela o sofrimento que impõe, é que o processo de individuação pode prosseguir."

A voz da criança interior é aquela que cada um e todos nós reconhecemos, pois sabemos bem qual é. Todos fomos crianças. E a criança que um dia fomos permanece conosco - para melhor ou para pior — sendo receptáculo da nossa história pessoal e um símbolo sempre presente das nossas esperanças e possibilidades criativas.

A criança, seja qual for o meio pelo qual obtenhamos contato com ela, é a chave para alcançarmos a nossa mais plena manifestação como indivíduos. A entidade criança, o self que verdadeiramente somos e sempre fomos, vive dentro de nós aqui e agora. Se, por exemplo, observarmos a autoimagem de pessoas excepcionalmente talentosas - aquelas que realizaram por completo seus dons na vida - é surpreendente o quanto seu autoconceito está vinculado à singular e direta vivência de seu self infantil.

Albert Einstein é um exemplo bem conhecido do gênio em comunhão perene com a naturalidade de sua criança interior. Diz-se que Einstein nem chegou a falar antes dos cinco anos de idade! "Até mesmo com nove anos ele não era muito fluente", diz o biógrafo Ronald W. Clark.[3] A autenticidade deste self infantil não era contaminada por palavras, mas, ao contrário,

contida por uma noção não-verbal de deslumbramento. Einstein reconhecia essa qualidade infantil em si próprio. Confiava nela diante dos obstáculos. Em suas anotações autobiográficas, aos sessenta e sete anos, refletia:

Na realidade, não é menos que um verdadeiro milagre o fato de os métodos modernos de instrução ainda não terem estrangulado por completo a sagrada curiosidade da investigação, pois essa delicada plantinha, além de estimulação, precisa ao máximo de liberdade. Sem isso, arruína-se de forma irrecuperável. É um erro muito grave pensar que o deleite de ver e buscar possa ser promovido por meio da coerção e de um senso de dever.[4]

Essa naturalidade, essa liberdade, essa perpétua sensação de maravilhamento, preservadas com assiduidade na vida adulta, constituíram a marca distintiva do caráter de Einstein, mesmo na sua velhice.

Em contraposição, a vida de Wolfgang Amadeus Mozart constitui um exemplo da inversão unilateral das tendências positivas da criança interior. Temos, neste caso, um gênio infantil que, segundo seus biógrafos, era incapaz de chegar ao equilíbrio desenvolvendo o self adulto socializado em sua personalidade. Seu self infantil era prisioneiro do amor condicional, inflado pela grandiosidade e forçado a buscar a aprovação de seu pai, de seu monarca e de seu mundo. O seu gênio musical explodia intacto, mas suas condutas pueris levaram-no a desaparecer precocemente.

Para outras pessoas dotadas, a maturidade e a idade adulta resultam numa diminuição do poder de vibração da criança. Considere, por exemplo, a maneira como a maturidade sufoca os talentos de tantas crianças-prodígio. O processo de socialização tem, de alguma maneira, a capacidade de abafar os dotes naturais da maioria das crianças. Este vem a ser o dilema narcisista.

Talvez o contexto seja o seguinte: a criança real, sendo forçada a adaptar-se, torna-se um pequeno adulto e identifica-se com

um falso self. Os tesouros da criança autêntica passam então a ficar escondidos, protegidos, num santuário tão bem fechado que, quando o self adulto amadurece, não consegue mais reconhecer e recuperar a criança interior. Ela fica então perdida, abandonada. Com o passar do tempo, as racionalizações ou a amargura substituem a espontaneidade e a clareza naturais do self radioso. Como se lamentava J. Robert Oppenheimer, o gênio sombrio que foi o pai da era atômica, "existem crianças brincando na rua que poderiam solucionar meus principais problemas de física porque contam com modalidades de percepção sensorial que perdi há muito tempo".[5]

Para onde foi a vida que perdemos enquanto íamos vivendo?

Para outras pessoas, a criança interior está longe de ser inspiradora, pois mal e mal se constitui em algo real. As vivências de seus episódios infantis estão obliteradas pela dor e pelo tempo, obscurecidas pela racionalidade, eliminadas pela ambição, distorcidas pela pressão por crescer e conformar-se.

Poucos de nós tiveram uma infância isenta de ansiedades e repleta de contatos e relações de compreensão e proximidade com adultos, uma infância livre para se envolver em brincadeiras imaginativas e para seguir os voos da fantasia com prazer, num meio ambiente afetivo em que fosse seguro sentir-se vulnerável. Para muitas pessoas, a criança interior é um ser traumatizado e ferido, um sofredor que preferiríamos não reconhecer, tolhido por experiências que seria melhor para nós não lembrarmos em nossa vida adulta.

A criança da nossa experiência, diz a terapeuta infantil Edith Sullwold, "é a criança que todos desejamos curar, para podermos reaver para as ações adultas a energia que ainda se encontra nos padrões reativos de defesa e proteção que se desenvolveram diante de vivências dolorosas".

Brincamos e sofremos, crescemos e aprendemos. Persiste o lado

juvenil, a alma resiste, embora para algumas pessoas apenas como um lampejo ocasional nos olhos ou um calor diferente na voz. Muitas pessoas vivenciam inconscientemente a criança interior como aquela que não teve suas necessidades reconhecidas ou satisfeitas. Essa vivência, com os anseios que a acompanham, é uma grande fonte de humilhação e vergonha, com a qual é muito difícil identificar-se, ou que é muito difícil de partilhar com mais alguém. Nesse sentido, a criança pode ser uma tremenda inibição à capacidade humana de formar vínculos na idade adulta.

Sempre nos deparamos com a criança interior no casamento e em outras ligações intimas, nas quais são profundamente vivenciados os padecimentos das relações afetivas que tivemos no passado. “Aquelas mágoas de infância que se abateram sobre a nossa alma”, diz o autor e analista junguiano Robert M. Stein, “tornam extremamente difícil, quando não impossível, que a pessoa vivencie uma relação humana íntima, crescente e ao mesmo tempo criativa. Neste sentido, a criança ferida sempre representa aquele aspecto da alma que precisa da união com outra pessoa e a exige.”

É possível curar essa criança ferida; isso, aliás, é necessário para podermos alcançar a totalidade interior. Resgatar a própria integridade implica uma transformação interna, a criação de uma atitude interior positiva que dê apoio e incentivo à criança interior através da compaixão. Em seu livro *O Drama da Criança Bem-dotada,*[1]* Alice Miller descreve a mudança que se dá no decorrer de um processo de cura:

Se a pessoa for capaz... de sentir que nunca foi "amada” quando criança só por ser quem era, mas pelo seu desempenho, êxito ou boas qualidades, e que sacrificou sua infância em nome desse “amor”, essa vivência a abalará profundamente, mas um dia ela sentirá o desejo de terminar esse romance. Descobrirá em si

[1] Editado em português pela Summus Editorial, em 1986, em tradução de Walter F. R. Ribeiro. (N.T.)

mesma uma necessidade de viver de acordo com seu "verdadeiro self", de não ser mais forçada a ganhar amor, amor que em suas raízes ainda a deixa de mãos vazias, pois é dado ao "falso self", aquele que ela começou a abandonar.

A luz do mundo pode atravessar a barreira e brilhar

A criança interior é a portadora das nossas histórias pessoais, o veículo das nossas recordações da criança do passado, tanto a de verdade como a idealizada. É a única qualidade *verdadeiramente viva* do ser que existe em nós. É a alma, nossa dimensão que vivencia ao longo de todos os ciclos da vida. É o sofredor. E é o portador da renovação pelo renascimento, aparecendo em nossa vida sempre que nos desapegamos e abrimos às mudanças.

No poema "O Anseio Sagrado", Goethe, o grande homem dos séculos XVIII e XIX da Europa, louvou essa notável dimensão do ser humano:

Fale com uma pessoa sábia, ou então fique calado,
porque o homem massificado zombará sem hesitar.
Louvo o que está verdadeiramente vivo,
o que anseia por arder até extinguir-se...
E enquanto você não tiver passado
por isso: morrer e desse modo crescer,
será apenas um convidado atormentado
sobre a terra escura.[6]

Vivenciar esse processo de renovação é sentir as possibilidades criativas da criança interior simbólica. "Morrer" — ou seja, entregar-se no momento de transição - permite que algumas possibilidades novas surjam. "Desiste do que tens e receberás", adverte o provérbio latino. Quando uma coisa deixa de existir, a criança é constelada como possibilidade interior e ingressa na nossa esfera repleta de uma ingênua vitalidade.

"O processo de morrer psicologicamente enquanto se está vivo é seguido de um renascimento ou de uma renovação

psicológica", diz Ralph Metzner em seu livro *Opening to the Light.* Um novo ser vem à luz - um novo modo de ser - imaginado como criança radiante simbólica. "A criança recém-nascida ainda está ligada ao Tao, à fonte de sua vida e surgimento, e é por isso que devemos imitá-la", acrescenta Metzner. "Como diz Chuang Tzu: 'Você consegue ser como um bebê recém-nascido? O bebê chora o tempo todo e, apesar disso, sua voz nunca fica rouca. Isso é porque ele não perdeu a harmonia da natureza.'"

No cerne mesmo de nosso ser existe essa criança eterna, verdadeiramente viva, aguardando encamar em nossos atos e atitudes. E a luz do mundo poderá brilhar através dela.

"Leva muito tempo para se ficar jovem"

O motivo da criança interior, embora tenha emergido como conceito na cultura popular apenas nos últimos trinta anos, é ao mesmo tempo atemporal e contemporâneo. É tão ancestral como a religião e tão atual quanto uma comédia de Hollywood. No filme *Big,* [Quero ser grande], por exemplo, o menino realiza o seu desejo de ficar instantaneamente crescido e vemo-lo obter sucesso no mundo adulto, dentro do seu novo corpo maduro, simplesmente permanecendo no seu self infantil natural, inocente e efervescente. Isso não é tão diferente em substância do deus-criança Hermes que encontramos nos Hinos Homéricos, o qual, por meio de sua astúcia (e tudo no mesmo dia em que nasceu!), inventa a música e a canção ao criar, do casco de uma tartaruga, uma lira para brincar; rouba o gado de Apolo, o arqueiro e seu irmão mais velho, e o acalma, conquistando a aprovação de seu eminente pai, Zeus.

A criança interior é um conceito que evolui, originário dos tempos primordiais, ao lado das primeiras formas de adoração da natureza e de religiões solares. Aqueles deuses-crianças fizeram surgir, antes do início da nossa era, as crianças mitológicas divinas, no mundo inteiro. A fábula de Rômulo e Remo nos proporcionou a glória que foi a civilização romana. O

conceito messiânico dos hebreus produziu, com o tempo, o que se tornou o símbolo interior primário do self, em nossos dias, a criança Cristo. Ao longo da Idade Média, quando as praticas religiosas não-sancionadas foram obrigadas à clandestinidade, os alquimistas imaginaram que sua grande obra alcançaria uma síntese de opostos, a criação de uma criança interior anímica, a Criança Filosofal. Até hoje, no Oriente, a devoção à criança Krishna infunde na vida familiar a aguda percepção da presença divina em todos os afazeres cotidianos.

No Ocidente, o pensamento religioso deu margem ao pensamento secular relativo ao tema da criança. A nossa era assistiu a um espantoso desenvolvimento das ciências sociais; a sensibilidade científica dos vitorianos, aliás, já havia advertido esse período vindouro como o "século da Criança". No plano das ideias psicológicas houve uma notável expansão em tempos ainda mais recentes. Nos anos 60, o trabalho de revisão da teoria e da prática pedagógicas ocupou-se inteiramente com as ideias modernas da psicologia infantil e teoria do desenvolvimento. As introvisões analíticas das psicologias profundas de Freud, Adler, Jung, Reich, Reik e outros exerciam influência cada vez maior e estavam deixando perfeitamente claro o que as tradições mais místicas haviam valorizado em todos os tempos, ou seja, que não somos monolíticos e sim que, em cada um de nós, está contida uma multiplicidade de influências internas, dentre as quais a criança e a infância são as mais imediatas e importantes.

Esse maduro contexto intelectual agiu como fermento para incentivar a ideia da criança interior. O conceito emerge com a literatura psicológica séria e popular dos anos 60, mais especialmente nos trabalhos do proeminente psicólogo suíço C. G. Jung ("The Psychology of the Child Archetype", edição americana de 1959), que definiu a criança interior como um símbolo de totalidade na psique, uma ponte entre os planos pessoal e coletivo. O psiquiatra americano W. Hugh Missildine *(Your Inner Child of the Past,* 1963) escreveu um dos livros

originais no gênero autoajuda, oferecendo conselhos encorajadores sobre como harmonizar a vivência da criança interior com a personalidade externa do adulto. O trabalho extremamente popular do psiquiatra californiano Eric Berne (*Transactional Analysis,* 1961) colocou a criança interior num papel interativo com o adulto e o pai interiores, num modelo versátil que funcionou muito bem nas situações psicoterapêuticas, ao permitir que a criança interior assumisse um papel construtivo na cura da pessoa como um todo.

Existem razões importantes pelas quais a imagem da criança interior nos transmite hoje uma mensagem tão contundente. Os seis vetores de catalisação que descrevemos a seguir, embora não componham uma explicação completa em si, são o que torna a criança interior um tema de tanta relevância.

O aumento do interesse pela psicologia

A psicologia - ela própria filha deste século - levou-nos a reconhecer a importância da infância humana ao acentuar a relevância do seu desenvolvimento e ao enfatizar a realidade das vivências infantis. Sigmund Freud, cuja genialidade foi a parteira da moderna investigação psicológica, teria dito, já no final de sua carreira como pioneiro, que "o valor real da psicanálise está em aprimorar o modo de tratar os filhos". Praticamente todo o pensamento subsequente na área da psicologia deu lugar de destaque à criança e aos estudos sobre a infância.

Jung, cujas descobertas adiantaram o pensamento psicológico até o século XXI, não subestimou a contribuição da psicologia para o temperamento moderno ao indagar, de forma jocosa:

Por que é que nos interessamos de modo especial pela psicologia justo agora? A resposta é: todos têm absoluta necessidade disso. A humanidade parece ter atingido hoje um ponto em que os conceitos anteriores não são mais adequados e em que começamos a nos dar conta de estar sendo confrontados por algo estranho cuja linguagem não conseguimos entender.

Vivemos numa época em que somos atingidos pela percepção de que as pessoas que vivem do outro lado da montanha não são exclusivamente demônios de cabeça vermelha responsáveis por todo o mal que acontece deste lado da montanha.[7]

O crescimento paralelo da psicoterapia

A "cura pelo diálogo", que nasceu com Freud e seus seguidores, vem evoluindo e modificando seu centro de interesse; não obstante, continua respeitando a alma, validando a vida interior do adulto e reconhecendo a existência da criança interior necessitada de cura.

Nas três últimas décadas, o fenômeno da criança interior ganhou maior destaque em virtude de um crescente interesse pela psicologia profunda junguiana, em geral, e pelo tratamento das desordens narcisistas da personalidade, em particular. Essas duas disciplinas identificam a imagem da criança interior como a alma vulnerável, a criança ferida que carece de integração e o Self machucado. O psicólogo arquetípico James Hillman faz eco a Jung quando diz: "O que a psicologia profunda passou a denominar regressão é apenas o retorno à criança."

Com o advento e a popularização da psicoterapia, os terapeutas passaram a estar em contato com a criança abandonada dentro de si mesmos e acharam necessário curá-la a fim de poderem ajudar os outros de uma maneira eficiente. Segundo o autor Charles L. Whitfield, muitos terapeutas estenderam esse trabalho à sua clientela e, dessa forma, tornaram a questão do resgate da criança interior o elemento mais importante do relacionamento terapêutico, levando à aceitação da criança interior em muitos círculos.

O programa para filhos adultos de alcoólatras (FAA)

Este fenômeno de rápido crescimento, decorrência da imensa popularidade alcançada pelo programa de doze passos do movimento de recuperação dos Alcoólatras Anônimos, faz um uso extenso do conceito da criança interior. Estima-se (nos

Estados Unidos) que o programa FAA está-se expandindo à razão de um novo grupo por dia, em escala nacional. O êxito desse conceito parece residir na identificação do até então ignorado sofrimento daqueles que foram criados em lares de alcoólatras, ou seja, a constatação dos efeitos desastrosos sobre o self infantil dessas pessoas. Valendo-se de uma abordagem familiar e sistêmica para a recuperação do alcoolismo, o modelo do programa FAA deixa claro que as famílias que têm algum tipo de disfunção - não só devido ao alcoolismo ou ao vício em drogas químicas - causam danos incalculáveis aos filhos e à infância interior de todos os seus membros. Esse fenômeno, através de uma expansão monumental de suas adesões e da literatura específica, exerce uma enorme influência, ajudando a romper a barreira de negações da parte genuína que sofre dentro de nós, ou seja, da criança interior.

A constatação cada vez maior de casos de abuso de crianças

O expressivo aumento na incidência, denúncia, execução e divulgação de casos de abuso de crianças força-nos a considerar a perpetuação desse comportamento pela atuação da criança interna que sofreu abuso e que vive nos agressores adultos. O analista junguiano e autor Joel Covitz, em seu livro *Emotional Child Abuse,* chama esse fenômeno, que atravessa as gerações, de "a maldição familiar". Ele diz que, quando examinamos o agressor adulto que cometeu o abuso,

quase sempre encontramos a seguinte raiz: quando criança, suas necessidades narcisistas saudáveis não foram satisfeitas... e quando essa criança se torna uma pessoa adulta os efeitos devastadores desses desequilíbrios são transmitidos aos seus próprios filhos. Os padrões de abuso não serão alterados enquanto os pais não se derem conta de forma mais plena dos efeitos que suas atitudes têm sobre seus filhos.

O que, na nossa cultura, está-se manifestando nessa epidemia de abuso de crianças? Trata-se de um problema complicado que exige uma profunda consideração das atitudes coletivas com

relação à criança interior. "O abuso concreto de crianças sempre reflete uma falta de ligação com a criança interna ou psíquica e uma falta de respeito por ela", segundo Robert M. Stein, pensador de vanguarda nesse campo e cujos textos nos desafiam a examinar esse problema com mais sensibilidade e consciência. A atenção cada vez maior que é dada pela nossa cultura ao abuso de crianças, a constatação cada vez mais consciente desse problema, o fato de que a maioria dos agressores também foi vítima de abusos em sua própria infância tornam o trabalho com a criança interior praticamente compulsório.

Os pais de hoje têm uma carga de responsabilidade maior

A tarefa de criar os filhos, hoje numa crise maior do que nunca, está exigindo apoio e atenção. As atitudes relativas às crianças e a seu desenvolvimento estão mudando rapidamente. O que há trinta anos poderia parecer inadequado, como a ampla rede de atendimento diário em berçários e congêneres para bebês com seis meses de idade, tornou-se hoje uma prática bastante aceita. Valores em rápida transformação nas culturas pós-industriais modificaram de maneira irrevogável a estrutura familiar e estão afetando de forma radical as práticas de educação e criação de filhos. As mulheres ingressaram na força de trabalho em grande número, respondendo às pressões econômicas e à necessidade de ampliar sua própria noção de identidade e propósito. Essa tendência, ao lado da maior incidência de lares com um só dos cônjuges, forçou a reavaliar completamente a tarefa de criar os filhos, à medida que nos vamos aproximando do final deste século. A enorme quantidade de novos pais que surgiram, ou a explosão demográfica do pós-guerra, está agora levando a uma proliferação considerável. Essas pessoas precisam e querem expandir suas noções coletivas do que é uma boa forma de criar os filhos. Mais do que em qualquer outro momento histórico, os pais *querem* toda a ajuda que puderem obter. Contudo, o criar filhos, a arte de educá-los parece estar sujeita a um maior isolamento e abandono social, como acontece com nossas crianças.

Essas circunstâncias conferem uma atenção especial à criança interior dos pais, assim como à vida interior das crianças: a qualidade e o sucesso da paternagem (ou maternagem) aumentam muito quando os pais podem vivenciar sua própria criança interior abandonada, transformando-a em recurso compassivo quando cuidam dos seus próprios filhos. O modo como o adulto trata sua criança interior determina de forma decisiva o modo como irá tratar a criança exterior.

A busca da espiritualidade e do significado

A incerteza espiritual do nosso tempo pede o nascimento de um novo significado, de uma nova esperança em cada um de nós.

As *coisas se desintegram: o centro não pode mais resistir;*
A pura anarquia está à solta no mundo,
A escura maré tinta de sangue está à solta, e por toda parte
A cerimônia da inocência se afoga...[8]

- W. B. Yeats, "A Segunda Vinda"

Sofremos do que Jung denominou ''um empobrecimento sem precedentes dos símbolos". Há uma fome gigantesca de espiritualidade e significação em nossa era, o anseio pela segunda vinda de uma criança divina cujo aparecimento anuncie o início de um novo milênio de esperança.

No nível pessoal, sentimos a pungente necessidade de entrar em contato com o destino da criança interior, de vivê-lo, para encontrarmos nossa salvação espiritual. ''Nossa infância testemunha a infância do homem, presencia o ser tocado pela glória de viver", diz Gaston Bachelard.

Ou, nas palavras de June Singer, psicóloga junguiana, "a criança divina dentro de nós dá sentido às nossas iniciativas imaturas; ela nos mostra o lado inconsciente das limitações que vivenciamos e isto é uma visão da potencialidade que desabrocha".

Em termos psicológicos, poderíamos dizer que o advento da criança divina é uma manifestação do Self, provocando uma

reestruturação da personalidade para acomodar a compreensão mais ampla do significado e uma expressão mais plena da vitalidade.

"Quando pesquisamos a literatura sobre misticismo e orientação espiritual, assim como a história de vida daqueles que parecem ter-se tornado pessoas maduras", escreve John Loudon em seu ensaio intitulado "Tornar-se Criança", "a meta parece ser comum: uma integração que englobe a totalidade do potencial humano e que, ao mesmo tempo, seja descomplicada, sábia, lúdica e até mesmo brincalhona." Em resumo, o retorno à criança. Esse motivo está refletido nas grandes mitologias das religiões mundiais, em que o nascimento de uma criança especial significa que os velhos deuses têm que ir e que emerge um novo começo.

O aparecimento do arquétipo da criança divina - a criança interior coletiva - pressagia uma transformação na psique individual ou coletiva, a possibilidade de renovação e expansão. Escreve Edith Sullwold no ensaio de abertura deste livro que "existe dentro de nós uma força criativa que nos acena, forçando-nos a sair de nossa própria natureza essencial e a deixar o mundo antigo e familiar, dando um passo adiante para ingressar no novo".

"Cantai, ó Musa, a criança!''

Essa consciência da criança, em nosso meio, é um sinal saudável para a nossa cultura, ao prometer boas coisas para os nossos filhos. Como disse Homero em sua antiga invocação: "Cantai, ó Musa, a criança!", podemos agora voltar-nos para a criança em busca de inspiração.

Este livro nasceu para satisfazer esse objetivo. Reúne, pela primeira vez, escritos importantes sobre o tema da criança interior. As intenções deste livro são simples e diretas: estruturar um campo de pesquisa que é, ao mesmo tempo, instigante e oportuno; oferecer ao leitor o melhor e o mais compreensível e inspirador material disponível. Esse projeto foi

dirigido pela sincronicidade, pela persistência, pela boa fé de um grande número de pessoas. Encontros casuais e sugestões inesperadas de muitos auxiliares anônimos desempenharam um papel que não é pequeno. Um empreendimento como este é, em si mesmo, uma prática na descoberta, no desenvolvimento daquele senso de escolha da coisa certa a ser feita e na confiança em nossa própria reação ingênua quando ela ocorre. Essa foi uma bênção inesperada, um presente benéfico que a criança trouxe consigo.

A escolha do material para esta coletânea foi realizada depois de uma extensa pesquisa literária, e todas as contribuições que aqui estão apresentam uma qualidade especial de raciocínio, de perspectiva, de paixão pelo assunto. As escolhas foram reunidas em tomo de seis temas principais, focalizando tópicos que despontaram tão logo o assunto estava totalmente pesquisado. As introduções às seções esboçam uma estrutura básica para o livro, descrevendo cada tema principal e oferecendo o contexto geral para os ensaios em cada seção. Descrições rápidas e estruturadas na forma de itens, antes de cada ensaio, oferecem informações contextuais mais específicas.

A Parte 1 examina as dimensões míticas do tema da criança interior, as imagens inatas da infância e da puerilidade que todos contemos. Nela encontramos o arquétipo da criança e da criança divina, o poético e misterioso deus-criança repleto de promessas e possibilidades, devaneios e deslumbramentos, renascimentos e renovações, o mais excelso e de melhor qualidade em cada um de nós.

A Parte 2 trata do tema do abandono - figurativo, literal, intencional, inadvertido; da criança abandonada, reprimida, não-amada, perdida; da vítima do destino, das circunstâncias e da negligência.

A Parte 3 focaliza o problema paradigmático das perturbações narcisistas, o campo minado que a maioria das crianças precisa atravessar, o dilema interior da nossa época. Aqui ficamos

sabendo quais são os efeitos dos conflitos interiores sobre a formação do self, do autoconceito e do caráter. Encontramos o *puer aeternus*, o eterno menino que, a fim de evitar perdas futuras, paira acima da linha da vida, só vive o provisório. Apesar de exuberante e encantadora, essa criança interior desequilibrada ainda não está disposta a encarar a vida real.

A Parte 4 é sobre a criança ferida, a criança que é vítima, que sofreu abuso, abandonada, negligenciada, produto de uma vida familiar desestruturada ou da indiferença social. Onde há feridas também há o resgate da saúde e todos os artigos dessa seção também abordam a cura da criança interior ferida.

A Parte 5 vai adiante e para cima, para além do vale de lágrimas e danos, tratando das tarefas práticas de recuperar o self mais jovem, de perceber quais são os talentos da criança e de acolher sua vitalidade.

A Parte 6, por fim, examina a revitalização das práticas de criação de filhos, mediadas pelo conhecimento e pela aguda percepção da criança interior.

••••••

Viemos por esta trilha
Para encontrar a nossa vida.
Pois todos nós somos,
Todos nós somos,
Todos nós somos filhos de...
Uma flor de cores brilhantes,
Uma flor incandescente.
E não há ninguém,
Ninguém,
Que lamente o que somos.

- Canto dos índios huichol[9]

Parte 1

A promessa da criança interior

Introdução

Em todo adulto espreita uma criança - uma criança eterna, algo que está sempre vindo a ser, que nunca está completo, e que solicita cuidado, atenção e educação incessantes. Essa é a parte da personalidade humana que quer desenvolver-se e tornar-se completa.

- C. G. Jung

Antes de mais nada, começamos com o arquétipo da criança, que poderíamos chamar de a "grande" imagem da criança interior, uma vez que ela é a criança que todos nós contemos, não só como uma parte de nós mas também como uma forma codificada da vivência coletiva que a humanidade tem com relação à criança. No começo era o ser recém-criado, a criança, no jardim do Éden, totalmente inocente, deslumbrada, feliz, plena de todas as possibilidades de vida humana e de futuro. A promessa que essa criança representa está dentro de nós. Está nas nossas origens e nas nossas esperanças.

Essa promessa começa com um nascimento. Quando nasce uma criança uma estrela se acende, abre-se todo um mundo de possibilidades. Cada autor desta seção avalia as possibilidades internas que a criança contém, tanto em termos da vida individual como da vida coletiva do homem.

Edith Sullwold nos introduz ao mundo arquetípico da criança, sugerindo que cada nascimento, a vida de cada criança, é um experimento inédito na evolução espiritual da humanidade. Ela diferencia para nós o mundo pessoal da criança interior do âmbito mais amplo da criança mítica.

O ensaio de Carl Jung, carregado com o peso das ideias complexas, é o trabalho definitivo sobre as dimensões míticas da criança interior. A criança, diz Jung, é um símbolo que expressa "a natureza todo-abrangente da totalidade psíquica". Ao descrever o arquétipo da criança, ele diz que "se trata de um empreendimento absolutamente inútil extrair um arquétipo

isolado da tessitura viva da psique; no entanto, apesar do entrelaçamento de todos eles, formam-se unidades de significado que podem ser intuitivamente apreendidas". Recomendamos, portanto, ao leitor o emprego das suas faculdades intuitivas, mais do que das analíticas, quando abordar o ensaio de Jung.

No estudo de James H. Young acerca do arquétipo da criança, encontramos uma amplificação dessas ideias psicológicas através da visão poética e inspirada de Wordsworth. Os poemas da Inglaterra romântica enfatizam a dualidade da consciência espiritual da criança e da prosaica visão do adulto, o conflito vivo que todos nós incorporamos e vivenciamos em nosso íntimo, como discrepância entre o gênio pueril e o pragmatismo do adulto. Em geral é o adulto que vence o combate, e a visão da criança termina negligenciada. Young trata desse dualismo tanto em Jung como em Wordsworth, sugerindo os caminhos que ambos vislumbraram para se transcender esse problema. O tema do abandono, que Jung considerava um fenômeno especial do arquétipo da criança, é um aspecto desse dualismo. A criança abandonada é o ponto onde se concentra a Parte 2.

A coletânea de textos de Gaston Bachelard, que compõe o Capítulo 4 desta seção, é um cântico à criança interior, à memória, a todas as infâncias em nós que ainda permanecem como potenciais na forma de nossa criança interior. É, de fato, um alegre encantamento poético em prosa, que nos faz lembrar, como o disse o romancista contemporâneo Tom Robbins, que "nunca é tarde demais para se ter uma infância feliz".

June K. Singer, cujo ensaio forma o Capítulo 5, trata da criança divina como extensão da nossa consciência coletiva, dizendo que ela representa simbolicamente "os ideais de uma cultura que na realidade não é capaz de satisfazer". Suas ideias provocantes sobre o motivo da criança expandem a perspectiva arquetípica junguiana. Ela também nos apresenta o arquétipo do *puer aeternus*, a eterna criança, que compõe o tema da Parte 3

deste livro.

Esta seção se encerra com o grande mistério do renascimento e com a ideia de tornar-se novamente criança por meio de um processo metafórico de morte-renascimento. O sucinto ensaio de Ralph Metzner deixa claro que a renovação é o renascimento de uma atitude espiritual, muitas vezes sob a forma de uma percepção da presença da criança interior. “Do tumulto e das trevas da morte”, diz ele, “brota a reluzente vitalidade do self recém-nascido. Este novo self está ligado à fonte eterna de toda a vida, àquela fonte da qual todos proviemos, a essência divina interior. Portanto, justificadamente a denominamos ‘a eterna criança’”.

1. Um experimento inédito: O arquétipo da criança interior

EDITH SULLWOLD

Edith Sullwold aborda com considerável vigor, compreensão e sensibilidade a exigente tarefa de distinguir as qualidades pessoais das arquetípicas da criança interior. Seus sentimentos particulares de afeto pela vida interior da criança mesclam-se aqui à sua erudição, ao seu talento interpretativo e ao conhecimento típico de contador de histórias que ela tem de seu material. Este ensaio foi originalmente apresentado pela autora no dia 20 de novembro de 1987, como palestra central da conferência O Redespertar da Criança Interior, *em Washington, D.C. A dra. Sullwold, que é terapeuta infantil e terapeuta supervisora, concordou generosamente em ampliar e adaptar sua palestra expressamente para esta coletânea, para mais uma vez fazer soar o timbre da criança interior.*

Uma das minhas citações favoritas com respeito à criança vem de uma fonte bastante inesperada, a obra de George Bernard Shaw. Em certo ensaio no qual indaga o que é uma criança, ele mesmo responde:

Um experimento. Uma tentativa inédita de produzir o homem justo que se tornou perfeito, ou seja, de tornar divina a humanidade. E você irá viciar esse experimento se tomar a menor iniciativa no sentido de abortá-lo fazendo com que se ajuste a alguma imaginosa figura que você preferir - por exemplo, sua noção particular do bom homem ou da mulher feminina... Se você começar com as mais sagradas aspirações desse experimento e subvertê-las para atender aos seus propósitos, dificilmente haverá limites para o prejuízo que você pode causar.[1]

Essa declaração parece provir de um profundo entendimento da natureza tanto da criança interior como da exterior. A ideia de

que a criança é um “experimento inédito” implica que a criança é vista como indivíduo com talentos e limitações que são peculiares à sua natureza ímpar; que é um ser que pode contribuir para a investigação do significado da vida, que pode acrescentar alternativas à riqueza das possibilidades de viver.

Essa nova criatura, movida por uma necessidade de ser provida e orientada, encontra-se numa família específica, numa cultura específica, sendo educada de uma maneira específica. A esses elementos particulares correspondem regras, valores e sistemas aos quais a criança começa a se adaptar, ficando moldada pelos mesmos. Esse processo de moldagem muitas vezes acontece em tal extensão que a criança termina não tendo mais ligação com aqueles aspectos de seu ser que não se encaixam na estrutura dessas formas e expectativas externas. Para algumas, a adaptação significa que os talentos não cabem na estrutura, ou não são valorizados, ficam submersos e, por isso, são perdidos, não só para a pessoa mas também para a cultura como um todo.

Em outras crianças, a vitalidade desses talentos não pode ser tão facilmente abafada. Na falta de canais apropriados de expressão, a energia que está por trás desses talentos causará dor, como acontece com qualquer energia quando é bloqueada e busca a todo custo uma oportunidade de viver.

Essa experiência pode ser como aquela que Wordsworth descreve tão bem: “As venezianas da casa-prisão começam a se fechar/ Sobre o Menino que cresce.”[2] (“O Menino” refere-se ao aspecto Divino, ou do Self). Toda vez que leio essas linhas sinto dentro de meu próprio corpo o duplo impacto das restrições que vêm de fora e da pressão orgânica de crescimento que vem de dentro.

Enquanto escrevia isto, num glorioso primeiro dia de primavera, saí ao ar livre para contemplar as tulipas abertas ao sol. Notei que alguns hemerocales tinham lutado para aparecer em meio a umas pranchas que tinham sobrado de nosso projeto de construção de inverno. A força daqueles frágeis brotos, num

ímpeto vigoroso para desabrochar, era, de fato, espantosa, mas, devido à restrição imposta pelas tábuas, estavam tortos, deformados, um pouco amarelados. Assim que alcançassem a luz e se libertassem das tábuas, possivelmente se endireitariam e continuariam a crescer, até florescerem. Talvez, porém, nunca chegassem à plenitude de outras flores próximas, que tinham encontrado o espaço aberto, com sol, ar e chuva para recebê-las.

É isso que muitas vezes acontece com as crianças. A tábua antes usada para formar uma estrutura pode esmagar ou distorcer a vida orgânica natural das nossas crianças. Precisamos estar sempre atentos por baixo dessas tábuas, examinando os nossos sistemas de valores e os nossos pressupostos acerca da realidade.

Onde é que devemos buscar a inspiração e o incentivo para o trabalho de polimento da antiga e castradora estrutura, ou seja, das nossas noções do "bom homem", ou da "mulher feminina", das quais fala Shaw? Infelizmente, essas imagens são, muitas vezes, formadas a partir de uma aceitação inconsciente de definições coletivas para o êxito, a saúde e a normalidade.

Neste sentido, a última sentença de Shaw é importante, a saber, a ideia de que a criança tem suas próprias "aspirações mais sagradas", o seu próprio e singular caminho. Nesse contexto, a expressão "mais sagradas" pode ter dois significados. As aspirações ou intenções são consideradas frutos de uma fonte sagrada ou espiritual. E sabemos que a palavra "sagrado" tem relação com o termo "inteiro". Receber esse dom de vida que nos é oferecido e, com todo o cuidado e respeito, ajudá-lo a crescer ao máximo pode ser a tarefa "mais sagrada". Esse crescimento deve incluir todos os aspectos do nosso ser como indivíduos, e não apenas aqueles sancionados pelos valores coletivos. Essa ânsia de crescer é tão natural em cada um de nós quanto a ânsia de romper o cerco das tábuas, no caso das florezinhas do campo. C. G. Jung disse, no seu ensaio sobre "A Psicologia do Arquétipo da Criança", que a imagem da criança

"representa a mais poderosa e inelutável ânsia em cada ser humano, ou seja, a ânsia de realizar a si próprio".[3]

O aspecto divino da criança interior que habita em todos nós é uma fonte que, quando percebida em plena consciência, pode-nos oferecer a coragem e o entusiasmo de desbravadores que se arriscam a fugir pelas "portas da prisão". Uso o termo "divino" para distinguir esse aspecto do da criança interior formada a partir da memória das vivências pessoais, ou seja, a criança negligenciada, vítima de abuso, desnutrida, não-amada, exageradamente disciplinada, excessivamente condenada, assim como dos aspectos vulneráveis e carentes da criança que fomos um dia. Essa é a criança - a criança das nossas vivências — que todos desejamos curar para podermos recuperar a energia para a ação adulta que ainda reside nos padrões de reação de defesa e proteção que desenvolvemos em resposta às primeiras experiências sofridas. Curar essa criança significa também que não continuaremos mantendo inconscientemente esses padrões com os "experimentos inéditos" que são os nossos próprios filhos.

A criança real das nossas lembranças não é mais quem somos. Embora a tenhamos deixado para trás, frequentemente continuamos levando a nossa vida sem nos darmos conta dos padrões que adotamos quando éramos crianças, limitando, dessa forma, o âmbito da nossa vida atual. As consequências da dor, do medo, da raiva e da solidão dos primeiros anos de vida têm sido bem identificadas e debatidas, nos últimos anos, pelas teorias psicológicas e pela prática terapêutica. No entanto, quando se lança o foco de luz sobre as primeiras experiências da vida, também podem emergir outras recordações, imagens positivas de acontecimentos que deram apoio à exuberância, à curiosidade e à exploração audaciosa do mundo, tão naturais na criança, à delícia das percepções sensoriais, à riqueza da imaginação. Essas recordações, quando podem emergir, nos proporcionam a noção da história dos nossos prazeres e dores, tornando a vincular-nos a esse ser que hoje, enquanto adultos,

somos. O modo como vivemos no presente é uma consequência de todos os acontecimentos que se deram conosco em nosso experimento de viver.

Além das recordações de eventos reais, em geral levamos dentro de nós uma imagem da infância ideal, daquela em que o acolhimento e a orientação foram perfeitos. É a infância que gostaríamos de ter tido, construída fora das limitações das nossas próprias vivências. Em comparação, sempre nos parece faltar algo à nossa infância de verdade. Essa imagem é às vezes projetada nos outros, a quem percebemos como tendo tido uma infância perfeita, e, lamentando-nos por um ideal, aumentamos nossa solidão e nossa dor. Essa imagem é frequentemente projetada nos nossos filhos, na medida em que tentamos oferecer-lhes a infância perfeita, ao mesmo tempo que criamos para nós a imagem dos pais perfeitos.

Um antídoto para essa idealização paradisíaca da infância é partilhar nossas histórias e invenções com os outros, descobrindo, dessa forma, que a condição humana comum de filhos e pais é uma mescla complexa de êxitos e fracassos, de dons e limitações.

Por trás dessas imagens da infância real e da infância ideal está a imagem da criança interior divina antes mencionada, que brota da camada arquetípica mais profunda do nosso ser. Essa imagem arquetípica tem como função universal a incumbência de assegurar que permaneça inédito o nosso experimento de viver. A criança interior divina tem a inocência, que o mestre Zen Suzuki Roshi chamou de “a mente do aprendiz”. Representa a espontaneidade e o anseio profundo da alma humana por expandir-se, crescer e investigar vastos e ilimitados territórios.

Às vezes, essa criança interior faz exigências muito intensas, apresentando-se por intermédio de emoções como ansiedade, depressão, raiva, impotência, ou em sintomas físicos. Às vezes desencadeia em nós frágeis e sutis lampejos de inspiração —

uma ideia repentina, um sonho, uma fantasia, ou a sensação de desejar com ardor algo rejuvenescedor. A força vital e natural deste arquétipo quer o nosso reconhecimento e não pode ser ignorada sem acarretar com isso sérias consequências. Se não nos apossarmos de sua energia avivadora em nosso próprio benefício, o mais provável é que a projetemos no meio externo. Se deslocarmos a criança arquetípica para as crianças reais, de carne e osso, elas irão, então, arcar com o peso do nosso próprio desenvolvimento criativo.

A imagem inspiradora da criança interior representa os aspectos criativos da vida, tanto dentro do ser humano individual, como da coletividade. Ela se expressa nos mitos, no reino metafórico da história. Em toda cultura existem histórias do nascimento da criança especial, filha dos deuses, das deusas, dos heróis, histórias sem tempo que pertencem à nossa espécie inteira. Quando escutamos essas histórias milenares, podemos talvez ecoá-las, como se cantássemos nossas origens primais. Podemos assim redescobrir e recordar as raízes da nossa própria natureza, dos nossos instintos e da nossa criatividade, reconhecendo os elementos do nosso ser que já conhecemos de modo instintivo. Elas podem fazer-nos lembrar da nossa totalidade incipiente, daquela integridade que tivemos no início.

Talvez o melhor seja dar um exemplo de uma história assim. A minha história favorita dentre as epifanias gregas é a história de Hermes quando criança. Hermes nasceu da união de Zeus com uma ninfa da floresta, Maia. O nome Maia nos faz pensar no mês de maio; em Maria, mãe de uma outra Criança Divina, Jesus; e em Maya, a mãe de Buda. Para proteger Hermes de Hera, a ciumenta esposa de Zeus, Maia mantém o bebê numa caverna, como se fosse seu segundo útero. Zeus abandona seu novo filho e volta para o Olimpo e a antiga família.

Maia, espírito da natureza que é, cuida de Hermes. Tendo um caráter travesso, a criança escapa da caverna de manhã cedo, em seu primeiro dia de vida; cria uma lira a partir do casco de uma

tartaruga e rouba o gado de seu irmão Apolo. Apolo apodera-se de seu irmão menor e leva-o para ser julgado na corte de Zeus. Segundo Homero, Hermes responde às acusações do onisciente Zeus com a seguinte indagação: “Como poderia eu ter feito uma coisa dessas? Nasci ontem!”, e pisca para Zeus. Com isso, Zeus começa a rir e todos os que estão no Olimpo riem com ele. A única sentença que Zeus profere é que a harmonia se estabeleça entre os dois irmãos, feito que é finalmente concretizado quando Hermes faz soar o novo instrumento de harmonia por ele criado, a lira.

Nesta história, encontramos os elementos universalmente comuns aos relatos míticos que se referem ao nascimento da criança divina. Embora haja variações no enredo, nas circunstâncias e na caracterização, os dramas míticos parecem partilhar uma estrutura básica que define as qualidades e as características gerais da criança interior, atributos que têm para nós um grande significado psicológico.

Em primeiro lugar, essas crianças nascem em circunstâncias de concepção e parto incomuns, do ponto de vista do nascimento humano normal. Essas concepções são às vezes o resultado da união entre o espiritual e o humano, como é o caso da concepção imaculada de Maria, ou da mãe de Buda, que foi fertilizada por um elefante. Às vezes, a união se dá entre um deus e um elemento da natureza, como é o caso de Hermes, que nasceu de Zeus e da ninfa da floresta. O próprio nascimento pode ser incomum, podendo ocorrer diretamente a partir de um elemento primordial, como a água ou o fogo (Vênus), ou da cabeça de Zeus (Atenas), ou de sua coxa (Dioniso).

Esses nascimentos incomuns falam metaforicamente do surgimento, em nós, de um novo começo que procede de fontes incognoscíveis, inesperadas, extraordinárias e que cria em nossa psique novos nascimentos. Essas novidades podem aparecer-nos como palpites, sonhos, visões ou emoções. Se a personalidade exterior ou a cultura se tiver desenvolvido de maneira restrita e

unilateral, o aparecimento da criança interior divina é um presságio da possibilidade de renovação e expansão. O nascimento interior pode ser concebido através de um evento externo que nos espanta ou surpreende. Talvez considerado como um acidente do destino, desperta em nós a percepção de uma nova possibilidade da vida.

A criança, concebida e dada à luz de forma tão pouco habitual, aparece numa situação, cultura ou ordem particular que já está formada, seja no plano dos deuses, no mundo inferior ou na esfera humana. Esse mundo tem seus próprios padrões estabelecidos, seus princípios vigentes, que os que detêm o poder representam, e essa criança incomum, tanto como criatura quanto como ser criativo, corre, na maioria dos casos, um sério risco perante a ordem estabelecida. Até Apolo tenta destruir seu irmão precoce, o bebê Hermes. Herodes mata os pequenos para ter certeza de que está destruindo, entre todas as crianças, o Cristo. Hera, sempre ciumenta das uniões de Zeus com novos e virginais elementos, busca destruir a progênie desses casamentos. Em nós, esses governantes representam a antiga estrutura, que não quer perder seu poder para o novo ser, fruto de uma concepção divina. Para incorporar o novo, o velho deve abrir caminho à mudança.

Sermos sensíveis e permeáveis às indicações e exigências dessa criança interior, que incessantemente nos impele a sermos mais, é algo que nos torna abertos à mudança. Por outro lado, o incômodo dessas vivências muitas vezes resultará em tentativas de aplacar, distrair ou tranquilizar a criança interior, ou de ignorá-la e negar-lhe tempo e atenção. Dessa forma, comprometemos nossas “mais sagradas aspirações”.

Além do risco que vem da ordem vigente e que quer manter seu poder já instalado, esses filhos divinos do mito e da psique estão expostos e são vulneráveis, porque muitas vezes são abandonados por um ou ambos os pais, como Zeus abandonou Hermes. No cerne da nossa psique, isso pode indicar que os pais

familiares comuns, aqueles padrões do que já nos é conhecido, abandonam o filho aos seus próprios recursos para que ele venha a encontrar seu próprio lugar, singular e anticonvencional, na ordem das coisas.

Embora abandonada por seus pais divinos, a criança geralmente é protegida por guardiões do mundo terrestre, representações das forças naturais em nossa própria natureza simples e primitiva que podem calmamente prover essa criança especial com um conhecimento típico do indivíduo que está em contato direto com a terra. Essa força natural pode permitir que a criança se ligue à terra, se corporifique em nós segundo o seu próprio processo natural e orgânico.

O lugar em que a criança nasce geralmente oferece uma certa proteção. Hermes nasce numa caverna, que é uma espécie de segundo útero. Assim, Zeus estava protegendo-o de ser devorado por seu pai, Cronos. Cristo nasce numa estrebaria, pois na estalagem coletiva não havia lugar. Mais uma vez, os animais e pastores são os primeiros a cercá-lo. Neste local protegido, a criança pode ganhar forças até estar pronta para ingressar no mundo ameaçador. No plano psicológico, essa proteção pode representar um certo desenvolvimento em nós — uma ideia criativa, um sonho, ou uma nova atitude ou relação com a vida — que não deve ser manifesto nem trazido à luz antes que tenha alcançado um certo ponto de maturidade e possa sobreviver por si e, nessa medida, consiga efetivar mudanças eficazes e integradas no seio da antiga ordem. Cristo tem doze anos quando regressa e fala com os anciãos no templo.

O paradoxal é que essa criança abandonada e ameaçada que precisa de proteção já está repleta de uma individualidade criativa e de um poder indestrutível. É o extraordinário talento de Hermes que cria a lira e ameaça Apolo com o mágico poder das artimanhas. Buda, recém-nascido, anda sete passos para longe de sua mãe, apontando para cima e para baixo, declara-se Príncipe de tudo o que está acima e abaixo. É esse poder que

atrai os três Reis Magos do Oriente e os faz aproximarem-se de Cristo ainda bebê.

Na realidade, é justamente esse poder reconhecido, profetizado, intuído, que constitui a maior ameaça à antiga ordem. Esse nascimento não é um acontecimento comum. Em termos psicológicos, pode ser considerado uma manifestação do Self, que exige uma reestruturação da personalidade. Isso pode levar a uma dolorosa desintegração das antigas formas e, frequentemente, gerar confusão, solidão e desorientação, que duram um certo tempo, antes que a nova ordem esteja estabelecida.

Essas tentativas potencialmente dolorosas são captadas pelo princípio ora vigente na personalidade, o ego. Ele pode erguer sistemas de resistência, numa tentativa de silenciar a nova voz. Mas sendo esta divina, não se submeterá ao silêncio. Sempre temos diante de nós a seguinte escolha: ou ouvimos a súplica para que nos libertemos de seu jugo, ou aderimos ao seu exuberante e lúdico movimento rumo a uma vida mais ampla, mais humana. Se nos entregarmos, poderemos entrar com ela no reino das ações divinas.

Hermes traz o riso e o som da música tranquilizante e harmoniosa ao reino do Olimpo - um novo ingrediente nesse reino a ser reconhecido, acolhido e apreciado, mudando daí em diante para sempre a qualidade desse lugar.

No adulto moderno, a energia da criança interior pode resultar em mudanças dramáticas no estilo de vida e na imagem pública. Ela pode provocar a busca exclusiva de novos interesses ou hábitos. Mas, depois que nasce em nós, essa criança irá exigir que ampliemos o nosso mundo para incluí-la, para experimentarmos o abandono das nossas próprias familiaridades internas, que nos sustentam, e para suportarmos a solidão decorrente da ação criativa engendrada por uma ligação inspirada com o novo. O prêmio a ser conquistado é a nossa totalidade, uma totalidade insinuada em nós desde o princípio e

para a qual somos inexoravelmente atraídos. É possível que as culturas também possam assim ser renovadas, que as velhas ordens possam ser reexaminadas e reconstruídas, levando a um mundo mais harmonioso para a raça humana.

O arquétipo da criança interior, portanto, pode oferecer uma sensação de esperança diante dos becos sem saída da nossa história pessoal e mundial. Ele nos lembra do tempo em que tudo começou, do momento da criação, do novo, do inesperado, da diferença individual que muda o conjunto. Essa é a promessa do "experimento inédito", a promessa da criança interior.

2. A psicologia do arquétipo da criança

C. G. JUNG

Este é o excerto de um estudo pioneiro sobre a criança interior. Para entendermos o arquétipo da criança é preciso ter um certo conhecimento da noção elementar de Jung a respeito do inconsciente coletivo, que ele concebia como o reservatório da herança psíquica da humanidade e de suas possibilidades. É preciso também ter um certo entendimento da natureza do arquétipo, uma das maiores descobertas de Jung, talvez o conceito fundamental de toda a sua obra. Ele foi desenvolvendo a teoria dos arquétipos em estágios, começando por volta de 1912. A percepção de sua própria criança interior veio de vivências pessoais que teve por volta dessa mesma época (veja os Capítulos 7 e 26, onde há detalhes dessas experiências). O presente ensaio contém as considerações mais essenciais de Jung sobre a criança interior. Contém, em forma embrionária, aquelas ideias que geraram o nosso tema e lhe conferiram realidade; vários dos colaboradores deste livro o citam como referência.

Segundo Jung, o arquétipo "é uma forma inconsciente, preexistente e impossível de ser representada que parece fazer parte da estrutura herdada da psique. Sua forma talvez possa ser comparada ao sistema axial de um cristal, que, por assim dizer, pré-forma a estrutura cristalina no líquido-mãe, embora não tenha existência material propriamente dita... O arquétipo em si é vazio e puramente formal, e não passa de uma faculdade pré-formada, uma possibilidade de representação que é dada a priori. As *representações em si mesmas não são herdadas, somente as formas, e nesse sentido correspondem em todos os aspectos aos instintos, que também são determinados apenas na forma. A existência dos instintos não pode ser provada, da mesma forma que a dos arquétipos, enquanto não se manifestam no nível concreto" (OC, vol. 9, i, par. 155).*

Jung também disse: "Os arquétipos foram, e ainda são, forças psíquicas vivas... Sempre foram os portadores de proteção e salvação, e sua violação tem como consequência os 'perigos da alma', que conhecemos através da psicologia dos primitivos. Além disso, são as causas infalíveis dos distúrbios neuróticos e até psicóticos, comportando-se exatamente como órgãos físicos ou sistemas funcionais orgânicos negligenciados ou maltratados" (OC, vol. 9, i, par. 266).

O Dicionário Crítico de Análise Junguiana (Samuels et al., 1986) diz o seguinte:

Todas as imagens psíquicas compartilham do plano arquetípico em alguma medida. É por isso que os sonhos e muitos outros fenômenos psíquicos possuem numinosidade. Os comportamentos arquetípicos evidenciam-se ao máximo nos momentos de crise, quando o ego está muito vulnerável. As qualidades arquetípicas são encontradas nos símbolos, e isso explica em parte o fascínio que exercem, sua utilidade e repetição. Os deuses são metáforas de comportamentos arquetípicos e os mitos são representações arquetípicas. Os arquétipos nem podem ser plenamente integrados, nem vividos sob forma humana. A análise implica uma percepção cada vez mais consciente das dimensões arquetípicas da vida da pessoa... O conceito junguiano de arquétipo pertence à mesma tradição das Ideias de Platão, que estão presentes na mente dos deuses e servem de modelo para todas as entidades no plano humano.

Este estudo, em sua forma completa, foi originalmente publicado em 1940; uma tradução para o inglês foi realizada em 1949, seguida de outra em 1963.

O arquétipo como elo de ligação com o passado

Quanto à *psicologia* do nosso tema, devo assinalar que todas as afirmações que vão além dos aspectos estritamente fenomênicos de um arquétipo estão sujeitas a críticas. Nem por um momento devemos sucumbir à ilusão de que um arquétipo possa ser

finalmente explicado e descartado. Até mesmo as melhores tentativas de explicá-lo são apenas traduções mais ou menos bem-sucedidas para uma outra linguagem metafórica. (Na realidade, a linguagem em si é apenas uma imagem.) O máximo que podemos fazer é *continuar sonhando o mito,* proporcionando-lhe assim um revestimento moderno. E seja o que for que as explicações e interpretações lhe causem, estaremos causando o mesmo às nossas almas, com os resultados correspondentes para o nosso bem-estar.

O arquétipo - não nos esqueçamos disto - é um órgão psíquico presente em todos nós. Uma explicação ruim significa uma atitude correspondentemente ruim para com esse órgão, que dessa forma pode ser danificado. Assim, a "explicação" deve ser sempre de tal ordem que a significação funcional do arquétipo permaneça incólume, para assegurar uma conexão adequada e significativa entre a mente consciente e o arquétipo. Isso porque o arquétipo é um elemento da nossa estrutura psíquica e, portanto, um componente vital e necessário da nossa economia psíquica. Representa ou personifica certos dados instintivos da psique primitiva e obscura, das raízes reais, embora invisíveis, do campo da consciência. A importância elementar da conexão com essas raízes nos é confirmada pela preocupação da mentalidade primitiva com certos fatores "mágicos" que são nada menos do que aquilo que denominaríamos arquétipos. Essa forma original da *religio* ("religar") é a essência, a base operacional de toda a vida religiosa, inclusive a contemporânea, e sempre o será, seja qual for a forma futura que esta venha a assumir.

Não existe substituto "racional" para o arquétipo, assim como não o há para o cerebelo ou os rins. Podemos examinar os órgãos físicos dos pontos de vista anatômico, histológico e embriológico. Isso corresponderia a um esboço de fenomenologia arquetípica e à sua apresentação em termos de história comparada. Mas só podemos alcançar o *significado* de um órgão físico quando começamos a formular questões

teleológicas, e isso dá margem à indagação: qual é a finalidade biológica do arquétipo? Assim como a fisiologia responde a essa pergunta em relação ao corpo, a tarefa da psicologia é responder a ela em relação ao arquétipo.

Afirmações do tipo "O motivo da criança é uma memória residual da própria infância da pessoa", e explicações congêneres, apenas reiteram a questão. Mas se, colocando a proposição por um ângulo ligeiramente diferente, disséssemos: "O motivo da criança é uma imagem de certas coisas *esquecidas* da nossa infância", então estaríamos chegando mais perto da verdade. Entretanto, como o arquétipo é sempre uma imagem que pertence a toda a espécie humana e não somente à pessoa, seria melhor que disséssemos: "O tema da criança representa o aspecto infantil pré-consciente da psique coletiva."[1]

(Talvez não seja supérfluo assinalar que o preconceito leigo está sempre disposto a identificar o motivo da criança com a "criança" da experiência concreta, como se a criança real fosse a causa e a pré-condição da existência do motivo da criança. Para a realidade psicológica, entretanto, a ideia empírica "criança" é apenas um meio (e não o único) de expressar um fato psíquico que não pode ser formulado com mais exatidão. Portanto, de acordo com esse raciocínio, a ideia mitológica da criança é, decididamente, não uma cópia da criança empírica, mas um *símbolo* claramente identificável enquanto tal: é uma criança-maravilha, uma criança divina, concebida, nascida e criada nas circunstâncias mais extraordinárias, e não - essa é a questão - uma criança humana. Seus feitos são tão milagrosos ou monstruosos como sua natureza e constituição física. Somente em virtude dessas propriedades altamente não-empíricas é que se torna, aliás, necessário falar de um "motivo da criança". Além disso, a "criança" mitológica tem várias formas: ora é um deus, ora um gigante, ora o Pequeno Polegar, ora um animal, etc., e isso indica a vigência de uma causalidade que não tem nada de racional ou concretamente humano. O mesmo é válido para os arquétipos do "pai" e da "mãe", que,

mitologicamente falando, são símbolos igualmente irracionais.)

Não estaremos errando se, por algum tempo, considerarmos essa afirmação *pela perspectiva histórica,* na base de uma analogia com certas experiências psicológicas que mostram como determinadas fases da vida de uma pessoa podem tornar-se autônomas, personificando-se a ponto, inclusive, de resultarem numa *visão de si mesmo* - por exemplo, a pessoa se vê como criança. Experiências visionárias dessa espécie, ocorram elas em sonhos ou no estado de vigília, dependem, como sabemos, de uma dissociação que aconteceu anteriormente entre o passado e o presente. Essas dissociações ocorrem devido a diversas incompatibilidades; por exemplo, o estado atual de um homem pode ter entrado em conflito com seu estado de infância, ou ele pode ter sido violentamente despojado de seu caráter original no interesse de alguma persona[2] arbitrária, mais afim com suas ambições. Tornou-se assim artificial e desprovido de sua dimensão pueril, perdendo suas raízes. Tudo isso se constitui numa oportunidade favorável para um confronto igualmente intenso com a verdade primária.

Em vista do fato de que os homens ainda não cessaram de fazer declarações acerca do deus-criança, talvez possamos estender a analogia do indivíduo para a vida da humanidade e dizer, em conclusão, que também a humanidade provavelmente sempre entrou em conflito com suas condições de infância, ou seja, com seu estado original, inconsciente e instintivo, e que o perigo do tipo de conflito que induz à visão da "criança" existe de fato. As práticas religiosas, ou seja, o relato reiterado do evento mítico e a sua repetição ritual servem, como consequência disso, ao propósito de colocar a imagem da infância e tudo que a ela se liga várias vezes diante dos olhos da mente consciente, para que o elo de ligação com a condição original não se rompa.

A função do arquétipo

O motivo da criança representa não só algo que existiu no passado distante, mas também algo que existe *agora,* quer dizer,

não é só um vestígio, mas um sistema funcionando no presente e cuja finalidade é compensar ou corrigir, de maneira significativa, a inevitável unilateralidade e extravagância da mente consciente. É da natureza da mente consciente concentrar-se em relativamente poucos conteúdos e elevá-los à máxima possibilidade de clareza. A exclusão de outros possíveis conteúdos do campo da consciência é uma pré-condição e um resultado necessários desse movimento. Essa exclusão implica uma certa unilateralidade dos conteúdos conscientes. Uma vez que a consciência diferenciada do homem civilizado recebeu um instrumento eficaz para a realização prática de seus conteúdos através da dinâmica de sua vontade, cresce ainda mais o perigo - quanto mais ele treina sua vontade - de ficar perdido na unilateralidade e, assim, desviar-se cada vez mais das leis e raízes de seu ser. Isso significa, por um lado, a possibilidade da liberdade humana, mas, por outro, é uma fonte de transgressões intermináveis contra os próprios instintos. Por conseguinte, o homem primitivo, estando mais próximo de seus instintos, como o animal, é caracterizado pelo medo do novo e pela adesão à tradição. Segundo a nossa maneira de pensar, está lamentavelmente atrasado, enquanto nós exaltamos o progresso. Mas a nossa capacidade de progredir, embora capaz de resultar em muitas e satisfatórias realizações de desejos, acumula um débito prometeico igualmente gigantesco que deve ser pago, de tempos em tempos, na forma de catástrofes hediondas. Durante eras a fio o homem sonhou em voar, e tudo o que conseguimos com isso foi uma saturação de bombardeios! Sorrimos hoje em dia da esperança cristã de termos uma vida além do túmulo e, no entanto, muitas vezes nos entregamos a milenarismos centenas de vezes mais ridículos do que a noção de um Futuro feliz. Nosso campo diferenciado de consciência corre o risco contínuo de ser extirpado; precisa, por isso, da compensação proporcionada pelo ainda existente estado de infância.

Os sintomas da compensação são descritos, do ponto de vista

progressista, em termos que dificilmente poderíamos considerar elogiosos. Uma vez que, para a visão superficial, parece uma operação de retardo, as pessoas falam de inércia, retrogressão, ceticismo, censura, conservadorismo, timidez, insignificância, e assim por diante. Mas, na medida em que o homem tem em alto grau a capacidade de distanciar-se de suas próprias raízes, também poderá ser arrastado para a catástrofe com total ausência de crítica por sua perigosa unilateralidade. O ideal do retardo é sempre mais primitivo, mais natural (tanto no bom como no mau sentido) e mais "moral", na medida em que segue a lei e a tradição. O ideal progressista é sempre mais abstrato, menos natural e menos "moral", na medida em que exige deslealdade para com a tradição. O progresso implantado pela vontade é sempre *convulsivo.* A retrogressão pode estar mais próxima do que é natural, mas, por sua vez, é sempre ameaçada por dolorosas conscientizações. A visão antiga das coisas considerava que o progresso só é possível *Deo concedente* ("se Deus quiser"), mostrando estar consciente dos opostos e repetindo os milenares *rites d'entrée et de sortie* ("ritos de passagem") num plano superior. Quanto mais diferenciada se torna a consciência, mais cresce o perigo do desenraizamento das origens. A separação total se instala quando o *Deo concedente* é esquecido. É hoje um axioma da psicologia que, quando uma parte da psique é cindida do campo da consciência, só *aparentemente* ficou inativa; na realidade, ela desencadeia uma possessão da personalidade capaz de falsificar os objetivos da pessoa para o benefício da parte cindida. Se, então, o estado infantil da psique coletiva for reprimido até o ponto da exclusão total, o conteúdo inconsciente se apodera da meta consciente e inibe, falsifica ou até destrói a sua realização. O progresso viável só acontece com a cooperação de ambas as dimensões.

O futuro do arquétipo

Um dos traços essenciais do motivo da criança é a sua futuridade. A criança é futuro em potencial. É por isso que a ocorrência do motivo da criança na psicologia do indivíduo

significa, via de regra, uma antecipação de futuros desenvolvimentos, mesmo que a princípio possa parecer uma configuração retrospectiva. A vida é fluxo, um fluir rumo ao futuro, e não uma interrupção ou um recuo. Não surpreende, portanto, que tantos salvadores mitológicos sejam deuses-crianças. Isso está em exata concordância com a nossa experiência da psicologia do indivíduo, que mostra que a "criança" sedimenta o caminho para uma futura mudança na personalidade. No processo de individuação, antecipa a figura que decorre da síntese entre os elementos conscientes e inconscientes da personalidade. Portanto, é um símbolo que une os opostos;[3] um mediador, portador da cura, ou seja, aquele que torna inteiro, íntegro. Por ter esse significado, o motivo da criança é capaz de sofrer as numerosas transformações acima mencionadas: pode ser expresso pela rotundidade, pelo círculo ou pela esfera, ou ainda pela quaternidade, que é outra forma de totalidade.[4] Chamei de "self" essa totalidade que transcende a consciência.[5] O objetivo do processo de individuação é a síntese do self. De um outro ponto de vista, o termo "enteléquia" poderia ser preferível a "síntese" (enteléquia - uma força vital que impele um organismo à autorrealização). Existe uma razão empírica pela qual "enteléquia" é, em certas condições, mais adequado: os símbolos de totalidade frequentemente ocorrem no começo do processo de individuação e, na verdade, podem ser, muitas vezes, observados nos primeiros sonhos do início da infância. Essa observação salienta a possibilidade de que exista a *priori* uma totalidade potencial[6] e, com base nisso, a ideia de enteléquia se torna imediatamente recomendável. Mas, na medida em que a individuação, em termos empíricos, se processa como síntese, isso, embora paradoxal, parece suficiente, como se algo já existente estivesse sendo reunido. Desse ponto de vista, o termo "síntese" é mais aplicável.

A criança como início e fim

Depois de sua morte, Fausto é recebido como menino no "coro dos jovens bem- aventurados". Não sei se com essa ideia

peculiar Goethe estava se referindo aos *cupidos* que existem em antigas lápides tumulares. Não é impossível. A figura do *cucullatus* (encapuzado) assinala o *invisível,* o gênio do que se foi, que reaparece nas travessuras pueris de uma nova vida, cercado de formas marinhas como golfinhos e tritões. O mar é o símbolo favorito do inconsciente, a mãe de tudo o que tem vida. Assim como a "criança", em certas circunstâncias (por exemplo, no caso de Hermes e dos dáctilos), está intimamente relacionada com o falo, símbolo do procriador, ressurge, da mesma forma, no falo sepulcral, como símbolo de uma concepção renovada.

A "criança" é, portanto, *renatus in novam infantiam* ("renascida numa nova infância"). Ela é, nesse sentido, tanto início como fim, uma criatura inicial e terminal. A criatura inicial existiu antes que o homem existisse, e a criatura terminal existirá depois que o homem não existir mais. Em termos psicológicos, isso significa que a "criança" simboliza a essência pré e pós-consciente do homem. Sua essência pré-consciente é o estado inconsciente do começo da infância; sua essência pós-consciente é uma antecipação, por analogia, da vida após a morte. Expressa-se nessa ideia a natureza todo-abrangente da totalidade psíquica. A totalidade nunca é alcançada dentro dos limites da mente consciente, pois também inclui a extensão indefinida e indefinível do inconsciente. Falando empiricamente, a totalidade é, portanto, uma extensão incomensurável, mais velha e mais jovem que a consciência, englobando-a no tempo e no espaço. Isso não é especulação, é uma vivência psíquica imediata. Não só o processo consciente é continuamente acompanhado pelos acontecimentos inconscientes como estes, muitas vezes, orientam-no, ajudam-no ou interrompem-no. A criança teve uma vida psíquica antes de se tornar consciente. Até mesmo o adulto diz e faz coisas cujo significado só entende, quando entende, bem mais tarde. E, não obstante, disse-as e as fez como se conhecesse o seu significado. Os nossos sonhos estão o tempo todo dizendo

coisas que ultrapassam a nossa compreensão consciente (razão pela qual são tão úteis na terapia das neuroses). Temos indicações e intuições que procedem de fontes desconhecidas. Medos, mudanças de humor, planos e esperanças vêm até nós sem uma causa visível. Essas experiências concretas estão na raiz da nossa sensação de que nos conhecemos muito pouco; estão também na raiz da dolorosa constatação de que talvez haja surpresas desagradáveis esperando por nós.

O homem primitivo não é um enigma para si mesmo. A pergunta "O que é o homem?" é a indagação que o homem sempre guardou até o último instante. O homem primitivo tem tanta vida psíquica fora do âmbito da sua mente consciente que a vivência de algo psíquico que está fora dele próprio lhe é mais familiar do que o é para nós. A consciência rodeada por poderes psíquicos, sustentada ou ameaçada ou iludida por eles, é a experiência ancestral da humanidade. Essa experiência tem-se projetado no arquétipo da criança, que expressa a totalidade do homem. A "criança" é tudo o que foi abandonado e exposto e, ao mesmo tempo, é divinamente poderosa; ela é o início insignificante e duvidoso, e o fim triunfal. A "eterna criança" no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, um déficit, e uma prerrogativa divina; é um imponderável que determina o valor essencial de uma personalidade ou sua falta de valor.

3. O arquétipo da criança na poesia de Wordsworth

JAMES H. YOUNG

James H. Young amplifica o arquétipo da criança através das muitas crianças presentes na poesia de Wordsworth. Também demonstra como as ideias sobre a infância elucidam o caráter de mistério do trabalho deste consumado poeta inglês do romantismo. A obra de Wordsworth ilustra de forma bela a concepção de Jung sobre a criança interior, mostrando- nos o acesso da criança ao que o poeta chamou de "modos desconhecidos de ser". A análise e as comparações de Young expandem o tema da criança interior nos dois autores: o entendimento simbólico da criança interior por Jung é um excelente contraponto ao esforço de Wordsworth contra o literalismo da recuperação da criança na idade adulta. Este ensaio foi originalmente publicado no número de inverno de 1977 do periódico Quadrant.

A criança, tagarela, envergonhada, curiosa, é uma imagem frequente na poesia de William Wordsworth. Alguns de seus poemas são dirigidos a crianças determinadas, como o filho de Coleridge, Hartley, ou os próprios filhos e filhas de Wordsworth. Em geral, as crianças aparecem nos poemas de Wordsworth simplesmente como um elemento essencial no panorama da vida. Às vezes, porém, assumem uma aura especial de divindade, são investidas de uma luz sagrada ou servem de inspiração para outras pessoas. Essas crianças especiais, quase sobre-humanas, dos poemas de Wordsworth exibem muitos traços do que C. G. Jung chamou de "arquétipo da criança" e, por isso, revestem-se de um interesse especial.

Em razão das semelhanças entre algumas crianças da poesia de Wordsworth e o arquétipo da criança, é razoável considerar em que extensão o conceito junguiano de arquétipo da criança

esclarece os poemas desse autor. O propósito deste estudo é demonstrar que os comentários de Jung acerca do arquétipo da criança são, de fato, muito úteis na interpretação dos poemas de Wordsworth. As noções junguianas lançam luz, especialmente, sobre o poema intitulado *Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood* [Ode: Insinuações de Imortalidade a Partir de Recordações do Início da Infância], em que ele afirma a possibilidade de o adulto poder recuperar algo semelhante à "esplêndida visão" da infância.

O arquétipo da criança é a imagem de uma criança que aparece nos mitos e lendas do mundo inteiro; aparece nos sonhos e, às vezes, nos trabalhos que brotam da imaginação, como os poemas. Jung acentua a importância dos aspectos incomuns do arquétipo da criança, quando diz: "A ideia mitológica da criança, insisto, não é uma cópia da criança empírica, mas um símbolo claramente identificável como tal; é uma criança-maravilha, uma criança divina, concebida, nascida e criada em circunstâncias muito extraordinárias, não — e esse é o ponto central — uma criança humana."[1]

O arquétipo da criança aparece com grande frequência nos mitos e lendas. Uns poucos exemplos bastarão para lembrar o caráter exótico da criança arquetípica. Numa lenda indiana, uma criança dessas aparece a Indra, que matou o "dragão" e libertou a "enchente da vida".[2] Indra ordena ao "gênio milagroso" Vishvarkarman que erga um magnífico palácio para comemorar esse triunfo. Vishvarkarman não consegue atender às exigências arquitetônicas de Indra e queixa-se ao demiurgo criador, Brahma, que promete ajudá-lo. Na manhã seguinte, um menino de "traços luminosos" e "radiante com o fulgor da sabedoria" aparece e descreve a Indra como já testemunhou grandes eras que vieram e se foram. Indra chama-o de "Oceano de Virtudes" e "Sabedoria Encarnada" e pede-lhe que o instrua a respeito dos "segredos das idades". As palavras do menino levam a "sabedoria" a Indra: ele não deseja mais construir um palácio.

Um outro exemplo é o de Merlin, nas lendas arturianas, que "pode também aparecer como criança... exibindo sabedoria o tempo todo".[3] Por exemplo, num dos contos, um veado branco entra em disparada no salão de Artur, rodeia a távola redonda perseguido por um bando de cães, um dos quais, na sua perseguição, arrasta Gawain para fora do salão. Os cães estavam sendo seguidos por um caçador negro e, por fim, vem uma donzela clara que se detém por um tempo suficiente para pedir a ajuda dos estupefatos cavaleiros. Artur olhou para Merlin em busca de explicação. "Merlin jogou para trás o capuz que ocultava seu rosto vincado e, no instante em que seus traços se tornaram visíveis, transformaram-se. A fisionomia habitual, com sua longa barba branca e coroada de visco druídico, tinha-se tornado o rosto radiante de um menino sem idade, com folhas de louro sobre os cabelos dourados." O Merlin transformado faz um pronunciamento oracular e desaparece.[4]

Essas ilustrações demonstram algumas das qualidades e funções peculiares que, para Jung, eram características da criança arquetípica. Ela, amiúde, é divinamente inspirada e, em certos casos, literalmente irradia luz ou está envolta numa aura de divindade. A criança, às vezes, é considerada impotente e frágil, em meio a forças que ameaçam consumi-la ou destruí-la; entretanto, ela pode, nesses contextos, milagrosamente superar todas as forças tenebrosas que se lhe opõem, emergindo, em alguns casos, como figura de herói. Às vezes, é descrita como capaz de uma afinidade especial com a natureza, como um ser em sintonia com uma presença divina que permeia a natureza. Por fim, a criança muitas vezes serve como arauto, portadora de revelações espirituais, ou como curadora capaz de sarar ou salvar milagrosamente os doentes e perdidos.[5]

Todas essas qualidades e funções da criança arquetípica podem ser encontradas nas imagens de crianças existentes na poesia de Wordsworth. Este costuma descrever as crianças, por exemplo, iluminadas ou esclarecidas por suas aptidões especiais de sensibilidade. No soneto *Oh, What a Wreck* [Oh, Que Desastre],

Wordsworth sugere que as crianças têm "o privilégio de partilhar da divina comunhão", e no soneto *Young England* [Jovem Inglaterra], aconselha a Inglaterra a "Permitir que os Bebês e Recém-Nascidos sejam seus oráculos".[6] No mesmo sentido, uma figura de criança comparavelmente sábia, segundo Erich Neumann, aparece no Midrash judaico, que é um antigo método de exegese de textos bíblicos. Ao descrever o arquétipo da criança, Neumann observa que o Midrash "atribui conhecimento ao bebê que ainda não nasceu, dizendo que sobre sua cabeça, dentro do útero, queima uma luz que lhe permite enxergar todos os fins do mundo".[7]

As crianças arquetípicas de Wordsworth mostram-se às vezes não somente inspiradas pela luz de um conhecimento superior, como também literalmente radiantes. Em *The Widow on Windermere Side* [A Viúva de Windermere Side], a viúva, sobrecarregada por uma "dívida inocente" e profundamente abatida pela morte de todos os seus filhos, é transportada num "êxtase terrestre" pela visão do filho falecido:

His raiment of angelic white, and lo!
His very feet bright as the dazzling snow
Which they are touching; yea far brighter, even
As that which comes, or seems to come, from heaven,
Surpasses aught these elements can show.
Seu vestuário de branco angelical, e veja!

Seus próprios pés brilhantes como a neve deslumbrante
Que estão tocando; porém muito mais claros, até
Que aquilo que vem, ou parece vir, dos céus,
E ultrapassa tudo o que esses elementos podem mostrar.

A criança destas linhas é nitidamente não-terrestre; seu fulgor ultrapassa qualquer intensidade de brilho das coisas terrenas. A viúva aceita-o como um "Anjo". Outras crianças, nos poemas de Wordsworth, são igualmente iluminadas por uma luz divina. Em *The Borderers* [Os Habitantes da Fronteira], o cego Herbert diz, depois de um relâmpago, que viu "sua Criança / Um rosto

mais belo que o de qualquer querubim / Revelado pelo brilho que com ele veio do Céu" (ii, 716-718). Mais uma vez, em *Maternal Grief* [Dor Materna], uma criança "resplandecia / Pelos raios refletidos daquela luz celestial".

A qualidade frágil e vulnerável do arquétipo da criança está evidente em *The Prelude, VII* [O Prelúdio, VII], em que Wordsworth retrata uma criança ameaçada pelo ambiente hostil de Londres:

...I see
The lovely Boy as I beheld him then
Among the wretched and the falsely gay,
Like one of those who walked with hair unsinged
Amid the Fiery furnace.

- (ii, 366-369)

...Vejo
O adorável Menino enquanto o contemplo
Em meio aos desgraçados e falsamente joviais,
Como um daqueles que caminhou com o cabelo não chamuscado
Por entre as fornalhas em chamas.

Outro exemplo nos é dado em *Lucy Gray,* no qual a pequena Lucy desaparece numa tempestade de neve, deixando seus pais "arrasados". Numa guinada insólita, o final do poema sugere que ela, de alguma maneira, superou as forças da natureza e que "até o dia de hoje / Está viva; / Tanto que vocês podem ver a doce Lucy Gray / A criança solitária das matas".

Muitas das crianças da poesia de Wordsworth apresentam em comum com o arquétipo da criança a qualidade de uma sintonia especial com a natureza. Num determinado momento, Jung descreve a criança arquetípica como "personificação de forças vitais que estão muito além do limitado alcance de nossa mente consciente unilateral; como personificação de recursos e possibilidades dos quais nossa mente consciente nada sabe; e como totalidade que abrange os próprios fundamentos da

natureza".[8] Nos poemas de Wordsworth, as crianças são vistas, frequentemente, como possuidoras de uma totalidade, de uma integridade especial em virtude de sua afinidade com a natureza. Na *Ode*, para citar um exemplo, Wordsworth descreve o "Jovem" como "Sacerdote da Natureza".

Um dos aspectos mais significativos do arquétipo da criança proposto por Jung é sua frequente função de arauto, de portador de uma graça redentora, ou ainda sua capacidade de curar os doentes e guiar os perdidos. Como disse Jung, "a 'criança' distingue-se por atos que indicam a conquista das trevas".[9] Entre os poemas de Wordsworth, um exemplo antigo dessa espécie de criança aparece para Herbert em *The Borderers.* Herbert volta cego da Terra Santa e é destituído de seu baronato. Expulso, descansando à sombra de uma árvore com sua filha ainda bebê nos braços, Herbert recebe, milagrosamente, um guia infantil:

...I heard a voice
Such as by Cherith on Elija called;
It said, "I will bê with thee!" A little boy,
Hailed us as if he had been sent from heaven,
And said, with tears, that he would be our guide.

(ii, 1362-1367)

...Ouvi uma voz
Como a que, à margem do Carit, chamou Elias;
Ela disse: "Eu estarei contigo!" Um menininho
Acenou para nós como se tivesse sido mandado do céu
E disse, com lágrimas nos olhos, que seria o nosso guia.

Interessa-nos aqui a associação da criança com a voz patriarcal do Velho Testamento, e a auspiciosa vinda da criança para guiar o homem cego através das desoladas vastidões dos pântanos escoceses.

Mais uma vez, Wordsworth insinua o poder redentor da criança numa descrição de Lear, em *Artegal e Elidurer.*

...Lear

by his ungrateful daughters tumed adrift.
Ye lightnings hear his voice! - they cannot hear,
Nor can the winds restore his simple gift.
But One there is, a Child of nature meek,
Who comes her Sire to seek;
And he, recovering sense, upon her breast
Leans smilingly, and sinks into a perfect rest.

(ii, 41-48)

...Lear
Por suas ingratas filhas lançado à deriva.
Vós, relâmpagos, ouvi sua voz! - elas não conseguem ouvir,
Tampouco os ventos restauram seu simples dote.
Mas uma existe, Criança de natureza meiga,
Que a seu Senhor vem buscar;
E ele, recobrando os sentidos, naquele regaço
Inclina-se sorridente e afunda no descanso perfeito.

Nem os ventos, que em geral simbolizam a inspiração, nos poemas de Words- worth, conseguem "restaurar" Lear. É a "Criança" que o faz recobrar os "sentidos" e lhe proporciona "descanso perfeito". O poder curativo da criança-Anjo em *The Widow on Windermere Side* também pode ser citado como exemplo de uma criança não-terrestre dotada de um poder milagroso de cura.

Duas imagens de criança que parecem especialmente arquetípicas aparecem no poema de Wordsworth *Para H.C. e* em sua *Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood.* A qualidade etérea e a fragilidade do arquétipo da criança aparecem numa passagem do poema *Para H.C.*, ostensivamente dedicado a Hartley Coleridge:

Thou faery voyager! that dost float
In such clear water that thy boat
May rather seem
To brood on air than on an earthly stream;
Suspended on a stream as clear as sky,

Where earth and heaven do make one imagery;
.....
Thou art a dew-drop which the morn brings forth,
Ill fitted to sustain unkindly shocks,
Or to be trailed along the soiling earth;
A gem that glitters while it lives,
And no forewarning gives;
But at the touch of wrong, without a strife,
Sips in a moment out of life.
Tu, lépido viajante, que flutuas
Em água tão clara que teu bote
Pode mais parecer
Estar pairando no ar e não num regato rasteiro;
Suspenso num riacho tão claro como o firmamento
Onde terra e céu enfim criam uma só imagem;
.....
És uma gota de orvalho que a manhã traz em seu bojo,
Maldotado para suportar choques indelicados,
Ou para ser arrastado na terra e sua sujeira;
Gema que resplandece enquanto vive,
Sem dar qualquer prenúncio;
Mas ao menor contato com o erro, sem luta,
Afunda num instante e some da vida.

Poder-se-ia objetar que esta passagem do poema *Para H.C.* nada tem que ver com o arquétipo da criança, e que foi dedicado a Hartley Coleridge, afinal de contas, apenas a Hartley Coleridge e não a uma criança divina e mítica. Deve-se admitir, no entanto, que existem aspectos da descrição desse menino que devem tê-lo tornado maior do que sua realidade humana. Ele é "lépido viajante", uma "gema que resplandece" e, o que é ainda mais significativo, é capaz de conjugar "terra e céu em uma só imagem". O "H.C." do poema é muito mais do que Hartley Coleridge, e não é simplesmente uma imagem do frescor e da inocência pueris. Ele possui aquela "visão abençoada" que lhe permite transcender a dicotomia entre céu e terra, de tal modo

que parece “suspenso num riacho tão claro como o firmamento”. O H.C. do poema é um ser frágil mas definitivamente transcendente, em relação a quem o verdadeiro Hartley Coleridge podería ter servido como pouco mais que inspiração inicial.

A imagem da criança divina é igualmente importante na *Ode*. Neste poema, a pureza e a sabedoria superior da criança especial estão claras na oitava estrofe:

Thou, whose exterior semblance doth belie
Thy soul's immensity;
Thou best Philosopher, who yet dost keep
Thy heritage, thou Eye among the blind,
That, deaf and silent, read’st the eternal deep,
Haunted forever by the eternal mind,
Mighty Prophet! Seer blest!
On Whom those truths do rest,
Which we are toiling all our lives to find,
In darkness lost, the darkness of the grave;
Thou, over whom thy Immortality
Broods like the Day, a Master o’er a Slave,
A presence which is not to be put by;
.....
Thou little Child, yet glorious in the might
*of heaven-born freedom...**
Tu, cuja aparência exterior sempre trai
A imensidão da tua alma;
Tu melhor Filósofo, que porém deves manter
Tua herança, tu Olho entre cegos,
Que, surdo e silente, enxergas a profundeza eterna,
Para sempre acossado pela mente eterna,
Poderoso Profeta! Abençoado Vidente!
Em quem essas verdades de fato repousam,
Que em nossa vida inteira labutamos por encontrar,
Perdidos na escuridão, nas trevas do túmulo;
Tu, em quem tua Imortalidade

Paira como o Dia, Mestre acima do Escravo,
Presença que não se deve refugar;
.....
Tu, pequena Criança, porém glorioso na força
da liberdade nascida dos céus...

Algumas imagens de crianças nos poemas de Wordsworth exibem, portanto, os atributos que Jung considerava típicos do arquétipo da criança. Elas costumam demonstrar uma percepção espiritual especial, podem funcionar como arautos ou possuir o poder de curar, podem ser dotadas de uma afinidade peculiar com a natureza, podem parecer frágeis ou ameaçadas. O arquétipo da criança, sob muitos tipos de configuração, reaparece frequentemente nos poemas de Wordsworth e, dessa forma, o que Jung apresenta acerca do significado do mesmo pode ampliar a nossa compreensão dessa obra poética. Principalmente a interpretação junguiana do arquétipo da criança pode contribuir para uma compreensão mais ampla do trabalho intitulado *Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood.*

A *Ode* é, sem dúvida, um poema bastante discutido. Durante um certo tempo, a visão crítica predominante foi a de que, nesse poema, o autor lamenta a perda da percepção espiritual que havia na sua infância. Segundo essa análise, as estrofes finais do poema traduzem uma sensação de resignação, por exemplo, nas seguintes linhas: *"What though the radiance that was once so bright / Be now forever taken from my sight."* ("Que importa o esplendor de um dia tão majestoso / Agora para sempre distante dos meus olhos"). De uns tempos para cá tem ganho mais adeptos a perspectiva segundo a qual o final do poema é alguma espécie de afirmação. Decerto as linhas da décima estrofe da *Ode, "Then sing, ye birds, sing, sing a joyours song/ And let the young lambs bound"* ("Então cantai, ó aves, cantai, cantai uma canção jubilosa / E que os jovens cordeiros saltitem"), parecem pelo menos afirmativas, quando não eufóricas. A interpretação dada por Jung ao arquétipo da

criança endossa a visão de que é afirmativa a parte final da *Ode*. Além disso, as ideias junguianas podem fazer parte de um entendimento mais claro do que o poema está afirmando.

Jung diz que o aparecimento do arquétipo da criança está "condicionado a uma dissociação prévia entre o passado e o presente". Essas dissociações, acrescenta, "acontecem em virtude de várias incompatibilidades". Um exemplo de uma vítima dessa incompatibilidade, observa ele, seria o homem que "entrou em conflito com o seu estado de infância". Esse homem sente-se "artificial, alheio ao universo infantil," como se tivesse "perdido suas raízes". A mente desse homem estaria sendo confrontada por uma "colisão de opostos" entre o seu estado presente e o seu estado de infância, e a criança arquetípica viria a simbolizar "um estado nascente de consciência," um estado mental em desenvolvimento do qual ele ainda não está ciente. Depois de plenamente desenvolvido e, por isso, conscientizado, esse novo estado mental transcenderá a aparente "colisão de opostos," incorporando elementos dos dois polos da oposição entre a criança e o homem.[10]

A interpretação de Jung explica a fenomenologia do arquétipo da criança. A criança pode ser etérea, radiante ou especialmente sábia porque representa um nível mais elevado de percepção consciente. Está em sintonia perfeita com as forças naturais porque representa um nível superior de consciência, porque, como diz Jung, representa uma "totalidade que abrange os próprios fundamentos da Natureza".[11] A criança funciona como arauto ou curadora porque simboliza o estado de percepção consciente que transcenderá a dolorosa "colisão de opostos". E a qualidade frágil, às vezes evidente no arquétipo da criança, deriva da natureza provisória do estado mental ainda em desenvolvimento. Como salienta Jung, "os motivos da insignificância, do estar exposta, abandonada, em perigo, etc. tentam evidenciar o quanto é precária a possibilidade psíquica da totalidade".[12]

Os poemas de Wordsworth amiúde refletem uma "colisão de opostos" junguiana. Na *Ode* e em outros poemas, Wordsworth retrata duas modalidades aparentemente incompatíveis de percepção consciente: a "esplêndida visão" da criança simples e a prosaica visão de mundo da idade adulta. Na *Ode,* Wordsworth descreve o processo gradual de distanciamento da consciência espiritual existente na infância, à medida que a pessoa vai crescendo. "O céu está à nossa volta durante a infância," ele diz, mas "as sombras da prisão começam a se fechar / Em tomo do menino que vai crescendo," embora ele ainda "contemple a luz." "O Jovem", diz Wordsworth, "ainda é o Sacerdote da Natureza", embora ele "a cada dia mais distante do leste / Deva viajar". Finalmente, o "Homem" perde essa visão especial que é a da infância. Ele "percebe que vai morrendo / E desvanecendo-se na luz do dia qualquer". Assim, Wordsworth descreve duas modalidades de percepção consciente que parecem ser incompatíveis e irreconciliáveis; ele está preso numa colisão de opostos junguiana.

A percepção que Wordsworth tem desses dois modos de ver (que são, na verdade, dois modos de ser) e sua predileção pela naturalidade e pela simplicidade do modo infantil, em oposição à artificialidade e estreiteza do modo adulto, produzem alguns desdobramentos incomuns em sua poesia. Em *The Widow on Windermere Side,* por exemplo, para que a viúva recupere a espiritualidade infantil ela deve abrir mão de sua razão, de sua forma adulta de pensar, passando a existir num estado de sublime insanidade. De forma ainda mais drástica, em alguns outros poemas as crianças naturais são colocadas em rota de fuga da morte em vida que é a idade adulta, simplesmente morrendo. Em outras palavras, a morte parece preferível a crescer. Isso poderia ser chamado de a "síndrome de Peter Pan". Lucy Gray, podemos recordar, desaparece numa nevasca, mas, em vez de morrer, permanece suspensa num abençoado estado pueril. "Três Anos Ela Cresceu" sugere que Lucy, chamada pela "Natureza", pode ter a sorte de morrer. Em *The Prelude, VII,*

Wordsworth lembra-se de um "menino adorável" que tinha visto em Londres e observa que poderia ter sido melhor "que essa linda criatura, detida / Por um privilégio especial do amor da Natureza / Permanecesse para sempre em sua infância!" (ii, 374-376). Richard J. Onorato, ao discutir esse trecho, afirma que "Wordsworth pode imaginar a morte... como um recuo adequado da vida no presente histórico, que tantas vezes mata o espírito antes do homem".[13]

A morte, no entanto, é uma alternativa muito drástica para evitar o crescimento e pouco mais atraente se torna, mesmo que crescer signifique a perda da percepção consciente das essências espirituais das coisas. Preferível, sem dúvida, seria alcançar um modo de ver, ou de ser, que transcendesse a dicotomia, que permitisse à pessoa ou enxergar como as crianças ou ver como os adultos, ou talvez como ambos ao mesmo tempo.

Na *Ode,* Wordsworth apresenta de início a dualidade dos modos de ver da criança e do homem, lamentando que "As coisas que vi não posso agora ver mais". Alguns críticos têm achado que o poema não ultrapassa o nível dessa dualidade, que, se existe algo positivo a respeito do seu final, é somente que seu autor alcançou uma espécie de resignação. Babenroth, por exemplo, conclui que, na *Ode,* Wordsworth está "satisfeito em permanecer na infância, porque ali o senso de união não foi perturbado pela interposição da razão".[14] Essa perspectiva não leva plenamente em conta, porém, a conclusão do poema, que sugere, com clareza, o ingresso num nível de consciência em que se combinam o êxtase da criança e a razão do adulto, transcendendo assim o dualismo.

Na nona estrofe da *Ode,* Wordsworth afirma que "Nem o Homem nem o Menino" podem "abolir ou destruir por completo" as "Verdades que, despertas, jamais perecerão". Assim dizendo, o poeta sugere que tanto o Homem como o Menino são, em certa medida, ameaças à verdade, e podemos

inferir que são ameaças porque nenhum dos dois tem uma visão ampla o bastante para abarcar inteiramente a realidade. Por conseguinte, Wordsworth não escolheria ser qualquer um dos dois, mas sim uma mescla das melhores qualidades de ambos. A mesma estrofe revela que ele deve usar a razão do homem para resgatar a fé da criança na "glória e no sonho". Ao contemplar aqueles momentos em que vislumbrou "a fonte de luz de todos os nossos dias" e pelo "indagar obstinado / Do sentido e das coisas externas," ele é capaz de mais uma vez ver "o mar imortal" e "ouvir as águas majestosas ondulando para sempre". Na conclusão da *Ode,* Wordsworth afirma que a pura simplicidade intuitiva da criança pode ser recuperada por meio do raciocinar sintético do homem. Este alcança um modo de ser que transcende a dualidade entre a criança e o homem. Contemplar na tranquilidade aqueles momentos do nosso passado em que "a glória e o sonho" eram perceptíveis permite à pessoa viajar "por um instante" de volta ao "mar imortal". O orador do poema alcança assim um terceiro nível de visão, muito semelhante ao que vivenciou Owain, predecessor mítico de Gawain, na descrição de Zimmer:

Ele atinge uma fusão harmoniosa das personalidades consciente e inconsciente, em que a primeira tem ciência dos problemas e controles do mundo visível, fenomênico, e a última, a intuição daquelas nascentes mais profundas do ser das quais procedem perpetuamente tanto o fenomênico como sua testemunha consciente. Esse estilo de vida integrado de modo harmonioso é a dádiva que a natureza concede a todo bebê, de um modo preliminar e indeciso, e que, ao crescer, ele depois perde, com o desenvolvimento de sua individualidade autoconsciente.[15]

Assim, a *Ode* afirma a possibilidade de uma síntese entre a criança e o homem.

O significado das crianças arquetípicas, na poesia de Wordsworth, é, portanto, duplo. Em primeiro lugar, elas frequentemente incorporam a capacidade de apreender a

realidade de maneira direta, de alcançar uma percepção mística consciente das verdades essenciais, sem a interposição da razão. Em segundo lugar, como sugere Jung, o símbolo-criança afirma o potencial frágil de atingir a totalidade. Na *Ode,* o surgimento de crianças envoltas em divindade, logo no início do poema, é um emblema do potencial para a transcendência da dualidade existente entre a criança e o homem. O orador, no término do poema, já transcendeu essa dualidade: tanto se tornou contemplativo, por ter alcançado a "mente filosófica", como pueril, por novamente conseguir ver e ouvir "o mar imortal". Disso decorre a tonalidade eufórica das linhas que abrem a décima estrofe: "Então cantai, ó aves, cantai, cantai uma canção jubilosa / E que os jovens cordeiros saltitem." Certamente as percepções do homem não são idênticas às da criança, pois o "esplendor um dia tão majestoso" não voltou. Diversamente da criança, no entanto, que é "surda e silente", o orador pode ver, ouvir e falar. Assim, através do poema, ele pode partilhar conosco suas percepções transcendentes.

4. Devaneios sobre a infância

GASTON BACHELARD

O melhor, o mais puro e o mais elevado da criança são repetidamente louvados por Gaston Bachelard neste excerto de seu livro The Poetics of Reverie *[A poética do devaneio], de 1971. O autor, que se destaca entre os modernos pensadores franceses, investiga não só a vivência da infância, a criança no adulto e o arquétipo da criança, mas também a infância não-vivida, a promessa da criança interior, a criança potencial, ainda por viver: "Existe dentro de nós uma criança em potencial. Quando vamos em sua busca em nossos devaneios revivemo-la ainda mais nas suas possibilidades do que na sua realidade.* "

Bachelard não escreve, paira. Não compreende, vê. Leia seu ensaio e descubra a base poética da realidade da criança: "Dentro de nós, ainda dentro de nós, sempre dentro de nós, a infância é um estado de espírito "

I

Quando, inteiramente a sós e sonhando por um tempo até que razoavelmente longo, nos afastamos do presente para reviver os tempos iniciais da vida, várias faces infantis vêm ao nosso encontro. Em nossa vida provisória, em nossa vida primitiva, fomos vários. Somente através do relato de terceiros é que chegamos depois a conhecer nossa unidade. Acompanhando o fio da nossa história, da forma como é contada pelos outros, ano após ano, terminamos parecendo-nos com nós mesmos. Reunimos todos os nossos seres em tomo da unidade do nosso nome.

Mas o devaneio não repete o relato. Ou, pelo menos, existem devaneios tão profundos, que nos ajudam a descer tão fundo dentro de nós mesmos, que somos por eles libertados da nossa

história. Esses devaneios libertam-nos do nosso nome. Esse momento de solidão no hoje nos remete às nossas solidões originais. Estas, as solidões da infância, deixam marcas indeléveis em determinadas almas. Sua vida inteira é impregnada pelo devaneio poético, que conhece o preço da solidão. A infância conhece a infelicidade através das pessoas. Na solidão, ela pode relaxar de suas dores. Quando o mundo humano deixa a criança em paz, ela se sente filha do cosmo. E assim, em sua solidão, a partir do momento em que se torna mestra de seus devaneios, a criança conhece a felicidade de sonhar aquela que mais tarde será a felicidade dos poetas. Como é possível não sentir que existe comunicação entre a nossa solidão de sonhadores e as solidões da infância? E não é por acaso que, num devaneio tranquilo, muitas vezes descemos pela encosta que nos faz regressar às solidões da nossa infância.

Deixemos, então, à psicanálise a incumbência de curar as infâncias mal vividas, de curar os padecimentos pueris de uma *infância endurecida* que oprime a psique de tantos adultos. Existe uma tarefa, aberta à análise poética, que nos ajudaria a reconstituir, dentro de nós, o ser das solidões libertadoras. A análise poética deve recuperar para nós todos os privilégios da imaginação. A memória é um campo repleto de ruínas psicológicas, um baú de recordações. Nossa infância inteira permanece ali para ser reimaginada. Quando a reimaginamos, temos a possibilidade de recuperar com ela a própria vida das fantasias da criança solitária que fomos.

Daí em diante, as teses que desejamos defender neste capítulo retornam todas para nos fazer reconhecer, dentro da alma humana, a permanência de um núcleo de infância, uma infância imóvel mas sempre-viva, alheia à história, oculta dos outros, disfarçada de história quando relatada, mas que tem sua verdadeira realidade somente nos instantes de sua iluminação, o que é o mesmo que dizer nos momentos de sua existência poética.

Quando sonha em sua solidão, a criança conhece uma existência que não tem limites. Seu devaneio não era simplesmente uma fantasia de fuga. Era um devaneio de voo.

Existem devaneios de infância que ressurgem com o esplendor do fogo. O poeta encontra novamente sua infância quando a relata com a entonação do fogo.

Tone of fire. I shall tell what my childhood was.
We unearthed the redmoon in the thick of the woods.[1]
Tonalidade de fogo. Direi o que foi a minha infância.
Desenterramos a lua vermelha no coração das florestas.

Um excesso de infância é o germe de um poema. Seria motivo de riso o pai que, movido pelo amor ao filho, fosse "desenganchar a lua". Mas o poeta não se intimida diante desse gesto cósmico. Em sua memória escaldante, ele sabe que esse é o gesto da infância. A criança sabe muito bem que a lua, a grande ave loura, faz seu ninho em algum lugar da floresta.

Assim, as imagens da infância, aquelas que uma criança poderia gerar, aquelas que um poeta nos diz terem sido geradas por uma criança são, para nós, manifestações da infância permanente. Essas são as imagens da solidão. Transmitem a continuidade dos grandes devaneios infantis na fantasia dos poetas.

II

Assim, parece que, com a ajuda das imagens do poeta, a infância pode ser revelada em sua beleza psicológica. Como podemos então evitar falar de beleza psicológica quando somos confrontados por um acontecimento encantador da nossa vida interior? Essa beleza está dentro de nós, nos alicerces da nossa memória. É a beleza de um voo que nos reaviva, que insere o dinamismo de uma das belezas da vida que há dentro de nós. Durante a nossa infância, a *rêverie* nos concedeu liberdade. É surpreendente que o campo mais favorável para receber a consciência da liberdade não seja outro além do devaneio. Apreender essa liberdade quando ela intervém no devaneio de

uma criança é paradoxal somente se nos esquecemos de que ainda sonhamos com a liberdade do mesmo jeito que sonhávamos com ela quando éramos crianças. Que outra liberdade psicológica temos além da liberdade de sonhar? Em termos psicológicos, é no devaneio que somos seres livres.

Uma infância em potencial vive em nós. Quando vamos atrás dela, no nosso devaneio, revivemo-la ainda mais em suas possibilidades do que em sua realidade.

Sonhamos com tudo o que poderia ter existido; sonhamos no limiar entre a história e a lenda. Para alcançar as lembranças das nossas solidões, idealizamos os mundos nos quais fomos crianças solitárias. Portanto, é um problema, para a psicologia prática, levar em conta a própria idealização real das recordações da infância e o interesse pessoal que temos pelas reminiscências infantis. E, por essa razão, existe uma comunicação entre um poeta da infância e o seu leitor através da intermediação da infância que permanece dentro de nós. Sobretudo, essa infância continua sendo receptiva a qualquer abertura diante da vida e nos possibilita entender e amar as crianças como se fôssemos iguais a elas na vida original.

Um poeta fala conosco e somos uma água que ganhou vida, uma nova nascente. Ouçamos Charles Plisnier:

Ah, provided I consent to it
my childhood there you are
as alive, as present
Firmament of blue glass
tree of leaf and snow
river that runs, where am I going?[2]
Ah, desde que eu consinta,
minha infância, ai está você
tão viva, tão presente
Firmamento de vidro azul
árvore de folha e neve
rio que corre, para onde estou indo?

Ao ler estas linhas vejo o céu azul acima do meu rio nos verões do outro século. O ser do devaneio cruza todas as idades do homem, da infância à senectude, sem envelhecer. Por isso é que sentimos uma espécie de duplicação do devaneio mais adiante na vida, quando tentamos recuperar as fantasias da infância, devolvendo-lhes a vida.

Essa consagração do devaneio, o aprofundamento que sentimos quando sonhamos com a nossa infância, explica que, em todos os devaneios, mesmo naqueles que nos levam à contemplação de uma grande beleza no mundo, logo nos deparamos regressando aos antigos devaneios, repentinamente tão antigos que nem mais pensamos em datá-los. Um vislumbre de eternidade desce então sobre o mundo. Estamos postados diante de um grande lago cujo nome é conhecido dos geógrafos, no alto das montanhas, e de repente estamos voltando a um passado distante. Sonhamos enquanto recordamos. Recordamos enquanto sonhamos. Nossas recordações nos remetem a um simples rio que reflete um céu debruçado nas colinas. Mas a colina cresce e a curva do rio se alarga. O pequeno torna-se grande. O mundo do devaneio infantil é grande, maior do que o mundo oferecido à fantasia de hoje. Do devaneio poético, inspirado por algum grande espetáculo do mundo, ao devaneio da infância, existe uma barganha de magnitudes. E é por isso que a infância está na origem das maiores paisagens. As solidões da nossa infância nos proporcionaram as imensidões primordiais.

Ao sonhar com a nossa infância, regressamos ao refúgio dos devaneios, aos devaneios que nos revelaram o mundo. É o devaneio que nos torna os primeiros habitantes do mundo da solidão. E habitamos melhor o mundo porque o habitamos como a criança solitária habita as imagens. No devaneio da criança a imagem tem precedência em relação a tudo o mais. As vivências só aparecem depois. Estas se contrapõem ao vento de todo devaneio de voo. A criança vê tudo grande e lindo. O devaneio de regresso à infância nos faz retornar à beleza das

primeiras imagens.

Pode o mundo ser tão belo agora? Nosso apego à beleza original foi tão intenso que, se o nosso devaneio nos leva de volta às nossas mais queridas recordações, o mundo presente perde inteiramente a cor. Um poeta que escreve um livro de poemas intitulado *Concrete Days* pode dizer:

...The world totters
when from my past I get
what I need to live in the depths of myself.
...O mundo cambaleia
quando de meu passado recebo
aquilo de que preciso para viver nas profundezas de mim mesmo.

Oh, como seríamos sólidos no nosso íntimo se pudéssemos viver, viver de novo sem nostalgia e em completo ardor, mergulhados no nosso mundo primitivo.

Em resumo, não é essa abertura diante do mundo, da qual se valem os filósofos, uma reabertura diante do prestigioso mundo das contemplações originais? Mas, em outras palavras, será essa intuição do mundo, essa *Weltanschauung*, alguma outra coisa que não uma infância que não ousa pronunciar seu nome? As fontes de grandiosidade do mundo mergulham numa infância. Para o homem, o mundo começa com uma revolução da alma que, com grande frequência, vai de volta até a infância. Um trecho de Villiers de L'Isle-Adam nos servirá de exemplo. Em 1862, em seu livro *Ísis,* ele escreveu a respeito de sua heroína, uma mulher dominadora: "O caráter de sua mente era autodeterminado e, por transições obscuras, atingia as proporções imanentes em que o eu é confirmado tal qual é. A hora anônima, a hora eterna em que as crianças deixam de vaguear os olhos pelo céu e pela terra soou para ela no seu nono ano. A partir desse momento, aquilo que era confusamente sonhado nos olhos dessa menininha assumiu uma cintilação mais fixa: poder-se-ia dizer que ela sentia o significado de si

mesma enquanto despertava em nossas sombras."[4]

Dessa forma, numa "hora anônima", o mundo é afirmado pelo que ele é, e a alma que sonha é uma consciência da solidão. No final do relato de Villiers de L'Isle- Adam, a heroína é capaz de dizer: "Minha memória, subitamente abalada nos profundos domínios do sonho, sentiu lembranças inconcebíveis." Desse modo, a alma e o mundo estão ambos abertos para o imemorial.

Assim, como um fogo esquecido, uma infância sempre pode acender-se novamente dentro de nós. O fogo do ano passado e o frio de hoje encontram-se num grande poema de Vincent Huidobro:

In my childhood is born a childhood burning like alcohol
I would sit down in the paths of the night
I would listen to the discourse of the stars
And that of the tree.
Now indifference snows in the evening of my soul.[5]
Na minha infância nasce uma infância que queima como álcool
Eu me sentava nos caminhos da noite
E ouvia o discurso das estrelas
E o das árvores.
Agora a indiferença neva no entardecer de minh'alma.

Essas imagens, que brotam das profundezas da infância, não são realmente recordações. Para poder avaliar sua vitalidade, o filósofo teria que ser capaz de abandonar toda a dialética que, com excessiva rapidez, é consumida pelos termos "imaginação" e "memória". Dedicaremos um breve parágrafo a apontar os limites entre reminiscências e imagens.

III

...O passado não é estável; não retorna à memória nem com os mesmos traços nem sob a mesma luz. Tão logo o passado se encontra situado no cerne de uma rede de valores humanos, no seio dos valores internos de uma pessoa que não esquece, ele

aparece como a dupla força da mente que lembra e da alma que festeja sua fidelidade. A alma e a mente não têm a mesma memória. Sully Prudhomme, que sentiu pessoalmente essa divisão, escreveu:

Oh, memory, the soul renounces,
Frightened, to conceive you.
Ó memória, a alma renuncia
Assustada, a conceber-te.

Só quando a alma e a mente são unidas num devaneio, pelo devaneio mesmo, é que nos beneficiamos da união entre a imaginação e a memória. Nela podemos dizer que estamos revivendo o passado. O nosso ser passado imagina-se vivendo de novo.

A partir daí, para constituir a poética de uma infância delineada num devaneio, é necessário outorgar às reminiscências sua atmosfera de imagens. Para tornar mais claras as reflexões do nosso filósofo quanto à recordação do devaneio, distingamos alguns pontos polêmicos entre fatos e valores psicológicos.

Na sua primitividade psíquica, a imaginação e a memória aparecem num complexo indissolúvel. Se estiverem vinculadas à percepção, estão sendo precariamente analisadas. O passado recordado não é apenas um passado da percepção. Uma vez que a pessoa está lembrando, o passado já está sendo designado num devaneio como valor de uma imagem. Desde seu início mesmo, a imaginação cobre aquelas pinturas que desejará ver de novo. Para que os fatos alcancem os arquivos da memória, os valores devem ser redescobertos mais além dos fatos. A familiaridade não é analisada contando-se as repetições. As técnicas da psicologia experimental dificilmente podem alimentar a esperança de empreender um estudo da imaginação do ponto de vista de seus valores criativos. Para reviver os *valores do passado,* a pessoa precisa sonhar, aceitar a grande expansão da psique conhecida como *rêverie*, na paz de um imenso repouso. Então, a memória e a imaginação se rivalizam no empenho de

nos restituir as imagens que pertencem às nossas vidas...

Esse projeto fenomenológico de coletar a poesia dos devaneios da infância na sua concretude pessoal é, naturalmente, muito diferente dos exames da criança realizados pelos psicólogos, todos muito objetivos e úteis. Mesmo deixando-se a criança falar à vontade, observando-a sem pré-requisitos enquanto desfruta da total liberdade de brincar, ouvindo-a com a delicada paciência de um psicanalista infantil, não se obtém necessariamente a pureza simples do exame fenomenológico. As pessoas são muito bem-educadas para isso e, nessa medida, exageradamente dispostas a aplicar o método comparativo. Uma mãe que vê seu filho como uma pessoa *incomparável* está mais perto da verdade. Mas, infelizmente, uma mãe não sabe disso por muito tempo... A partir do momento em que a criança atinge a "idade da razão", a partir do momento em que perde seu direito absoluto de imaginar o mundo, sua mãe, como todos os educadores, atribui-se a incumbência de ensiná-la a ser *objetiva* - objetiva no sentido simples em que os adultos acreditam ser "objetivos". Ele é preenchido com sociabilidade. Ele é preparado para a vida como homem, segundo as diretrizes do ideal do homem estabilizado. Ele também é instruído a respeito da história de sua família. São-lhe ensinadas a maior parte das recordações do início da sua infância, uma história completa que a criança sempre será capaz de contar de novo. A infância - aquela pasta informe! - é colocada dentro dos moldes para que a criança siga de perto as pegadas das existências alheias.

Assim, a criança entra na zona de conflitos da família, da sociedade e da vida psíquica. Torna-se um homem prematuro. É o mesmo que dizer que esse homem prematuro se encontra num estado de infância reprimida.

A criança questionada, examinada pelo psicólogo adulto... não entrega sua solidão. A solidão da criança é mais secreta do que a solidão de um homem. É em geral tarde na vida que descobrimos nossas solidões da infância e da adolescência em

toda sua profundidade. No último quarto da vida, compreendemos as solidões do primeiro quarto, ao refletirmos na solidão da velhice as esquecidas solidões da infância.[6] A criança sonhadora está muito, muito sozinha. Vive no mundo de seus devaneios. Sua solidão é menos social, menos relacionada com a sociedade do que a dos homens. A criança conhece a *rêverie* natural da solidão, o devaneio que não deve ser confundido com a da criança amuada. Em sua solidão feliz, a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico que nos vincula ao mundo.

Na nossa opinião, é nas lembranças dessa solidão cósmica que devemos encontrar o núcleo da infância que permanece no centro mesmo da psique humana. É lá que a imaginação e a memória estão mais intimamente entrelaçadas. É lá que o ser da infância liga o real ao imaginário, que ele vive as imagens da realidade na total imaginação. E todas essas imagens de sua solidão cósmica reagem profundamente no ser da criança; além de seu ser para os homens, é criado sob a inspiração do mundo um ser para o mundo. Esse é o ser da infância cósmica. Os homens passam; o cosmo permanece, um cosmo para sempre primitivo, cosmo que os maiores espetáculos da Terra não poderão apagar, ainda que no decurso de uma vida inteira. A qualidade cósmica de nossa infância permanece conosco. Na solidão, ela reaparece em nossos devaneios. Esse núcleo da infância cósmica é, então, como uma falsa lembrança dentro de nós. Nossos devaneios solitários são as atividades de uma meta-amnésia. Parece que aqueles nossos devaneios que se dirigem às *rêveries* da nossa infância nos introduzem num ser precondicional ao nosso ser, numa perspectiva completa sobre a *antecedência do ser*.

Éramos nós, ou estivemos sonhando ser, e agora, ao sonhar sobre a nossa infância, somos nós mesmos?...

Se os sentidos recordam, não irão eles encontrar, dentro de alguma arqueologia do perceptível, esses “sonhos minerais”,

esses sonhos dos "elementos", que nos vinculam ao mundo numa "infância eterna"?

"Do fundo de mim mesmo até o alto," diz o poeta. "Do fundo de mim mesmo que vem do fundo de mim mesmo," diz o devaneio que procura recuar o olhar até as nascentes (as fontes) do ser; essas são as provas da antecedência do ser. Os poetas procuram essa antecedência do ser, portanto, ela existe. Tal certeza é um dos axiomas da filosofia do onirismo.

Onde mais os poetas são incapazes de lembrar? Não será o início da vida um teste para a eternidade? Jean Follain pode escrever:

While in the fields
of his eternal childhood
the poet wakes
and doesn't want to forget anything.
Enquanto está nos campos
de sua eterna infância
o poeta desperta
e não quer esquecer nada.

Como é grande a vida quando a pessoa medita sobre seus primórdios! Meditar sobre a origem não será sonhar? E não será o sonhar sobre a origem algo que a transcende? Para além de nossa história estende-se "nossa incomensurável memória," para utilizarmos uma expressão que Baudelaire tomou emprestada de Quincey.[8]

Para forçar o passado, quando o esquecimento nos está cercando, os poetas nos levam a reimaginar a infância perdida. Ensinam-nos as "audácias da memória".[9] Um certo poeta nos fala que o passado deve ser inventado:

Invent. There is no lost feast
At the bottom of memory.
Invente. Não existe festa perdida
No fundo da memória.

E quando o poeta inventa as grandes imagens que revelam a intimidade do mundo, ele não está lembrando?...

É assim que o poeta diz:

Of chiidhoods I have so many
That I would get lost counting them.[11]
Infâncias: eu tenho tantas
Que ficaria perdido contando-as.

...E estaremos sempre de volta à mesma certeza onírica: a infância é a água humana, uma água que procede das sombras. Essa infância nas brumas e cintilações, essa vida na lentidão do limbo nos confere uma certa camada de nascimentos. Quantas primaveras perdidas que, não obstante, passaram! O devaneio na direção do nosso passado, então, o devaneio que busca a infância parece trazer de volta as vidas que nunca aconteceram, as vidas que foram imaginadas. O devaneio é a mnemônica da imaginação. No devaneio, recuperamos o contato com possibilidades que o destino não conseguiu usar. Um grande paradoxo está ligado aos nossos devaneios relativos à infância: em nós, esse passado morto tem um futuro, o futuro de suas imagens vivas, a *rêverie future* que se abre diante de qualquer imagem redescoberta.

IV

Toda infância é prodigiosa, naturalmente prodigiosa. Não que se permita ser impregnada, como somos tentados a crer, pelas fábulas sempre artificiais que lhe são contadas e que servem apenas para divertir o parente mais velho que faz o relato. Quantas avós não consideram seus netinhos pequenos idiotas! Mas a criança, que nasceu maliciosa, mobiliza a mania de contar histórias, as eternas repetições da romântica velhice. A imaginação da criança não vive dessas fábulas fósseis, desses fósseis de fábulas. Ela está em suas próprias fábulas. A criança encontra suas fábulas em seus devaneios, fábulas que ela não conta para ninguém. Então a fábula é a própria vida: “Vivi sem saber que estava vivendo a minha fábula.” Esse grande verso

está num poema intitulado *I am sure of nothing*[12] [Não tenho certeza de nada]. A *criança permanente* sozinha pode nos devolver o mundo da fábula. Edmond Vandercammen suplica à infância que "deslize para mais perto do céu".[13]

The sky is waiting to be touched by a hand
Of fabulous childhood
- Childhood, my desire, my queen, my cradlesong -
*By a breath of the morning.***
O céu está esperando para ser tocado por uma mão
De fabulosa infância
— Infância, meu desejo, minha rainha, minha canção de ninar —
Pelo hálito da manhã.

Além disso, como poderíamos contar as *nossas* fábulas, quando precisamente falamos delas como "fábulas"? Mal sabemos mais o que, afinal de contas, é uma *fábula sincera*. Os adultos escrevem histórias infantis com demasiada facilidade. Por isso produzem fábulas pueris. Para penetrar nos tempos fabulosos é necessário ser sério como uma criança sonhadora. A fábula não distrai o espírito, ela encanta. Perdemos a linguagem dos encantamentos. Thoreau escreveu: "Parece que nós só ansiamos, durante a maturidade, por contar os sonhos da nossa infância, e estes se desvanecem da nossa memória antes de conseguirmos aprender sua linguaguem."[14]

Para redescobrir a linguagem das fábulas, precisamos participar do existencialismo do fabuloso, dar corpo e alma a um ser que se admire e substituir a percepção do mundo por admiração. Admiração para receber as qualidades daquilo que é percebido. E até mesmo no passado, para admirar a memória. Quando Lamartine regressou a Sant- Point, em 1849, local em que estava prestes a reviver seu passado, escreveu: "Minha alma não era nada além de um cântico de ilusões."[15] Confrontado por testemunhas do passado, com objetos e um lugar que convocam reminiscências e as tornam precisas, o poeta descobre a união

entre a poesia da memória e a verdade das ilusões. As recordações da infância revividas no devaneio são, na realidade, "cânticos de ilusão" no fundo da alma.

Ah, será que a criança que existe dentro de nós permanece sob o signo da infância proibida? Hoje estamos no reino das imagens, imagens que são mais livres que as lembranças. A interdição do estado de suspensão que permite o sonhar desimpedido não depende da psicanálise. Além dos complexos parentais, existem complexos antropocósmicos contra os quais o devaneio nos ajuda a reagir. Esses complexos bloqueiam na criança aquilo que poderíamos chamar, como Bosco, de infância proibida. Todos os sonhos infantis devem ser retomados novamente para assumir toda a extensão de seu voo poético. Essa tarefa deve ser empreendida pela análise poética. Mas, para que seja posta em prática, precisaríamos ser tanto poetas como psicólogos, o que é uma imensa tarefa para um só homem.

Em nossos sonhos de volta à infância, nos poemas que todos gostaríamos de escrever para dar nova vida, outra vez, aos devaneios originais, para nos devolver o universo da felicidade, a infância aparece no próprio estilo da psicologia profunda, como um verdadeiro *arquétipo,* o arquétipo da simples felicidade. É por certo uma imagem em nós, um centro para imagens que atrai imagens felizes e repele as experiências de infelicidade. Mas essa imagem, no seu princípio, não é completamente nossa; ela tem raízes mais profundas do que as nossas meras recordações. Nossa infância testemunha a infância do homem, do ser que é tocado pela glória de estar vivo.

A partir daí, as recordações pessoais, nítidas e frequentemente retomadas, jamais explicarão de modo cabal por que os devaneios que nos transportam de volta à nossa infância exercem tal fascínio, têm uma tal qualidade de alma. A razão dessa qualidade que resiste às experiências da vida é que a infância permanece, dentro de nós, como um princípio de vida profunda, de vida sempre em harmonia com as possibilidades de

novos começos. Tudo que em nós começa com a nitidez de um início é uma loucura da vida. O grande arquétipo da vida que começa traz para cada início a energia psíquica que Jung reconheceu em todo arquétipo.

Como os arquétipos do fogo, da água e da luz, o da infância, que é uma água, um fogo que se torna luz, produz uma grande abundância de arquétipos fundamentais. Em nossos devaneios de volta à infância, todos os arquétipos que vinculam o homem ao mundo, que proporcionam uma harmonia poética entre o homem e o universo são, de alguma forma, revitalizados.

Dentro de nós, ainda dentro de nós, sempre dentro de nós, a infância é um estado de espírito.

5. O motivo da criança divina

JUNE SINGER

A criança divina é uma manifestação universal do arquétipo da criança. Vemo-la em exemplos como o da madona com o bebê e o da criança como deus e herói, nos mitos. June Singer, que é analista junguiana e escritora, utiliza tanto sua experiência clínica como seus extensos conhecimentos de mitologia para esboçar uma imagem da qualidade divina da criança interior. Este texto foi extraído de seu livro Boundaries of the Soul *[As Fronteiras da Alma], uma rica pesquisa sobre a psicoterapia do ponto de vista junguiano.*

O arquétipo da criança divina costuma aparecer prenunciando uma transformação psíquica. Seu surgimento assinala as grandes eras na história do mundo, anunciadas pela vinda de um bebê que destrona a antiga ordem e, com paixão e inspiração, dá início a uma outra. Para mim, não existe nada onde o poder desse arquétipo esteja mais bem expresso do que no poema de William Blake intitulado *A Song of Liberty* [Uma Canção de Liberdade]. O Eterno Feminino, a *anima,* dá à luz uma criança divina, um deus-sol com cabelos flamejantes. Isto acende a ciumenta ira do velho rei, o "rei estrelado", da noite e das trevas e de toda a decadência que já se abateu sobre o mundo. Embora o rei arremesse a criança divina para longe no mar ocidental, ela não morre afogada. Uma viagem noturna pelo mar acontece então e, ao terminar, o filho da manhã ergue-se a leste para trazer sua luz ao mundo:

The Eternal Female groan'd! it was heard all over the Earth!
...In her trembling hands she took the new born terror, howling:
On those infinite mountains of light, now barr'd out by the atlantic sea, the new born fire stood before the starry king!

Flag'd with grey brow'd snows and thunderous visages, the jealous wings wav'd over the deep.
The speary hand bumed aloft, unbuckled was the shield; forth went the hand of jealousy among the flaming hair, and hurl'd the new bom wonder thro' the starry night.
The fire, the fire is falling!...
The fiery limbs, the flaming hair, shot like the sinking sun into the western sea...
With thunder and fire, leading his starry hosts thro' the waste wilderness, [the gloomy king] promulgates his ten commands, glancing his beamy eyelids over the deep in dark dismay,
Where the son of fire in his eastern cloud, while the morning plumes her golden breast.
Spurning the clouds written with curses, stamps the stony law to dust, loosing the eternal horses from the dens of night, crying:
Empire is no more! And now the Lion & Wolf shall cease.[1]
A Fêmea Eterna gemeu! E ouviu-se por toda a Tena!
...Em suas mãos trêmulas pegou o novo terror que acabara de nascer,
gemendo:
Naquelas montanhas infinitas de luz, agora ocultas pelo mar atlântico, o fogo recém-nascido ergueu-se diante do rei estrelado!
Adornado com neves cinzentas e castanhas e semblante tempestuoso,
as invejosas asas desfraldou sobre as profundezas.
A mão pontiaguda incandesceu no ar, desafivelado estava o escudo;
a mão do ciúme avançou para o cabelo flamejante,
e atirou a maravilha recém-nascida para o fundo da noite estrelada.
O fogo, o fogo está caindo!...
Os membros ardendo, o cabelo flamejante, arremessado como o sol a afundar

no mar ocidental...
Com trovões e fogo, conduzindo suas hostes estreladas pelas desoladas vastidões selvagens, [o lúgubre soberano] promulga seus
dez mandamentos, lançando suas pálpebras coruscantes por sobre as profundezas em
sombrio desalento,
Onde o filho do fogo em sua nuvem oriental, enquanto a manhã empluma seu colo dourado.
Rejeitando aos pontapés as nuvens inscritas com maldições, pisoteia a
pétrea lei reduzindo-a a pó, e liberta os eternos cavalos dos galpões
da noite, gritando:
O Império é morto! E agora cessarão o Leão e o Lobo.

Na análise [junguiana], o motivo da criança frequentemente aparece no decurso do processo de individuação. A princípio, o analisando tende a identificá-lo com sua própria infantilidade e, até certo ponto, isso pode ser apropriado. Sempre que o aparecimento da criança em sonhos ou em outros tipos de imagens apresentar uma semelhança com o próprio sonhador, ou com algum aspecto de sua conduta, a imagem pode ser útil para a compreensão dos elementos pessoais do material em si. Pode servir para refazer a história do surgimento dos elementos neuróticos até um estágio anterior de seu desenvolvimento na pessoa.

No entanto, da mesma forma como o material de fantasia pode ser, em parte, identificado com a história de quem o produz, a imagem da criança divina também pode ser, em parte, nova, sem evidenciar a menor semelhança com qualquer experiência anterior desse indivíduo. É esse último traço que incentiva a imaginação a deter-se na futuridade do arquétipo, ou seja, a perguntar o que essa imagem tem a sugerir acerca dos desenvolvimentos ainda embrionários da psique, mas que são dotados do potencial de crescer e modificar-se.

Assim como nossos filhos são, até certo ponto, extensões de nosso próprio ego, também a "criança divina" pode ser concebida como extensão da consciência coletiva. Assim como incutimos nossas esperanças e sonhos em nossos filhos, desejando que eles realizem as tarefas que deixamos inacabadas, aquilo que nunca fomos capazes de realizar, também a "criança divina" representa os ideais de uma cultura que, na realidade, ela não é capaz de implementar. Muitas vezes, o "salvador" se torna o bode expiatório dos pecados da sociedade e, por causa de seu sofrimento e sacrifício, a sociedade pode continuar, até ter uma outra oportunidade.

A criança divina é incomum desde as próprias circunstâncias que cercam seu nascimento, ou até mesmo desde sua concepção. Talvez seja roubada de sua mãe, para proteger sua família e comunidade de algum destino cruel. Moisés, Édipo e Krishna foram tirados de suas mães e criados por estranhos; Rômulo e Remo foram abandonados na floresta; todas essas crianças foram salvas para cumprir uma missão especial. Alguma sina milagrosa manteve-as intactas até que chegasse o momento de cumprirem seu destino. Nos anos intermediários, a criança tem que superar muitas dificuldades e desenvolver seu próprio sentimento de propósito e um estilo de vida que manifeste esse propósito. No momento apropriado, ela se revela e traz para o plano da realidade aquela mudança dinâmica que sempre foi sua incumbência. Pouco depois morre, tendo executado a tarefa para a qual havia sido designada.[2]

Em nossos sonhos, o aparecimento da criança especial frequentemente contém em si um significado profundo. Na minha experiência clínica constatei que é comum aparecer em sonhos a criança assassinada, doente ou moribunda. Isso pode não ter nenhuma relação com a vida da pessoa, e então eu me pergunto de que modo o potencial inato da pessoa que está sonhando está sendo distorcido ou castrado. A análise de detalhes específicos do material inconsciente e algumas comparações com detalhes semelhantes, conforme aparecem nas

situações arquetípicas da literatura do mito e das religiões, permitem ao indivíduo ultrapassar seus pontos imediatos de interesse e enxergar para onde está indo em termos de suas tarefas de vida individuais. Como apontou Viktor Frankl em *Man's Search for Meaning,* [A Busca de Significado no Homem], onde relata sus experiências num campo de concentração, aqueles que consideravam a vida naquelas circunstâncias como "temporária" e só viviam de um dia para o outro rapidamente perdiam as forças. Os poucos que conseguiram encontrar, através do sofrimento num lugar onde seus corpos físicos estavam aprisionados, o desafio de libertar seus espíritos, esses puderam sobreviver a padecimentos praticamente insuperáveis. A criança divina em nós proporciona significado aos nossos esforços imaturos; ela nos mostra o lado inconsciente das limitações que experimentamos, e essa é a visão da potencialidade que desabrocha.

Um outro arquétipo que é provável que encontremos ao longo do caminho de individuação foi denominado por Jung *puer aeternus,* em homenagem ao deus-criança Iaco, dos mistérios de Elêusis.[3] Ovídio, em suas *Metamorfoses,* descreve-o como jovem divino, nascido dos mistérios de culto à mãe. Como deus da vegetação e da ressurreição, tem algumas das qualidades do redentor. O homem identificado com o arquétipo do *puer aeternus,* com a eterna juventude, é aquele que permaneceu tempo demais na adolescência. Nele, características que são normais no jovem com menos de vinte anos, permanecem nas etapas posteriores da vida.[4] Talvez a expressão "viver intensamente" possa descrever a que se refere este arquétipo: o jovem mergulha em suas fantasias mais mirabolantes, entrega-se a experiências sensoriais intensas apenas pelo gosto da excitação que sente nelas, reúne amigos quando quer divertir-se e os abandona quando se tornam de alguma forma uma responsabilidade. Alguns heróis de uma cultura jovem pertencem a esta categoria e, mais uma vez, "viver intensamente" é, para alguns, o objetivo de vida exclusivo.

Viajar sem motivo, entrar e sair de vários grupos, são características do *puer*. A homossexualidade é uma expressão deste arquétipo, especialmente quando assume a forma de relações casuais e promíscuas, de natureza compulsiva. Se o *puer* tem pendor heterossexual, forma uma ligação após a outra, apenas para abandoná-las sucessivamente, diante da primeira insinuação de que alguma forma de compromisso está começando a se tornar indispensável.

Von Franz, em seu estudo do arquétipo do *puer aeternus*,[5] sugere que o homem identificado com o mesmo busca como profissão ser piloto, mas costuma ser rejeitado ao candidatar-se, pois os resultados dos testes psicológicos evidenciam sua instabilidade e os motivos neuróticos de seu interesse pela profissão.

Os sonhos de uma pessoa já estabilizada na vida numa posição segura, que talvez já esteja na meia-idade, podem exibir o funcionamento do arquétipo do *puer aeternus*. Os temas de voar (às vezes sem avião, apenas batendo os braços), dirigir em alta velocidade, mergulhar até o fundo do mar, escalar montanhas escarpadas, são todos típicos daqueles cujo inconsciente é dominado por este arquétipo. Esses sonhos podem ser vistos como sinal de advertência para que a pessoa se conscientize da maneira como o inconsciente pode estar preparando a invasão de sua vontade autônoma no âmbito do funcionamento conscientemente determinado.

Existe, evidentemente, uma contraparte feminina do *puer*, a *puella aeterna*, a mulher que tem medo de crescer embora nunca venha a admiti-lo. Mesmo assim, o medo domina boa parte de sua existência. É aquela que nunca revela a idade, que adota toda dieta que está na moda e compra todos os últimos lançamentos de maquiagem que prometem a fantasia do rejuvenescimento na sua publicidade. É uma "amigona" para os filhos, e é a eterna coquete diante dos homens. Em seus sonhos, muitas vezes está num pedestal, inspirando a adoração dos

homens, ou é uma sereia, uma prostituta ou uma ninfeta. Na vida real, é em geral desleixada e impulsiva. Quando se trata de tomar uma decisão importante, contudo, é muito hesitante e pede conselhos a um bom número de pessoas. Depois age com uma surpreendente rapidez e se arrepende de suas ações quase mesmo antes de estarem concluídas.

Viver o arquétipo da "eterna juventude" não é inteiramente negativo, como se poderia inferir de algumas maneiras como ele se manifesta. Alguns dos traços mais proveitosos do *puer aeternus* ou da *puella aeterna* são o entusiasmo juvenil e a inesgotável energia para mantê-lo, a espontaneidade de pensamento, a produção de ideias novas e de novos meios de resolver problemas, a disposição para atirar-se em iniciativas em várias direções sem se deter pelo desejo de conservar o passado e seus valores.

O *puer* e a *puella,* como fatores inconscientes, constituem o ímpeto necessário para o desbravar de novos caminhos. Nem sempre oferecem a sabedoria para discernir se o empenho vale ou não a pena e, com frequência, deixam de contribuir com o poder estabilizador e de manutenção para levar a iniciativa adiante, caso a mesma venha a mostrar-se digna de ser realizada. Quando esse arquétipo se ativa, grandes sonhos e esquemas são concebidos. Para que possam ser bem sucedidos, mesmo que numa mínima parte, um arquétipo compensatório deve entrar em jogo. É o arquétipo do "senex".[6]

Senex significa velho ou idoso e, como arquétipo, está na base das forças de preservação dos valores tradicionais, que mantêm as coisas como elas são, que aplicam o julgamento sóbrio e o discernimento nas elucubrações do eterno jovem. No seu melhor aspecto, esse fator inconsciente é expresso pela sabedoria madura que decorre da experiência de vida; no pior, representa a ortodoxia limitada que não tolera a interferência daqueles que estão em condições de romper com os padrões vigentes.

Uma variação da figura do *puer aeternus*, que às vezes incorpora até mesmo aspectos do *senex*, *é* a encantadora figura arquetípica conhecida como *trapaceiro.*

Nos sonhos, é aquele que interpõe obstáculos em nosso caminho por motivos próprios; é aquele que está sempre mudando de forma e aparecendo e desaparecendo nos momentos mais estranhos. Simboliza aquele aspecto da nossa própria natureza que está sempre por perto, pronto para nos derrubar quando ficamos inflados, ou para nos humanizar quando nos tornamos pomposos. É o sátiro por excelência, cuja perspicácia mordaz assinala as imperfeições das nossas mais insolentes ambições e nos faz rir embora estejamos com vontade de chorar. Na sociedade, encontramo-lo no sujeito crítico e enfadonho, e chega mesmo a imiscuir-se nos mais altos escalões administrativos do nosso planeta.

6. O renascimento e a criança eterna

RALPH METZNER

O renascimento e a renovação são, frequentemente, experiências de esperança e possibilidades renovadas. A criança é a promessa do futuro, o símbolo desses processos transformadores. Neste breve excerto de seu livro Opening to Inner Light *[Abrindo-se à Luz Interior], Ralph Metzner descreve a experiência do renascimento e seu caminho de intersecção com a criança interior eterna.*

O processo de morrer psicologicamente enquanto ainda se está vivo é seguido de um renascimento psicológico, ou renovação. Nas palavras de Ramana Maharshi, "Aquele que encontra seu caminho no cerne do Self, de onde surgem todos os níveis do Eu, todas as esferas do mundo, aquele que encontra seu caminho de volta à primeira fonte com a indagação 'De onde venho?' nasce e renasce. Saiba que aquele que assim nasce é o mais sábio dos sábios — em cada momento de sua vida ele nasce inteiramente novo".[1]

Esse renascimento, como fase do processo de transformação, pode ser vivenciado de várias maneiras: (a) primeiro, existe a ideia de uma ressurreição, de uma recuperação da personalidade que tinha morrido e volta à vida; (b) alternativamente, o renascimento é visto como a substituição do pequeno eu por um Self ou Espírito maior; (c) em terceiro lugar, diz-se que aquele que morreu, real ou metaforicamente, vive, depois disso, num mundo diferente, num estado diferente; (d) na quarta variante, o novo ser é, de fato, imaginado como criança: este é o arquétipo da criança radiante, divina ou eterna, que, como Jung aponta, simboliza "o futuro potencial".[2]

(a) A ideia da ressurreição, da recuperação da vida por parte de um corpo adulto que morreu, é descrita em muitos relatos míticos e xamanistas: Osíris é recomposto por Ísis; os gêmeos

Caçador e Jaguar, dos Popul Vuh, recompõem-se depois de terem sido esquartejados; os xamãs que "morreram" podem ser reconstituídos por seu aliado, ou animal de poder. Muitos adeptos contemporâneos do trabalho xamanista relatam como foram "cortados em pedaços", "pulverizados", "queimados", "eviscerados" ou "mortos" de alguma outra maneira, e depois reconstituídos pelo auxiliar animal.[3] Por exemplo, um homem relatou como seu animal, um "cavalo", posicionou-se sobre o seu "cadáver inanimado" e roçou suas grandes narinas delicadamente sobre todo o seu corpo, "inspirando" de volta a vida nele. Embora, de um ponto de vista cético, possamos desprezar tudo isso dizendo que não passa de uma fantasia delirante, fruto de uma imaginação exacerbada, ainda teríamos que explicar o fato de esse homem, como tantos outros, ter-se sentido melhor e mais saudável depois de vivida essa experiência.

No Novo Testamento, a história de Lázaro, assim como a do próprio Jesus, exemplifica esse tipo de ressurreição física. Em menor grau, os relatos modernos de experiências de quase-morte (EQM) coincidem com esse tipo de padrão. No caso de Jesus, a ressurreição se deu em um corpo não-físico, "espiritual", que, no entanto, lembrava o físico em todos os aspectos significativos, a ponto, inclusive, de possuir os ferimentos que este havia sofrido. O mais próximo que a maioria chega dessa espécie de experiência é padecer de uma enfermidade quase fatal e depois recobrar a saúde — o corpo parece ter-se recuperado completamente. Um aspecto comum de todos esses relatos, quando a pessoa está intencionalmente buscando uma transformação de morte- renascimento, é que o novo corpo é melhor do que o antigo, mais forte, mais saudável e mais leve.

(b) Um outro aspecto desse renascimento, dessa vivência de renovação é que o pequeno eu é superado ou substituído pelo Grande Self; o ego pessoal e físico é substituído pelo Espírito transpessoal, o mortal pelo Imortal. Meister Eckhart diz que,

nessa experiência, "a alma... está morta para o eu e viva para Deus".[4] Um santo sufi escreveu: "Teu ser morre e a pessoa Dele cobre a tua pessoa".[5] Ou, nas palavras do Evangelho de São João: "Ninguém pode entrar no Reino de Deus sem nascer da água e do Espírito. Aquele que nasce da carne é carne, aquele que nasce do Espírito é espírito".[6] As pessoas que passam por tais estados sentem que os próprios interesses e preocupações do ego se desvanecem como coisas insignificantes, se tornam nada, diante do poder incomensurável e da luz absoluta do Grande Self, do deus interior, da "essência diamante", do *Atman.*

O encontro com o Self pode ser um autoconfronto avassalador, aniquilador, como apontou C. G. Jung em seu ensaio "Acerca do Renascimento", onde escreveu o seguinte:

Aquele que é verdadeira e desesperadamente pequeno sempre arrastará para baixo a revelação do maior, até o nível de sua pequenez, e nunca entenderá que o dia do juízo dessa pequenez chegou. Mas o homem que internamente é grande saberá que o tão ansiado amigo de sua alma, o imortal, agora realmente chegou, "para tornar cativo o cativeiro"; quer dizer, para apoderar-se daquele por meio de quem este imortal sempre esteve confinado e aprisionado, fazendo então com que esta vida flua para o seio de uma vida maior - momento que contém o mais letal de todos os perigos.[7]

Como esta citação deixa claro, o perigo letal existe para os que estão identificados com o pequeno eu, o ego pessoal. Nem todos os encontros com o Self, contudo, precisam ser traumáticos ou sequer dolorosos. Afinal de contas, existe uma vasta literatura de misticismo que entoa em louvores extáticos a união com o divino, as mortes pacíficas e abençoadas, as experiências de integração profunda que têm caráter nupcial, ou se assemelham à dissolução no cerne de uma sensação oceânica de união e fusão.

(c) Alguns relatos de experiências de morte-renascimento

enfatizam a nova qualidade da percepção consciente e da percepção sensorial que começa a existir depois da vivência. É como se tivéssemos entrado num mundo em que tudo tem uma aparência diferente, e uma espécie de radiância fulgurante, primordial se infunde em tudo que percebemos. As respostas mentais e emocionais ao que é percebido também são novas; existe uma qualidade de alegria e espontaneidade e um transbordar de afeto e entusiasmo. Num tratado hermético medieval, de autor anônimo, lemos: "A ressurreição é a revelação do que é, e a transformação de coisas, a transição (*metabole*) para o novo. Pois a imperecibilidade desce e penetra o perecível; a luz flui para baixo, para dentro das trevas, engolindo-as."[8] Encontramos aqui a metáfora do recém-nascido, paralelamente à metáfora da visão cujos véus foram removidos, da porta da percepção que foi purificada. Os místicos dizem que, depois da revelação da morte-renascimento, tudo é visto pelo prisma do amor e da sabedoria, pela perspectiva do infinito e do eterno *(sub specie aeternitatis*).

(d) A admoestação bíblica de que "a menos que sejais como a criança, não entrareis no Reino dos Céus" decorre, naturalmente, do ensinamento segundo o qual é preciso antes morrer para depois ingressar no estado abençoado e iluminado desse Reino. Aqui, a metáfora da morte-renascimento nos leva ao arquétipo da criança divina, o *puer aeternus*. Embora a maioria das abordagens dos junguianos em relação ao tema do *puer* ou *puella* focalize a sombra deste arquétipo e as suas manifestações clínicas, nos "garotões" inconstantes, imaturos e nas "bonequinhas" de luxo, elas representam apenas uma limitada interpretação desta poderosa imagem. Os alquimistas chineses e ocidentais falavam do feto da imortalidade, a criança filosofal que nasce em decorrência da conjunção interior do masculino com o feminino. A ideia da criança eterna, que se manifesta depois de uma "morte" consciente, está vinculada a numerosos mitos, que desempenham um papel central na maioria das religiões — o do nascimento de um deus na forma

humana. As lendas hindus do menino Krishna e a do Cristo são apenas os exemplos mais famosos.

Jung, em seu ensaio sobre "A Psicologia do Arquétipo da Criança", assinalou vários dos aspectos ou significados relevantes deste símbolo profundo. Descreveu-o como antecipação da síntese entre consciente e inconsciente, como símbolo da totalidade, ou Self. A criança-deus, ou criança-herói, sempre tem um nascimento milagroso, incomum, ou é concebida por uma virgem, que corresponde à "gênese psíquica" do novo ser. A imagem da criança representa um elo de ligação com o passado, com nossa infância, assim como uma ligação com o futuro, na medida em que antecipa um "estado nascente de consciência". A "criança dourada", ou "eterno jovem", é andrógina, porque representa a perfeita união de opostos. Somente o self antigo, o ego comum, se identifica como masculino ou feminino, e ele agora está morto. A "criança" é tanto começo como fim, "uma criatura inicial e terminal", porque a totalidade que simboliza é "mais velha e mais jovem que a consciência e a engloba no tempo e no espaço".[9]

A criança divina é invencível. Ele/ela supera inimigos perigosos na infância: uma das imagens do menino Krishna mostra-o pisando uma serpente gigantesca numa dança, metáfora que serve para indicar a superação da agressividade instintiva do réptil. Um exemplo extraído da mitologia grega é a história do bebê Hércules, que estrangulou uma serpente que o atacou em seu berço. A Criança tem todo o poder de um deus, uma vez que é um deus: é O Imortal que substitui a personalidade mortal que "morreu". Também aqui encontramos a noção da criança divina como a representação do triunfo sobre a morte. Cristo demonstrou o poder da ressurreição - a dele mesmo e a de outrem (Lázaro) - e muitos outros heróis divinos e iogues de elevado desenvolvimento demonstraram poderes semelhantes, documentados, em especial, na literatura mística oriental. Embora tais poderes possam parecer remotos à pessoa comum,

os mitos e as imagens que os transmitem mostram seu potencial e revelam o que os humanos *podem* alcançar.

Na liturgia russa ortodoxa, o triunfo sobre a morte é expresso nas seguintes palavras: "Cristo ergueu-se de entre os mortos, esmagando a morte com a morte, e aos que estão no túmulo concedeu vida." Sugiro que esta imagem se refere à mudança que ocorre na psique quando o poder curativo e transformador da morte intencional é vivenciado. As tendências inconscientes de morte (*thanatos*), que funcionam em oposição às tendências de preservação da vida (eros), através de doenças e outros procedimentos destrutivos, vão sendo gradualmente reduzidas, ou melhor, levadas a um outro ponto de equilíbrio. Um de meus professores referia-se a "bolsões de morte" instalados em nossa natureza, que são abertos e dissolvidos por uma percepção consciente iluminada, conferindo-nos assim a morte da morte. Ao aceitarmos conscientemente a morte e o "morrer", o processo todo nos fornece alimento espiritual. Shakespeare expressa essa ideia em um de seus sonetos:

So shalt thou feed on death,
That feeds on men,
And death once dead, there's
No moré dying then.
Irás então alimentar-te da morte,
Que se alimenta dos homens,
E uma vez que a morte é morta,
Não há mais morrer.

Na tradição chinesa taoísta, não-teísta, o arquétipo da criança eterna também é conhecido e honrado. A criança recém-nascida ainda está vinculada ao Tao, à fonte de sua vida e de seu surgimento, e é por isso que devemos imitá-la. Como diz Chuang Tzu: "Você consegue ser como uma criança recém-nascida? O bebê chora o dia inteiro e, no entanto, sua voz nunca enrouquece. Isso é porque ele não perdeu a harmonia da natureza."[10] De modo característico, os taoístas enfatizam o

valor prático, em termos de saúde e bem-estar, da sintonia com a percepção consciente típica do bebê.

Para a pessoa que está no processo de transformação, as imagens e a mitologia da criança eterna estimulam a adoção de uma atitude positiva e afirmativa diante da vida: somos incentivados a confrontar e a transformar nosso medo da morte, a abraçar o processo de "morrer" como libertação que proporciona sabedoria. Dessa forma, chegamos a saber que, do tumulto e da escuridão do morrer, vem a resplandecente vitalidade do eu recém-nascido. Esse novo eu está conectado à fonte eterna de toda vida, aquela fonte de onde todos derivamos, a divina essência interior. É, portanto, adequadamente chamada de "a criança eterna".

Parte 2

A criança abandonada

Introdução

A humanidade seria órfã se não fosse por Deus, segundo Santo Agostinho. Em termos psicológicos, isso implica que, para a criança abandonada, não há pais "bons o bastante"... Na realidade, somos todos órfãos em parte e é através do sofrimento desse fato arquetípico do abandono (e do abandonar) que podemos reunir-nos em comunidades. Esse sentimento comunitário, que se baseia no reconhecimento da nossa mútua solidão e dor, é uma emoção religiosa, uma realidade existencial e um retorno ao mundo com o reconhecimento de que o mundo é tudo o que temos e que talvez seja "bom o bastante".

- Patricia Berry, *Chiron*, 1985.

A criança inicia a vida num estado semelhante ao do paraíso. Pura e repleta de possibilidades — suas necessidades sendo supridas pelo acolhimento maternal do mundo aquático, atemporal, ilimitado e interminável - assim a criança inocente inicia, portadora da grande promessa da humanidade.

Mas, infelizmente, essa inocência não pode durar. O que começa como potencial infinito deve, com o tempo, encaminhar-se para o finito e imprevisível mundo, a fim de ser concretizado. Então, uma separação ou abandono abrupto é uma das primeiras experiências de transição de cada ser humano, uma passagem em que a criança se torna internalizada, à medida que a personalidade individual vai-se adaptando às exigências de suas circunstâncias exteriores. Segundo C. G. Jung, o abandono é, de fato, o que define inicialmente a criança interior. Ele disse: "Criança significa algo que evolui rumo à independência. Isso não pode ser obtido sem se distanciar de suas origens: o abandono é, portanto, uma condição necessária e não apenas um sintoma concomitante."

A experiência do abandono - concreta, emocional, psicológica - é, portanto, uma iniciação na vida. É uma repetição da expulsão

do Éden, uma perda da inocência, uma decepção, assim como uma traição. Contudo, é um acontecimento positivo, porque nos põe em movimento na nossa jornada, nos faz seguir as voltas do nosso caminho em busca da experiência e da identidade. O poeta Rainer Maria Rilke deu voz ao lado positivo dessa busca solitária:

I live my life in growing orbits,
Which move out over the things of the world.
Perhaps I can never achieve the last,
but that will be my attempt.
I am circling around God, around the ancient tower,
and I have been circling for a thousand years.
And I still don't know if I am a falcon.
Or a storm, or a great song.
Vivo minha vida em órbitas crescentes,
que me distanciam das coisas do mundo.
Talvez eu nunca consiga alcançar a última,
mas essa será a minha tentativa.
Estou girando em círculos ao redor de Deus, ao redor da antiga torre,
e há mil anos estou girando.
E ainda não sei se sou um falcão,
Ou uma tempestade, ou uma grande canção.
- (Livro de Horas, 1899, traduzido para o inglês por Robert Bly.)

O abandono exige que nos adaptemos, que aceitemos a nossa sina. "É somente quando se está verdadeiramente sozinho", diz a analista Rose-Emily Rothenberg, "que o potencial criativo [a 'criança'], instalado lá no fundo dentro de nós, tem espaço e condições para emergir à luz do dia". Devemos assumir o desafio da nossa separatividade. A dor de nossa solidão força-nos a ganhar consciência, a abrir-nos para a vivência do nosso Self como entidade distinta dos outros. Talvez cheguemos um dia a dar a volta inteira e, como disse T. S. Eliot, "...cheguemos ao ponto onde começamos/E conheçamos o lugar pela primeira

vez" *(The Four Quartets).*

Para alguns, o abandono é uma mágoa para o Self da infância que resulta numa adaptação restritiva, em que a criança será soterrada no fundo da pessoa, embaixo de muitas camadas de ressentimento, justificações e cinismo. No coração de todo cínico, contudo, sangra um romântico, uma criança interior inocente que cedo na vida foi magoada por uma desilusão relativa aos pais ou pela descoberta de que o mundo não é tudo aquilo que dizem.

Para todos nós, o desafio do abandono é aceitar a nossa orfandade, admitir que, em última análise, contamos apenas com nós mesmos, o que significa uma vida inteira de responsabilidade pelo atendimento e provimento de nossa criança interior. A pessoa que tenta evitar a experiência do abandono para preservar uma inocência idealista mesmo na idade adulta corre um imenso perigo. Essa negação exige uma grande dose de energia e só pode resultar na futilidade do dilema narcisista (tema que será abordado na Parte 3).

Enquanto a criança interior não for realmente vivida, enquanto não se tornar uma realidade para a pessoa, será uma criança abandonada. Jung chegou até mesmo ao ponto de sugerir que a percepção consciente da presença da criança interior requer uma renovação periódica através de rituais, para que possa ser reconhecida como algo real e interior. "A Criança Cristo", escreveu ele em seu ensaio sobre o arquétipo da criança, "é uma necessidade religiosa apenas enquanto a maioria dos homens [e mulheres] for incapaz de conferir realidade psicológica ao ditado: 'A menos que vos tomeis como as criancinhas...' "

Gilda Frantz, que abre esta seção, sugere que algumas pessoas passam pela experiência do abandono antes de poderem entendê-la ou integrá-la. Ou são uma criança indesejada, abandonada no nascimento, ou nascem de mães deficientes que não conseguem formar o elo. "Isto é parecido com nascer sob o arquétipo do abandonado", diz ela, "e essa criança tem como

destino a questão de integrar a mãe provedora interior, assim como a criança interior abandonada, em algum momento de sua vida". O trabalho de Frantz é tanto confessional como informativo, e suas observações finais sobre Jung não devem ser ignoradas.

A contribuição de James Hillman, por outro lado, desafia-nos a ir mais além do literalismo do abandono concreto e a considerarmos uma variedade de cenários da criança interior: o abandono da criança no nosso pensar coletivo a respeito da infância e em nossas psicologizações; o abandono da criança nos nossos sonhos, nos nossos relacionamentos e nos nossos modelos de imaginação e maturidade.

O artigo de Rose-Emily Rothenberg é um trabalho cabal sobre o arquétipo do órfão, aquela parte da criança que está "oculta na mais íntima porção da alma do homem". Com base em sua experiência pessoal com o abandono, ela nos recorda que somos todos órfãos e que, por meio do sofrimento do nosso abandono, podemos perceber nossos recursos interiores.

As concisas palavras de Marion Woodman fazem-nos considerar as questões de identidade consteladas pela nossa criança interior esquecida: "Se vivemos atrás de uma máscara durante a nossa vida inteira, cedo ou tarde - se tivermos sorte - essa máscara será destroçada... Talvez enxerguemos os olhos aterrorizados de nossa própria criança minúscula, aquela criança que nunca conheceu o amor e que agora nos suplica uma resposta."

M. Scott Peck isola o tema do abandono na paternagem-maternagem e identifica as consequências destrutivas de se usar a ameaça do abandono — consciente ou inconscientemente — como recurso para a educação das crianças. "As crianças abandonadas, psicologicamente ou na realidade, entram na idade adulta carentes de uma noção profunda de que o mundo é um lugar seguro e protetor", escreve ele.

E, finalmente, num esforço literário, a autora de ficção

científica Ursula K. LeGuin pede-nos que consideremos o dilema moral de abandonar nossa criança interior.

7. O cruel segredo do nascimento: Oh, eu sou minha própria mãe perdida de minha própria criança triste

GELDA FRANTZ

O calor pessoal de Gilda Frantz decorre da intensidade com que considera o destino e o abandono, seus efeitos sobre a criança interior e sobre a vida do adulto. Como analista junguiana, está há muitos anos envolvida com o trabalho de Carl Jung. São iluminadoras as suas revelações sobre o resgate da própria criança interior efetuado por Jung e a relação entre esse resgate e a vida criativa de Jung. Este artigo apareceu originalmente no periódico Chiron, *em 1985.*

Introdução

Minha maior dificuldade para escrever este trabalho está relacionada com a recordação do meu próprio abandono quando bebê. Fui abandonada pelo meu pai. Com a perda desse relacionamento, o arquétipo materno também sofreu danos e minha mãe não pôde desempenhá-lo. Esse abandono no início de minha vida moldou-a e tingiu praticamente todas as coisas que fiz em termos de criatividade, ambição e quanto ao desejo de encontrar meios de me educar. Crianças como eu desenvolvem uma consciência precoce, o conhecimento de que nasceram numa situação mais difícil, e isso pode tomá-las mais cautelosas e precavidas. Essas qualidades podem ser de imensa ajuda mais tarde na vida, contanto que não levem ao isolamento.

A Grande Deusa entrou na minha vida pela imaginação ativa e pelos sonhos, na análise. Ela me cuidou e nutriu. Minha relação com o arquétipo materno positivo entrou claramente em cena por meio do contato com minha analista. Mas o relacionamento com o "pai bom" aconteceu com o casamento, e o provedor

masculino era tanto a "mãe perdida" quanto o feminino. Espero que fique claro que, ao dizer "mãe perdida", estou-me referindo a algo que me alimenta espiritualmente. Apresento o material a seguir com profunda gratidão por tudo o que os deuses me deram, de bom e de ruim.

Escolhi o título desse artigo quando li, num pedacinho de papel que encontrei na escrivaninha de meu finado marido, algo cujo sentido oculto era numinoso e me tocou naquele ponto em que eu vivenciava o meu abandono: parecia uma imagem poética da criança sofredora.

"'Criança' significa algo que evolui rumo à independência. Isso não lhe é possível sem que se afaste de suas origens: o abandono, portanto, é uma condição necessária e não só um sintoma concomitante."[1] Existem algumas pessoas para quem a condição necessária do abandono acontece antes que possam integrar seu significado ou propósito. Existem aquelas para as quais essa vivência começa *in utero*, crianças cujas mães estão doentes ou deprimidas ou morrem no parto, ou que foram abandonadas, ou cujo nascimento não é desejado. Há aquelas mães solteiras que oferecem a criança para adoção com grande sofrimento e relutância. O resultado desses nascimentos fatais é que tanto a vida das crianças como a dos pais são profundamente afetadas.[2] Isso é quase o mesmo que nascer sob o arquétipo do abandonado, e essa criança tem o destino de precisar integrar a mãe provedora interior, assim como a criança interior abandonada, em algum ponto de sua vida. Os órfãos são especialmente propensos a esse destino, assim como os filhos de mães que sofrem de narcisismo.[3]

E quanto à criança que não sofreu nenhuma das circunstâncias acima citadas? O abandono dessa criança vem através da falta de um cuidado especial por parte da mãe, que não é capaz de provê-lo. A criança então se sente abandonada, mesmo que as circunstâncias externas de sua vida impliquem o inverso. O destino intensifica os relacionamentos já intensos entre os pais

e a criança. Embora o destino de uma criança esteja restrito ao âmbito dos pais, o de um adulto não tem essa restrição.[4] No caso de Anne, que apresento a seguir, direi mais a esse respeito.

Destino e abandono

Tomamos certas decisões na vida e podemos evitar isto ou aquilo, ou decidir quando nos casar e com quem, mas mesmo essas decisões colocam-nos em direções que podem selar o nosso destino. "Talvez a humanidade chegue à conclusão de que apenas um lado do destino pode ser dominado pelas intenções racionais."[5] Mais uma vez, porém, o uso da vontade racional é apenas metade do quadro. A outra metade é o ser arremessados na direção de um destino que não escolhemos e que não podemos modificar. Os estoicos denominaram-no "a compulsão das estrelas", ou Heimarmene.

Um ponto em comum que posso observar nas pessoas que atendo em análise é o destino. Algumas têm uma vida mais difícil, e nem toda a dificuldade é merecida. Nem sempre foi algo que tenham feito ou que não tenham feito que as fez serem abandonadas. Muitas vezes é o assim-chamado acidente de nascimento que determina o seu destino. O desafio está em ver o que cada um de nós pode fazer com as circunstâncias originais de sua vida, com sua matéria bruta. A vida em si é um experimento e, como disse Emerson, quanto mais experimentos fizermos, melhor.

O abandono é uma experiência decisiva na qual sentimos que não temos qualquer escolha. Sentimo-nos sós, como se os deuses não estivessem presentes. Se sentirmos que estão ali e nos dão apoio, então não estamos abandonados. O termo abandonado significa, literalmente, "não ser chamado". Tem uma relação etimológica com o termo "destino", "fado", que significa "a palavra divina" e vem de *fari* e *fatum,* significando "falar".

Quem é que nos convoca, ou não? Vamos dizer algo a respeito das Parcas. Eram seres divinos que determinavam o curso da

vida humana e eram chamadas Moiras pelos gregos e Fata pelos romanos, ou Parcas. As Parcas, ou Moiras, eram filhas de Nix e seus nomes eram Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto é a que tece o fio; Láquesis, a que o enrola e Átropos, a implacável, é quem o corta. Homero referiu-se repetidamente a essas três ao escrever sobre os destinos que os deuses atribuíam aos homens. Essas irmãs eram sempre representadas em seu mister de fiar, medir e cortar o fio da vida. O termo "mortalha" vem de uma raiz que significa "cortar". Embora haja muitas contradições quanto ao fato de as Moiras, ou Parcas, cumprirem ou não o desejo dos deuses, é evidente que nem mesmo Zeus pôde escapar de suas decisões.

As Parcas e as Erínias têm uma relação. As Erínias eram chamadas de Fúrias pelos romanos e nasceram da terra fertilizada pelo sangue proveniente da castração de Urano. Ésquilo descreve-as como hediondas e ameaçadoras, mas nas esculturas e pinturas não aparecem dessa forma. As Erínias não eram consideradas injustas nem malignas em seus feitos, mesmo que se dissesse que elas aplicavam punições. O castigo que infligiam era considerado uma proteção para aqueles a quem a lei humana havia falhado em proteger, como os vitimados por membros de sua própria família.[6]

As três Graças também estão associadas às Erínias e às Moiras. Eram as Eumênides, as benfeitoras. A combinação do terrível com o benigno também se encontra frequentemente nas divindades ctônicas. Acreditava-se que espíritos, demônios, deidades, assim como heróis, vivessem dentro ou embaixo da terra, e sua ocupação eram os mortos e a fertilidade do solo. Muitas divindades ctônicas combinavam as duas funções, de punir e apaziguar, de fertilizar e matar. Os espíritos que viviam na terra, nos lugares em que os mortos eram enterrados e em que as plantações cresciam, acabaram inevitavelmente sendo associados a ambos os eventos.

Durante o processo de refletir sobre o abandono, tive um sonho.

A palavra que apareceu no meu sonho para designar destino foi *bashart*, termo iídiche que significa "o que tem que ser, tem que ser". Segundo a interpretação da dra. Clara Zilberstein, *bashart* significa que algo tem que acontecer numa certa hora. Trata-se de um conceito semimístico que tem que ver com o que foi prometido a uma pessoa, com o intento de alguém. Entre os judeus existe uma afeição genuína por essa palavra e ela implica uma verdadeira aceitação do que Deus nos dá, de bom e de ruim. Para mim, implicava que o inconsciente aceitava a apresentação desse material - que estava "destinado" - e que focalizava o meu destino como mulher judia, esposa e viúva, bem como a minha necessidade de lidar com "o que era a intenção do destino".

"Sem que haja uma necessidade, nada se abala, e muito menos a personalidade humana. Ela é tremendamente conservadora, para não dizer entorpecida. Só a mais aguda necessidade é capaz de despertá-la."[7] O sofrimento e o abandono despertam-nos. Através da soberana dor de não termos sido chamados, podemos encontrar um meio de mudar o que precisa ser mudado em nossa vida. A alquimia diz a esse respeito:

[*Liquefactio*] é um dos meios de primeiro dissolver a consciência e chegar mais perto do inconsciente, que também tem um grande papel na alquimia. Um dos estágios alquímicos iniciais é, muitas vezes, o *liquefactio*, a liquefação para desfazer a *prima materia*, que muitas vezes está endurecida ou solidificada de modo errado, o que, portanto, impede que seja usada para fazer a pedra filosofal. O material tem que ser primeiro liquefeito. Naturalmente, a imagem química implícita é a obtenção de um metal a partir do minério, usando-se para isso a fusão, mas *liquefactio* contém, muitas vezes, a conotação alquímica de uma dissolução da personalidade em lágrimas e desespero.[8]

A chama externamente aplicada para derreter os metais alternadamente aumenta e diminui de intensidade. O subir e

descer da chama é a agonia do abandono. A chama é o Destino.

Lágrimas e abandono

Na prática da psicologia analítica, é uma experiência corriqueira que o paciente inicie a análise no estágio em que há morte e luto. A condensação desses vapores vem na forma de lágrimas.

Num artigo inédito sobre a depressão, Kieffer Frantz (1966) realizou um levantamento literário que incluía a postura psicanalítica então vigente. Escreveu o seguinte:

Essas características poderiam parecer as mais consistentes evidências observáveis da presença da depressão. Contudo se não quisermos aceitar uma avaliação patológica como o único ponto de vista, de que maneira devemos avaliar o fenômeno observável da depressão?

Comecemos com o sonho de uma mulher que iniciou uma terapia para curar uma depressão. Nele a sonhadora estava chorando e as lágrimas rolavam-lhe pelo rosto. Enquanto rolavam, transformavam-se em diamantes. As lágrimas certamente pareciam endossar as características de desesperança, impotência, tristeza e sofrimento interno descritas acima. Mas, e quanto aos diamantes? Aí acontece uma mudança definitiva. Em *Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica*, Jung afirma: "Essa transformação é o objetivo da análise do inconsciente. Se não há transformação, isso significa que a influência decisiva do inconsciente é impermeável e que, em alguns casos, persistirá mantendo os sintomas neuróticos a despeito de toda a análise e compreensão que possamos realizar. Ou então sobrevirá uma transferência compulsiva, o que é tão ruim quanto a neurose."[9]

O sonho aponta um processo que começa com lágrimas e termina ou é transformado em diamantes, a "água pura". Desse ponto de vista, a depressão pode ser concebida como um mergulho do inconsciente, com o propósito de dar início à

viagem. Entre o começo e o fim, há muitos estágios diferentes e talvez muitas depressões.

Meu interesse pelas lágrimas como expressão *criativa* do abandono começou com a leitura do ensaio, quando um conhecido me pediu que encontrasse a acima citada referência às lágrimas e aos diamantes. As lágrimas são a expressão do abandono por excelência. Mas, e quanto aos diamantes?

Diamante significa “invencível”. Também é chamado adamantino, de onde se pode derivar *adamant,* que, embora possa significar "uma substância muito dura”, também quer dizer [em inglês] “domar”, “conquistar”. Metaforicamente, a natureza tem que sofrer para produzir um diamante, por causa da enorme pressão do imenso calor que a terra precisa suportar para transformar carbono em diamante. No sonho, os diamantes evoluem das lágrimas. Por meio da operação da *liquefactio,* da dissolução líquida de uma *prima materia* incrustada e impropriamente endurecida, revelam-se as joias. Dessa forma, a sonhadora obtém a esperança de que algo valioso possa resultar de seu intenso sofrimento.

O corpo diamantino é o Self, que está dentro de cada um de nós.[10] A consciência do Self molda e dá polimento ao diamante, e depois da nossa morte física o corpo se desfaz e esse diamante é exposto em toda a sua estonteante beleza.[11] No exemplo que utilizamos, o diamante é revelado através do processo da depressão, ou *nigredo,* e do “sofrimento consciente”.

Escrevendo acerca de seu prolongado relacionamento com Jung, Hilde Kirsch diz: “O presente mais importante que Jung me deu — e que talvez tenha dado a toda a humanidade — é a aceitação do sofrimento como uma necessidade.” Em seu artigo, ela faz a citação de uma carta que escreveu a um amigo sobre o sofrer: “Tente aplicar a sério o que lhe disse para fazer; não que você possa assim escapar do sofrimento — ninguém o consegue — mas para que possa evitar o pior: o sofrimento cego.” Jung também escreveu, a respeito de si mesmo:

Acho que, por sua vez, Deus concedeu-me a vida e poupou-me de ficar petrificado. Assim, sofri e fui infeliz, mas parece-me que a vida nunca faltou e que mesmo na mais negra das noites... pela graça de Deus pude ver uma luz maior. Em algum lugar parece existir uma grande delicadeza nas trevas abissais da Deidade.[12]

A sonhadora acima teve a experiência do sofrimento consciente, não a do sofrimento cego. Ela estava ciente de seu sofrimento e possivelmente conhecia a causa. Certa vez, uma vítima de um desastre me disse que "sem isso teria continuado a ser uma dona de casa comum, mas essa perda forçou-me a mudar e me tornei uma pessoa mais profunda".

O simbolismo das lágrimas e do abandono existe nos mitos em que a criação é formada a partir das lágrimas ou do chorar. A criação também é promovida pela solidão dos deuses. Existe um mito dos Baluba no qual as lágrimas dos animais amolecem a terra e criam, assim, um lugar para que as sementes cresçam e se tornem abrigo para os animais.[13] No conto de fadas dos Irmãos Grimm chamado "A Virgem Sem Mão", a filha é vendida ao diabo e é salva por suas lágrimas. Quando o diabo pede para comprar tudo o que está atrás do moinho, o pai, que não sabia que sua única filha estava ali, vende-lhe a propriedade. Esse abandono da filha e sua subsequente traição foi o que provocou as lágrimas que enfim a salvaram.

Cinderela também é abandonada pelo pai. Depois da morte de sua mãe, o pai casa-se de novo e ela se torna parte do que hoje seria chamado de "família misturada". Suas novas "irmãs" são tratadas como pessoas mais importantes que Cinderela. Quando o pai pergunta às filhas de sua mulher o que querem que ele traga da cidade, elas lhe pedem coisas caras e preciosas. Depois, lembrando-se de Cinderela, pergunta-lhe também e ela só deseja um ramo da árvore que bater em seu chapéu quando estiver voltando para casa. Enquanto compra as coisas para suas enteadas esquece-se completamente dela, mas seu chapéu raspa

num galho de árvore e isso o faz lembrar-se. Cinderela planta o galho e cresce uma árvore. Um pássaro pousa nela e concede-lhe três desejos. O pássaro é o espírito de sua falecida mãe (perdida). A história de Cinderela é um lindo exemplo da criança triste redimindo a mãe perdida e o pai que a abandona, ao relacionar-se com o Príncipe.

O que a mãe estragou só pode ser curado pela mãe, e o que o pai estragou só o pai pode curar.[14] A relação, em si mesma, pode ser o "pai" que cura, e pode curar uma criança ferida e ser um genitor provedor. Pensamos que encontramos o pai no homem, mas ele também pode ser uma boa mãe. No Boddisattva da Compaixão,[15] Kuan Yin era masculino e permaneceu como tal até o século XII, quando se tornou Deusa, feminina. O masculino proporciona sua própria espécie de acolhimento.[16]

"Aquele que ouve os lamentos" - é assim que Kuan Yin é conhecido. Esse mito é uma antiga afirmação da existência do abandono, do sofrimento e da cura. No budismo tibetano, há o conceito de Dukkha, que se pode traduzir como "sofrimento", mas que também pode significar "insatisfação".[17] Na tradição budista, entende-se que o sofrimento está "dentro da 'própria' mente e corpo da pessoa e, quando isso for compreendido, ela conhecerá a verdadeira felicidade". Dukkha pode ser dor física ou angústia mental, e refere-se aos fatos "do nascimento, da velhice, da doença e da morte" e às condições humanas comuns a todos, como "o luto, os lamentos, as dores, a angústia e o desespero".[18]

O lamento frequentemente acompanha o plantio do milho. É o choro e o lamento pela morte do deus da fertilidade que garantem o seu retorno na primavera.[19] Quando nos entregamos inteiramente ao choro, no desespero, choramos lágrimas e esperamos que alguém nos ouça chorar. A água é a força viva da psique. Quando, na análise, ocorre o simbolismo do chorar e da água, é preciso uma certa contenção e, ao mesmo tempo, a experiência é purificadora.

Lily estava na casa dos cinquenta quando veio para atendimento. Sua vida adulta fora dedicada a ter filhos e gerara doze filhos e filhas. Só achava tempo para as necessidades de seu marido e de seus filhos. Sentia que havia traído alguma coisa íntima, ao sacrificar sua criança interior em prol da criação de tantos filhos. Tudo fazia com que chorasse, felicidade, tristeza, raiva, frustração. Houve vezes em que pareceu ter usado uma caixa inteira de lenços de papel no intervalo de uma hora. As lágrimas privavam-na da chance de expressar seus sentimentos: em vez de falar, ela chorava. Havia emergido sua criança triste.

Lily fora uma criança abandonada, cuja mãe estava tão envolvida consigo mesma que não percebia a verdadeira natureza da filha. Sentei-me ao lado de Lily durante muitas e muitas horas de choro, como continente para suas lágrimas. Um dia perguntei- lhe o seguinte: “Para onde vão todas essas lágrimas?” Ela olhou-me, estupefata, e começou a descrever um poço ou lago profundo e largo, natural, que se havia enchido com suas lágrimas. Começou a dialogar com as lágrimas e esses diálogos trouxeram- lhe de volta recordações antigas e soterradas nas profundezas de sua psique. Muitas vezes se lembrou de coisas erradas que lhe haviam sido feitas (em geral por omissão) por parte dos pais ou irmãos. Escreveu: “Ouço a água correndo riacho abaixo. Localizo seu leito e observo o seu fluxo. Seu movimento é repentinamente obstruído por um obstáculo imprevisto... composto por várias rochas despencando, perturbando a placidez da correnteza e redirecionando-a rumo a um novo desafio.”

Esses diálogos entre o ego de Lily e o inconsciente, corporificados como lágrimas, foram verdadeiramente curativos. Não reproduzo o diálogo inteiro por uma questão de respeito pela qualidade orgânica e fluente do relacionamento, mas foi imaginação ativa, em oposição à fantasia inconsciente. O contato com o inconsciente através do diálogo escrito, para dar um exemplo das possibilidades de se efetuar a conexão,

ocorre quando o ego abre caminho até o inconsciente rebaixando (voluntariamente) seu domínio, permitindo assim que as energias arquetípicas ganhem voz.[20] Foi dessa forma que Lily conseguiu relacionar-se com suas lágrimas de uma maneira mais profunda, encontrando-as em seu próprio interior.

A criança triste de Lily era filha da "terra e do céu estrelado"[21] e estava ressecada e fendida, necessitando da água da memória. Ela precisava lembrar, retomar o que havia sido desmembrado e perdido. Ao beber o gole da fria água de Osíris,[22] ela pôde falar à mãe interior perdida da sua tristeza e luto.

Abandono e o filho criativo

Etimologicamente, o termo lamentar-se significa "recordar" e deriva da mesma raiz de *memória*. Quando nos lamentamos pela perda ou pelo abandono, nossa memória nos mantém presos a essa vivência até encontrarmos algo que a substitua. Esse processo de luto ocorre quer tenhamos vivenciado uma morte real, quer não. A maioria das pessoas inicia análise em meio a um luto intenso. Lamentação e depressão são outros nomes para abandono.

Anne veio para análise quando eu ainda estava me sentindo abandonada e de luto por meu marido. Foi um momento de sincronicidade. Estando eu própria naquele estado, pude perceber como ela vivenciava sua perda. Sua queixa inicial tinha que ver com receios relativos a coisas ditas pequenas. Era uma pessoa reclusa, com propensão a não atender ao telefone. Conforme sua história se foi desenrolando, tornou-se evidente que alguns anos antes ela havia sofrido a perda de um ideal muito querido. Talvez o que se tivesse perdido fosse a ilusão daquela possibilidade em sua vida.

Desde os sete ou oito anos vinha estudando teatro. Num ponto crucial de seus estudos, quando estava perto dos vinte anos, sentiu que simplesmente não tinha aquilo que era necessário para ser uma atriz e não se sentiu firme o suficiente. Ela planejara estudar em Nova York com um famoso diretor de

teatro e, sem praticamente refletir mais, de repente abandonou seu sonho. Esse término de carreira feriu profundamente sua criança interior.

A mãe de Anne era uma mulher forte e opiniosa e Anne estava sob a influência de um poderoso arquétipo materno negativo. Ela estava acostumada a ter os outros determinando o seu destino, mas não tinha ideia do que a perda de seu sonho iria significar para si. Nos anos 70, tivera interesse por drogas e nelas encontrara um certo consolo, mas isso não foi solução. Embora agora já estivesse formada e trabalhasse como professora, muitas vezes contemplava a perspectiva do suicídio diante da ausência de significado de sua vida. Num sentido espiritual, estava apenas meio viva. Ela não sabia que estava de luto pela perda de sua antiga ambição, de sua carreira abandonada; só sabia que pensava muito nisso. O neurótico hesita perpetuamente em entrar na vida e inclina-se a evitar a "perigosa luta pela existência". Recusando-se a verdadeiramente experimentar as situações, vê-se forçado a negar a vida e, dessa forma, "comete um suicídio parcial".[23]

Minha própria experiência de perda modificou-me. Quando voltei a trabalhar após a morte de meu marido, descobri que um véu diáfano, anteriormente existente, havia desaparecido. O véu poderia ser chamado de uma "atitude profissional". Por intermédio do meu sofrimento, um estado praticamente não-egóico, minha psique se tornara mais permeável, mais aberta ao inconsciente. Estava menos defendida e mais "ali". Era quase como se houvesse trilhas de fumaça, como as do bosquímano, circulando entre Anne e eu. Tomei-me consciente da presença, na mãe, de um poder curativo para o filho interior.

Os sonhos de Anne eram assustadores para ela e, não obstante, demonstravam- me que ela contava com força de ego suficiente para a viagem e que esta levaria tempo. Aos poucos, começou a alimentar a ideia de que o teatro que amava e do qual desistira havia tantos anos poderia assumir uma outra forma dentro de

sua vida atual. A ideia de trabalhar em teatro amador era repugnante, mas ela gostava de estudar e por isso matriculou-se em turmas com professores locais e começou a desfrutar do contato com o mundo dos atores e da representação. Em vez de se sentir impotente e identificada com a criança triste, estava começando a encontrar a mãe perdida. Estava começando a cuidar das suas mais preciosas necessidades.

Em vez de relacionar-se com as necessidades de sua criança interior triste, Anne tinha vivido uma *identificação* com ela. Seu destino estava vinculado ao dos pais. Ela temia o que lhe poderia acontecer se eles morressem. Temia o abandono. Se pudesse aceitar sua meta abandonada, poderia iniciar um novo relacionamento com o Self. Recentemente, começara a crescer e a ingressar no mundo adulto, mundo que ela sempre identificara com a morte, o morrer e o abandono. Não se trata de dizer que agora não tenha mais medos, ou que sua vida seja "perfeita", mas que está mais dentro dela e mais atenta e disponível a possibilidades que ainda lhe são desconhecidas.

Abandono e perda

Um caso do abandono "criança triste/mãe perdida" é a viuvez. Ocasionalmente, nós, crianças feridas, encontramos no cônjuge a mãe e/ou o pai de quem fomos privados nos nossos primeiros anos de vida. Com a morte dessa pessoa, somos de novo lançados no luto mais profundo. A "criança", então, fica em primeiro plano, agoniada e sofrendo muito. É como se estivéssemos vivendo o luto de Deméter e Perséfone, ou o padecimento de Cristo na cruz, perguntando por que Deus o havia esquecido.

Vamos falar um pouco da viuvez, para que se possa entender algo a respeito do problema que a viúva enfrenta com relação à criança triste.

A posição das viúvas, em muitas culturas, é uma das mais tristes da sociedade. O simples fato de terem nascido mulheres determinava-lhes o destino. No momento em que perdiam o

marido, considerava-se que a sua própria função na vida estava encerrada. Eram, frequentemente, destruídas para acompanhar e servir o marido falecido em sua nova vida pós-morte, assim como acontecia na vida terrena.[24]

Embora hoje sejamos por demais civilizados para permitir que as viúvas sejam postas dentro das covas, permanece o fato de que muitas mulheres vivem por intermédio da vida dos maridos. Sylvia era uma viúva recente. Seu marido falecera de modo repentino e inesperado. Ela era uma jornalista bem remunerada, numa profissão de que gostava. Ficou com dois filhos, seu luto e sua raiva. "Mas como ele pôde fazer isso comigo?", esbravejava. Logo ficou claro o que ele "fizera". Sua criança interior ferida, tímida, encontrara um lar no peito do marido. Ele era extrovertido e agressivo. Sob sua proteção, ela era capaz de enfrentar o mundo, e agora tinha sido abandonada.

Depois que ele morreu, ela não se sentia mais capaz de enfrentar o mundo, e essa parte foi junto com ele para o túmulo. Sua tarefa, como a de Perséfone, seria recuperá-la para o âmbito da consciência, ou encontrar outro parceiro extrovertido e agressivo. Se não encontrasse esse substituto, o que estava sendo vivido inconscientemente através dele teria de ser conscientizado. Esse passo requer uma enorme mudança de atitude e consciência e um novo continente para a criança triste. A mudança é difícil: não é desejada e não é o que a pessoa busca de bom grado.

A vivência da viuvez reconstitui o arquétipo da criança abandonada. Os sentimentos em torno da morte de um outro que é significativo, especialmente um marido, são em geral de culpa, vergonha, raiva, abandono, depressão, ausência de libido e esperança. Acredito que a *vergonha* e a *culpa* tenham uma ligação direta com a tradição da morte da viúva, em que a pessoa mais próxima ao falecido ia com ele para a terra dos mortos. Pelo fato de permanecermos vivas, sentimos culpa e vergonha de que a vida continue para nós. Todos nós passamos

por essa experiência turbulenta, mas a viúva precisa de todo o encorajamento possível para deixar o mundo dos mortos e regressar à vida. O impulso para afastar-se da vida é, nesses momentos, muito forte.

No mundo moderno existem os automóveis, onde quem se sente abandonado pode contemplar a morte ou encontrar um refúgio onde chorar sozinho. O carro é hoje um santuário e, nesse sentido, é um lugar que permite à pessoa alimentar ideias de morte. Não que isso implique que o carro seja usado para provocar a morte, mas é dentro dele que a morte é contemplada. Pergunte a qualquer pessoa que tenha enviuvado há pouco tempo se não usa o carro como um lugar para se enfurecer e chorar e pensar na morte; a resposta será afirmativa.

Outra coisa a ser observada no caso de pessoas que enviuvaram diz respeito ao dinheiro. Muitos homens recém-enviuvados, e mulheres também, ficam obcecados por causa do dinheiro. A ansiedade relativa ao dinheiro torna-se um substituto para o medo de ficar por conta própria. Conheci pessoas ricas que ficaram aterrorizadas com a ideia de serem enganadas ou roubadas pelos advogados ou contadores pululando à sua volta. Isto também se aplica às pessoas que não têm muito dinheiro. Elas também ficam obcecadas pelo dinheiro quando, na realidade, estão sofrendo a perda de alguém. Embora existam de fato preocupações financeiras, há um tipo especial de preocupação que a pessoa que enviuvou recentemente expressa, e penso que esta seja devida ao sentimento de abandono da "criança". O viúvo recente sente-se tão impotente e nu, tão acabrunhado com os sentimentos de amor, ódio, perda, etc., que a ansiedade por causa do dinheiro se torna o continente para tudo o mais.

A morte da viúva era uma consequência natural da crença de que a vida da mulher terminava com a morte do mando. E muitas vezes elas eram mortas com os rituais prescritos... Ainda em 1857, havia uma lei em Oyo, na Nigéria Ocidental, que

assegurava que algumas pessoas da corte do rei, incluindo sua mãe oficial, várias sacerdotisas e também sua esposa favorita, fossem todas mortas quando ele morresse, e por suas próprias mãos[25].

Hoje, a morte da viúva é efetuada de modo muito mais sutil. Não a assassinamos: ela é abandonada e se torna invisível. Quanto mais a mulher está identificada com o seu marido, mais propensa está a sentir-se abandonada e desertada. Na minha experiência pessoal, tive sempre uma "vida própria", mas o golpe corporal de perda e luto que estava vivendo era o de um casamento que tinha sido o continente seguro para a minha criança interior triste. Sozinha, eu evitava essa criança, mas com meu marido era seguro trazê-la à tona de vez em quando. Eu detestava a ideia de ter que enfrentá-la sozinha. Entretanto, ou era isso, ou uma experiência parecida à das viúvas das ilhas Hébridas, da Melanésia, em quem era colocado um capuz de forma cônica, feito de teias de aranha, que as sufocava; eu seria igualmente sufocada pela paralisia do isolamento e do abandono.

Quando as viúvas tinham permissão para continuar vivas, o problema relativo ao que fazer com elas tinha de ser resolvido pelos seus parentes ou pelos do marido. Muitas vezes ela era considerada com desconfiança e suspeita de feitiçaria por causa do seu contato com a morte e do... medo de que talvez tivesse causado a morte do marido. Nas sociedades em que a viúva tinha consentimento para continuar viva, ela precisava ser ritualmente liberada do contato com o parceiro morto antes de qualquer outra pessoa poder tocá-la ou aproximar-se dela, pois acreditava-se que a morte era muito contagiosa. Depois de um período de isolamento, recebia permissão para reingressar na família, no pouco invejável papel da viúva. O isolamento da viúva continua até hoje, mesmo no mundo ocidental.[26]

Nos tempos vitorianos, a expressão "trajes de viúva" era usada para descrever as roupas que as viúvas usavam.

Etimologicamente, em inglês essa expressão remonta à palavra *wadmal*, que significa um tecido de trama forte. Essa palavra encerra dois significados: *wad*, "um feixe apertado", e *mal*, "tempo". Os trajes de viúva podem implicar um limite de tempo para o período de luto ou isolamento, mas, para mim, a conotação do tecido forte indica que essa veste é feita para durar o resto da vida.

Não é muito conhecido, fora do círculo da vida religiosa, que as freiras católicas tiraram seus hábitos dos trajes típicos usados pelas viúvas. A Irmã Mary Patricia Sexton contou-me que, por volta do século XVII, na França, as freiras podiam ir até a perigosa zona portuária e realizar o trabalho da Igreja, sabendo que ninguém as olharia ou importunaria se estivessem vestidas como viúvas. O simbolismo do casamento com Cristo, envergando trajes de luto, tem outros significados, mas, do ponto de vista deste artigo, é interessante divagar sobre o que as viúvas e as freiras têm em comum. Muitos dos primeiros conventos foram iniciados por viúvas. As roupas que usavam tinham o propósito de ser imutáveis e de ocultar sua sexualidade. Esse traje, essa atitude, destinavam-se a durar para sempre.[27]

Em certas tribos, era interditado o segundo casamento até que o corpo do marido falecido se tivesse decomposto. A viúva aori, na região da Nova Zelândia, envergava dois mantos especiais de penas, chamados "mantos de lágrimas". Os ossos, depois de algum tempo, eram exumados, envoltos nos mantos de penas e novamente enterrados. Então a viúva estava livre para casar-se de novo.[28]

Atualmente, palavras relativas à morte podem fazer parte dos votos conjugais. Contudo, de todos os viúvos e viúvas que entrevistei, somente uma pessoa se lembra de efetivamente ter ouvido as palavras "até que a morte nos separe", na hora do casamento. "Tentativas de expulsar a morte ou de não levá-la em conta são um engano que o homem comete contra si mesmo.

Por mais que o homem se esforce para afastar e ocultar o conhecimento do inevitável fim de sua existência terrena, ele jamais será bem-sucedido."[29]

Conclusão

A psicologia analítica incentiva as pessoas a deixarem de lado atitudes que são por demais convencionais ou excessivamente coletivas e asfixiantes. Considerando-se a história da execução das viúvas, pode-se ver que, dentro de cada uma de nós, existe um poderoso e arcaico impulso para o abandono. Encorajo as analisandas de luto a serem "diferentes", quer dizer, a serem autênticas perante o que sua alma quer. Uma relação com as fantasias e com o mundo interior é um contrapeso apropriado às forças do campo coletivo da consciência, propensas a isolar a pessoa abandonada e, em geral, destrutivas para seu desenvolvimento. A criança triste empreende uma viagem até o mundo inferior, tornando-se familiarizada com o escuro, o medo e com aquela que pode ser a mais decisiva de todas as experiências, a de ficar sozinha consigo mesma. Antes de vivenciarmos isto, alguma coisa que nos é preciosa é sacrificada e/ou perdida, abandonada. Temos que nos desidentificar com a fusão sujeito-objeto, com a *participation mystique* inconsciente.[30]

Abandono é estar num estado de constante conexão com o objeto perdido. Existe um momento, durante o processo de luto, em que há uma serenidade no enlutado, um estado de graça. A viagem até o mundo inferior é um rito de passagem e deve ser considerada dessa maneira. Deve-se cruzar o rio e voltar novamente, sozinho. O perigo está em ficar atolado a meio caminho, entre uma margem e a outra. Quantos de nós ainda não lamentamos a perda de uma infância que não foi aquilo que desejaríamos?

Perto do poço de Mnemosine, está a fonte proibida de Lete, o esquecimento. A noção do esquecimento é que, na morte, podemos esquecer as aflições deste mundo e a difícil viagem até

o próximo. Este é um tema elementar, humano, que pertence não apenas aos gregos e aos mitos órficos, mas ocorre em toda parte.[31]

O esquecimento pode ser um obstáculo nesta viagem. Quando os sonhos ou as fantasias da infância são recordados no processo da análise, a cura pode ocorrer. Essas memórias têm-se mantido ocultas para protegê-los. Mas se se mantiverem escondidas para sempre, a pessoa pode permanecer atolada na tristeza e no luto. Uma mulher se lembra de um jogo secreto de que brincava quando criança. Era uma alquimista e inventou a comida perfeita para resolver o problema da fome do mundo. Esse jogo era uma tentativa por parte de seu inconsciente de compensar o fato de que não recebia o alimento correto de seus pais. Acredito que as brincadeiras secretas da infância sejam uma tentativa por parte da psique de proteger o que é curativo e precioso da vigilância por demais invasiva da imagem parental negativa. É por isso também que as crianças, muitas vezes, param de desenhar e colorir em idade precoce, se seu trabalho é criticado por uma figura de autoridade. Isso as protege de sofrerem outros ataques contra a manifestação de sua imagética psíquica infantil, enquanto não chega a idade adulta, quando, espera-se, possam permitir-se expressá-la outra vez.[32]

Os arquétipos da criança triste e da mãe perdida emergem em momentos de perda, sofrimento e abandono intensos. O próprio Jung passou por uma destas experiências, depois de ter rompido sua ligação com Freud. Ocorreu-lhe uma lembrança, carregada de afeto, em que estava com a idade de dez ou onze anos. Lembrou-se de que, quando menino, gostava de brincar com areia e pedras e fazer castelos, e outras coisas. Percebeu que havia esquecido esse jovenzinho, mas ficou evidente para ele que aquela criança continuava viva e queria alguma coisa dele. Jung continuou fazendo o que a criança pedia, anotando cuidadosamente as imagens e fantasias ativadas por esse contato. Denominou esta atividade de “brincar a sério”.[33] Isso ocorreu na época em que Jung estava desesperado com a perda

de sua relação com Freud, assim como com o rumo de sua vida profissional e pessoal.

Por intermédio desse "brincar a sério", Jung entrou em contato com aquela sua criança esquecida e abandonada e a trouxe de volta para sua vida. Poder-se-ia dizer que se tornou a mãe perdida de sua própria criança triste. Através do contato com essa criança interior, irrompeu uma imensa onda de criatividade. No filme *Matter of Heart*, von Franz disse que sempre que Jung estava prestes a começar a escrever um livro, ia até a praia do lago e afundava na areia, fazendo caminhos para que a água escorresse. Ele não permitiu mais que a criança interior fosse esquecida.

O que acontece com a maioria é que permitimos à criança emergir dentro do continente de uma relação e, muitas vezes, buscamos uma relação em que a criança possa vir à tona e brincar. Quando esse recipiente é quebrado, pela morte, por um divórcio ou por outra forma de separação com caráter de abandono, a criança corre a esconder-se e sofre. Muitas pessoas já passaram por essa experiência de trazer uma criança triste e abandonada para uma relação, para que o outro cuide dela. Quando isso acontece, tal união se torna um vaso sagrado para a criança interior criativa, ou um substituto para a relação com essa criança.

8. O abandono da criança

JAMES HILLMAN

James Hillman escreve com paixão, seja qual for o tema. Aqui, onde escreve sobre a natureza infantil de todos nós, talvez esteja em seu momento mais eloquente. O senso de abandono de Hillman não é o da tragédia concreta, o cenário do órfão-sem-pais. Ele enxerga uma doentia sentimentalização da infância que relega a criança interior a um certo estado romântico (embora imaturo), a uma atitude cultural que divide o indivíduo em adulto versus *criança, na qual a criança e seu poder de imaginação têm que ser resgatados de um* status *pueril, perdido, esquecido. Hillman não receia abordar as ambiguidades da língua e da conceituação, para desencadear no leitor a conscientização de sua própria psicologia e, em particular, daquele aspecto que é "perenemente infantil".*

Este ensaio é um excerto de uma palestra que o Dr. Hillman proferiu no verão de 1971, na Conferência de Eranos, em Ascona, na Suíça. Hillman é uma das mais instigantes vozes da psicologia contemporânea. É ex-diretor de estudos do Instituto C. G. Jung, de Zurique, e atualmente é o mais destacado defensor da psicologia arquetípica. É autor e conferencista prolífico, analista junguiano e editor do respeitado periódico Spring.

O que é a criança?

O que é essa "criança"? Esta é, sem dúvida, a primeira pergunta. Tudo o que dissermos a respeito de crianças e infância não é inteiramente, no fundo, sobre crianças e infância. Basta que consultemos a história da pintura para vermos como são peculiares as imagens das crianças, em particular quando as comparamos, em suas distorções, com a exatidão de outros trabalhos contemporâneos retratando paisagens e naturezas-mortas ou com retratos de adultos. Basta que consultemos a

história da vida familiar, da educação e da economia para nos darmos conta de que as crianças e a infância, no sentido em que atualmente empregamos tais termos, são invenções recentes.[1]

O que é esse reino peculiar que chamamos de "infância" e o que estamos fazendo ao estipular um mundo especial com quartos para crianças e brinquedos infantis, roupas, livros, músicas, linguagem, babás, médicos só para crianças, crianças brincando tão segregadas da vida real dos homens e mulheres que trabalham? Sem dúvida, algum setor da psique chamado "infância" está sendo personificado pela criança e por ela contido em prol do adulto. É curiosa a semelhança entre este *daseinsbereich* (setor do ser) e o mundo dos hospícios, há alguns séculos e até mesmo hoje, quando o lunático era considerado uma criança, sob a custódia do Estado ou do olho guardião do médico que cuidava de suas "criancinhas" - os insanos - como de sua própria família. Como é, de fato, extraordinária a confusão entre criança e insano, entre infância e insanidade![2]

A confusão entre a criança real e a sua infância e a criança de fantasia que ofusca nossa percepção da criança e da infância é clássica na história da psicologia profunda. Vocês talvez se recordem de que, a princípio, Freud acreditava que as recordações reprimidas que causavam as neuroses eram emoções esquecidas e cenas distorcidas procedentes da infância do paciente. Mais tarde ele abandonou essa criança, ao perceber que um fator de fantasia havia sido introduzido nos eventos da infância, sem nunca ter de fato ocorrido; estava em atuação uma criança da fantasia e não uma ocorrência real da vida daquela pessoa. Ele foi então forçado a separar a criança de fato da de fantasia, os eventos da infância exterior dos da infância interior. Não obstante, permaneceu convicto de que a tarefa da terapia era a análise da infância. Uma declaração datada de 1919 é típica:

Em termos estritos... o trabalho analítico merece ser

reconhecido como uma psicanálise genuína somente quando tiver conseguido remover a amnésia que oculta do adulto o conhecimento de sua própria infância desde o início (quer dizer, entre o 2º e o 5º anos)... A ênfase que estou dando à importância das primeiras experiências não implica subestimar de modo algum as influências das experiências posteriores. Mas estas se manifestam em voz alta o bastante pela boca do paciente, ao passo que é o médico que deve erguer a voz em defesa das solicitações da infância.[3]

A que infância estava Freud referindo-se? Como já assinalei aqui, há dois anos, crianças de carne e osso nunca foram analisadas por Freud. Ele não analisava crianças. A "infância" que o analista devia recuperar era a infância verdadeira? Nesse sentido, o próprio Freud permanece ambíguo, pois o pequeno ser humano real que chamamos "criança" funde-se com a criança rousseauniana, e até mesmo com a órfico-neoplatônica, que é, "psicologicamente, uma coisa diferente de um adulto..."[4] "A infância tem os seus próprios meios de ver, de pensar e de sentir: nada mais tolo do que tentar substituir os seus meios pelos nossos."[5] A diferença reside na maneira especial que a criança tem de recordar-se: "...a criança apodera-se... da experiência filogenética quando a sua própria não lhe basta. Ela preenche as lacunas da verdade individual com a verdade pré-histórica; substitui ocorrências de sua vida pessoal por ocorrências da vida de seus ancestrais. Concordo plenamente com Jung quando ele reconhece a existência dessa herança filogenética..."[6]

A criança real deixava completamente de ser real porque suas experiências consistiam em confabulações de ocorrências "pré-históricas", isto é, atemporais, míticas, arquetípicas. Dessa maneira, em Freud, a infância refere-se parcialmente a um *estado de reminiscência,* como a *memória* de Platão ou Agostinho, um reino imaginário que proporciona à criança real "seus próprios meios de ver, pensar e sentir" (Rousseau). Esse reino, essa modalidade de existência imaginal, segundo a

psicologia popular e profunda, pode ser encontrado nos primitivos, nos selvagens, nos loucos, nos artistas, nos gênios e no passado arqueológico; a infância das pessoas mergulha na infância dos povos.[7]

Mas a criança e a infância não são reais. Estes são termos para um modo de existir, para uma percepção e uma emoção que ainda hoje insistimos que pertencem a crianças reais e, por isso, construímos para elas um mundo, de acordo com a nossa necessidade de inserir essa fantasia em algum lugar da factualidade. Não sabemos o que as crianças são, em si mesmas, "inadulteradas" por nossa necessidade de termos portadores do reino imaginal, dos "primórdios" (ou seja, da "primitividade", da "criação") e do arquétipo da criança. Não podemos saber o que as crianças são, enquanto não houvermos compreendido mais a respeito do funcionamento da criança de fantasia, a criança arquetípica que existe dentro da psique subjetiva.

Freud conferiu à imagem da criança e à fantasia da infância um grupo de espantosos atributos que talvez vocês recordem: a criança não tem superego (consciência), como o adulto; não faz associações livres, como os adultos, mas confabula reminiscências. Os pais e os problemas da criança são externos, em vez de internos, como no caso dos adultos; desse modo, a criança não tem vida psíquica decorrente de uma transferência simbólica.[8] Essa ausência de consciência pessoal, essa mistura de comportamento e ritual, de memória e mito está muito próxima da vida mental da "loucura", do artista, daquilo que chamamos "primitivo".

Mas ainda mais espantosos que os atributos enunciados por Freud são aqueles que podemos deduzir de suas ideias. Em primeiro lugar, ele deu *primazia* à criança: nada era mais importante em nossa vida do que os primeiros anos e aquele estilo de pensamento e emoção da existência imaginal chamado "infância". Em segundo lugar, Freud outorgou um *corpo* à criança: ela tem paixões, desejos sexuais, anseia por matar,

teme, sacrifica, é rejeitada; odeia e tem anseios e é composta por zonas erógenas, preocupando-se com fezes, órgãos genitais e merecendo o nome de perversa polimorfa. Em terceiro lugar, Freud atribuiu-lhe *patologia*: a criança vive nas nossas repressões e fixações e está na base mesma dos nossos distúrbios psíquicos;[9] ela é o nosso sofrimento.

Esses atributos são de fato espantosos se forem comparados à criança de Dickens, pois Dorrit e Neli, Oliver e David tinham pouco de paixão e de corpo, além de nenhuma sexualidade, principalmente em vista do pequeno Hans e da pequena Anna, e de outras crianças da literatura psicanalítica. A perversidade, *quando* entrava nos textos de Dickens, vinha dos adultos, da indústria, da educação, da sociedade; a patologia ocorria nos leitos de morte que levavam as crianças de volta ao Paraíso. Quando colocamos a perspectiva de Freud em comparação com a de Dickens, podemos enxergar com mais clareza, mesmo que em ambos os autores a criança como fato e a criança como imagem ainda não se tivessem desemaranhado uma da outra.

O ensaio de Jung intitulado "A Psicologia do Arquétipo da Criança", de 1940, adiantou a questão de maneira considerável; a criança real é abandonada e com ela a fantasia do empirismo, a noção de que nossa apercepção do fator, em nossa subjetividade, resulta de observações empíricas da infância real. Jung escreve o seguinte:

Talvez não seja supérfluo assinalar que o preconceito leigo tende sempre a identificar o motivo da criança com a "criança" da experiência concreta, como se a criança real fosse a causa e a pré-condição da existência do motivo da criança. Na realidade psicológica, porém, a "criança", como ideia empírica, é apenas o meio... pelo qual se pode expressar um fato psíquico que não pode ser formulado com mais exatidão. Portanto, enfatizo que, pelas mesmas razões, a ideia mitológica da criança não é uma cópia da criança empírica... não é - e esse é o ponto - uma criança humana.[10]

Que precisão os nossos estudos da criança humana podem ter enquanto não tivermos reconhecido suficientemente a criança arquetípica em nossa subjetividade, como fator que intervém na nossa visão? Deixemos, portanto, a criança e a infância de lado e acompanhemos, em vez disso, aquilo que Jung denomina o "motivo da criança" e o "aspecto infância da psique coletiva".

Nossa questão, agora, passa a ser a seguinte: o que é o *motivo* da criança, que se projeta com tanta nitidez e atrai para si tais fantasias? Jung responde:

A "criança" é tudo o que está abandonado e exposto e que é, ao mesmo tempo, divinamente poderoso; é o começo insignificante e dúbio e o fim triunfal. A "eterna criança" no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, uma desvantagem, e uma divina prerrogativa; um imponderável que determina a presença ou ausência últimas de valor numa personalidade.[11]

Jung elabora os seguintes aspectos gerais e especiais: futuridade, divina invencibilidade heroica, hermafroditismo, princípio e fim, e o motivo do abandono, do qual derivo o meu tema. As elaborações de Jung datadas de 1940 deveriam ser consideradas um acréscimo àquelas já existentes em seus trabalhos anteriores, nos quais o motivo da criança está relacionado ao pensamento mítico arcaico, ao arquétipo da mãe[12] e à bem-aventurança paradisíaca.[13] Alguns aspectos discutidos por Jung já haviam sido descritos por Freud em seu próprio estilo de linguagem. A ideia da criança criativa é encontrada na equação freudiana criança - pênis; e a criança rejeitada, em sua equação criança = fezes. "'Fezes', 'criança' e 'pênis' formam, assim, uma unidade, um conceito inconsciente *(sit venia verbo*) — a saber, o conceito de uma pequena coisa que pode tornar-se separada do próprio corpo."[14]

A estas características acrescento duas outras, procedentes de nossa tradição ocidental: a primeira, especificamente cristã; a segunda, especificamente clássica. Na tradição cristã (Legasse),

"criança" refere-se também ao que é simples, ingênuo, pobre e comum — os órfãos — na sociedade e na psique, como na linguagem dos Evangelhos, em que criança significava pária, pré-requisito para a salvação e, mais adiante, estava associada aos sentimentos do coração, em oposição ao aprendizado mental. Na tradição clássica, a criança aparece naquelas configurações da psicologia masculina representadas especificamente por Zeus, Hermes e Dioniso, suas imagens, mitemas e cultos. O tema da criança pode ali manter-se distinto dos temas da criança-e-mãe e também dos temas da criança-herói, que têm uma implicação psicológica diferente.

Nosso tema segue literalmente Jung quando ele diz: "O tema da criança representa algo que não só existiu no passado distante como existe *agora*... não só um vestígio, mas um sistema que funciona no presente e cujo propósito é compensar ou corrigir, de maneira significativa, a unilateralidade e extravagâncias inevitáveis da mente consciente."[15] Se, de acordo com Freud, a essência do método psicanalítico é alterar alguma coisa e se, segundo Jung, a criança é o que atua como corretivo psicológico, nossas reflexões requerem que tragamos de volta a criança, tirando-a de seu abandono, inclusive quando falamos dela. Então, o tema geral pode passar a concentrar-se especificamente na subjetividade particular de cada uma e agir no sentido de modificar a unilateralidade da consciência com relação à criança.

O abandono nos sonhos

Antes de mais nada, encontramos a criança abandonada nos sonhos, em que nós mesmos, um filho ou outra criança desconhecida é negligenciada, esquecida, está chorando, correndo perigo, passando necessidades, ou coisas assim. A criança torna conhecida a sua presença através dos sonhos; embora abandonada, ainda podemos ouvi-la, sentir o seu chamado.

Nos sonhos modernos, encontramos a criança correndo o perigo

de se afogar, de se deparar com animais, de enfrentar o trânsito de veículos, de ser deixada dentro do porta-malas (o tema da "arca"), ou num carrinho de supermercado ou de carregar criança (o tema da "cesta"); outros perigos são os sequestradores, os ladrões, os membros da família, os incompetentes; as doenças, deformidades físicas, infecções secretas, retardo mental e lesão cerebral (a criança idiota); ou uma catástrofe mais ampla e menos específica, como guerra, inundação, incêndio. Às vezes, a pessoa acorda no meio da noite com a sensação de ter ouvido uma criança chorar.

Em geral, a resposta do sonhador ao tema do abandono é uma preocupação aguda, uma responsabilidade cheia de culpa: "Eu não deveria ter deixado que isso acontecesse; devo fazer alguma coisa para proteger a criança; sou um pai/uma mãe ruim." Se for um bebê que aparece no sonho, acreditamos que devemos manter a noção dessa "criança" conosco o tempo todo, alimentá-la a cada três horas

com meticulosa atenção, levá-la às nossas costas como um bebê índio. Nossa tendência é considerar a criança uma lição de moral.

Mas a culpa impõe o encargo de mudar alguma coisa (Freud) e de corrigir alguma coisa (Jung), em escala extensa, no ego enquanto agente. Afinal de contas, o sonhador não é só o responsável pela criança, ele também é a criança. Por conseguinte, as emoções de preocupação, culpa e responsabilidade, conquanto possam ser moralmente virtuosas e em parte corrigir o descaso, também podem impedir outras emoções, como o terror, a perda e o desamparo. Às vezes, quanto mais nos preocupamos com a criança, menos ela realmente nos alcança. Assim, enquanto assumimos perante um sonho principalmente a postura do ego responsável, reagindo com culpa e com o ímpeto de consertar as coisas, de melhorar com providências a situação, mudando atitudes, extraindo dos sonhos lições de moral para o ego eticamente responsável,

reforçamos justamente esse ego. E, dessa forma, enfatizamos o abismo que existe entre pais e filhos: o ego se torna o genitor responsável que apenas nos destitui das emoções da criança.

É crucial para a integração do sonho - a integração, não a interpretação, pois estamos agora falando de integridade em relação ao sonho, de permanecer ao seu lado e dentro dele, acolhendo-o em todas as suas partes, participando do total de seu enredo - que haja a vivência emocional de *todas* as suas partes. A Gestalt-terapia tenta realizar isso ao exigir do sonhador que se sinta em todos os elementos do sonho: o pai aflito e também os cães selvagens, o rio que transborda e inunda, a infecção secreta, a criança desprotegida. É tão importante desmoronar com o choro da criança sofredora, e odiar selvagemente o pueril, como ir para casa, ao final da hora terapêutica, decidido a tomar melhor conta das partes novas e frágeis que necessitam de ajuda para crescer.

Da mesma forma como a interpretação e a responsabilidade do ego podem fortalecer o pai às custas do filho, também a amplificação não pode atingir a criança abandonada. A amplificação da criança à beira do rio, vagando perdida pela floresta, ou tentando executar uma tarefa que está além de suas forças, nos termos dos contos de fadas, dos mitos e ritos de iniciação, pode macular o tema de forma precisa para que vejamos alguns aspectos claramente - em especial a nova consciência heroica que está emergindo mas a técnica contaminadora da amplificação para fazer aflorar o significado objetivo também pode obliterar a realidade subjetiva do desamparo. A amplificação frequentemente nos afasta da infelicidade, ao colocá-la num nível geral. Para muitos eventos psíquicos, é exatamente essa ampliação do campo da consciência por meio da amplificação que é necessária, mas, precisamente para este tema ela parece ser contraindicada, porque a criança esquecida pode ser mais bem reencontrada por um movimento de aproximação da infelicidade subjetiva e pela acurada observação de sua localização.

Tanto a responsabilidade como a amplificação são métodos insuficientes para este tema. Na qualidade de atividades da pessoa madura, cerebral, distanciam-nos ainda mais da criança.

O abandono no casamento

Uma vez que todo lar estabelecido, todo ninho, todo nicho de hábitos oferece um santuário à criança abandonada, o casamento inevitavelmente evoca a criança. Às vezes, um casamento precoce encerra a intenção óbvia de encontrar um cesto para a criança, inaceitável no lar de origem. O padrão pode prosseguir por muito tempo daí em diante: o marido e a esposa, num acordo tácito, cuidam da criança que foi abandonada em seus próprios lares de origem, e o fazem de tal forma que não conseguem encontrar a criança apropriada a si mesmos.

Estar em casa, voltar para casa, dirigir-se à casa — estas são emoções que se referem às necessidades da criança. Elas indicam abandono. Essas emoções transformam a casa real, suas paredes e teto, na fantasia de um livro de gravuras, com paredes psíquicas e teto psíquico, na qual colocamos nossa vulnerabilidade e dentro da qual podemos nos expor em segurança à perversa e polimorfa fragmentação das nossas demandas. Em casa, não somos apenas a mãe que abraça e o pai que traça a diretriz; somos também a criancinha. Aquilo que em todos os outros lugares é rejeitado deve ser consentido em casa.

Essa realidade, que alguns psicoterapeutas chamaram de "a criança interior do passado" e outros de ''interação neurótica no casamento", é tão importante nas fantasias concretizadas no casamento como o são os vários padrões da *coniunctio* descritos por Jung. O que impede a realização das aspirações da *coniunctio* são as ferozes exigências incestuosas da criança, cujos desejos de união são de uma outra ordem que não a do quatérnio conjugal[16] e cuja imagem de quem "contém" e de quem é "contido"[17] obedece inteiramente aos termos do seu ansioso desamparo. Aonde mais ela pode ir? Esta também é sua

casa e, mais importante para ela do que marido e mulher, são mãe e pai, acolhimento e proteção, onipotência e idealizações.

Um dos propósitos do casamento tem sido definido como a procriação e a criação dos filhos. Mas também existe a criança arquetípica, constelada pelo casamento e cuja necessidade de atendimento destruiria o casamento ao insistir que ele pusesse em prática os padrões arquetípicos, que são "pré"-conjugais (não-iniciados, infantis, incestuosos). Ocorrem então aqueles conflitos entre as crianças de verdade e o filho psíquico dos pais, conflitos sobre quem vai ser abandonado. O divórcio então ameaça não só os filhos de verdade como também a criança abandonada dos pais, que encontra no casamento um continente.

A concentração do abandono no casamento porque não há outro lar para ele faz com que o casamento se torne o palco principal para a encenação do arquétipo da criança (e não da *coniunctio).* No casamento, encontramos as idealizações da criança: o matrimônio como alfa e ômega da vida, o hermafroditismo vivido como "partilha de papéis", a futuridade vivida como planejamento das esperanças e dos temores, a vulnerabilidade defensiva. As tentativas do casal para conter a criança (e não um ao outro) produzem um padrão familiar que se alterna entre a emotividade e a ausência absoluta de emoções, e um casamento petrificado na norma social. Perdida nessa oscilação está a imaginação que a criança pode trazer. A imaginação é purgada em afetos ou concretizada em planos e hábitos que mantêm a criança imobilizada. Se podemos falar de uma ''terapia conjugal", esta teria que se basear, não na ''interação neurótica" do *casal,* mas na criança como fator central do casamento, e na sua imaginação, quer dizer, no cultivo da psique imaginal, a peculiar vida de fantasia que transcorre ludicamente entre a sua criança e a minha.

O batismo da criança

Em geral, sentimos que há alguma coisa fundamentalmente errada com relação à criança, e esse erro é então atribuído por

nós à criança. As sociedades têm que fazer alguma coisa com respeito às crianças, para consertar esse erro. Não recebemos as crianças do modo como elas nos são dadas; elas precisam ser removidas da infância. Nós as iniciamos, educamos, circuncidamos, vacinamos, batizamos. E se, à maneira dos românticos, idealizamos a criança — e idealizações são sempre um sinal de distância — e a chamamos de espelho da natureza, nem por isso confiamos cegamente nessa natureza. Até Emanuel (Isaías, 7:14-16) teve primeiro que comer manteiga e mel antes de poder distinguir entre o bem e o mal. A criança, em si, deixa-nos inquietos, ambivalentes; sentimo-nos ansiosos diante das propensões humanas concentradas no símbolo da criança. Ele evoca uma grande parte daquilo que ficou do lado de fora, que é desconhecido, e se associa facilmente ao que é primitivo, louco e místico.

Quando analisamos as primeiras controvérsias sobre o batismo das crianças, refletimos sobre qual era exatamente o conteúdo psicológico que animava aquelas excelentes mentalidades patrísticas. A energia que investiram na criança é comparável à que a moderna psicologia lhe tem devotado. A princípio, porém, eles (Tertuliano, Cipriano) não insistiam no batismo precoce, e Gregório de Nazianzo preferia que a criança já exibisse um certo grau de mentalidade, por volta dos três anos, para então batizá-la. Mas Santo Agostinho era inflexível. Uma vez que o homem nascia do pecado original, trazia consigo a mácula para o mundo, tal como Agostinho fizera, em seu passado pagão. Somente o batismo poderia purificar a criança. Santo Agostinho era incisivo a respeito da necessidade de salvação da criança, e escreveu: "Os que pedem pela mimese da criança não devem amar a sua ignorância, mas sim a sua inocência."[18] E o que é inocente? "É a fraqueza das faculdades da criança que é inocente, não sua alma."[19] Como isto é freudiano: a criança não pode desempenhar com suas faculdades, ainda por demais juvenis, aquelas perversidades latentes que estão em sua alma. A alma não continha o mero pecado geral, mas o pecado

específico dos impulsos pré-cristãos, a-cristãos, típicos do paganismo politeísta que Freud, mais adiante, iria descobrir e batizar de "perverso polimorfo" e que depois Jung descreveria, com maior compreensão, como arquétipos. O batismo poderia redimir a alma de sua infantilidade, daquele mundo imaginal de uma multiplicidade de formas arquetípicas, de deuses e deusas, seus cultos e as práticas não-cristãs que consubstanciaram.

Na medida em que a criança não é um vestígio, mas um sistema que está em funcionamento agora, e na medida em que um sacramento não é um vestígio de um acontecimento histórico passado, mas continua vivo agora, o batismo da criança *está acontecendo sempre*. Estamos continuamente batizando a criança, polindo a "infância" da psique, seus "primórdios", suas reminiscências, com os ritos apotropaicos da nossa cultura agostiniana, purgando a alma de sua possibilidade imaginal politeísta, que, emblematicamente, está contida na criança, tornando assim a criança da psique uma "prisioneira de Cristo" (Gregório de Nazianzo: "Em Honra de Basílio"), de um modo muito semelhante àquele como a Igreja, no início, substituía os bebês dos cultos aos heróis e do panteão pagão pela criança Jesus.

Esse processo de cristianização desenrola-se sempre que nos vinculamos aos temas da criança nos nossos sonhos e sentimentos usando apenas os modelos cristãos. Consideramos, então, o potencial polimorfo de nosso inerente politeísmo como fundamentalmente necessitado de atualização por meio de sua transformação em unidade. É assim que impedimos a criança de desempenhar sua função como fator que provoca alterações. Nós a corrigimos, em vez de deixar que ela nos corrija.

Regressão, repressão

O batismo servia a duas funções para as quais temos termos contemporâneos: ele impedia a regressão e oferecia repressão. Nossa vivência imediata da criança, hoje, é através dessas experiências.

O que a psicologia profunda chegou a denominar regressão não é senão o retorno à criança. Sendo assim, poderíamos indagar da psicologia, de uma forma mais fundamental, o que ela acha de uma maturidade que tem como contrapartida a regressão, e o que ela acha de um desenvolvimento que exige que a criança seja abandonada. A regressão é a sombra inevitável de estilos lineares de pensamento. O modelo do desenvolvimento será atormentado por seu contramovimento, o atavismo; e sua reversão será vista, não como um retorno, através da semelhança, à realidade imaginal segundo diretrizes neoplatônicas (Proclus, Plotinus), mas como regressão a uma condição pior. A psicologia apresenta o "retornar" como "descer", como involução a padrões anteriores e inferiores. Maturidade e regressão tornam-se incompatíveis. Perdemos o respeito pela regressão, esquecendo-nos de que as coisas vivas precisam "voltar" aos "primórdios".

A regressão se torna tolerável na teoria de hoje somente em termos de uma "regressão a serviço do ego" (E. Kris, *Psychoanalytic Explorations in Art,* 1952). Mesmo Jung considerava a regressão principalmente compensatória, um recuar para saltar melhor adiante. Em Maslow, Erikson, Piaget, Gesell e também na psicologia freudiana do ego, se não avançamos segundo certas trilhas bem pesquisadas, de um estágio para outro, tornamo-nos fixados na "infância" e exibimos um comportamento regredido, estilos denominados pueris e infantis. Por trás de cada passo adiante rumo à "realidade" existe a sombra ameaçadora da criança, hedonista ou mística, dependendo de como consideramos a reversão à primordialidade. Essa criança nós apaziguamos com sentimentalismo, superstição e "kitsch", com férias condescendentes e com presentes, e com a psicoterapia, que, em parte, deve sua existência e subsistência material ao empuxo regressivo da criança.

Nosso modelo de maturidade tende a tornar atraente a regressão. Idealizamos a distância o estado angelical da infância

e sua criatividade. Ao abandonar a criança, colocamo-la na arcádia, nascida à beira-mar, embalada, ninada suavemente ao nível da água entre caniços e arbustos, nutrida por ninfas que satisfazem com prazer cada um de seus caprichos, por pastores, velhas e doces babás que acolhem o pueril, o regredido. É claro que, depois, instala-se novamente o contramovimento: constela-se o aqui; da criança abandonada brota o grande salto adiante, a drenagem do Zuyder Zee à qual Freud comparou o trabalho da psicanálise.[20]

Uma vez que o conteúdo principal da regressão é a criança, a revolução contemporânea em defesa do reprimido - o negro ou o pobre, o feminino ou o natural ou o subdesenvolvido - torna-se, inevitavelmente, a revolução da criança. As formulações tornam-se imaturas, num estilo patético, o comportamento, regredido e a ambição, ao mesmo tempo invencível e vulnerável. O hermafroditismo do arquétipo também desempenha seu papel na revolução, tal como aquela peculiar mistura de começo e fim: a esperança exemplificada na destruição apocalíptica. O nosso tema toca, portanto, na relação que a psicologia tem com a sua época e no seu embate com a criança; e tudo isso sugere que pode ser produtivo refletir sobre as declarações de (Herbert) Marcuse, (R. D.) Laing e (Norman O.) Brown a respeito da revolução contemporânea do reprimido à luz da psicologia arquetípica, isto é, como manifestações do culto à criança.

Seria preferível à divisão em criança e adulto e aos subsequentes padrões de abandono que estivemos delineando uma psicologia menos entregue à criança, com seus tormentos e seu romantismo. Teríamos então uma psicologia descritiva do homem — de quem um aspecto é perenemente criança, contendo sua incurável fraqueza e a babá para ela - que não representaria a criança nem pelo desenvolvimento nem pelo abandono, mas que conteria a criança, o conteúdo criança. Nossa experiência subjetiva poderia então refletir-se numa psicologia que seria ao mesmo tempo mais exata em sua

descrição e mais sofisticadamente clássica, em que a criança está contida no homem, que carrega em si, no rosto e no semblante, a vergonha do pueril, sua psicopatologia imutável — não transcendida, não transformada — e as invencíveis e elevadas esperanças ao lado da vulnerabilidade dessas mesmas esperanças, que carrega em si seu abandono com dignidade, e cuja liberdade vem do imaginal, redimido da amnésia da infância.

9. O arquétipo do órfão

ROSE-EMILY ROTHENBERG

Este ensaio define o arquétipo do abandono, do órfão, e o acompanha com consumada habilidade através dos mitos, histórias, contos de fadas, literatura e, o que talvez seja o mais importante, através da experiência pessoal da própria autora. Este é um bem-esculpido tratamento do tema do abandono, que detalha os apuros do "órfão interior". A sra. Rothenberg, analista junguiana, fala com máxima profundidade quando diz: "Somente quando a pessoa está verdadeiramente só é que o potencial criativo, encravado no mais fundo de seu ser, tem espaço e condições para emergir à luz do dia." Este texto foi originalmente publicado no periódico Psychological Perspectives, *1983.*

Meu nome é Rose-Emily em homenagem à minha mãe. Antes de eu nascer, ela confidenciou à sua melhor amiga que pensava que ia morrer. Seis dias depois de eu ter nascido, enquanto ainda estava no hospital, ela teve uma infecção e morreu.

Um ano e meio mais tarde meu pai casou-se de novo. Minha primeira recordação de infância é a de estar em pé na sala de jantar, com meu pai, a esposa dele e minhas duas irmãs. Meu pai então nos disse: "Esta não é sua verdadeira mãe, é sua madrasta." Minha irmã de 14 anos não disse nada. Mas minha outra irmã, um ano e meio mais velha que eu, berrou e chutou e gritou: "Não, isso não é verdade!" Eu só fiquei ali, em silêncio. Senti um medo imenso, sabendo que teria que agradar a essa mãe de qualquer jeito, senão ela também iria deixar-me.

Muitos anos depois, tentei imaginar o que eu devia ter sentido quando minha mãe me deixou depois de apenas seis dias. Imaginei cair num grande abismo negro, sem nada lá para me segurar. Tudo estava incrivelmente parado. Senti-me abandonada, como se tivesse sido arremessada num abismo e

largada lá, sozinha. Tenho-me consolado muitas vezes pensando que Deus criou o mundo em seis dias. Eu tive minha mãe por seis dias: foi só o tempo suficiente para que eu tivesse um começo.

O primeiro sonho de que me recordo tem vivido com nitidez em mim. Na época eu tinha mais ou menos quatro anos.

Estou em pé no centro da casa onde morei na infância. Atrás de mim está uma árvore morta com galhos nus, sem folhas. Dos meus antebraços nascem cobras pretas.

Contei esse sonho para vários analistas e todos ouviram com atenção, mas nenhum deles tentou interpretá-lo. Eu o venho contemplando, pois vivo com ele. A árvore é muitas vezes um símbolo do espírito eterno que perde suas folhas, morrendo para depois viver. A árvore morta do meu sonho parecia conter a alma de minha verdadeira mãe, e as serpentes que nascem dos meus braços representavam a reação de minha psique à sua morte.

Serpentes transmitem energias poderosas. Essas energias podem ser usadas como veneno ou como panaceia. As serpentes exemplificam tanto o que é mais elevado como o que é mais baixo no homem: a destruição ou a sabedoria divina. As serpentes simbolizam tanto o nível de vida mais primitivo como o renascimento e a ressurreição. Podem também representar a encarnação dos mortos e, talvez, fossem, no sonho, um continente para o espírito de minha mãe.

Dar serpentes à luz foi o meu dilema de órfã. Eu poderia permanecer no inconsciente e sucumbir aos seus venenos ou usar os seus poderes de cura para participar da vida.

Muitos anos depois, tive um sonho em que Jung aparecia.

Eu estava indo visitar Jung, pois ele iria morrer em breve. Eu queria falar com ele a respeito dos meus progressos no treinamento para analista. Ele me disse: “Você precisa integrar as duas dores da sua vida. É sobre isso que você precisa

trabalhar."

Até no sonho eu sabia que ele queria dizer que eu precisava entender e integrar a morte da minha mãe e a vinda de minha madrasta, e o que significava ser órfã.

O termo órfão foi usado pelos alquimistas como nome de uma pedra singular, gema semelhante ao nosso atual brilhante solitário, encontrado na coroa do Imperador. Os alquimistas igualavam a pedra órfã à *lapis philosophorum,* a pedra filosofal. Essa pedra corresponde à totalidade, ao "um"; representa a idéia psicológica do Self. A *lapis* é a pedra dos sábios, a gema do processo de individuação. Num certo texto, era conhecida como o órfão sem lar, morto no começo do processo alquímico para facilitar a transformação. Essa representação é a forma gráfica do que sucede ao órfão real depois que lhe é imposta a separação inicial e brutal. Também ele é "morto" antes que o processo de transformação lhe permita descobrir o significado deste evento ímpar em sua vida.

A *lapis* ou pedra também é conhecida como algo que é ao mesmo tempo vulgar e precioso, constituindo um conjunto de opostos bastante familiar ao órfão. Ele muitas vezes se sente como se fosse ou o "mais inferior" ou o "mais superior".

A imagem bíblica da pedra rejeitada pelos construtores, que se torna a principal pedra angular de uma edificação (Salmos, 118:22), também invoca o arquétipo do órfão. A pedra que Jung esculpiu em sua torre de Bollingen era dessa natureza. Em *Memórias, Sonhos e Reflexões,* Jung fala sobre um erro que aconteceu nas dimensões da pedra angular. O pedreiro de Jung queria devolvê-la. Jung imediatamente sentiu que ela era a "sua" pedra e insistiu em mantê-la. Subitamente um verso em latim lhe veio à mente, verso que se referia à *lapis* como elemento menosprezado e rejeitado, e ele inscreveu-o na pedra:

Aqui está a pedra malvinda, a pedra sem valor.
É de preço muito barato!
Quanto mais é desprezada pelos tolos

Mais é amada pelos sábios.

No terceiro lado da pedra, o que ficaria de frente para o lago, ele "deixou que a própria pedra falasse" e esculpiu as seguintes citações alquímicas (traduzidas da inscrição em latim):

Sou órfã, solitária. Apesar disso, encontram-me em toda parte. Sou uma, mas oposta a mim mesma. Sou jovem e velha e uma só ao mesmo tempo. Não conheci nem pai, nem mãe, porque tive que ser buscada no fundo, como um peixe, ou caí como uma pedra branca do céu. Nas matas e montanhas vagueio, mas estou oculta no mais íntimo recesso da alma do homem. Sou moral para todos e, no entanto, não sou tocada pelos ciclos das eras.

O arquétipo do órfão frequentemente é ilustrado num número surpreendentemente grande de figuras míticas e legendárias, sugerindo a íntima ligação entre ser órfão e ser herói. Entre essas figuras temos a do herói mesopotâmico chamado Sargon e as figuras bíblicas de Moisés e Joshua Ben Nun; temos incontáveis deidades gregas (Édipo, Esculápio e Dioniso), a rainha síria Semíramis, o fundador de Roma, Rômulo, e o rei inglês Artur, além de seu cavaleiro Tristão. Todas essas figuras partilharam o destino de serem separadas de suas mães e criadas por outras pessoas.

Como indicam muitos exemplos mitológicos, o arquétipo do órfão está inextricavelmente vinculado ao do herói, mas também tem sido constelado na psique dos mortais que estão prestes a partir na jornada do herói. Por exemplo, a imagem do órfão tem um apelo para o jovem que empreende seu rito de passagem, deixando a segurança e a proteção da família. Ele se submete à perda psíquica de seus pais e a subsequentes sentimentos de solidão e isolamento, que recordam a separação física entre o bebê e sua mãe. O adolescente que perde o pai ou a mãe é duplamente afetado pelas perdas, a simbólica e a real, e pode sofrer de maneira considerável.

Em *Símbolos de Transformação*, Jung escreveu que os

adolescentes cujas condições domésticas são difíceis e que têm um futuro desconhecido pela frente podem devanear que são filhos adotados cujos verdadeiros pais são reis que algum dia regressarão para pegá-los de volta. Sua verdadeira identidade será então revelada de forma dramática. Uma outra variação do devaneio do órfão incorpora o fato de que quem é literalmente órfão, por não ter os elos familiares habituais, está livre para se dedicar à descoberta dos mistérios da vida, participando de quaisquer aventuras românticas que venha a imaginar e realizando inúmeras proezas ao longo do caminho.

A fantasia de ser adotado não está, de modo algum, limitada aos adolescentes. Muitas crianças menores têm repetidos devaneios de serem órfãs. Independentemente da idade, a ocorrência frequente desta fantasia pode indicar uma tentativa por parte da psique de estabelecer a ideia da singularidade pessoal e do impulso intrínseco de empreender a própria viagem individual, na vida, para cumprir o próprio destino.

Embora estas fantasias sobre os órfãos se baseiem, na sua maior parte, em antigas crenças folclóricas, também se originam de algumas práticas sociais consagradas. Na antiguidade, as crianças eram às vezes cruelmente abandonadas e expostas ao desamparo por causa de algum estigma social relacionado com defeitos de nascimento, tabus religiosos, ilegitimidade e pobreza. Quando os pais queriam oferecer-lhe alguma chance de sobrevivência, embrulhavam o bebê num cobertor e deixavam-no numa região bastante povoada, onde seria facilmente descoberto. Por outro lado, algumas crianças não-desejadas eram largadas em pontos isolados, onde seria inevitável sua morte pelo ataque de animais selvagens ou pela exposição ao clima e a carências de vários tipos.

O órfão, como arquétipo, tem aberto seu caminho através de múltiplas narrativas. As conhecidas histórias de Harold Grey - *Orphan Annie* -, de Johanna Spyri - *Heidi* — e de Frances Hodson Burnett — *The Little Princess* (ou *Sara Crew)* — são

todas muito famosas como narrativas sobre órfãs.

Também são igualmente famosas as crianças de Charles Dickens. Em "The Dickens Child: From Infantilism to Wholeness", John McNeary discute cada um dos personagens de Dickens, os estágios iniciais de seu abandono, como são incompreendidos e maltratados e, por fim, sua viagem arquetípica de descoberta da própria identidade. McNeary escreveu que a criança órfã alcança suas metas "somente após terríveis dificuldades e a quase destruição, pois a luz que a criança carrega sempre corre o perigo de ser tragada pela escuridão".

Dois dos andarilhos mais notáveis da literatura americana são Ismael, de Melville, narrador bíblico de *Moby Dick,* e Ahab, capitão de seu navio, o *Pequod.*

Em *Melville's Moby Dick: A Jungian Commentary,* Edward Edinger escreveu: "Ismael é o órfão rejeitado que, não por culpa sua de qualquer espécie, foi cruelmente expulso e condenado a vagar sem rumo fora dos limites de sua região. Portanto, Ismael é o protótipo do homem alienado, do forasteiro que se sente sem lugar na natureza das coisas."

Além da alquimia, da mitologia e da literatura, está a realidade crua daquele que é literalmente órfão. Muitos autores tornaram-se eles mesmos órfãos antes dos seis anos: Edgar Allan Poe, as irmãs Brontë, George Sand, Jonathan Swift, Rousseau, Tolstoi, Baudelaire, Hawthorne, Byron, Dante e tantos outros. Os personagens de seus livros frequentemente refletem as vivências de suas perdas prematuras.

Para examinar os complexos psicológicos que atormentam os órfãos, precisamos primeiro considerar o significativo relacionamento primário do qual surge o órfão, e do qual saiu como criança abandonada. Em seu livro *The Child,* Erich Neumann escreve: "Assim que avaliarmos o significado positivo da total dependência da criança em relação ao vínculo primal, não poderemos surpreender-nos diante dos efeitos

catastróficos que se seguem quando esse relacionamento é perturbado ou destruído."

Pessoas não-órfãs, como crianças adotadas ou filhos de pais divorciados, também podem deparar-se com o trauma psicológico da perda. Mesmo quando o pai e a mãe estão presentes, a criança pode sentir-se abandonada, se sentir que sua mãe não a escuta, não a ouve. Quando a criança não é aceita em sua realidade, ela não vivencia a autenticidade de seus próprios sentimentos. Alice Miller, em *Prisoners of Childhood*, observou que isso cria uma sensação de vazio, futilidade e expatriação na criança. Não é preciso que ela seja literalmente órfã para ter os sentimentos da orfandade, mas estes sentimentos são mais intensos em quem é literalmente órfão.

Já em idade muito precoce, a mãe representa o Self. Uma viva ligação com a mãe, que contém essa importante projeção geradora de vida, é crucial para que o recém-nascido tenha a sensação de segurança e valor pessoal. A mãe também contém o elo com o passado maternal, que remonta até o primeiro elo com a própria Terra. Quando esse relacionamento primário fundamental for comprometido, ou quando a nova vida do bebê for isolada logo no nascimento, o seu ego será prematuramente remetido a si mesmo e reduzido a contar com seus próprios recursos. O bebê experimentará então o abandono.

Segundo a minha concepção, três complexos psicológicos principais costumam resultar dessa catástrofe. Eles constituem o perfil psicológico básico do órfão. Em primeiro lugar, existe uma profunda sensação de ausência pessoal de valor. O calor materno oferece à criança a sensação de valor, num nível primário. Quando esse amor é retirado a pessoa se sente rejeitada, acha que fez alguma coisa errada ou foi considerada totalmente inaceitável. Neumann traduziu a situação com as seguintes palavras: "A criança é expulsa da ordem natural das coisas e passa a duvidar da razão de sua própria existência."

Essa sensação de ausência de valor coliga-se ao segundo

aspecto mais proeminente da psicologia do órfão, que é a sensação de culpa. Essa culpa é arcaica, e não deve ser confundida com a culpa mais consciente que a pessoa sente quando deixa os pais, que tem maior afinidade com a culpa de tornar-se mais consciente ou de estar vivo. Neumann disse: "A vivência de não ser amado é idêntica à de ser anormal, doente, leproso e, acima de tudo, condenado. Em vez de acusar o mundo ou os outros, o órfão sente culpa." Uma vez que o Self não foi constelado, o órfão sente que o Self (a mãe) lhe deu as costas, e que esse é um julgamento de ordem superior pelo qual deve carregar sua condenação.

A busca do genitor perdido, ou daquilo que a mãe representa é, na vida do órfão, soberana. Fruto dessa necessidade insaciável de preencher a lacuna criada pela morte da mãe, ele a busca em toda parte. Em seu artigo "Paracelsus as a Spiritual Phenomenon", Jung escreveu: "Quanto mais remota e irreal for a mãe pessoal, mais profunda e inexorável será a ânsia na alma deste filho, despertando aquela imagem primordial e eterna da mãe em nome da qual tudo que abraça, protege, nutre e ajuda assume uma forma material, desde a *Alma Mater* da universidade até a personificação das cidades, dos países, das ciências e dos ideais." Essa interminável busca pela mãe pode desencadear sérios apuros na vida da pessoa.

Em geral, o órfão sente que tem uma dor que não pode ser aliviada e, dessa maneira, consente em ter pena de si mesmo. Espera que os outros sintam pena dele e o coloquem sob sua proteção pessoal. Sente que é "o magoado" e por isso precisa de toda a assistência que conseguir obter. Esse quadro mental desencadeia um problema de dependência de magnitude considerável. Uma vez que o órfão perdeu sua ligação com a fonte original de sustentação da vida, apega-se à pessoa que lhe oferece segurança — pela qual tanto esperou - como se sua própria sobrevivência dependesse disso. Para tanto, apegar-se-á a qualquer objeto, pessoa ou forma de comportamento que, para ele, represente segurança (sexo, dinheiro, etc.), até o momento

que descobrir que esse objeto não tem mais para si o mesmo significado, ou seja, não contém mais a projeção da mãe. Nesse momento, o órfão simplesmente descartará o objeto de sua projeção ou se afastará, alimentando, geralmente, sentimentos hostis por quem não correspondeu às suas necessidades ou expectativas.

Uma vez que o órfão não tem o bastante de "si mesmo", sente que tem valor apenas quando está na presença de uma outra pessoa. Estar com terceiros torna-se vital, mas serve apenas para dar-lhe a ilusão de segurança. No caso de se desenvolver uma dependência mútua, as duas pessoas podem então ficar emaranhadas num elo simbiótico inconsciente. Nenhuma das duas consegue deixar esse vínculo enquanto o conteúdo de sua união, de seu envolvimento, não se tornar consciente.

Essa condição de dependência do órfão coloca-o na "posição da criança inocente" e constela o genitor na outra pessoa; o órfão, então, torna-se a criança-vítima da autoridade induzida dessa outra pessoa. Sente que "se eu for a criancinha boazinha, talvez ela cuide de mim". Sua identidade de vítima-desamparada elicia o arquétipo correspondente da megera-tirano por parte da outra pessoa. Também pode acontecer o inverso. O órfão começa a se comportar exatamente como a megera ou o tirano, e a assumir suas características e padrões de comportamento. Viver sob o jugo de um destes dois papéis — o da vítima ou o do opressor — sugere que a pessoa está possuída pelo lado negativo do arquétipo pai-filho. Quando ela se identifica com um dos lados ou é possuída por um deles, abdica de seu funcionamento independente.

A situação de excessiva dependência entre duas pessoas cria uma condição psicológica improdutiva e, consequentemente, perigosa para os dois indivíduos em questão. Para evitar a sufocação que essa situação inevitavelmente cria, ou um ou o outro será forçado a partir. Isto desencadeia um dos complexos mais obsessivos do órfão, o medo de ser deixado, que inclui a

sempre presente preocupação com a possibilidade de "ser deixado de fora" e, por outro lado, a necessidade de ser constantemente incluído.

O órfão tem um medo imenso de ser deixado ou abandonado, especialmente por uma pessoa que tenha adquirido para ele uma grande significação. Fará coisas impensáveis para evitar que isso aconteça. O medo pode ser um sentimento bastante insidioso em sua vida. Ele pode, inclusive, deixar a pessoa primeiro, apesar de seu desejo de ficar na relação, apenas para evitar que se repita a experiência de ser largado. Por outro lado, pode envolver-se em mentiras, trapaças ou sonegação de informações (até pessoais), se estas de alguma maneira indicarem a perspectiva de uma separação ou de um afastamento. Ao lançar mão desse subterfúgio, ele se trai e trai também a outra pessoa, sacrificando de roldão importantes valores existenciais. Torna-se vítima das forças obscuras que tentou ocultar. Até que o órfão se torne consciente dessa atitude de excessiva dependência e de suas eventuais consequências, ele pode constelar seu destino original de ser repetidamente abandonado.

O terceiro legado psíquico mais significativo do órfão é uma profunda atração pela morte. A imagem arquetípica do órfão inclui o elo de ligação entre a vida e a morte. O órfão é o sobrevivente de uma experiência de morte, mas está ligado por poderosos elos de afeto e lealdade a esse genitor, que está no além. A mãe morta exerce uma profunda atração sobre a criança órfã, e a ausência ou a morte da mãe pressagiam a morte da própria criança. Na realidade, alguma parte da psique não-nascida ainda pode morrer com a mãe e não se desenvolver. A pessoa sente que alguma coisa está faltando, alguma coisa que ficou para trás, no útero.

Depois de ter sobrevivido a uma experiência compartilhada de morte e de ter novamente recuperado a vida, o órfão pode se sentir especialmente favorecido pelos deuses. Uma vez que

alguém ou alguma coisa poupou sua vida, ele presume que deve ser uma pessoa muito especial, para ter merecido essa especial graça. Desta atitude inflada, nasce muitas vezes uma inflação de consideráveis proporções e sintomas subsequentes de narcisismo e egocentrismo. Por outro lado, uma inflação negativa que assume a forma do "sofredor heroico", com um complexo de inferioridade, pode se desenvolver com igual facilidade. Sentimentos de culpa e de ausência de valor pessoal são ingredientes básicos desse complexo de inferioridade.

O impulso de morte possui encantos peculiares para o órfão. É equivalente à atração do grande inconsciente. É tanto temido quanto apavorante e, ao mesmo tempo, sedutor e cativante. A pessoa racionaliza: "Se (minha mãe) fez isso, por que não eu?" Num certo nível, essa tensão entre vida e morte é vivenciada quando a pessoa se encontra no limiar de cada renascimento ou empreendimento criativo. A ânsia de recusar a tarefa e de não ultrapassar o estado atual é um dilema sempre presente. Para o órfão, o estado inevitável de caos que precede cada novo nascimento é um doloroso momento de recordação de sua experiência traumática inicial de caos. Por ter tido sua vida nova em folha apartada no instante em que nasceu, o órfão pode dar suas costas à vida. Também pode entrar num estado de dependência no momento em que se situa no limiar do desconhecido. Sem uma ligação consciente com essa experiência de medo e sem o entendimento de suas raízes, ele pode facilmente imobilizar-se nesse momento crucial de transcendência e não superá-lo.

Uma outra experiência de morte que ocorre com o órfão é a "síndrome do aniversário". Existe nele uma poderosa tendência a reviver seu trauma de infância num momento específico, como quando o órfão atinge a idade cronológica da mãe ao morrer, ou quando a filha órfã está para dar à luz.

Um bom exemplo disto pode ser encontrado num artigo de 1928, escrito por Marie Bonaparte, analisanda, amiga e colega

de Freud. Na tradução para o inglês chamou-se "The Identification of a Girl with Her Dead Mother" [A Identificação de uma Menina com Sua Mãe Morta]. A mãe de Marie morrera de tuberculose quando ela estava com um mês de nascida. Aos quatro anos, Marie ficou doente de tuberculose e não se esperava que passasse de uma certa noite. Embora tivesse se recuperado plenamente de sua doença, seus sintomas voltaram alguns anos antes de ela completar vinte e um anos, que era a idade de sua mãe quando morreu. Apesar de todas as garantias de que estava com saúde, convenceu-se de estar sofrendo de tuberculose e foi de um médico a outro, até entregar-se, por fim, a um período de repouso absoluto. Logo depois ultrapassou a marca dos 21 anos e sentiu-se completamente curada. Um outro detalhe interessante do artigo é que ela possuía um anel com uma opala que a mãe comprara logo depois de casada e que Marie achava que devia ter sido um mau presságio, prenunciando sua morte iminente. Na época em que ficou grávida, Marie procurou o anel e ele havia misteriosamente desaparecido. Depois que ela decidiu não ter mais filhos, milagrosamente encontrou o anel em uma gaveta de sua cômoda. Não se deu conta da ligação entre esses acontecimentos de sua vida e a identificação inconsciente com a morte da mãe até a irrupção desses elementos em sua análise com Freud. Mais tarde escreveu a respeito de suas fobias e visões, e de sua sensação de ter vivido a infância com culpa e medo de vingança, por ter causado a morte da mãe.

Quando acontece um trauma ou um dano profundo, surge um esforço compensatório na psique, que com isso procura alcançar um estado de equilíbrio. Sempre que existe perda ou vácuo, a natureza tenta preenchê-lo. No caso do órfão, quando uma pessoa tão significativa quanto a mãe está ausente ou é perdida, normalmente será encontrada uma mãe substituta. Depois do trauma inicial da morte da mãe real, essa é, muitas vezes, a segunda maior dificuldade a ser superada pelo órfão.

Se o órfão não tomou plena consciência dos aspectos tenebrosos

de seu destino, nem os integrou, esses aspectos, então inconscientes, serão usualmente projetados. É assim que a mãe substituta fica incumbida de conter o lado escuro do arquétipo, independentemente de ele se ajustar a ela ou não. Uma vez que a mãe real está ausente, o órfão tem, com frequência, a fantasia de que ela teria sido perfeita, ideal, altruísta. E à mãe viva resta conter o elemento oposto, o lado demoníaco e escuro. Já que a madrasta não é a "coisa real", nem o enteado é o "verdadeiro filho", tanto ela como ele ficam relegados a suportar uma psicologia de "o remédio é esse", nessa constelação dual mãe-filho.

Uma pesquisa de 1980 sobre a morte prematura de genitores e a enfermidade mental, conduzida por John Birtchnell na Inglaterra, revelou um ponto interessante acerca da substituta negativa da mãe. A pesquisa indicou que não era a morte precoce da genitora que predispunha o sujeito a uma enfermidade mental, mas, sim, a qualidade da substituição da mãe que era o fator crítico da futura condição mental do órfão. As circunstâncias que cercam o órfão após a morte exercem uma profunda influência sobre o seu bem-estar psíquico. Lidar conscientemente com as questões e com os sentimentos que inevitavelmente surgem, falar sobre eles, pode ajudar a criança a integrar a experiência.

As atitudes e o comportamento do genitor sobrevivente afetam de maneira significativa a capacidade do órfão de integrar a perda e os seus sentimentos de luto. Se a criança for forçada a pôr em prática o papel de esposa e mãe perdidas, perderá de todo o contato com sua infância e seu local apropriado na estrutura familiar. Se o genitor sobrevivente se tornar emocionalmente dependente do órfão, este pode-se deparar com a dificuldade, entre muitas outras, de efetuar uma separação normal desse genitor, quando for o momento adequado para deixar o lar.

Ter uma mãe substituta no lugar da mãe natural elicia o

arquétipo da mãe dual, implícito no destino do órfão. Nesse arquétipo existem dois opostos fortemente constelados, que podem ser chamados "negativo-madrasta-megera" e "positivo-mãe-espírito". O primeiro tem potencial destrutivo sobre o órfão, e o segundo pode surtir um efeito curativo.

Existe um conto de fadas popular em que se encontram estes opostos da madrasta negativa e da fada madrinha. A vivência intensa dessas duas mães proporciona o elemento catalisador para colher uma boa sorte. Trata-se da história de Cinderela. Como esse é um conto muito bem conhecido, limitar-me-ei, em minha amplificação, à parte da história em que o aparecimento da fada madrinha ajuda Cinderela a abrir seu caminho de transformação, deixando de ser uma serviçal para tornar-se uma linda mulher que vai ao baile e encontra o príncipe.

Nos séculos XVII e XVIII, surgiram muitas histórias na Escócia, na China, na Alemanha e na Itália com o tema básico da Cinderela. Contudo, revelaram algumas variações interessantes sobre o motivo da fada madrinha. Vários exemplos encontrados em *The Classic Fairy Tales,* de Opie, ilustram a presença curativa do espírito da fada madrinha.

Numa das versões, a mãe de Cinderela (ou Rashin Coatie, neste conto) tinha morrido e, como herança, deixara-lhe um bezerro vermelho que, se ela solicitasse, lhe daria o que ela pedisse. Quando sua malvada madrasta descobriu isso, fez com que ele fosse parar no açougue. Mas o bezerro vermelho lhe disse: "Recolha-me, osso por osso, e coloque-me embaixo da pedra cinza." O espírito da mãe residia no bezerro vermelho e foi desse espírito da mãe que ela ganhou as belas roupas que usou para ir ao baile.

Em outra versão, a empregada borralheira, Aschenputtel, permaneceu fiel à memória de sua mãe morta. Seu pai lhe deu um ramo de aveleira e ela o plantou no túmulo da mãe. Quando uma grande árvore ali nasceu, um pássaro pousou e realizou cada desejo seu. Numa outra versão, ainda, Cinderela plantou

uma árvore nova, uma tamareira, que seu pai lhe havia trazido. Em quatro dias a tamareira ficou do tamanho de uma mulher e, nela, havia uma fada que satisfazia seus desejos.

Numa versão chinesa, Cinderela pescou um peixe domesticável que ficou de um tamanho enorme: três metros. O peixe apoiava sua cabeça na ribanceira ao lado da moça. Quando sua madrasta descobriu, matou o peixe e comeu-o. Um homem veio do céu e informou a Cinderela que os ossos daquele peixe tinham sido enterrados no monte de estrume e que, se ela os reunisse e guardasse em seu quarto, só precisava rezar para eles que obteria tudo que quisesse.

Nestes contos sobre Cinderela, as criaturas benevolentes representam o espírito numinoso da mãe real e também os instintos. Desenvolver uma íntima afinidade com os próprios instintos significa relacionar-se com a própria terra e com a mãe que os mesmos representam. Os animais oferecem a Cinderela a ligação vital com os aspectos provedores da Grande Mãe que pode resgatá-la, livrando-a daquela vida miserável e do cerco da Mãe Terrível. Ela pode então tornar-se princesa. Outro exemplo deste fenômeno apareceu nos mitos dos heróis antes mencionados. Em muitas lendas, os animais e as "pessoas da terra" (lavradores, camponeses, jardineiros, etc.) prestaram assistência aos heróis infantis.

O apoio do inconsciente e, neste caso, a ligação com o espírito materno positivo, é um fator vital na cura dos padecimentos do órfão. O espírito materno vem quando a atitude da pessoa é receptiva e aberta à sua intervenção.

O tema básico de Paracelso, filósofo alquímico e pioneiro da psicologia empírica, foi a autenticidade da própria vivência da natureza, contra a autoridade imposta pela tradição. A mãe de Paracelso morreu quando ele era ainda muito pequeno e a perda de sua mãe parece ter resultado no aparecimento de profundos e abundantes anseios em sua pessoa. Jung escreveu que Paracelso foi tratado por si próprio e extraiu seus conhecimentos do

espírito inato que é a *lumen naturae*, a "luz da natureza". Da mesma forma como se encontra naturalmente presente nos animais, também habita no homem, que a traz para o mundo em si próprio. Paracelso sentiu que ela era "mentora dos homens", e que, "embora os homens morram, a mentora continua ensinando".

Para que o órfão comece a se relacionar com essa luz dentro de si próprio e a ter uma relação consciente com o seu destino como indivíduo, ele primeiro precisa ser libertado de uma identificação completamente consumidora com o mesmo. Precisa vivenciar-se como ser autônomo e separado, com perfil próprio. Para assimilar o significado de seu mito e extrair o valor que sua experiência traumática possa ter, o órfão tem que se expor aos seus sentimentos com relação à sua fraqueza, e deve compreender os complexos que resultaram de sua perda original. O luto pela perda do ente querido precisa ser vivenciado até o fim.

O órfão precisa aceitar sua realidade e não negar seus sentimentos e carências. Para entrar num acordo completo com sua realidade, ele não pode evitar a dor envolvida no processo de reviver seu destino e os efeitos que o mesmo teve sobre ele. Ao se permitir sentir a dor, a raiva e a mágoa, além da tristeza, ele começa a sacrificar suas expectativas de dependência. Ao efetuar este sacrifício, começa a assumir mais responsabilidade por si mesmo. Se a pessoa assume a incumbência de viver sua própria vida, tem mais chances de perder seu amargo ressentimento por não obter aquilo que vê as outras pessoas terem, e de que se sente carente. Essa incumbência heroica cultiva no órfão uma maior capacidade de ater-se ao apoio positivo e gerador de vida, em lugar de cair de novo no abismo, sendo arrastado para a atração tenebrosa do mundo inferior. Quanto mais entra na vida, mais afasta a influência da morte para longe de si.

A solução final para o dilema do órfão é uma retomada da

ligação com a mãe natural em sua fonte arquetípica. Quando a pessoa efetua uma conexão com o inconsciente, recebe o tão longamente ansiado apoio de um processo materno. A personificação da Grande Mãe é o aspecto provedor do inconsciente, e a pessoa pode entrar em contato com esse aspecto de muitas maneiras. Alguns exemplos são: escrever poemas, trabalhar com materiais artísticos, fazer exercícios de imaginação ativa com a pessoa que representa as fontes interiores de conforto e interesse. Ao proceder dessa maneira, a pessoa ativa uma ligação recíproca entre o ego e o inconsciente. Sem o apoio do inconsciente, o ego provavelmente se sentirá órfão e abandonado pelo Self, e sem o envolvimento recíproco do ego, é provável que o Self se sinta igualmente abandonado pelo ego.

Quando a pessoa começa a separar-se de sua identificação com seu destino de órfão, pode começar a conceituar o "órfão interior" que tem dentro de si e que precisa do cuidado e da proteção do seu ego. O órfão precisa proteger seu "órfão interior" de exigências externas e, por sua vez, desenvolver seu próprio estado individual de autonomia e independência, intencionado para ele por sua própria orfandade. É apenas quando a pessoa está verdadeiramente só que o potencial criativo, contido em seu mais íntimo recesso, tem espaço e condições para emergir à luz do dia. Em *Psicologia da Religião Oriental e Ocidental,* Jung disse: "É... somente num estado de abandono e solidão absolutos que vivenciamos os poderes prestimosos de nossa própria natureza."

Não escapei da minha identidade como órfã. Na minha vida, esse drama continua sendo representado. Quando estava com 35 anos, idade da minha mãe quando morreu, tive uma enfermidade grave. Quando meu próprio filho nasceu, meu marido passou por uma doença crítica e meu filho bebê e eu enfrentamos a possibilidade de ele morrer. Sempre senti minha mãe nos momentos de grande necessidade. Sua presença tem-me ajudado a continuar.

O continente em que muitos heróis-órfãos legendários foram colocados depois de terem sido abandonados veio-me num sonho.

Estava no meu quarto de infância, olhando um livro de arte e cheguei a uma gravura que mostrava um berço maravilhosamente esculpido, com uma forma oval muito singular. Tinha ripas de madeira distantes uns dois centímetros umas das outras que, quando o berço se fechava, guardavam o bebê ali dentro. O título da pintura era “Berços Para um Bebê Mortalmente Doente”.

Logo depois deste sonho, ocorreu-me um pensamento tão profundo quanto curativo. Meus sentimentos de culpa pela morte de minha mãe e de raiva por ter sido abandonada estavam inextricavelmente entrelaçados e faziam com que eu me sentisse inadequada e sem valor. Nesse momento, porém, vi o quadro por um prisma completamente diferente. Vi-me como uma semente voando no espaço, esperando para nascer. Os deuses, sabendo da morte iminente de minha mãe, estavam procurando por uma semente disponível que fosse capaz e digna de sobreviver quando a mãe morresse. E escolheram a mim!

10. A criança da alma

MARION WOODMAN

Este é um trabalho apaixonado sobre "a criança abandonada" que abrigamos em nosso íntimo. Aquela criança que é a nossa própria alma *implora, logo abaixo do burburinho da nossa vida, muitas vezes instalada no cerne do nosso pior complexo, que digamos "Você não está sozinha. Eu amo você."*

Como o leitor por certo irá perceber ao ler este ensaio, a analista junguiana canadense Marion Woodman sabe manejar as palavras. Elas fluem de dentro dela como um inesperado e surpreendente socorro que atende e sacia os inúmeros famintos de entendimento psicológico, felizardos por terem entrado em contato com seu trabalho. O que ela escreve é altamente relevante à vida contemporânea. Este capítulo é um excerto de seu livro The Pregnant Virgin.

Descobri que as pessoas tendem a repetir o padrão de seu próprio nascimento toda vez que a vida lhes exige a passagem para um novo nível de consciência e atenção. Da mesma forma como entraram no mundo continuam a reentrar, toda vez que se apresenta um novo anel da espiral de crescimento. Se, por exemplo, seu parto foi simples e direto, tendem a superar as dificuldades com coragem e ímpeto natural. Se o parto foi difícil, tornam-se extremamente temerosas, manifestam sintomas de sufocação, tornam-se claustrofóbicas (psíquica e fisicamente). Se nasceram prematuras, tendem a estar sempre um pouco à frente de si mesmas. Se o parto foi retardado, o processo de renascimento pode ser muito lento. Se estavam sentadas na hora de nascer, tendem a viver a vida inteira apresentando antes as costas (e as nádegas) às situações. Os nascidos de cesariana costumam evitar confrontos. Se a mãe estava muito dopada, essas pessoas podem chegar ao momento do impasse com vigor e depois, de repente, sem qualquer razão

aparente, parar ou entrar numa regressão, esperando, daí em diante, que alguém faça alguma coisa. Costuma ser nesse momento que os vícios reaparecem: o de petiscar, de jejuar até a morte, de beber, de dormir, de exceder-se no trabalho — qualquer coisa que lhes permita evitarem o confronto com a realidade de ingressar num mundo que as desafia.

Aparecem nos sonhos muitos bebês encantadores, assim como muitos pequenos tiranos que precisam de uma firme e amorosa disciplina. Há uma criança, no entanto, que é ostensivamente diferente das demais. É a abandonada, que pode aparecer nas corridas de touros, na palha de um celeiro, numa árvore, quase sempre em algum lugar esquecido ou longínquo. Essa criança será radiante, iluminada, robusta, inteligente, sensível. Em geral já é capaz de falar poucos instantes após o nascimento. Ela tem Presença. É a Criança Divina, trazendo consigo a "dura e amarga agonia" da nova disposição: a agonia dos Reis Magos de Eliot. Quando se dá este nascimento, os velhos deuses têm que partir.

Uma vez que o gradiente natural da psique se dirige para a totalidade, o Self tentará impelir a parte negligenciada para que obtenha reconhecimento. Ela contém a energia do mais elevado valor, o ouro no meio do estrume. Na Bíblia, é a pedra rejeitada que se torna a pedra angular.[1] Ela manifesta uma mudança súbita, ou uma alteração repentina na personalidade, ou, ao contrário, um fanatismo ao qual o ego existente se adapta a fim de tentar manter do lado de fora a nova e ameaçadora forma de energia. Se o ego não consegue atravessar o canal psíquico do nascimento, manifestam-se sintomas neuróticos tanto de ordem física como de ordem psíquica. O sofrimento pode ser intenso, mas baseia-se na adoração de falsos deuses. Não é o sofrimento genuíno que acompanha os esforços de incorporação da nova vida. O neurótico está sempre uma fase atrás de onde está sua realidade. Quando deveria estar-se deslocando rumo à maturidade, apega-se aos desvarios juvenis. Sem jamais conseguir ser congruente consigo mesmo ou com os outros,

nunca está onde parece estar. O que ele não consegue é viver *no agora.*

Muitas pessoas estão sendo arrastadas para a totalidade na sua vida diária, mas, por não compreenderem os ritos de iniciação, não conseguem encontrar significado no que lhes está acontecendo. Vestem uma máscara sorridente durante o dia inteiro e voltam para o apartamento, à noite, onde choram até o raiar do dia. Talvez a pessoa amada tenha partido com outra pessoa; talvez se estejam defrontando com uma doença terminal; talvez seu parceiro tenha morrido. Talvez, e isso é o pior, tudo tenha começado a dar errado sem motivo aparente. Se não têm nenhuma noção do que seja um rito de passagem, sentem-se vítimas, impotentes para resistir ao Destino arrebatador. Seu sofrimento sem sentido faz com que procurem escapar usando comida, álcool, drogas, sexo. Ou então afrontam os deuses com a pergunta "Por que eu?"

Essas pessoas estão sendo presenteadas com a possibilidade de renascerem para uma vida diferente. Através de fracassos, sintomas, sentimentos de inferioridade e problemas imensos, estão sendo impelidas à força a renunciar aos apegos existenciais que se tornaram redundantes. A possibilidade do renascimento constela-se com a perda do que aconteceu antes. É por isso que Jung enfatizava o propósito positivo de uma neurose.[2] Mas como não entendem, as pessoas apegam-se ao que lhes é familiar, recusando-se a fazer os sacrifícios necessários, e resistem ao próprio crescimento. Incapazes de desistir de sua vida habitual, são também incapazes de receber a nova vida.

A menos que rituais culturais sustentem o salto de um nível de consciência para o próximo, não há paredes continentes dentro das quais o processo possa desenrolar-se. Sem um entendimento do rito ou da religião, sem um entendimento da relação entre a destruição, a criação e o renascimento, os indivíduos sofrem os mistérios da vida como se estes fossem apenas uma carnificina

tresloucada — e sozinhos. Para amenizar o sofrimento sem sentido, podem aparecer os vícios, que são uma tentativa de reprimir as confusas exigências do processo de crescimento que as estruturas culturais não conseguem mais esclarecer nem conter.

A questão escaldante que atormenta a pessoa que entra em análise é: "Quem sou eu?" O problema imediato, entretanto, assim que começam a emergir as emoções poderosas, é geralmente uma cisão psique/soma. Embora as mulheres tenham mais facilidade que os homens para falar de seu corpo, ambos os sexos, na nossa cultura, padecem de uma séria distância em relação às suas vivências corporais. As mulheres dizem: "Não gosto deste corpo"; os homens dizem: "Sinto dor." Quando falam de uma maneira impessoal ao se referirem ao seu corpo, está clara sua noção de alienação. Podem até falar "meu coração", "meus rins", "meus pés", mas seu corpo, como um todo, está despersonalizado. Dizem repetidamente: "Não sinto coisa alguma do pescoço para baixo. Tenho sensações na cabeça, mas nada no coração." Sua falta de resposta emocional a uma poderosa imagem onírica reflete essa cisão. E, no entanto, quando praticam a imaginação ativa com aquela imagem onírica localizada em seu corpo, os músculos liberam ondulações de um luto reprimido. O corpo tornou-se o poste das chibatadas. Se a pessoa é ansiosa, o corpo está famélico, ingurgitado, drogado, intoxicado, é forçado a vomitar, é usado até a exaustão ou mobilizado a reações frenéticas de autodestruição. Quando esse animal magnífico tenta enviar sinais de alerta, é silenciado com pílulas.

Muitas pessoas conseguem ouvir e entender seu gato de maneira mais inteligível do que entender seu próprio corpo, desprezado. Por darem atenção e carinho ao animal de estimação, este as recompensa pelo amor que recebe. Já o seu corpo, por outro lado, pode ter que emitir um berro capaz de abalar a própria terra, para conseguir ser minimamente ouvido. Antes que os sintomas apareçam, vêm nos sonhos gritos menos agudos: um

filhote de elefante esquecido, uma ninhada de gatinhos esfomeada, um cachorro com a perna estropiada. Quase sempre o animal ferido está suave ou ferozmente tentando chamar a atenção do sonhador, que pode ou não dar-lhe atenção. Nos contos de fadas, é o animal amistoso que muitas vezes encaminha o herói ou a heroína até sua meta, porque o animal é o instinto que sabe como obedecer a deusa, quando a razão falha.

É possível que o grito que vem do corpo esquecido, o grito que se manifesta num sintoma seja o grito da alma que não consegue encontrar qualquer outro caminho para ser ouvido. Se vivemos por trás de uma máscara nossa vida inteira, cedo ou tarde — se tivermos sorte — essa máscara será esmagada. Então será preciso que nos olhemos no espelho, enxergando nossa própria realidade. Talvez fiquemos apavorados. Talvez estejamos então olhando para os olhos aterrorizados de nossa própria criancinha, daquela criança que nunca conheceu o amor e que agora suplica que lhe demos atenção. Essa criança está sozinha, ficou esquecida antes mesmo de sairmos do útero, no próprio momento do parto, ou quando começamos a fazer as coisas para agradar aos nossos pais e aprendemos a manejar nossas melhores atuações para ganhar aceitação. À medida que a vida avança, continuamos a abandonar a nossa criança procurando agradar aos outros — professores, patrões, amigos e parceiros, até mesmo os analistas. Essa criança, que é a nossa própria *alma,* implora, por baixo do burburinho da nossa vida, muitas vezes imersa no cerne mesmo do nosso pior complexo, que digamos: “Você não está sozinha. Eu amo você.”

A seguir transcrevo um sonho que se repetiu frequentemente na infância de uma mulher de cinquenta anos, e que continuou perseguindo-a até ser compreendido e integrado através do processo analítico:

Tenho quatro ou cinco anos. Estou com minha mãe num edifício apinhado de gente, provavelmente uma loja de departamentos.

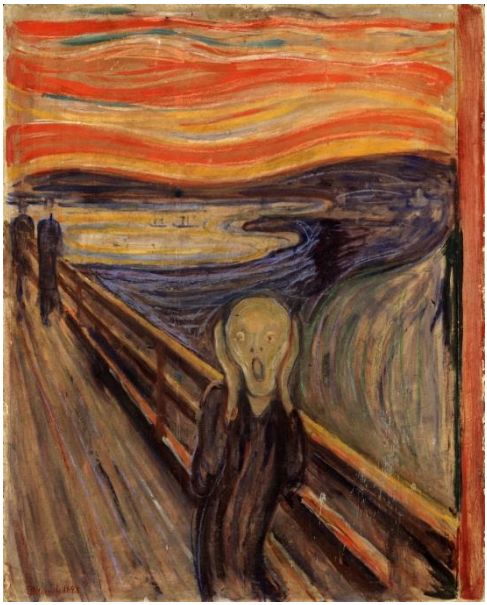
Minha mãe está com roupas escuras, um casaco e um chapéu marrom ou preto, e o tempo todo só vejo suas costas. Ao sairmos daquela loja sou retida pela multidão e minha mãe, sem perceber, continua adiante e desaparece entre as pessoas. Tento chamá-la, mas ela não me ouve, assim como ninguém mais. Estou muito assustada, não apenas por me perder, mas porque minha mãe não percebeu que nós nos separamos.

Saio do prédio e fico diante de uma escada comprida, com degraus largos, parecida com a do lado de fora da Galeria Nacional, em Londres, mas mais alta. Os degraus, embaixo, levam até uma praça grande, sem nenhum objeto, mas degraus parecidos conduzem a edifícios nos outros lados. A praça, os degraus e os prédios são muito limpos e brancos. Do ponto onde me situo olho para a praça, esperando ver minha mãe. Ela não está em lugar algum que minha vista alcance. Estou sozinha nos degraus. Há outras pessoas ali, mas ninguém toma conhecimento de mim. Sei que nada do que eu fizer irá fazê-las reparar em mim.

Entro em pânico e me invade por completo a sensação da perda, de ter sido abandonada. É como se eu tivesse deixado de existir para minha mãe, ela não vai dar-se ao trabalho de voltar por minha causa e pode até ter-se esquecido de mim; na realidade eu não consigo fazer com que ninguém perceba que eu existo. Por um momento, e ao mesmo tempo, sou uma observadora adulta do outro lado da praça que vê uma criança pequena sozinha no alto dos degraus, tentando gritar. Essa também sou eu, uma mulher adulta que sente uma imensa piedade dessa criança, ansiando por confortá-la e tranquilizá-la, mas incapaz de alcançá-la. Alguma coisa - a inconsciência das outras pessoas ou o pânico da própria criança - impede a comunicação entre a criança e a adulta que se importa e compreende.

A mulher associou este sonho ao quadro *The Scream* [O Grito], de Edvard Munch, que evocava nela um pânico semelhante. “O fundo é escuro e sombrio,” ela disse, “enquanto no meu sonho o

ambiente é muito claro, branco e com ângulos cortantes, com figuras escuras, mal definidas, mas igualmente marcadas por ângulos cortantes. O homem que grita no quadro, está tentando sair do seu ambiente; a criança nos degraus está tentando entrar em contato com o ambiente dela." Muitos homens e mulheres se mantêm presos em vidas que são um mudo desespero enquanto não se viram para ajudar essa criança interior.



The Scream (1895), Edvard Munch. (Arquivo Bettmann.)

11. O amor e o medo do abandono

M. SCOTT PECK

Este trabalho, extraído do imensamente popular The Road Less Travelled *de M. Scott Peck analisa a natureza do amor destrutivo, do tipo que produz medo e incerteza no ambiente emocional da criança e que resulta num déficit significativo para a criança que existe no adulto. Diz o psiquiatra Peck: "Para a criança, o abandono imposto pelos pais é equivalente à morte." Ele sugere que a ameaça do abandono sacrifica o envolvimento amoroso pelo controle sobre a criança. É uma das mais indecentes e cruéis interações entre pais e filhos, produzindo angústia existencial e um autoconceito precário, que surte efeitos catastróficos na criança interior.*

Não é que as casas de crianças que não têm autodisciplina estejam carentes de disciplina imposta pelos pais. Na maioria das vezes, essas crianças são frequentemente punidas com severidade pelos pais durante toda a infância - espancadas, beliscadas, chutadas, açoitadas - até pelas menores infrações. Mas essa é uma disciplina sem sentido - porque é uma disciplina indisciplinada.

Uma das razões pelas quais ela é sem sentido é que os próprios pais não têm disciplina pessoal e, portanto, servem como modelos indisciplinados quanto ao papel que representam para seus filhos. Eles são do tipo "façam como eu digo, não como eu faço". Embebedam-se com frequência na frente dos filhos. Podem brigar entre si diante dos filhos, sem constrangimento, dignidade ou racionalidade. Podem ser desmazelados. Fazem promessas que não cumprem. Suas próprias vidas são, de maneira frequente e evidente, uma desordem e uma desorganização, e suas tentativas de ordenar a vida dos filhos parecem, por isso, fazer para essas crianças muito pouco sentido.

Se o pai espanca regularmente a mãe, que sentido tem para um menino que sua mãe bata nele porque ele bate na irmã? Faz sentido dizerem-lhe que ele tem que aprender a se controlar? Uma vez que, quando somos pequenos, não temos o benefício da comparação, nossos pais são figuras divinas aos nossos olhos infantis. Quando eles fazem as coisas de uma determinada maneira, parece à criança pequena que essa é a maneira certa, a maneira como as coisas devem ser feitas. Se a criança vê os seus pais comportando-se diariamente com disciplina, contenção, dignidade e a capacidade de pôr ordem na própria vida, então a criança virá a sentir, nas mais profundas fibras de seu ser, que esse é o jeito certo de viver. Se a criança vê os seus pais diariamente vivendo sem comedimento e sem autodisciplina, então passará a acreditar, nas mais profundas fibras de seu ser, que é assim que se deve viver.

No entanto, o amor é ainda mais importante do que a modelagem de papéis, pois mesmo nos lares caóticos e desordenados está presente, ocasionalmente, um amor genuíno, e deles podem resultar crianças autodisciplinadas. E, não raro, pais com formação profissional - médicos, advogados, membros de associações, filantropos - que levam uma vida de estrita organização e decoro, mas destituída de amor, dão ao mundo filhos tão indisciplinados e desorganizados como qualquer criança vinda de um lar caótico e miserável.

Em última análise, o amor é tudo...

Quando amamos alguma coisa ela tem valor para nós, e quando alguma coisa tem valor para nós passamos tempo com ela, tempo desfrutando dela e tempo cuidando dela. Observe um adolescente apaixonado pelo seu carro e veja quanto tempo ele passa admirando-o, lustrando-o, consertando-o, acertando o ponto do motor. Ou uma pessoa de mais idade, com seu adorado jardim de rosas e o tempo que gasta em podar, cruzar mudas, fertilizar e estudar as plantas. Assim é quando amamos as crianças: passamos tempo admirando-as e cuidando delas. A

elas dedicamos o nosso tempo.

Uma boa disciplina requer tempo. Quando não temos tempo para dedicar aos nossos filhos, ou não estamos dispostos a ter esse tempo, nem sequer os observamos com a necessária proximidade para nos tornarmos cientes de quando sua necessidade de uma assistência disciplinar da nossa parte é expressa de forma sutil. Se a sua necessidade de disciplina é tão evidente que se impõe à nossa consciência, podemos, mesmo assim, ignorá-la, alegando que é mais fácil deixar que façam as coisas à sua própria maneira: "Eu simplesmente não tenho a energia necessária para lidar com eles hoje." Ou, por fim, se as suas atitudes inconvenientes ou a nossa irritação nos impelem a agir, iremos impor uma disciplina, em geral brutal, que é fruto mais da raiva do que da deliberação, sem examinar o problema nem gastar tempo considerando que forma de disciplina é a mais apropriada àquele problema em particular.

Os pais que devotam tempo aos filhos mesmo quando isso não lhes é cobrado por infrações ostensivas percebem neles sutis necessidades de disciplina, às quais reagirão com suaves advertências ou reprimendas, organização ou elogios, administrados com bom senso e atenção. Esses pais irão observar como os filhos comem bolo, como estudam, quando estão contando inverdades sutis, quando fogem de seus problemas em vez de os enfrentarem. Dedicarão tempo à realização dessas pequenas correções e ajustes, ouvindo os filhos, respondendo a eles, apertando um pouco aqui, soltando um pouco ali, passando pequenos sermões, contando historinhas, dando abraços e beijos, fazendo pequenas admoestações, dando alguns tapinhas nas costas.

Essa é a qualidade da disciplina dispensada por pais amorosos, superior à dos pais não-amorosos. Mas isso é só o começo. Ao dedicarem tempo à observação e à reflexão sobre as necessidades de seus filhos, os pais amorosos muitas vezes ficarão agoniados diante das decisões a serem tomadas e, num

sentido muito real, sofrerão ao lado dos filhos. As crianças não são cegas a isso. Percebem quando os pais estão dispostos a sofrer com elas e, embora possam não responder com demonstrações imediatas de gratidão, também aprenderão a sofrer. “Se meus pais estão dispostos a sofrer comigo,” dirão a si mesmas, “então o sofrimento não deve ser tão mau e eu preciso estar disposto a sofrer comigo.” Esse é o começo da autodisciplina.

O tempo e a qualidade do tempo que os pais dedicam às crianças indica para elas o grau em que os pais as valorizam. Alguns pais, basicamente não-amorosos, numa tentativa de encobrir sua falta de afeto, declaram muitas vezes seu amor pelos filhos, de forma repetitiva e mecânica, e falam o quanto eles são importantes, mas não lhes dedicam um tempo significativo e de alta qualidade. As crianças nunca são totalmente ludibriadas por essas palavras vazias. Podem conscientemente apegar-se a elas, querendo acreditar que são amadas, mas, inconscientemente, sabem que as palavras de seus pais não condizem com seus atos.

Por outro lado, as crianças verdadeiramente amadas, embora em momentos de ressentimento possam sentir-se conscientemente negligenciadas, ou dizer que o são, sabem, inconscientemente, que são valorizadas. Esse conhecimento vale mais do que todo o ouro do mundo. Pois, quando as crianças sabem que estão sendo valorizadas, quando verdadeiramente sentem que são valorizadas, no mais fundo de si mesmas, então sentem que têm valor.

A sensação de ter valor - “sou uma pessoa de valor” - é essencial à saúde mental e é uma pedra angular da autodisciplina. É um produto direto do amor dos pais. Essa convicção deve ser obtida na infância; na idade adulta é extremamente difícil alcançá-la. Por outro lado, quando as crianças aprenderam, através do amor de seus pais, a se sentirem valiosas, é praticamente impossível que as vicissitudes

da fase adulta destruam seu espírito.

Essa sensação de ter valor é a pedra angular da autodisciplina, porque quando a pessoa se sente valiosa cuidará de si mesma de todas as maneiras que forem necessárias. Autodisciplina é afeto por si mesmo. Vamos, por exemplo, examinar a questão do tempo, já que estamos discutindo o processo de retardar as recompensas, estabelecer cronogramas e organizar o tempo. Se sentimos que somos valiosos, nosso tempo terá valor para nós e, sendo assim, iremos querer usá-lo bem. A analista financeira que adiava não valorizava seu tempo. Se o valorizasse, não se teria permitido passar a maior parte do seu dia infeliz e de maneira improdutiva. Não foi indiferente para ela o fato de, durante toda a sua infância, ter sido "exilada em fazendas", nas férias escolares, para viver e morar com pais substitutos pagos, embora os seus próprios pais pudessem perfeitamente bem ter cuidado dela, caso o tivessem desejado. Eles não lhe deram valor. Não quiseram cuidar dela. Ela cresceu, então, sentindo-se pouco valiosa, não-merecedora do cuidado de ninguém. Portanto, não se importava consigo mesma. Não se sentia alguém que valesse a pena ser disciplinada. Apesar de ser inteligente e competente, era uma mulher que precisava da instrução mais elementar quanto à autodisciplina, porque não contava com uma autoavaliação realista de seu próprio valor e do valor de seu tempo pessoal. Assim que pôde perceber que o seu tempo era algo valioso, passou, naturalmente, a querer organizá-lo, e protegê-lo, maximizando seu uso tanto quanto possível.

Como resultado da vivência contínua de ser objeto do amor e da atenção dos pais, ao longo da infância, algumas crianças afortunadas ingressam na idade adulta não só com uma noção interior de seu próprio valor pessoal, mas com uma profunda sensação interna de segurança. Todas as crianças ficam aterrorizadas diante da perspectiva do abandono, e por bons motivos. Esse medo começa por volta dos seis meses, assim que a criança se torna capaz de se perceber como pessoa, como

indivíduo separado dos pais, pois com essa percepção vem a constatação de que, enquanto indivíduo, é um ser muito desprotegido, totalmente dependente e totalmente à mercê dos pais para todas as formas de sustento e meios de sobrevivência. Para a criança, o abandono por parte dos pais é equivalente à morte. A maioria dos pais, mesmo que em outros sentidos relativamente ignorantes ou toscos, são instintivamente sensíveis ao medo de abandono dos filhos e, portanto, todos os dias, milhares de vezes por dia, dirão espontaneamente às crianças:

"Você sabe que a mamãe e o papai não vão deixar você sozinho"; "Claro que a mamãe e o papai vão voltar para buscar você"; "Mamãe e papai não vão esquecer-se de você". Se essas palavras corresponderem a atos, mês a mês, um ano após outro, por volta da adolescência a criança já terá perdido o medo de ser abandonada e, em lugar deste, haverá a profunda sensação interior de que o mundo é um lugar seguro para se estar e de que sempre haverá proteção quando for necessário. Com essa sensação interna de segurança consistente diante do mundo, essa criança está livre para adiar as gratificações de uma ou outra espécie, está segura por saber que as oportunidades de gratificação, como a casa e os pais, estarão sempre lá, disponíveis quando necessário.

Mas muitas crianças não têm tanta sorte. Um número substancial delas são realmente abandonadas pelos pais durante a infância, pela morte, por deserção, por pura negligência, ou, como no caso da analista financeira, por simples falta de atenção. Outras, embora não abandonadas de fato, deixam de receber dos pais a tranquilização de que não serão abandonadas. Existem alguns pais, por exemplo, que, em seu desejo de impor disciplina tão fácil e rapidamente quanto possível, chegarão, de fato, ao uso da ameaça do abandono, ostensiva ou sutil, para atingir esse objetivo. A mensagem que transmitem aos filhos é: "Se vocês não fizerem exatamente o que eu quero que façam não vou mais amá-los e vocês podem muito bem imaginar por si

mesmos o que isso quer dizer.” Claro que isso significa abandono e morte. Esses pais sacrificam o amor em nome de sua necessidade de controlar e dominar os filhos, e o que conseguem como retorno dessa atitude são filhos excessivamente medrosos diante do futuro. É assim que essas crianças, abandonadas psicológica ou realmente, entram na idade adulta sem uma noção profunda de que o mundo é um lugar seguro e protetor. Pelo contrário, percebem-no como perigoso e ameaçador, e não estarão dispostas a deixar de aproveitar toda e qualquer forma imediata de gratificação e segurança em nome de alguma gratificação ou segurança maiores no futuro, pois para elas o futuro é altamente duvidoso.

Em resumo, para que as crianças desenvolvam a capacidade de adiar gratificações, é necessário que tenham modelos de desempenho de papéis autodisciplinados, uma sensação de seu valor como pessoas e um certo grau de confiança na segurança de sua existência. Essas “posses” são, de maneira ideal, adquiridas pela autodisciplina dos pais e por sua atenção consistente, genuína; elas são os mais preciosos bens que mães e pais podem legar aos filhos. Quando esses presentes não forem ofertados pelos próprios pais, é possível obtê-los junto a outras fontes, mas nesse caso o processo de aquisição é, invariavelmente, uma luta contra obstáculos imensos, que em geral dura a vida inteira e que, em geral, não é bem-sucedida.

12. Os que vão embora de Omelas

URSULA K. LEGUIN

É conveniente encerrar esta seção sobre o abandono com uma história sobre o bode expiatório, pois esta é uma ideia que atinge o dilema moral do sacrifício: uma alma torturada em troca da felicidade de uma comunidade inteira. Isso é análogo ao problema moral da comunidade interna: pode a criança interior, com suas necessidades, ser abandonada a fim de assegurar a sobrevivência e o contentamento da personalidade adulta?

Como a sra. LeGuin, a primeira vez que encontrei esse motivo foi em Os Irmãos Karamazov, *de Dostoievsky, em que Aliosha, o irmão mais jovem, é incumbido do desafio moral de criar uma sociedade utópica, o céu na terra, o que só pode acontecer se ele estiver disposto a sacrificar a vida de um bebê humano. Ele o fará?*

Considere o seu próprio esforço moral: você sacrificaria [você abandonou] a criança interior em troca da promessa da perfeição? LeGuin pergunta: "Você iria embora de Omelas?" Ela demonstra, neste conto, um fato tão maravilhoso para o moralmente perverso que seu talento irá despertar os seus mais secretos sentimentos.

Esta história apareceu originalmente numa coletânea da autora, The Wind's Twelve Quarters. *A sra. LeGuin é uma famosa e consagrada autora de histórias de ficção.*

* * *

A ideia central deste psicomito, o bode expiatório, aparece em Os Irmãos Karamazov, *de Dostoievsky, e várias pessoas me perguntaram, com grande desconfiança, qual a razão de eu atribuir esse crédito a William James. O fato é que não pude mais reler Dostoievsky, embora goste muito do seu trabalho,*

desde os meus vinte e cinco anos, e simplesmente esqueci que ele usou a mesma ideia. Mas quando a localizei no trabalho de James intitulado "The Moral Philosopher and the Moral Life", tive uma sensação de choque de reconhecimento. Eis como James a expõe:

Ou, se nos fosse oferecida a hipótese de um mundo em que as utopias dos srs. Fourier, Bellay e Morris devessem ser concretizadas, e milhões permanecessem felizes para sempre com a única e simples condição de que uma determinada alma, perdida no limite extremo das coisas, devesse levar uma vida de solitários tormentos, o que, a não ser uma espécie determinada e independente de emoção, poderia fazer-nos imediatamente perceber - mesmo que em nosso íntimo brotasse o impulso de nos apegarmos com unhas e dentes à felicidade assim oferecida — quão odioso seria desfrutar dessa coisa quando ela fosse deliberadamente aceita como fruto de tal barganha?

O dilema da consciência americana dificilmente encontraria melhor expressão. Dostoievsky foi um grande artista, aliás radical, mas seu precoce radicalismo social inverteu-se, fazendo dele um reacionário violento. Por outro lado, o americano James, que parece tão moderado, de um cavalheirismo tão ingênuo — observe-se como diz "nós", presumindo que todos os seus leitores são tão decentes quanto ele mesmo! — foi, permaneceu e ainda permanece sendo um pensador genuinamente radical. Logo depois da passagem sobre a "alma perdida", ele prossegue dizendo:

Todos os ideais mais elevados e penetrantes são revolucionários. Apresentam-se muito menos sob o disfarce de efeitos da experiência passada do que como causas prováveis de experiências futuras, fatores aos quais o meio ambiente e as lições que até então nos ensinou devem aprender a curvar-se.

Essas duas sentenças aplicam-se de modo muito direto a esta história e à ficção científica, assim como a todo pensamento sobre o futuro. Os ideais são "a provável causa de experiências

futuras" - eis um comentário sutil e revigorante!

É claro que não li James, e sentei-me e disse: Agora vou escrever uma história a respeito dessa "alma perdida". As coisas raramente acontecem com tanta simplicidade. Sentei-me e comecei uma história apenas porque senti vontade, sem nada mais em mente do que a palavra "Omelas". Ela viera de uma placa de sinalização: Salem (Oregon) lida de trás para diante. Você nunca leu as placas de trás para diante? RAGAVED, saçnairc. oãS ocsicnarF... Salem igual schelomo igual salaam igual Paz. Melas. O melas. Omelas. Homme helas.[2] *"De onde a senhora tira suas ideias, sra. LeGuin?" De esquecer Dostoievsky e de ler sinais de estrada de trás para diante. De onde mais?*

Com um clamor de sinos que agitou em revoada todo o bando de andorinhas, veio o Festival de Verão para a cidade de Omelas, à beira do mar resplandecente. O cordame dos barcos no cais faiscava com o brilho das bandeirolas. Nas ruas, entre casas de telhado vermelho e paredes caiadas, entre jardins com o musgo alto e sob avenidas de árvores, ao longo de grandes parques e edifícios públicos, caminhavam procissões. Algumas eram decorosas: pessoas idosas em trajes longos e empertigados, em malva e cinza, solenes capatazes de fábricas, mulheres contentes e caladas carregando seus bebês, entretendo-se em conversinhas enquanto caminhavam. Em outras ruas, a música era mais acelerada, um alternar-se de gongos e tamborins, e as pessoas passavam dançando, a procissão era uma dança. As crianças corriam para todo lado e suas vozes agudas subiam como as andorinhas, cuja rota de voo se cruzava no alto com a música e o canto. Todas as procissões rumavam para o lado norte da cidade, onde, no grande charco conhecido como Campo Verde, os meninos e as meninas, nus à claridade do dia, com os pés e os tornozelos tintos de lama e com os longos e graciosos braços, exercitavam os cavalos

[2] Em francês, homme = homem; *helas* (interjeição) = ai! (N.T.)

fogosos, antes da corrida. Os animais não estavam aparelhados, exceto por um cabresto, sem freio. Suas crinas estavam trançadas com fios de cor prata, ouro e verde. Abriam as ventas, empinavam e exibiam-se uns para os outros. Estavam imensamente excitados, pois os cavalos são os únicos animais que adotaram as nossas cerimônias como se fossem as suas. Bem ao norte e a oeste, as montanhas erguiam-se, rodeando a baía de Omelas num semicírculo. O ar da manhã estava tão claro que a neve ainda coroava os Dezoito Picos com um fogo de ouro branco, atravessando quilômetros e quilômetros de ar ensolarado, sob o azul profundo do céu. Soprava apenas o vento necessário para que as bandeirinhas assinalando o percurso da corrida panejassem e esvoaçassem de vez em quando. No silêncio dos vastos charcos verdes podia-se ouvir a música rodopiando pelas ruas da cidade, mais perto e depois mais longe, mas sempre aproximando-se, uma débil e buliçosa doçura do ar que, de tempos em tempos, tremia e reunia-se e rompia num grande e exuberante clangor de sinos.

Jubilosos! Como se falar de júbilo? Como descrever os cidadãos de Omelas?

Não eram gente simples, sabem, embora fossem felizes. Nós, porém, não dizemos muito mais com as palavras. Todos os sorrisos se tornaram arcaicos. Diante de uma descrição como esta, a pessoa tende a fazer determinadas suposições. Diante de uma descrição como esta, a pessoa tende a procurar pelo Rei, que está próximo, montado num garanhão magnífico, cercado por nobres cavaleiros, ou talvez sentado numa liteira de ouro conduzida por musculosos escravos. Mas não havia nenhum rei. Não usavam espadas nem tinham escravos. Não eram bárbaros. Não conheço as regras e leis de sua sociedade, mas suspeito que eram singularmente poucas. Assim como passavam sem monarquia e escravatura, também viviam sem bolsa de valores, publicidade, polícia secreta e a bomba. Contudo, repito, não eram gente simples, nem pastores dúlcidos, nobres selvagens ou utópicos amenos. Não eram menos complexos do que nós. O

problema é que temos o mau hábito, incentivado por pedantes e sofisticados, de considerar a felicidade uma coisa muito estúpida. Somente a dor é intelectual, somente o mal é interessante. Essa é a deslealdade do artista: uma recusa em admitir a banalidade do mal e o terrível tédio da dor. Se você não consegue derrotá-los, una-se a eles. Se doer, repita. Mas elogiar o desespero é condenar o deleite, acolher a violência é deitar fora tudo o mais. Quase o fizemos: não podemos mais descrever o homem feliz, nem celebrar o júbilo de maneira alguma. Como dizer-lhes das pessoas de Omelas? Não eram crianças ingênuas e felizes, embora suas crianças fossem de fato felizes. Eram adultos maduros, inteligentes, apaixonados, cujas vidas não eram um desastre. Ó milagre! mas quereria poder descrevê-los melhor. Gostaria de poder convencer você. Omelas, dentro de minhas palavras, ecoa como uma cidade de um conto de fadas, há muito, muito tempo, e muito, muito longe, lá onde era uma vez. Talvez fosse melhor você imaginá-la como sua imaginação quiser, na suposição de que corresponda como convém, pois sem dúvida eu não posso agradar-lhe por completo. Por exemplo, como é a questão da tecnologia? Acho que não existiriam carros nem helicópteros, nas ruas e acima delas. Isso vem do fato de o povo de Omelas ser feliz. A felicidade baseia-se numa justa discriminação do que é necessário, do que não é nem necessário, nem destrutivo, e do que é destrutivo. Na categoria intermediária, porém, a do desnecessário mas não-destrutivo, a do conforto, luxo, exuberância, etc., o povo de Omelas poderia perfeitamente bem ter aquecimento central, metrôs, máquinas de lavar, e todo tipo de equipamentos maravilhosos ainda não inventados, como fontes flutuantes de luz, energia não proveniente de combustível, cura para o resfriado comum. Ou poderiam não ter nada disso, também: não faz diferença. Como queira. Inclino-me a pensar que os habitantes das cidades ao longo da costa continuam vindo para Omelas, nos últimos dias antes do Festival, em trenzinhos muito rápidos ou em bondes de dois andares, e que a estação de trem de Omelas é, na verdade, o

edifício mais bonito de toda a cidade, embora mais simples que o estupendo Farmer's Market. Mesmo com trens e tudo, temo que para você Omelas, até aqui, não passe de uma coisinha dengosa. Sorrisos, sinos, paradas, cavalos, bah! Assim, por favor, acrescente um pouco de orgia. Se a orgia funcionar, nem hesite. Mas não vamos colocar templos de onde emergem belos sacerdotes e sacerdotisas nus em pelo, já semiembriagados pelo êxtase e prontos a copular com qualquer homem ou mulher, conhecido ou forasteiro, em busca de união com a profunda deidade do sangue, apesar de essa ter sido a primeira ideia que me ocorreu. Na verdade, porém, seria melhor não haver templos em Omelas, pelo menos templos guarnecidos de pessoas. Religião, sim; clero, não. Certamente os belos desnudos podem simplesmente ir de um lado para outro, oferecendo-se como suflês divinos para saciar a fome dos necessitados e a volúpia da carne. Que se unam às procissões. Que o som dos tamborins encubra o das cópulas, que a glória do desejo seja proclamada com os gongos, que (aspecto igualmente relevante) os descendentes desses deliciosos rituais sejam amados e cuidados por todos. Uma coisa que, tenho certeza, não existe em Omelas de jeito nenhum é culpa. Mas, o que mais deveria existir? Penso que, primeiro, não haveria drogas, mas isso é puritanismo. Para os que gostam delas, a suave e insistente doçura de *druz* é capaz de perfumar os caminhos da cidade, *druz*, que primeiro causa uma sensação de leveza e luminosidade na mente e nos membros; depois, escoadas algumas horas, um langor fantasioso e por último, visões maravilhosas dos próprios arcanos e dos mais íntimos segredos do Universo, bem como a excitação do prazer sexual além de toda possibilidade de imaginação. E não causa dependência. Para gostos mais moderados, penso que deveria constar cerveja. O que mais, o que mais faz parte dessa cidade jubilosa? A sensação de vitória, certamente a celebração da coragem. Mas, assim como passamos muito bem sem clero, não temos precisão de soldados. O júbilo que vem de uma matança bem-sucedida não é a espécie correta de júbilo; não vai adiantar muito; vem com receios e é trivial. O contentamento

ilimitado e generoso, o triunfo magnânimo sentido, não contra um inimigo externo, mas em comunhão com o melhor e mais elevado das almas de todos os homens, de todas as procedências, e o esplendor do verão na Terra: isso é o que preenche o coração do povo de Omelas. A vitória que celebram é a da vida. Aliás, não acredito que muitos deles precisem de *druz*.

Neste momento, a maioria das procissões já chegou ao Campo Verde. Um magnífico odor de comida sobe das tendas vermelhas e azuis dos postos de abastecimento. O rosto das criancinhas está benignamente lambuzado. Na benévola barba cinzenta de um homem, umas duas casquinhas de um salgadinho delicioso ficaram enroscadas. Os jovens e as moças montaram em seus cavalos e estão começando a se agrupar perto da linha de partida. Uma velhinha sorridente, gorda e baixota, distribui flores de um cesto, e os jovens garbosos exibem flores em seus cabelos reluzentes. Uma criança, com nove ou dez anos, senta-se na orla do grupo, sozinha, tocando sua flauta de madeira. As pessoas detêm-se para ouvir, sorriem, mas não lhe dirigem a palavra, pois ela não para de tocar e não vê ninguém, seus olhos escuros inteiramente inebriados pela volúpia da fina e doce magia da sonoridade.

Ela termina de tocar, e abaixa devagar as mãos que seguram a flautinha de madeira.

Como se aquele pequeno instante particular de silêncio fosse o sinal, uma trombeta repentinamente se faz ouvir em um dos pavilhões próximos à linha de partida: imperiosa, melancólica, penetrante. Os cavalos apoiam-se nas pernas traseiras e alguns relincham. Com fisionomia sóbria, os jovens cavaleiros e amazonas acariciam o pescoço de seus animais e os acalmam, sussurrando: ‘‘Quieto, quieto, minha beleza, minha esperança...” Começam a se posicionar ao longo da linha inicial. A multidão ao longo do trajeto é como um campo gramado e florido ao vento. Tem início o Festival de Verão.

Você acredita? Você aceita o festival, a cidade, o júbilo? Não? Então deixe-me descrever mais uma coisa.

Num porão, embaixo de um dos mais belos edifícios públicos de Omelas, ou talvez na adega de uma de suas espaçosas residências, existe um aposento. Tem a porta trancada e não tem janelas. Pequenas infiltrações de luz insinuam-se empoeiradas entre as rachaduras das pranchas de madeira, filtradas pelas teias de aranha que recobrem alguma janela de algum lugar acima do porão. Num canto desse pequeno aposento uma dupla de esfregões de pelos duros, amarfanhados, fétidos, apoiam-se num balde enferrujado. O chão está sujo, um pouco úmido ao toque, como costuma ser a poeira de um porão. O aposento deve medir duas passadas de largo e três de comprido: não passa de uma dispensa de vassouras ou de um armário grande e em desuso, para guardar ferramentas. Nele está sentada uma criança. Pode ser um menino ou uma menina. Parece ter seis anos, mas na realidade já tem dez; sua mente é fraca. Pode ter nascido com algum defeito ou talvez se tenha tornado imbecil por causa de medos, desnutrição e descaso. Cutuca o nariz e de vez em quando mexe os dedos dos pés ou brinca com os genitais, enquanto fica ali sentada, toda corcunda, no canto mais distante do balde com os dois esfregões. Ela tem medo dos esfregões; acha que são horríveis. Fecha os olhos, mas sabe que eles continuam ali. A porta está trancada e ninguém virá. A porta está sempre trancada; e nunca vem ninguém, exceto às vezes - essa criança não tem noção de tempo ou intervalo —, às vezes a porta range com um som terrível e se abre e uma pessoa, ou várias pessoas, entram. Uma delas vem e chuta a criança para fazer com que se ponha em pé. As outras nunca se aproximam, mas ficam ali olhando de través, com medo, com nojo. A vasilha de comida e o jarro de água são apressadamente enchidos, a porta é novamente trancada, os olhos desaparecem. As pessoas da porta nunca dizem uma palavra, mas a criança, que nem sempre viveu ali naquele quartinho de ferramentas, e pode se lembrar da luz do sol e da voz de sua mãe, às vezes

fala. “Serei boazinha”, ela diz. “Por favor, me deixem sair. Vou ser boazinha!” Eles nunca respondem. A criança costumava gritar pedindo ajuda à noite e chorava muito, mas agora só manifesta uma espécie de lamento - “eh-haa, eh-haa” - e fala cada vez menos. Está tão magra que não tem mais carne nas pernas; sua barriga é protuberante; seu sustento é meia tigela de milho e gordura por dia. Está nua em pelo. Suas nádegas e coxas são uma massa de feridas purulentas, pois está continuamente sentada sobre os próprios excrementos.

Todas as pessoas de Omelas sabem que ela está lá. Algumas foram vê-la, outras contentam-se em sabê-la lá. Todos sabem que ela tem que ficar onde está. Alguns compreendem por que, outros não, mas todos sabem que sua felicidade, a beleza de sua cidade, a ternura de suas amizades, a saúde de seus filhos, a sabedoria de seus eruditos, a habilidade de seus artesãos, até mesmo a abundância de suas colheitas e o clima ameno de seus céus dependem inteiramente da abominável miséria dessa criança.

Em geral, isso é explicado às crianças entre os oito e os doze anos, quando mostram que podem entender. A maioria dos que vão ver a criança são jovens, embora muitas vezes algum adulto venha ou retorne para vê-la. Apesar de todas as excelentes explicações que são dadas, esses jovens espectadores sempre ficam chocados e enojados com a cena. Sentem náusea, algo a que até então se consideravam superiores. Sentem raiva, indignação, impotência, apesar de todas as explicações. Gostariam de fazer alguma coisa pela criança. Mas não há o que possam fazer. Se a criança fosse levada ao sol, retirada daquele lugar imundo, se fosse limpa, alimentada e consolada, isso seria uma boa coisa, sem dúvida; mas, se isso fosse feito, naquele mesmo dia e hora toda a prosperidade, toda a beleza e toda a maravilha de Omelas feneceria e seria destruída. Essas são as condições: trocar toda a bondade e graça de cada vida de Omelas por esse simples e pequeno gesto de melhora; jogar fora a felicidade de milhares pela oportunidade de felicidade de um:

isso seria de fato consentir com a culpa.

Os termos são estritos e absolutos: não é permitido sequer dirigir uma palavra gentil à criança.

Muitas vezes os jovens voltam para casa aos prantos, ou num estado de raiva impotente, depois de terem visto a criança e testemunhado esse terrível paradoxo. Podem ficar ruminando essa cena durante semanas, ou anos. Mas, à medida que o tempo vai passando, vão-se dando conta de que mesmo que a criança fosse libertada não desfrutaria muito de sua liberdade: uma vaga e limitada satisfação da necessidade de calor e comida, sem dúvida, mas pouco mais que isso. É por demais degradada e imbecil para conhecer o verdadeiro júbilo. Há muito tempo que vem sentindo medo de libertar-se do medo. Seus hábitos são por demais selváticos para que responda a um tratamento humanitário. Aliás, depois de tanto tempo, provavelmente seria destruída, sem aquelas paredes para protegê-la, sem a escuridão para os seus olhos e sem os próprios excrementos para sentar-se. As lágrimas dos outros perante essa amarga injustiça secam quando eles começam a perceber a terrível justiça da realidade, e a aceitam. Contudo, são suas lágrimas e sua raiva, sua iniciativa de generosidade e a aceitação de sua impotência que talvez constituam a verdadeira fonte do esplendor de suas vidas. Sua felicidade não é irresponsável, nem insossa. Eles sabem que, como a criança, não estão livres. Conhecem a compaixão. É a existência da criança, e o conhecimento de sua existência, que torna possível a nobreza de sua arquitetura, a pungência de sua música, a profundidade de sua ciência. É por causa da criança que são tão suaves com as crianças. Eles sabem que, se a miserável não estivesse choramingando no escuro, a outra, que toca flauta, não produziria uma música tão jubilosa enquanto os jovens cavaleiros e amazonas se alinham para a beleza da corrida à luz do sol, na primeira manhã do verão.

Agora você acredita neles? Não se tornaram mais verossímeis? Mas há uma coisa ainda a dizer, e essa é totalmente

inacreditável.

Às vezes, um dos adolescentes que vai ver a criança não volta para casa para chorar ou enfurecer-se; aliás, simplesmente não volta mais para casa. Às vezes, também um homem ou mulher bem mais velhos ficam em silêncio por um dia ou dois, e depois saem de casa. Essas pessoas vão para as ruas e por elas caminham, sozinhas. Continuam andando e vão em frente até sair da cidade de Omelas, atravessando seus magníficos portões. Vão andando e passam pelas terras plantadas em volta de Omelas. Cada um destes vai embora sozinho, rapaz ou moça, homem ou mulher. Cai a noite. O andarilho deve cruzar as ruas de aldeias, passando por entre casas com janelas iluminadas de amarelo e afundar na escuridão da mata. Cada uma dessas pessoas, sozinha, vai para o oeste e o norte, rumo às montanhas. Vão adiante. Elas partem de Omelas, deixam Omelas, andam no caminho da escuridão e não regressam. O lugar para onde se encaminham é ainda menos imaginável para nós do que a cidade da felicidade. Não posso, absolutamente, descrevê-lo. Mas eles parecem saber para onde estão indo, os que vão embora de Omelas.

Parte 3

Eterna juventude e narcisismo: o dilema da criança

Introdução

Só para a criança a felicidade pura é possível.

Mais tarde, ela estará sempre maculada pelo conhecimento de que não vai durar.

- Provérbio chinês

Existem circunstâncias especiais na vida de uma criança capazes de produzir consequências debilitantes que durarão a vida toda. Um desses campos minados é cruzado bem no início da vida, quando o Self infantil em desenvolvimento começa a separar-se da mãe, ou de ambos os pais. Essa é a questão narcisista, expressa pelo símbolo do *puer aeternus,* o arquétipo do eterno menino. Trata-se de uma dificuldade que pode dividir a criança entre as tentativas de agradar aos pais e de seguir seu próprio sentido de desenvolvimento do Self. O narcisismo tem sido considerado o distúrbio psicológico do nosso tempo. A Parte 3 deste livro está voltada para o problema do relacionamento narcisista com o Self e suas consequências para a criança interior.

Esse problema, em linhas gerais, pode ser atribuído a um amor desequilibrado da parte dos pais: presos à sua própria noção empobrecida do Self, incapazes de destacar a criança do seu próprio ego, os pais criam uma gaiola para o Self que se desenvolve na criança. A incapacidade dos pais de enxergar as necessidades do filho ou de satisfazê-las cria nele um Self do tipo "como se", que pode agradar aos pais. Desta forma, o Self real que está nascendo da criança divide-se em vários fragmentos ou oculta-se e se torna, com efeito, a criança interior perdida.

Essas feridas decorrentes de uma separação mal elaborada criam, com o passar do tempo, um conjunto complexo de perturbações na personalidade adulta que caem dentro do rótulo geral de distúrbios narcisistas, assim denominados em referência à história da mitologia grega sobre Narciso. O cerne

dessa grande história é a ideia de enxergar o próprio reflexo - seja sobre a superfície de um lago, seja na face materna, que funciona como espelho — para então transfixar-se e tornar-se incapaz de distinguir-se dos outros e relacionar-se com eles. No mito, Narciso fixa-se em seu próprio reflexo num lago e, incapaz de afastar-se dali, morre de inanição. A história sugere, simbolicamente, que a criança individual pode fixar-se num certo estágio do desenvolvimento, procurando consolidar uma noção de seu verdadeiro Self, mas sem conseguir efetuar por completo a tarefa de se separar, temendo a rejeição primal dos pais. Essa circunstância não-resolvida pode mais tarde fadar a criança a uma vida de restrições, à margem do Self (a criança interior) e incapaz de lidar com o lado perturbador da vida.

Este "dilema da criança" é uma perpetuação do que Joel Covitz chama, no ensaio de abertura desta seção, a "maldição familiar". Como resultado de mágoas narcisistas que os próprios pais sofreram em sua infância, são incapazes de validar o Self genuíno em seus filhos. Assim, *perpetram inconscientemente* o mesmo destino para seus filhos, exigindo perfeição e deixando as crianças com a sensação de inadequação e debilitação, acreditando que só poderão ser amadas se corresponderem à imagem de perfeição dos pais. A dor de não ser vista, conhecida, amada e querida *por ser quem é* faz com que a criança desenvolva um conjunto protetor de comportamentos para controlar a ansiedade da situação.

É esse então o dilema da criança interior: *"Como posso identificar-me com o meu verdadeiro Self infantil e evitar a dor de uma rejeição primal?"* Para o Self não-desenvolvido de uma criança, isso em geral significa a escolha de identificar-se com o Self falso, o Self do tipo "como se", para obter alguma espécie de atenção e cuidados. Aí se encontram os alicerces dos distúrbios narcisistas: no medo que subsequentemente a criança tem de que ninguém irá amá-la como ela é. O Self verdadeiro, ou criança interior, é rejeitado como inferior ou repugnante. Como forma de se proteger desses sentimentos, o narcisista

constrói uma fachada de grandiosidade, tornando assim a criança interior prisioneira do dilema.

No adulto, esse problema faz com que seja muito difícil a pessoa relacionar-se com os outros ou com a realidade espiritual do Self. A criança interior, zelosamente escondida, não está disponível para o adulto. A personalidade narcisista é vulnerável ao menor fracasso e anseia por admiração e adulação, a fim de sustentar seu falso Self, que é mantido mediante o sacrifício da criança interior. No adulto, a criança é atormentada por sentimentos de inveja e ira, desespero interior, isolamento e depressão.

No segundo ensaio desta seção, "A busca do verdadeiro self", Alice Miller diz que "um dos pontos de mudança radical na análise acontece quando o paciente com distúrbio narcisista tem a completa percepção emocional de que todo o amor que capturou depois de tanto esforço e negação de si mesmo não lhe era dirigido por ser quem era; de que a admiração de sua beleza e de seus feitos era dirigida à sua beleza e aos seus feitos, não à criança que ele era".

O caráter narcisista, quando adulto, pode ansiar pelo paraíso da infância e, como Marie-Louise von Franz sugere no terceiro ensaio, *"Puer aeternus",* é capaz de adotar um estilo de vida provisório, no qual a vida não é bem "de verdade" — sempre há alguma coisa faltando nela. Ao se identificar com o *puer aeternus,* a pessoa com um comprometimento narcisista pode perder a capacidade que a criança interior tem de viver, desperdiçando toda a sua riqueza interior de recursos. "Você sente que essa pessoa tem uma riqueza e uma capacidade tremendas," diz von Franz, "mas não existe a possibilidade de encontrar um meio de concretizá-las."

Estar identificado com o arquétipo do *puer aeternus é* trancafiar-se no dilema da criança, é consentir com a perpétua fantasia da juventude, negando a experiência de perdas e transições reais, tão indispensáveis ao desenvolvimento e ao

crescimento. Somente com boa sorte e perseverança é que a pessoa pode, na vida adulta, elaborar e superar essa posição. No entanto, o *puer* acha difícil ingressar no mundo adulto, pois considera-o vazio e sem sentido. “Ele não encontra nenhuma ponte pela qual possa trazer aquilo que chamaríamos de vida de verdade (a criança interior) até a vida adulta,” diz von Franz.

Jeffrey Satinover, em seu ensaio “O self da infância e as origens da psicologia do *puer*”, complementa Miller e von Franz ao aprofundar o tema do *puer aeternus* como símbolo da relação narcisista com o Self. Satinover sugere que a criança pode se tornar viciada nas fantasias grandiosas do Self da infância, como decorrência da ruptura da assertividade da criança, provocada pelos pais, evitando assim as frustrações e diminuindo o seu senso de excepcionalidade.

Na literatura popular, isso se tornou conhecido como a síndrome de Peter Pan - a resolução típica da Terra do Nunca que diz: “Não vou crescer” e “Os adultos não são confiáveis”. Isso pode deixar o indivíduo em crescimento à deriva na vida, propenso a preservar a fantasia de sua criança interior, sem conferir a menor substância ao resto de sua vida. O *puer* tem medo de envelhecer, de nunca resgatar a criança interior, e, como sugere Helen Luke no capítulo final desta seção, uma necessidade de superar as próprias limitações, o que costuma ser muitas vezes literalizado numa irresistível atração por aeronaves e voos reais.

Jung considerava que o *puer aeternus* se referia ao arquétipo da criança, sugerindo que seu fascínio recorrente provém da projeção da nossa própria incapacidade de nos renovarmos. É por isso que o *puer* não tem uma conotação inteiramente negativa. Ele pode englobar alguns dos atributos mais positivos da criança interior: espontaneidade de pensamento, criatividade na solução de problemas, formas originais de expressão, capacidade de arriscar-se a um desligamento em relação às próprias origens, existir dentro de um estado de perpétua

revolução, visualizar novos princípios, ir em busca de oportunidades, alegrar os outros com seus encantos. James Hillman sugere, em seu livro *The Dream and the Underworld*, que, enquanto não formos aprisionados numa identificação com o arquétipo, o *puer aeternus* pode-nos proporcionar uma sensação de destino e significado.

13. Narcisismo: o desequilíbrio da nossa época

JOEL COVITZ

Este ensaio dá o tom da Parte 3, ao delinear o contexto geral do dilema narcisista: vivemos numa época em que a paternagem/maternagem parece correr o risco de se tornar uma arte perdida. As *saudáveis necessidades das crianças e os seus direitos muitas vezes não são entendidos e frequentemente são abafados e negados, remetidos de volta sem satisfação para o ego imaturo da criança, do que advêm resultados desastrosos. Joel Covitz, analista junguiano trabalhando em Boston, considera essa negligência por parte dos pais como abuso psicológico de crianças. "Os pais têm um poder tremendo," diz ele, e os danos causados à alma da criança têm consequências vitalícias, das quais os outros ensaios desta seção falam em detalhes. Este capítulo é um excerto do livro de Covitz publicado em 1986,* Emotional Child Abuse: The Family Curse, *um útil manual sobre estilos salutares de criação de filhos.*

Cada época parece ter suas perturbações características. Freud descobriu a histeria como queixa predominante; o terapeuta de hoje mais provavelmente atenderá pacientes deprimidos ou compulsivos, que sentem falta, na sua vida, de afeto, de atenção, de relacionamentos gratificantes.

Quando examinamos as raízes das perturbações narcisistas, torna-se claro que a maioria delas está ligada à infância. Em termos bem simples, uma criança cujas primeiras e saudáveis necessidades narcisistas (de atenção, afeto e respeito, assim como de alimento e proteção) não são atendidas tem dificuldade em desenvolver força interior, independência e autoestima. Os pais que repetidamente não satisfazem essas primeiras necessidades estão abusando psicológica e emocionalmente de seus filhos. Em praticamente todos os casos, isso é o oposto do que os pais pretendem. Eles querem ser acolhedores e

prestativos, mas a coisa não funciona desse jeito. Em alguns casos, eles simplesmente não sabem o que é ser pai e mãe. Em outros, eles mesmos são tão carentes — porque as suas primeiras necessidades narcisistas não foram satisfeitas — que não conseguem satisfazer as dos filhos. Enquanto esses pais não conseguirem romper o círculo do abuso, o efeito do mesmo sobre os filhos será arrasador, e esse padrão destrutivo provavelmente será repetido nas gerações seguintes.

A incidência do abuso físico de crianças na nossa sociedade levanta um sério questionamento sobre a cultura em que vivemos. As crianças espancadas que chegam aos prontos-socorros dos hospitais com os ferimentos decorrentes da raiva e da frustração dos pais carregarão essas cicatrizes para sempre. Mas as crianças que sofrem abusos emocionais e psicológicos também têm cicatrizes, difíceis de serem vistas, a princípio, mas não menos incapacitantes e problemáticas quanto à cura.

Evidentemente, um dos motivos pelos quais esse é um problema tão difícil de solucionar está no fato de que essas crianças, em geral, não conseguem revidar ao ataque de modo eficaz. Como diz Maria Montessori em *The Child in the Family,* "Nenhum problema social é tão universal quanto a opressão da criança... Nenhum escravo jamais chegou a ser propriedade do seu dono no mesmo grau em que isso acontece com as crianças."[1] A nossa sociedade considera a criança como propriedade dos pais. Os pais têm um tremendo poder, e as crianças têm poucos meios eficazes de protestar contra o abuso, enquanto ainda são pequenas. Mas, com o tempo, o preço desse abuso será cobrado da geração seguinte. Em seu livro *Prisoners of Childhood,* Alice Miller escreve: "... daqui a vinte anos, essas crianças serão adultos que terão que dar o troco disso tudo aos seus próprios filhos."[2]

Quando as necessidades narcisistas de uma criança são frustradas, ela geralmente manifestará sua frustração como raiva dos pais ou como depressão. Mas, à medida que vai

crescendo e ficando mais "socializada", sua tendência é reprimir a raiva e procurar comportar-se de maneira a conquistar a afeição dos pais ou a assegurá-la (o que, às vezes, é uma tarefa impossível). A raiva e a dor reprimidas deverão, em última análise, vir à tona posteriormente, de alguma forma, seja como dificuldade para obter sucesso, seja alimentando uma autoimagem precária, seja em tendências autodestrutivas, ou mediante a adoção de alguns mecanismos de defesa usados pelos pais: tirania, promiscuidade, inadequação. Seja qual for o comportamento de adaptação, a frustração subjacente não vai embora por si. Somente quando uma criança puder cavar por trás das suas defesas e chegar às raízes do problema é que poderá compreender esse comportamento abusivo de seus pais. As sombras do comportamento dos pais quase sempre podem ser localizadas em suas próprias condutas. É impossível romper a cadeia familiar de abusos de uma forma cabal, desvincular-se inteiramente da própria herança emocional (em seus bons e maus aspectos). Mas o entendimento das bases do comportamento de abuso pode ajudar os pais e os filhos a modificá-lo - e o objetivo é a possibilidade de um passo adiante a cada geração.

Não há segredos para o inconsciente de um filho, embora às vezes os pais ajam como se suas palavras conscientes e seus atos fossem as únicas mensagens que transmitem às crianças. Boa parte da comunicação dos pais com os filhos é não-verbal. Transferidas subliminarmente de pai para filho, todas as mensagens serão percebidas pelo inconsciente da criança e ela obterá uma percepção razoavelmente precisa da personalidade de seus pais. Como disse Jung em *O Desenvolvimento da Personalidade:*

As crianças estão tão profundamente envolvidas na atitude psicológica de seus pais que não é de espantar que a maioria das perturbações da infância possa ser atribuída a uma atmosfera psíquica comprometida no lar de origem... Não pode haver dúvida de que é de máximo valor que os pais enxerguem os

sintomas de seus filhos à luz dos seus próprios problemas e conflitos. É seu dever como pais procederem dessa forma. Sua responsabilidade a esse respeito contém a obrigação de fazerem tudo o que estiver ao seu alcance no sentido de não levarem uma vida que possa prejudicar seus filhos. Geralmente dá-se uma ênfase muito menor do que a necessária à importância da conduta dos pais para com a criança, porque nem sempre são as palavras que importam, mas sim os atos. Os pais devem estar sempre conscientes do fato de que eles mesmos são, em princípio, a causa da neurose em crianças.[3]

Mas devemos lembrar-nos de que os pais não são os únicos responsáveis pela maldição da família. Como também disse Jung: "Não são tanto os pais, e sim os ancestrais — avós e bisavós — que são os verdadeiros progenitores."[4]

A criança pode ser levada a repetir as inadequações de seus pais. Por exemplo, a mãe de Katherine sempre havia-se considerado uma mulher inteligente, mas não bonita. Em vez de tentar lidar com essa situação, no entanto, ela transmitiu aos filhos a ideia de que só a inteligência era importante, não a capacidade de atrair ou de estar com os outros com facilidade, ou de ter amigos. Os seus filhos e a sua filha cresceram intelectualmente competentes, mas socialmente ineptos. Katherine havia sido ensinada a não dar valor às suas roupas, nem à aparência. Estava sempre limpa, mas descrevia- se como aquele tipo de criança cujas meias soquetes sempre estavam escorregando, cujo cabelo estava sempre desarrumado. Todas as suas roupas vinham de herança das primas. Maquiagem era algo depreciado na sua casa. As crianças cresceram pensando que eram inteligentes e feias, o que não era realmente verdade. Katherine, em especial, tinha dificuldades para ajustar-se socialmente. Era vítima da maldição familiar.

É praticamente impossível livrar-se por completo da maldição da família. Mas os pais *podem* tomar consciência das manifestações dessa maldição em seus filhos, e podem trabalhar

para modificar as condições que a incentivam. Eles têm a oportunidade de mudar tudo o que puderem, a fim de tornar a vida deles mais saudável. Como Jung diz: "A natureza não se presta à alegação de que 'não se sabia'."

As bases do problema

Como pode tanta coisa sair errada logo no início da vida de uma pessoa? A razão disso é dupla: a inadequação no desenvolvimento da personalidade de seus próprios pais, que quase sempre foram, eles mesmos, vítimas de abuso na infância; e as frustrações que os pais sentem quando tentam criar seus filhos numa cultura que desprestigia o ter filhos.

Nossas crianças são vítimas da visão cada vez mais predominante de que ter filhos é algo frustrante e complicado, que atrapalha o crescimento e a vida do sujeito, em vez de enriquecê-la. A ausência de uma cultura criativa e funcional no que se refere a ter filhos torna-se mais grave quando observamos o colapso atual da vida familiar. Crianças de casais divorciados, ou abandonadas pelos pais; crianças que, algumas até com menos de dez anos, fogem para viver nas ruas em vez de enfrentar pais que abusam delas; crianças que decidem terminantemente nunca ter seus próprios filhos; crianças que se tornam pais enquanto ainda são adolescentes; crianças que se odeiam e descontam nos outros - todas são vítimas não apenas de pais que abusam delas, mas de uma cultura que desvalorizou a arte de ser pai ou mãe.

"Mas o que você está *fazendo* com a sua vida?" - perguntar isso a uma moça que está criando dois filhos pequenos significa dizer a essa mãe que o que ela está fazendo — ser mãe — não é uma atividade digna de respeito. Quando uma cultura destitui os papéis de mãe e de pai de seu *status,* a autoestima decorrente de assumir esses papéis diminui correspondentemente, como se essa sociedade estivesse punindo os pais, em vez de respeitá-los, por estarem enfrentando uma tarefa de importância tremenda. Apenas os empregos no "mundo real" parecem

merecer esse respeito. Uma dessas jovens mães, cuja situação reflete a de outras milhares, decidiu voltar a trabalhar quando seu filho estava com dois meses de idade, mesmo que o custo do berçário e outras despesas exigisse uma parte tão grande de seu salário que na realidade estava ganhando menos de um dólar por hora. Quando lhe perguntei a razão de sua escolha, respondeu-me: "Não quero que minha autoestima venha do fato de meu marido me dizer que preparei um bom jantar para a família."

O desejo de ter autoestima, assim como o de trabalhar fora, não é negativo, absolutamente. Mas é uma lástima que a nossa cultura não incentive mais as pessoas a sentirem autoestima quando trabalham na educação e no atendimento de uma família. John Bowlby expressa uma abordagem mais encorajadora da criação de filhos:

A criança precisa sentir que é um objeto de prazer e orgulho para sua mãe; a mãe precisa sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho: ambos necessitam sentir-se intimamente identificados um com o outro. A criação de um filho não é algo que possa ser feito de modo mecânico; trata-se de uma relação humana viva, que altera o caráter dos parceiros envolvidos.

...É necessário continuidade para o crescimento de uma mãe. Assim como o bebê tem necessidade de sentir que pertence à sua mãe, a mãe precisa sentir que pertence ao filho e é só quando tem a satisfação desse sentimento que se torna fácil para ela dedicar- se a ele. O fornecimento de uma atenção constante... é possível somente para a mulher que obtém uma satisfação profunda de ver seu filho crescer, deixando de ser bebê para atravessar as muitas fases da meninice, até tornar-se um homem ou mulher independente, sabendo que foram os seus cuidados que tornaram isso possível.[6]

Nossa cultura, porém, em vez de encorajar *ambos* os pais a desenvolverem essa "satisfação profunda", leva-os a ficarem

frustrados com as exigências que a criança faz por uma "atenção constante".

Por esse motivo, muitos casais decidem não ter filhos. Sentem que devem tê-los apenas se os quiserem, e consideram a criação dos filhos um encargo indesejável. Se é assim que pensam, então sua escolha presumivelmente é benéfica tanto para eles como para os filhos que não nasceram. Mas o que isso implica em relação à nossa cultura? E quais seriam as possíveis razões para tal decisão?

As razões pelas quais uma pessoa decide não ter filhos relacionam-se, em geral, de uma maneira bastante direta com suas próprias vivências quando criança. A razão principal para a rejeição do papel de pai ou mãe é ter sido criado num lar negativo, disfuncional, que, instintivamente, não querem recriar como ambiente para gerações futuras. Muitos desses adultos foram crianças que experimentaram, em primeira mão, o que significa ter pais que não os desejam. Uma paciente contou-me que havia decidido não ter filhos porque não seria capaz de suportar a rejeição que eles lhe demonstrariam, igual à que sentira por sua própria mãe, que era o que esta havia sentido por sua avó.

As pessoas que fazem a escolha de não ter filhos geralmente decidiram isso há tanto tempo quanto conseguem lembrar-se. Para elas, a infância foi um desastre pessoal, e não sentem desejo algum de participar da continuidade desse ciclo de vida. Do ponto de vista de suas vivências, podem estar tomando uma atitude compreensível. Mas o número cada vez maior de decisões dessa natureza serve como um triste comentário acerca da vida familiar de hoje. Numa era de individualismo, a decisão de não ter filhos é um direito da pessoa - mas também pode ser um erro trágico.

Avaliação da situação particular

Para determinar a natureza e a extensão do abuso emocional, cada família deve ser examinada do ponto de vista de sua

situação particular. A família como instituição é uma coisa; a família individual é outra. Cada aspecto do relacionamento entre pais e filhos é afetado por essa margem de especificidade. Quando consideramos uma dada família, estamos analisando sua combinação ímpar de esperanças, educação, recursos e aspirações. A criança está consciente da situação peculiar da família em que é criada e leva-a em conta. Existe uma diferença enorme, por exemplo, entre um pai abastado que cria o filho como "pobre" e aquele que realmente não tem dinheiro para oferecer.

O pai de Keith, professor universitário, disse-lhe: "Quando eu tinha a sua idade, tive que trabalhar para pagar a faculdade. Tive que ganhar o dinheiro necessário para toda a minha educação e espero que você faça o mesmo." Keith enxergou a falácia no raciocínio de seu pai. Uma vez que o avô de Keith tinha morrido quando seu pai estava com 6 anos, ele fora forçado a trabalhar no início de sua adolescência, e fora criado num ambiente de classe média baixa. Mas, na época em que Keith estava prestes a entrar na faculdade, seu pai já fazia parte da classe média alta, onde é comum os pais sustentarem os estudos dos filhos. O pai de Keith estava funcionando como se ainda estivesse contido pelas limitações de um nível socioeconômico inferior; recusava-se a tomar consciência das necessidades e expectativas especiais de sua família. Não conseguia entender nem perceber que desenvolver a capacidade de lidar com a situação familiar tal qual ela é - e não simplesmente como foi vivida no passado, ou como se gostaria que fosse - é parte essencial da arte de ser pai ou mãe.

O desenvolvimento do Self genuíno

Como diz o mito grego, Narciso fitava interminavelmente o seu próprio reflexo na água. Não sentia desejo algum de desenvolver um Self autêntico; estava enamorado do que tem sido denominado "o falso self", aquele que só quer lidar com o belo, o agradável, o lado feliz da vida. Essa fixação isolou-o da

vivência de toda uma variedade de experiências de vida e respostas emocionais, como a inveja, o ciúme e a raiva. Essa relutância em chegar a um entendimento com o lado perturbador da vida é característica da pessoa com distúrbio narcisista na personalidade. Existe uma porção da vida que não é consciente, que está escondida, indisponível. Esse lado desconhecido, que pode ser chamado de sombra, contém qualidades desconhecidas que podem ser boas ou más, mas que permanecem obscuras, imersas na escuridão.

Como assinala Jung, "a infância não é importante apenas por representar o ponto de partida para um possível comprometimento do instinto, mas também por ser a época em que, aterrorizantes ou encorajadores, esses sonhos e imagens que enxergam tão longe e procedem da alma da criança preparam seu destino inteiro".[7]

A responsabilidade dos pais, nessa época, é extensa. O Self genuíno é um tesouro que cada um de nós vive para descobrir. O comportamento abusivo dos pais pode inibir o desenvolvimento de um Self genuíno nos filhos.

14. A busca do verdadeiro self

ALICE MILLER

Este capítulo é extraído do consagrado trabalho da psicanalista suíça Alice Miller, autora de textos de excepcional qualidade que, a partir de 1981, ofereceu ao público americano um manual básico sobre o distúrbio narcisista e uma condenação impiedosa das modernas práticas de educação dos filhos. Para muitos, ela vem sendo a santa padroeira da criança interior.

Em Prisoners of Childhood *[Prisioneiros da Infância] (rebatizado como* The Drama of the Gifted Child [O *Drama da Criança Bem-dotada] em edições subsequentes), ela esboça pela primeira vez o dilema narcisista da criança interior. O texto reproduzido abaixo compreende o capítulo central desse livro. Depois, em* For Your Own Good*, ela define a "pedagogia tóxica" que existe por trás da crueldade desfechada contra as crianças e descreve extensamente a vida de três crianças famosas (entre elas a de Adolf Hitler), cuja criança interior foi atormentada e esmagada por práticas destrutivas de educação. Em* Thou Shalt Not Be Aware*, ela rompe com a teoria tradicional do impulso, defendida pela psicanálise, acusando a própria sociedade de trair a criança. (Um excerto desse livro está incluído na Parte 4 desta coletânea.)*

Na sua introdução a O Drama da Criança Bem-dotada*, a dra. Miller confessa que está contando a história do abuso e do sofrimento da sua própria criança interior, que, ela descobriu, constitui um espelho para muitas outras pessoas. "Compreendi", diz ela, "que eu não conseguiria mudar em nada o passado dos meus pais e professores, que os havia deixado cegos. Mas, ao mesmo tempo, senti que podia e devia tentar mostrar aos jovens pais de hoje - e, em especial, aos futuros pais - o risco de usarem inadequadamente seu poder;*

senti que é meu mister sensibilizá-los para esse perigo e fazer com que escutem com maior facilidade os sinais da criança que há dentro deles, *assim como os das crianças que há em toda a parte.*"

Introdução

A experiência tem-nos ensinado que possuímos uma única arma duradoura na nossa luta contra a enfermidade mental: a descoberta emocional e a aceitação emocional da verdade sobre a história individual e peculiar da nossa infância. É possível, então, com a ajuda da psicanálise, libertarmo-nos por completo das ilusões? A história demonstra que estas se insinuam por toda a parte, que toda e qualquer vida está cheia delas, talvez porque a verdade seja, muitas vezes, insuportável. Não obstante, para muitas pessoas a verdade é tão essencial que elas têm que pagar muito caro por sua perda, ficando seriamente doentes. No decorrer da análise, tentamos, num processo demorado, descobrir a nossa própria verdade pessoal. Essa verdade sempre provoca muita dor antes de nos oferecer uma nova dimensão de liberdade - a menos que nos contentemos com a sabedoria já conceitualizada e intelectualizada, baseada nas dolorosas experiências das outras pessoas, como, por exemplo, as de Sigmund Freud. Nesse caso, porém, permaneceremos na esfera da ilusão e do autoengano.

Existe um tabu que tem resistido a todos os esforços recentes de desmistificação: a idealização do amor materno. O curso comum das biografias ilustra isso com muita clareza. Ao ler as biografias de artistas famosas, por exemplo, tem-se a impressão de que suas vidas começaram na puberdade. Antes disso, diz-se que eram "felizes", "contentes", que sua infância foi "livre de preocupação", ou que foi "muito carente", ou "muito estimulante". Mas o que uma determinada infância realmente foi não parece ser do interesse desses biógrafos, como se as bases de uma vida inteira não estivessem ocultas nem entranhadas em sua infância. Gostaria de ilustrar isto com um

exemplo simples.

Henry Moore descreveu, em suas memórias, como, quando ainda era um menino pequeno, massageou as costas da mãe com óleo para aliviar sua dor de reumatismo. Ao ler isso, de repente ficou claro para mim o que eram suas esculturas: as grandes mulheres reclinadas com cabeça pequena. Agora eu via nelas a mãe vista pelos olhos de um filho pequeno, com a cabeça lá no alto, numa perspectiva diminuída, e as costas próximas e à sua frente, grandemente aumentadas. Isso pode ser irrelevante para muitos críticos de arte, mas para mim demonstra a força com que as vivências infantis podem permanecer no inconsciente e que possibilidades de expressão elas podem despertar no adulto, que está livre para manifestá-las. No caso de Moore, sua recordação não foi prejudicial e por isso pôde sobreviver intacta. Mas as vivências conflitivas de toda infância têm que ficar escondidas e trancadas na escuridão, e a chave para a compreensão da vida que acontece depois está escondida junto com elas.

A pobre criança rica

Às vezes me pergunto se algum dia conseguiremos apreender a extensão da solidão e do abandono aos quais fomos expostos quando crianças, continuando, como consequência, a ser intrapsiquicamente desprotegidos, na idade adulta. Não estou me referindo aqui, basicamente, aos casos de abandono óbvio por parte dos pais, ou de separação deles, embora estes, é claro, possam ter resultados traumáticos. Tampouco estou pensando em crianças que evidentemente não foram cuidadas, que foram totalmente ignoradas, e que sempre tiveram consciência disso ou, pelo menos, cresceram com a noção de que as coisas eram assim.

Além destes casos extremos, existem muitas e muitas pessoas que sofrem de distúrbios narcisistas clássicos e que, em muitos casos, tiveram pais sensíveis e atenciosos, dos quais receberam muito incentivo. Não obstante, essas pessoas estão sofrendo de

severa depressão. Elas iniciam a análise na crença, com a qual cresceram, de que sua infância foi feliz e protegida.

Com muita frequência nos deparamos com pacientes dotados, que foram elogiados e admirados por seus talentos e realizações. Praticamente todos esses analisandos passaram pelo aprendizado das noções básicas de higiene *[toilet training*] no primeiro ano de vida e muitos deles, com idade entre um ano e meio e cinco anos, foram considerados capazes de tomar conta de irmãos menores. Segundo as atitudes gerais vigentes, essas pessoas — orgulho de seus pais — deveriam ter um forte e estável senso de autoconfiança. Mas dá-se exatamente o inverso. Em tudo o que empreendem se saem bem e, em geral, até com excelência. São admirados e invejados. São bem-sucedidos sempre que o desejam, mas isso não adianta nada. Por trás de tudo está o fantasma da depressão, o sentimento de vazio e de autoalienação, uma sensação de que sua existência não tem nenhum significado. Esses sentimentos escuros vêm à tona assim que deixa de surtir efeito a droga da grandiosidade, assim que não estão "por cima", que deixam definitivamente de ser o "superastro", ou sempre que, repentinamente, sentirem que não conseguiram corresponder a uma imagem ideal qualquer, a um padrão ideal que lhes parece devem satisfazer. Então a praga da ansiedade os infesta, assim como sentimentos profundos de culpa e vergonha. Quais são as razões desses distúrbios narcisistas, em pessoas talentosas?

Logo na primeira entrevista dirão ao analista que tiveram pais compreensivos, ou que um deles o foi, e que, se alguma vez deixaram de sê-lo, sentiram que era culpa deles, e de sua incapacidade de se expressarem de modo apropriado. Relatam suas mais precoces recordações sem a menor simpatia pela criança que foram um dia, e isso é bastante chocante, pois são pacientes não só dotados de pronunciada capacidade introspectiva, mas também bastante capazes de desenvolver empatia com outras pessoas. Seu relacionamento com o mundo emocional de sua infância, contudo, é caracterizado por falta de

respeito, compulsão de controle, manipulação e exigência de resultados. Muitas vezes expressam desdém e ironia, e até mesmo escárnio e cinismo. Em geral, existe uma ausência completa de um verdadeiro entendimento emocional ou valorização genuína das vicissitudes de sua própria infância, nenhuma noção de quais são suas autênticas necessidades — além da necessidade de obterem resultados. A internalização do drama original foi tão completa que pode ser mantida a ilusão de terem tido uma boa infância.

A fim de delinear o referencial para a descrição do clima psíquico desses pacientes, formularei antes alguns pressupostos básicos que nos servirão de ponto de partida e que têm afinidade com os trabalhos de D. W. Winnicott, Margaret Mahler e Heinz Kohut.

1 A criança tem uma necessidade primária de ser considerada e respeitada como a pessoa que realmente é, a qualquer momento, e como centro - o ator central - de sua própria atividade. Em contraposição aos desejos libidinosos, estamos falando aqui, por certo, de uma necessidade que é narcisista, embora legítima, e cuja satisfação é essencial para o desenvolvimento de uma autoestima saudável.

● Quando falamos aqui "da pessoa que realmente é, a qualquer momento," estamos falando de suas emoções, sensações e de sua expressão desde o seu primeiro dia depois de nascida. Mahler (1968) escreve: "As sensações internas do bebê formam o cerne do self. Parecem permanecer como o ponto central, a cristalização da 'sensação do self, em torno da qual se estabelecerá uma 'noção de identidade'".[1]

● Numa atmosfera de respeito e tolerância por seus sentimentos, a criança, na fase da separação, será capaz de abandonar a simbiose com a mãe e de dar os passos que a colocam no rumo da individuação e da autonomia.

● Para que satisfaçam os pré-requisitos de um narcisismo saudável, os próprios pais precisam ter crescido nessa

atmosfera.

● Os pais que não vivenciaram essa condição doméstica em sua infância têm, eles próprios, carências narcisistas; ao longo de sua vida inteira estarão em busca daquilo que seus próprios pais não puderam dar-lhes no momento certo: a presença de uma pessoa que tem total percepção deles, que os leva a sério, que os admira e acompanha.

● Essa busca, evidentemente, nunca pode alcançar pleno êxito, pois está relacionada a uma situação que pertence de maneira irrevogável ao passado, ou seja, ao tempo em que o self estava começando a se formar.

● Não obstante, uma pessoa com essa necessidade insatisfeita e inconsciente (por ter sido reprimida) é impelida a tentar gratificá-la por meios substitutos.

● Os objetos mais apropriados para a gratificação dos pais são *os próprios filhos.* Um bebê recém-nascido é completamente dependente de seus pais e, uma vez que o cuidado deles é indispensável à sua sobrevivência, ele faz tudo que pode para não perdê-los. Desde o primeiro dia pós-parto, ele deverá concentrar todos os seus esforços com essa finalidade, assim como uma plantinha que se volta na direção do sol para sobreviver.[2]

Até aqui, ative-me ao círculo de fatos relativamente bem conhecidos. Os próximos pressupostos são derivados mais de observações efetuadas ao longo de análises que conduzi ou supervisionei, e também de entrevistas com candidatos a psicanalistas. Em meu trabalho com todas essas pessoas, descobri que cada uma delas tem uma história de infância que a mim parece significativa.

● Havia uma *mãe* que, no fundo, era emocionalmente insegura e que dependia, para seu equilíbrio narcisista, de que seu filho se comportasse ou agisse de uma certa maneira. Essa mãe era capaz de esconder sua insegurança do filho e de todas as demais

pessoas por trás de uma fachada dura, autoritária e até totalitária. (Com o termo "mãe" quero dizer aqui a pessoa mais próxima da criança em seus primeiros anos de vida. Essa não é necessariamente sua mãe biológica, nem mesmo precisa ser uma mulher. No decurso dos últimos vinte anos, muitos pais vêm assumindo essa função.)

● O filho tinha uma capacidade notável para perceber e reagir intuitivamente, quer dizer, para responder inconscientemente a essa necessidade de sua mãe, ou de ambos os pais, e assim assumiu o papel que inconscientemente lhe havia sido atribuído.

● Esse papel assegurava que a criança receberia "amor", ou seja, a catexe narcisista dos pais. Ela podia sentir-se necessária e sentia que isso garantia para ela certa dose de segurança existencial.

Essa habilidade é depois ampliada e aperfeiçoada. Mais tarde, tais crianças não só se tornam mães (confidentes, consoladoras, conselheiras, sustentáculos) de suas próprias mães, como também assumem a responsabilidade pelos irmãos e, com o tempo, desenvolvem uma sensibilidade especial para captar os sinais inconscientes que manifestam as necessidades dos outros. Não é de espantar que muitas vezes escolham no futuro a profissão de psicanalistas. Quem mais, sem essa história pregressa, teria concentrado um interesse tão grande numa atividade que implica passar o dia inteiro tentando descobrir o que está acontecendo no inconsciente de outra pessoa? Mas o desenvolvimento e o aperfeiçoamento desse sensorial diferenciado — que no passado ajudou a criança a sobreviver e agora lhe permite, adulta, praticar essa estranha profissão - também contêm os alicerces do distúrbio narcisista.

O mundo perdido dos sentimentos

A fenomenologia do desequilíbrio narcisista é hoje bastante conhecida. Com base na minha experiência, gosto de pensar que sua etiologia pode ser encontrada na adaptação emocional inicial do bebê. De qualquer modo, as necessidades narcisistas

da criança de respeito, resposta, compreensão, simpatia e de se ver refletida são submetidas a um destino muito especial, como decorrência dessa adaptação inicial.

Uma séria consequência dessa adaptação inicial é a impossibilidade de vivenciar conscientemente determinados sentimentos seus (como o ciúme, a inveja, a raiva, a solidão, a impotência e a ansiedade), seja durante a infância, seja na vida adulta. Isso é ainda mais trágico por estarmos aqui diante de pessoas sensíveis, capazes dos sentimentos mais diferenciados. Isso se torna evidente naqueles momentos, durante a análise, em que descrevem vivências da infância não marcadas por conflitos. Quase sempre se trata de vivências com a natureza que puderam desfrutar sem magoar a mãe ou fazer com que ela se sentisse insegura, sem diminuir seu poder ou pôr seu equilíbrio em risco. Mas é extraordinário como essas crianças, atentas, vivazes e sensíveis, capazes, por exemplo, de lembrar exatamente como descobriram a luz brilhante do sol na grama aos quatro anos, aos oito ainda não são capazes de "perceber nada", nem de mostrar curiosidade pela mãe grávida, ou, ainda, "não tiveram nenhum" ciúme quando nasceu o irmão. Aos dois anos, uma dessas crianças pôde ser deixada sozinha quando os soldados invadiram a casa e a revistaram, e ela "ficou boazinha", sofrendo aquilo tudo em silêncio e sem chorar. Essas crianças desenvolveram a arte de não sentir seus sentimentos, pois uma criança só pode ter seus sentimentos quando existe ali alguém que os possa aceitar completamente, entendendo-a e dando-lhe apoio. Se isso está faltando, se a criança deve arriscar-se a perder o amor da mãe, ou o da figura materna substituta, então ela, além de não poder vivenciar seus sentimentos em segredo, "só para si", não consegue mais vivenciá-los de modo algum. Apesar disso... alguma coisa fica.

Durante sua vida adulta, essas pessoas criam inconscientemente situações nas quais esses sentimentos rudimentares podem despertar, mas sem que a conexão original se tome clara. A finalidade desse "jogo", como Jurgen Habermas (1970) o

chamou, só pode ser decifrada na análise, quando o analista reúne as partes desse quebra-cabeça e as intensas emoções vivenciadas na análise são, com êxito, relacionadas à situação original. Freud descreveu isto em 1914 em seu trabalho "Recollection, Repetition and Working Through".

Vejamos, por exemplo, o caso da sensação de abandono, não a que o adulto vive, quando se sente só e, portanto, toma bolinhas ou drogas, vai ao cinema, visita os amigos ou telefona "sem razão", para tentar suprir a lacuna de alguma maneira. Não. Estou me referindo à sensação original no bebê pequeno, que não tinha nenhuma dessas oportunidades de distração e cuja comunicação, verbal e pré-verbal, não alcançava a mãe. Não porque ela fosse má, mas porque ela mesma tinha carências narcisistas, e a dependência de um eco específico de um filho que era tão essencial para ela por ela mesma ser uma criança em busca de um objeto que pudesse estar à sua disposição. Apesar desse quadro poder parecer bastante paradoxal, a criança está à disposição da mãe. Uma criança não pode fugir dela como sua própria mãe fez, tantos anos antes. A criança pode ser criada de uma tal maneira que se torne aquilo que ela, a mãe, quer que ela seja. A mãe pode forçar seu filho a mostrar respeito, pode impor seus próprios sentimentos a ele, ver-se refletida no amor e na admiração que ele lhe dedica e sentir-se forte em sua presença, mas quando essa criança se torna demais ela pode abandoná-la nas mãos de um desconhecido. A mãe pode sentir-se como o centro das atenções, pois os olhos da criança seguem-na por toda a parte. Se uma mulher teve que suprimir e reprimir todas essas necessidades em relação à sua própria mãe, elas irrompem do fundo de seu inconsciente e buscam gratificação através de seus próprios filhos, apesar de toda a sua instrução e boas intenções, e apesar de toda a percepção que tem do que uma criança necessita. A criança sente isso com total nitidez e em muito pouco tempo suprime a manifestação de suas próprias dores. Mais tarde, quando esses sentimentos de desamparo começam a vir à tona na análise do adulto, vêm acompanhados

de tal intensidade de dor e desespero que fica muito clara a razão pela qual essa pessoa não poderia ter sobrevivido a tanta dor. Isso só teria sido possível num ambiente empático, atento à sua condição, e isso ela não teve. A mesma dinâmica é válida para as emoções associadas ao drama edipiano e a todo o desenvolvimento da libido infantil. Tudo isso teve que ser expurgado. Dizer, porém, que estava ausente seria negar as evidências empíricas obtidas na análise.

Vários tipos de mecanismos podem ser identificados na defesa contra os primeiros sentimentos de abandono. Além da negação pura e simples, existe a inversão ("Estou-me acabando com toda essa constante responsabilidade, porque os outros precisam incessantemente de mim"), a transformação do sofrimento passivo numa conduta ativa ("No momento em que sinto que sou essencial para uma mulher, tenho que deixá-la"), a projeção em outros objetos e a introjeção da ameaça de perda do amor ("Se eu for sempre bom e agir segundo as normas, não correrei riscos; sinto constantemente que as exigências são excessivas, mas não posso mudar isso; devo realizar sempre mais do que os outros"). A intelectualização é muito frequente, pois se trata de um mecanismo de defesa de grande confiabilidade.

Todos esses mecanismos de defesa são acompanhados da repressão da situação original e das emoções que a ela pertencem, que só podem ser trazidas de volta à tona depois de anos de análise.

A acomodação às necessidades dos pais costuma levar (mas não sempre) a uma "personalidade do tipo como se" (Winnicott descreveu-a como o "falso self"). Essa pessoa desenvolve-se de modo a revelar apenas o que é esperado dela e funde-se tão completamente com o que revela que - antes de iniciar a análise - dificilmente suspeitaria quanto existe de si mesma por trás dessa "visão mascarada de sua pessoa".[3] Ela não consegue desenvolver e diferenciar seu "verdadeiro Self", porque é incapaz de vivê-lo. Este permanece num "estado de

incomunicação", segundo a expressão de Winnicott. É compreensível que tais pacientes se queixem de uma sensação de vazio, futilidade ou desterro, pois esse vazio é real. Um processo de esvaziamento, empobrecimento e morte parcial de seu potencial aconteceu de fato quando tudo que era vivo e espontâneo dentro de si foi eliminado. Na infância, essas pessoas muitas vezes têm sonhos nos quais se vivenciam como parcialmente mortas. Gostaria agora de dar três exemplos:

Meus irmãos menores estão de pé numa ponte e lançam uma caixa na água. Eu sei que estou deitada dentro da caixa, morta; apesar disso, ainda ouço meu coração batendo. Neste momento eu sempre desperto (sonho que se repete).

Esse sonho combina a agressão inconsciente (inveja e ciúme) contra os irmãos menores, para quem a paciente sempre fora uma "mãe" atenciosa, com a "morte" de seus próprios sentimentos, desejos e exigências, por meio de formação reativa. Um outro paciente sonhou o seguinte:

Vejo uma extensa campina e nela há um caixão branco. Receio que minha mãe esteja dentro dele, mas levanto a tampa e, felizmente, não é minha mãe, sou eu.

Se esse paciente, quando criança, tivesse sido capaz de manifestar sua decepção com a mãe — vivenciando sua fúria, sua raiva — poderia ter ficado vivo. Mas isso teria desencadeado a perda do amor materno e, para uma criança, isso é o mesmo que a perda do objeto e a morte. Assim, "matou" sua raiva e, com ela, uma parte de si mesmo, para poder preservar seu objeto de self, sua mãe. Uma menina costumava sonhar:

Estou deitada na minha cama. Estou morta. Meus pais falam e olham para mim, mas não se dão conta de que estou morta.

As dificuldades inerentes ao processo de vivenciar e desenvolver as próprias emoções provocam a permanência do vínculo, que impede a individuação, algo em que ambas as

partes têm interesse. Os pais encontram no "falso self" de seu filho a confirmação que estavam buscando, um substituto de suas próprias estruturas ausentes. O filho, incapaz de consolidar suas próprias estruturas, depende dos pais primeiro conscientemente e depois inconscientemente (através do introjeto). Não consegue confiar nas suas próprias emoções, pois não chegou a vivenciá-las por meio da tentativa e erro, não tem noção de suas reais necessidades, e está alienado de si mesmo no mais alto grau. Em tais circunstâncias, não consegue separar-se dos pais e, mesmo quando adulto, continua a depender da afirmação do parceiro, ou de algum grupo, ou, especialmente, de seus próprios filhos. Os herdeiros dos pais são os introjetos, dos quais o "verdadeiro Self" deve ser mantido oculto; dessa forma, a solidão no lar de origem é posteriormente seguida de isolamento no self. A catexe narcisista do filho pela mãe não exclui a devoção emocional. Pelo contrário, ela ama o filho, como seu objeto de self, excessivamente, embora não da maneira como ele necessita, e sempre com a condição de que ele apresente seu "falso self". Isso não constitui obstáculo ao desenvolvimento das capacidades intelectuais, mas serve de empecilho ao desabrochar de uma vida emocional autêntica.

Em busca do verdadeiro Self

Como pode a psicanálise ajudar nesse caso? A harmonia retratada em Kathchen von Hollbronn (a heroína romântica de Heinrich von Kleist, no drama homônimo de 1810) provavelmente só é possível na fantasia, e é especialmente compreensível que decorra do anelo interior de uma pessoa narcisisticamente atormentada, como o foi Kleist. A simplicidade do Falstaff de Shakespeare - de quem se diz que Freud comentou que representava a tristeza de um narcisismo saudável — não é nem possível nem desejável para tais pacientes. O paraíso da harmonia pré-ambivalente, pelo qual tantos pacientes esperam, é inatingível. Mas a vivência da verdade pessoal, e o conhecimento pós-ambivalente da mesma,

possibilitam regressar ao mundo dos próprios sentimentos num nível adulto, sem paraíso, mas com a capacidade de sentir a perda.

Um momento decisivo na análise é aquele em que o paciente com distúrbio narcisista chega à introvisão emocional de que todo o amor que conquistou com tanto esforço e negação de si mesmo não lhe era destinado por ele ser quem realmente era, que a admiração de sua beleza e de seus feitos dirigia-se à sua beleza e aos seus feitos, e não a ele próprio. Na análise, a criança pequenina e solitária que está escondida por trás de suas realizações acorda e pergunta: "O que teria acontecido se eu tivesse aparecido na sua frente feia, ruim, zangada, ciumenta, preguiçosa, suja, malcheirosa? Onde iria parar o seu amor? E eu fui todas essas coisas, também. Será que isso significa que não era realmente a mim que você amava, mas apenas àquilo que eu fingia ser? A criança bem-comportada, confiável, empática, compreensiva, conveniente, que nunca foi criança de verdade? O que aconteceu com a minha infância? Será que ela não me foi roubada? Nunca poderei voltar a ela. Nunca poderei encontrar substituto para ela. Desde o começo fui um pequeno adulto. As minhas habilidades, será que simplesmente foram malversadas?"

Essas indagações são acompanhadas de muito luto e dor, mas o resultado é sempre o estabelecimento de uma nova autoridade no analisando (como uma herança da mãe que nunca existiu), uma nova empatia com o seu próprio destino, nascida do luto. Quanto a esse aspecto, um certo paciente sonhou que matara uma criança havia trinta anos e que ninguém o ajudara a salvá-la. (Trinta anos antes, precisamente na fase edipiana, os que viviam com ele notaram que essa criança se tornou totalmente reservada, educada e boazinha, deixando de manifestar qualquer reação emocional.)

Agora esse paciente não brinca mais com as manifestações do seu Self, não ri nem zomba mais delas, embora

inconscientemente as ignore ou desconsidere do mesmo modo sutil com que seus pais lidavam com ele, quando criança, na época em que não tinha palavras para expressar suas necessidades. Serão então revividas também fantasias de grandeza, que tinham sido menosprezadas e, por isso, cindidas. Agora podemos ver a relação entre essas e as necessidades frustradas e reprimidas de atenção, respeito, compreensão, sintonia e espelhamento. No centro dessas fantasias, sempre existe um desejo que o paciente nunca pôde aceitar antes. Por exemplo: estou no centro, meus pais estão prestando atenção a mim e ignorando seus próprios desejos (fantasia: sou a princesa servida por escravos); meus pais compreendem quando tento expressar os meus sentimentos e não riem de mim (fantasia: sou uma artista famosa e todos me levam a sério, mesmo os que não me compreendem); meus pais são bem-dotados quanto a talentos e coragem e não dependem dos meus resultados, não precisam do meu conforto e nem do meu sorriso (eles são o rei e a rainha). Isso significaria para uma criança: posso ficar triste ou feliz sempre que alguma coisa me deixar triste ou feliz; não preciso ficar com uma cara sorridente, para o sossego de quem quer que seja, e não preciso reprimir o meu desconforto, nem a minha ansiedade, para satisfazer as necessidades de mais ninguém. Posso sentir raiva, e ninguém vai morrer nem ficar com dor de cabeça por causa disso. Posso ficar furiosa e amassar as coisas sem perder meus pais. Nas palavras de D. W. Winnicott: "Posso destruir o objeto e ainda assim sobreviver."[4]

Uma vez que essas fantasias grandiosas (em geral acompanhadas por fenômenos obsessivos ou perversos) foram vivenciadas e compreendidas com a forma alienada daquelas necessidades reais e legítimas, a cisão pode ser superada e pode ocorrer a integração. Qual é o curso cronológico?

1. Na maioria dos casos, não é difícil indicar ao paciente, no início da análise, de que maneira ele tem enfrentado seus sentimentos e necessidades, e que essa estratégia foi para ele uma questão de sobrevivência. É um grande alívio para ele que

as coisas que estava acostumado a sufocar possam ser reconhecidas e levadas a sério. O psicanalista pode usar o material que o paciente apresenta para demonstrar-lhe como ele encara seus sentimentos com ridículo e ironia, como tenta persuadir-se de que não existem, como os menospreza; além disso, ou não toma em absoluto consciência deles, ou o faz apenas muitos dias depois, quando já passaram. Aos poucos, o próprio paciente percebe como é forçado a ir em busca de distração quando está perturbado, transtornado ou triste. (Quando a mãe de um menino de seis anos morreu sua tia lhe disse: "Você precisa ter coragem. Não chore. Agora vá para o seu quarto brincar direitinho.") Ainda existem muitas situações nas quais ele se vê como os outros o veem, constantemente se perguntando qual é a impressão que está causando, e como deveria estar reagindo, ou quais sentimentos deveria estar tendo. Mas, no geral, sente-se muito mais livre do que no período inicial e, graças à atuação do analista como seu ego auxiliar, ele pode ter mais consciência de si mesmo quando seus sentimentos imediatos são vivenciados dentro da sessão e levados a sério. Ele também está muito grato por essa possibilidade.

2. Isso, sem dúvida, irá mudar. Além desta primeira função, que permanecerá por um longo tempo, o analista deve assumir uma segunda, assim que a neurose de transferência se tiver desenvolvido: a função de figura transferencial. Vêm então à superfície sentimentos de vários períodos da infância. Esse é o estágio mais difícil da análise, aquele em que há maior atuação. O paciente começa a dar voz a si mesmo e rompe com suas atitudes coniventes anteriores, mas, em virtude de suas primeiras experiências, não consegue acreditar que isso seja possível sem um perigo mortal. A compulsão à repetição faz com que provoque situações nas quais seu medo da perda do objeto, da rejeição e do isolamento tenha base na realidade presente, situações às quais arrasta o analista consigo (como mãe rejeitadora ou exigente, por exemplo), para que mais tarde

possa gozar o alívio de ter corrido o risco e de ter sido verdadeiro consigo mesmo. Isso pode começar de maneira totalmente inofensiva. O paciente é surpreendido por sentimentos que de outra maneira não teria reconhecido, mas agora é tarde demais: a conscientização de seus próprios impulsos já foi despertada e não há como retroceder. Agora o analisando deve (e tem a permissão para!) vivenciar-se de uma maneira que nunca antes julgara ser possível.

Embora esse paciente sempre houvesse desprezado a sovinice, de repente percebe-se reclamando dos dois minutos que perdera de sua sessão por causa de um telefonema. Embora antes nunca tivesse feito exigências aos outros, agora fica furioso porque sua analista vai sair de férias. Ou fica aborrecido por ver outras pessoas na sala de espera do consultório. O que pode ser isso? Certamente não é ciúme. Essa é uma emoção que ele não consegue identificar! Não obstante... "O que estão fazendo aqui? Há outras pessoas além de mim vindo aqui?" Ele antes não se dera conta disso. A princípio é mortificador verificar que ele não é só bom, compreensivo, tolerante, controlado e, acima de tudo, adulto, pois essa sempre tinha sido a base de seu respeito por si próprio. Uma outra mortificação ainda mais pesada é acrescida à primeira quando este analisando descobre os introjetos em si mesmo, e que ele tem sido prisioneiro deles, pois sua raiva, suas exigências e sua avareza não aparecem, de início, numa forma adulta e dócil, mas na forma infantil-arcaica em que foram reprimidos. O paciente fica horrorizado quando se dá conta de que é capaz de gritar de raiva da mesma forma que tanto odiava em seu pai, ou que, ainda ontem, interrompeu e controlou seu filhó "praticamente como minha mãe fazia!" Essa revivência dos introjetos, o aprender a chegar a um acordo com eles, com a ajuda da transferência, forma a maior parte da análise. O que não pode ser recordado é inconscientemente reencenado e, dessa forma, indiretamente descoberto. Quanto mais capaz ele for de admitir e vivenciar esses sentimentos iniciais, mais forte e mais coerente se sentirá. Isso, por sua vez,

permite-lhe expor-se a emoções que brotam de sua mais tenra infância, e vivenciar a impotência e a ambivalência desse período.

Existe uma grande diferença entre ter sentimentos ambivalentes por alguém na idade adulta e, depois de elaborar boa parte da própria história pregressa, repentinamente perceber-se sentindo-se como um menino de dois anos que está sendo alimentado pela empregada na cozinha e pensando com desespero: "Por que minha mãe sai todas as noites? Por que ela não gosta de ficar comigo? O que há de errado comigo para ela preferir sempre estar com outras pessoas? O que posso fazer para que ela fique em casa? Não chore, simplesmente não chore." A criança não poderia ter pensado nestes termos naquela época, mas na sessão, no divã, esse homem era ao mesmo tempo adulto e um bebê de dois anos, e podia chorar com toda a amargura. Não era apenas um choro catártico; era, antes, a integração de seu anseio original pela mãe, que até então sempre tinha negado. Nas semanas subsequentes, o paciente atravessou todos os tormentos de sua ambivalência pela mãe, que era uma pediatra bem-sucedida. Sua imagem, anteriormente "congelada", derreteu e mostrou uma outra, a de uma mulher com aspectos adoráveis, mas que não tinha sido capaz de oferecer a esse filho a necessária continuidade do relacionamento entre ambos. "Eu odiava aqueles bestas que estavam sempre doentes e tirando a minha mãe de mim. Eu odiava a minha mãe porque ela preferia estar com eles em vez de estar comigo." Na transferência, as tendências ao apego e o sentimento de impotência vinham misturados a uma raiva de há muito acumulada contra o objeto de amor que não lhe tinha estado disponível. Como decorrência, o paciente poderia libertar-se de uma perversão que o havia atormentado por muito tempo; a questão agora estava fácil de compreender. Seus relacionamentos com as mulheres perderam então suas características acentuadas de catexe narcisista, e sua compulsão de primeiro conquistar para depois abandonar desapareceu completamente.

Neste estágio da análise, o paciente vivenciou de novo seus sentimentos iniciais de impotência, de raiva e de estar à mercê do objeto amado, de uma maneira que ele não poderia ter antes lembrado. A pessoa só pode lembrar-se daquilo que vivenciou de forma consciente. Mas o mundo emocional de uma criança com perturbação narcisista é em si mesmo o resultado de uma seleção que eliminou os elementos mais importantes. Esses primeiros sentimentos, juntamente com a dor de não ser capaz de entender o que está acontecendo, que faz parte do período mais inicial da infância, são então conscientemente vivenciados pela primeira vez, durante a análise.

O verdadeiro Self permaneceu num "estado de incomunicação", como diz Winnicott, porque teve que se proteger. O paciente nunca precisa ocultar nada com tanto cuidado, tão profundamente e por tanto tempo quanto seu verdadeiro Self. Assim, parece um milagre ver, a cada vez, como tanta individualidade conseguiu sobreviver por trás de dissimulação, negação e autoalienação, e como pode reaparecer assim que o trabalho do luto traz a liberdade em relação aos introjetos. Não obstante, seria errado interpretar que as palavras de Winnicott querem dizer que existe um Self plenamente desenvolvido escondido atrás do falso self. Se fosse assim, não haveria a perturbação narcisista, mas uma autoproteção consciente. O ponto importante é que a criança não sabe o que está escondendo. Um paciente expressou-se da seguinte maneira:

Eu vivia numa casa de vidro dentro da qual minha mãe podia ver o que quisesse, a qualquer momento. Numa casa de vidro, porém, você não pode esconder nada sem se trair, a não ser enterrando-se no chão. E aí nem você mesmo vai conseguir vê-lo.

O adulto só pode estar plenamente consciente de seus sentimentos se tiver internalizado um objeto de self afetuoso e empático. As pessoas com perturbações narcisistas não têm esse objeto. Portanto, nunca são tomadas de assalto por emoções

inesperadas e só irão admitir os sentimentos aceitos e aprovados pelo censor interno, que é o herdeiro dos pais. Depressão e uma sensação de vazio interior é o preço que devem pagar por esse tipo de controle. Retomando o conceito de Winnicott, o verdadeiro Self não pode comunicar-se porque permaneceu inconsciente e, portanto, não se desenvolveu, em sua prisão interior. O pelotão de guardas da prisão não incentiva o desenvolvimento jovial. Somente depois de ter sido liberado na análise é que o Self começa a se articular, a crescer e a desenvolver sua criatividade. Onde antes só tinha havido um vazio ameaçador ou fantasias grandiosas igualmente ameaçadoras, existe agora o desabrochar de uma inesperada abundância de vitalidade. Não se trata de um regresso ao lar, porque esse lar nunca existiu. É a descoberta do lar.

3. A fase da separação começa quando o analisando adquiriu, numa extensão confiável, a capacidade de sentir a perda e pode enfrentar os sentimentos de sua infância sem a necessidade constante do analista.

15. *Puer aeternus*

MARIE-LOUISE VON FRANZ

Este é um trecho do estudo clássico da luta do adulto com o paraíso da criança, o puer aeternus. As *conferências originais da dra. von Franz no Instituto Jung de Zurique criaram toda uma geração de ideias sobre o assunto do* puer *e dos distúrbios do caráter narcisista. Trata-se de um caso especial do tema da criança interior — um caso muito problemático, aliás - que é sempre um "agente do destino", de acordo com Jung. Todos os que entram em contato com essas ideias sobre este arquétipo especial ficam tocados por elas. Von Franz é uma das fundadoras do Instituto C. G. Jung, autora, analista e mundialmente famosa pesquisadora dos sonhos.*

Puer aeternus é o nome de um deus da antiguidade. O termo em si aparece nas *Metamorfoses*, de Ovídio,[1] e lá é aplicado ao deus-criança dos mistérios de Elêusis. Ovídio fala do deus-criança Iaco, referindo-se a ele como *puer aeternus* e elogiando o papel que desempenha nesses mistérios. Em épocas posteriores, o deus-criança foi identificado com Dioniso e com o deus Etos. Ele é o jovem divino que nasceu à noite, segundo este típico mistério de Elêusis de culto à mãe, e é um redentor. Ele é um deus da vida, da morte e da ressurreição — o deus da juventude divina, correspondendo aos deuses orientais Tammuz, Átis e Adônis. O título *puer aeternus* significa, portanto, "eterna juventude", mas também o empregamos para indicar um certo tipo de rapaz que tenha um notório complexo materno e que, por isso, se comporta de certos modos típicos, que eu gostaria de passar agora a caracterizar.

Em geral, o homem que se identifica com o arquétipo do *puer aeternus* permanece tempo demais na psicologia da adolescência, quer dizer, todas aquelas características que são normais num jovem de dezessete ou dezoito anos são mantidas

até mais tarde na vida e, na maioria dos casos, estão associadas a uma excessiva dependência da mãe. As duas perturbações típicas de um homem com um complexo materno notório são, como assinala Jung,[2] a homossexualidade e o donjuanismo. Neste último caso, a imagem da mãe — da mulher perfeita que dará tudo para o homem e que não tem qualquer imperfeição — é procurada em todas as mulheres. Ele está em busca de uma deusa-mãe. Sendo assim, toda vez que é fascinado por uma mulher, tem que descobrir mais tarde que ela é um ser humano comum. Tendo vivido sexualmente com ela, desaparece toda a fascinação e ele se afasta, decepcionado, apenas para projetar de novo essa imagem numa nova mulher após outra. Anseia eternamente pela mulher maternal que o envolva em seus braços e satisfaça cada uma de suas necessidades. Isso geralmente vem acompanhado da atitude romântica do adolescente.

Via de regra, é sentida uma grande dificuldade na adaptação à situação social. Em alguns casos, há uma espécie de individualismo associal: sendo uma coisa especial, a pessoa não tem necessidade de se adaptar, pois isso seria impossível para um tal gênio em potencial, e assim por diante. Além disso, surge uma atitude arrogante com relação às outras pessoas, devido tanto a um complexo de inferioridade como a falsos sentimentos de superioridade. Essas pessoas geralmente têm grande dificuldade em encontrar o tipo certo de trabalho, pois, seja o que for que encontrem, nunca está bom nem é exatamente o que queriam. Há sempre um "porém". A mulher nunca é exatamente a mulher certa; ela é uma ótima amiga, mas... Sempre existe um "mas", que impede o casamento ou qualquer tipo de compromisso.

Tudo isso leva a uma forma de neurose, que H. G. Baynes descreveu como a "vida provisória", ou seja, a atitude e a sensação estranha de que a mulher *ainda não é o* que realmente é desejado, e existe sempre a fantasia de que no futuro a coisa real irá acontecer. Se essa atitude se mantém por tempo suficiente, significa uma constante recusa interior a

comprometer-se com o momento. Acompanha esta neurose, em maior ou menor extensão, o complexo do salvador, ou do Messias, com o pensamento secreto de que um dia essa pessoa será capaz de salvar o mundo, de que será encontrada a última palavra em filosofia, em religião, em política, em arte, ou em qualquer outra área. Isso pode progredir até uma megalomania patológica típica, ou podem aparecer traços menores da mesma na ideia de que "ainda não chegou" o momento da pessoa. A situação mais temida por esse tipo de homem é estar vinculado a qualquer coisa que seja. Existe o medo aterrorizante de que limite a sua vida no tempo e no espaço, de ser o ser humano específico que se é. Existe sempre o receio de ser feito prisioneiro de uma situação para fora da qual seja impossível esgueirar-se novamente. Qualquer situação que tenha essa conotação é o próprio inferno. Ao mesmo tempo, existe algo com alto grau de simbolismo — a saber, uma fascinação por esportes perigosos, em especial a aviação e o alpinismo, para subir tão alto quanto possível. O símbolo dessa predileção é o afastar-se da mãe, ou seja, da terra, da vida cotidiana. Os homens nos quais esse tipo de complexo é muito pronunciado morrem jovens, em acidentes aéreos ou de alpinismo. Trata-se de um anseio espiritual exteriorizado que se expressa dessa forma.

Uma dramática representação do que voar realmente significa para o *puer* é dada num poema de John Magee. Logo depois de tê-lo escrito, o autor faleceu num acidente de avião.

HIGH FLIGHT
Oh! I have slipped the surly bonds of Earth
And danced the skies on laughter-silvered wings;
Sunward I've climbed, and joined the tumbling mirth
Of sun-split clouds, - and done a hundred things
You have not dreamed of — wheeled and soared and swung
High in the sunlit silence. Hov'ring there,
I've chased the shouting wind along, and flung
My eager craft through footless halls of air...

Up, up the long delirious, burning blue
I've topped the wind-swept heights with easy grace,
Where never lark, or even eagle flew -
And, while with silent, lifting mind I've trod
The high untrespassed sanctity of space,
Put out my hand and touched the face of God.[3]

VOO ALTO
Ó! Desprendi-me dos rudes vínculos da Terra
e dancei nos céus em asas de riso prateadas;
Subi rumo ao sol e me juntei à alegre acrobacia
Das nuvens divididas pelo sol - e realizei centenas de coisas
Com as quais você sequer sonhou - rolei, flutuei e girei
Nas alturas do silêncio banhado pelo sol. Pairando no ar,
Eu persegui o vento que bramia, e lancei-me, à Vida,
com astúcia, através de impalpáveis corredores de ar...
Subindo sempre mais no êxtase do azul ardente
Alcancei alturas varridas pelo vento com suave graça,
Onde nunca a cotovia ou mesmo a águia voaram —
E, quando com a mente silenciosa e elevada, palmilhei
a alteada e intransponível santidade do espaço,
Estendi a mão e toquei na face de Deus.

O *puer* não gosta de esportes que exijam paciência e um treinamento longo, visto que o *puer aeternus* - no sentido negativo da palavra - habitualmente é de disposição muito impaciente. Conheço um homem jovem, exemplo clássico do *puer aeternus,* que praticou um bocado de montanhismo mas detesta tanto ter de carregar a mochila, que preferiu treinar para dormir na chuva ou na neve ao ar livre. Ele cavava um buraco na neve, embrulhava-se numa capa de chuva de seda e, realizando uma espécie de respiração yóguica, conseguia dormir ao ar livre. Ele também fez um treinamento pessoal no sentido de viver praticamente sem alimentos, somente para evitar ter de carregar qualquer tipo de peso. Durante anos andou por todas as montanhas da Europa e de outros continentes, dormindo embaixo das árvores ou na neve. De certo modo, ele levava uma

vida bastante heroica, apenas para não ser forçado a ir até uma cabana ou carregar uma mochila. Pode-se dizer que isso era simbólico, pois, na vida real, esse rapaz não quer ser sobrecarregado com qualquer tipo de peso: a única coisa que ele absolutamente recusa é a responsabilidade pelo que quer que seja, é carregar o peso de uma situação.

Em geral, a qualidade positiva desses jovens é um certo tipo de espiritualidade que decorre de um contato relativamente próximo com o inconsciente coletivo. Muitos têm o encanto da juventude e a qualidade embriagadora de uma taça de champanhe. Os *pueri aeterni* têm, em geral, uma conversa muito agradável. Costumam ter coisas interessantes para contar e produzem um efeito revigorante nos que os escutam. Não gostam de situações convencionais. Formulam perguntas profundas e vão sem rodeios em busca da verdade. Geralmente estão em busca de uma religião genuína, busca essa que é típica das pessoas no final de sua adolescência. O encanto juvenil do *puer aeternus* costuma prolongar-se por estágios posteriores de sua vida.

Existe, no entanto, um outro tipo de *puer* que não exibe o encanto do eterno jovem, e nem brilha através dele o arquétipo do jovem divino. Vive, ao contrário, num aturdimento letárgico ininterrupto que também é uma característica típica do adolescente: o jovem dorminhoco, indisciplinado, magro e comprido que fica o tempo todo sem fazer nada, com a mente divagando indiscriminadamente, a tal ponto que às vezes provoca em alguém a vontade de jogar-lhe em cima um balde de água fria. O aturdimento letárgico, porém, é apenas um traço externo e, se você consegue atravessá-lo, descobrirá uma animada vida de fantasia cuidadosamente alimentada.

O que expus acima é um rápido resumo das características principais de certos rapazes prisioneiros do complexo materno e que, com isso, estão identificados com o arquétipo do *puer*. Apresentei uma imagem predominantemente negativa dessas

pessoas porque é isso que parecem a uma consideração superficial, mas, como vocês perceberão, não explicamos qual é exatamente a questão. A questão que nos interessa é saber por que o problema desse tipo, do jovem preso à mãe, se tornou tão pronunciado em nossa época. Como se sabe, a homossexualidade - não penso que o donjuanismo seja tão difundido - está aumentando cada vez mais. Até mesmo adolescentes estão envolvidos, e parece-me que o problema do *puer aeternus* está se tornando cada vez mais real. Sem dúvida alguma, as mães sempre tentaram manter os filhos no ninho e alguns sempre tiveram mais dificuldade para se libertar e teriam preferido continuar desfrutando dos prazeres assim oferecidos. Não obstante, ainda não está claro por que esse problema, que em si é natural, viria a tornar-se um problema tão sério em nossa época. Penso que esta seja a verdadeira e mais profunda pergunta que temos de nos fazer, porque o resto é mais ou menos evidente por si. O homem que tem um complexo materno sempre terá que lutar com sua propensão para se tornar um *puer aeternus.* Que cura há para isso? — é o que perguntamos. Se um homem descobre que tem um complexo materno, e isso é algo que lhe aconteceu — algo que ele não causou a si mesmo —, o que pode ele fazer a respeito? Em *Símbolos de Transformação,* o dr. Jung mencionou uma determinada cura — trabalho — e, tendo dito isso, hesitou por um instante e pensou: "Será realmente tão simples assim? Será essa a única cura? Posso colocar o assunto dessa forma?" Mas trabalho é a palavra mais desagradável e que nenhum *puer aeternus* gosta de escutar, e o dr. Jung chegou à conclusão de que essa era a resposta certa. Minha experiência também tem confirmado que através do trabalho o homem pode puxar-se para fora dessa espécie de neurose juvenil.

Existem, porém, alguns mal-entendidos com relação a isso, pois o *puer aeternus* pode trabalhar, como, aliás, todos os primitivos ou pessoas em quem o complexo do ego é fraco, quando fascinado ou num estado de grande entusiasmo. Nessa

disposição, o *puer* pode trabalhar vinte e quatro horas por dia, e até mesmo mais, até ter um colapso. Mas o que ele não consegue fazer é trabalhar numa manhã monótona, chuvosa, em que as atividades são tediosas e é preciso esforçar-se para fazê-las. Essa é a única coisa que o *puer aeternus* geralmente não consegue enfrentar, e ele usará todo tipo de desculpa para esquivar-se disso. A análise de um *puer aeternus*, cedo ou tarde, sempre acaba deparando-se com esse problema. É somente quando o ego foi fortalecido o bastante que o problema pode ser superado e que surge a possibilidade de ele se fixar no trabalho. Naturalmente, embora se conheça a meta, cada caso individual é diferente de todos os outros. Pessoalmente, não considero que tenha muita utilidade apenas insistir, como num sermão, dizendo para a pessoa que deve trabalhar, porque ela simplesmente fica com raiva e vai embora de vez.

Até onde me foi dado perceber, o inconsciente geralmente tenta produzir uma espécie de acordo, ou seja, indica a direção em que poderia haver algum entusiasmo ou que facilitaria o fluxo da energia psicológica do modo mais natural possível, pois, sem dúvida, é mais fácil treinar-se a trabalhar numa direção que tem o apoio dos próprios instintos. Isso não é tão árduo como trabalhar em sentido completamente inverso ou oposto ao próprio fluxo da energia, quer dizer, empurrando pedra ladeira acima. Portanto, é aconselhável, de modo geral, aguardar um pouco, descobrir para onde conduz o fluxo natural dos interesses e da energia e depois tentar fazer com que o homem trabalhe *nessa* área. Mas sempre chega o momento, em qualquer campo de trabalho, em que a rotina deve ser encarada. Todo tipo de trabalho, até mesmo o trabalho criativo, contém uma certa dose de rotina monótona, que é onde o *puer aeternus* escapa e chega à conclusão, mais uma vez, de que "não é por aqui!" Nesses momentos, se a pessoa conta com a ajuda do inconsciente, os sonhos aparecem mostrando que é o caso de superar esse obstáculo. Se isso der certo, então a batalha terá sido vencida.

Numa carta, Jung disse a respeito do *puer*: "Considero a atitude do *puer aeternus* um mal inevitável. *Identificar-se* com ele significa uma puerilidade psicológica que nada pode fazer de melhor do que superar-se a si mesma. Sempre prova golpes externos do destino que apontam para a necessidade de uma outra postura. Mas a razão nada consegue, porque o *puer aeternus* sempre é um agente do destino."[4]

Quando o motivo da criança emerge, representa um elemento de espontaneidade, e o grande problema — em cada caso um problema de ordem ética — é decidir se agora se trata de uma sombra infantil que deve ser eliminada e reprimida ou se é um elemento criativo que está se movimentando rumo a uma futura possibilidade da vida. A criança está sempre atrás e adiante de nós. Atrás de nós, é a sombra infantil que deixamos para trás, é a infantilidade que deve ser sacrificada, que sempre nos puxa de volta para uma condição infantil e dependente, para a preguiça, a ludicidade, a fuga diante dos problemas, das responsabilidades e da vida. Por outro lado, se a criança aparece adiante de nós, significa renovação, a possibilidade da eterna juventude, da espontaneidade e de novas possibilidades: a vida fluindo rumo a um futuro criativo. O grande problema sempre está em decidir, em cada situação, se se trata de um impulso infantil que só impele para trás ou de um impulso que parece infantil à nossa própria consciência, mas que, na realidade, deveria ser aceito e vivido, porque leva adiante.

Às vezes, a resposta a este dilema é bastante óbvia, pois o contexto dos sonhos pode manifestar claramente o que está sendo apresentado. Digamos que um homem *puer aeternus* sonha com um menininho; a partir do enredo do sonho, podemos dizer se a aparição da criança tem um efeito fatal, e nesse caso trato-a como a sombra infantil ainda atraindo para trás. Se a mesma figura aparece de maneira positiva, contudo, pode- se então dizer que é algo que parece muito infantil e bobo, mas que deve ser aceito, porque existe nela uma possibilidade da vida. Se fosse sempre assim, a análise desse

tipo de problema seria muito simples. Infelizmente, como todos os produtos do inconsciente, o lado destrutivo e o lado construtivo, o impulso para trás e o ímpeto para diante estão intimamente entrelaçados e completamente mesclados entre si. É por causa disso que, quando essas figuras aparecem, é muito difícil decidir-se por uma delas; às vezes, é praticamente impossível.

Se você considera o *puer aeternus* em sua dimensão negativa, pode dizer que ele não quer superar sua juvenilidade, seu estágio juvenil, mas o crescimento prossegue, apesar disso, até destruí-lo. Ele é morto pelo próprio fator em sua alma por meio do qual poderia ter superado seu problema. Se você tem que enfrentar esse problema na vida real, pode então perceber como as pessoas se recusam a crescer, a tornar-se maduras e a enfrentar a questão, fazendo com que um inconsciente cada vez mais destrutivo se acumule. É então que você deve dizer: "Pelo amor de Deus, faça alguma coisa, pois isso está crescendo contra você e vai despencar tudo em cima da sua cabeça." Mas pode chegar o momento... em que será tarde demais, pois o crescimento destrutivo já terá absorvido toda a energia.

O crescimento luxuriante também é uma imagem de uma vida rica em fantasia, de uma riqueza interior criativa. Com muita frequência, você encontra no *puer aeternus* uma vida assim rica em fantasia, mas essa abundância reflui e fica contida, não podendo fluir até a vida real, porque o *puer* se recusa a aceitar a realidade como ela é e, dessa maneira, vai acumulando vida. Ele acumula sua vida interior. Na vida real, por exemplo, levanta-se às 10:30 da manhã, fica "enrolando" até a hora do almoço com o cigarro na boca, alimentando suas emoções e fantasias. À tarde, tem a intenção de fazer algo de produtivo, mas primeiro sai com os amigos e depois com uma garota, e à noite gasta horas a fio discutindo sobre o significado da vida. Depois vai para a cama à uma da madrugada, e no dia seguinte repete-se a sequência do dia anterior. Desse modo, a capacidade de viver e os recursos interiores são desperdiçados, pois não conseguem

levar a algo significativo; aos poucos isso toma conta de toda a personalidade real. A pessoa passa o tempo imersa numa nuvem de fantasias, as quais, em si mesmas, são interessantes e repletas de ricas possibilidades, plenas de uma vida não-vivida. Você sente que essa pessoa tem uma riqueza e uma capacidade tremendas, mas não existe possibilidade de encontrar meios de realizá-las. Então a árvore — a riqueza interior — torna-se negativa, e no final extermina a personalidade. É por isso que a árvore muitas vezes está vinculada ao símbolo da mãe negativa, pois o complexo materno encerra esse perigo; por causa dele, o processo da individuação pode-se tornar negativo neste sentido.

A criança tem uma visão ingênua da vida, e se você se recordar da sua infância, você se lembrará de como vivia com intensidade. A criança, se já não estiver neurótica, está constantemente interessada em alguma coisa. Seja do que for que a criança possa sofrer, ela normalmente não sofre de distanciamento diante da vida — só se já estiver inteiramente envenenada pelas neuroses dos pais. Afora isso, está repleta de vida, e é por isso que as pessoas, ao se recordarem da infância, anseiam por retomar aquela ingênua vitalidade que perderam ao longo do processo de crescimento. A criança é uma possibilidade interior, a possibilidade da renovação. Mas de que maneira isso pode fazer parte da vida real de uma pessoa adulta?

16. O self da infância e as origens da psicologia do *puer*

JEFFREY SATINOVER

Este trabalho de Jeffrey Satinover pega o fio da meada no ponto em que é deixado pelo ensaio de von Franz. Ele começa localizando especificamente as origens da psicologia do puer *no início do desenvolvimento da criança, demonstrando de maneira direta os elementos comuns entre a psicologia do* puer aeternus *e as diversas dificuldades narcisistas. Na qualidade de psiquiatra e analista junguiano, Satinover situa as fontes do dilema do* puer *em ambos os extremos do tratamento dispensado pelos pais - negligência ou indulgência excessiva - na fase das primeiras vivências do Self emergente do bebê. Os pais dos* pueri aeterni *com comprometimento narcisista não conseguem reconhecer as "necessidades gêmeas da criança: a aceitação de sua grandeza e de sua natureza especial, ainda que irrealistas, e as moderadas frustrações da realidade, ainda que dolorosas". Ele sugere que os pais que negam aos filhos tanto as saudáveis inflações como as dores corriqueiras da realidade são portadores de um dilema não-resolvido do tipo* puer *em si mesmos, e por isso se veem por demais consumidos pelas reações às necessidades de sua própria criança interior para poderem responder às do Self de seu filhó. Este trabalho é um excerto de uma discussão mais extensa originalmente publicada no periódico* Quadrant, *em 1980.*

Que eventos levam ao *puer*? Para responder, precisamos antes esboçar um quadro aproximado de como o Self se constela e de quais são as consequências dessa peculiar constelação para a personalidade emergente. A constelação do Self na infância tem um efeito definido sobre o ego, semelhante ao de experiências posteriores e mais conscientes do Self: ela catalisa a coalizão dos fragmentos do ego para comporem uma unidade funcional.

Essa reunião é marcada por um funcionamento grandemente melhorado, da mesma forma como mais tarde, na vida, uma perda do senso de identidade é acompanhada por uma grave diminuição nas capacidades do ego, enquanto ele regressa a um estado análogo ao que prevalece na infância, antes do aparecimento do Self.

Um exemplo: uma mulher lembrava-se de ter acordado, numa certa tarde, depois de uma soneca, quando estava com dois anos e meio de idade, percebendo quem ela era e com a súbita noção de que *ela* podia decidir sozinha se iria ou não cochilar um pouco. Chamou os pais ao quarto e anunciou que, daquele dia em diante, não iria mais dormir à tarde.

Essa primeira e abrupta vivência da identidade é marcada por sentimentos específicos, dotados de uma certa peculiaridade e importância, até mesmo de grandeza ou semelhança a Deus, de onisciência e onipotência. Esses sentimentos sugerem que, de fato, se trata do Self, que, logo abaixo da superfície, se constelou.

No cerne da identidade adulta posterior, portanto, está aquilo que poderíamos chamar de uma inflação necessária. A criança, como parte da constelação normal do Self, precisa vivenciar um grandioso alargamento de sua noção de quem ela é. Assim, a criança de dois anos e meio pode convocar os pais a virem até o seu quarto, com a voz do Self, e afirmar autoridade diante deles.

É desse modo que o Self é vivenciado na infância. O "Self da infância", como irei referir-me a esse dinamismo daqui por diante, permanece no cerne das futuras vivências de identidade, proporcionando, mais do que toda argumentação racional e todo relativismo diante da realidade social e física, uma profunda convicção da própria importância e valor da pessoa. Essa primeira vivência do Self também constitui as bases de uma posterior e salutar introversão. Quer dizer, a criança que tiver experimentado profundamente essa sensação de unidade e

grandeza sabe que, nos momentos de frustração e fracasso, sempre pode olhar para dentro de si mesma e ter contato com seu próprio valor pessoal. Esse ato de voltar-se para dentro de si, aprendendo, portanto, a depender de si mesmo, torna-se um hábito.

No curso normal do desenvolvimento, o efeito do Self da infância sobre a identidade da criança passa por muitas modificações. No momento em que o mesmo é constelado, ela se vivencia como alguém muito mais potente do que de fato é. É nessa época da infância que a imaginação atinge o auge, em que a criança pode brincar de rei, rainha, guerreiro, construtor, pai/mãe, explorador, vilão, tudo com a mesma facilidade. É como se, na imaginação, toda a gama do que significa ser humano - a imagem do Antropos - estivesse à disposição da criança. Nenhuma capacidade humana é grande ou aviltante demais para ser incorporada pela vida de fantasia e brincadeiras. No entanto, a criança se defronta com a tarefa de adaptar-se cada vez mais à realidade mundana e, para isso, suas capacidades encontram-se tão subdesenvolvidas quanto as habilidades de imaginação do Self da infância são ricas.

Quando a criança é impelida rumo à realidade pelas suas fantasias grandiosas, o resultado inevitável é a frustração. Essa frustração é uma coisa boa e necessária. Se a criança a for vivenciando lentamente, parte por parte, as fantasias sobre quem ela é, geradas pelo Self, irão sendo lentamente modificadas e diminuirão aos poucos. Ao mesmo tempo, as capacidades e funções do ego, por meio da prática, irão crescendo e tornando-se mais eficientes. Mais tarde, na adolescência, será idealmente alcançado um ponto em que as idealizações de si mesma e a pressão para a vivência da grandiosidade exercida pelo Self estarão reduzidas ao ponto de corresponderem às suas habilidades, cada vez maiores.

Nessa fase, pode começar um processo novo, adulto e mais extrovertido. O jovem adulto ainda tem uma profunda noção de

suas peculiaridades e de seu valor, heranças do Self da infância, mas suas fantasias sobre quem ele é estão mais limitadas. O sentido de pessoa especial empresta às suas metas e desejos um sentido vagamente consciente de numinosidade, tornando-os consistentemente dignos de serem perseguidos. Agora, em lugar da frustração vivenciada antes, quando suas fantasias eram maiores do que suas capacidades, ele vivencia a validação de sua autoimagem. Agora, suas ideias a respeito de quem ele é, de seus talentos e limitações, correspondem às suas verdadeiras habilidades. Ele descobre que é de fato quem esperava vir a ser e conquista um renovado senso de satisfação com essa constatação. Desse modo, alcança e reforça uma identidade estável.

Existem duas maneiras pelas quais esse processo pode dar errado e produzir o *puer*, mais tarde na vida. Primeira: a constelação do Self pode ser consistentemente obstruída; segunda: depois de constelado, o Self pode ser protegido das limitações da realidade que modificam e reduzem a sensação grandiosa de identidade que ele produz.

A psicologia do *puer* no homem é às vezes atribuída (von Franz, *Puer aeternus)* às primeiras vivências de uma mãe que ataca a masculinidade emergente em seu filho. Uma visão psicanalítica clássica do mesmo desenvolvimento atribui-lo-ia a excessivos temores de castração pelo pai (medo que é proporcional ao apego à mãe). Cada uma dessas visões localiza a origem da psicologia do *puer* igualmente entre os três e os cinco anos (mais tarde do que eu considero), atribuindo-lhe um caráter sexual e explicando-a de uma maneira que faz com que se adapte mais facilmente à psicologia masculina. O *puer*, no entanto, pode ser encontrado com tanta frequência em homens como em mulheres. Isso, além do fato de que o *puer*, seja qual for o sexo, tende a uma identidade sexual mais ou menos indistinta, sugere que a origem do *puer é* anterior, remontando a uma fase que antecede a diferenciação da identidade segundo parâmetros sexuais.

Eu diria que o *puer* pode resultar de um ambiente familiar que, numa criança entre as idades de dezoito meses e dois anos, aproximadamente, interrompe regularmente toda manifestação de *assertividade*, de ação ou de fantasias que contenham os sinais distintivos não da masculinidade, mas de ser alguém especial, de valor. Essa espécie de assertividade está igualmente presente, em determinadas idades, tanto nos meninos quanto nas meninas. Comprometê-la irá gerar perturbações futuras de identidade sobre as quais se acumularão problemas com a masculinidade e a feminilidade. Essa espécie de comprometimento que tenho em mente é semelhante ao hábito que todos nós temos, em maior ou menor grau, de atacar as inflações que percebemos nos outros (aliás, a origem desse hábito está nas nossas próprias vivências iniciais, quando fizeram isso conosco).

O comprometimento do Self da infância quando o mesmo se constela irá fazer a criança retornar vezes seguidas a um estado precedente que chamamos de fragmentação, a menos que ela possa encontrar um refúgio em que sim inflação seja aceita — um avô, um outro amigo adulto, um terapeuta.

Se o comprometimento não for neutralizado, a criança irá depois internalizar a desaprovação dos pais expressa ao seu Self de infância, e então a própria criança assumirá mais tarde o papel de arruinar nas bases suas autoidealizações. Caso este processo se mantenha até a idade adulta, esta crítica interna emergirá sempre que brotar uma nova ideia, um entusiasmo, um espírito de esperança ou uma fantasia de autogratificação. Toda resposta promissora à questão "Quem sou eu?" será detida com um "Oh, é só uma inflação". Na criança, como parte do impulso inato de desenvolvimento, o Self tentará constelar-se. Assim, instala-se um círculo vicioso interno, e cada constelação do Self, acompanhada de uma onda de fantasias grandiosas, é seguida por uma outra onda de autocríticas e refragmentação.

Essa alternância cíclica entre estados grandiosos, nos quais o

Self é constelado, e estados de desespero, nos quais o Self é fragmentado, é um aspecto típico da psicologia do *puer* e é a fonte da exótica sensibilidade que ele manifesta. Se ele mesmo não desfecha o golpe que acelera a fragmentação, a menor crítica de uma outra pessoa o fará.

A persistência de um estado de fragmentação, embora às vezes induzida por eventos externos, não depende dos mesmos. O Self irá constelar-se de novo, em seu próprio ritmo. Assim, desculpas e explicações razoáveis, que agradam ao ego, surtirão pouco efeito. A pessoa que sofre dessa espécie de fragmentação permanecerá deprimida, abatida ou zangada, independentemente das tentativas de desfazer o dano, muitas vezes para o desespero, frustração e culpa dos que parecem tê-lo infligido.

Quando se reconstela, no *puer,* o Self está em sua forma infantil e, por isso, encontra-se especialmente propenso à refragmentação. Como não foi amoldado por uma imersão na realidade, reage tal e qual na criança. Essa sensibilidade é a causa da semelhança essencial entre os filhos de pais que não foram suficientemente solidários com eles e os de pais que se excederam em suas demonstrações de apoio. Nestes últimos, o Self tem a permissão para se constelar, mas permanece alheio às frustrações da vida real, que tornam a identidade menos grandiosa, mas mais coesa. Neste caso, as fantasias grandiosas não só são aceitas como são incentivadas. Os pais superestimulam na criança sua noção de ser alguém especial, pressionando-a a exibir comportamento e a realizar coisas que não são próprios de sua idade. A precocidade torna-se o bem que ela troca por amor e admiração.

Essa criança pode, na realidade, ficar viciada no Self de sua infância. Mais tarde, dedicará boa parte de sua vida a ir em busca de experiências que mantenham ou reestabeleçam a constelação grandiosa, enquanto evitam as frustrações que diminuem sua sensação de ser alguém especial.

O *puer,* decorrente de ambos os tipos de educação, impressiona

os outros como pessoa narcisista: a introversão, em ambos, é dedicada a um esforço incessante para manter a vivência do Self da infância, e cada um desses tipos escolherá as circunstâncias externas — drogas, romances passageiros, atividades mentais ou físicas intensas — que promovam essa vivência. O *puer* de ambas as origens parece extraordinariamente sensível e propenso a mudanças repentinas e radicais em sua autoestima.

Existe uma outra fonte que também pode gerar vários graus de psicologia do *puer* e, por isso, no curso da autoinvestigação, é possível efetuar uma busca relativamente infrutífera das raízes da própria neurose, localizando-as no relacionamento da pessoa com seus pais. Por outro lado, a fantasia de ser dotado é uma das mais frequentes autodefinições produzidas pelo Self da infância, que leva à mui conveniente redefinição das próprias imperfeições como o preço necessário da genialidade. Uma vez que este último problema pode ocorrer tão facilmente numa pessoa que seja um autêntico gênio como numa outra menos talentosa, a questão é confusa. É importante distinguir entre uma avaliação objetiva da própria capacidade e a necessidade de considerar-se especialmente capaz.

O talento produz uma psicologia do *puer* mediante o seguinte processo: tal como no indivíduo pouco dotado, o Self da infância, constelado, produz fantasias de onipotência e grandiosidade na criança talentosa. Esta, porém, depara-se com muito menos frustrações na tentativa de concretizar suas fantasias, em comparação com a criança não-talentosa. A título de exemplo, portanto, a maneira mágica, infantil de tocar um instrumento com pouca ou nenhuma prática é, para a criança com talento musical, praticamente possível. A diversidade multiforme do Self, o Antropos, é mais do que apenas uma rica inflação para a criança multidotada. De fato, esta se aproxima da capacidade de fazer praticamente tudo.

Em decorrência disso, a criança talentosa encontra menos pressão para modificar sua autoimagem grandiosa do que ocorre

com a criança não-dotada. Suas capacidades correspondem às suas fantasias e sua visão de si mesma se confirma, não apenas no final da adolescência, mas desde muito cedo, quando ela ainda conserva boa parte de seu esplendor original. Seus pais, estupefatos e orgulhosos, refletem-lhe de volta uma verdadeira visão de sua pessoa, e não a inflação artificial dos pais exageradamente solidários e solícitos.

Dessa maneira, o desenvolvimento da criança talentosa assemelha-se ao da criança criada mim ambiente com excesso de apoio. Ela é presa do traço essencial do *puer*, ou seja, de uma identidade instável, porque se apoia num Self menos modificado do que o da criança normal, e, consequentemente, seu senso de identidade é mais lábil. Naturalmente, a criança dotada furta-se à fragmentação e mantém-se no alto da maneira que melhor conhece: pondo seus talentos em pratica. Portanto, é nessa área que ela mostra maior sensibilidade às críticas, e é por isso que, muitas vezes, a crítica da produção de uma pessoa criativa acelera a fragmentação de sua identidade.

A psicologia do *puer* no adulto

Alguns traços característicos da síndrome do *puer* podem relacionar-se ao modelo precedente. O elemento mais geral deste modelo é que, no *puer*, a noção de identidade está intimamente vinculada aos ciclos do Self, e uma porção relativamente pequena da mesma deriva das conquistas do ego no mundo físico e social, ou presta-se a uma verificação por meio delas. Existem duas amplas categorias que podemos examinar deste ponto de vista. Uma é a área das metas e conquistas; a outra é a área dos relacionamentos pessoais. Em ambas, existem duas fontes básicas de características do *puer*. algumas dessas características decorrem diretamente dos estados de fragmentação e inflação, enquanto outras procedem de defesas contra a vivência de um ou outro estado.

Na área das metas e conquistas, podemos examinar duas coisas: os problemas na estipulação e obtenção de metas realistas, e as

fantasias de ser alguém especial. Um traço característico do *puer* é a pressão das intensas e recorrentes fantasias de grandeza. Essas fantasias são a tradução da identidade na consciência e uma forma de definir a identidade com base no Self da infância. Dependendo do grau de modificação pela experiência, as fantasias correspondem mais ou menos à imagem pura do Self.

As fantasias mais comuns da atualidade podem ser organizadas dentro de uma escala de grandiosidade decrescente: 1) fantasias messiânicas em que a identidade pessoal é equivalente ao Self; 2) fantasias de ser espiritualmente escolhido, ou de ter uma elevada realização espiritual; 3) fantasias de ser um gênio, de ser dotado e especialmente criativo; 4) o desejo de obter uma grande fama ou muito poder, 5) o desejo de ser muito rico; 6) o desejo de obter sucesso profissional.

Tendo em mente que o cerne de cada fantasia permanece sendo o Self, vemos que, à medida que diminui a pressão exercida pelo Self da infância, e aumentam as capacidades realistas, atinge-se um ponto em que as fantasias se tornam realistas. Alcançar esse ponto é algo que, evidentemente, depende das capacidades reais da pessoa. No decurso de uma análise bem-sucedida, as fantasias de grandeza apresentarão um decréscimo.

Frequentemente se ignora que essas fantasias não são apenas gratificantes, mas também dolorosas. O *puer* vivencia essas fantasias como um apelo à ação e, de acordo com o grau em que consegue avaliar genuinamente a realidade e suas limitações, o fracasso em corresponder ao chamado será vivido como uma reprovação interna que, em si mesma, leva de novo à fragmentação e à sensação de ausência de valor pessoal. Ele muitas vezes "sabe" que suas fantasias não são realistas, mas, como *puer*, é incapaz de sentir satisfação com outras coisas. Assim, ou se vê compelido a esforços cada vez maiores (de natureza geralmente exibicionista, com resultados amplos e imediatos), ou aliena a pressão de maneira radical e perde,

assim, toda a motivação ("fica derrotado"). Ele nunca obtém uma verdadeira satisfação das conquistas que efetua, pois estas jamais correspondem às exigências de seu Self da infância.

Quando os talentos dessas pessoas são suficientes, é comum que tenham uma ascensão meteórica numa profissão que as mantém perante o reflexo da aprovação do público: é isso que explica a atual abundância de superestrelas e o esforço desesperado pela fama, por "ser alguém". É comum o *puer* fantasiar ou sonhar que está voando. Considero que este traço é a representação intrapsíquica essencial da pressão de ser alguém especial e da pressão da grandiosidade, exercidas pelo Self da infância. Esses sonhos e fantasias (e, num plano mais geral, a experiência ou a representação simbólica de "estar no alto") são, com frequência, interpretados como sinal de que a pessoa está fora de contato com a realidade. Ou então são interpretados como indícios de uma ascensão espiritual. Se com o termo "realidade" queremos dizer o mundo externo e suas exigências, essa interpretação às vezes é correta, mas apenas secundariamente. Preferencialmente, o tema do voo representa a maneira como a sensação de ser alguém especial leva a pessoa para além de suas limitações. O sonho ancestral do homem de voar sempre foi a expressão prototípica da ânsia de escapar às restrições da existência mundana. É pertinente que esses sonhos tenham como fonte o Self. Da mesma maneira, o tema do acidente é tão comum na fantasia do *puer* como o do voo. Os dois tipos de sonho representam os estados polarizados do Self: a constelação e a fragmentação.

No âmbito terapêutico, é crucial que o *puer* se familiarize com o modo como estes dois estados estão entrelaçados, e isso percebendo e compreendendo como atrás de cada vivência de estar no alto se encontra uma sensação de desespero, assim como atrás de cada fase de depressão está uma luta pela glória. Os sonhos costumam assinalar o aparecimento dessa constatação. Por exemplo: "Sou erguido por uma gigantesca máquina de lançar paraquedistas, mas estou sem o paraquedas.

Quando chega ao alto, deixa-me cair e eu me arrebento na terra. Então, a máquina me pega e me levanta de novo. Isso acontece sem parar."

Um elemento comum a este tipo de sonho é a natureza mecânica dos ciclos, como neste exemplo. Isso corresponde a um traço introspectivo da psicologia do *puer* que a pessoa ao menos parcialmente consciente de sua natureza irá expressar: "Não posso impedir-me de subir, nem posso impedir o desastre da queda que vem em seguida." Como resultado disso, acusar uma pessoa dessas de estar inflacionada, quando está, raramente surte um efeito benéfico. Pelo contrário, exacerba a sensação subjacente de frustração, isolamento e desproteção diante do que ela já sabe que é um problema.

Devido à difusão de grupos ocultistas e espirituais de toda espécie, a fantasia messiânica — ser um guru com maior ou menor número de seguidores — tornou-se muito mais aceitável e corriqueira do que antes. Essa ambição, assim como aquela, ligeiramente menor, de chegar à iluminação perfeita, são comuns no *puer* e com muita frequência são postas em ação de modo concreto. Por que isso acontece?

Mais uma vez, o fato raramente mencionado é que a grandiosidade da ideia da conquista espiritual perfeita exerce um poderoso fascínio sobre o *puer*. Ao assumir o papel de mestre ou discípulo, o *puer* adquire uma identidade que contém em si a numinosidade do Self em sua forma concreta, menos diluída. Além disso, a noção geral de que a elevação espiritual pode tirar a pessoa da dimensão mundana, principalmente porque encontra apoio em certas abordagens herméticas do espírito, alivia o Self da infância constelado das frustrações cotidianas e preserva-o em sua forma original, inalterada. A tenacidade com que o *puer* se apega a tais cultos decorre do preço que ele teria que pagar pelo sacrifício desta conquista: a fragmentação de sua identidade.

Em seu livro sobre o *puer* (ver o ensaio anterior), a dra. Marie-

Louise von Franz assinala que o *puer* muitas vezes se dedica a uma busca espiritual daquela espécie típica do final da adolescência. Eu diria ainda que, no final da adolescência, a busca espiritual muitas vezes declina de repente. Isso acontece no ponto em que há uma maior correspondência entre a menor pressão para ser alguém especial e as capacidades realistas cada vez maiores. Pode-se constatar que a espiritualidade do adolescente em geral exibe uma busca de identidade que não está sendo conscientemente reconhecida como tal (embora, anos mais tarde, a pessoa possa entre sorrisos admitir que, na verdade, era disso que se tratava). Quando a identidade é encontrada, os interesses espirituais podem ser deixados de lado com segurança. Vale o mesmo para a personalidade do *puer* mais velho. Os interesses espirituais intensos geralmente mascaram a ausência de identidade. Quando a identidade pessoal estiver bem forjada, a busca espiritual de significado pode desaparecer.

É claro que nem sempre é esse o caso. Existem pessoas cujo verdadeiro dom é o do espírito. Nestas, a resolução da estrutura do *puer* proverá uma identidade pessoal formada em tomo de uma completa e realista orientação rumo a questões espirituais prementes. Jung teria sido uma destas pessoas. Mas a espiritualidade delas apresenta uma grande modificação em relação àquele ideal gerado pelo Self da infância. Devido ao conflito com a realidade, falta-lhes o gradiente de intensa grandiosidade, pessoal e subliminar, que marca a espiritualidade do *puer* e, mais ainda, não se sentem atraídas por sistemas perfeitos, fechados, com resultados garantidos. Para essas pessoas, espírito e significado são sempre grandes questões em aberto; elas são orientadas mais pela dúvida do que pela crença, mais pelo que não conhecem do que pelo que conhecem. A identidade ausente impossibilita ao *puer* e à *puella* manter essa espécie de abertura. Essa ausência de certeza interior cria uma dependência narcisista daquilo que é percebido como verdade externa.

Uma interessante questão, a propósito, é por que a psicologia junguiana tanto atrai o *puer*, especialmente quando o próprio Jung concebeu que seu trabalho dizia respeito principalmente a questões da segunda metade da vida. Acredito que a resposta seja a seguinte: a psicologia junguiana representa uma possibilidade de ter uma relação próxima com o Self e os arquétipos, e é isso que o *puer* busca. No entanto, ele busca isso por motivos diferentes e está interessado numa espécie de relação de proximidade com o Self diferente daquela que interessava a Jung. Enquanto Jung procurou encontrar uma relação *objetiva* entre o Self e um ego que percebe uma identidade pessoal já estipulada (com "objetiva" quero dizer, precisamente, como objeto do campo da consciência), o *puer* busca o Self como sujeito, a fim de adquirir uma identidade pessoal. Jung e seus primeiros alunos encontraram-se no caminho da individuação por uma questão de necessidade. O *puer* busca a individuação por causa de seus atrativos.

Uma outra fantasia relacionada ao desejo da individuação e comum no *puer* hoje em dia é a de ser criativo. Como antes, quero fazer uma nítida distinção entre a criatividade em si e a necessidade de se considerar criativo, que pode estar presente tanto em pessoas criativas como nas que não o são. A fantasia de ser criativo pertence ao Self constelado na infância.

Ser criativo nem sempre foi o sinal distintivo da identidade pessoal, como passou a ser atualmente. Na Idade Média, boa parte do trabalho de mais alto teor criativo era anônimo (como nos manuscritos iluminados dos monges), ou coletivo (como nas grandes catedrais, que em geral exigiam três gerações de pedreiros para serem concluídas). "Criatividade", como o próprio termo sugere, era prerrogativa de Deus. Portanto, no plano psicológico, aparece agora como uma fantasia gerada pelo Self.

Durante a Renascença, a identificação das pessoas como criadoras floresceu a ponto de termos tido o "Homem da

Renascença" e a grande preocupação, nessa época, com a catalogação dos sinais de genialidade. Os românticos, retomando a Renascença, da mesma forma como a Renascença havia retomado os gregos, disseminaram o culto ao gênio numa maior escala, através dos poetas, que, como na frase de Shelley, são "os legisladores não-reconhecidos da humanidade". Nós, como herdeiros da tradição romântica, e transformando-a num produto popular, exigimos hoje escrita criativa, calçados criativos, casamentos criativos e divórcios criativos. O irônico é que a fantasia de ser criativo pode ser um grande obstáculo a sê-lo de fato. A pressão que essa fantasia exerce sobre o *puer* é muitas vezes o que inibe ou enfraquece suas capacidades expressivas. E isso nos leva ao tópico mais geral da ambição.

Apesar de suas grandes ambições, espirituais, criativas, de fama ou do que quer que seja, muitos homens do tipo *puer* são descritos como pessoas preguiçosas. "Preguiça" não é exatamente a palavra. É verdade que o *puer* tem distúrbios específicos em relação ao trabalho, mas não acredito que esses distúrbios decorram de uma indisposição para trabalhar. Quer dizer, não são distúrbios do ego, ou da vontade. Na verdade, muitos homens do tipo *puer* sabem muito bem que têm grandes ambições, mas percebem-se incapazes de lutar por elas do modo adequado. A dolorosa tensão entre as ambições e a incapacidade de concretizá-las é, segundo a minha experiência, a queixa isolada que mais frequentemente aparece.

E alguns *pueri* são fanáticos pelo trabalho que não conseguem parar de trabalhar, nem desfrutar dos benefícios de seus esforços. Essas pessoas procuram a análise com menos frequência porque, por algum tempo, pelo menos, obtêm uma satisfação suficiente da imagem de si mesmos como trabalhadores incansáveis, o que dissimula seu vazio interior.

A incapacidade de trabalhar, associada à sua grande ambição, é uma fonte de sofrimentos para muitos *pueri.* Estes frequentemente buscam a análise depois de terem tentado

trabalhar com afazeres criativos: são os que sofrem do bloqueio do escritor, do pânico do palco ou, mais comumente, são incapazes de completar sua tese do doutorado. Muitas vezes, envolvem-se com o que parecem ser comportamentos deliberadamente autodestrutivos: saem do curso no último semestre antes da formatura; não estudam para um exame final ou para um teste de admissão profissional (embora tenham tido excelente desempenho em todos os trabalhos anteriores ou satisfeito todas as exigências); adiam tarefas importantes até o último momento, mesmo que isso não lhes custe mais do que um telefonema. Adiam as etapas de um projeto de larga escala a tal ponto que depois precisam fazer tudo com máxima rapidez, garantindo dessa maneira uma produção impressionante, mas de qualidade medíocre.

É muito comum que os *pueri* simplesmente não concluam seus projetos já iniciados, seja parando inteiramente com o trabalho, ou refazendo o que já estava pronto, de modo que não terminam nunca. Nestes e em outros casos semelhantes, o problema pode ser atribuído às pressões exercidas pelo Self constelado na infância. O problema é o medo do fracasso, e mais especificamente, o medo de fracassar numa área em que, por definição, o fracasso é garantido. O *puer* costuma admitir esse medo, constatando que ele o paralisa ou o leva a desfazer o que já estava pronto. Isso ocorre com mais facilidade nos casos de pânico do palco, em que o medo e a paralisia são agudos, intensos e evidentes. Em projetos de longo prazo, como uma tese, não ocorre com tanta frequência. Em todos os casos, o que está menos acessível à consciência é o fato de que o projeto deve fracassar, seja qual for o nível do êxito concreto. Isso advém do fato de nenhum sucesso ter condições de corresponder à fantasia central do Self da infância.

Esse dinamismo central é o arquétipo da criança divina. O indivíduo narcisisticamente preso a esta imagem para configurar sua identidade só pode vivenciar uma satisfação que proceda de feitos concretos se essa identidade atingir a

grandiosidade de tal imagem arquetípica. Ele deve conter as qualidades de grandeza, de absoluta singularidade, de ser o melhor e, acima de qualquer outra coisa, deve ser prodigiosamente precoce.

Esta última qualidade explica a enorme fascinação dos prodígios infantis e também explica por que até mesmo um grande sucesso não oferece satisfação permanente para o *puer*. sendo adulto, nenhum resultado seu será precoce, a menos que ele permaneça artificialmente pueril ou compare seus feitos aos das pessoas idosas (donde decorre uma prematura busca da sabedoria dos idosos).

O *puer* convive com uma vaga e constante sensação de ter fracassado, uma vez que nunca corresponde a contento à exigência arquetípica. Projetando-se em seu ambiente, enxerga, portanto, o mundo à sua volta como um outro fracasso. O tempo da glória foi antes, na sua infância ou nos dias mais juvenis de sua cultura. Nada no presente, seja o seu ou o da sociedade, nenhum novo resultado pode jamais compensar o déficit e, por isso, o passado se reveste de nostalgia. Essa atitude afeta intensamente a estética do *puer,* que se agrada de coisas triviais e antiguidades. O anseio retrogressivo é menos um anseio pela mãe e pelo *mundus imaginalis* (o mundo imaginal), como já explicamos de várias maneiras, do que pelo Self e pela época da vida em que o Self ainda não havia sido contraposto à realidade.

O início de um projeto é assinalado por fantasias de sua grandeza e singularidade e, em particular, por fantasias sobre a grandeza e a singularidade de seu criador. O projeto, desse modo, é encetado com uma forte sensação de identidade, cuja fonte é o Self da infância reconstelado. Mas, à medida que o projeto vai-se arrastando, o entusiasmo definha; aproxima-se a sua conclusão e ele começa a parecer apenas mais um livro, ou tese, ou peça musical, como milhares de outros. Com o advento dessa percepção, a noção restabelecida de identidade começa a se fragmentar e a depressão se reinstala. O projeto, ou é

abandonado em benefício de algum outro que reconstele o Self, ou a fragmentação é protelada por revisões intermináveis, pautadas num conjunto extremamente elevado de parâmetros.

Como alternativa, à medida que a conclusão vai se aproximando, os métodos são planejados de modo a arrancar das garras de uma vitória banal uma grandiosa derrota. Passar com nota mínima num teste de admissão sem ter estudado nada resguarda mais a ideia de prodigalidade do que conseguir um desempenho excelente como resultado de um esforço extenuante. A pessoa prefere ser conhecida, e conhecer-se, como brilhante, mesmo que preguiçosa, a ser um trabalhador bem-sucedido. O *puer* prefere seus potenciais fantasiados às suas reais capacidades, porque os primeiros preservam mais do sabor do Self da infância.

Precisamos agora retornar ao momento, no início da infância, em que a constelação original do Self é determinada. Devemos lembrar que uma das importantes funções dos pais — normalmente da mãe, nessa idade - é servir de reflexo para o Self emergente da criança. Ao refletir de volta para seu filho o quanto ele é uma criança especial e grandiosa, os pais ajudam a alimentar essa espécie de inflação necessária. Essa inflação irá motivar a criança a ir em busca de um mundo em incessante expansão no qual, sofrendo derrotas toleráveis, a inflação será modificada e a identidade pessoal se assentará cada vez mais sobre as capacidades do ego.

Nas situações em que não se dá esse espelhamento — seja pela ausência, seja pelo excesso - a interação entre o Self da infância e o mundo deixa de acontecer e interrompe-se o desenvolvimento normal. A pessoa vivencia, então, até a idade adulta, uma pressão constante para retornar ao estado do Self constelado na infância, para que o desenvolvimento possa recomeçar a partir daí. As manifestações da psicologia do *puer*, portanto, não são tanto patológicas, mas sim a expressão, na idade adulta, de um processo normal, e de há muito atrasado,

que decorre de um caminho de desenvolvimento determinado pelo arquétipo. A razão de esse processo tantas vezes simplesmente não se desenrolar e efetuar uma autocura é o fato de que a pessoa internalizou, das suas vivências de infância, uma introversão defeituosa — uma introversão que, ou ataca automaticamente o Self assim que este se constela, ou o protege de modificar-se quando as frustrações são percebidas.

O cerne das relações do *puer* é este: o *puer* quer relacionamentos que funcionem para ele como aquele tipo de reflexão que ele não consegue dar a si próprio. O que nele aparece como extroversão não é nada disso. Na realidade, o *puer* não se relaciona com objetos (no sentido analítico); ele se relaciona, em vez disso, com a parte que falta nele mesmo e que vê em outra pessoa ou faz com que ela manifeste. Os objetos, para o *puer,* funcionam principalmente como meio indireto de introversão.

Um relacionamento do tipo *puer* é aquele no qual um indivíduo, a fim de manter uma identidade baseada no Self da infância, vai em busca de um ou mais admiradores que lhe devolvam o reflexo de sua própria singularidade e grandiosidade. Embora as situações mais comuns sejam as amizades ou o casamento, isso também ocorre na psicanálise.

A reconstelação do Self

Podemos agora nos dirigir à questão final deste ensaio: o que se pode fazer a respeito disso tudo? Acredito que haja uma abordagem concreta que pode ser posta em prática, tanto nos relacionamentos cotidianos como na terapia. O desenvolvimento do *puer* é uma consequência da reação dos pais à constelação do Self na criança. Podemos nos perguntar, agora, por que o pai ou a mãe não reconhecem as necessidades gêmeas da criança: a de aceitação de sua grandeza e singularidade, por mais que estas possam ser irreais, e a de moderadas frustrações impostas pela realidade, mesmo que estas possam ser dolorosas. A resposta deveria estar clara: o pai

ou a mãe não reconhecem isso, não podem reconhecer isso, porque ele ou ela, em virtude da sua própria psicologia *puer* ainda não resolvida, reage com muita intensidade aos seus próprios estados interiores para conseguir reconhecer e reagir ao Self do filho.

O padrão da interação nas díades *puer-puella,* padrão que repete, para ambos, a constelação imprópria da infância, deve sofrer interferência. O caminho para isso é, em geral, desviar a atenção do conteúdo da interação para o processo.

Em termos concretos, isso significa que os parceiros devem evitar entregar-se à irritação, à raiva ou à fúria à qual são impelidos pela fragmentação iminente de seu próprio Self. Em vez disso, precisam olhar para dentro e perguntar qual é o sentimento que está despertando essa raiva. Em geral, o comentário que detona a irritação surtiu o efeito de fazer a pessoa sentir-se pequena, sem valor, magoada. A resposta que sai da ponta da língua é uma resposta a esse estado interior, e não realmente uma resposta à outra pessoa. O fato de como a pessoa está-se sentindo - sem valor - pode ser comunicado de modo simples e neutro, sem recriminações implícitas.

A demonstração direta e objetiva de sentimentos consegue várias coisas. Em primeiro lugar, é um ato de intimidade, mesmo quando os sentimentos são negativos. O fato de a pessoa estar disposta a mostrar sua vulnerabilidade ao outro revela uma atitude de confiança que interrompe o avanço da fragmentação deste. Portanto, é uma forma implícita do espelhamento que ele precisa. Em segundo lugar, o fato de a pessoa ser capaz de falar com neutralidade sobre a dor que está sentindo significa que existe uma parte — a que observa e comenta — que fica de fora do ciclo da inflação- fragmentação. Em terceiro lugar, um dos parceiros observa que o outro tem uma relativa facilidade com sentimentos dolorosos, que está disposto a aceitá-los e que não se fragmenta por causa deles. Portanto, ele sente menos a acusação implícita de que é o responsável pelo mal-estar do

parceiro e, assim, alcança um pouco mais de estabilização.

Em geral, a meta a ser perseguida nos relacionamentos pessoais, como a terapia, é a criação de um terceiro ponto de vista, que nem é extraído dos ciclos de inflação-fragmentação, nem completamente mergulhado no Self, tanto constelado quanto fragmentado. Esse ponto de vista externo é o núcleo em tomo do qual será criada uma nova identidade, não mais dependente dos ciclos do Self.

Se as defesas do Self forem elaboradas e a pessoa receber a reflexão de imagem necessária, o Self irá reconstelar-se. Reflexão adequada significa que a criança divina está sendo aceita por outrem e, portanto, pela própria pessoa, depois de algum tempo. Como resultado das frustrações subsequentes, também adequadamente refletidas, o Self sofrerá o tipo de modificações que não ocorreram na infância.

17. O Pequeno Príncipe

HELEN M. LUKE

A necessidade do narcisista de ser elevado acima e além das limitações pessoais, fantasia esta que, segundo os dois autores precedentes, é um problema característico do puer aeternus, *costuma evidenciar-se numa irresistível atração por aviões e por voar. A conselheira junguiana Helen M. Luke, em sua sensível abordagem desse problema, condensa a fantasia de voar do* puer. *Ela ilustra o problema contando-nos a história da famosa figura da criança interior em* O Pequeno Príncipe *e do adulto a quem esta criança pertence, o autor/aviador Antoine de Saint-Exupéry. O conto pode ser tomado como uma advertência, na medida em que nos alerta para os perigos de uma identificação excessiva com o arquétipo da criança interior.*

O tratamento psicológico da história de O Pequeno Príncipe *foi empreendido pela primeira vez por Marie-Louise von Franz, em suas palestras sobre o* puer aeternus, *apresentadas entre 1959 e 1960 no C. G. Jung Institute, em Zurique. O trabalho da sra. Luke baseia-se no anterior, ao mesmo tempo que evidencia seu talento de contadora de histórias. Este ensaio constitui um capítulo de seu livro* The Inner Story.

Dois livros famosos foram escritos no século XX a respeito do "eterno menino" e, embora muito diferentes como histórias, têm, essencialmente, o mesmo tema: o do menino que se recusa a crescer. *Peter Pan,* de James Barrie, escrito em 1902, é um absorvente conto de fadas para crianças, uma fantasia com piratas, fadas, índios, uma mãe adorável, crianças audaciosas que aprendem a voar e o menino-herói que consegue encarar a morte como "uma grande aventura", mas que não vive no mundo adulto dos seres humanos. *O Pequeno Príncipe,* de Antoine de Saint-Exupéry,[1] escrito quase quarenta anos depois,

não é realmente dirigido para o público infantil, apesar das palavras da dedicatória. É um livro acerca da criança que existe nos adultos, uma história infinitamente triste sobre a esterilidade do mundo e a sabedoria e beleza perdidas da infância. É a tragédia das pessoas da nossa era, a cujo grupo Saint-Exupéry pertencia, cujos olhos estão abertos para o mundo interior dos sonhos e imagens, que conhecem a sabedoria da inocência infantil e a insensatez e o vazio dos valores coletivos, mas que não conseguem transpor a distância entre sua visão interna e as asperezas da realidade externa. Pessoas como estas colocam-se à parte de tal maneira que chegam ao ponto do suicídio, às vezes de um suicídio concreto, físico, consciente ou inconsciente, mas certamente do suicídio de um ou outro valor.

Desde o início fica claro que o livro trata das vivências de uma criança concreta. Um menininho não é separado da humanidade dessa maneira, vivendo num lugar remoto e vazio com três vulcões, um dos quais extinto, e observando tristemente a beleza dos pores-do-sol. A sensação do trágico final já está aí. Infância é aurora, não ocaso, estejamos falando da criança humana ou da criança arquetípica no inconsciente do adulto. A criança que aparece em nossos sonhos fala de recomeçar, ou aponta para a totalidade do fim, quando sol e lua brilham juntos. Comparemos a atmosfera do planeta do Pequeno Príncipe com a da Terra do Nunca de Peter Pan e Os Meninos Perdidos. (Se alguém só conhece Peter Pan através do desenho de Walt Disney, que elimine de sua mente essa imitação grotesca da história.) A Terra do Nunca também está muito longe do mundo do dia-a-dia, mas está vigorosamente viva, com a resplandecente fantasia da criança. Os meninos voam no ar, vivem embaixo da terra, lutam contra os piratas malvados, entre os quais está, para nossa delícia, o “adorável” Smee; eles têm os índios e as fadas como amigos, derrotam os lobos, e Peter é salvo das águas da lagoa azul por um pássaro. Quando Wendy se reúne a eles, os meninos se voltam imediatamente para ela

como se fosse a mãe deles, e, por intermédio dela, voltam finalmente para o mundo real, e todos, exceto o próprio Peter, aceitam a necessidade de crescer, de encarar o monótono mundo da escola, do trabalho e da responsabilidade. Existe tristeza, pois a maioria, sabe-se, irá perder o contato com o resplendor do mundo infantil e sua sabedoria; é só assim, no entanto, que pode haver alguma esperança de totalidade no final. Há em Peter um indício do arquétipo - vivendo nas árvores sozinho e sendo visitado todo ano por Wendy. Tudo vem com leveza, tingido cá e lá de sentimentalidade, mas, apesar disso, podemos ver em Wendy uma insinuação da função da *anima,* conectando o consciente ao mundo inconsciente da fantasia.

É interessante fazer a comparação com o símbolo do feminino em *O Pequeno Príncipe.* No menino humano, é o amor e o cuidado que vêm da mãe que o vinculam (sendo ela uma verdadeira mãe) ao mundo e o impelem para fora do ninho quando chega o momento certo. A criança *presa* dentro do homem pode ser despertada de seu estado desconectado pelo despontar de uma incômoda percepção de que nem tudo está bem em sua própria vida afetiva, apesar de ser "linda" a existência que ele leva, e isso o mobiliza a tentar ligar-se ao mundo dos homens. A rosa solitária do Pequeno Príncipe (seu potencial para ligar-se afetivamente) mostra-se muito fútil e absolutamente não-confiável; por isso o menino a rejeita e dá início à jornada que leva à Terra.

Suas primeiras experiências não são encorajadoras. Ele visita vários outros planetas minúsculos e isolados, e em cada um deles um homem tão solitário quanto ele vive em seu mundo particular, perseguindo o alvo vazio do poder, ou da riqueza, ou do conhecimento, ou do prazer. No último, ele encontra um acendedor de lampiões, com quem sente certa afinidade - o homem comum, não aprisionado pela obsessão de sua própria importância mas, ainda assim, sozinho, limitado por seus afazeres cotidianos e sem jamais olhar mais adiante, acendendo e apagando seu lampião conforme o sol se põe e se levanta a

cada poucos minutos em seu minúsculo mundo, sem tempo para descansar, sem olhos para ver o belo. Em seus primeiros vislumbres da humanidade, o Pequeno Príncipe só viu o oposto polar da simplicidade da criança, ou seja, a obsessão por metas e objetivos.

O Pequeno Príncipe atinge agora finalmente a própria Terra. Ainda está sozinho no deserto, mas, estando na Terra, vê-se imediatamente confrontado pela vida do instinto. Ele encontra a cobra, o mais ligado ao chão dentre todos os animais, o bicho mais distante da consciência humana, que o adverte de que o mundo dos homens e mulheres mostrar-se-á a ele tão solitário quanto o planeta de onde ele vem e faz com que se lembre de que a mordida da serpente pode trazer a morte e a liberdade final. Ela não vai morder agora a criança, pois as cobras não fazem mal a quem é completamente inocente. Somente quando o Pequeno Príncipe quiser voltar para o seu planeta e voltar a este lugar é que a cobra irá mordê-lo e, dessa forma, libertá-lo da Terra. Existe uma sutil indicação de um cinismo diabólico nisto: a cobra não acredita absolutamente no êxito da tentativa da criança de enfrentar o mundo dos adultos. No momento mesmo em que se põe em marcha, o Pequeno Príncipe assegura-se de uma alternativa de recuo de sua aventura. Com isso escapa ao universo infantil! Sente-se o quanto está fatalmente não-comprometido. Ele tem uma apólice de seguro.

Agora o Pequeno Príncipe atravessa o deserto em busca de pessoas e vai ficando progressivamente mais infeliz, até que, um dia, chega a um jardim de rosas. Pela primeira vez, ele sabe que a *sua* rosa, no *seu* planeta, não é a única no universo; ele se lança ao chão e chora. Naquele momento, sua rosa torna-se um "nada mais do que" - aquele bem-conhecido estado de ânimo, o oposto polar do orgulho possessivo. É nesse momento de colapso que encontra a raposa.

A raposa, então, é uma espécie de símbolo de Mercúrio, ou Hermes, no mundo interior. É atilada, esperta, travessa, e é um

guia: uma imagem que, até mesmo hoje, contém a numinosa intuição do elo entre caça e caçador. *The Running Foxes*, de Joyce Stranger, é uma história muito bonita e verdadeira sobre este tema. Parece que uma raposa velha chega até mesmo ao ponto de convidar os caçadores a persegui-la. É este animal, o caçador impiedoso, constantemente caçado, que ensina ao Pequeno Príncipe o que significa ter um amigo e qual é a real natureza da singularidade.

A raposa pede ao Príncipe que a *cative* e, em resposta à indagação do menino, diz que cativar e ser cativado significa "criar laços" — em outras palavras, ter relacionamento e responsabilidade. Ela ensina ao Pequeno Príncipe que ser único não consiste em possuir a única rosa no mundo todo — ser único é algo que vem quando o amor é despertado entre dois seres, seja o outro uma raposa, uma rosa ou uma pessoa. Como todos nós sabemos, é uma ilusão profundamente poderosa do ego esta identificação de nosso valor como pessoas com a posse de alguma habilidade, virtude ou conquista especial. A raposa revela o profundo paradoxo segundo o qual a singularidade de cada pessoa só emerge por intermédio de sua capacidade de "criar laços", elos conscientes entre ela e o "outro" (seja este outro uma realidade interna ou uma realidade externa), e através de sua disposição para sacrificar os laços inconscientes da possessividade.

Agora a raposa diz ao Pequeno Príncipe como cativar alguém. Ela lhe conta que, com paciência infinita, deve sentar-se perto desse alguém, todo dia, sem dizer palavra e, a cada dia, aproximar-se mais um pouco. Também é bom observar os "ritos apropriados", o que, segundo ela explica, significa vir sempre na mesma hora todos os dias, infundindo assim nesse simples ato o poder de um ritual — e esse é um conselho muito sensato, principalmente quando se trata de "cativar" nossas imagens interiores.

Agora, a raposa chega ao coração da sua mensagem: o estranho

paradoxo que se constitui num elemento essencial ao estabelecimento de laços é a aceitação da partida, mesmo da partida final. A singularidade do laço não fica perdida; pelo contrário, encontra sua máxima realização na separação inevitável, pois, a partir da dor dessa experiência aceita (aceita diariamente, não só nos momentos de perda externa), nasce um significado onde antes não havia significado. O ouro dos campos de trigo, até então ignorado pela raposa e sem sentido para ela, fica daí em diante vivo em sua beleza porque o cabelo de seu amigo é da cor dourada. Todo campo de trigo daí em diante é único por causa da singularidade daquele Pequeno Príncipe. O sinal distintivo de um amor purgado da possessividade e que se tornou um elo entre dois seres que consentem em ser *separados* é que esse vínculo não é exclusivo (assim, tudo que está fora dele torna-se fundido numa massa informe). Pelo contrário, ele convida à intuição da singularidade e do significado de cada pessoa, de cada vivência com que nos deparamos. Tudo isso não quer dizer que a dor da partida seja menor. “Eu vou chorar”, diz a raposa.

A última mensagem da raposa é esta: “O que é essencial é invisível aos olhos... É o tempo que você *gastou* com a sua rosa que a torna tão importante... Você se torna para sempre responsável por aquilo que cativa.” Torna-se imediatamente visível que o Pequeno Príncipe, por mais que houvesse compreendido profundamente a lição da raposa, ainda não captou o elemento essencial da mensagem. A seguir, transcrevo a passagem em que ele revela sua incompreensão, aliás a do próprio Saint-Exupéry. Ele está olhando para o canteiro de centenas de rosas e diz:

Vocês não são de jeito nenhum como a minha rosa. Até agora vocês não são nada. Ninguém cativou vocês, e vocês não cativaram ninguém. Vocês são como a minha raposa na primeira vez em que a vi. Ela era só uma raposa, como centenas de outras raposas. Mas eu fiz dela minha amiga, e agora ela é única em todo o mundo.

Vocês são lindas, mas são vazias. Ninguém poderia morrer por vocês. É claro que um transeunte comum poderia pensar que minha rosa fosse igual a vocês - a rosa que me pertence. Mas ela sozinha é mais importante do que todas as centenas de vocês, outras rosas: porque foi a ela que dei água; porque foi ela que pus dentro do globo de vidro; porque foi a ela que protegi atrás do abrigo; porque foi por causa dela que matei as lagartas (exceto as duas ou três que salvamos para que virassem borboletas); porque foi a ela que dei ouvidos, quando resmungava ou se vangloriava, ou mesmo quando não dizia nada. Porque ela é *minha* rosa.

Isso é verdade, mas não é a verdade inteira. Ele se dá conta de sua responsabilidade pela rosa que cativou neste planeta, aceita suas imperfeições e começa a conhecer o amor. Mas não vê que, assim como a sua responsabilidade perante a raposa envolve aceitar a sua tristeza e a da raposa quando chega o momento da partida, sua responsabilidade por esta rosa significa também aceitar a distância dela para que sua beleza possa viver no mundo, e não só em seu planeta particular. Por isso ele olha para a centena de rosas, não com a alegria do reconhecimento da imagem da amada em cada uma delas, como a raposa olhava os campos de trigo, mas com uma piedade mesclada de desprezo.

A seguir ele passa ao encontro com o mundo das pessoas. Vê multidões entrando e saindo inutilmente de trens, fala com um comerciante que inventou pílulas para saciar a sede, de modo que as pessoas são poupadas da perda de tempo de buscar água. (Que imagem perfeita para o apuro que ora vivemos!) Seria possível imaginarmos que, nesse ponto, a raposa dissesse: “Olhe além do que o olho enxerga, do que o ouvido escuta, e verá o ser humano por trás dessa máscara falsa. Então você se dará ao trabalho de cativá-lo. O brilho rosado de suas bochechas, e até a tinta vermelha da locomotiva, poderiam lembrá-lo de sua rosa e dar a essas pessoas e coisas beleza e significado. É assim que você deve carregar a responsabilidade

por sua rosa." Mas o Pequeno Príncipe não compreende esse aspecto: ele só pensa na beleza de *sua* rosa, na necessidade que ela tem dele, e, por isso, apresenta sua recusa final de envolver-se com a vida nesta Terra e, ao apegar-se à sua rosa, ele a trai da maneira mais trágica. Ele reinicia sua jornada regressiva até a cobra, que irá oferecer-lhe a morte - não a morte que é a aceitação da vida e do destino, mas a morte que é a recusa da vida e da responsabilidade. Jung disse que "a ameaça da cobra" indica o perigo de uma nova consciência recentemente adquirida ser tragada de volta pela psique instintiva. É precisamente isso o que acontece com o Pequeno Príncipe.

Antes da tragédia final, ele encontra um aviador consertando seu avião acidentado e pede-lhe um carneiro para levar de volta consigo para o seu planeta. Os desenhos que o aviador faz são rejeitados. O carneiro é muito velho ou muito fraco; finalmente, é aceito o desenho de uma caixa, dentro da qual o carneiro está deitado, invisível, e pode ser imaginado pelo Pequeno Príncipe da forma que lhe aprouver. Isso seria uma delícia para um menininho, mas não para o homem identificado com a criança. Sem dúvida, trata-se, mais uma vez, de um perigoso mal-entendido quanto às palavras da raposa: "O essencial é invisível aos olhos," o que, certamente, não significa que você possa converter um carneiro de verdade numa imagem particular daquilo que você gostaria que ele fosse, mas que por trás da aparência externa de um carneiro, seja ele velho ou fraco, existe uma singularidade essencial, que pode ser encontrada se você "cativá-la". É essa a incompreensão fatal da personalidade infantil, por meio da qual a imaginação, a intuição das verdades finais pode ser usada para distorcer a realidade presente, em vez de preenchê-la com significado.

O homem, conduzido pelo menino, encontra um poço no deserto. Eles não o imaginam apenas - sabem que a água da vida está ali, sob a superfície árida, pois a beleza do deserto está na existência do poço. Ali o homem aprende a profunda sabedoria da criança eterna, mas, em vez de levar essa

sabedoria para o encontro e o processo de cativar a própria vida, não a arrisca entre os homens e pensa em preservá-la como algo remoto e separado, no céu, de modo que tem que passar sua vida com os olhos postos nas estrelas, num contínuo tormento, sem saber se ela ainda vive ou não, pois o Pequeno Príncipe levou com ele de volta alguma coisa da Terra: o carneiro, que pode comer a rosa. O homem tinha-se esquecido de pôr uma fita em volta da caixa, para controlar o carneiro; isso foi uma providência do inconsciente, pois não temos condições de garantir a segurança de coisa alguma. Tendo vindo para a Terra, a criança havia vivenciado os opostos; não poderia retornar incólume ao seu paraíso infantil. Ela queria preservar da viagem apenas o que desejasse, mas, sem querer, levou consigo aquela ânsia instintiva inconsciente que poderia comer o mato de seu planeta e, igualmente, seria capaz de devorar suas rosas e deixá-lo ainda mais solitário do que antes. Assim, o homem que se recusou a ouvir a mensagem inteira da raposa, e que tenta preservar a beleza de sua vida interior isolada do mundo, imaculada em relação a ele, deve viver, daí em diante, e para sempre, com uma dúvida atroz no coração. Será que o carneiro destruiu a rosa? É uma dúvida que nos persegue sempre que retomamos, mesmo que brevemente, a mensagem da raposa.

Dessa forma, o livro termina com a mesma imagem com a qual começa. O desenho real da criança que fez uma jiboia com um elefante dentro é repleto de imaginação e promessas que o adulto embrutecido não consegue enxergar, mas essa imagem passou por uma separação de opostos e chegou à possibilidade da conscientização, apenas para terminar numa regressão em que um dos opostos pode ser novamente tragado para dentro do ventre do outro - a terna singularidade da rosa devorada pela coletividade ovina, da qual o Pequeno Príncipe buscou escapar. O homem vive, a partir de então, com os olhos postos nas estrelas, enxergando sua beleza, repleto de um insaciável anseio, pois ele conheceu e amou a criança interior. Mas a terra

embaixo de seus pés foi por ele rejeitada com desprezo e a totalidade deve para sempre escapar-lhe nesta vida. É uma história comovente e maravilhosamente narrada, com o impacto de uma verdade trágica, mas uma sensação de tristeza e impotência desesperançada permeia o livro inteiro.

Assim aconteceu com a vida do próprio Saint-Exupéry — um homem de genialidade potencial que nunca superou sua identificação com a eterna criança. Alguém que o conheceu bem escreveu a seu respeito que ele tinha em igual proporção "um profundo e real misticismo, um grande apetite pelos prazeres dos sentidos e uma total irresponsabilidade perante a vida diária". Também foi dito que ele foi "um extremista em todas as coisas. Não conseguia suportar as contradições". Estas são as características da sua identificação. É interessante que alguns psicólogos tenham dito que uma grande proporção de aviadores são desse tipo, particularmente, talvez, os pilotos de voos de alto risco - os de caças de guerra e os pilotos de prova.

Saint-Exupéry raramente era feliz, exceto quando voava. Essa era uma necessidade essencial de sua natureza, quase como se ele estivesse constantemente tentando alcançar o seu Pequeno Príncipe, sozinho e triste em seu planeta. No ar, sentia-se livre de toda a pequenez e mesquinharia letais do homem comum das ruas, a cujo respeito escreve com um desprezo fulminante. Até mesmo seus maiores admiradores admitem que ele tinha essa atitude de menosprezo. Foi um piloto de grande habilidade, mas causava em todos uma enorme ansiedade com o que era conhecido como "alheamento". Ele se esquecia de fazer descer o trem de pouso; perdido em seus devaneios, voava fora de rota, e de repente voltava à realidade perante uma situação de perigo, e assim por diante. Há em homens assim um cortejar inconsciente da morte, o anelo profundo pela mordida da cobra que pode resgatar neles a criança perdida. Finalmente, encontrou a morte no ar, vivendo o símbolo em sua realidade plena. Seu avião se perdeu em algum lugar da França, na última missão que lhe confiaram na guerra. Nunca foi encontrado

nenhum vestígio dele. Simplesmente desapareceu, da mesma forma como desapareceu o corpo do Pequeno Príncipe.

Como é comum no caso de tais personalidades, ele tinha sido o filho favorito de sua mãe e a vida inteira a adorara. Também Barrie tinha essa devoção por sua mãe. Em *Peter Pan,* o pai, o sr. Querido, aparece como homem ignorante e maldosamente cruel. O casamento de Saint-Exupéry foi um caso tempestuoso e irresponsável, como seria de esperar, com discussões violentas, separações e reconciliações igualmente passionais. Quando estava separado de sua esposa escrevia emotivamente a respeito de sua responsabilidade para com sua "pobre Consuelo". Ele sentia de modo genuíno essa responsabilidade, mas não conseguia vivê-la. Nunca conseguiu viver de modo responsável, porque havia rejeitado metade da sabedoria da raposa e, com isso, sua delicada percepção dos valores reais permaneceu "no ar", constantemente ameaçada pelo "carneiro". O carneiro, de duplo sentido, como todas as imagens arquetípicas, é o símbolo tanto da inocência como da estupidez coletiva, que ele tão amargamente desprezava.

As imagens de seu inconsciente - o Rei, o Sábio, o Trabalhador Prático, o Amante das Brincadeiras, o Servo - permaneceram para sempre em seus solitários planetas, possessivas e sem sentido até o fim. Pois a criança, que poderia tê-las trazido todas para a terra, caso ele tivesse atentado à mensagem da raposa, preferiu regressar ao seu planeta. Dessa forma, o homem não conseguiu crescer e chegar ao verdadeiro encontro de opostos no qual a criança interior permanece intensamente viva mas "cativa(da)", vinculada à realidade externa. Saint-Exupéry tinha o gênio e não se evadiu à responsabilidade de expressá-lo. Mas, inevitavelmente, seu gênio não amadureceu. Talvez tenha sido apenas em *O Pequeno Príncipe* que ele tenha realmente vindo à terra, pois nesse texto ele descreve sua própria tragédia com força e verdade. Muitos aclamaram *The Wisdom of the Sands* como seu maior livro. Ele também achava isso. Apesar de muito belo, como a maioria das coisas que ali

são ditas, permanece, de alguma maneira, distante da humanidade e, por isso, mesclado de irrealidade e sentimentalismo. Nesse livro, o rei de um reino no deserto divulga todos os seus pensamentos sobre a vida e seu significado. É relevante anotar que, próximo ao início do livro, o rei sobe numa torre bem alta e, *olhando para baixo*, para os homens, sente pena deles e resolve curá-los. Depois proclama: "Embelezei a alma de meu povo." O rei está interessado no "povo", não nos indivíduos. Ele fica sozinho com sua rosa, até o final. O título desse livro em francês é *La Citadelle* [A Cidadela] - a torre, a fortaleza, o lugar seguro de onde o rei olha o mundo, de cima para baixo.

Um desses homens-meninos veio procurar-me para fazer análise, há muitos anos. Sua rapidez de compreensão, sua apreensão intuitiva do inconsciente e seu ávido entusiasmo eram plenos de promessas. Mas ele não tinha dezessete anos — estava com quase trinta e não tinha a menor noção do que significava aceitar a responsabilidade da masculinidade. Esses homens geralmente têm grande poder de encantar, pois contêm a imagem da eterna promessa da juventude. As mulheres mais velhas perdoam-lhes repetidas vezes suas atrocidades. Este homem entrava e saía constantemente de empregos e era sua esposa, mais velha que ele, que ganhava o básico para o sustento de ambos. Como no caso de Saint-Exupéry, separações e reconciliações sucediam-se com uma velocidade estonteante. Ele não era aviador, mas cortejava a morte dirigindo carros de maneira totalmente descuidada. Quando sua carteira de motorista foi apreendida nunca lhe ocorreu parar de dirigir — o risco apenas tornava aquilo uma excitação ainda maior! Correr riscos selvagens no mundo exterior é uma compensação para a recusa interior de pôr a psique infantil em risco diante do confronto com as responsabilidades de um homem. Tomou inúmeras boas decisões, imbuído da mais completa sinceridade, mas estas se esfacelavam ao mero toque da realidade, ou perante a necessidade de disciplina. Mas como conhecia a

sabedoria que se aproxima do estúpido e do respeitável! Morreu violentamente num acidente. Tinha regressado à sua cobra, recusando-se a abandonar seu paraíso infantil e a expor sua rosa ao mundo.

A personalidade do tipo *puer aeternus* raramente aparece numa forma tão extrema. Mas, para cada um de nós, existe uma advertência nas imagens da história de Saint- Exupéry. Precisamos tornar-nos conscientes das maneiras parciais segundo as quais nos identificamos com a nossa criança interior, que, por isso, banimos para um planeta solitário. Pois, seja com o que for que nos identifiquemos, isso está perdido para nós como realidade. Se nos ativermos ao valor da inocência e da insensatez da criança, ao mesmo tempo que aceitamos plenamente as realidades do espaço e do tempo; se suportarmos as separações por meio das quais se dissolvem a possessividade e a exigência de sermos "especiais", nossos pés se plantarão firmemente na terra enquanto estivermos contemplando as estrelas em sua trajetória. Somente então, tendo emergido do paraíso fácil da infantilidade inconsciente, poderemos "cativar" a Criança interior e ser "cativados" por ela, que confere a verdadeira singularidade e a totalidade final. Essa imagem adorável nos vem em nossos sonhos, grave e contente, sábia e inocente, a promessa do início e a plenitude do fim. "A menos que vos torneis como as criancinhas (tornar-se, não identificar-se), não entrareis no Reino dos Céus" (Mateus, 18:33).

Voltemos agora às palavras de Jung: "A criança é o começo e o fim... A criança simboliza a natureza pré e pós-consciente do homem — sua totalidade... A criança é tudo o que é abandonado e exposto e, ao mesmo tempo, divinamente poderoso. O início duvidoso, o final triunfante. A 'eterna criança' no homem é uma experiência indescritível — um imponderável que determina a presença ou ausência essencial de valor numa personalidade."[2]

Parte 4

A criança ferida interior

Introdução

A violação da fraqueza e da simplicidade naturais da criança pequena ainda não preparada para a autonomia pode tornar-se um infantilismo protetor que dura a vida inteira da pessoa. Essas feridas podem ser redimidas por meio da simplicidade natural do ato de amar; aliás, elas até podem constituir-se na porta de acesso através da qual o amor pode entrar.

- Jean Houston, *The Search for the Beloved*[3]

Hoje, em nossa era informatizada e socialmente consciente, estamos cercados por imagens da criança vítima de abuso. Essa criança ferida por agentes externos tem sido impingida à nossa percepção consciente através das inúmeras histórias de crianças vitimadas que diariamente ganham destaque em todos os estratos da nossa sociedade. Estes incidentes, que variam desde casos de pequenas negligências e acidentes involuntários até os episódios moralmente repreensíveis de exploração e abuso sexual de menores, são patéticas manifestações de uma epidemia social e mental.

A ansiedade que decorre desses tratamentos inadequados geralmente leva as crianças a se tornarem cúmplices e, em nome de sua segurança, a se identificarem com um falso self em sua personalidade externa. Esses receios também podem fazer surgir uma grandiosidade inflacionada (como vimos no problema do *puer aeternus),* na qual a presunção e a superioridade mascaram profundos sentimentos de dano emocional e desvalia. Em ambos os casos, o Self infantil autêntico e vulnerável é repudiado e a vivacidade é diminuída. Identificar-se com a vulnerabilidade é sentir uma dor tão assustadora para a frágil identidade do ego em desenvolvimento da criança que essa dor parece pôr em risco sua própria existência.

Esses danos à alma ocorridos durante a infância produzem no

[3] Publicado pela Editora Cultrix cora o título de *A Busca do Ser Amado.*

adulto uma criança interior que anseia por compreensão, amor, respeito e, possivelmente, justiça. A redescoberta da criança interior é, em geral, dolorosa porque faz regressar à consciência recordações e emoções das dores da infância. É típico que essas vivências emocionalmente prejudiciais tenham ocorrido no seio da família. A retomada do vínculo com a criança ferida nos põe de volta em contato com os nossos pais, a quem tentamos agradar e satisfazer. Também devemos encarar o nosso Self, irado, triste e magoado. A redenção dessa criança interior problemática significa, no mínimo, oferecer-lhe novas vivências de ser cuidada como criança, segundo seus antigos desejos de ser amada, atendida e cuidada.

Para curar a criança ferida interior, nós, adultos, também devemos aprender a compreender o sofrimento dos nossos pais. Por termos igualmente internalizado esses pais feridos, devemos abrir mão dos julgamentos severos ou do desejo de vingança. Para conseguirmos deter os padrões familiares de abuso e não os transmitirmos à geração seguinte, a imagem internalizada dos pais também precisa ser reconhecida em seu componente ferido. Essa conscientização compassiva é um fenômeno que se desenvolve na vida daqueles adultos corajosos que estão superando sua vergonha e sua dor a fim de acolher e curar a criança interior ferida.

A criança interior ferida é o símbolo que emerge dessa percepção consciente compassiva. Representa o potencial obstruído da criança interior. É a vítima interior que tem sofrido as milhares de mágoas e que vem sendo enterrada no fundo da pessoa, a fim de proteger-se de outras humilhações e dores. Esse ser autêntico dentro de nós — nosso Self infantil vulnerável — está preso numa rede infeliz de comportamentos reativos e autoprotetores e, muitas vezes, é debilitado por uma confusão de sentimentos de ansiedade, impotência, mágoa e ira.

Os ensaios desta seção estão organizados em torno do tema dos danos causados à criança interior. Cada capítulo contém um

modelo e uma sensibilidade psicológica distintos no que se refere ao processo do dano à criança interior e à sua cura.

O trabalho de abertura, da autoria de Charles L. Whitfield, intitulado "Como podemos curar nossa criança interior?", é uma decorrência do modelo de recuperação em doze etapas adotado por grupos de autoajuda destinados a pessoas que se identificam como filhos adultos de famílias desestruturadas, as quais podem estar, elas mesmas, recuperando-se de alcoolismo, de dependências químicas ou dependência múltipla. Neste modelo, a criança interior e a criança ferida são uma só. A criança interior é o Self real, ou verdadeiro, que sofre um deslocamento para ceder lugar ao self falso, ou codependente. Segundo este modelo, o falso self é um mecanismo de negação e defesa na personalidade que suprime e prejudica o Self verdadeiro, abafando a manifestação da criança interior. O processo de comprometimento descrito por este modelo acontece pela cooptação da criança interior.

Hal Stone e Sidra Winkelman postulam um modelo psicológico em que a criança ferida é repudiada pela personalidade consciente muito cedo na vida, durante os primeiros cinco anos. "A criança não pode existir, nas nossas sociedades civilizadas", dizem estes autores, "sem a proteção de um elemento protetor/controlador muito forte" na personalidade, que soterra a criança para que esta não seja ferida. As qualidades essenciais decorrentes do comprometimento emocional da criança interior, segundo este modelo, são a vulnerabilidade e a dissociação em relação a outras partes da pessoa total. Segundo estes autores, curar implica uma integração completa da criança interior à percepção consciente, para que o ego consciente possa incumbir-se adequadamente dessa criança.

Alexander Lowen relaciona a descoberta pessoal do comprometimento emocional e da traição que obteve na terapia que fez com o famoso psiquiatra Wilhelm Reich. Sua história oferece-nos um modelo de base somática para o entendimento

da criança interior ferida, cuja dor e mágoa inexpressas estão paralisadas na musculatura do corpo adulto. “A verdade a respeito da nossa infância”, diz Alice Miller, “está armazenada no nosso corpo,” e isso resume com grande habilidade o modelo bioenergético de Lowen para a criança ferida interior.

O artigo de Alice Miller, “Em defesa da criança”, descreve um modelo de comprometimento emocional baseado em abusos concretos contra a criança. Ela concentra sua atenção nas crianças externas e, por consequência, na criança interior ferida — naquelas crianças que sofrem abusos cruéis e inconscientes nas mãos dos pais e das figuras de autoridade. “Somente quando nos dermos conta do quanto a criança é impotente diante das expectativas de seus pais”, diz ela, “...é que poderemos apreender a crueldade das ameaças dos pais de não amarem mais a criança se ela não corresponder a essas exigências impossíveis. E essa crueldade é perpetuada na criança.”

A proposta de uma psicologia profunda apresentada por Robert M. Stein relaciona de modo explícito o abuso externo ao comprometimento emocional interno: “A psicologia profunda admite que os mundos externo e interno refletem um ao outro... Precisamos perguntar o que está por baixo da necessidade compulsiva de praticar abusos e de molestar sexualmente a criança externa.” Em contraposição ao modelo literalmente interpretado de Alice Miller, a criança interior ferida de Stein sofre, a partir das polarizações no indivíduo e na cultura, cisões nas atitudes e nas crenças as quais negam o ser natural e elementar da criança e a isolam de seu embasamento nos instintos.

Por fim, Susanne Short nos expõe, através das lentes da ótica junguiana, o *pathos* da criança ferida que se afoga num envolvimento pernicioso com os próprios pais. Essa é uma tragédia que testemunhamos diariamente à nossa volta, e que não é reconhecida como tal porque nessas práticas mutiladoras de paternagem e maternagem não há como verificar a realidade

da criança mediante a adoção de uma saudável postura de espelhamento ou de observação objetiva. A vivência interna da criança é, de fato, ignorada. Como Short deixa implícito, há apenas insinuações e murmúrios como pistas, e a criança nem sequer chega a saber o que a atingiu.

18. Como podemos curar nossa criança interior?

CHARLES L. WHITFIELD

As *pessoas que trabalham no processo de recuperação de casos de dependência química, especialmente os participantes do crescente movimento conhecido como* Filhos Adultos de Alcoólatras*, usam a linguagem da criança interior para se referirem àquela parte de nós que é o nosso Self real. É muito provável que as pessoas que cresceram em famílias com desequilíbrio proveniente do alcoolismo ou de qualquer outro tipo de problema tenham sofrido a negação de seu verdadeiro Self. Como reação a isso, muitas desenvolvem uma identificação com um self falso, codependente. Portanto, surge a necessidade de intervir no processo de negação e curar e resgatar a criança interior.*

A recuperação do verdadeiro Self é um dos principais pontos onde se concentra o trabalho do terapeuta e autor Charles L. Whitfield. Este texto foi extraído de sua obra Healing the Child Within*, recordista de vendagem e que se tornou um livro-texto para modelos de recuperação no trabalho com a criança interior. Recentemente, como complemento, o dr. Whitfield publicou um manual prático de exercícios, intitulado* A Gift to Myself.

Para redescobrir nosso Self Real, ou Verdadeiro, e curar nossa Criança Interior, podemos dar início a um *processo* que envolve as quatro iniciativas seguintes:

1. Descobrir e praticar que somos o nosso *Self Real,* ou Criança Interior.

2. Identificar as *necessidades* físicas, mentais-emocionais e espirituais que estão ativas em nós.

3. Identificar, reviver e *sofrer a dor* de nossas *perdas* não-

sentidas ou traumas ignorados na presença de pessoas confiáveis e acolhedoras.

4. Identificar e elaborar nossas *questões centrais* (descritas abaixo).

Estas ações se inter-relacionam de modo intenso, embora não apareçam numa sequência específica. Trabalhar nelas e, dessa maneira, curar nossa Criança Interior é algo que geralmente ocorre de maneira circular, pois o trabalho e as descobertas que se dão numa área ligam-se aos que ocorrem em outra.

Estágios do processo de recuperação

Sobrevivência

- Para chegarmos ao ponto da recuperação é preciso termos sobrevivido. Os sobreviventes são, necessariamente, pessoas codependentes. Usamos muitos meios de encobrir e muitas defesas do ego para conseguir isso. Os filhos de alcoólatras e de outras famílias comprometidas e desestruturadas sobrevivem trapaceando, escondendo-se, negociando, cuidando dos outros, fingindo, negando, aprendendo e adaptando-se a permanecer vivos utilizando quaisquer métodos que deem certo. Aprendem outros mecanismos de defesa do ego, geralmente não-saudáveis, conforme foi descrito por Anna Freud[1] e sintetizado por Valliant,[2] mecanismos que incluem intelectualização, repressão, dissociação, deslocamento e formação reativa (todos estes, quando excessivamente empregados, podem ser considerados neuróticos), além de projeção, comportamento passivo-agressivo, representação, hipocondria, grandiosidade e negação (todos estes, quando excessivamente empregados, podem ser considerados imaturos e, às vezes, psicóticos).

Embora essas defesas sejam eficientes na nossa família desequilibrada, sua tendência é servir-nos mal quando chegamos à idade adulta. Quando procuramos participar de relacionamentos saudáveis, essas defesas não conseguem promover nossos melhores interesses. Ao utilizá-las, abafamos

e entorpecemos nossa Criança Interior e promovemos e reforçamos nosso self falso e codependente.

Ginny era uma moça de vinte e um anos que cresceu numa família de alcoólatras. No início de sua recuperação, ela escreveu o poema que transcrevo abaixo, no qual exemplifica parte da dor presente no estágio da sobrevivência.

COM MEDO DA NOITE

Como a criança que espera à noite
Por mãos calorosas e braços que a envolvam
E abracem sua solidão:
Para perder-se nas lágrimas de uma súbita segurança -
E de amor.
Também eu, na escura solidão do Self não-amado,
Desgarrado, abandonado, e negado,
Ainda convoco com gritos mudos de criança
A antiga esperança -
A velha certeza mágica de ser querida.
A criança ainda vive em mim
Com aquela ávida mágoa da inocência estupefata
E traída. Ah, que doloroso paradoxo!
Sentir o resgate
E saber que não virá nenhum.
Inundada, porém, por velhos sonhos, pálidos mas poderosos.
Recordações do terno e querido toque do amor,
Eu espero.
Espera-se. Sempre se espera.
Está esquecida - essa necessidade sem nome
Os anos vêm batendo em meu desgastado coração.
Mas como se fora alguma força primordial informe
Acena, invade minha realidade,
Neutraliza a empertigada razão.
E eu sou grotesca no desejar desesperançado,
Voltando minha mente para dentro, para trás.
Vaga também é a dor, com lembranças jovens
Que enfraquecem e desafiam,

Submetem e depois morrem.
Eu não vivo:
Espero nessa inesperança.

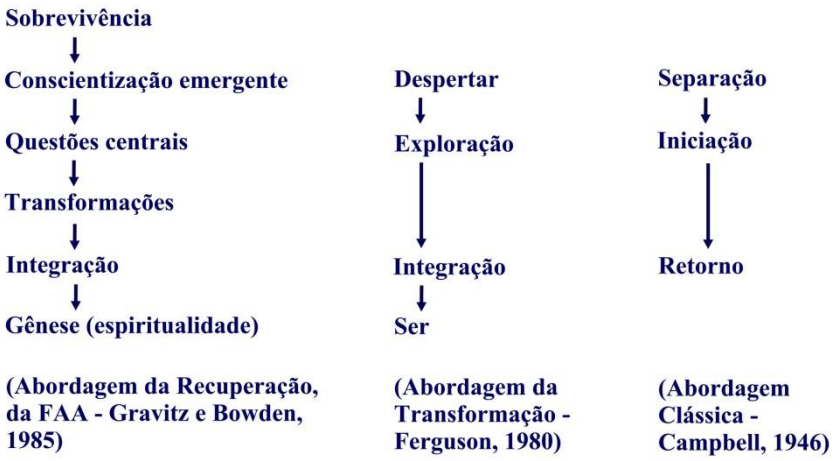
Ginny expressa sua dor, seu torpor, seu isolamento e seu desespero. Entretanto, também reflete um raio de esperança em potencial no verso "A criança ainda vive em mim"*[4].

Parte da recuperação é a *descoberta* de nós mesmos, da nossa Criança, e o modo como usamos esses ineficazes meios de relacionamento com nós mesmos, com os outros e com o universo, o que pode ser conseguido com máximo aproveitamento nos estágios operacionais da recuperação.

Embora esteja claro que estamos sobrevivendo, também é verdade que vivenciamos uma boa dose de dor e sofrimento; ou nos tornamos entorpecidos; ou nos alternamos entre um estado de torpor e o sofrimento. Lentamente, vamos tomando consciência de que essas mesmas habilidades e defesas que nos permitiram sobreviver como bebê, criança e adolescente maltratado não funcionam muito bem quando procuramos ter relacionamentos íntimos e saudáveis na idade adulta. A frustração que esse tratamento inadequado causou, o sofrimento da codependência, assim como o fracasso de relações que não servem para nós, é que às vezes nos empurram e até nos forçam a começar a procurar em outros lugares, deixando de lado esses métodos ineficazes. Procurar em outra parte pode desencadear nossa recuperação.

Gravitz e Bowden descrevem a recuperação em seus pacientes dos grupos de Filhos Adultos de Alcoólatras (FAA) como um processo de seis fases: 1) sobrevivência; 2) conscientização emergente; 3) questões centrais; 4) transformações; 5) integração; 6) gênese (ou espiritualidade).[3] Esses estágios apresentam-se paralelamente aos quatro estágios de crescimento e transformação descritos por Ferguson[4] e aos três estágios da clássica jornada do herói ou heroína mitológicos, descrita por Campbell[5] e outros.

Podemos esclarecer e resumir as semelhanças entre essas abordagens da seguinte maneira:



Cada um desses estágios é proveitoso, no processo de resgate e cura de nossa Criança Interior. Cada um deles costuma ser reconhecido apenas de maneira retrospectiva. Quando estamos *em* algum deles, nem sempre nos damos conta desse fato. Essa é uma razão pela qual é útil ter um companheiro, guia, conselheiro ou terapeuta, durante a recuperação.

Despertar (Conscientização emergente)

O Despertar é o primeiro vislumbre de que as "coisas", ou a "realidade", não são o que pensávamos. O Despertar é um processo contínuo que acontece durante toda a recuperação. Para começar, geralmente pedimos um ponto de acesso, ou gatilho - qualquer coisa que nos sacuda de nosso obsoleto sistema de entendimento e crença acerca da realidade, que abale profundamente o modo como pensávamos que as coisas fossem.[6]

Uma vez que o nosso Self Verdadeiro está tão escondido e o nosso self falso, ou codependente, é tão evidente, o despertar nem sempre virá com facilidade. Apesar disso, muitas vezes acontece. Já presenciei este processo em centenas de filhos do trauma. O ponto de acesso, ou gatilho, pode variar em um

amplo espectro de oportunidades. Pode ter início quando ouvimos ou lemos o relato de alguém que descreve o seu próprio processo de recuperação ou o seu próprio Self Verdadeiro, ou quando nos sentimos "completamente esgotados" com o nosso sofrimento, ou quando começamos a trabalhar seriamente com algum outro problema existencial em aconselhamento ou terapia. Para outros indivíduos, pode vir na forma de uma reunião com um grupo de autoajuda, ou de uma vivência educacional, através da leitura de algum livro ou em conversa com um amigo.

Nesse momento, geralmente começamos por sentir confusão, medo, entusiasmo, excitação, tristeza, torpor e raiva. Essas reações querem dizer que estamos começando a *sentir* de novo. Começamos a ter contato com quem somos realmente, com a nossa Criança Interior, o nosso Self Real. Nessa altura, algumas pessoas desistem, não vão adiante. Acham mais fácil e mais "confortável" recuar para seu self falso e codependente (ou seja, têm uma recaída na codependência), porque esses sentimentos assustam.

As pessoas que estão se recuperando do alcoolismo, da dependência de drogas ou de outros comportamentos improdutivos, como comer em excesso ou apostar compulsivamente em jogos de azar, podem começar a sentir uma recaída. Também é possível que se desencadeie alguma outra forma de comportamento compulsivo gerado pela vergonha, como gastar dinheiro que não têm. Esse despertar, porém, pode ser uma oportunidade para corrermos o risco ou mergulharmos na descoberta do nosso Self total, da nossa vivacidade e até mesmo, com o tempo, da nossa felicidade.

Começar a lidar com as questões centrais

Questão é qualquer conflito, preocupação ou problema em potencial, seja consciente ou inconsciente, que para nós está incompleto ou precisa de ação ou mudança.

Na recuperação da Criança Interior existem pelo menos

quatorze *questões centrais* com as quais podemos trabalhar. Oito delas foram descritas por clínicos e autores, incluindo Gravitz e Bowden,[7] Cermak e Brown,[8] e Fischer.[9] São: controle, confiança, sentimentos, ser excessivamente responsável, negligenciar suas próprias necessidades, pensar e agir do modo tudo-ou-nada, ter alta tolerância por comportamentos inadequados e ter baixa autoestima. A estas questões acrescentei as seguintes: ser real, sofrer as perdas até então não-sofridas, o medo do abandono, a dificuldade em resolver conflitos e a dificuldade em dar e receber amor.

À medida que os problemas, preocupações e conflitos, ou outros padrões, forem surgindo em nossa vida, podemos comentá-los com pessoas selecionadas, que sejam confiáveis e acolhedoras. A princípio, talvez não esteja claro quais exatamente são essas questões centrais; pode ocorrer também que mais uma nos apareça para ser elaborada. As questões centrais não se apresentam a nós como "questões". Pelo contrário, primeiro dão a impressão de serem problemas da vida diária. No entanto, com uma atenção persistente e descrevendo o modo como nos estamos sentindo, irá, geralmente, tornar-se mais claro, com o tempo, qual questão ou questões estão em pauta. Esse conhecimento será útil para o progressivo processo de libertação que nos afastará da confusão, do descontentamento e dos padrões de existência negativos e inconscientes (compulsões à repetição).

Transformação

Por intermédio de vários recursos, entre os quais o de ser real, praticar a autorreflexão, participar de grupos terapêuticos, de grupos de autoajuda e de aconselhamento, muitas pessoas estão transformando sua vida e tornando-se mais livres, completas e realizadas.

A transformação é uma mudança de forma, uma reformulação, uma reestruturação. Em última análise, é uma mudança do viver a vida procurando chegar a algum lugar para o viver a vida com

o objetivo de expressar o próprio ser. Quando nos transformamos, transformamos nossa consciência, nossa forma consciente de perceber a vida. Transferimo-nos de um domínio da realidade e do ser, para outro. Por meio dessa mudança, crescemos e transcendemo-nos, atingindo níveis de ser mais elevados, fortalecedores, pacíficos e criativos. Ao mesmo tempo que vivenciamos mais poder pessoal e mais possibilidades e escolhas, também começamos a assumir mais responsabilidade por fazer a nossa vida funcionar.

No estágio das transformações do processo de recuperação, trabalhamos no sentido de *expor* as partes vulneráveis da nossa Criança Interior e, quase de forma paradoxal, reivindicamos, ao mesmo tempo, o poder que está inerentemente lá, *dentro* da nossa Criança. Transformamos as partes opressivas e em geral ineficientes da nossa vida em elementos mais eficientes e positivos. Por exemplo, quando identificamos, elaboramos e modificamos as nossas questões centrais, podemos efetuar algumas transformações subsequentes.

Pô-las em prática em nossa vida pode não ser algo fácil. Temos que trabalhar com elas dentro de uma certa margem de risco, contando nossa história para pessoas próximas que sejam confiáveis e acolhedoras. Contudo, quando nos transformamos, geralmente isso não significa que, quando sentimos uma baixa autoestima, basta o desejo de nos sentirmos melhor a nosso próprio respeito, para acordarmos na manhã seguinte com uma autoestima saudável. Pelo contrário, há etapas específicas nesta espécie de trabalho de modificação existencial.

Depois de tomarmos consciência das questões centrais, agora passamos a trabalhar com elas. Ao nos tornarmos mais conscientes, agimos sobre aquilo que vivenciamos, e reconhecemos o que está acontecendo, sem mais disfarces. Aprendemos a respeitar o nosso sistema interno de monitoração — as nossas sensações e reações. Ignorar ou não dar atenção a essa parte crucial de nossa pessoa é agora uma atitude do

passado. Estamos abertos aos nossos sentimentos, sensações e reações, e todos estes são partes importantes do nosso Self Real.

19. A criança interior vulnerável

HAL STONE E SIDRA WINKELMAN

Stone e Winkelman são os criadores de uma técnica chamada Método do Diálogo de Vozes, que se baseia na ideia de que cada pessoa contém uma multiplicidade de eus ou subpersonalidades. Os eus inter-relacionam-se em graus variáveis de proximidade e também têm uma relação com o que os autores chamam de protetor/controlador, que é diferente daquilo que comumente se pensa ser o ego.

Stone e Winkelman sugerem que certos eus problemáticos são banidos e, por isso, vivem como padrões energéticos não-integrados ao todo, no cerne do inconsciente. Dialogar com esses eus repudiados, reconhecê-los e objetivá-los permite ao ego consciente compreendê-los e trabalhar criativamente com eles.

O Diálogo de Vozes é um meio poderoso de obter acesso direto a essas subpersonalidades ou vozes internas, envolvendo cada uma delas num diálogo onde não há a interferência do protetor/controlador. Com a assistência de um facilitador, a subpersonalidade pode ser diretamente convidada como entidade individual e como parte da personalidade total. Esse processo coloca o sujeito num estado alterado de consciência, semelhante ao da hipnose. Com o tempo, um número cada vez maior de subpersonalidades pode ser conscientizado. Dizem Stone e Winkelman: "Nossa tarefa é tomar consciência dessa fragmentação do eu para que possamos fazer escolhas válidas em nossa vida."

Uma das principais subpersonalidades é a criança interior abandonada. "Talvez o mais universalmente repudiado dos eus no nosso mundo civilizado seja a criança vulnerável," dizem os autores. Este capítulo demonstra como a criança interior se manifesta no Método do Diálogo de Vozes. Foi extraído de dois

livros dos autores: Embracing Our Selves: The Voice Dialogue Manual *e* Embracing Each Other.

A criança do nosso mundo interno sabe como "ser", ao passo que o resto de nossa personalidade sabe como "fazer" e como "agir". Ao trabalharmos com esses padrões, temos a oportunidade de aprender como "ser" com eles; senão, eles não têm como emergir. Quando lidamos com a criança interior, o lema é: "Não há para onde ir e não há o que fazer."

A perda da criança interior é uma das maiores tragédias do processo de "crescimento". Com essa perda, perdemos uma grande parte da magia e do mistério de viver, a delícia da intimidade de um relacionamento. Grande parte da destrutividade que expressamos uns para com os outros resulta da nossa falta de ligação com as nossas sensibilidades, nossos temores, nossa própria magia. Como seria diferente o mundo se as figuras da política dissessem: "Sinto-me muito mal. Você realmente me magoou quando me disse isso." Ou: "Quero me desculpar perante os meus colegas pelos comentários que fiz ontem. Estava me sentindo ferido e com raiva, e lamento muito." Se a criança interior está funcionando em nossa vida de maneira autônoma e sem proteção, podemos ter uma certeza razoável de que ela acabará sendo vitimada de alguma forma. Apesar de ser maravilhosa, a criança não consegue dirigir carros direito, da mesma forma como não consegue dirigir nenhum outro padrão de energia. Também ela precisa de equilíbrio. Enquanto, porém, o protetor/controlador estiver encarregado da personalidade, a criança permanecerá enterrada e, portanto, inacessível.

À medida que nos formos tornando mais cientes da criança interior, o ego consciente irá aos poucos tornando-se o pai e a mãe de nossa criança. Podemos então assumir responsabilidade pelo uso da energia da criança interior em nossa vida, oferecendo-lhe a proteção apropriada, quando necessário.

Quando o ego consciente se torna mais eficiente, podemos

começar a relaxar, sabendo que a integridade fundamental do sistema está em boas mãos. Vejamos agora como a criança interior se manifesta no Método do Diálogo de Vozes.

Vulnerabilidade - um eu primário repudiado

Talvez o eu mais universalmente repudiado de nosso mundo civilizado seja a criança vulnerável. Essa criança, no entanto, pode ser a nossa subpersonalidade mais preciosa, a mais próxima de nossa essência, aquela que nos permite ser verdadeiramente íntimos, vivenciar plenamente os outros, e amar. É uma lástima que, em geral, desapareça por volta dos cinco anos de idade. Essa criança não consegue existir em nossas sociedades civilizadas sem a proteção de um protetor/controlador muito forte. A única maneira como este protetor/controlador consegue lidar com a criança vulnerável é repudiando-a. Ela costuma ser repudiada de uma maneira tão cabal que o protetor/ controlador não precisa mais preocupar-se com ela.

Como é essa criança? A sua qualidade mais notória é a capacidade de tornar-se profundamente íntima de outra pessoa. O facilitador pode sentir um calor físico e uma plenitude que irradia dessa criança. É como se o espaço entre as duas pessoas fosse vivo e vibrante. Quando a criança vulnerável recua (o que acontece à menor provocação), esse calor e plenitude desaparecem, deixando para trás uma vaga onda de frio. Essa vivência é até certo ponto semelhante aos sentimentos especiais que podem ocorrer com uma criança pequena ou com um cachorro, num momento de profunda afeição e confiança recíproca. Essa capacidade de estar completamente "com" outro ser humano é profundamente preciosa.

Contudo, estar completamente com o outro também contém sua parcela de desconforto, ao lado do prazer. A criança vulnerável está energeticamente sintonizada - tem consciência de *tudo* que está acontecendo. As palavras não conseguem enganá-la nem por um instante. Conforme o outro fala, a criança sabe se existe

alguma mudança, por mínima que seja, no elo energético entre ambos. Pode ter ocorrido a invasão de algum pensamento externo — você pode estar pensando que horas serão, pode de repente ter percebido que está com fome — e a criança saberá que você recuou. Ela tem uma sensibilidade extraordinária e reage de pronto a todo abandono que sentir. Ela pode não saber por que esse recuo aconteceu, mas saberá quando tiver ocorrido.

Entrar em contato com essa subpersonalidade pode-nos abrir para os mais embaraçosos sentimentos de rejeição, como sentir-se abandonado quando a mulher sai da cama pela manhã para ir ao banheiro. No entanto, quando conscientizada, essa subpersonalidade pode, muitas vezes, dizer-nos quem é confiável e quem não é. Ela costuma reconhecer as pessoas que repudiaram sua própria criança vulnerável e que, portanto, podem ferir os outros, acidental ou deliberadamente.

O primeiro diálogo com uma criança vulnerável pode simplesmente consistir em sentar-se em silêncio e convidá-la a vir para o primeiro plano. Ela, geralmente, é pré-verbal e pode continuar sentada em silêncio ou chorar. Em suas primeiras manifestações, pode enrolar-se sobre si mesma, na posição fetal, cobrir a cabeça e chorar, com soluços de profunda mágoa. Há a que se mostra hesitante, sondando a capacidade que o facilitador tem de sentir sua presença ou ausência. Acima de tudo, nenhuma criança vulnerável aparece, a menos que o facilitador seja digno da confiança de que não a magoará. Ela invariavelmente foi magoada no passado e teme sê-lo outra vez. Isso foi dramaticamente ilustrado pela criança vulnerável de uma mulher judia que tinha conseguido ficar viva na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

Criança: Dói pensar em tudo que ela passou. Eu tive que ir embora quando ela ainda era muito, muito pequena (chora). Está dolorida demais para existir. Ela se sente como se fosse só uma pele repleta de lágrimas.

Facilitador (preocupado): Você quer ir embora agora?

Criança: Não, sinto-me bem em estar aqui com você. Eu sempre fujo para me esconder, mas dói ainda mais quando estou sozinha. Preciso de alguém que fique comigo e me deixe ficar triste.

A dor da criança vulnerável é profunda e requer respeito e empatia. A criança sabe se você se sente distante, se está sendo racional, e então não aparece. Ela às vezes exige que o facilitador realmente a procure. No caso de Natalie, uma terapeuta, a criança vulnerável emergiu da maneira mais surpreendente. Natalie começou a sessão expressando seu desconforto com o abraço do facilitador. Na realidade, essa era a voz racional da paciente, como mais tarde ficou claro, mas certamente deu a impressão de ser a do ego consciente, no começo.

Natalie racional: Estive pensando bastante sobre essa coisa de abraçar você no final das nossas sessões e para mim não é confortável. Parece-me mais uma forma de descarregar ansiedade e que vai contra o trabalho da terapia. Além disso, não me sinto livre para escolher nessa situação.

Facilitador (igualmente racional para proteger a sua própria criança vulnerável): Bem, por que não deixamos de lado essa coisa do abraço e vemos o que acontece? Vejo muito bem o que você afirma sobre descarga de ansiedade e tensão, e para mim não é nada cômodo, se dá a impressão de ser compulsivo.

Nesse ponto, o facilitador sentiu uma mudança, uma sensação de tristeza em Natalie.

Facilitador. Espere um minuto. Quero falar com essa parte em você que quer que eu a abrace.

Criança vulnerável (rompendo em lágrimas): Eu estava com medo de você não perceber que eu estava aqui. Ela é tão sensível — eu tinha medo de que ela magoasse seus sentimentos e você nem se lembrasse de procurar por mim. Eu *quero* que você me abrace. Eu gosto. Eu *quero* que você preste atenção em

mim (novo ímpeto de choro).

Facilitador: Eu adoraria prestar atenção em você. Conte-me alguma coisa de você.

Criança: Sou muito pequena, tenho mais ou menos quatro anos e sou graciosa. Mas estou com muito medo. Estou escondida. Estou escondida dentro do armário. Estou esperando que venha alguém me procurar, mas (mais soluços) ninguém vem, nunca vem ninguém. Eu realmente quero que alguém venha procurar por *mim* e preste atenção em *mim*. Ela vem agindo como pessoa crescida e sensata desde pequena, e ninguém nem pensou um dia em procurar por mim. Ninguém nunca sente a minha falta. Preciso de gente notando que não estou ali, gente que se importe.

Este diálogo é um dos mais comoventes retratos da criança vulnerável. Ela quer que deem pela falta dela, quer ser procurada, quer ser valorizada, embora o protetor/controlador e as outras subpersonalidades racionais não queiram que ela exista, de jeito nenhum.

Os homens têm mais dificuldade ainda que as mulheres para concordar em ter contato com sua criança vulnerável, porque para eles é socialmente inaceitável serem vulneráveis. Suas crianças também estão no esconderijo. Já foram localizadas escondidas dentro de armários, debaixo da pia da cozinha, em cavernas, no alto da casinha na árvore, no mato, num celeiro, no sótão. Às vezes, o facilitador pode efetuar um primeiro contato pedindo à parte que foge das pessoas, ou se esconde, que fique.

Facilitador: Eu sei que Mike é muito eficiente e muito bem-sucedido, mas gostaria de conversar com aquela parte dentro dele que é um pouco mais sensível e precisa manter distância das pessoas; talvez ela até precise esconder-se.

Criança: Certamente preciso esconder-me. Quando eu era pequeno, costumava sair para o mato quando alguém me magoava. Eu esperava muito tempo para que alguém viesse

procurar-me. Eu sentia muito medo de que, se encontrassem Mike, acabassem magoando-o de novo, mas eu realmente queria que eles sentissem pela falta dele e viessem procurá-lo. E sabe de uma coisa? Nunca vieram. Aí eu realmente me sentia muito mal.

Assim que Mike percebe de que modo seus sentimentos foram desrespeitados, ele pode conversar com a esposa a respeito da questão. Se ele não percebe, recua para uma fria subpersonalidade parental e a criança vulnerável da esposa fica magoada com o recuo dele e, por isso, ela se torna ainda mais rejeitadora, para se proteger.

A criança vulnerável ajuda-nos a sair de situações dolorosas, se elas não podem ser modificadas. A criança vulnerável também nos arrancará de relacionamentos insatisfatórios, ou de ocupações profissionais não-gratificantes, assim que lhe dermos ouvidos. Por exemplo, Frank estava numa relação com uma mulher mais jovem, que gostava dele, mas que não lhe deixava dúvidas quanto a não sentir por ele o amor necessário para levar sua relação a um casamento, que era a expectativa dele. Frank havia repudiado sua criança vulnerável de maneira tão completa que, a princípio, só pudemos falar com ela através do protetor/controlador. Contudo, este concordou em nos permitir consultar diretamente a criança.

Facilitador: Por favor, você poderia dizer-nos como se sente quanto à relação do Frank com a Claire?

Criança: Não gosto nada disso. Fico magoado o tempo todo. Ele pensa que ela, com o tempo, vai acabar aprendendo a amá-lo, mas eu sei que ela não vai. Ela só está na história por causa das vantagens que obtém. Ele é um sujeito legal e faz coisas por ela, e assim ela continua com a relação. Eu sei que ela não o ama, e isso me faz sentir mal. Mas ele não se importa com o que eu sinto.

Facilitador: Se você estivesse no comando da vida do Frank, o que faria?

Criança: Eu me afastaria dela. Quando ele está com ela eu me sinto muito sozinho. É muito pior do que não ter ninguém.

Como dissemos antes, a criança vulnerável geralmente enxerga as questões emocionais claramente e oferece bons conselhos. Frank tinha que decidir o que fazer com esta informação. Ele também consultou as outras subpersonalidades, mas, no final, acabou seguindo o conselho de sua criança vulnerável: confrontou a situação e, com tato e diplomacia, encerrou o relacionamento.

Em contraste com sua capacidade para terminar um relacionamento não-gratificante, a integração da criança vulnerável numa relação incentiva uma intimidade e uma profundidade sem precedentes, como veremos na experiência de Suzanne.

Suzanne tinha sido criada por uma mãe muito fria e rejeitadora. Sua criança vulnerável havia sido repudiada no começo de sua vida e fora substituída por uma argúcia encantadora, sofisticada, caprichosa e deliciosa. Suzanne era irresistível aos homens, mas muito solitária. Ficou chocada quando se deu conta de que tinha sentimentos vulneráveis e de que sua criança não sentia o próprio valor.

Criança: Mas o que posso fazer de bom por ela? Só fico magoada e assustada.

Facilitador: Eu sei que é uma delícia incrível estar em sua companhia e que você tem muito a dizer tanto para Suzanne como para mim. Você é uma delícia.

Criança: Não sei do que você está falando (ela sorri, porém, porque o contato energético é bom).

Facilitador: Diga-me uma coisa — por que você teve que se esconder?

Criança: A mãe dela (começa a chorar) - a mãe dela é muito má e me fazia chorar o tempo todo. Ela estava sempre dizendo para Suzanne que ela era feia e burra e que, para início de conversa,

nem queria tê-la tido. Você sabe que ela ainda continua dizendo para Suzanne que nunca a quis? (Ela chora durante algum tempo, enquanto absorve o impacto desta revelação.)

Facilitador: Bom, eu entendo muito bem por que você quis ficar escondida. Fale-me mais de você.

Criança: Sou realmente sensível e muitas coisas me magoam. Suzanne fica o tempo todo entrando nessas relações em que uma parte dela ri, e eu me sinto mal. Como foi com o Eric. Ele tem um monte de namoradas e gosta que todas elas pensem que ele é o máximo, mas ele não as ama de verdade. Ele só as coleciona. Isso me magoa, mas ela só fica ainda mais sofisticada e ri.

Facilitador: A impressão que dá é que deve ser difícil para você. Diga-me uma coisa, como você está se sentindo aqui, agora?

Criança (envergonhada): Realmente gosto. Sinto confiança e me faz sentir bem.

Suzanne rapidamente acolheu sua criança vulnerável. Gostou muito da abertura especial da energia de seu coração proporcionada pela criança e quis ir em busca desse sentimento em outra relação. Ela tinha uma grande força interior, uma aparência mais do que boa, além de inteligência e aptidões sociais para proteger sua criança vulnerável. Usou com consciência todos os seus recursos. Calma e objetivamente, confrontou Eric com as observações de sua criança e terminou seu envolvimento romântico com ele, mas não sua amizade.

Seu relacionamento seguinte, iniciado pouco depois de ter conhecido sua criança vulnerável, foi diferente de todos os outros que já tinha vivido. Percebeu-se comunicando seus sentimentos e reações imediatamente e até discutiu seu passado e sua mãe com o novo parceiro. Falava de cada "pequena" mágoa e receio assim que emergiam, e o homem agia da mesma maneira. Para ambos, foi um compartilhar profundo que nunca

tinham vivenciado antes. Foi realmente preciso coragem, porém Suzanne era uma mulher determinada que aprendia depressa, e sua intrepidez inspirou uma intimidade correspondente no parceiro. Uma vez que cada risco era recompensado com um entendimento recíproco e um amor ainda mais profundos, ambos foram se tornando menos receosos e mais ousados nessa mútua investigação de sua complexa humanidade. Embora isso nem sempre fosse fácil ou agradável, era profundamente satisfatório para os dois. Com as informações prestadas por suas crianças vulneráveis, eles foram capazes de abordar de forma prática a dor, no relacionamento, e de proteger a deliciosa troca energética - aquela energia afetiva pulsátil que vibra entre as pessoas quando elas estão verdadeiramente abertas e confiantes.

Um aviso: isto não quer dizer que tudo seja sempre perfeito. Circunstâncias que se colocam além do controle do ego consciente às vezes fazem com que a criança vulnerável recue na relação. Mas depois que esse calor afetivo é vivenciado, torna-se algo em busca do qual se pode ir, ao qual retornar, e a maioria dispõe-se a suportar bastante desconforto para que isso aconteça.

Gostaríamos agora de lhes apresentar um último exemplo, de um excerto obtido numa sessão com o Diálogo de Vozes, envolvendo uma criança vulnerável. Neste caso, o facilitador fez perguntas que deveriam permitir ao nível de percepção consciente do sujeito testemunhar as solicitações da criança vulnerável.

Facilitador: Até aqui estivemos falando de como as coisas são solitárias para você e do quanto você se sente excluído da vida de Peter. Há alguma coisa que Peter poderia fazer que o ajudasse de alguma maneira?

Criança: Não sei o que ele poderia fazer. Ele está sempre fugindo de mim.

Facilitador: Bom, eu sei disso — Peter está ouvindo nossa conversa e ele poderia aprender umas coisas a seu respeito. Não

posso garantir, mas acho que Peter poderia aprender como ser um bom pai para você. Eu sei que ele nunca fez isso antes, mas pode acontecer.

Criança: Eu gostaria disso. Eu me sentiria melhor, se ele tomasse conta de mim.

Principalmente quando fico com medo é que preciso dele, e eu fico muitas vezes assustado. Eu gostaria que ele simplesmente aprendesse a ficar comigo e que não fugisse o tempo todo. Mesmo que ele só falasse comigo, já me faria sentir muito melhor.

Facilitador: Então, uma das coisas que ele poderia fazer por você seria simplesmente aprender a estar com você.

Criança: E talvez ele poupasse mais dinheiro. Fico com muito medo quando não há nenhum dinheiro. Ele gosta de fazer coisas com dinheiro que me assustam. Odeio mercado de ações. Odeio aquela sensação de que ele poderia perder tudo. Ele gosta de jogos de azar.

Facilitador: Então temos agora uma outra coisa que faria você se sentir melhor. Você precisa da sensação de segurança financeira. Mais alguma coisa?

Criança: Ele poderia deixar-me sair mais vezes. Ninguém me conhece. Todo mundo acha que Peter é forte e durão. É o que todos enxergam. Ninguém nunca me viu. Isso me deixa solitário. Nem mesmo Margaret (a esposa de Peter) me conhece. Ele nunca fala com ela do que eu sinto.

Conforme a criança vai ficando maior, é comum os pais rejeitarem sua vulnerabilidade, porque a vida exige força das pessoas. Além disso, eles, em geral, não têm uma relação consciente com sua própria vulnerabilidade. Por isso, nós, adultos, rejeitamos nossa criança interior, perpetuando ainda mais esse ancestral processo de repúdio. Por meio do trabalho de diálogo, podemos ouvir a voz da criança e aos poucos assumir a responsabilidade do atendimento a essa criança, que

está, no início, toda nas mãos do protetor/controlador.

Vemos as pessoas fazerem coisas muito interessantes quando começam a sintonizar-se nas necessidades de sua criança interior. Cynthia construiu uma grande casa de bonecas e mobiliou-a, e depois deixou claro para seus filhos que a casinha de bonecas era *dela.* John construiu uma casa imaginária para a criança e ia lá periodicamente visitá-la. Ann levava seu travesseiro especial para dormir durante as viagens de negócios. Sam começou a ler romances de espionagem em vez de literatura estritamente destinada à salvação de sua alma. Lianne arrumou um emprego para ajudar sua criança a se sentir mais segura quanto ao dinheiro. Uma multidão de diferentes atividades pode dar apoio às necessidades da criança.

Assim que a realidade da criança estiver estabelecida, a confecção de um diário torna-se um excelente instrumento de trabalho. Antes de criar essa relação, é mister formular a seguinte pergunta: Quem está escrevendo? Se o ego consciente não se separou do protetor/controlador, então é este quem pode estar fazendo as anotações.

O diálogo com a criança interior é muito gratificante e revelador. Uma maneira excelente de lidar com esse tipo de escrita é o uso da mão não-dominante para a criança e o da mão dominante para o eu vigente. Este mesmo princípio pode valer para todo sistema vigente/repudiado de eus, para o diálogo que se processa no formato de diário.[1] Para o ego consciente tomar conta adequadamente da criança, é preciso que tenha à sua disposição a energia de poder necessária. Sem a proteção dos pesos-pesados, a criança não estará segura e, em geral, ela sabe disso. O nosso objetivo aqui é constituir um ego consciente relacionado com as energias dos pesos-pesados, de um lado, e com a vulnerabilidade, ludicidade e mágica, do outro. Esse é o verdadeiro fortalecimento.

Aprender a ser forte e saber como usar conscientemente nossos pesos-pesados é, em geral, um passo importante para a

conquista desse fortalecimento.

A criança vulnerável e a intimidade

O desenvolvimento inteiro da personalidade ou dos eus primários tem por meta a proteção da vulnerabilidade da pessoa. Quando caímos de amor por alguém, o próprio ato concreto dessa "queda" no bojo do amor permite que a criança vulnerável, portadora dessa vulnerabilidade, venha à superfície e entre em intenso contato com o outro ser humano, sem a habitual proteção desses eus primários. Essa capacidade de ser vulnerável um com o outro, de permitir que todos os sentimentos, pensamentos e reações possam emergir, apreciando todos eles, faz do processo de apaixonar-se uma experiência maravilhosa. *É a vulnerabilidade da pessoa que torna a intimidade possível na relação e, inversamente, é essa mesma vulnerabilidade e aparente falta de poder que os eus primários protetores mais receiam na relação.*

Assim como é a inclusão da vulnerabilidade na relação que permite a intimidade, é o repúdio da mesma que mais tarde destrói a intimidade. Quando repudiamos nossa criança vulnerável, não lhe damos a devida atenção. Uma vez que é imperativo para esta criança receber cuidado adequado, ela irá procurar em outra parte e formar elos com pessoas à nossa volta, das quais passará a exigir o cuidado que ora lhe falta. Esse processo não nos é consciente porque não estamos inteirados de nossa vulnerabilidade. Por isso, de maneira inconsciente, somos impelidos de forma automática para vínculos paterno/filiais poderosos, várias vezes em seguida.

Tomar conta dessa criança interior por intermédio de um ego consciente oferece a sensação de força real. Isso representa o verdadeiro fortalecimento. Quando o ego consciente está atento à criança vulnerável e cuida dela, não há mais necessidade de confiar apenas nos dispositivos automáticos de proteção providenciados pelos eus primários, mesmo que no passado estes tenham proporcionado uma sensação de segurança.

Tampouco existe mais a necessidade de confiar aos outros a responsabilidade por essa criança. *É importante saber que cada um de nós é essencialmente responsável por cuidar dessa criança vulnerável interior. Quando nos incumbimos adequadamente de nossa própria vulnerabilidade, estamos em condição de nos relacionarmos profunda e eficientemente com os outros.* Quando não damos a devida atenção à nossa própria criança vulnerável, ela buscará ser cuidada por outrem e formará ligações profundas e inconscientes com o lado paternal/maternal das outras pessoas. A ideia de que precisamos primeiro amar nossa própria criança interior, antes de conseguirmos relacionar-nos de maneira consciente, é semelhante ao antigo adágio segundo o qual devemos amar a nós mesmos antes de sermos capazes de amar alguém.

De que maneira poderemos tomar conta de nossa criança interior? O passo mais importante no cuidar da criança interior é reconhecer sua presença e desenvolver a percepção consciente dessa personalidade particular, com suas necessidades e reações. Uma vez que tomamos consciência da criança, de suas necessidades e sentimentos, estamos em posição de fazer algo a respeito. Devemos aprender a separar-nos o suficiente dos nossos eus vulneráveis para podermos avaliar de maneira realista as situações que os ativam, passando então a defendê-los com objetividade, em vez de expô-los à condição de se arranjarem por si mesmos. Essa capacidade de ser objetivo, ou de usar energias impessoais, ao considerar e depois atender às exigências e reações da criança vulnerável, é uma posição de autêntico fortalecimento interior. É a maneira mais poderosa de nos encaminharmos para uma ligação genuinamente íntima com outra pessoa, evitando as armadilhas dos padrões de apego - e de também nos afastarmos, assim que esses elos de codependência começam a ser constelados.

A descoberta da criança interior é realmente a descoberta de um portal de acesso à alma. Uma espiritualidade não alicerçada na compreensão, experiência e valorização da criança interior pode

com grande facilidade distanciar as pessoas de sua simples dimensão de humanidade. A criança interior nos mantém humanos. Ela nunca cresce, apenas se torna mais sensível e confiante à medida que vamos aprendendo a oferecer-lhe tempo, cuidados, assistência paterna/materna e o afeto protetor de que tanto é merecedora.

20. Por que você está com tanta raiva de mim?

ALEXANDER LOWEN

Este capítulo é um relato pessoal da vivência de Alexander Lowen em sua terapia com Wilhelm Reich, pioneiro do trabalho psicoterapêutico com o corpo. A poderosa vivência da criança interior que Lowen retrata aqui teve sem sombra de dúvida um poderoso efeito sobre o desenvolvimento de sua própria criatividade como terapeuta e professor inovador. Este trabalho é um excerto de seu livro Bioenergética, *que descreve a metodologia de mesmo nome, que ele ideou com base no trabalho revolucionário de Reich e em colaboração com John Pierrakos.*

Comecei minha terapia pessoal com Reich na primavera de 1942. No ano anterior eu fora um visitante bastante assíduo de seu laboratório. Ele me mostrou parte do trabalho que estivera fazendo com os biopreparados e com o tecido canceroso. Então, um dia, ele me disse: "Lowen, se você está interessado neste trabalho, só existe um meio de entrar nele, e é fazendo terapia." Sua declaração me surpreendeu, pois eu não havia pensado nessa possibilidade. E lhe disse: "Estou interessado, mas o que eu quero é tornar-me famoso." Reich levou esse comentário a sério, pois me respondeu: "Eu irei tomá-lo famoso." Com o passar do tempo, vim a considerar como profética essa declaração de Reich. Foi o empurrão que eu precisava para superar minha resistência e entrar de vez no trabalho que me ocuparia pelo resto de minha vida.

Minha primeira sessão terapêutica com Reich foi uma experiência que jamais esquecerei. Fui munido da ingênua suposição de que não havia nada de errado comigo. Seria simplesmente uma análise didática. Deitei-me na cama com um calção de banho. Reich não usava divã, pois sua terapia era de

natureza corporal. Disse-me que flexionasse os joelhos, relaxasse e respirasse de boca aberta com o maxilar descontraído. Segui suas instruções e esperei para ver o que acontecia. Depois de algum tempo, Reich disse: “Lowen, você não está respirando.” Respondi: “Claro que estou respirando, senão estaria morto.” Ele então observou: “Seu tórax não está se mexendo. Sinta o meu peito.” Apoiei minha mão em seu tórax e percebi que subia e descia a cada ciclo. O meu, claramente, não.

Deitei-me de novo, desta vez respirando com o peito movimentando-se para fora na inspiração e para dentro na expiração. Nada aconteceu. Minha respiração acontecia fácil e profundamente. Depois de mais um tempo, Reich disse: “Lowen, deixe a cabeça pendurar-se para trás e arregale os olhos ao máximo.” Fiz o que ele pediu e... um berro irrompeu de minha garganta.

Era um dia lindo de início de primavera e as janelas do consultório davam para a rua. Para evitar constrangimentos com os vizinhos, Reich pediu-me que endireitasse a cabeça, o que deteve o berro. Retomei a respiração profunda. Era estranho, mas o grito não me havia perturbado. Eu não estava emocionalmente ligado a ele. Não senti medo algum. Depois de ter respirado mais um pouco, Reich pediu-me que repetisse o procedimento: dependurar a cabeça para trás e arregalar os olhos. Novamente saiu o grito. Hesito em dizer que gritei porque não me pareceu tê-lo feito. O grito aconteceu em mim. Mais uma vez estava desligado dele, mas saí da sessão com a sensação de que eu não estava tão bem quanto imaginara. Havia outras “coisas” (imagens, emoções) em minha personalidade que estavam escondidas da consciência e eu sabia, a partir de então, que elas precisariam vir à tona.

Naquela época Reich chamava sua terapia de vegetoterapia analítica do caráter. A análise do caráter tinha sido sua grande contribuição à teoria psicanalítica, e por ela era altamente

considerado nos círculos analíticos. A vegetoterapia referia-se à mobilização dos sentimentos através da respiração e de outras técnicas corporais que ativavam os centros vegetativos (os gânglios do sistema nervoso autônomo) e liberavam as energias "vegetativas".

Para Reich, então, o primeiro passo do procedimento terapêutico consistia em pedir ao paciente que respirasse sem forçar, profundamente. O segundo era mobilizar qualquer manifestação emocional que mais se evidenciasse no rosto ou nos modos do paciente. No meu caso, essa expressão era de medo. Já vimos que poderoso efeito esse procedimento surtiu em mim.

As sessões subsequentes obedeceram ao mesmo padrão geral. Eu ficava deitado na cama respirando tão naturalmente quanto conseguisse, tentando permitir uma expiração profunda. Fui instruído a ceder ao meu corpo e a não controlar qualquer manifestação ou impulso que brotasse. Várias coisas aconteceram que, aos poucos, foram- me levando a um contato com memórias e experiências do início de minha vida. No começo, a respiração profunda, à qual eu não estava acostumado, produziu fortes sensações de latejamento em minhas mãos que, em duas ocasiões, se tornaram severos espasmos carpopodais que contraíram fortemente minhas mãos. Essa reação desapareceu conforme meu corpo foi-se acostumando ao incremento de energia que a respiração profunda estava produzindo. Apareceram tremores em minhas pernas quando movimentei suavemente os joelhos para fora e para dentro, e em meus lábios, quando segui o impulso de alcançar algo com eles.

Seguiram-se vários episódios marcantes de irrupção de sentimentos e lembranças correlatas. Numa determinada ocasião, enquanto estava deitado na cama, respirando, meu corpo começou a se sacudir de maneira involuntária. As sacudidas aumentaram, até eu me sentar. Depois, sem parecer

que eu estivesse fazendo aquilo, saí da cama, virei-me de frente para ela, e comecei a dar-lhe socos com ambos os punhos. Enquanto eu fazia isso, o rosto de meu pai apareceu no lençol e eu de repente soube que o estava espancando porque ele me havia dado uma surra quando eu era bem pequeno. Alguns anos depois perguntei algo a meu pai acerca desse incidente e ele disse que tinha sido a única surra que me dera em toda a vida. Explicou que eu tinha chegado muito tarde em casa e que minha mãe estava preocupada e aborrecida. Ele me havia surrado para que eu não fizesse aquilo de novo. A parte interessante dessa vivência, como a do grito, foi sua natureza completamente espontânea e involuntária. Fui levado a socar a cama da mesma forma como o grito brotara de dentro de mim, não movido por algum pensamento consciente, mas por uma força interior que me havia possuído e tomado por completo.

Em outra ocasião, deitado na cama e respirando, comecei a ter uma ereção. Tive o impulso de tocar meu pênis, mas o inibi. Então me recordei de um interessante episódio de minha infância. Vi-me aos cinco anos, andando pelo apartamento onde morava e urinando no chão. Meus pais tinham saído. Eu sabia que estava me desforrando de meu pai, que no dia anterior tinha me repreendido por eu ter segurado meu pênis.

Foram-me necessários perto de nove meses de terapia para descobrir o que tinha causado o grito da primeira sessão. Desde então eu não gritara mais. Com o passar do tempo, pensei que tinha a nítida impressão de existir uma imagem que eu tinha medo de ver. Ao contemplar o teto, de minha posição sobre a cama, senti que ela um dia iria aparecer. Isso aconteceu, e era a face de minha mãe olhando-me com uma expressão de intensa raiva nos olhos. Soube imediatamente que essa era a face que me havia assustado. Revivi a experiência como se estivesse ocorrendo naquele instante. Eu era um bebê de mais ou menos nove meses e estava deitado no carrinho perto da porta de casa, do lado de fora. Eu tinha chorado alto, chamando minha mãe. Ela, evidentemente, estava ocupada dentro de casa e meu choro

persistente a irritara. E então saiu, furiosa comigo. Deitado ali, na cama do consultório de Reich, aos trinta e três anos, olhei para o seu rosto e, usando palavras que, quando bebê, eu não poderia ter conhecido, perguntei-lhe: "Por que você está com tanta raiva de mim? Eu só estou chorando porque quero você."

Naqueles tempos, Reich usava uma outra técnica para reforçar a terapia. No início de cada sessão, ele pedia aos pacientes que expressassem todos os pensamentos negativos que tivessem a seu respeito. Ele acreditava que todos os pacientes tinham por ele uma transferência negativa, além da positiva, e não confiava na positiva a menos que primeiro fossem expressos os pensamentos e ideias negativos. Para mim isso era extremamente difícil. Tendo-me comprometido com Reich e a terapia, eu havia banido da mente todos os pensamentos negativos. Achava que não tinha do que me queixar. Reich sempre tinha sido generoso comigo e eu não tinha dúvidas quanto à sua sinceridade, integridade ou quanto à validade de seus conceitos. De uma forma característica, eu estava determinado a tornar aquela terapia um sucesso, e não foi senão quando ela quase fracassou que expus todos os meus sentimentos a Reich.

Depois da vivência do medo em que vi a face de minha mãe, passei por uma longa sucessão de meses em que não progredi em nada. Ia a três sessões por semana com Reich nessa época, mas estava bloqueado porque não conseguia contar-lhe tudo que sentia por ele. Queria que ele tivesse por mim um interesse paternal — não apenas terapêutico — mas tomar consciência disso era uma solicitação sem pé nem cabeça. Não podia expressá-la. Vivendo aquela luta interior com o problema, não podia ir mais adiante. Reich não parecia se dar conta do meu conflito. Por mais que eu tentasse, não conseguia deixar que minha respiração se tornasse mais profunda e completa; simplesmente não adiantava.

Já estava em terapia havia mais ou menos um ano quando

surgiu esse impasse. Quando tive a impressão de que ele se prolongaria por um tempo indefinido, Reich sugeriu que eu parasse: “Lowen, você não está conseguindo entregar-se aos seus sentimentos. Por que não desiste?” Suas palavras foram como uma condenação. Desistir significava o fracasso de todos os meus sonhos. Não me aguentei mais e chorei profundamente. Era a primeira vez que eu chorava de soluçar, desde a infância. Não pude mais conter meus sentimentos. Disse a Reich o que queria dele e ele me ouviu com simpatia.

Eu não sei se ele de fato tinha a intenção de encerrar a terapia ou se sua sugestão para que a encerrássemos foi uma manobra para derrubar minha resistência, mas tive a forte impressão de que ele estava sendo sincero. De qualquer modo, sua atitude provocou o resultado desejado. Retomei mais uma vez o avanço terapêutico.

Para Reich, o objetivo da terapia era o desenvolvimento, no paciente, da capacidade de entregar-se por completo aos movimentos espontâneos e involuntários do corpo, que faziam parte do processo respiratório. Desse modo, a ênfase incidia em deixar que a respiração acontecesse de maneira profunda e completa. Quando isso se dava, as ondas respiratórias produziam um movimento ondulatório do corpo, que Reich chamava reflexo do orgasmo.

Minha terapia com Reich foi retomada no outono de 1945, com sessões semanais. Em pouco tempo o reflexo do orgasmo acontecia de maneira consistente. Havia diversas razões para esse resultado positivo. Durante os anos de interrupção provisória da terapia, o esforço para agradar a Reich e obter saúde sexual esteve em suspenso, e fui capaz de assimilar e integrar meu trabalho anterior com ele. Também nessa época, atendi meu primeiro paciente como terapeuta reichiano, o que me serviu de extraordinário incentivo. Sabia que tinha enfim chegado à minha casa e estava ciente de uma sensação de segurança quanto à minha vida. Entregar-me ao meu corpo, o

que também significava entregar-me a Reich, tornou-se muito fácil. Em poucos meses tornou-se evidente para nós dois que, de acordo com seus critérios, a terapia tinha chegado a um fim bem-sucedido. Anos mais tarde conscientizei-me, no entanto, de que eu não havia resolvido muitos dos meus maiores problemas de personalidade. O meu medo de solicitar alguma coisa que eu quisesse, mesmo que fosse sem pé nem cabeça, não tinha sido elaborado. O meu medo do fracasso e a minha necessidade de ter sucesso também não tinham sido elaborados. A minha incapacidade de chorar a menos que estivesse encurralado contra a parede não havia sido explorada. Esses problemas foram finalmente resolvidos muitos anos depois, através da bioenergética.

Não desejo afirmar que a minha terapia com Reich foi ineficaz. Mesmo que não tenha resolvido plenamente todos os meus problemas, tornou-me mais ciente deles. O mais importante, no entanto, foi que me abriu o caminho para a autorrealização e me ajudou a prosseguir rumo a esse objetivo. Aprofundou e fortaleceu meu compromisso com o corpo enquanto alicerce da personalidade. E proporcionou-me uma identificação positiva com a minha sexualidade, que mostrou ser a pedra angular da minha vida.

21. Em defesa da criança

ALICE MILLER

A psicanalista e autora Alice Miller é uma ardorosa defensora de uma postura de interferência ativa por parte de testemunhas esclarecidas, em prol de crianças que estejam sendo vítimas de abuso. Os adultos que têm uma ligação com a criança interior precisam, segundo ela, agir em nome de crianças que estejam correndo risco. "Se ao menos uma pessoa tivesse compreendido o que estava acontecendo comigo e tivesse vindo em minha defesa," diz ela na introdução a O Drama da Criança Bem-dotada, *"isso poderia ter modificado minha vida inteira... Na nossa sociedade, com sua hostilidade para com as crianças, essas pessoas ainda são difíceis de encontrar, mas seu número cresce diariamente.*" *Além disso, na qualidade de terapeuta, ela desafia a psicoterapia a desenvolver uma nova visão de seu papel à luz dos novos conhecimentos sobre a verdade da criança interior e do que sabemos agora acerca da socialização destrutiva da criança. Este excerto foi extraído do terceiro livro da dra. Miller,* Thou Shall Not Be Aware.

Há mais de 80 anos, Freud declarou ter "demonstrado" que as recordações de seus pacientes de terem sido sexualmente molestados por adultos quando crianças não eram recordações de eventos reais, mas apenas fantasias. Como é que ele pôde demonstrar isso? Somente depois de ter-me tornado mais familiarizada com as circunstâncias que cercam o abuso sexual é que me dei conta de que a conclusão de Freud, que constitui uma importante premissa para sua teoria das pulsões, e tem sido repetida de boa-fé incontáveis vezes por alunos que prestam exames, "demonstra" uma coisa que ele só pode ter conjecturado. Pois, com a ajuda de testemunhas, podemos demonstrar que um certo ato aconteceu, mas nunca podemos ter certeza de que algo *não* aconteceu, se ambas as partes integrantes do ato têm interesse em mantê-lo em sigilo. Esse é,

geralmente, o caso dos episódios de abuso sexual, pois nem a própria vítima consegue tolerar a verdade, por causa dos sentimentos concomitantes de medo, vergonha e culpa.

A importância desse aspecto merece ser enfatizada o máximo possível, pois o fato de ele ser ou não ser compreendido determinará se o paciente, na sociedade, assim como a criança, na família, ficará sozinho com o seu trauma ou encontrará a compreensão necessária por parte do terapeuta, ou seja, a compreensão do fato de que a realidade é mais trágica do que todas as fantasias, as quais, aliás, contêm certos aspectos do trauma vivenciado, mas, essencialmente, servem para ocultar a intolerável verdade.

Uma dificuldade notável - na realidade, um obstáculo concreto - para a recordação, na terapia, surge como resultado do mecanismo de esquivar-se da verdade, que antes foi necessário à sobrevivência e que se pode manifestar nas fantasias e nas imagens dos contos de fadas, assim como nas perversões crônicas. A perversão, os vícios e os atos autodestrutivos — assim como as fantasias - desempenham a função de ocultar. Organizam o sofrimento atual em exato acordo com o padrão do passado e, desse modo, asseguram que o sofrimento anterior, insuportável, permaneça reprimido.

Por certo que hoje existem inúmeras técnicas que permitem que os sentimentos da infância venham à tona, num curto período de tempo, e assim oferecem um alívio temporário. Essas técnicas podem ser aprendidas, mas não podem ser chamadas de terapia se, ao mesmo tempo, não se propiciar um apoio adequado num grau suficiente. A aplicação de técnicas aprendidas pode ter efeitos tão perniciosos que o paciente permanece imobilizado numa depressão ou no caos dos sentimentos despertados. Resultados deste tipo não são raros, mesmo que o terapeuta seja tecnicamente hábil e tenha uma postura bem-intencionada e interessada, mas com tendências que são tanto pedagógicas como destinadas a poupar os pais, em sua abordagem clínica.

Nessa medida, o apoio adequado do terapeuta deve ser reforçado por seu conhecimento e por suas vivências emocionais. Empreendi todos os esforços no sentido de chamar a atenção para aquele aspecto do conhecimento que tem que ver com a situação real da criança na nossa sociedade, porque o considero uma condição necessária (embora não suficiente) para que a terapia obtenha êxito. Quando ele estiver ausente, até mesmo o melhor dos métodos de nada adiantará e, se o tratamento fracassar, não será necessariamente culpa do método. Mas a compreensão apenas teórica também não é suficiente. Somente os terapeutas que tiveram a oportunidade de vivenciar e elaborar seu próprio passado traumático estarão em condições de acompanhar os pacientes em seu percurso rumo à verdade acerca de si mesmos, sem obstar-lhes avanço. Esses terapeutas não confundirão seus pacientes, não os deixarão ansiosos, não os educarão, não os instruirão, não abusarão deles nem os seduzirão, pois não temem mais a irrupção em si mesmos de sentimentos que foram sufocados há muito tempo e conhecem, por experiência própria, o poder curativo desses sentimentos.

Entretanto, esse conhecimento expansivo dificilmente emanará de instituições autoritárias, como universidades e institutos. Assim que os sobreviventes dos abusos (sexuais ou de outra ordem) se sentem verdadeiramente acolhidos pela sociedade e por seus terapeutas, de modo a estarem em condições de encontrar sua própria forma de expressão, os terapeutas estarão aprendendo mais com eles do que com qualquer professor. Em decorrência disso, os terapeutas terão mais facilidade em abrir mão dessas equivocadas crenças que se baseiam em princípios pedagógicos de séculos anteriores.

Somente a libertação das tendências pedagógicas desencadeará as ideias decisivas sobre a verdadeira situação da criança. Esses princípios pedagógicos podem ser resumidos nos seguintes pontos:

1. A criança sempre é inocente.

2. Toda criança necessita, dentre outras coisas: cuidados, proteção, segurança, afeto, contato de pele, toques, carícias, ternura.

3. Essas necessidades raramente são satisfeitas a contento; pelo contrário, costumam ser exploradas pelos adultos em seu próprio benefício (trauma do abuso infantil).

4. O abuso da criança tem efeitos vitalícios.

5. A sociedade fica do lado do adulto e culpa a criança pelo que lhe foi impingido.

6. A vitimização da criança tem sido historicamente negada e continua sendo negada, ainda hoje.

7. Essa negação tem possibilitado que a sociedade venha ignorando há tanto tempo os efeitos arrasadores da vitimização infantil.

8. Quando traída pela sociedade, a criança não tem outra escolha senão reprimir o trauma e idealizar o agressor.

9. A repressão leva a neuroses, psicoses, distúrbios psicossomáticos e à delinquência.

10. Nas neuroses, as necessidades da criança são reprimidas e/ou negadas e, em seu lugar, são vivenciados sentimentos de culpa.

11. Nas psicoses, o tratamento impróprio recebido é transformado numa versão ilusória disfarçada (loucura).

12. Nos distúrbios psicossomáticos, a dor engendrada pelo tratamento impróprio é sentida, mas as suas verdadeiras origens são dissimuladas.

13. Na delinquência, a confusão, a sedução e o tratamento impróprio dispensados à criança são repetidamente representados.

14. O processo terapêutico só pode ter êxito se estiver baseado

na transparência da verdade a respeito da infância do paciente, em vez de negar essa realidade.

15, A teoria psicanalítica sobre a "sexualidade infantil" na realidade protege os pais e reforça a cegueira da sociedade.

16. As fantasias sempre servem para ocultar ou minimizar a realidade intolerável da infância, em nome da sobrevivência da criança; portanto, o suposto trauma inventado é uma versão menos prejudicial do trauma real reprimido.

17. As fantasias expressas na literatura, na arte, em contos de fadas e nos sonhos costumam, inconscientemente, transmitir vivências do inicio da infância de uma maneira simbólica.

18. Esse testemunho simbólico é tolerado na nossa cultura graças à crônica ignorância da sociedade quanto à verdade no que se refere à infância. Se o impacto dessas fantasias fosse compreendido, elas seriam rejeitadas.

19. Um crime passado não pode ser anulado porque compreendemos a cegueira e as necessidades insatisfeitas do agressor.

20. Novos crimes, porém, podem ser impedidos se as vítimas começarem a enxergar e a tomar consciência do que lhes tem sido feito.

21. Portanto, os relatos das vítimas poderão desencadear uma maior percepção consciente, maior consciência, e um maior senso de responsabilidade na sociedade.

Graças a esses honestos relatos de experiências da infância, outros homens e mulheres serão encorajados a confrontar sua própria infância, a levá-la a sério e a falar sobre ela. Assim procedendo, estarão, por sua vez, oferecendo informações aos outros a respeito do que tantos seres humanos tiveram que passar no início da vida, sem nunca terem sabido disso mais tarde e sem que mais ninguém soubesse disso também. Antes, simplesmente não era possível tomar consciência dessas questões e não havia praticamente nenhuma publicação dos

relatos das vítimas que não idealizasse os agressores. Hoje, no entanto, esses relatos estão disponíveis e continuarão a aparecer, supostamente num número cada vez maior. Não acredito que tal processo possa mais ser revertido.

Não fundei uma escola ou instituto de psicanálise, assim como não formei grupos, e não estou em condições de oferecer nomes e endereços de terapeutas. Minha intenção foi descrever o mandamento implícito que nos proíbe de enxergar a verdadeira situação das crianças de nossa sociedade. Assim que sua luta se tiver tornado visível, será mais fácil oferecer ajuda terapêutica por meio dos canais existentes, e o perigo de que as práticas terapêuticas sejam usadas para subjugar as pessoas (em seitas, por exemplo) será reduzido. A pesquisa de campo também será mais útil aos terapeutas do que antes, assim que os pesquisadores houverem aceitado a verdade, que não é menos verdadeira por ser dolorosa, razão pela qual justamente contém forças de cura e transformação.

A verdade sobre nossa infância está encerrada em nosso corpo e, embora possamos reprimi-la, jamais poderemos alterá-la. Nosso intelecto pode ser logrado, nossos sentimentos, manipulados, nossas percepções, confundidas, e nosso corpo, ludibriado com medicamentos. Mas, algum dia, o corpo apresentará sua conta, pois é tão incorruptível quanto uma criança que, de espírito íntegro, não aceitará concessões ou desculpas e não deixará de nos atormentar enquanto não pararmos de fugir à verdade.

22. Sobre o incesto e o abuso de crianças

ROBERT M. STEIN

Este breve ensaio gira em torno de uma crença do analista junguiano Robert M. Stein segundo a qual "o modo como trato minha criança interior é o modo como irei tratar minha criança exterior". A quase epidemia do abuso de crianças em nossa cultura atual revela uma desconexão terrível em relação à criança interior, tanto individual como coletivamente. A rigorosa porém sensível abordagem do tema feita por Stein faz dele um líder no campo da compreensão do fenômeno do abuso, assim como no que tange às providências que podemos tomar para modificá-lo. Ele questiona a visão de Alice Miller da criança "sempre inocente", sugerindo que essa idealização literal da criança externa não corresponde à verdade e pode-se constituir numa maneira perigosa de cair numa cumplicidade inconsciente com a raiva da criança interior ferida. O debate que se desenvolve entre estes dois destacados profissionais é, de fato, instigante.

Este artigo foi originalmente publicado na revista Voices, *em 1986, e depois foi reelaborado para o jornal* Spring, *no ano seguinte.*

O abuso de crianças sempre reflete uma ausência de conexão com a criança interior ou psíquica, uma falta de respeito para com ela. Como arquétipo, a imagem da criança está associada a um aspecto recém-desenvolvido da psique, ainda em grande parte contido na natureza. Segundo Kerényi, estar à vontade no mundo primordial é uma qualidade essencial do arquétipo da criança.[1] A atitude relativa à criança que parece termos herdado dos tempos vitorianos, se não de antes, é a de que a psique do bebê recém-nascido é uma *tabula rasa* (prancha em branco) e o desenvolvimento infantil depende inteiramente de como a educamos e moldamos. Tratar a criança como objeto a ser

moldado, em vez de nos relacionarmos com ela como alma inteligente e capaz de intencionalidade e escolha, é a principal base psicológica do abuso de crianças. Pesquisas com pais que cometem abusos mostram que a maioria deles afirma terem sido eles próprios vítimas de abusos na infância. Os abusos vêm sendo perpetrados internamente por um superego sem afeto e crítico que não entende nem respeita a criança interior.

A psicologia profunda sustenta que os mundos interno e externo refletem um ao outro. Se a epidemia que ora existe de casos de incesto e abuso de crianças reflete nossa atitude coletiva perante a criança interior, precisamos então perguntar o que está por trás da necessidade compulsiva de abusar da criança exterior e de molestá-la sexualmente.

O modo como eu trato a minha criança interior é o modo como irei tratar a minha criança exterior. Por que eu quereria abusar de minha criança interior? Como abuso dela? Se a minha criança está saindo da linha, quero detê-la, e isso pode resultar em abuso. Por exemplo, minha criança gosta de ficar brincando e apenas existir, não gosta muito de horários e da pressão que exerço sobre ela para trabalhar, para escrever este artigo, para fazer qualquer coisa que não seja divertida. Abuso de minha criança, fundamentalmente, por lhe permitir apenas raras ocasiões em que dirige a situação e por recriminá-la por ser tão preguiçosa e improdutiva. E quando ela se torna esquiva e deprimida, no início faço tudo que é possível para pô-la em movimento, para mantê-la ocupada com alguma atividade útil. Quanto mais nossas atitudes e metas são ditadas pelo ego e quanto mais elas são de natureza coletiva, mais provável será que tenhamos problemas no trato com a nossa criança interior, porque a criança arquetípica contém conhecimentos a respeito de suas próprias necessidades de desenvolvimento que, muitas vezes, se opõem à nossa orientação egocentrada. E aqueles que não são espertos o bastante para manipular e controlar verbalmente a criança em geral recorrem a medidas físicas de abuso para mantê-la em seu lugar.

Paradoxalmente, a necessidade compulsiva do adulto de ter intimidade sexual pode, inicialmente, decorrer de um profundo sentimento de compaixão pela criança que sofreu abuso e foi negligenciada. O que estou sugerindo é que o outro lado deste ódio pela criança problemática é um amor e compaixão profundos pelo aspecto vulnerável, negligenciado, abandonado e maltratado da alma. A necessidade que a alma tem de união é expressa, geralmente, mediante imagens de intimidade sexual. Quando um adulto sofre de uma profunda cisão espírito/carne, mente/corpo, amor/sexo, cairá, frequentemente, sob o poder compulsivo do impulso sexual para concretizar essas imagens. A cura não está em tentar superar esses desejos "pervertidos", mas em conseguir vivenciar plenamente os desejos incestuosos, nos planos emocional e das imagens. Dessa maneira, o impulso sexual vai sendo gradualmente transformado e a criança (interior e exterior) pode ser amada, estimada e respeitada como um ser singular.

A imagem da criança como pessoa inocente, impotente, desprotegida e carente de impulso sexual parece fundamentar-se mais no arquétipo da virgem divina e inocente (Cora) do que nas realidades empíricas da infância. Perséfone, a inocente deusa virginal que é estuprada e raptada por Hades, que a leva ao mundo subterrâneo, representa uma qualidade sedutora e encantadora da alma, que, sem dúvida, pertence à criança. Essa qualidade inocente, vulnerável e virginal da alma, tão facilmente violada - e que até mesmo convida à violação por parte das obscuras forças inferiores - pertence à necessidade que a alma tem de ser penetrada e aprofundada. Essa penetração psicológica que procede de baixo, em geral vivenciada como estupro, precisa ser reconhecida como processo psicológico essencial à consolidação da alma, ou o processo tenderá a ser vivido de forma literal, quer dizer, por meio de identificação com a vítima inocente ou por meio de vínculos de apego com outras pessoas nas quais o arquétipo é projetado. Talvez a epidemia atual de abuso e molestação sexual de crianças

também se deva em parte ao fato de que o arquétipo de Cora tem sido projetado em nossas crianças, que então tendem a viver por nós essa projeção.

Acredito que no seu livro *Prisoners of Childhood*,[2] Alice Miller descreve a criança que está identificada com a projeção de Cora e que, em consequência disso, é repetidamente violada porque não tem acesso aos alicerces de seu ser instintivo. Nenhum animal jovem saudável se permite ficar próximo de qualquer pessoa que sinta ser abusiva, assim como não tolera, sequer por um instante, que alguém se aproveite de sua confiança e vulnerabilidade. Por que uma criança saudável seria em algum sentido menos capaz de se proteger? Minha neta de três anos, que é tão vulnerável e sedutora quanto um gatinho brincalhão, também é tão determinada, independente e poderosa quanto um tigre, quando quer alguma coisa. A imagem que Miller esboça da criança como "sempre inocente" e sua rejeição das teorias de Freud acerca da sexualidade infantil, como projeção de atitude vitoriana patriarcal com respeito às crianças,[3] parecem-me antes uma regressão à projeção pré-freudiana, vitoriana, idealizada da criança.

Freud destruiu a imagem vitoriana da criança como ser inocente, puro, impotente e assexual em seu trabalho insuperável *Três Ensaios sobre a Sexualidade*.[4] Ao nos tornar conscientes da importância crucial da pulsão sexual na infância e meninice para o desenvolvimento psicológico, Freud estava, paradoxalmente, estabelecendo que o instinto sexual e, provavelmente, outros instintos humanos básicos contêm uma inteligência e uma intencionalidade que ultrapassam a mera sobrevivência física da espécie. Assim, quando, na criança, os instintos sexuais estão bloqueados, ou se ela não tem a vivência deles, em consequência de um complexo edipiano ou do que denominei ferida do incesto, ela perde o contato com uma força e uma inteligência instintivas que poderiam protegê-la de abusos e manipulação.

Freud abandonou sua teoria do trauma não porque acreditasse que essas recordações da infância fossem relativas a seduções que não tinham ocorrido, mas porque se deu conta de que o fato de essas lembranças sexuais serem ou não verdadeiras era menos importante, do ponto de vista psicológico, do que a realidade psíquica das imagens. Em meu livro *Incest and Human Love*,[5] apresento a ideia de que, psicologicamente, o tabu do incesto funciona para estimular a imaginação sexual e a formação da imagem do casamento como uma União Sagrada, o *hieros gamos*, para humanizar e transformar a sexualidade; para nos fazer tomar consciência de nossa incompletude e para estimular o desejo de nos sentirmos completos, primeiro pela união com uma outra pessoa, mas, fundamentalmente, por meio de uma união interna. Também defendo que *estão contidos na polaridade do arquétipo do incesto tanto o desejo como a inibição, e que a tensão entre estes opostos é essencial ao desenvolvimento psicológico.* Proponho que a repressão, seja do desejo, seja da inibição, causa uma cisão na psique da criança entre amor/sexo, mente/corpo, espírito/carne, e usei a expressão *ferida do incesto* para descrever essas cisões do desenvolvimento. A profundidade da ferida do incesto é determinada pela gravidade da cisão psíquica entre amor e sexo, mente e corpo, desejo e inibição. A meu ver, as feridas da alma decorrentes da repressão da sexualidade podem ser tão perniciosas quanto o contato sexual concreto entre pais e filhos. O atual enfoque míope sobre a violação literal do tabu do incesto é lastimável, porque acabou desviando a atenção de questões que são mais profundas e relevantes do ponto de vista psicológico. O literalismo antipsicológico de Alice Miller sugere que ela se tornou presa de uma identificação com sua própria criança interior zangada, negligenciada e carente. Infelizmente, *nada é mais prejudicial à criança e à sua rica vida de imagens do que o literalismo.*

Existe, acaso, alguma ligação entre a exploração e o abuso de crianças nos tempos vitorianos e o surgimento da era industrial?

Será que existe uma ligação semelhante entre o surgimento de nossa moderna era computadorizada e a epidemia de abuso de crianças? Estaremos nós, como nossos ancestrais vitorianos, talvez inflacionados com o nosso poder recém-encontrado de entender e manipular as forças naturais do universo? Estaremos, talvez, identificados com aquilo que Jung chamaria de arquétipo do *senex*, o Velho Sábio onisciente?

A identificação com um arquétipo sempre leva a inflação, unilateralidade e literalismo. Alheio à renovadora vitalidade do arquétipo da criança, o senex se torna, progressivamente, estreito, árido e rígido. Quanto maior a cisão interna entre os arquétipos do senex e da criança, mais desesperada é a necessidade que o senex tem de integrar as qualidades de deslumbramento inocente, abertura, vulnerabilidade e frescor virginal que a criança contém. Mas a criança também precisa da estabilidade proporcionada pela força, pela sabedoria espiritual ancestral, pelos limites e pela profundidade do senex. Dessa forma, o Senex e a Criança são uma polaridade que funciona criativamente para o desenvolvimento psicológico somente quando formam uma totalidade complementar, e não uma cisão oposicional. Essa espécie de cisão é, provavelmente, um dos principais fatores responsáveis pela necessidade compulsiva de tantos adultos de terem intimidade sexual com crianças. Quanto à criança, que pode estar vivendo o dinamismo da projeção desse arquétipo da Cora virginal e inocente, ela não só foi privada da sua força instintiva para se proteger desses abusos, como também está nas garras de um poder arquetípico que precisa integrar sua outra metade.

A histeria contemporânea com relação ao incesto e à molestação sexual intensifica o medo da sensualidade e da sexualidade entre pais e filhos, em lugar de inspirar- nos a encontrar uma nova maneira criativa de nos relacionarmos com o mistério do incesto. Sugeri que a função primária da proibição do incesto é a de estimular a imaginação sexual e colocar os instintos a serviço do amor, da fraternidade e da criatividade. Isso significa

que é essencial à saúde e à maturação psicológicas da criança que ela vivencie um fluxo e uma vinculação erótica com seus pais e irmãos, sem medo, culpa ou violação.

Gostaria de concluir estas reflexões com duas citações de um artigo extraordinário e original, "O Amor Edipiano na Contratransferência," de Harold Searles. Ele propõe que a experiência mútua de sentimentos românticos e eróticos entre analista e analisando constitui uma faceta essencial à resolução do complexo edipiano na análise.[6]

Tenho constatado, vezes seguidas, que no transcurso do trabalho com cada um de meus pacientes que tenha progredido rumo a uma minuciosa cura analítica, ou avançado bastante nesse sentido, eu vivencio desejos românticos e eróticos de casar e fantasias de estar casado com aquele paciente.[7]

Ele indica que vivenciou o mesmo fenômeno com pacientes de ambos os sexos.[8] Searles oferece evidências adicionais para sustentar seus conceitos através de suas vivências como pai e marido:

Com respeito à minha filha, hoje com oito anos, tenho experimentado inúmeras fantasias e sensações do tipo romântico-amoroso, profundamente complementares ao comportamento romanticamente adorador e sedutor que ela tem demonstrado para com seu pai em muitas ocasiões, desde que estava com dois ou três anos. Eu às vezes me percebia um tanto preocupado quando ela brincava de uma maneira absolutamente confiante e "coquete" comigo, e também ficava extasiado com seus encantos; depois cheguei à convicção, já faz algum tempo, de que tais momentos de vivência da ligação só poderiam ser nutritivos para sua personalidade em desenvolvimento, além de deliciosos para mim. Se uma menininha não pode sentir-se capaz de conquistar o coração do pai, que a conhece tão bem e há tanto tempo, que está ligado a ela por vínculos de sangue, pensei, então como poderá a moça que nela despertará mais tarde ter uma confiança profunda em seu poder como mulher?[9]

23. O sussurro das paredes

SUSANNE SHORT

A analista junguiana Susanne Short leva-nos até o mundo intensamente dramático de D. H. Lawrence e seu "Rocking Horse Winner", para nos mostrar os efeitos esmagadores do amor destrutivo inconsciente sobre a vida interna e externa da criança. Este original artigo se concentra na palavra não-dita na vida familiar, que, para a criança, é uma experiência "insidiosa e prejudicial e pode levar a pessoa à loucura, porque não há evidências do que está realmente acontecendo". Infelizmente, algumas crianças sofrem de maneira inconsolável com este destino.

Jung considerava que esta sina infeliz envolvendo pais e filhos tinha uma solução limitada: "O que um pai estragou," dizia ele, "só pode ser reparado por um pai, assim como aquilo que foi estragado pela mãe só pode ser reparado pela mãe" (Obras completas, *vol. 14, parág. 182). Este penoso tema é consideravelmente atenuado pelo tratamento afetuoso e compassivo dado pela sra. Short, que vê a criança interior como aquela porção de nossa alma que vivencia a angústia e que sofre. Ela diz que, "a menos que ouçamos a criança dentro de nós, somos como os pais que não dão ouvidos aos próprios filhos".*

"O sussurro das paredes" foi originalmente publicado como parte de um trabalho mais extenso que apareceu na revista Psychological Perspectives, *edição de outono de 1989, número especial dedicado à criança.*

"O sussurro das paredes" vem de uma história de D. H. Lawrence. Refere-se ao que não se diz em família, particularmente ao que é palpável mas silenciado na vida dos pais, e à maneira como isso afeta os filhos. Jung achava que "nada influencia mais as crianças do que os fatos silenciosos

que ficam no fundo" da vida familiar.[1] Um dos fatos silenciosos era a "vida não-vivida dos pais", como ele a chamava: aquela parte da vida afetada por circunstâncias que haviam impedido os pais de irem em busca de sua própria satisfação, ou aquela parte da vida de que se haviam furtado, consciente ou inconscientemente. Outro desses fatos silenciosos era a negação de suas próprias necessidades de amor ou de poder. Ele pensava, especialmente, que os problemas vividos pelos pais em seus relacionamentos amorosos tinham um grande efeito sobre o modo como as crianças conseguiam negociar sua própria vida afetiva. E o último dos fatos silenciosos eram as mudas expectativas dos pais de que o filho preenchesse suas próprias necessidades narcisistas. Em outras palavras, de um jeito ou de outro, a criança é forçada a dar vida à sombra de seus pais. Estas formas sutis de crueldade em geral passam por "boa educação dada aos filhos" e dificilmente nos dão indicações do que saiu errado no desenvolvimento psíquico da criança. A crônica de Lawrence "The Rocking Horse Winner" ilustra esse sutil processo de comprometimento. É uma história que os analistas facilmente podem ouvir em seus consultórios:

Havia uma mulher que era linda, que tinha começado com todas as vantagens, mas não tinha sorte. Ela se casara por amor, e o amor virara pó. Tinha filhos robustos, mas sentia que eles lhe tinham sido impingidos e ela não conseguia amá-los. Eles a olhavam com frieza, como se estivessem encontrando os seus defeitos. E bem depressa ela precisava encobrir alguma falha de sua pessoa. Porém, o que deveria encobrir, ela mesma nunca ficou sabendo. Apesar disso, quando os filhos estavam presentes, sempre sentia que o miolo do seu coração endurecia. Isso a incomodava e, à sua maneira, ela se tornava ainda mais delicada e ansiosa em relação a eles, como se os amasse muito. Somente ela sabia que, no miolo do seu coração, havia um ponto duro que não conseguia sentir amor, não, por ninguém. Todos diziam a seu respeito: "Mas que boa mãe ela é. Ela adora os seus filhos." Somente ela mesma, e seus próprios filhos,

sabiam que isso não era bem assim. Eles liam nos olhos uns dos outros.

Havia um menino e duas menininhas. Moravam numa boa casa, com jardim, e tinham empregados discretos. Sentiam-se superiores a todos os outros vizinhos.

Embora vivessem com todo o conforto e elegância, sempre sentiam uma ansiedade pela casa. Nunca havia dinheiro suficiente.

Por isso a casa acabou sendo perseguida pela frase que ninguém pronunciava: Precisa haver mais dinheiro! Precisa haver mais dinheiro! As crianças conseguiam ouvi-la o tempo todo, embora ninguém a dissesse em voz alta. Eles a escutavam no Natal, quando os dispendiosos e esplêndidos brinquedos enchiam o quarto de brincar. Por trás do cavalinho de madeira brilhante uma voz começava a sussurrar Precisa haver mais dinheiro! Precisa haver mais dinheiro! E as crianças paravam de brincar, para escutar por um instante. Elas olhavam umas nos olhos das outras para ver se todas tinham ouvido. Precisa haver mais dinheiro! Precisa haver mais dinheiro!

Mas ninguém dizia isso em voz alta. O sussurro estava em toda parte, e por isso ninguém falava.[2]

A história se concentra em Paul, o menino, que fica maluco tentando fazer sua mãe feliz para que ela se sinta livre para amá-lo. Paul pensa que, se conseguir ganhar bastante dinheiro para sua mãe, ela se sentirá feliz. (É comum as crianças pensarem em recorrer ao pensamento mágico quando não conseguem compreender o que está acontecendo no mundo à sua volta.) Com a ajuda do jardineiro da família, que aposta em corridas de cavalos, Paul começa a ganhar dinheiro sabendo qual cavalo vai vencer em cada páreo. O jardineiro lhe diz os nomes dos animais de cada corrida. Paul sobe em seu cavalinho de madeira e fica ali balançando até que o nome certo lhe ocorra - embalando-se até entrar em transe, ele enfim consegue que o nome do cavalo aflore, vindo do inconsciente. O

jardineiro faz a aposta e os dois ganham dinheiro. Tudo isso acontece em segredo. O menino então dá o dinheiro ao tio para que este doe a quantia anonimamente para sua mãe. Mas não importa quanto dinheiro Paul lhe dê, nunca basta. Por fim, ele se esgota de tanto balançar em seu cavalo de madeira, fica doente e morre, não antes de ganhar para sua mãe a quantia final de 80.000 libras. Em uma das últimas linhas da história, o tio de Paul diz para a mãe do menino: "Você tem 80.000 libras de sobra e um pobre filho de menos."

Muitas crianças se sacrificam pelas necessidades de seus pais. Matam-se na tentativa de tornar os pais felizes e de corresponder às expectativas que eles e a sociedade alimentam a seu respeito. Como Jung disse, vivem a vida não-vivida dos pais em vez de viverem a sua própria, e não sabem sequer que estão fazendo isso. Nos últimos anos, todos nos temos conscientizado dos índices cada vez maiores do suicídio infantil e adolescente, nos subúrbios afluentes de nossas cidades. As crianças suicidas geralmente são as que mais resultados obtêm em seus esforços e iniciativas. O caso envolvendo a criança mais jovem de que tenho notícia registra que ela estava com dez anos. Muitos sistemas escolares atualmente oferecem cursos de prevenção do suicídio. Esses jovens aparecem para análise deprimidos e distantes de seus próprios sentimentos, sem qualquer noção de quem são. Em geral, o único sentimento que lhes está disponível é uma sensação de vazio, que os junguianos chamariam de "a desesperançada perda da alma". Sentem-se emocionalmente abandonados, como se não fossem mais do que um produto das expectativas de seus pais e da sociedade, como já disse.

Para compreender sua própria infância, é importante saber o que a casa sussurrava quando você era criança, ou o que continua sendo sussurrado. Ela pode sussurrar: *Não há dinheiro suficiente.* (Nas majestosas cidades da América, onde o dinheiro é abundante, esse é um sussurro muito ouvido, mesmo entre os ricos.) A casa pode sussurrar: *Não há ninguém responsável por*

aqui. Ou: Você *não é bom o bastante, você não é tão bonita como a sua irmã, você não é tão esperto quanto o seu irmão, você nunca vai prestar para nada, você deve se destacar ou ter uma carreira que valha a pena.* Ou: *Não está perfeito o suficiente, o que você está fazendo não é bom o bastante para alguém com tantos talentos como você, você realmente poderia sair-se melhor* (comentário que torna uma maldição qualquer talento que a criança tenha).

Uma das tarefas naturais da infância é desenvolver o ego. Quando você é criança e está seguindo seu caminho natural, é uma tragédia ouvir no silêncio que existe algo de errado em você, ou que algo vagamente pressentido é esperado de você. T. S. Elliot disse: ‘‘É a conversa que não se ouviu por trás da porta, que não tinha a pretensão de ser ouvida, juntamente com os olhares de esguelha, que levam a morte ao coração de uma criança.”[3] “São essas as coisas que ficam em suspenso no ar,” escreveu Jung, “e a criança sente-as vagamente, como a opressiva atmosfera de uma previsão que se instala em sua alma e a envenena como um vapor intoxicante[4]... atravessando as mais grossas paredes do silêncio, os alvos sepulcros do logro, da complacência e da evasão.”[5]

Mesmo que não sejam ditas, as mensagens são ouvidas na psique da criança com tanta clareza como se cada palavra houvesse sido pronunciada. A palavra não-dita é insidiosa e prejudicial e pode levar a pessoa à loucura, porque não há evidências do que está realmente acontecendo. (Os analistas muitas vezes ouvem seus pacientes dizerem, a respeito de sua infância: “Não havia absolutamente nenhuma evidência para o que eu estava vivenciando.”) A palavra falada fere e magoa, causa rebeldia ou capitulação nas crianças, mas é o sussurro das paredes da casa que as leva à neurose, porque nunca estão certas de onde ele está vindo, de quem o disse, ou do que ele quer exatamente dizer. As mensagens sussurradas procedem, por assim dizer, do próprio madeiramento da casa, e devoram a confiança da criança, seu senso de bem-estar, de ser amada. Em

vez de ser um porto seguro para a criança, sua casa se torna então um continente que não contém, um continente que não reflete de volta para ela quem ela é ou o que sente. Segundo Jung, o que a criança capta são apenas os conflitos não-resolvidos de seus pais.

A criança precisa tornar-se consciente de seus misteriosos sentimentos, ouvir alguém confirmar que a mensagem não-falada é, na realidade, verdadeira. Se alguém tivesse dito a Paul: "Parece que as paredes sussurram... O que está acontecendo na verdade é que sua mãe não se sente feliz porque nunca está satisfeita com o que tem... Mas seus pais não falam disso, e por isso você sente que tem que fazer alguma coisa para torná-la feliz e, então, fazê-la sentir-se livre para amá-lo", isso teria feito Paul saber no que consistia o verdadeiro sofrimento: sua mãe não podia amá-lo apesar do quanto se esforçasse. O sofrimento *dele*, então, teria sido legitimado e não o teria feito adoecer.

Jung diz que neurose é a evitação do sofrimento legítimo. *Sofrimento* significa, aqui, sofrimento consciente. Parece esquisito ser favorável a que uma criança sofra, mas, paradoxalmente, o sofrimento legítimo e consciente é o que a salva. Quando a criança não tem permissão para vivenciar sentimentos de tristeza, raiva, perda e frustração, seus sentimentos reais tornam-se neuróticos e distorcidos; na idade adulta, essa criança irá dispor inconscientemente sua vida para repetir as mesmas repressões de sentimentos. O psicólogo infantil Bruno Bettelheim lamenta que as crianças não tenham consentimento para vivenciar o sofrimento legítimo. Ele afirma que até mesmo os livros que elas leem na escola mostram a vida como nada além de uma sucessão de prazeres. Ninguém fica realmente com raiva, ninguém sofre de verdade, não há emoções reais. Bettelheim está apontando o mesmo problema que Jung tinha descrito.

A mãe de Paul evitava o sofrimento legítimo. Se tivesse

conseguido falar com alguém e tivesse dito: "Adoro meus filhos, mas quando estou com eles meu coração fica duro e penso que devo encobrir alguma falha em mim," ela teria chegado a compreender o problema subjacente. Ela não só precisava falar de suas experiências, como também precisava saber qual era seu verdadeiro sofrimento. Quando uma criança busca amor, atenção ou confirmação de um pai ou mãe não-afetuosos, sabemos que é isso o que esse pai ou mãe também precisa. A mãe de Paul buscava a mesma coisa que ele: amor e atenção, que ela parecia nunca ter recebido.

De que maneira podemos esperar desvencilhar-nos deste pântano? Pode até parecer que nossas vidas são por demais determinadas e restritas pela potência da influência familiar. Mas será que o destino de uma criança está inteiramente contido nos limites da família?

A declaração de Jung, de 1928, de que "os pais devem sempre estar cientes do fato de que eles mesmos são a principal causa da neurose de seus filhos"[6] é muito inquietante. Sua noção de que "as coisas que exercem o mais poderoso impacto sobre os filhos não necessariamente vêm do estado consciente dos pais, mas de seu lastro inconsciente,"[7] é assustadora, porque podemos controlar nossa vida consciente em maior ou menor grau, mas o inconsciente é incontrolável. É importante reconhecer que, embora a visão de Jung, nesse aspecto, seja até certo ponto verdadeira, ela ignora o fato de que *a criança* tem uma natureza que lhe é própria, a qual pode ou não excluir uma predisposição a incorporar a neurose da família. Existe um conjunto fascinante de pesquisas psicológicas baseado no trabalho de Manfred Bleuler, cujas investigações, ao longo de trinta anos, sobre os filhos *saudáveis* de pais *esquizofrênicos* ilustram esse ponto. O papel da própria personalidade da criança na geração de seu destino e de sua psicologia como portadora do sintoma familiar não deve ser esquecido. As dificuldades psicológicas são, em última instância, tanto o resultado da dinâmica familiar como das variáveis

constitucionais únicas de cada criança. Desde 1928 sabemos que a criança é um indivíduo e que a teoria da fusão pais-filhos pode ser um exagero. Aliás, até mesmo Jung amenizou seus pontos de vista com o passar dos anos.

Independente do quanto seja pequena, a criança é uma pessoa em si - não uma *tabula rasa* sobre a qual os adultos "escrevem", como pensaram certos filósofos. Decerto que um bebê muito pequeno é uma pessoa em formação, mas, mesmo assim, é um indivíduo.

A criança traz algo especial e singular ao contexto do relacionamento com seus pais. Quando as crianças nascem, nasce nelas também uma parte daquilo que virão a ser. Têm em si as "matérias-primas" de que precisarão para crescer e maturar. Desenvolver-se-ão não só no plano físico, mas também no psíquico. Gertrude Stein disse certa vez que não importa o que Paris dá a você, mas o que a cidade não lhe tira. Vale o mesmo para as crianças. A questão não é tanto o que os pais lhes dão, mas o que eles *não lhes tiram.* Podemos aplicar esta ideia a nós mesmos: precisamos entender o que tivemos permissão para manter, o que não nos foi retirado e o que foi levado embora, para então podermos providenciá-lo de novo. Jung disse: "Se, por causa de sua própria insegurança, os pais não conseguem aceitar suficientemente a natureza básica de seu filho, então a personalidade da criança sofre um comprometimento. Se este for além das vicissitudes normais da vida, a criança será então apartada do cerne de seu ser e se sentirá forçada a abandonar seu padrão natural de desenvolvimento."[8]

Como é facilitado esse padrão natural de desenvolvimento? Sabemos da importância do espelhamento: quando existe uma pessoa significativa no mundo da criança, em quem ela deposite bastante confiança, amor, ou que possa interpretar para ela o que ela mesma está sentindo, essa criança irá vivenciar sua realidade como uma realidade verdadeira. Para impedir que as

paredes sussurrem, o adulto deve dar voz aos sussurros. A criança sente o que sente, mas sua linguagem e seu equipamento conceitual para interpretar tais sentimentos não estão plenamente desenvolvidos. O ideal é que o adulto responsável, equipado com processos racionais de pensamento e de percepção não-distorcida, se incumba de observar e refletir o que a criança está sentindo.

Espelhar é autoafirmar e revela à criança o que ela é e o que está se tornando. É importante distinguir entre *elogio e espelhamento.* O elogio tende a ser valorativo; implica julgamento e pode criar a necessidade de uma confirmação constante. O espelhamento, por sua vez, afirma o Self. Por exemplo, se eu elogiar você, estarei dizendo a você o que sinto ou penso a seu respeito. Se eu *espelhar* você, estarei refletindo para você o que *você* sente ou pensa a *seu próprio respeito.* Se não houver verificação da realidade da própria criança, ela pode se sentir desorientada. A ausência de verificação cria a sensação de não-ser. A criança poderá então sentir-se culpada por alguma coisa ruim que esteja acontecendo.

Lembremo-nos, por exemplo, da história de D. H. Lawrence. O mais trágico era que os sussurros nunca se concretizavam numa conversa, numa comunicação real dentro da família. Permaneciam como sussurros das paredes. Para desfazer o dano que esses murmúrios podem causar, precisamos tornar real a mensagem da família, seja ela qual for.

As crianças necessitam que todos os seus sentimentos verdadeiros sejam confirmados e espelhados, a fim de que possam desenvolver fé e dedicação às suas próprias experiências. Quando a criança se dá conta de que seus pais nunca confirmarão o que ela sente, ela desiste e desenvolve uma persona falsa que esconde um alicerce bastante frágil. Se ela não tiver permissão para ser quem é e vivenciar seus próprios sentimentos, irá tornar-se uma outra pessoa. Isso acontece com a maioria. Tornamo-nos nossa mãe ou nosso pai, ou a fantasia

do que é a criança boazinha, ou do que é a criança má. Às vezes nos escondemos tão bem que, com o tempo, nem mesmo nós conseguimos mais reconhecer nossos próprios disfarces. Envergando-os, afastamo-nos de nossa ligação original com o Self. Somente no incômodo de nossas depressões ou ansiedades é que somos forçados a ir em busca de uma reconciliação. É a vaga sensação de estar "com saudade de casa quando estamos em casa"[9] que nos mobiliza para a busca de respostas nas escuras cavernas da infância.

Jung disse: "Há no adulto a presença sorrateira da criança - uma criança eterna, algo que está sempre se tornando, que nunca está completo, e que pede atenção, cuidados e educação sempre maiores. É essa parte da personalidade humana que deseja desenvolver-se e tornar-se completa."[10] Nossa consciência de ego, altamente desenvolvida, resiste a essa criança interior. Essa resistência torna crítica a tarefa de descobrir a criança interior. Quais são suas qualidades? Jung apresentou várias respostas. A criança interior é "algo que existiu não só no passado, mas que também existe agora"; é "não só a imagem de algumas coisas esquecidas na infância, mas também um aspecto pré-consciente da psique coletiva... A ideia da criança é um meio de expressar um fato psíquico que não pode ser formulado com mais precisão... É um sistema que funciona para compensar unilateralidades da mente consciente... A consciência precisa ser compensada através do estado da infância, que continua existindo".[11]

A parte de nossa psique que vivencia a angústia e o sofrimento é a parte que contém a criança interior. A menos que nos tornemos conscientes dessa criança interior, iremos às vezes comportar-nos de modo inconsciente, mobilizados por essa parte em nós. Muitos reprimem ou ignoram as vivências de sua infância e de sua criança interior. Quando temos essa espécie de cegueira, estamos limitando nossa consciência e nossa capacidade de viver a vida. A menos que ouçamos a criança interior, seremos como os pais que não ouvem seus próprios

filhos.

Parte 5

O resgate da criança

Introdução

Volta ao começo;

Torna-te outra vez criança.

- Tao Te Ching

As pessoas tornam-se absolutamente intoleráveis quando têm em seu ventre uma ideia criativa que não conseguem dar à luz. Por isso alguém precisa ajudá-las a trazer essa criança para fora.

- Marie-Louise von Franz

Os ensaios desta seção não necessitam de uma grande introdução geral, pois o tema que têm em comum é evidente por si: foram escolhidos por sua abordagem prática e direta da tarefa de conscientização da criança interior, e cada um deles discute como recuperar os talentos peculiares à criança, como se valer de sua vitalidade.

Lucia Capacchione criou uma série de exercícios que ajudam você a compreender e a amar sua criança interior, baseando-se em sua descoberta do vínculo entre a autoexpressão através da mão não-dominante e a criança interior. Incluímos material para você obter o conhecimento de sua criança interior, para curar e resgatar sua criança vulnerável e para encontrar-se com sua criança lúdica.

Em seu ensaio direto e objetivo, Joyce C. Mills e Richard J. Crowley descrevem técnicas para se entrar em contato com a criança interior, além de abordagens para lidar com ela, usadas por dois mestres da terapia, o proeminente psicanalista C. G. Jung e o decano dos hipnoterapeutas, Milton Erickson.

Em “Liberando sua criança interior perdida”, o popular terapeuta e professor John Bradshaw descreve um processo que ele chama de “redução da vergonha” para a retomada da criança interior e do Self autêntico.

Com clareza de voz e espírito, o ensaio do autor John Loudon responde a difícil questão de como tornar-se semelhante a uma criança e, ao mesmo tempo, colocar no seu devido lugar as coisas da infância.

O psicólogo e autor Nathaniel Branden criou alguns exercícios bastante práticos de complementação de sentença para despertar a percepção consciente do Self-criança e para facilitar sua integração. Trata-se de um poderoso recurso de autossugestão para o resgate da criança.

O artigo de Jean Houston, "Recordando a criança", pede ao leitor que receba a criança que um dia foi e a associe ao seu Self Superior, para evocar aquilo que ela chama de seu "senso extenso de ser", conhecendo então a presença viva da criança interior.

Em "Revendo os filmes de sua infância", Adelaide Bry reuniu uma série de técnicas de visualização para a religação com a criança e para aprender a confiar em sua natureza mais profunda.

O trecho de entrevista intitulado "Matando o dragão" é de autoria do grande mitólogo visionário Joseph Campbell e fala do entrar em contato com a criança que vive dentro de nós.

Por fim, num ensaio irrefutável, desafiador e gratificante, o analista junguiano Robert M. Stein discute a redenção da criança interior negligenciada, nos relacionamentos, nos casamentos e na psicoterapia.

24. O poder da sua outra mão

LUCIA CAPACCHIONE

A consultora e líder de workshops *Lucia Capacchione tem um grande entusiasmo pela vida da criança interior. Seu trabalho parece um manual introdutório para cursos de tipo "Criança Interior 101". Por meio de seu processo pessoal de cura e resgate, ela descobriu uma maneira de soltar a criança que existe dentro de nós. E generosamente reconhece também o trabalho de vários outros articulistas desta coletânea, descrevendo como integrar certos elementos de suas técnicas práticas à que ela apresenta, criando então um programa completo e mobilizador para o resgate da criança interior. Este texto foi extraído do livro de mesmo título publicado pela autora.*

O abuso de crianças é uma espiral descendente, uma trágica aflição transmitida de uma geração para a seguinte. Sempre existiu, mas, nos últimos anos, tem-se ouvido falar mais a seu respeito nos meios de comunicação de massa. Pode ser que se tenha tornado um problema pior ou, simplesmente, que estejamos mais dispostos a ventilá-lo agora do que antes. E ficamos chocados diante do que descobrimos: tormento psicológico, abuso físico e sexual nas famílias e nas escolas, pornografia envolvendo crianças, sequestro de menores. Um número cada vez maior de crianças está escapando e formando gangues, usando drogas e, às vezes, até mesmo suicidando-se.

Desde o começo da moderna psicoterapia, a questão do trauma infantil tem sido o fator central em muitos métodos de tratamento. Mais recentemente, os trabalhos publicados pela psicanalista Alice Miller informam-nos acerca de como a sociedade alimenta a psicopatologia e a violência dentro de casa, na escola e em outras instituições. A maioria das pessoas sofreu abusos na infância em maior ou menor grau. Os

profissionais de terapia que trabalham com adultos, adolescentes ou crianças atestam o fato sombrio de que muitas pessoas preferem negar o tratamento deplorável que receberam em seus primeiros anos de vida - a omissão dos pais, sua coerção ou mesmo a violação direta — em favor de uma memória de fantasia que cria uma "infância feliz". Enquanto permanecer essa negação não há meios de se "elaborar" o abuso, de modo que ele continua sendo legado às gerações seguintes.

A negação tem sido uma questão central nas famílias de alcoólatras/viciados/obsessivo-compulsivos. A negação dos problemas familiares é tão grande que, no caso dos filhos adultos de alcoólatras, são precisos muitos anos, depois de sair da casa paterna, para que a verdade tenha permissão de vir à tona, às vezes inundando a pessoa de dor, sensação de perda e ira. O problema atingiu, nos Estados Unidos, proporções estarrecedoras. Em seu livro *Healing the Within: Discovery and Recovery for Adult Children of Dysfunctional Families,* o dr. Charles Whitfield escreve que os novos grupos de autoajuda para filhos adultos de alcoólatras estavam se formando, nos últimos anos da década de 80, à razão de um por dia. Essas organizações não-profissionais, gratuitas, reproduziam os programas altamente bem-sucedidos dos grupos de Alcoólicos Anônimos e Alanon. Como participante desses programas, posso, pessoalmente, confirmar sua eficácia. Eles oferecem esperança aos desesperados e força aos impotentes.

Nos campos da psicoterapia, assistência social e educação, um número crescente de profissionais está lidando com o problema do abuso de crianças. E no trabalho de aconselhamento de adultos o tema da cura e do resgate da Criança Interior está sendo apresentado em livros, cursos, seminários e programas de treinamento profissional. Se Whitfield está certo em sua estimativa de que 80 a 95% da população não recebeu dos pais um atendimento e uma atenção adequados, a cura e o resgate da Criança Interior se torna a tarefa da maioria das pessoas.

Começando nos anos 60 e 70, Hugh Missildine (*Your Child of the Past)* e Eric Berne (*Análise Transacional)* introduziram o conceito de Criança Interior. Nos anos 80, Miller, Whitfield e Stone e Winkelman prosseguiram com livros e técnicas terapêuticas, para encontrar e curar a Criança Interior. Todos esses especialistas concordam em que ainda existe uma criança viva em cada um de nós, uma criança que continua precisando de pai e mãe. Mas nós devemos tornar-nos o pai e a mãe de nós mesmos. Devemos oferecer à nossa própria Criança Interior a compreensão, compaixão e orientação que o pai e mãe podem dar.

A Criança Interior consiste de todos os nossos instintos, sentimentos, intuições, espontaneidade e vitalidade de natureza infantil. Ela é naturalmente aberta e confiante, a menos que aprenda a se fechar por uma questão de autoproteção. É emotiva e expressiva, até ser condenada por ser o que é: uma criança. É brincalhona, até ser esmagada por ser infantil. Essa Criança Interior é criativa, até ser ridicularizada por sua expansividade. É mágica, até ser punida por ter imaginação. Podemos enterrá-la, distorcê-la, prejudicá-la, fazê-la adoecer, mas não podemos livrar-nos dela.

Mais ou menos na época em que a maioria chega à idade adulta, nossos traços naturais, saudáveis e infantis estão já tão feridos e magoados que estão praticamente mortos. Ou estão distorcidos a ponto de serem irreconhecíveis. O alcoolismo, o vício em drogas, a obsessão sexual, os distúrbios alimentares, a compulsão de gastar dinheiro e as apostas em jogos de azar são algumas das equivocadas tentativas de retornar à infância. O comportamento resultante é uma infantilidade imprópria, em vez de uma autêntica infantilidade.

Hal Stone e Sidra Winkelman escrevem a esse respeito de maneira pungente:

A perda da Criança Interior... é uma das mais profundas tragédias do processo de “crescimento”. Perdemos uma imensa

parcela da magia e do mistério de viver. Perdemos em igual medida a delícia da intimidade em uma relação. Uma dose correspondente da destrutividade que despejamos uns nos outros como seres humanos resulta da nossa falta de conexão com nossas suscetibilidades, nossos receios, nossa própria magia... Talvez o eu mais universalmente repudiado, em nosso mundo civilizado, seja a Criança Vulnerável. Não obstante, essa Criança Vulnerável pode ser a nossa mais preciosa subpersonalidade — a mais próxima da nossa essência aquela que nos permite ser verdadeiramente íntimos, vivenciar completamente os outros, e amar.

Mas existe esperança. A Criança não morre. Está ainda lá e pode ser localizada, revivida. Como diz Charles Whitfield:

Nossa Criança Interior flui naturalmente, desde o momento que nascemos até o momento de nossa morte, e durante todos os momentos de transição entre ambos. Não temos que fazer nada... ela simplesmente existe. Se nós apenas a deixarmos existir, ela irá expressar- se sem nenhum esforço especial de nossa parte. Aliás, qualquer esforço é, geralmente, no sentido de negar a sua percepção e expressão.

E onde vive essa Criança? Em nossas fantasias, pressentimentos, preferências e repugnâncias; em nossos desejos e sonhos; em nossos devaneios e em nossas mais alucinadas imaginações. Os exercícios deste capítulo têm por objetivo ajudá-lo a encontrar, compreender e amar essa Criança Interior: a Criança Vulnerável, a Brincalhona, a Mágica e todas as outras nuanças sutis de sentimento contidas nesta sua parte. Você aprenderá técnicas para recuperar-se dos abusos da infância.

Antes de tudo, você terá uma oportunidade para passar algum tempo familiarizando-se com sua Criança Interior. Irá então descobrir quem esse aspecto de sua personalidade realmente é, do que gosta e do que não gosta, como se sente, do que precisa. Você também terá uma oportunidade para aceitar e nutrir sua

Criança Interior de uma maneira mutuamente benéfica. Você pode até sentir-se de volta à casa, no regozijo de sua Criança Interior.

Para conhecer sua Criança Interior

1. Imagine um lugar que você sente que seria confortável para sua Criança Interior, como:

um ponto próximo de um lago, de um rio ou do mar

um gramado

um jardim

uma bela sala.

2. Agora convide sua Criança Interior para entrar na imagem. Veja essa criança em sua imaginação e pergunte-se: é um menino ou uma menina? De que idade? Qual é sua aparência?

3. Agora comece a escrever um diálogo. Com sua mão dominante cumprimente a criança, apresente-se e pergunte o nome dela. Deixe a Criança Interior responder escrevendo com sua *outra mão.*

4. Diga à criança que você quer conhecer seus sentimentos, necessidades, preferências e repugnâncias. Depois continue o diálogo. O Pai/Mãe Acolhedor escreve com a mão dominante e a Criança Interior, com a não-dominante.

5. Complete sua conversa perguntando à Criança Interior sobre uma coisa especial que ela gostaria de ganhar de você. Cheguem a um acordo que seja agradável para ambos, que satisfaça as necessidades da Criança e também as do Pai/Mãe Acolhedor, responsável por concretizar o acordo. Certifique-se de que você quer manter de pé o acordo firmado com a Criança. Caso não queira, não faça promessas, pois assim irá decepcionar a Criança e causar-lhe mais mágoas.

6. Agradeça à Criança por ter vindo. Se você quiser encontrá-la de novo, combinem um momento e lugar.

No exercício seguinte, você poderá encontrar sua Criança Vulnerável. Uma vez que ela não se ajusta à imagem "adulta", esta pode ser a parte repudiada de sua pessoa. Provavelmente está enterrada bem fundo. Mas, como vimos, deixar que se manifeste pela escrita da mão não-dominante pode dar-lhe a oportunidade de aparecer com mais facilidade. Pode levar mais tempo, mas valerá bastante a pena, como você mesmo descobrirá por si. A energia e a vitalidade que resultam desses diálogos são notáveis.

A cura e o resgate da Criança Vulnerável

1. Visualize um lugar bastante seguro, um ambiente protetor e tranquilizador, como um quartinho aconchegante com mobília macia, ou algum outro espaço que pareça quente e convidativo.

2. Imagine sua Criança Vulnerável em todos os detalhes: idade, sexo, aparência, lugar no aposento ou no ambiente que você criou.

3. Cumprimente-a e convide-a a ficar com você. Anote a conversa, usando as duas mãos. O Self Acolhedor escreve com a mão dominante e a Criança Vulnerável, com a mão não-dominante.

4. Faça à Criança Vulnerável as seguintes perguntas:

Quem é você?

Como você se sente?

Por que você se sente desse jeito?

O que posso fazer para ajudá-la?

5. Diga à sua Criança Vulnerável exatamente o que você irá fazer para ir até o fim e atender às necessidades dela. Se você não puder, não faça promessas. Isso irá trair a confiança de sua Criança e só piorará as coisas.

6. Se você quiser encontrar-se com sua Criança Vulnerável outra vez, combinem um momento e lugar. Agora agradeça-lhe

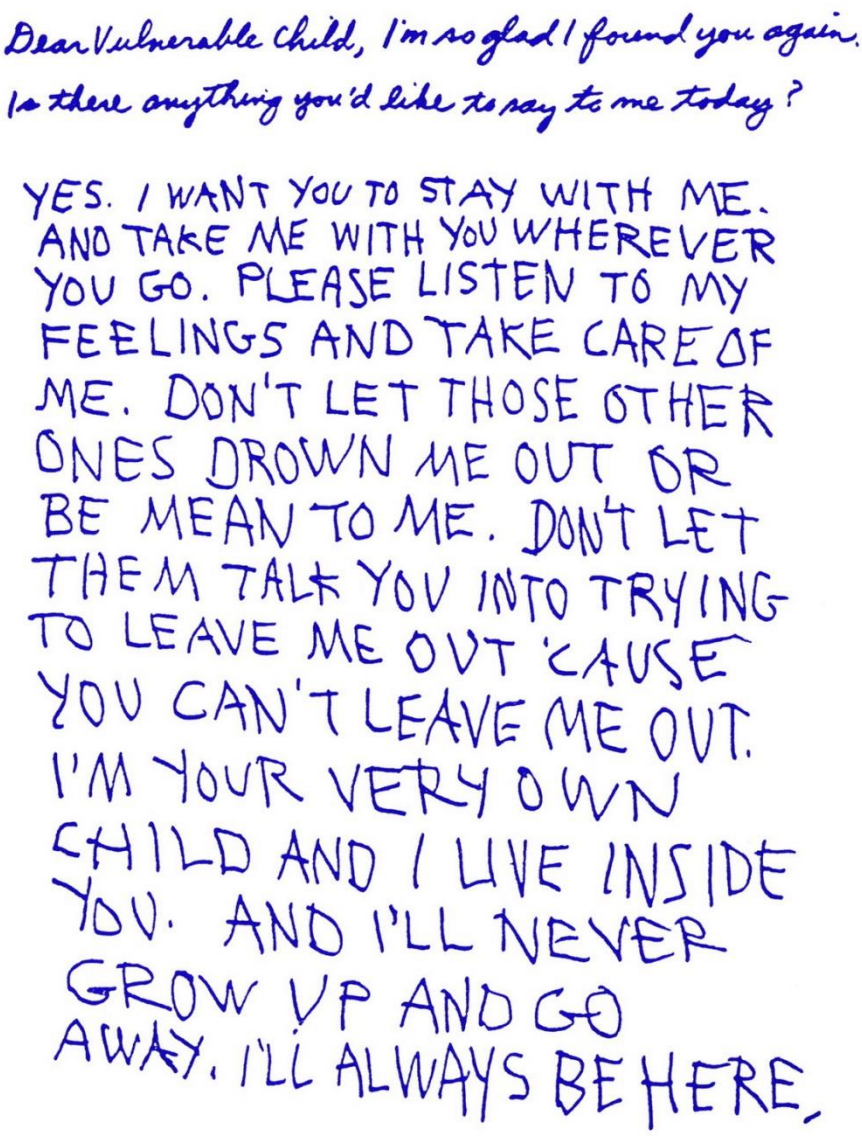
por ter vindo e despeça-se, por enquanto.

Observe, em sua vida cotidiana, os momentos em que sua Criança Vulnerável está presente. Isso geralmente acontece quando você sente cansaço, está doente, tem medo, sente-se triste, está intimidado ou decepcionado. Observe o que você faz com esses sentimentos. Você se permite senti-los? Você os neutraliza comendo, drogando- se, bebendo, trabalhando além da conta, ficando muito com os amigos, vendo TV sem parar?

Da mesma forma como é possível estabelecer um vínculo com a Criança Vulnerável que vive hoje em nós, também é possível curar a Criança do Passado. Um dos meus alunos que curou sua Criança Vulnerável é Tom, um médico de meia-idade e excelente aparência, que também trabalha como conselheiro. Ele participava das minhas aulas semanais de redação de diário por motivos pessoais, mas também para aprender alguns métodos que usaria com seus pacientes, especialmente com os hospitalizados.

Quando Tom veio para a aula pensava que era destro. Mas, como veio a perceber, ele na realidade era um canhoto frustrado (canhoto forçado a tornar-se destro). Não há dúvida para mim de que essa coerção para forçá-la a conformar-se com a "mão da maioria causa profundos danos psicológicos à Criança Vulnerável da pessoa. Mas essa ferida pode ser curada na idade adulta, como veremos no caso de Tom.

Quando Tom teve permissão de escrever com sua mão esquerda reviveu uma situação com sua antiga professora. Enquanto escrevia, ele realmente reviveu alguns eventos dolorosos e mais tarde relatou uma história sombria. No início de sua infância, uma professora havia forçado o pequeno Tom (por meio de abuso físico e de ameaças) a ser destro. Ele tentara rebelar-se, mas a professora por fim vencera.



Querida Criança Vulnerável, estou muito feliz por tê-la encontrado de novo. Há alguma coisa que você gostaria de me dizer hoje?

Sim. Quero que você fique comigo. E me leve com você aonde você for. Por favor, ouça o que eu sinto e cuide de mim. Não deixe que esses outros me empurrem para o lado ou me tratem mal. Não deixe que eles convençam você a me deixar de fora porque você não pode me deixar de fora. Eu sou sua própria criança e vivo dentro de você. E nunca vou crescer nem ir

embora. Eu vou estar sempre aqui.

Ele a via como uma bruxa e conseguiu sentir a intensa raiva e frustração que tinha sido forçado a reprimir, sendo uma criança num mundo de adultos. Mais tarde, conseguiu perdoá-la ao

estava sorrindo mais transformá-la, de bruxa, numa mulher (uma pessoa que estava fazendo o melhor que podia). Quando a perdoou, Tom curou o trauma de sua infância, de ser forçado a trocar sua dominância lateral.

Algumas semanas depois de Tom ter começado a escrever com sua mão esquerda, os elementos do grupo observaram que ele e parecia muito mais descontraído. Vários anos mais tarde, é da seguinte maneira que ele se descreve como canhoto:

Minha caligrafia com a mão esquerda é mais elegante e realmente mais legível do que a que sai com a mão direita. Se eu tenho tempo, anoto minhas expressões pessoais com a mão esquerda, e a caligrafia que sai com a mão direita é desagradável para mim, agora.

A história de Tom teve um final feliz: ele curou sua Criança Vulnerável. Forçado a renunciar à sua dominância esquerda natural por um adulto que tinha mais autoridade e era mais forte, o Pequeno Tom tinha negado seu estilo natural de expressão. O Grande Tom finalmente resgatou o Pequeno Tom colocando uma caneta em sua mão e deixando que ele escrevesse.

O próximo exercício irá permitir-lhe revisitar e curar uma situação que pode tê-lo oprimido quando você era criança. Você estará aniquilando o tempo por assim dizer, e trazendo o passado até o presente. Você estará lidando com uma situação concreta, com sentimentos e reações específicas que há muito tempo estão enterrados. Este exercício pode conferir-lhe o poder de assumir responsabilidade por si mesmo, em vez de culpar seus pais ou outras pessoas de sua infância. Se ainda vivem em você sentimentos que pertencem a situações

passadas, então a Criança Interior continua viva. E você, o adulto, é agora seu pai/mãe. Cabe-lhe oferecer à Criança a delicadeza e a compreensão de que necessita, em lugar de exigir que os outros façam isso por você.

A cura da Criança do Passado

1. Volte a um momento de sua infância em que você sentiu medo, tristeza, solidão ou alguma emoção muito forte que na ocasião não conseguiu expressar.

2. Imagine que o adulto do presente visita essa Criança do Passado e se senta para conversar com ela. Seja o conselheiro dessa Criança.

3. Converse com a Criança Interior do Passado. Na qualidade de conselheiro, deixe a Criança falar de si mesma, do que aconteceu e do que ela precisa. Deixe o conselheiro escrever com sua mão dominante e convide a Criança Interior do Passado a escrever com *a outra mão.* Peça-lhe que responda às seguintes perguntas:

Qual é seu nome ou apelido?

Que idade você tem?

Fale-me de você. O que aconteceu?

Como você se sente?

Por que você se sente assim?

Do que você precisa agora? Como posso ajudá-la?

Observe quais são seus sentimentos na vida cotidiana. Observe se essa Criança do Passado aparece.

O próximo exercício tem a intenção de ajudá-lo a encontrar sua Criança Brincalhona. Essa é a parte de sua pessoa que adora divertir-se, que é autenticamente espontânea e exuberante. Ela pode ser boba, ter senso de humor e sentir prazer em estar viva. A Criança Brincalhona está muito presente no corpo e *no momento.* Aprecia sensações agradáveis: cores bonitas, sabores

deliciosos, a sensação da brisa marinha, movimentar o corpo de maneira gostosa, tomar banho quente quando faz frio. A Criança Brincalhona não faz coisas só porque elas "devem fazer-lhe bem", e sim porque é gostoso.

Para isso, mande seu "adulto metido e sabido" para umas férias rápidas (quer dizer, aquela parte em você que só trabalha e nunca se diverte) e convide a Criança Brincalhona que vive dentro de você a vir para fora.

A Criança Brincalhona

1. Imagine um local em que sua Criança Brincalhona gostaria de encontrá-lo, como, por exemplo:

um quarto de brinquedos

um parquinho de diversões

um zoológico

um centro de diversões

a praia

um local de recreação

2. Agora convide a Criança para sair ao seu encontro. Deixe que a Criança Brincalhona faça um desenho de si mesma com sua mão não-dominante. Peça à Criança que lhe diga qual é seu nome e que o escreva no desenho.

3. Escrevendo agora com a mão dominante (como seu eu adulto), converse com sua Criança Brincalhona (que escreve com a mão não-dominante). Pergunte à Criança tudo o que quiser saber sobre ela.

Do que você gosta? Do que você não gosta?

Onde você gosta de brincar?

Que tipo de coisas você gosta de fazer quando brinca?

Com quem você gosta de brincar?

O que você gosta de comer e beber?

Quais são seus lugares favoritos para comer?

Onde você gostaria de ir nas férias?

Que tipo de roupa você gosta de usar?

Quais são as suas cores prediletas?

Qual é o seu aposento predileto? E o seu lugar favorito?

4. Pergunte à sua Criança Brincalhona como ela se sente a respeito do lugar que tem em sua vida neste momento. Ela se sente querida e incluída? Ou ignorada e desprezada?

5. Pergunte à sua Criança Brincalhona que coisa ela quer de você agora. Se você estiver disposto a fazer isso, diga à Criança exatamente como irá satisfazer o desejo dela. Seja específico. Se você não vai pôr isso em prática, não faça promessas. Isso apenas decepcionará a Criança e enfraquecerá a confiança entre vocês.

6. Agradeça à sua Criança Brincalhona por ter vindo conversar com você e combine um novo encontro com ela, se você quiser.

Mais tarde, perceba a presença da Criança Brincalhona quando ela quiser vir à tona em sua vida cotidiana. Ela pode querer um tempo especial para um banho quente, para colher flores ou para dar uma volta de bicicleta até a loja, em vez de ir de carro.

25. O contato com a criança interior

JOYCE C. MILLS E RICHARD J. CROWLEY

Em seu trabalho terapêutico com crianças, os psicoterapeutas infantis Joyce C. Mills e Richard J. Crowley desenvolveram a habilidade decisiva de utilizar uma forma de consciência típica da criança interior para se comunicarem com seus pacientes mirins. Um dos aspectos mais interessantes deste ensaio é a descrição e a comparação de dois mestres, Milton Erickson e Carl Jung, e das maneiras como ambos trabalharam, a partir de sua relação com a criança interior. Este capítulo foi extraído do livro dos mesmos autores intitulado Therapeutic Metaphors for Children and the Child Within.

Para quem trabalha com crianças, "volte ao começo, torne-se criança outra vez" pode ser uma mensagem realmente útil para se ter em mente. Consideramo-la inestimável como meio de retorno à nossa própria *criança interior,* ao recapturarmos lembranças agradáveis e fantasias lúdicas, ou ao observarmos as crianças brincando nos parques, nas praias, nos pátios das escolas. Isso nos permite revivificar esses momentos espontâneos, recordados ou observados, utilizando-os depois como importantes instrumentos terapêuticos.

Existem volumes e mais volumes de material teórico disponível que contribui para um relacionamento terapêutico eficiente com as crianças.[1] Há um consenso geral quanto à necessidade de se oferecer um ambiente confiável no qual sejam favorecidos os aspectos do contato interpessoal, do respeito e da cooperação. Para nós, o *contato com a criança interior* é o elemento indispensável na consolidação dessas muitas dimensões do relacionamento terapêutico. Este, aliás, pode até mesmo ser o mais crítico dentre todos os elementos para se chegar realmente a um contato com a criança. Como terapeutas, descobrimos que,

às vezes, nossas próprias limitações e sentimentos de frustração ocorriam quando, por algum momento, nos esquecíamos de nos dar permissão para "entrar no mundo da criança interior".

Através dos olhos de uma criança

Tenho um colega que um dia telefonou perguntando se eu podia atender imediatamente uma cliente sua: uma mãe com seu filho de quatro anos, Marie. Meu colega explicou que o menino havia sido vítima de abusos sexuais praticados pelo próprio pai, repetidas vezes, segundo o depoimento da mãe. Ela, no momento, estava às voltas com um processo judicial para obtenção da custódia da criança, tentando convencer os juízes do comportamento de abuso do pai. A criança havia sido interrogada e testada por muitos terapeutas indicados pela corte, nos últimos meses. No entanto, o processo decisivo ainda estava em suspenso. Entrementes, o comportamento de Mark e seu estado emocional continuavam a deteriorar rapidamente. A mãe dizia que ele estava acordando no meio da noite com gritos incontroláveis e que durante o dia se mostrava extremamente amedrontado, manifestando numerosos acessos de choro.

Concordei em atender a criança e a mãe na manhã do dia seguinte. Quando essa mãe adorável entrou no meu consultório, carregava uma pilha imensa de pastas e material já coletado acerca do seu jovem filho. Mark era um menino pequeno de cabelos loiros acinzentados, de olhos azuis brilhantes e sorriso hesitante, com sua pequena mão agarrada ao bolso da calça *jeans* de sua mãe. Embora esta parecesse arrasada por suas emoções e seu sofrimento, corajosamente se sentou e começou a remexer nos papéis com a eficiência que conseguiu reunir. Mark sentou-se perto dela com os dedos ainda enganchados num dos bolsos da calça da mãe. Notei que seus olhos observavam com atenção as muitas prateleiras de brinquedos, jogos, animais de pelúcia, marionetes, gravuras e material de desenho que o cercavam por todos os lados.

Gostaria de ler primeiro os relatórios dos terapeutas anteriores?

Ou seria melhor examinar o extensivo arrazoado da corte? Nos primeiros minutos desse encontro assenti com os desejos da mãe, enquanto observava Mark o tempo todo, de uma maneira indireta. Dei uma olhada no prontuário dos terapeutas, captando as palavras-chave. Tive a impressão de que havia intermináveis explicações psicodinâmicas para o que havia ocorrido entre pai e filho. Folheei os papéis com anotações da corte e mais uma vez uma avalanche de sugestões e recomendações se lançaram aos meus olhos.

A percepção consciente de me sentir internamente incomodada e distraída começou a tomar forma em mim. Era como se cinco mil fatos estivessem saltitando pela sala, acotovelando-se para chamar minha atenção. Quanto mais "informações" eu absorvia, mais afastada da criança me ia sentindo.

Enquanto isso, o menininho de quatro anos à minha frente, a quem dizia respeito essa torrente de informações, estava sentado em silêncio, entristecido, ao lado da mãe. Ele se mexia muito pouco, mas seus olhos continuavam a perscrutar, curiosos, a sala inteira. Embora minha revisão das "informações pertinentes" estivesse ocorrendo com rapidez, ocupando pouco tempo da sessão, dei-me conta de que não conseguiria mais continuar com aquilo. De repente tomei consciência de que havia consentido em que esse material aparentemente relevante interferisse com o mais essencial dos elementos no tratamento dessa criança: entrar em contato com Mark, *no mundo dele.*

Pus todo o material de lado, explicando à mãe que era importante para mim só brincar um pouco com Mark para que pudéssemos conhecer-nos melhor. Depois fui até ele, peguei-o pela mão e, com um tom de voz animado, disse-lhe: "Reparei que você estava olhando as coisas da sala e aposto que você gostaria de olhar mais de perto." Seus olhos brilharam enquanto ele balançava a cabeça afirmativamente, começando a afastar-se do sofá. No momento em que ocorreu essa mudança, observei que minha sensação de incômodo e de desligamento começou a

diminuir.

Enquanto Mark ia olhando a sala, acocorei-me perto dele, tentando olhar as coisas através de seus olhos, e não olhos de uma terapeuta adulta. Repetia as palavras que ele usava para descrever os brinquedos e jogos que estava reconhecendo. Também reproduzia sua tonalidade e pronúncia infantis, não só para dar a impressão de que eu estava falando sua língua, mas em meu próprio benefício - para me sentir como minha própria criança interior de quatro anos se sentiria estando em mais um consultório, com mais um terapeuta, depois de experiências tão traumáticas.

Como terapeuta, somos treinados a nos importar com questões de objetividade e transferência. Entretanto, não podemos realmente ser objetivos acerca de algo enquanto não soubermos quem é a pessoa que está tendo a vivência. Essa criança tinha sido objetivamente avaliada tantas vezes que já quase existia um volume de dados psicológicos e jurídicos a seu respeito que pesava mais que ela mesma! Sem dúvida neste caso uma abundância de objetividade. Portanto, senti com clareza que para mim era vital fazer exatamente o inverso: deixar temporariamente de lado toda objetividade e identificar-me de fato com Mark, permitindo-me sentir minha própria criança interior. Eu sabia que era preciso sentir algo do que era o mundo de Mark, antes que toda aquela informação objetiva tivesse algum significado útil para mim, em termos de intervenções técnicas.

Embora Mark tivesse sido descrito como extremamente reticente e não-responsivo pelos terapeutas anteriores, foi capaz, nessa primeira sessão, de começar a expressar as muitas lutas de sua vida, através de atividades com arte e contando histórias. Isso só ocorreu depois de termos passado trinta minutos explorando juntos a sala e conhecendo-nos daquela maneira especial como somente as “crianças” sabem.

Há momentos também em que procuramos maneiras de ajudar

os pais a suspenderem seus pontos de vista adultos em favor do mundo muito real do problema de seu filho. Essa suspensão exige, automaticamente, que os pais tenham pelo menos uma ligação mínima com sua própria criança interior, pois, ao concordarem em ver a situação pelo prisma de seu filho, estão, na verdade, enxergando-a por trás da lente de suas próprias vivências infantis. Desta perspectiva, ocorrem dois ganhos importantes:

1) os pais podem sentir uma maior empatia pelo que seu próprio filho está sentindo e

2) estão ao mesmo tempo tendo acesso a um possível tesouro em termos de recursos aprendidos há muitas décadas, mas normalmente não-disponíveis às suas perspectivas, agora adultas.

Os monstros e os bolinhos

Daniele era uma garotinha deliciosa de oito anos que veio para terapia com sua mãe, em razão de inúmeras queixas, incluindo nervosismo e problemas crônicos de sono. Durante vários anos, Daniele tinha sentido medo de dormir à noite porque acreditava que havia monstros em seu quarto. Sua mãe havia racionalmente explicado que não existem monstros e que não havia do que sentir medo, mas Daniele insistia que existiam, sim, e tentava desesperadamente convencer sua mãe desse "fato". O medo inicial que a menina sentia dos monstros cristalizou-se de maneira ainda mais adversa quando ela não conseguiu convencer mais ninguém da realidade dos mesmos para ela.

Na primeira sessão, perguntei sobre os monstros e ela me disse como pareciam, se faziam barulho, se tinham contato físico com a menina, e assim por diante. Daniele foi ficando mais animada e excitada à medida que ia respondendo àquelas perguntas que confirmavam a realidade de seu mundo. Sua mãe parecia perplexa enquanto Daniele e eu interagíamos. Chamou-me de lado para me dizer que estava irritada com meu endosso aos

monstros de Daniele, depois de ela mesma ter passado anos a fio tentando dissuadir a filha de tais ideias. Eu lhe disse, antes de conseguir dirigir o pensamento de Daniele em outra direção, que ela precisava primeiro entrar na realidade da filha, confirmar os medos dela, e *depois* conduzi-la para outras escolhas. Sugeri que ela apenas fingisse ser uma criança de oito anos aterrorizada por monstros, e que assim poderia perceber alguma coisa importante, enquanto eu continuava trabalhando com Daniele. No tempo restante, criou-se uma metáfora que reenquadrou os monstros de Daniele e lhe permitiu criar soluções que deflacionaram seus receios.

Daniele negou com a cabeça quando lhe perguntei se alguma vez tinha ouvido a "História Não-contada dos Monstros e dos Bolinhos". Olhando para a mãe dela, perguntei: "E você?" Recebi um encolher de ombros e um "não" como resposta.

Daniele então ouviu como os monstros eram, na realidade, disfarces de faz-de-conta para crianças infelizes que não tinham amigos. No começo, essas crianças infelizes, hoje disfarçadas de monstros, tentaram ser amigas de várias maneiras, mas as outras crianças ignoravam-nas. Ninguém dava atenção para elas, a atenção que realmente queriam receber. Essas crianças foram ficando tão tristes que se afastaram e foram embora sozinhas, sentindo-se muito mal. Então, um dia, finalmente imaginaram que precisavam criar muita, mas muita atenção para conseguirem que as outras crianças gostassem delas. Então se vestiram com roupas estranhas, esquisitas, e começaram a fazer coisas mais estranhas e esquisitas ainda. E voltaram para perto das outras crianças, esperando que elas as recebessem como amigas. Em vez disso, as outras crianças saíram correndo, com muito medo, assustadas, pensando que tinham acabado de ver os monstros!

Agora as crianças infelizes, em suas fantasias com monstros, estavam muito confusas e até elas ficaram assustadas. Como Daniele tinha visto o filme *ET*, nesse momento pedi-lhe que se

lembrasse de como Elliott e o ET tinham ficado assustados, na primeira vez em que se haviam encontrado, no quintal da casa do menino, e que então Elliott tinha dado um presente ao ET para que ficassem amigos. “Eram bolinhos!”, interrompeu Daniele, orgulhosa de sua memória. “Sim, foi isso mesmo, concordou com entusiasmo a terapeuta. “Bom, Daniele, agora eu gostaria que você fosse para casa e desse aos seus monstros um presente que os torne seus amigos.”

Mais ou menos nesse momento Daniele pediu licença para usar o banheiro. A mãe olhou para mim por um instante, com um sorriso, e comentou: “Sabe, consegui visualizar tudo que você disse e fez sentido, de uma maneira maluca. Eu tinha esquecido que costumava ficar ouvindo essas histórias no rádio quando era pequena e que ficava imaginando toda espécie de coisas excitantes. Obrigada por me lembrar.

Na semana seguinte, a mãe disse que Daniele tinha feito bolinhos especiais para os monstros e pusera o prato em frente ao armário em seu quarto, onde os monstros “viviam”. Com exceção de uma noite, Daniele dormiu bem a semana inteira.

No decurso das três semanas subsequentes, Daniele às vezes regredia aos seus receios, antes de ir para a cama à noite. Era sua mãe então que a lembrava dos bolinhos, de Elliott e do ET. Para sua própria fascinação, a mãe de Daniele percebeu-se contando-lhe histórias de ninar.

Jung e a Criança Interior

Em seu livro autobiográfico *Memórias, Sonhos e Reflexões,* Jung recorda maravilhosamente seu inesperado encontro com a própria criança interior e o impacto peculiarmente prolongado que esse momento teve em sua vida. O capítulo intitulado “Confronto com o Inconsciente” descreve uma série de sonhos que haviam deixado Jung desorientado e “sob uma pressão interna constante”. Sua inquietação emocional era tão intensa que ele suspeitava ter uma “perturbação psíquica”. Na esperança de encontrar a causa fundamental desse problema,

começou a buscar em meio a suas recordações de infância. Essa busca, porém, só o levou à constatação de sua própria ignorância e à resolução de "simplesmente fazer o que me ocorrer". O resultado foi a ativação de uma vivida e comovente imagem que se tornou o marco memorável de uma reviravolta em sua vida.

A primeira coisa que veio à tona foi uma recordação de infância que pertence talvez ao meu 10º ou 11º ano. Nessa época, eu tinha passado por um período de paixão por jogos de montar. Lembrei-me claramente de que construía casinhas e castelos usando garrafas para formar os lados dos portões e das abóbadas. Um pouco mais tarde, comecei a usar pedras comuns e lama como argamassa. Essas estruturas tinham-me fascinado por muito tempo. Para minha surpresa, essa recordação veio acompanhada de muita emoção. "Ah!", disse para mim mesmo, "ainda há vida nessas coisas. O menininho ainda está por perto e possui uma vida criativa que me falta. Mas como chegar até ele?" Ao homem adulto, parecia impossível que eu fosse capaz de transpor a distância entre o presente e os meus onze anos de idade. Se eu quisesse restabelecer o contato com esse período, não tinha escolha senão retornar e mais uma vez viver aquela vida infantil, com suas brincadeiras de criança. Esse foi um momento decisivo de mudança em meu destino, mas só me entreguei depois de uma resistência interminável, e com uma sensação de resignação, pois foi uma experiência dolorosamente humilhante perceber que eu não tinha outra coisa a fazer senão brincar como as crianças fazem.[2] (Veja também os trabalhos de G. Frantz e de C. G. Jung, neste livro.)

Jung realmente "se deu por vencido" e começou a colecionar pedrinhas e materiais variados, necessários a esculpir e construir sua criação, que era uma aldeia completa, com castelo e igreja. Ele trabalhou em seu "jogo de construção", sem interrupção, todos os dias depois do almoço, e depois, de novo, à noite, após a última sessão. Embora continuasse a questionar o que estava fazendo e o porquê de estar fazendo isso,

simplesmente confiava nesse anseio e ia em frente, movido por uma vaga sensação de valor intrínseco:

No curso dessa atividade, meus pensamentos ficaram mais claros e pude apreender as fantasias cuja presença em mim eu percebia apenas de modo difuso. Naturalmente, refleti sobre o significado do que estava fazendo e me perguntei: "Bom, mas o que isso quer realmente dizer? Você está construindo uma cidadezinha e fazendo isso como se fosse um rito!" *Eu não tinha resposta para essa pergunta, somente a certeza interna de que estava a caminho de descobrir meu próprio mito. Pois aquela brincadeira de construção era só o começo.*[3] (Os grifos são meus.)

O contato de Jung com sua criança interior desempenhou um papel crucial na liberação das extraordinárias energias criativas que culminaram com sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo.

Jung descreveu muitas figuras arquetípicas — a mãe, o pai, a criança, o herói, o vilão, a tentadora, o trapaceiro, e assim por diante. A este capítulo diz respeito ainda sua lúcida discussão da importância ímpar que tem o arquétipo da criança — a criança interior — num capítulo intitulado "A psicologia do arquétipo da criança".[4] Para Jung, o arquétipo da criança é um símbolo vivo das futuras potencialidades que proporciona equilíbrio, unidade e vitalidade à personalidade consciente. Por intermédio da criança interior, qualidades opostas da personalidade são sintetizadas e, com isso, liberam-se novas possibilidades:

O motivo da criança representa não só algo que existiu no passado distante, mas também algo que existe agora, quer dizer, não se trata apenas de um vestígio, mas de um sistema em funcionamento no presente... A "criança" pavimenta o caminho para uma futura mudança de personalidade. No processo de individuação, antecipa uma figura que vem da síntese entre elementos conscientes e inconscientes da personalidade.

Portanto, é um *símbolo de unificação* que une os opostos.[5]

Em outro capítulo, chamado "A fenomenologia especial do arquétipo da criança," Jung afirma esses pontos de vista de uma forma ainda mais decidida:

Ele [o motivo da criança] é uma personificação de forças vitais que estão muito além do limitado alcance de nossa mente consciente; de maneiras e possibilidades a respeito das quais nossa mente consciente nada sabe... Representa a ânsia mais poderosa e inescapável de todo ser, ou seja, a vontade de realizar-se.[6]

Para Jung, o arquétipo da criança era muito mais que um conceito ou teoria. Era uma força viva que ajudava a guiar e a sustentar sua personalidade adulta. Aliás, ele continuou valendo-se de seu contato especial com a criança interior como construtora, nos momentos difíceis pelos quais passou em sua vida, tanto pessoal como profissional.

Erickson e a Criança Interior

Milton Erickson também manifestou um respeito natural pelas qualidades da infância, provavelmente em decorrência das características brincalhonas e travessas presentes em sua própria personalidade adulta. Uma história encantadora ilustra bem sua disposição (embora consciente) para ter contato com sua criança interior, a fim de ajudá-lo a solucionar um problema "adulto":

Havia um capítulo que eu simplesmente não conseguia escrever, para um determinado artigo. Eu não conseguia imaginar como transmitir figurativamente a falta de lógica de um paciente. Entrei em transe de tanto pensar se iria trabalhar nesse ou em outro caso e descobri, mais tarde, que tinha passado o tempo lendo um monte de histórias em quadrinhos. Eu tinha usado o tempo para ler histórias em quadrinhos.

Na próxima oportunidade que tive de trabalhar no artigo, fiquei perfeitamente satisfeito por fazer isso em estado de vigília.

Cheguei à parte difícil que não tinha conseguido transpor para imagens e, é isso mesmo, o Pato Donald e todos os demais personagens parafraseavam cada situação daquele tipo particular de lógica! Minha mente inconsciente tinha-me enviado uma caixa de histórias em quadrinhos e me fizera procurar naquelas revistas até encontrar as paráfrases exatas que eu queria usar.[7]

Erickson conta uma outra história, muito engraçada, que mais uma vez demonstra sua ligação com sua própria criança interior. Uma criança de dois anos estava com a mãe num aeroporto. Erickson também estava esperando um voo e, para ocupar o tempo, dedicou-se ao seu passatempo favorito, que era o de observar o comportamento humano. A menininha estava muito inquieta e a mãe, cansada. A criança viu um brinquedo num balcão ali perto e rapidamente olhou para a mãe, que estava absorta lendo um jornal. Metódica e repetitivamente, a criança interrompia a mãe, pulando e correndo. Por fim, a mãe, exasperada, levantou-se para fazer alguma coisa com a criança e esta, é claro, levou-a sem rodeios até o balcão dos brinquedos. Sem pronunciar uma única palavra, a criança tinha conseguido exatamente o que queria. Erickson oferece um resumo avaliativo que reflete sua percepção e seu respeito pelo mundo, conforme a criança o vê:

Eis o modo como aquela menininha de dois anos, com toda a sabedoria de sua infância, isenta das complicações impostas pelos falsos ensinamentos que a sociedade e as convenções nos impõem, reagiu ao seu próprio entendimento: “Eu quero aquele brinquedo. Minha mãe geralmente diz não. Talvez a melhor coisa a fazer seja aborrecê-la e lhe dar a chance de me acalmar.” Não penso que a criança tenha raciocinado tudo isso com essa clareza, mas observei o episódio do começo ao fim, imaginando como é que a criança iria exatamente fazer para conseguir aquele brinquedo. Pensei - sendo adulto - que ela iria simplesmente pegar a mãe e levá-la até lá. Mas a criança foi muito mais esperta que eu — ela sabia a técnica certa![8]

Na qualidade de terapeutas, podemos aprender com as experiências pessoais tanto de Jung como de Erickson, que, segundo seus estilos pessoais, alimentaram um nutritivo e criativamente rejuvenescedor contato com suas próprias crianças interiores.

26. Liberando sua criança interior perdida

JOHN BRADSHAW

O conselheiro e líder de cursos John Bradshaw tem uma capacidade deveras impressionante de sintetizar ideias numa forma verdadeiramente útil. Muita gente já sentiu essa qualidade em suas apresentações pela televisão de programas sobre a família, que obtêm altíssimos índices de audiência. Este trabalho, que é um capítulo de seu livro Healing the Shame That Binds You, *representa as atuais ideias de Bradshaw acerca da criança interior. O conceito de criança interior é um tema que se tem destacado em seu trabalho a partir de uma variedade de fontes, mas o movimento de recuperação do alcoolismo em programas de doze passos continua sendo seu modelo fundamental e sua metáfora essencial para a cura, o resgate e o crescimento. Sua "meditação da criança interior perdida" aqui apresentada é de um interesse especial.*

Provavelmente, também eu teria ficado presa na compulsão de proteger os pais... se não tivesse entrado em contato com a *criança em mim,* que apareceu tarde na minha vida, querendo contar-me um segredo... cheio do medo do escuro de um adulto... Mas eu não consegui fechar a porta e deixar a criança sozinha até morrer... Tomei uma decisão que iria mudar profundamente a minha vida... depositar minha confiança naquele ser praticamente autista que tinha sobrevivido ao isolamento de décadas.

- Alice Miller, "Pictures of Childhood"

Bradshaw On: The Family [Bradshaw Sobre: A Família] descreve três fases distintas da redução de minha própria vergonha e do meu processo de externalização. A figura ilustrativa mais à frente oferece uma imagem visível dessas fases.

A primeira é a fase da recuperação. Por meio do apoio do grupo e de seu amor e espelhamento, recuperei meu senso de valor próprio. Arrisquei-me a sair da toca e a expor o meu eu que era fruto da sensação de vergonha. Ao me ver refletido nos olhos livres de vergonha das outras pessoas, senti-me bem dentro de mim. Resgatei a ligação comigo mesmo. Não estava mais completamente sozinho e fora de mim. O grupo e outras pessoas significativas ajudaram-me a recompor minha sensação de ter um vínculo interpessoal.

O processo de recuperação é uma mudança de primeira grandeza. Isso quer dizer que mudei um tipo de comportamento por outro. Deixei de beber e de isolar-me. Partilhei minhas vivências, minha força e esperança. Comecei a falar e a contar o que estava sentindo. Comecei a ter sentimentos outra vez. Desloquei minha dependência para a nova família que havia descoberto. Ainda existia uma criança dependente e cheia de vergonha, em mim, que fez do novo grupo a segurança de um salvo-conduto, como a que os pais oferecem.

Minha vergonha estava menor, mas ainda era ativa, o que se evidenciava no fato de eu ainda ser compulsivo e ter dificuldades com a intimidade. Escolhia mulheres que eu sentia precisarem de mim, confundindo amor com piedade. Criava relacionamentos que mais lembravam equipes de resgate, nos quais os outros se tornavam dependentes de mim e me enxergavam como todo-poderoso. Comecei a trabalhar doze horas por dia, inclusive aos sábados. Fumava mais e comecei a ingerir muito açúcar. É verdade que havia detido o avanço de uma doença que ameaça a vida, chamada alcoolismo, que havia reduzido a vergonha, que me sentia melhor comigo mesmo, mas eu ainda era compulsivo e impulsivo. Ainda não estava livre.

Para ficar livre, precisava fazer um trabalho relativo à minha família de origem. Eu ainda precisava crescer e realmente sair de casa.

Fritz Perls disse, uma vez: “O objetivo da vida é passar do

apoio dado pelo ambiente para o apoio dado pelas próprias pernas." O objetivo da vida é alcançar a não-dependência. A não-dependência fundamenta-se numa noção saudável de pudor. Somos responsáveis por nossa própria vida.

Nossos relacionamentos iniciais foram marcados por precários modelos de identificação e pelo abandono. Isso é o que cria uma identidade alicerçada na vergonha. Pelo fato de não termos um Self autêntico, apegamo-nos aos nossos provedores estabelecendo um vínculo de fantasia, ou erguemos à nossa volta os muros que nos defendem de possíveis agressões de fora. Essas primeiras impressões tingem todos os relacionamentos subsequentes.

Certa ocasião estava ouvindo Werner Erhard, o fundador do *est,* dizer: "Enquanto não resolvermos os nossos relacionamentos originais jamais estaremos de fato em algum outro relacionamento." Sair de casa significa romper os nossos relacionamentos originais. E uma vez que carregamos grande parte de nossa vergonha como decorrência dessas relações, sair de casa é uma maneira poderosa de reduzir a vergonha.

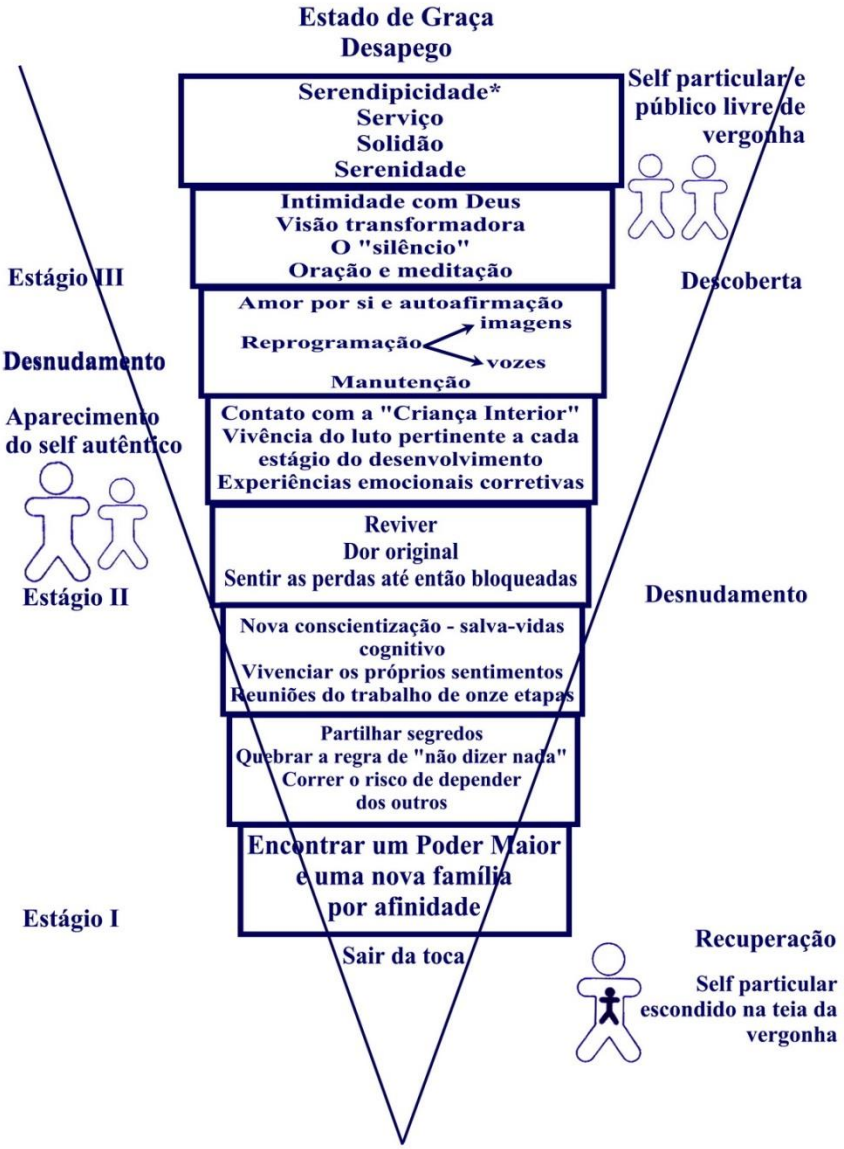
Sair de casa

O que está envolvido no processo de sair de casa? Como o fazemos?

Sair de casa é a segunda fase da jornada rumo à totalidade. Denomino-a Fase do Desnudar. Implica fazer contato com a mágoa e com a criança interior solitária que há muitos anos foi abandonada. Essa criança é aquela parte em nós que abriga nossa energia emocional bloqueada. Essa energia sofre um bloqueio especial quando passamos por abusos graves. Para recuperar a ligação com essa criança ferida e magoada, temos que voltar atrás e reviver as emoções que estiveram bloqueadas.

Quando formamos bloqueios à energia emocional, eles afetam seriamente a nossa capacidade de pensar e raciocinar. Nossa mente sofre uma diminuição do âmbito de visão. Ficamos

contaminados em nossos julgamentos, em nossa percepção e em nossa capacidade de raciocinar sobre eventos concretos de nossa vida pessoal. (Esse bloqueio emocional não parece comprometer as modalidades de pensamento abstratas ou especulativas.)



*Serendipidade quer dizer a faculdade de fazer acidentalmente descobertas felizes. (N.T.)

Assim que o nosso julgamento prático está vedado, a vontade, que é a executora da personalidade, perde sua capacidade de enxergar alternativas e não se alicerça mais na realidade. A pessoa emocionalmente "vedada" é literalmente inundada pela vontade, ou seja, torna-se obstinada. A obstinação se caracteriza por grandiosidade e por tentativas irrefreadas de controlar, e é o desastre final causado pela vergonha tóxica. O voluntarioso está brincando de ser Deus; é ao motim do voluntarioso que se referem os programas de doze passos.

O único meio de libertar nosso cérebro desse jugo e de curar nossa compulsividade é voltar atrás e reviver as emoções. As emoções bloqueadas devem ser revividas tal como foram sentidas originalmente. As necessidades não satisfeitas e não resolvidas de dependência devem ser reeducadas por meio de novas lições e vivências corretivas.

Devemos sofrer a perda de nossa infância. Nossas compulsividades resultam desses velhos sentimentos bloqueados (ou desse luto não-vivido), que repetidamente traduzimos em atuações comportamentais. Ou os elaboramos, ao revivê-los, ou agimos sob o seu jugo, na forma de nossas compulsividades. Também podemos representá-los, como na depressão ou no suicídio, ou projetá-los nos outros, como nas estratégias interpessoais para transferir a vergonha.

Devemos sair de casa e tornar-nos quem somos, para podermos curar nossas compulsividades. Embora eu estivesse em recuperação, nunca tinha saído de casa. Nunca tinha desnudado as fontes e as armadilhas de minha vergonha tóxica. Nunca havia passado pelo trabalho interior de sentir a "dor original". Nunca havia lidado com a questão da minha família de origem.

Trabalho de elaboração da dor original

Toda pessoa que é movida por uma sensação de vergonha vem de uma família traumatizante. Os filhos do trauma vivenciam um excesso de estímulos num curto intervalo de tempo, de modo que não conseguem administrar de forma adequada essa

estimulação. Todas as formas do trauma do abandono estimulam emoções de perda e luto nas crianças e, simultaneamente, bloqueiam a manifestação das mesmas.

Há pouco tempo eu estava observando um homem e sua jovem filha no aeroporto. Eu estava no barbeiro, cortando o cabelo, e ele estava sentado duas cadeiras adiante, repreendendo constantemente a criança. Num dado momento, disse-lhe, enraivecido, que ela dava trabalho demais, exatamente como a mãe. Pensei que ele deveria ser separado ou divorciado. Enquanto se afastava deu algumas palmadas na menina. Foi muito doloroso de assistir. Quando a criança chorou ele bateu nela de novo. Depois arrastou-a até o balcão dos sorvetes e comprou-lhe um sorvete, para que calasse a boca. Essa criança está aprendendo, em idade bem precoce, que não é querida, que a culpa é toda dela, que ela não é uma pessoa, que seus sentimentos não importam, e que ela é responsável pelo que os outros sentem. Não consigo imaginar onde poderia encontrar um aliado com quem sentar-se lado a lado, que validasse seus sentimentos de tristeza e lhe permitisse vivenciar esse sofrimento.

Numa família saudável e respeitosa, os sentimentos da criança são validados. Os traumas podem acontecer em algum ponto ao longo do caminho, em qualquer infância normal.

Como Alice Miller escreve reiteradamente: “Não são os traumas que sofremos na infância que nos tornam emocionalmente doentes, mas a incapacidade de expressar esses traumas.”

Quando uma criança é abandonada por negligência, abuso ou por emaranhamento na trama emocional dos pais, além da mágoa e da dor existe a indignação. As crianças necessitam que sua dor seja validada. Precisam que lhes seja mostrada a maneira pela qual podem descarregar seus sentimentos. Precisam de tempo para fazer esse trabalho de descarga e precisam de apoio. Toda criança abandonada deixaria de tornar-se alguém movido pela vergonha se houvesse um aliado

acolhedor que validasse sua dor e lhe desse tempo para resolvê-la com um trabalho de elaboração do sofrimento.

Lembro-me de uma família saudável em que o pai sofreu um acidente sério em sua casa. O filho de seis anos estava brincando do lado de fora, quando escutou uma explosão. Ficou chocado ao ver o pai sangrando e aparentemente aleijado. O pai disse- lhe que telefonasse para chamar uma ambulância. Um vizinho ficou com a criança até a mãe voltar do trabalho. O menino ficou em estado de choque e a mãe levou-o a uma ludoterapia. Ele estava com medo de entrar no porão da casa (onde estava o aquecedor). Além disso, estava com raiva da mãe por ela não estar em casa e com raiva do pai por ele estar longe (tendo sido levado ao hospital).

Nos meses seguintes, o menino foi elaborando seus sentimentos no contexto de uma interação lúdica e simbiótica. Sua mãe e seu pai ficaram ambos felizes com o fato de ele ser capaz de expor a raiva que sentia deles. (Pais movidos pela vergonha tê-lo-iam recriminado por expressar sua raiva.) Deram-lhe apoio enquanto trabalhava com seu receio de entrar no porão, onde tinham instalado o novo aquecedor. Eles partilharam seus próprios sentimentos com o filho.

Validação

Deve haver vários fatores para que o sofrimento possa ser resolvido. O primeiro deles é a validação. Nosso trauma infantil de abandono deve ser validado como algo real, ou então não terá condições de ser resolvido. Talvez a consequência mais prejudicial de ser movido pela vergonha seja que *não sabemos até que ponto realmente estamos deprimidos ou enraivecidos. Não sentimos realmente* nosso sofrimento não-resolvido. Nosso falso Self e nossas defesas de ego impedem-nos de vivenciá-lo. Paradoxalmente, as próprias defesas que nos permitiram sobreviver à nossa infância traumática tornaram-se, agora, obstáculos ao nosso crescimento. Fritz Perls disse, certa vez: "Nada muda enquanto não se torna aquilo que é." Devemos

desnudar e expor o sofrimento paralisado dentro de nós.

Lembro-me de minha avó paterna ridicularizando-me por eu estar histérico diante de meu pai, que estava saindo para se embebedar. Ele tinha acabado de brigar com minha mãe e estava saindo de casa enfurecido, prometendo embebedar-se. Comecei a chorar e logo perdi o controle. Disseram-me que eu era um "grande maricas" e que tinha de me controlar. Nunca mais esqueci esse episódio. Anos e anos depois ainda continuava carregando esse sofrimento não-resolvido.

Apoio

A maior tragédia de tudo isso é que sabemos que todo esse sofrimento pode ser naturalmente curado, se tivermos apoio. Jane Middleton-Moz disse: "Uma das coisas que sabemos sobre a resolução do sofrimento é que o sofrimento é um dos poucos problemas do mundo que se curam por si, se a pessoa tiver apoio." (Para uma discussão clara e concisa do problema do sofrimento não-resolvido, ler *After the Tears,* de Jane Middleton-Moz e Lorie Dwinell.)

A razão pela qual as pessoas adiam tanto a resolução de seu sofrimento é que não há ninguém que valide seus sentimentos e lhes dê apoio. A pessoa não consegue passar sozinha pelo sofrimento. Milhões de adultos já o tentaram. Vamos dormir chorando, com a cara enterrada no travesseiro, ou nos trancamos no banheiro.

Esse sofrimento adiado é o cerne do que se chama de síndrome do estresse pós- traumático. Como soldados que retornam da guerra, temos sintomas comuns de irrealidade: pânico, entorpecimento psíquico, reações bruscas, despersonalização, necessidade de controle, pesadelos e distúrbios do sono. Estes mesmos sintomas são comuns em crianças que vêm de famílias desestruturadas.

São sintomas de um sofrimento não-resolvido.

Os sentimentos do trabalho com o sofrimento

Depois da validação e do apoio, a pessoa precisa sentir de novo o que não teve permissão para sentir no momento original. Esse trabalho deve ser feito num contexto confiável, livre da vergonha tóxica. Os sentimentos que aparecem no trabalho com o sofrimento são a raiva, o remorso, a mágoa, a depressão, a tristeza e a solidão. A resolução do sofrimento é uma espécie de "trabalho psíquico" que precisa ser feito. Sua duração varia conforme a intensidade do trauma. É preciso que a pessoa tenha tempo suficiente para concluir esse trabalho. Nas famílias desequilibradas nunca há tempo bastante.

Em nosso Centro de Recuperação da Família, em Houston, realizamos *workshops* de quatro dias e meio de duração onde trabalhamos com a "dor original". Usamos os papéis do sistema familiar para ajudar as pessoas a enxergarem de que maneira perderam seu Self autêntico e se imobilizaram num falso Self. À medida que a pessoa revive como sua alma foi morta, ela inicia o processo de sofrer essa perda. Muitas vezes o facilitador precisa ajudar a pessoa a acolher esses sentimentos, porque eles vêm envolvidos em vergonha. Quando a pessoa estabelece contato com seus sentimentos verdadeiros e genuínos, a vergonha diminui. Esse trabalho prossegue depois do *workshop*, às vezes por alguns anos.

Existem muitos outros métodos para se fazer esse trabalho sobre a dor original. Mas ele deve ser feito, para que o sofrimento possa ser resolvido e com isso se detenham as compulsões e os padrões inautênticos e repetidos de comportamento.

Vivência emocional corretiva

O trabalho com o sofrimento não-resolvido é um processo de refazer vivências que libera e integra a criança interior perdida ao conjunto da personalidade. Uma vez que o descaso diante de nossas necessidades de dependência, naturais ao longo do desenvolvimento, foi a fonte principal da vergonha tóxica, é importante refazer a ligação. Cada estágio do desenvolvimento

é único, com suas próprias necessidades e sua dinâmica especial. Na infância, precisamos de um amor incondicional. Precisamos ouvir palavras (e manifestações não-verbais, no caso do bebê) como: "Estou muito feliz por você estar aqui. Bem-vindo ao mundo. Bem-vindo à nossa família e à nossa casa. Estou muito feliz por você ser menino/menina. Quero ficar perto de você, abraçar você, amar você. Eu estou de acordo com suas necessidades. Vou lhe dar todo o tempo de que você precisa para que suas necessidades sejam satisfeitas." Essas afirmações foram adaptadas do livro de Pam Levin *Cycles of Power*.

Gosto de formar grupos pequenos (com seis a oito participantes) e deixar uma pessoa no centro, sentada. Ela dirige o resto do grupo, dizendo a que distância as pessoas devem colocar-se. Alguns querem ser abraçados e ninados no colo. Outros querem ser apenas tocados. As pessoas que sofrem privações de carícias não se sentem seguras o bastante para muita proximidade. Cada qual estipula seu próprio limite.

Depois que o grupo é formado, cantamos canções de ninar e cada um expressa uma afirmação verbal, enquanto toca, acaricia ou apenas se senta perto da pessoa que está no centro.

Os que sofreram descaso começarão a chorar e a soluçar, quando ouvirem as palavras que precisavam ter ouvido. Se a pessoa foi uma Criança Perdida, seu choro será profundo. Essas palavras tocam a ferida que existe em sua alma.

Depois das afirmações, o grupo conversa sobre suas vivências. Sempre procuro ter um grupo misto, para que cada um escute vozes de homens e de mulheres. Muitas vezes a pessoa diz que gostou em especial de ouvir uma voz masculina ou feminina, pois nunca tinha ouvido em sua infância. Se ocorreu com alguém de ter sido vítima de abuso por parte de um dos pais, essa pessoa não sente confiança na voz que corresponde a quem a agrediu. A troca grupal de vivências, ouvir as afirmações, ser tocado e receber demonstrações de apoio, tudo isso fornece uma

espécie de experiência corretiva.

Sugiro ainda outras formas pelas quais as pessoas podem satisfazer suas necessidades infantis, à medida que essas necessidades são recicladas em novas experiências. Em geral, precisam de um amigo que lhes dê apoio físico (bastante toque) e que as alimente (leve-as para comer fora). Precisam de muita satisfação no que diz respeito à pele. Podem precisar de um banho quente bem gostoso, ou de se enrolar num cobertor. Talvez queiram tentar uma massagem.

Passamos pelas necessidades da criança que começa a andar, repetindo todo o processo grupal. Uma vez que sua necessidade é, basicamente, a de separar-se, deixamos que a pessoa se sente perto, mas separada de todos. Geralmente utilizo uma espécie de meditação que causa regressão etária, na qual peço que a pessoa que está no centro se sinta uma criança que está começando a andar. Apresento afirmações como: "Tudo bem quanto a andar e investigar o ambiente. Tudo bem quanto a testar os limites. Tudo bem quanto a fazer as coisas, e fazê-las a seu modo. Estarei aqui. Você não precisa ter pressa. Dou-lhe todo o tempo de que precisar. Tudo bem quanto a praticar o pegar e o soltar. Eu não vou deixar você."

Mais uma vez o grupo troca suas vivências, depois que cada um ouviu essas afirmações várias vezes. É frequente as pessoas expressarem emoções profundas quando partilham seus sentimentos. Costumam recordar-se de episódios de abandono há muito esquecidos. Há quem inicie um trabalho adicional com o sofrimento não-resolvido.

Passamos por todos os estágios do desenvolvimento, até a adolescência. Essa é uma fase importante, porque muitas pessoas sofrem dolorosos incidentes de abandono e humilhação durante a adolescência...

Quase sempre peço a cada pessoa que ela escreva uma carta para o pai ou a mãe contando-lhe o que precisava ter recebido mas não recebeu.

Wayne Kritsberg faz com que escrevam essa carta com a mão não-dominante. Dessa forma, criam com mais facilidade a sensação interior de serem crianças. Uma grande carga de emoção é liberada quando a pessoa lê a carta para o grupo. Depois da leitura, peço ao grupo que ofereça à pessoa as afirmações que correspondem às necessidades insatisfeitas descritas por ela em sua carta aos pais.

No final do curso, faço cada participante encontrar sua Criança Perdida. Não consigo descrever o poder deste exercício. Fiz sua transcrição para várias fitas cassetes. Não há como transmitir a força deste trabalho através da palavra escrita. Apenas incluí o esboço geral da meditação. Você pode gravar as sequências verbais e depois ouvir a fita. Recomendo que, como fundo musical, você ouça "Going Home", de Daniel Kobialka.

Meditação: acolhendo a criança interior perdida

Sente-se, com a coluna ereta e confortável. Relaxe e concentre-se em sua respiração... Durante alguns minutos, preste atenção à sua respiração... Perceba o ar que você inspira e depois expira... Observe a diferença entre o ar que entra e o ar que sai. Concentre-se nessa diferença... (um minuto). Agora imagine que você está descendo uma escada bem comprida. Desça lentamente, enquanto a contagem vai diminuindo: dez... (dez segundos) nove... (dez segundos) oito... (dez segundos), etc. Quando chegar ao fim da escada, vire à esquerda e siga por um comprido corredor cheio de portas à direita e à esquerda. Em cada porta há um símbolo colorido... (um minuto). No final do corredor, você vê um campo de força iluminado... Atravesse-o e volte no tempo, e veja-se numa rua onde você morou antes de ter sete anos. Caminhe pela rua até a casa em que você vivia. Olhe para essa casa. Observe o telhado, a cor da casa e as suas janelas e portas... Veja uma criancinha que sai pela porta da frente... Como está vestida? De que cor são seus sapatos? Aproxime-se da criança... Diga-lhe que você vem do futuro... Diga-lhe que você sabe melhor do que ninguém tudo o que ela

passa... Seu sofrimento, sua sensação de abandono... sua vergonha... Diga-lhe que, de todas as pessoas que virá a conhecer pela vida afora, você é a única que ela nunca irá perder. Agora pergunte-lhe se ela quer ir para casa com você... Caso não queira, diga-lhe que você virá visitá-la amanhã. Se ela quiser ir com você, pegue-a pela mão e comece a andar... Enquanto estão indo, veja seu pai e sua mãe saindo no alpendre. Acene um adeus para eles. Olhe por cima do ombro enquanto continua andando e veja-os ficando cada vez menores até sumirem completamente de vista... Vire a esquina e veja seu Poder Superior e os amigos mais queridos aguardando por você. Abrace-os todos e permita ao seu Poder Superior penetrar em seu coração... Agora vá embora e prometa à criança que irá encontrá-la todos os dias por cinco minutos. Comprometa-se com esse tempo. Pegue a criança em sua mão e deixe que ela encolha até ficar do tamanho da palma de sua mão. Coloque-a sobre seu coração... Agora saia andando na direção de algum belo lugar ao ar livre... Fique ali um pouco e reflita sobre a experiência pela qual acabou de passar... Perceba a sensação de comunhão interior, de comunhão com seu Poder Superior e com todas as coisas... Agora contemple o céu. As nuvens cor de púrpura e branco formam o número cinco... Veja como agora se tornam um quatro... E tome consciência de seus pés e suas pernas... Veja-as tornando-se um três... Sinta a vida que pulsa em seu estômago e seus braços. Veja como o três vira um dois; sinta a vida que há em suas mãos, no seu rosto, no seu corpo todo. Saiba que está prestes a despertar por completo — e poderá fazer todas as coisas com sua mente plenamente desperta — veja o dois tornar-se um e desperte, recordando-se de tudo que sentiu...

Sugiro que você arrume uma foto de quando você era criança. De preferência, uma anterior aos sete anos. Coloque-a no bolso, ou na carteira. Coloque a foto na sua mesa de trabalho para que se lembre sempre dessa criança que vive em você.

Há um grande número de dados que afirma que a criança vive

em nós num estágio plenamente desenvolvido. Essa criança é a nossa parte mais vital e espontânea e precisa ser integrada à nossa vida.

Satisfação das necessidades infantis de desenvolvimento na idade adulta

Reciclamos nossas necessidades de desenvolvimento durante a vida inteira. Toda vez que começamos algo novo, acionamos nossas necessidades do primeiro ano de vida. Depois de nos sentirmos seguros, de confiarmos no nosso novo ambiente, a nossa parte que começa a andar quer explorar e fazer experimentos. A nossa própria criança mobiliza nossas necessidades conforme vai atravessando seus vários estágios de desenvolvimento. Temos, quando adultos, a oportunidade de cuidar de nós em cada um desses estágios.

Quando somos adultos, podemos criar um contexto para satisfazer essas nossas necessidades. Eu sofri negligência por parte de meu pai. Criei um grupo de homens que servem de amigos que dão apoio e me oferecem *feedback*. Aprendi que, sendo adulto, posso fazer com que o que vem dos outros atenda às minhas necessidades. As crianças nunca têm o bastante. Os adultos aprendem, ao amadurecer, a fazer com que aquilo que obtêm seja suficiente. Nesse sentido, posso tomar uma ocasião de partilha de vivências em meu grupo e torná-la uma experiência pessoal de paternagem. Se um dos elementos se mostra especialmente protetor em relação a mim, posso deixar que esse seja um ato de paternagem. Também posso permitir que outros eventos de minha vida sirvam de paternagem e maternagem. Posso ainda aprender, sendo adulto, a conseguir aquilo que me é especificamente necessário. Posso ser bom para comigo e tratar-me com respeito e delicadeza que me fortaleçam.

A busca universal da criança interior

É importante observar que a necessidade de encontrar a Criança

Interior faz parte da jornada de todo ser humano que se encaminha na direção de sua totalidade. Ninguém teve uma infância perfeita. Todos nós carregamos questões inconscientes que não foram resolvidas, atinentes à história de nossa família.

A jornada em busca da Criança Interior é a jornada do herói. Tornar-se uma pessoa que funciona plenamente é uma incumbência heroica. Existem provas e tribulações ao longo do caminho. Na mitologia grega, Édipo matou o pai, Orestes a mãe. Deixar os próprios pais para trás é um obstáculo que a pessoa deve superar em sua jornada heroica. Matar os pais é uma forma simbólica de descrever a saída da casa paterna e o processo de crescimento.

Encontrar nossa Criança Interior é o primeiro salto por sobre o abismo do sofrimento que nos ameaça a todos. Mas encontrá-la é apenas o início. Por causa de seu isolamento, de seu abandono e de suas carências, essa criança é egocêntrica, fraca e assustada; ela deve ser disciplinada para poder liberar seu *tremendo poder espiritual.*

27. Tornar-se uma criança

JOHN LOUDON

A ideia de se tornar como uma criança na idade adulta é um paradoxo que muitos interpretadores têm tentado resolver: como é possível, indaga John Loudon, efetuar essa tão sutil tarefa? O ensaio de Loudon, na realidade, faz muito mais do que abordar essa questão. Ele cria um contexto filosófico, espiritual e religioso para essa busca, enfatizando o processo de desenvolvimento de uma vida inteira. "Em certo sentido", diz ele, "tornar- se uma criança - atingir o nível, as habilidades, as orientações e tudo o mais a que somos convocados - pode ser uma tarefa que leve a vida inteira para ser completada. "

Este trabalho foi originalmente publicado na revista Parábola *(Volume IV, nº 3), numa edição dedicada à criança. Loudon é escritor e editor no norte da Califórnia.*

E disse: Na verdade eu vos digo que, se vos não converterdes e vos não tornardes como as criancinhas não entrareis no reino dos céus.

- Mateus, 18:3

Quando eu era menino, falava como criança, apreciava as coisas como criança, discorria como criança. Mas, quando me tornei homem feito, fiz desaparecer o que era próprio da criança.

- Coríntios I, 13:11

As tradições religiosas, especialmente o cristianismo, parecem oferecer mensagens conflitantes acerca da infância como um estado ideal. Por um lado, os Evangelhos dizem que, a menos que você mude a direção de sua vida (na metanoia) e se torne como uma criança pequena, não poderá entrar no reino do céu. No Evangelho de São João, de teor mais místico, Jesus diz: "Em verdade, em verdade vos digo que não pode ver o reino de Deus

senão aquele que nascer de novo" (João 3:3). Por outro lado, Jesus rejeita regularmente a monótona passividade da religiosidade pueril e Paulo nos adverte a deixar de lado, como ele mesmo fez, as coisas da infância. É ainda mais significativo que todas as proclamações de Paulo e todos os Evangelhos sejam, na realidade, histórias cujo clímax está na paixão, morte e ressurreição de Jesus e em sua declaração de que apenas perdendo sua vida é que você irá encontrá-la. Que ideal é esse que se parece em parte com a infância e, no entanto, só vem com a maturidade, com a morte para o Self e o nascimento para uma nova vida?

Há aqui, sem dúvida, duas visões diferentes da infância. Para mim, o paradoxo que representam parece ser mais um dos profícuos aparentes conflitos dos quais as tradições vivas estão repletas e que assim convidam a uma sondagem mais profunda, a uma busca pelo entendimento.

Uma linha de resolução - aquela que adotam os teólogos e a maioria dos exegetas cristãos - consistiria em estudar as passagens que parecem contraditórias com uma meticulosa postura analítica (examinando a linguagem, o contexto, a função, a data, etc. de cada passagem) e chegar a uma interpretação sintética. Por certo que alguns desses estudos já foram bem conduzidos. Mas hesito em remover com tanta afobação o aguilhão da contradição. Há aqui uma sensação de desafio que vale a pena ser enfrentado e que, para mim, é um desafio autêntico de algum modo, fundamental para aquilo que o Novo Testamento quer dizer.

Proponho, portanto, uma via talvez mais frutífera, ou pelo menos inédita, para se chegar à verdade que está no cerne do paradoxo. Consiste em investigar o aparente ideal da infância à luz das concepções tradicionais e contemporâneas acerca dos estágios da vida. De que forma a admoestação para que nos tornemos como as crianças se relaciona com as várias dimensões e passos discerníveis do desenvolvimento humano?

Será anômala a injunção bíblica, ou um dito em código que reflete os debates dos primeiros cristãos, ou conteria ela uma introvisão acessível a respeito do crescimento e potencial humanos, a respeito das leis do nosso devir e da perfeição?

As distinções mais universais entre os estágios da vida, nas sociedades e religiões tradicionais, são, certamente, as que são apresentadas pelos ritos de passagem. Como francamente se expressou uma mulher apache:

Pensamos na vida da mulher como uma coisa compartimentalizada. Um dos compartimentos é o da meninice, outro é o da mocidade, outro, o da meia-idade, outro, o da velhice. As canções têm a função de ir levando-a de um para outro. As primeiras canções descrevem o lar sagrado e a cerimônia. Depois vêm as canções sobre flores e coisas que crescem. Estas representam sua juventude e, da mesma forma como as canções vão passando pelas estações do ano, também a moça vai amadurecendo até chegar à velhice.

Há ritos para a gestação, para o parto, para a infância, para a iniciação na idade adulta, para o período de compromisso e o casamento, para a iniciação no sacerdócio e para a morte como passagem final. O que é especialmente digno de nota nestes estágios identificados pelos ritos é o fato de estarem associados ao crescimento, ao desenvolvimento. São cumulativos, e cada transição acrescenta uma dimensão ou nível à vida da pessoa. Dessa forma, por exemplo, as iniciações na idade adulta em geral envolvem a aquisição de um conhecimento especial, com a simultânea desilusão em relação às crenças infantis, e o acréscimo de uma nova carga de responsabilidades. Em algumas tradições, esses estágios da vida foram discriminados em ideais religiosos distintos, e cada um deles tem seus atrativos, perigos e responsabilidades. No hinduísmo, por exemplo, há quatro estágios (*ashramas*) no caminho do conhecimento: discípulo, chefe da família (família, carreira), eremita (recluso, ascético) e andarilho (o homem santo, o *sannyasin).* Embora uma relativa

perfeição possa ser alcançada em cada estado, o ensinamento diz claramente que o desenvolvimento completo, a plena consecução de *moksha* (a libertação da finitude) só vem com a conclusão do ciclo. E, em geral, as divisões tradicionais dos estágios da vida sugerem com convicção que a infância é um estágio que, obviamente, deve ser ultrapassado para que a pessoa atinja o pleno conhecimento, a totalidade da vida e do ser. Não obstante — e esta observação começa a insinuar algo da resposta ao dilema proposto — existem aspectos do estágio final (simplicidade, uma certa dependência, contemplação, etc.) que, de alguma forma, trazem de volta todo o círculo da vida para o mundo da infância.

A psicologia do desenvolvimento humano é, em grande parte, uma ciência independente, fruto do século XX, baseando suas conclusões em evidências empíricas. O psicólogo suíço Jean Piaget foi o pioneiro dos estudos sobre o desenvolvimento, com suas meticulosas observações sobre o desenvolvimento intelectual e moral das crianças, tendo elaborado testes engenhosos para averiguar seus estágios de amadurecimento. Identificou quatro estágios básicos do desenvolvimento infantil até a idade de doze anos, e cada um deles implica uma expansão dos mundos infantis iniciais de respostas autocentradas que ocorrem no eixo sensação-ação, para depois abrangerem um mundo mais amplo, por meio da linguagem, da socialização e do pensamento. Erikson baseou- se no trabalho estrutural de Piaget (e no de Freud) para identificar oito estágios em toda a extensão da vida humana: quatro estágios da infância até a adolescência, vindo depois a adolescência, o início da idade adulta, a meia-idade e a maturidade. Em cada estágio, deparamo-nos com uma nova esperança, novas potencialidades e uma nova responsabilidade, e o sucesso ou fracasso básico com que enfrentamos cada desafio afeta a plenitude do nosso desenvolvimento através da vida.

Dessa forma, por exemplo, no estágio da infância (que corresponde aproximadamente ao primeiro ano de vida), uma

sensação fundamental de confiança ou desconfiança é firmada e depois fará parte da pessoa pelo resto de sua vida. Assim, a "tarefa" do primeiro ano de vida é, para a criança, desenvolver uma noção fundamental de bem-estar e de ser aceita, de pertencer, de se sentir em casa no universo. As tarefas subsequentes são a "conquista" da autonomia, da iniciativa, da diligência, da identidade, da intimidade, da generatividade (produtividade num sentido bastante amplo) e da integridade (uma sensação de satisfação perante uma vida cujas partes se somam para a composição de um todo bem-vivido). O fracasso nessas "realizações" psicológicas produz uma involução correspondente no potencial humano. Assim, por exemplo, se na meia-idade a pessoa não atinge a "autorrealização" que o dinamismo do desenvolvimento humano está pedindo, ela tende à "estagnação" — nas palavras de Erikson — assinalada por um retrocesso a deleites pueris e por uma interrupção do desenvolvimento da personalidade e das relações pessoais.

É desnecessário dizer que o trabalho de Piaget e de Erikson é, muitas vezes, técnico e bastante complexo, e tem sido integrado em um amplo programa contemporâneo de pesquisas e teorizações. Tendo nossos objetivos imediatos em vista, o importante é saber que se podem determinar cientificamente estágios razoavelmente claros do desenvolvimento e que esses estágios não são apenas uma sequência automática que se desenrola porque a pessoa vai ficando mais velha. Pelo contrário, existe um dinamismo no desenvolvimento — pulsões internas e exigências externas — que nos impele de um estágio para o seguinte, e cada estágio envolve tarefas fundamentais que devem ser executadas, assim como dimensões de nossa humanidade a serem descobertas e integradas para que nos tornemos pessoas inteiras. Num certo sentido, portanto, o Self é um projeto para a vida toda, e durará enquanto nos lembrarmos de que é um projeto que exige de nós tanto passividade como atividade (para usar as expressões de Teilhard) - tanto receptividade como assertividade, *yin* e *yang*.

Uma vez que estamos lidando aqui com a infância em sua qualidade de ideal religioso, um outro aspecto da psicologia do desenvolvimento merece investigação, a saber, a análise dos estágios do desenvolvimento moral e religioso. No final dos anos 50, Robert Havighurst e Robert Peck identificaram cinco tipos de caráter que as pessoas podem desenvolver: na infância, o amoral; no início da meninice, o oportunista; no final da meninice, o conformista (que obedece a uma norma externa) e o irracional- consciencioso (que obedece à sua própria norma interna); e por último o racional-altruísta (tomadas de decisão objetivas), que os adolescentes são capazes de adotar (embora essa capacidade raramente seja concretizada). Eles descobriram que os adolescentes e os adultos poderiam estar em qualquer um desses estágios, embora a maioria permaneça no segundo tipo.

Depois disso, nas duas últimas décadas, Lawrence Kohlberg elaborou testes que permitem discernir seis estágios de posturas morais que guardam uma relação sequencial entre si. No desenvolvimento moral, ele constatou que existem níveis pré-convencionais, convencionais e pós-convencionais (adotando as distinções de John Dewey), de dois estágios cada um. As crianças menores (até a metade do 1º Grau, aproximadamente) pertencem sobretudo ao primeiro nível, tentando manter as regras que as figuras de autoridade impõem; no estágio um (6-7 anos), as crianças obedecem às regras com a finalidade de escapar aos castigos; no estágio dois (8-9 anos) o modo correto de agir é identificado com a satisfação de necessidades pessoais, como aceitação, prêmios, etc. As crianças maiores podem avançar até o segundo nível: no estágio três - que segue a orientação do bom menino/boa menina - a criança age para conquistar a aprovação do grupo; no estágio quatro — que segue a orientação da lei-e-ordem - agir corretamente significa obedecer à lei, respeitar a autoridade, manter a ordem social. O terceiro nível implica autonomia e princípio e pode ser alcançado apenas quando a pessoa tem a capacidade de tomar decisões sensatas (ou seja, com o surgimento do pensamento

abstrato, na adolescência); o estágio cinco orienta-se pelo contrato social, com princípios avaliados segundo a contribuição para o bem supremo (que pode ser contrário às convenções vigentes da lei e da ordem); o estágio seis requer julgamentos morais baseados em princípios morais universais (e universalizáveis) - segundo Kohlberg - e raramente é atingido. É importante notar que o progresso no desenvolvimento moral depende do desenvolvimento psicológico e intelectual.

No âmbito religioso, Lewis Sherrill (em *The Struggle of the Soul*, 1951) traçou, há mais de quarenta anos, os paralelos entre o desenvolvimento religioso e os estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson. Dizia que as várias encruzilhadas críticas da vida representam uma luta entre a reversão a um nível de fé e compromisso anterior e mais simples e o desafio imposto por uma fase mais elevada de maturidade. Esses pontos de transição ocorrem quando a criança sai da infância e entra na meninice, com o advento da idade adulta e, depois, com a meia-idade e a velhice.

Mais recentemente, James Fowler desenvolveu testes e análises baseados no trabalho de Kohlberg, os quais permitem seis estágios de desenvolvimento da fé: 1. fé infantil/indiferenciada - imerso nas sensações e numa vivência mágica; 2. fé mítica/literal - dependência das explicações religiosas dadas pelas figuras de autoridade; 3. fé sintética/convencional - partilhar dos significados e valores da casa, da escola, da igreja, dos companheiros; 4. fé individual/reflexiva — a pessoa decide por si os significados da vida; 5. fé polarizada/dialética - reapropriação pessoal das próprias tradições; 6. fé completamente integrada - postura que é, ao mesmo tempo, completamente pessoal e universal. Para Fowler, assim como para outros desenvolvimentalistas, é possível que a pessoa se detenha em qualquer estágio, ou que haja uma reversão para estágios anteriores. Dessa forma, atingir a fé madura não é tanto uma questão de encontrar as coisas certas em que acreditar, e sim aquilo que John Dunne chama de “uma aventura espiritual”,

uma odisseia de descobertas com mais portos para ancorar do que aqueles que são providenciados pela fé convencional. O desenvolvimento — psicológico, moral, religioso, e até mesmo fisiológico — implica exigências constantes, passagens repentinas e radicais para novos níveis, e as nossas "conversões", ou metanoias, em cada estágio, são consecuções frágeis.

Vamos retomar nossa questão original. Em que sentido somos convocados a nos tornar crianças e, ao mesmo tempo, a deixar de lado as coisas da meninice? Com base em nosso breve apanhado das visões tradicionais e contemporâneas do desenvolvimento humano, parece que a própria infância implica vários estágios, e estes formam os fundamentos dos estágios subsequentes, até à morte. A infância é um período da vida em que certas coisas básicas devem ser conseguidas, para que depois se processe o desenvolvimento humano pleno. E parece claro que as lutas de crescimento da meninice continuam pela vida afora; num certo sentido, tornar-se criança — atingir os níveis, habilidades, orientações, etc., aos quais somos convocados — pode ser uma tarefa que leve a vida inteira para ser realizada a contento.

Mas penso que existe uma maneira mais fértil de captar o sentido do paradoxo, na perspectiva do desenvolvimento. Como é sugerido pela citação apache, os vários estágios aos quais aludimos antes podem ser simplesmente compreendidos como os estágios da infância, adolescência, idade adulta e maturidade. Neste esquema, assim como nas análises mais elaboradas, cada estágio tem uma dupla fase: é repleto de promessas e de perigos, de esperanças e desespero. A infância, popular e psicologicamente, representa uma espécie de ideal: no fundo, parece que o potencial puro e imaculado da criança pequena é o elemento mais atraente. Aparentemente isenta das responsabilidades desgastantes e das exigências aprisionadoras, a criança dá a impressão de possuir uma totalidade, uma simplicidade, uma espontaneidade e uma integridade que todos

os nossos esforços adultos não parecem conseguir atingir (ou recuperar). A criança tem a glória de apenas ser, como uma flor ou um animal, sem a necessidade de fazer coisa alguma, de tornar-se qualquer coisa para ser completamente quem é. Essa espécie de idealização da infância tem recebido um destaque especial no Ocidente, principalmente após a Renascença e depois com os Românticos. Representa inocência, deslumbramento, originalidade, ausência de premeditação, de ambições mesquinhas e propósitos escusos. Às vezes, a criança parece peculiarmente capaz de encamar o ideal hindu de "agir sem buscar os frutos da ação", ou seja, o *wu-wei* ("não-ação"), o viver com o Tao.

Apesar disso, as aparências enganam e grande parte da nossa idealização da infância envolve projeções adultas de nossas próprias esperanças e receios. Pois a infância, como Piaget e outros demonstram, é uma fase de desenvolvimento intenso e vital — de tornar-se e fazer, e não apenas ser e, na medida em que suas tarefas ficam inacabadas, a vida da criança vai, correspondentemente, tornar-se problemática. Pois a criança pequena vive num mundo de imediatismo (real, importante é o que é saboreado, tocado, visto, etc.), é dependente dos outros para perceber os significados e os valores, é constitucionalmente autocentrada e vive num mundo de mágica e fantasia que pouco pode relacionar-se com o modo como as coisas realmente acontecem. Nesse sentido, a religiosidade da infância - como observou Gordon Allport — é muito dependente, plena de crenças mágicas e de fantasias incontroláveis e, se levada até a vida adulta (como tantas vezes acontece), retarda outros aspectos do desenvolvimento e se torna um dos fatores de má reputação da religião, do mito e da contemplação, por exemplo.

No final da meninice, a criança passa pela socialização segundo valores e significados convencionais. Embora isto seja necessário para uma adequada noção do valor pessoal e para uma orientação elementar, além de servir à ordem social, um

grande número de indivíduos pode ficar retido neste estágio do desenvolvimento e pode ser levado ao que Paul Tillich chama de vida "heterônoma", em que algo externo estipula as nossas prioridades e estabelece o que é significativo e válido.

Dessa forma, o emergir da adolescência é tanto liberador como amedrontador. O surgimento de dúvidas, distinções, questionamentos, complicações, ansiedades (quanto ao sexo e à morte), responsabilidades de aprendizado e trabalho, rebeliões e reconciliações, sofrimentos, abre caminho para a autonomia e autodeterminação. É vital à escolha dos próprios significados e valores e à descoberta da própria identidade. Mas são muitos os perigos, e podemos ser varridos pelas impetuosas vagas que, como a maré, sobem e descem. Em muitas áreas de nossa vida, nossa tendência é permanecer na adolescência: nossos questionamentos podem degenerar numa espécie de niilismo funcional, nossos desafios à autoridade se tornam rebeliões sem causa, nossa autodescoberta não passa de uma inflação do ego. Torna-se muito fácil abrir mão do trabalho de desenvolvimento, fugir ou ficar perdido nas trevas das "noites sem fim" e recuar sucessivamente — quando vêm as crises — para o seio do hedonismo, do egocentrismo, da superficialidade da mente pueril.

Mas se nos entregamos ao processo de crescimento, se assumimos a busca da totalidade, o empenho em entender (em lugar do vão anseio pelas certezas), estamos num caminho que não nos conduzirá de volta à infância que talvez estejamos, nostalgicamente, idealizando, mas nos impelirá adiante, rumo a uma plenitude e uma integração autênticas. Se não empreendemos essa busca, permanecemos infantis: se não nos comprometemos com o verdadeiro crescimento, continuamos a ser filhos pródigos que nunca voltam para casa. E, por isso, há os desafios da idade adulta, em que nossos impulsos e necessidades juvenis devem ser satisfeitos para que desenvolvamos intimidade, identidade pessoal, criatividade. E isso não significa apenas que nos tornamos pessoas crescidas,

que amam, têm convicções e uma sensação de que existem e têm importância, que fazem contribuições para o acervo mundial de significados, de beleza, de valor e de vida; significa, antes, que, ao enfrentar as "tarefas" da idade adulta, estamos "constituindo" a nós próprios. Na proporção em que recuamos diante das exigências, dos sacrifícios, dos esforços, nessa medida somos menos nós mesmos e somos, ao contrário, pessoas tacanhas, "homens rasos", símbolos vazios. Como disse Tillich, é preciso coragem para existir.

Contudo, também é possível ficar enredado na trama das tarefas da manutenção da casa e, assim, fazer com que a vida não passe de um conjunto de obrigações convencionais, para que a luta seja tolerada, mas sem o benefício das transformações que oferece. A impressão mais fácil é a de que são os frutos tangíveis da ação que importam, e a pessoa mede sua vida por seus resultados externos (ao passo que, no final das contas, o que parece importar é a espécie de pessoa que o indivíduo está se tornando no transcurso de todas as suas atividades). Essa atitude também é uma espécie de regressão aos simples princípios do prazer e da dor e aos comportamentos convencionais da meninice. Parece que, na meia-idade, a pessoa precisa, de alguma maneira, manter os ideais potenciais da infância e os impulsos da adolescência.

A maturidade, portanto, é a realização da síntese. Não se trata simplesmente de um estágio cronológico da vida. Como síntese, representa uma espécie de segunda meninice - uma totalidade, uma certa perfeição e completude, uma alegria de ser -, mas uma meninice "alcançada", em que os ideais do início, e até mesmo os antigos sonhos, já estão integrados à vida real. A pessoa está repleta de maravilhamento, mas não é mais ingênua; é reverente, mas não simplória; é humilde sem ser tola. Isso implica estar centrado, implica integridade, sabedoria, compaixão, coisas que só advêm para quem trilhou o caminho inteiro, para quem atravessou a *via crucis* das crises (como Erikson as denomina) de seu caminho de vida. Existe

objetividade e um conhecimento genuíno; é perante os verdadeiros mistérios que a pessoa se maravilha, é na autêntica elegância do cerne do ser que a pessoa confia.

Este estágio final de integração é conhecido das grandes tradições da espiritualidade e da filosofia. Aparece nos anciãos da tribo, no *staretz* russo, que coroa uma longa existência de aquisições espirituais com a transformação do indivíduo em guia espiritual, em Mestre e guru verdadeiro, no pensador genuíno que conhece seu campo não só nos dados particulares, mas em sua essência, no crente maduro que vivenciou os consolos e suportou as noites escuras para delas emergir com a fé temperada, no crítico que pode reagir a obras literárias com um deleite esclarecido, uma "imaginação educada" (Northrop Frye), no buscador que encontrou o caminho com o coração e aprendeu como querer uma coisa. E as virtudes da criança que a pessoa é desafiada a vir a ser acabam revelando-se e esta me parece ser a resposta de Jesus à nossa questão — como as beatitudes do Sermão da Montanha: "Abençoados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus" (Mateus 5:3).

Para quem investiga a literatura do misticismo e da jornada espiritual, e as histórias de vida daqueles que parecem ter-se tornado pessoas maduras, o objetivo mostra-se comum: uma integração que abrange a plenitude da potencialidade humana, que é ao mesmo tempo descomplicada, sábia, alegre, e até mesmo lúdica. Podemos pensar em Gandhi, Merton, Einstein, João XXIII. Ou em alguém mais próximo a nós em termos de capacidades e circunstâncias, como Dag Hammarskjold, cujo *Markings* revela uma notável sensibilidade aos rigores e às recompensas do desenvolvimento humano pleno. Ele sabia que "a mais longa das jornadas é a viagem interior" e passou por algo que lembra o estágio final dessa viagem:

Chega o ponto em que tudo se torna simples e não há mais nenhuma questão de escolha, porque tudo em que você apostou será perdido, se você olhar para trás.

Maturidade: entre outras coisas, a desanuviada felicidade da criança que brinca, que avalia como inquestionável sua comunhão com aqueles com quem brinca.

Chegar à maturidade não deve ser compreendido como o final da jornada. Ao contrário, trata-se de um novo começo, e é, num certo sentido, o começo, e pela primeira vez irrompe quando nos entregamos à busca e nos propomos a vivê-la por inteiro. Como se expressa John Dunne em *The Reasons of the Heart* "Participar da aventura espiritual é... 'nascer de novo', 'nascer do Espírito'" E, no mesmo livro:

A pessoa emerge na vida... sempre que uma profunda solidão... via de regra não atingida no amor, no trabalho e na vida em comunidade, se torna tão intensa que começa a enfraquecer as interações humanas comuns e as faz parecer insatisfatórias, quando não parece mais que seja possível encontrar a realização no amor, no trabalho e na vida em comunidade. Quando isso acontece, a aventura espiritual... pode começar.

"Os velhos deviam ser exploradores," escreveu T. S. Eliot, e todos os estágios no caminho da vida são jornadas vitais, também, pois nos encaminham para nossa vocação final — para aquela viagem rumo ao seio do desconhecido, tão semelhante ao aventurar-se do bebê recém-nascido pela vida adentro.

28. A integração do self mais jovem

NATHANIEL BRANDEN

O psicólogo Nathaniel Branden organizou seus dados de maneira muito atraente, criando uma abordagem prática para a compreensão e o resgate da criança interior. Rejeitamos essa criança da mesma maneira como, talvez, os outros um dia nos rejeitaram , diz ele, "e nossa crueldade para com essa criança pode continuar diariamente indefinidamente, durante toda a nossa vida." Como antídoto contra essa possibilidade negativa, Branden recomenda ações pacíficas como o trabalho de complementação de sentenças. Trata-se de um "faça-você-mesmo" no melhor estilo, extraído do livro Autoestima, *de Branden.*

"Quando eu era menina, queria desesperadamente que minha mãe me amasse", diz uma mulher de trinta e sete anos, dentista. "Eu morria de vontade de que apenas me tocassem ou mostrassem qualquer espécie de afeto. Vendo outra vez o meu passado, apavora-me o quanto me percebo carente. Acho que é por isso que não gosto de olhar para trás. Não gosto de saber dessas coisas a meu respeito, pelo menos de saber como eu fui no passado. Será que essa realmente fui eu? Recuso-me a acreditar. Gosto de pensar que aquela menina morreu há muitos anos e que eu sou uma outra pessoa.

Quando seu marido a deixa, queixando-se de que ela parece incapaz de dar ou receber amor, fica arrasada e estupefata: confessa que não entende o que ele quer dizer.

"Não gosto de me lembrar de mim quando era pequeno," repete um programador de computador, homem de 46 anos. "Eu me sentia aterrorizado o tempo todo. Meu pai voltava bêbado para casa - batendo em quem quer que chegasse perto dele. Minha mãe nunca nos protegia. Eu me escondia, estava sempre procurando lugares onde me esconder; estava a maior parte do

tempo com muito medo, até mesmo de falar. Era de enlouquecer. Aquela criança era de deixar qualquer um doente. Não sinto qualquer ligação com ela."

Seus filhos não entendem por que o papai parece não conseguir brincar com eles. Eles só sabem que, emocionalmente, o papai raramente parece estar ali — como se eles não tivessem pai.

"Minha mãe era muito sarcástica," conta uma enfermeira, hoje com 31 anos. "Sua língua conseguia matar. Quando eu era bem pequena não conseguia aguentar isso. Chorava muito. Quando penso em mim com três, quatro, cinco anos, me arrepio toda."

Alguns de seus pacientes, porém, queixam-se de seus modos bruscos e de suas ocasionais observações mordazes. Ela sabe que costumam não gostar dela, mas não compreende claramente por quê.

Quando eu tinha doze anos", diz um advogado de cinquenta e um anos, "havia um valentão na nossa rua que sempre me aterrorizava. Ele me bateu algumas vezes e, depois disso, só de vê-lo eu me reduzia a nada. Nem gosto de lembrar disso. Não gosto de pensar a respeito. Aliás, não gosto de admitir o quanto fui um garotinho assustado. Por que esse garotinho não conseguia fazer alguma coisa melhor com essa situação? Prefiro me esquecer o mais rápido possível desse desgraçadinho."

Embora seja brilhante no trabalho, poucos entre seus clientes conseguem gostar dele. Acham que é insensível e cruel. "É um valentão provocador," observaram vários deles.

Existem muitas razões pelas quais as pessoas sentem que não conseguem perdoar a criança que foram um dia. Da mesma forma que os clientes citados acima, negam e repudiam essa criança. Traduzidas em palavras, suas atitudes querem dizer o seguinte: não posso perdoar o fato de ter sido tão aterrorizada por minha mãe; de perseguir com tanto desespero a aprovação de meu pai; de me sentir tão pouco capaz de ser amada; de ter uma fome interminável de atenção e afeto; de ficar todo confuso

com as coisas; de excitar sexualmente a minha mãe, de alguma maneira; de ter feito alguma coisa, mesmo não sabendo o quê, que levou meu pai a abusar de mim; de ser tão desajeitada na aula de ginástica; de me sentir tão intimidado pela professora; de sofrer tanto; de não ser popular na escola; de ser tímida; de ser envergonhado; de não ser mais durão; de sentir medo de desobedecer aos meus pais; de fazer o que quer que fosse para que gostassem de mim; de morrer de vontade de ser tratada com delicadeza; de ser revoltado e hostil; de sentir ciúme de meu irmão mais novo; de achar que todo mundo era compreendido, menos eu; de não saber o que fazer quando estava sendo ridicularizado; de não me defender diante dos outros; de minhas roupas serem sempre as piores e mais desajeitadas de toda a escola.

Na realidade, a criança que um dia fomos pode ser vivenciada como uma fonte de dor, raiva, medo, constrangimento, humilhação, alguém a ser reprimido, repudiado, ignorado, esquecido. *Rejeitamos* essa criança da mesma maneira como, talvez, *os outros um dia nos rejeitaram,* e nossa crueldade para com essa criança pode continuar diariamente, indefinidamente, durante toda a nossa vida, no teatro da nossa própria psique, onde a criança continua existindo como uma subpersonalidade, como um *self-criança.*

Inconscientes do que estamos fazendo, nós, adultos, confessamos encontrar evidências de rejeição em toda parte, nos nossos atuais relacionamentos, sem nos darmos conta de que as bases dessa vivência de rejeição são internas, e não externas. Nossa vida inteira pode ser um ato de incessante autorrepúdio, enquanto continuamos em frente, queixando-nos de que os outros não nos amam.

Quando aprendemos a perdoar a criança que um dia fomos, por ela não saber, não conseguir fazer, não conseguir lidar, por sentir ou não sentir, quando compreendemos e aceitamos que essa criança estava lutando para sobreviver da melhor maneira

que podia, então o self-adulto não se coloca mais como adversário do self-criança. Uma parte não estará mais em pé de guerra com a outra parte. E as nossas respostas como adultos serão mais apropriadas.

O self-criança é a representação interna da criança que fomos no passado, a constelação das atitudes, sentimentos, valores e perspectivas que foram nossos há muitos anos e que desfrutam de imortalidade psicológica como componentes do nosso self total. Trata-se de um *subself,* de uma subpersonalidade, de um estado interior que pode dominar em maior ou menor extensão, a qualquer momento, e com base no qual às vezes funcionamos de maneira quase exclusiva, sem necessariamente nos darmos conta disso.

Podemos (de maneira implícita) relacionar-nos com o nosso self-criança de forma consciente ou inconsciente, benevolente ou hostil, compassiva ou áspera. Como espero que os exercícios deste capítulo venham a deixar claro, quando o self-criança é abordado de maneira positiva e consciente, pode ser assimilado e integrado ao Self total. Quando abordado de forma inconsciente e/ou negativa, o self-criança é abandonado, numa espécie de esquecimento alienante. Neste caso, quando o self-criança permanece inconsciente, é ignorado ou repudiado, ficamos fragmentados, não nos sentimos inteiros e, em alguma medida, sentimo-nos alienados de nós mesmos. Nossa autoestima fica comprometida.

Quando não é reconhecido, nem compreendido, ou é rejeitado e abandonado, o self-criança pode transformar-se num "criador de encrencas" que coloca obstáculos à nossa evolução, assim como ao nosso prazer de existir. A manifestação externa deste fenômeno é aquilo que às vezes constatamos como condutas pueris prejudiciais, como padrões de dependência inadequada, como personalidade narcisista, ou a sensação de que o mundo pertence aos "grandes".

Por outro lado, quando é reconhecido, aceito, acolhido e,

portanto, integrado, o self-criança pode ser uma fonte magnífica que enriquece nossas vidas, com seu potencial para a espontaneidade, para a ludicidade, para a imaginatividade.

Antes que você possa dar as boas-vindas ao self-criança e integrá-lo, para que coexista num relacionamento harmonioso com o restante de sua pessoa, você deve primeiro entrar em contato com essa identidade de seu mundo interior. À guisa de introdução de clientes e alunos ao seu self-criança, peço-lhes, às vezes, que entrem numa fantasia, que se imaginem andando por uma estrada perdida no campo e que, a distância, vejam uma criança pequena sentada perto de uma árvore; à medida que vão se aproximando, percebem que aquela criança é alguém que um dia já foram. São incentivados a conversar em voz alta, a aprofundar a realidade da vivência. O que querem ou precisam dizer um ao outro? Não é raro haver lágrimas; às vezes há alegria. Mas sempre existe a conscientização de que, de alguma forma, a criança ainda existe dentro da psique (como estado anterior) e tem uma contribuição a dar para a vida do adulto — e, com isso, um self mais completo e mais rico emerge da descoberta. Muitas vezes, existe a triste constatação de haver equivocadamente pensado que era preciso livrar-se daquela criança para poder crescer.

Quando trabalho com um cliente para a integração de seu self-criança, costumo sugerir que realize este simples exercício, que você mesmo pode executar com facilidade. (Se você quiser, peça a alguém que leia as instruções seguintes para você, em voz alta; senão, você pode gravá-las numa fita cassete, para depois ouvi-las; ou então leia-as, simplesmente, até dominá-las, antes de começar o exercício.)

Reveja durante algum tempo fotografias de quando você era criança (se tiver alguma foto desse período; se não tiver, faça o exercício mesmo sem elas). Agora feche os olhos e respire algumas vezes o mais profundamente que conseguir. Volte-se para seu interior e veja o que acontece quando você se pergunta

o seguinte: Como você se sentia quando tinha cinco anos? Como você imagina que sentia o seu corpo então?... Como se sentia quando ficava triste?... Como se sentia quando ficava excitado?... Como se sentia vivendo em sua casa?... Como você se sentava? Sente-se da maneira como você *imagina* que se senta uma criança de cinco anos. Preste atenção aos seus sentimentos. Permaneça nessa vivência.

Se você apenas realizar este exercício todos os dias, durante duas ou três semanas, e nada mais, começará a armazenar não só uma conscientização mais intensa acerca do seu self-criança, mas também um nível, para integrá-lo, superior ao que você provavelmente consegue no momento, porque estará dando o primeiro passo no sentido de tornar o seu self-criança *visível* e de levá-lo *a sério*.

O trabalho de complementação de sentenças é um recurso mais adiantado e poderoso para despertar a percepção consciente de seu self-criança e para facilitar a integração do mesmo. Como já mencionei antes, use um caderno e anote cada uma das sentenças incompletas abaixo relacionadas no alto de uma página em branco. Depois complete com seis a dez conclusões para cada uma delas, trabalhando de modo tão rápido e isento de críticas quanto puder, *inventando* quando for preciso, para não quebrar o ritmo.

Quando eu tinha cinco anos...

Quando eu tinha dez anos...

Quando penso no que o mundo me parecia quando eu era bem pequeno...

Quando penso em como sentia meu corpo quando eu era bem pequeno...

Quando penso em como sentia as pessoas quando eu era bem pequeno...

Com meus amigos eu me sentia...

Quando me sentia sozinho eu...

Quando me sentia excitado eu...

Quando me lembro do que a vida me parecia quando eu era bem pequeno...

Se a criança que há em mim pudesse falar, ele/ela diria...

Uma das coisas que precisei fazer quando criança para sobreviver foi...

Uma das maneiras como trato o meu self-criança e que é igual à maneira como minha mãe o fazia é...

Uma das maneiras como trato o meu self-criança e que é igual à maneira como meu pai o fazia é...

Quando minha criança interior se sente ignorada por mim...

Quando minha criança interior se sente criticada por mim...

Uma das coisas que essa criança faz para me colocar em apuros é...

Acho que estou agindo como meu self-criança quando...

Para que essa criança possa ser aceita por mim...

Às vezes, o difícil em aceitar completamente essa criança interior é...

Se eu conseguisse perdoar mais o meu self-criança...

Eu seria mais delicado com minha criança interior se...

Se eu escutasse as coisas que essa criança precisa me dizer...

Se eu aceitar plenamente essa criança como uma parte valiosa de mim...

Estou começando a perceber que...

Quando olho para mim deste ângulo...

Fiz com que alguns clientes realizassem esse exercício algumas vezes, a intervalos de cerca de um mês. Pedi a eles que não

olhassem quais tinham sido os finais anteriormente escritos. Cada vez que escreviam uma conclusão inédita, isso os levava a se aprofundarem mais. Sem terem realizado qualquer outro trabalho nesta área, obtiveram níveis extraordinários de perspicácia e integração, que resultaram em autocura e em resgate da própria autoestima.

Recomendo que você experimente completar este conjunto de sentenças e descubra o que ele pode fazer por você. Com esse exercício, tornar-se-á mais real para você como esse tipo de trabalho pode beneficiar sua autoconfiança, seu respeito por si mesmo, seu senso de totalidade.

Eis agora um nível mais avançado de trabalho, que pode ser feito sobre o território desbravado com os exercícios anteriores. Comece novamente com *Quando eu tinha cinco anos...,* prosseguindo com *Uma das coisas que meu self de cinco anos precisa receber de mim e nunca recebeu é...* Agora, complete: *Quando meu self de cinco anos tenta falar comigo..., Se eu tivesse disposição para ouvir o meu self de cinco anos com aceitação e compaixão..., Se eu me recusar a estar disponível para o meu self de cinco anos..., Quando penso em voltar atrás para ajudar o meu self de cinco anos...* Agora faça a mesma sequência para as idades de seis, sete, oito, nove, dez, onze e doze anos. Você irá produzir um milagre de autocura.

Finalmente, depois que você sentir que já estabeleceu uma boa noção de seu self-criança como uma entidade psicológica, algo que esse exercício de complementação de sentenças deve ter-lhe proporcionado, considere mais um exercício para facilitar a integração do mesmo, exercício ao mesmo tempo simples e de extraordinário poder.

Use o tipo de imagens que quiser - visuais, auditivas, cinestésicas - para gerar a sensação de seu self-criança em pé, à sua frente. Depois, sem dizer palavra, imagine que está recebendo essa criança em seus braços, abraçando-a, acariciando-a de leve, para que se instaure uma relação

acolhedora entre vocês. Permita à criança reagir ou não, de maneira positiva. Permaneça suave e firme. Deixe que o toque de suas mãos, de seus braços e de seu peito comunique aceitação, compaixão e respeito.

Lembro-me de uma cliente chamada Charlotte que no início teve dificuldade com este exercício porque, como dizia, seu self-criança era uma amálgama de dor, ira, desconfiança. "Ela fica o tempo todo escorregando", disse Charlotte. "Ela não confia em mim - em ninguém." Assinalei que dadas as vivências de seu passado, esta reação era perfeitamente natural. Depois acrescentei: "Imagine que me aproximo de você com uma menina e digo: 'Aqui está alguém de quem eu gostaria que você cuidasse. Ela passou por algumas situações bastante ruins e desconfia muito de todo mundo. Só para dar um exemplo, um tio tentou abusar sexualmente dela e, quando ela quis contar para sua mãe, esta ficou zangada com ela. Então ela se sente abandonada e traída. (Charlotte havia passado por esta experiência aos seis anos.) Seu novo lar - e sua nova vida - será com você. Provavelmente, você terá que ensiná-la a confiar em você e a perceber que você é diferente dos outros adultos que ela conheceu. Mais tarde, você pode falar com ela e ouvir, deixar que ela lhe conte as coisas que sentir vontade e necessitar que um adulto compreenda. Mas, primeiro, apenas a abrace. Faça com que ela sinta segurança através da qualidade de seu ser, da qualidade de sua presença. Você pode fazer isso?'"

"Sim", respondeu Charlotte com intensidade. "Até aqui, tratei-a como todos os outros a tinham tratado. Fingia que ela não existia, que não estava aqui, porque a sua dor me assustava. Acho que eu também a culpava, *quase como minha mãe fez.*"

"Então feche os olhos, crie essa menina à sua frente, depois receba-a em seus braços e deixe que ela sinta o seu acolhimento. Como é isso para você?... O que sera que você gostaria de dizer para ela?... Não se apresse, fique nessas

sensações.”

Mais tarde, Charlotte disse: “Durante todos esses anos tentei ser adulta negando a criança que um dia fui. Eu sentia muita vergonha, muita magoa, muita raiva. Mas senti-me como um adulto de verdade pela primeira vez quando a peguei em meus braços e a aceitei como parte de mim.”

Essa é uma das maneiras de se formar a autoestima.

29. Recordando a criança

JEAN HOUSTON

A professora e filósofa Jean Houston pede-nos, com este exercício, que voltemos à criança e a recebamos sem reservas. Trata-se de uma abordagem bastante prática para evocar aquilo que a sra. Houston chama de "um senso ampliado de ser". É recomendável que você pratique este exercício com outra pessoa servindo de guia. "Recordando a criança" foi extraído do livro de 1982 da mesma autora, intitulado The Possible Human.

O que aconteceria se você, em sua idade atual e sabendo o que sabe agora, pudesse voltar atrás e tornar-se o grande amigo e guia de você mesmo, quando criança? As muitas pessoas que vivenciaram essa aventura relatam que a criança, dentro delas, parece reagir positivamente a essa amizade, de tal maneira que elas sentem como se sua vida passada tivesse sido enriquecida, embora não necessariamente modificada. Em seu estado adulto presente, sentem os efeitos que resultam de vivenciar uma vida anterior enriquecida, muitas vezes sentindo-se mais fortes, mais seguras e joviais, mais criativas, e até mesmo começando a perder alguns comportamentos incapacitantes e neuróticos que podem ter-se iniciado na infância.

Lembre-se de que, à medida que você volta em sua vida passada para encontrar- se com a criança que vive dentro de você, é conveniente que você escolha encontrar essa criança em algum momento em que ela teria sido receptiva à chegada de um desconhecido simpático. Muito poucas crianças são capazes de dar as boas-vindas a uma pessoa nova quando estão passando por um forte trauma emocional. Assim que você e sua criança se tornarem conhecidos um do outro e se aceitarem mutuamente, você poderá repetir o exercício em outras ocasiões e abordar áreas mais sensíveis. Você Pode escolher como

momento do encontro a ocasião em que a criança vai para a escola pela primeira vez, quando cai um dente, quando ela precisa de um empurrãozinho no balanço ou de alguém com quem conversar no escuro.

No segundo estágio deste exercício, você irá entrar em contato com a pessoa que virá a ser no futuro, permitindo a todas as três - você agora, você no passado e você no futuro — sentirem a renovação inerente a este encontro. Pode ser possível avançar no tempo, tanto quanto recuar até o passado. Se mantemos essa perspectiva, os eus futuros podem estar dispostos a acolher e redimir nossa existência presente, tendo ao mesmo tempo a capacidade de fazê-lo. Com toda a razão, a física moderna sugeriu que o tempo não é linear, mas, ao contrário, constitui uma dimensão onipresente da realidade, e que são apenas as nossas limitações vivenciadas que nos mantêm presos à perspectiva sequencial de acontecimentos nesta dimensão.

Preparação

Este exercício é mais bem executado quando uma outra pessoa serve de guia e lê as instruções. O guia precisará soar um tambor ou gongo para assinalar a passagem do tempo. Se isso não for possível, as instruções e o ritmo do tambor ou gongo podem ser gravados em fita.

O exercício

Estágio um: Dar as boas-vindas a você mesmo quando criança

Sente-se, de olhos fechados, respire profundamente e acompanhe a inspiração e a expiração. Para este exercício, *faça de conta* que o seguinte é verdade: que ainda existe em você um ser que é criança, que não sabe que, em outro momento de sua existência, já está adulto.

Conforme soa o gongo (ou tambor), chame esta criança para vir à frente, saindo de onde está. Você pode querer abrir sua mão direita para que a criança a alcance. Essa criança, que foi você, pode aparecer enquanto soa o tambor ou o gongo, ou depois dos

sons terem acabado. Em ambos os casos, assim que você sentir sua presença, seja atencioso com ela. Há quem prefira fazer isso usando a imaginação ativa, enquanto outros embalam a criança ou dão uma volta com ela; faça este exercício de maneira totalmente ativa. Encontre a maneira que lhe parecer certa para você.

Você pode até achar que sente uma mãozinha em sua mão direita. Perceba quais são as necessidades e a personalidade dessa criança. Se ela quiser, pegue-a no colo. Fale com ela. Passeiem juntos. Leve-a, se quiser, ao circo, à praia, ao zoológico, ou deixe que ela o leve a outros lugares. Brinque com essa criança que você foi. Dê-lhe amor, amizade, acolhimento, e permita-se receber dela, que na realidade pode ter tanto ou mais a oferecer a você do que você a ela. Você tem quinze minutos para começar a amizade consigo mesmo quando criança.

Se você sair, será chamado de volta pelo som de uma campainha.

O guia então fará soar o tambor ou o gongo, lentamente, entre trinta e sessenta vezes.

Neste momento, dependendo de você querer ou não passar para a próxima sequência deste exercício, você pode fazer várias coisas. Se o exercício estiver sendo feito em grupo, você pode reunir-se a mais uma ou duas pessoas, formando um pequeno círculo, e cada uma dessas pessoas virá com sua criança, de modo que os adultos e suas "crianças" partilharão das experiências. Deixe sua criança falar e agir através de você, beneficiando-se, ao mesmo tempo, de sua consciência amadurecida. Neste tipo de troca em grupo, a realidade da criança é respeitada e, dessa forma, torna-se mais clara.

Se você estiver realizando este trabalho interior sozinho, faça alguma coisa com a criança - um desenho, um bonequinho de argila, um poema - que sirva para lembrar você deste encontro e do que você aprendeu. Trabalhe com sua criança como parceira

na execução deste trabalho.

Quando este processo estiver completo, você pode se despedir da criança, assegurando-lhe que voltará para visitá-la com frequência, se for essa sua intenção. Se você agora decidir partir para a sequência seguinte, em que você é recebido de braços abertos pelo seu self ampliado, diga à criança que voltará a chamá-la em poucos minutos.

Estágio dois: Ser recebido de braços abertos pelo seu ser ampliado

Nesta próxima sequência, você se torna como uma criança para a versão ampliada de si mesmo. Esse self ampliado é sua *enteléquia* — aquele que você disse que viria a ser e que poderia ser, se realizasse seu potencial ao máximo. Esse Self Superior é o carvalho do qual, hoje, você é ainda apenas a bolota. Estamos presumindo que, em algum plano de sua psique, este ser já existe, assim como a criança que você foi ainda persiste.

Feche os olhos e acompanhe o percurso de sua respiração, inspirando e expirando, e então tome consciência do seguinte: seu ser ampliado está prestes a entrar na realidade presente e a ser, para você, o que você foi para sua criança. Este é o ser superior a você, pleno de sabedoria e graça, livre de mesquinharias e futilidades, repleto de amor fortalecedor, que tem múltiplos meios para conhecer, aprender e compartilhar. Este é o Sábio em você, é você com uma centena de anos a mais, capaz de trabalhar conscientemente consigo mesmo.

Agora, ao ouvir o som do gongo ou do tambor, este ser potencial estará tornando-se real, pois ele é realmente verdadeiro. Este self ricamente ampliado está vindo ao seu encontro, procedente de uma dimensão que está além do espaço e do tempo.

Soe o gongo ou tambor, lentamente, entre dez e vinte vezes.

Quando este ser chegar e cuidar de você, deixe que ele lhe dê

alento, fortaleça e desperte. Receba os dons que seu Self Superior tem a lhe oferecer e deixe-se aprimorar por ele.

Tome de cinco a dez minutos do seu tempo para fazer essa experiência.

Sentindo-se orientado e atendido, amado, recebido com respeito, evocado, chame de novo a criança que você foi. Segure-a em seus braços, da mesma forma como está sendo acolhido pelo seu próprio ser ampliado. Agora, vocês três estão reunidos, numa trindade que é uma perfeita união. Deixe que o *continuum* de amor, encorajamento e fortalecimento interior flua entre vocês três, de tal sorte que a criança ofereça seu frescor de perspectivas ao ser que foi ampliado enquanto este vitaliza a criança e você se entrega a ambos.

Tome cinco minutos do seu tempo para fazer esta experiência.

Libere agora tanto a criança como o self ampliado, para que ambos possam regressar a seus locais naturais de origem, sabendo que podem ser convocados ao seu plano de realidade quando necessário. Saiba também que essas duas partes de sua pessoa têm acesso entre si e que essa comunhão e comunicação é uma prática elevada que deve ser alimentada, para ser conhecida.

Agora, voltando à sua realidade habitual, permaneça em silêncio por alguns minutos, enquanto vai lentamente abrindo os olhos. Reflita sobre o que lhe foi ofertado e sobre o que você ofereceu. Sinta a ampliação de sua pessoa fluindo por todo seu corpo, conforme você começa a andar. Fale sobre isso, se quiser, com outra pessoa, ou anote em seu diário.

Discussão

Como sugeri anteriormente, um senso ampliado do próprio ser é evocado neste exercício. Conhecendo a presença viva da criança interior e a promessa da pessoa em quem você está se transformando, você está livre para valer-se destes dois seres, para enxergar a realidade presente por meio dos olhos deles e,

dessa maneira, abrir múltiplas perspectivas que conservem a integridade de suas próprias experiências e de sua própria natureza.

Embora isto pareça verdadeiro para a maioria das pessoas, ainda existe a possibilidade de uma ampla gama de reações individuais, que vão desde a mordacidade até a morbidez e as gargalhadas de rolar pelo chão. Uma mulher que não tinha qualquer lembrança de seu pai, que havia falecido quando ela estava com três anos, descobriu- se com sua criancinha de dois anos, enquanto o pai lhe cantava canções de ninar. Outras pessoas têm-se surpreendido ao descobrirem a grande capacidade de recuperação e a força de sua criança.

Você pode aumentar a força e as possibilidades deste exercício se permitir que a sua criança e o seu Self Superior tenham, cada qual, uma parcela legítima do seu dia, um tempo no qual você se diverte ou ouve música - paga suas contas! - guiado pelo saber peculiar deste ser. Alguns pais, mães e professores descobriram que sua criança interior tem tido uma grande capacidade de percepção a respeito das crianças exteriores, oferecendo conselhos úteis e introvisões que esclarecem o que se passa com a criança cabeçuda de nove anos, ou com o adolescente choroso. O Self Superior oferece uma sensação de tempo diferente, ao inserir o drama e o trauma - e até mesmo o tédio — do momento numa perspectiva mais ampla e profunda. Quando estes seres se tornarem seus aliados, você terá ampliado os horizontes de seu self contido no tempo.

30. Revendo os filmes de sua infância

ADELAIDE BRY

Este capítulo aplica técnicas modernas de visualização à recuperação da criança interior. O mesmo apareceu, originalmente, como parte de um livro desta autora, decorrente de sua extensa pesquisa e intitulado Visualization: Directing the Movies *of* Your Mind. *Trata-se de uma perspectiva inteiramente nova sobre a criança interior; com uma piscadela e um acenar de cabeça, a autora e psicoterapeuta Adelaide Bry pede-lhe que dê uma olhada nas verdadeiras vivências de sua criança, com sua sensibilidade de adulto, e descubra a verdade que ela sempre soube e guardou o tempo todo.*

A autora diz que, quando estava preparando o livro, certa vez perguntou, durante uma visualização, como poderia apresentar a incrível verdade das técnicas de visualização de "tal modo que pudesse tocar profundamente as pessoas, ajudá-las a se aproximarem mais da totalidade e da felicidade, abrindo-as para este processo de extrema relevância". Uma adorável criança dourada apareceu no espaço à sua frente e entregou-lhe a seguinte mensagem: "Fale com a criança dourada que existe em todos e em cada um."

Eu informo ao paciente... que verá à sua frente uma recordação. E rogo-lhe que comunique a mim essa imagem ou ideia.

- Sigmund Freud

Desafio-o a se lembrar de como as coisas *realmente* eram quando você estava crescendo.

Para início de conversa, quem mandava em sua casa - sua mãe ou seu pai? Quando estavam juntos, *como* estavam juntos? Um conduzia o outro... eram parceiros... ou ambos tinham poderes iguais, embora distintos?

Com estas indagações em mente, você está pronto para dirigir o

seguinte filme mental.

I. Roteiro: Pais correndo pelo campo

Comece fechando os olhos e relaxando. Respire profundamente, a partir do abdômen, e sinta a suave descontração que flui através do seu corpo.

Agora, na sua imaginação, veja uma verde e adorável campina, na primavera. Quando a estiver vendo com bastante nitidez, com a grama, as árvores em volta dela, as florezinhas do campo, e até mesmo as borboletas e o som soprando entre as folhas, veja sua mãe e seu pai correndo por essa campina.

Olhe-os bem de perto e veja qual a expressão que têm no rosto e como seus corpos se movimentam. Embora a ideia de os dois estarem correndo pelo campo possa estar muito distante da vida real, deixe-se ir com a fantasia e vê-los fazendo isso. Não faz diferença se estão com a idade atual ou se se parecem com os pais que foram quando você era criança. A verdade da história é a única coisa que importa aqui.

Enquanto você os observa, faça a si próprio estas perguntas: Estão os dois correndo, ou um deles se recusa a ir? Quem está correndo mais depressa? Estão correndo com pressa, em velocidade moderada, ou devagar, quase parando? Que aparência têm os seus corpos enquanto estão correndo - estão tensos, descontraídos, frouxos, rígidos? Sem pressa, veja o filme desenrolar-se observando tudo o que acontece.

Esta visualização faz com que você veja seus pais sob uma nova luz, de um modo que talvez seja muito diferente daquilo que você costuma *acreditar* que corresponda a eles. Você, provavelmente, perceberá que suas imagens da corrida de ambos pelo campo correspondem ao modo como eles se moveram pela vida. Depois de fazer o exercício e não antes, espero, eis algumas diretrizes para ajudar na interpretação.

Na nossa cultura, é comum ver o pai correndo mais depressa que a mãe, pois o mais provável é que o homem seja a figura

dominante na família. Se a mãe corre mais depressa, isso indica que ela pode ter sido a pessoa dominante no casal.

Quando suas pernas se movimentam de maneira livre e eles estão descontraídos enquanto correm, temos um sinal de um ambiente doméstico relativamente descontraído. Embora talvez tenham existido áreas de conflito na sua infância, provavelmente não foram sérias ou drásticas.

As pessoas que tiveram muitos conflitos com os pais e fizeram este exercício geralmente os descrevem correndo de modo rígido; aliás, a rigidez mental e a rigidez das pernas andam juntas, tanto na vida como na fantasia. Quando o pai ou a mãe apresenta tendência à autopiedade ou a ser mártir, em geral tem membros rígidos, nas visualizações.

Uma moça que estava tendo dificuldade para se afastar do controle de sua mãe contou-me que via os pais correndo por um campo dourado brilhante e magnífico, com grandes nuvens brancas pairando acima. Correram juntos até o alto de uma colina de longas e inclinadas encostas, e o pai corria de punhos cerrados; então, repentinamente, a mãe arrancou sozinha, como se estivesse determinada a vencer uma corrida. Ao contar o enredo de seu filme, a moça reconheceu como as imagens correspondem à sua situação real: "Minha mãe ultrapassava a todos nós, com sua irada determinação," observou ela com amargura. Ficou em silêncio por um instante e depois começou a chorar. "Também vejo em seu rosto uma coragem monumental."

Essa sessão mostrou ser uma grande reviravolta em sua vida. Ela viu a mãe como realmente era: irada, determinada - e também corajosa. Ter posto a mãe em perspectiva ajudou-a a se colocar também em perspectiva, e começou a ver que poderia comandar sua própria vida.

Um outro paciente começou vendo a mãe correndo ao lado do pai. Depois, sem qualquer aviso, ela se virou e correu na direção oposta, diante do que o pai a seguiu, incontinenti. Essa

imagem desencadeou nele uma torrente de lembranças, muito diferentes daquela que ele antes lembrava a respeito do pai, e também lhe deu uma nova compreensão de seu próprio casamento. Tal como seu pai, ele era o apaziguador no relacionamento conjugal, muitas vezes às custas de seus sentimentos e de suas necessidades mais profundas.

Esta técnica específica é criação de Akhter Ahsen, psicólogo paquistanês que veio há dez anos para os Estados Unidos, trazendo uma teoria que ele denominava "olho psíquico". Conheci Akhter logo que chegou à Filadélfia e comecei a considerar, então, pela primeira vez em minha vida, o valor das imagens, mais do que o das palavras, para chegar à verdade sobre o passado de uma pessoa. "Palavras não são vivência," ele me dizia então. "Elas apenas falam sobre a experiência." Desde o meu primeiro encontro com Akhter, que se tornou um dos maiores especialistas do país nesse campo, meu fascínio pelas imagens mentais tem aumentado cada vez mais.

A visualização dos pais no campo foi uma das que usei comigo própria. Ao criar a cena de meu pai e minha mãe correndo pelo campo, vi minha mãe — que tinha artrite e andava com dificuldade - puxando meu pai pelo braço e quase arrastando-o por aquele campo. Isso foi suficiente para me convencer da validade do método Akhter. Embora eu não admitisse isso, minha mãe dirigia nossa casa com mão de ferro!

A brincadeira de detetive na sua casa de infância

Freud, o próprio mestre, usou a visualização por algum tempo, mas depois parou, em favor de outros instrumentos analíticos. Se tivesse continuado, todo o contexto da psicoterapia, nos últimos cinquenta anos, poderia ter sido diferente.

O que acontece com muitas pessoas que entram em terapia é que simplesmente repetem para o terapeuta as palavras que estão repetindo em sua mente há muito tempo. Falar dos sentimentos não é o mesmo que vivenciá-los. Por causa disso, existe hoje um grande número de pessoas que trabalham com as

imagens mentais, tanto como técnica terapêutica preferida, como na qualidade de recurso acessório, para fazer com que os pacientes saiam de seus entrincheirados padrões mentais, no que diz respeito à infância.

Quando o paciente revê os filmes de sua meninice, mesmo que apenas por poucos segundos, isso de fato o lança para fora dos antigos e, muitas vezes, imobilizantes pensamentos, permitindo-lhe, nesse voo, ver a antiga situação de uma perspectiva interior diferente. O trazer para o campo da consciência essas antigas lembranças tem o poder de curar as antigas mágoas e, com isso, as pessoas se aproximam ainda mais da totalidade.

Na minha própria experiência clínica presencio que, embora possam estar muito infelizes, os pacientes se apegam às distorções que elaboram sobre os acontecimentos do período em que estavam crescendo. A maneira mais eficiente que encontrei de atravessar essa parede consiste em convidá-los a brincarem de detetive em sua casa de infância.

Sugiro que se vejam deitados na cama, na infância, observando tudo que está à sua volta, as rachaduras do teto, a sensação da coberta, o odor da casa, os sons abafados dos pais conversando em outro aposento.

Depois de ter digerido a vivência de seus pais correndo por um campo, sugiro que você investigue as imagens correspondentes à sua própria infância. Posso prometer que serão fascinantes e, além disso, você também poderá descobrir uma sensação maravilhosa ao liberá-las.

II. Roteiro para rever o filme da sua infância

Escolha qualquer momento ou lugar da sua vida e veja-se nele. Quando o filme começar a passar, preste uma atenção particular aos detalhes ou ao local em que você se encontra. Sinta-se realmente ali e, dessa maneira, estará criada a cena para o desenrolar do enredo.

As coisas mais importantes a serem observadas nesse filme são

seus pensamentos e julgamentos. Conscientize-se deles quando vierem — "Eu estava certo, ele estava errado"; "Eu sou bom, ela foi ruim"; "Nunca fiz nada que prestasse," etc. - *e deixe então que suavemente flutuem para longe de sua mente. Cada um destes impulsos negativos simplesmente reforça antigos pensamentos e impede que seu filme seja projetado sem empecilhos.*

É possível que você veja filmes infelizes, e até amedrontadores. Da mesma maneira como você faz quando está vendo um filme de terror no cinema, simplesmente o observe e perceba quais os sentimentos que ele evoca, sabendo que passarão. Quando você se dispõe a olhar para a imagem que causa incômodo, muitas vezes ela se transforma por si em algo mais feliz.

O dr. Robert Leichtman, psiquiatra de Baltimore que trabalha com as imagens internas, sugere que, quando você vir uma imagem assustadora - humana ou animal - em sua tela particular de projeção, ofereça-lhe um pouco de comida.

Ele conta a história de uma paciente que viu um urso gigantesco aparecer diante dela no momento seguinte à visualização de sua mãe e de seu pai. Ficou assustada com essa imagem e achou que poderia ser destruída. Quando o dr. Leichtman sugeriu que espalhasse mel no chão para oferecer ao urso, a imagem instantaneamente mudou, primeiro para um panda e depois para um fox-terrier brincalhão.

Nesse instante, ela pensou em seu pai, que sempre a havia assustado. Para sua surpresa, seu pensamento seguinte foi o de um homem que precisava de amor e ternura. Depois dessa constatação, seu relacionamento com o pai, até então muito defensivo, começou e mudar, e ela conseguiu sentir amor por ele. Por seu lado, ele se permitiu mostrar por ela o amor que havia retido, com medo de ser rejeitado. Essa adorável história de amor nos lembra, mais uma vez, que por trás de nossos medos se escondem afetividade, ternura e amor. Quando as pessoas aprisionam o que chamo de seus "sistemas afetivos",

distanciam-se de toda e qualquer emoção.

O dr. Peter Brill, psiquiatra na Universidade da Pensilvânia e pessoa de espírito livre, contou-me a seguinte história, em que empregou os filmes da imaginação para ajudar um homem com quem trabalhava a entrar em contato com seus sentimentos. Peter realiza *"workshop* de transição" para homens e mulheres cuja vida pessoal e profissional está em fase de mudança.

Essa pessoa, particularmente, um viúvo de quarenta e cinco anos, simplesmente não conseguia manifestar emoções; seu rosto era inexpressivo e morto. Contou a Peter que seu pai abandonara sua mãe quando ele tinha três anos e depois morrera. Havia sido criado pela mãe e pela avó e disse que sempre se sentira "congelado".

Como parte do programa do curso, os participantes foram instruídos a pensar num momento feliz ou infeliz de sua infância, focalizando a seguir o primeiro instante que lhes viesse à mente. Esse homem lembrou-se de quando tinha ido à escola pela primeira vez e do medo incrível que isso lhe causara. Repentinamente, lembrou-se de seu ursinho predileto, no qual não havia pensado durante anos.

À sugestão de Peter, ele desenhou o ursinho num grande pedaço de papelão. As lembranças começaram a jorrar. Recordou o quanto sua mãe e sua avó faziam gozações com ele por querer o brinquedo, e como se sentia humilhado. Lembrou-se especificamente do momento profundamente angustiante em que pôs o ursinho dentro do armário para sempre. Ao rever as cenas desse importante episódio de sua infância, uma torrente de lágrimas brotou e ele então se sentiu capaz de entrar em contato com outros sentimentos e de falar sobre eles.

Ao explicar-me o que acontece num caso como estes, Peter disse-me acreditar que os eventos importantes de nossa vida são, basicamente, experiências visuais, retidas em nossa memória como imagens. Assim como aconteceu com outros profissionais que estão agora trabalhando com este notável

recurso, ele descobriu que as pessoas têm acesso a esses acontecimentos muito melhor através das imagens armazenadas no seu interior do que falando sobre eles.

Uma imagem vale mais que mil palavras

A psicossíntese, criada pelo dr. Roberto Assagioli, psiquiatra italiano, é um sistema extraordinário que usa imagens interiores, ao lado de outras técnicas, para psicoterapia, conscientização individual e crescimento.

Um exemplo deste sistema de grande eficácia pode ser visto na história verídica de uma mulher que identificava no marido dominador o principal problema de sua vida. Quando lhe foi pedido que visualizasse a maneira como se sentia em relação à vida conjugal, ela imediatamente se viu como um filhote de passarinho na palma da mão de alguém. Esse passarinho não conseguia livrar-se e estava sendo esmagado.

O terapeuta sugeriu que ela visse a mão abrindo-se. Quando o fez, o passarinho voou para um galho que estava próximo e pousou nele, recusando-se depois a sair dali. Por mais que tentasse ver o pássaro voar daquele galho, ele continuava ali, parado. Com base nessa imagem, ela viu claramente que era ela quem se permitia ser dominada pelo marido, porque isso lhe oferecia uma sensação de segurança. E disso emergiu uma nova constatação: que ela era a única responsável por sua situação e que tinha a liberdade de ser ou não dominada, dependendo apenas da sua escolha. Quando parou de culpar o marido por sua situação miserável, foi capaz de enxergar outras opções em sua vida.

Robert Gerard, psicoterapeuta de Los Angeles que trabalha com imagens, usa um roteiro de visualizações que chama de “a porta”. O paciente é solicitado a enxergar uma porta na parede, ou na entrada de uma casa e, sobre ela, deve imaginar uma palavra, que pode ser sugerida por ele mesmo: ansiedade, depressão, amor, ódio, esperança, por exemplo. Depois o paciente abre a porta e relata o que vê do outro lado. No filme

espontâneo que se segue, ele geralmente revê uma cena real de sua infância que está associada à palavra - os pais discutindo, talvez, ou ele mesmo numa sala de aula sendo alvo de gozações.

O que acontece aqui difere de simplesmente *lembrar* um incidente da infância que tenha sido especialmente perturbador, porque a palavra na porta ajuda-nos a expandir a maneira como enxergamos a cena original. Também a vemos com mais objetividade do que quando apenas a recordamos, uma vez que recordar, geralmente, tem uma qualidade possessiva, controladora.

Meu irmão, por exemplo, tinha uma estação de radioamador e eu me lembro de que ele às vezes costumava segurar meus dedos nos fios para me dar um leve choque elétrico (naturalmente, longe das vistas de nossos pais). Toda vez que volto a pensar nisso, revivo minha emoção original de medo e raiva. Quando usei a técnica de Robert Gerard e vi a palavra "medo" na porta, e depois passei por ela para observar o incidente de meu irmão dando-me um choque, minhas imagens forçaram-me a esquecer o que eu havia lembrado. Pela primeira vez, vi o medo nos olhos do *meu irmão* enquanto ele fazia isso, o que para mim foi uma revelação incrível. Depois olhei para mim e vi claramente que eu tinha provocado sua agressão ao irritá-lo e desafiá-lo. Depois de ter sintetizado minha memória com a verdade, nunca mais pude inocentemente recitar as linhas do antigo texto: "Quando eu era bem pequena, meu irmão costumava agarrar-me as mãos e dar-me um choque elétrico com aqueles fios." Essa história tinha um dia sido maravilhosamente útil para eu me enxergar como vítima, mas agora eu só podia aceitar tal versão como uma fração da verdade.

III. Roteiro para chegar à verdade

Neste exato momento, por certo, você tem uma raiva ou um ressentimento antigos ou atuais perpassando sua mente. Estes, ou o preocupam com assiduidade, ou brotam em sua mente

apenas naqueles momentos em que você não tem nada melhor a fazer de que tirar uma boa soneca. Para ajudá-lo a ir em frente, libertando-se desse peso, tente o seguinte:

Imagine a palavra que mais se aplica ao problema que você tem agora e veja-a claramente, em grandes letras garrafais de imprensa, escrita no alto de uma porta. Aproxime-se da porta e observe os seus detalhes. Talvez seja uma porta antiga, decorada com entalhes artísticos, ou uma porta muito simples, de madeira, com ou sem pintura. Veja novamente a palavra que você escolheu destacando-se claramente nessa porta.

Com suavidade, vá abrindo-a e olhe à sua frente, para a esquerda e para a direita, para ver o que está ali, da mesma forma como você faria se entrasse num aposento em que nunca esteve antes.

Se vir uma pessoa, comece a falar com ela sobre o seu problema. Se não vir nada além de um vasto horizonte, continue em frente e veja outra porta; passe por ela até encontrar uma pessoa ou animal com quem falar a respeito do seu problema, ou até achar um lugar onde possa ficar sozinho com ele.

Não se apresse, fique tempo suficiente com o seu problema. Depois, dê-se mais tempo para enxergar a verdade sobre essa situação. Podem entrar em cena antigas recordações e pessoas do passado, associadas a essas lembranças. Observe de que maneira elas se relacionam com o problema. Veja-as como elas são, mesmo que isso se mostre diferente do que você pensava a respeito delas.

Agora, abra os olhos e ponha o hemisfério cerebral esquerdo deliberadamente em funcionamento para esclarecer o que essas imagens lhe estiveram transmitindo. Você pode agora associar suas imagens à vida que leva hoje, fazendo-as trabalhar para você. O que elas lhe disseram é o que você precisa saber.

Ouse perguntar-se: "Quem Sou Eu?", e espere uma resposta

que seja profundamente satisfatória. O dr. Roberto Assagioli disse: "Você pode confiar em seu ser mais profundo, aprendendo a viver com base nesse alicerce. O você verdadeiro sabe tudo que você necessita saber, conhece o futuro, e irá conduzi-lo." O dr. Assagioli, assim como muitos outros que o seguiram, considerava a visualização um canal para o Self Superior — o cerne essencial do ser de cada um, a centelha de individualidade em todos nós, a conexão entre a pessoa e a vida como um todo — que é a fonte tanto da nossa individualidade como da nossa universalidade. É a partir deste ponto em nós que a vida adquire riqueza e significado e funciona como a fonte do prazer que a maioria de nós almeja conquistar.

31. Matando o dragão

JOSEPH CAMPBELL

Com a morte do grande mitólogo Joseph Campbell, em 1987, uma onda de interesse por seu trabalho parece ocorrer sincronicamente ao lançamento de livros, programas de televisão e vídeos. Considerando-se o quão amplos foram os horizontes de suas investigações e especulações a respeito da natureza universal dos motivos mitológicos, Campbell teve peculiarmente pouco a dizer sobre a criança ou a criança interior. Contudo, o que de fato disse foi claro, sucinto e objetivo, como o leitor poderá constatar logo abaixo. A questão que se coloca é bastante evidente: "De que modo nós podemos, como indivíduos, entrar em contato com a criança que vive dentro de nós?"

Transcreveremos um excerto das entrevistas que Campbell deu num programa de rádio ao vivo, de alcance nacional, chamado "Novas Dimensões", ao apresentador Michael Toms. O conjunto destes programas encontra-se transcrito em um livro publicado com o título: An Open Life: Joseph Campbell in Conversation with Michael Toms.

Tem-se falado dos gurus orientais, mas também temos gurus no Ocidente. Penso, por exemplo, no pessoal do movimento pró-potencial humano: algumas pessoas assumiram o papel de guru.

Essas pessoas estão seguindo o modelo oriental, eu diria. Mas *realmente* deve ser muito agradável ouvir algo como: "Você é iluminado? Eu sou! Então ouça! Não me venha com enrolação." Uma das coisas típicas do Oriente é que toda crítica desqualifica você como candidato à instrução ministrada por um guru. Pelo amor de Deus, isso é apropriado para a mente ocidental? Trata-se simplesmente de transferir sua submissão ao pai da infância para um pai de sua idade adulta, o que significa que

você não está crescendo.

De maneira semelhante, existe na psicanálise a ideia toda da transferência. O que você transfere para o analista? Você transfere todos os sistemas parentais de relacionamento - portanto, você continua limitado; ainda é submisso e dependente.

Quando você fala de maturidade na idade adulta lembro o que Jesus disse: "Você deve tornar-se como uma criancinha para entrar no reino do céu." *Vamos justapor essa sentença à idade adulta e á maturidade. Como é que elas se aproximam?*

Penso que ele falava da espontaneidade. Mas a resposta à sua pergunta está em Nietzsche, na sua introdução ao *Zaratustra*. É curioso falar de Nietzsche junto com Jesus, porque o comum é pensar-se nele como o anticristo, e ele mesmo se considerava um pouco assim. Mas foram ambos grandes mestres e os grandes mestres costumam dizer coisas semelhantes em línguas diferentes.

Nietzsche diz que há três estágios para o espírito. O primeiro é o do camelo. Ele se ajoelha e diz: "Ponha carga nas minhas costas." Essa é a condição da juventude e do aprendizado. Quando o camelo está bem carregado, ele se ergue sobre os próprios pés e corre para o deserto. Esse é o lugar para onde se dirige a fim de ficar sozinho para se encontrar, e ali é transformado num leão. A função e o feito de um leão é matar o dragão, e o nome do dragão é "Tu deves". Em cada escama do dragão há a inscrição de uma lei, e algumas datam de 2000 a.C., enquanto outras procedem do noticiário de ontem. Quando o camelo está bem carregado, o leão é potente e o dragão é morto. Veja, são duas coisas bem diferentes. Uma é submissão, obediência, aprendizado; a outra é forte e assertiva. E quando o dragão é morto, o leão se transforma numa criança.

Nas palavras do próprio Nietzsche, "uma roda que gira a partir de seu próprio centro". É isso o que a criança representa, nesta linguagem mística. O ser humano recuperou aquela

espontaneidade e inocência, aquela indiferença para com as regras que é tão maravilhosa na infância. O pequenino que se aproxima e diz coisas absolutamente constrangedoras para o desconhecido de visita em sua casa — assim é a criança; não a criança obediente, mas a criança inocente, que é espontânea e tem a coragem de viver seus impulsos.

Como podemos nós, enquanto indivíduos, entrar em contato com a criança que vive dentro de nós?

Matando o dragão que se chama "Tu deves".

Optando por não viver segundo as regras dos outros?

Certo. Respeitando-as mas não vivendo por elas. Respeitando-as mais ou menos da maneira como você respeita as luzes verde e vermelha dos semáforos. Existem outras regras que parecem aconselháveis - se, em sua própria inteligência, você vê que essa regra representa uma coisa decente, por exemplo. Mas uma regra que lhe é imposta como regra - "Tu não deves" — é uma outra história. Penso que se pode aprender a ter coragem, o que também implica assumir responsabilidade pelo que você está fazendo - sendo punido se você cometeu erros radicais que feriram terceiros. Isso pode ser feito.

32. A redenção da criança interior no casamento e na terapia

ROBERT M. STEIN

O dr. Robert M. Stein, analista junguiano que exerce a clínica há trinta anos, tem publicado trabalhos inteligentes e persuasivos sobre o tema da criança interior, sempre com honestidade e compaixão. Suas ideias a respeito da criança interior são originais e se baseiam numa abordagem construtiva e livre de sentimentalismos.

Stein concentra seu *enfoque nestas duas formas de relacionamento, o casamento e a psicoterapia, porque elas representam dois dos mais viáveis - e ameaçados - instrumentos de nossa cultura para o que chama de "cultivo da alma". Ele sugere que a criança interior negligenciada em ambos os parceiros domina a maioria das relações de casamento, mantendo marido e esposa fixos na dinâmica que predomina ente pais e filhos. A criança interior que sofre de mágoas decorrentes de relações amorosas, segundo Stein, também é o que em geral leva as pessoas a irem em busca de ajuda psicoterapêutica. Por conseguinte, podemos analisar o casamento e a terapia para encontrar e recuperar a criança interior. Este ensaio é tanto um recurso desafiador como instigante para a redenção da criança.*

O dr. Stein elaborou este ensaio especialmente para a presente coletânea, atualizando os dados relativos à criança interior originalmente publicados em sua já famosa obra Incesto e Amor Humano.

O casamento e a criança negligenciada

O casamento não é um casamento se não estiver baseado na masculinidade e na feminilidade essenciais do marido e da esposa. Quando a polaridade masculino/feminino começa a

deteriorar no casamento, este é um sinal indiscutível de que a criança interior negligenciada em ambos os parceiros assumiu o controle da relação. Essa situação é, provavelmente, a fonte de muitas insatisfações nos casamentos modernos. A pura masculinidade e a pura feminilidade se atraem fortemente. Não são inimigas, não são adversárias hostis, como parecem ser na maioria das relações conjugais de hoje.

Embora a masculinidade e a feminilidade informe da criança comecem a emergir assim que ela nasce - assim que é concebida, melhor dizendo - a criança não atinge sua identidade sexual enquanto não se torna consciente da própria sexualidade. E essa conscientização não pode ocorrer antes que os centros corporais de sua sexualidade despertem por completo, enquanto sua capacidade de tomar consciência não estiver desenvolvida o suficiente para receber o obscuro mistério da paixão sexual. Na maioria das culturas, os ritos de transição para a plenitude adulta masculina e feminina concentram-se, principalmente, em torno dos mistérios da sexualidade e da identidade sexual. A humanidade sempre considerou necessário ajudar a criança a atravessar essa perigosa passagem com a assistência de rituais complexos. São poucos os indivíduos da atualidade que completaram com êxito essa passagem psicológica para a maturidade masculina e feminina; portanto, a criança não-iniciada e amedrontada que vive em nós pede continuamente ajuda e instruções. E essa criança negligenciada domina a tal ponto o relacionamento conjugal que este rapidamente deteriora, transformando-se no conforto e segurança assexuados do relacionamento pais-filhos arquetípico.

Enquanto a criança não tiver sido iniciada nos mistérios da masculinidade e da feminilidade não estará pronta para o casamento. Enquanto a criança não se transformar em homem ou mulher, não poderá conter o mistério de sua própria natureza sexual obscura. Somente então é que marido e esposa irrompem em todo o esplendor e dignidade de sua própria masculinidade e feminilidade. Somente então podem, mais uma vez, vivenciar a

poderosa atração da polaridade sexual de que a alma necessita.

O que pode ser feito por essa criança negligenciada e insatisfeita para que ela possa, verdadeiramente, tornar-se homem ou mulher? É evidente a necessidade de algum rito de iniciação ou cura. Acredito que a análise junguiana pode ser esse rito. Mas é um ritual longo, lento e ainda inadequado. Com ou sem análise, a criança perturbada não tem necessariamente que dominar, se cada parceiro tentar, pelo menos, assumir a responsabilidade pelos cuidados devidos à sua própria criança interior.

A criança exigente é aquela que se deparou com muitas vivências destrutivas de resistência ao seu desenvolvimento peculiar, que foi levada a sentir-se culpada e envergonhada pela singularidade de sua própria natureza. A criança que há dentro do adulto precisa desesperadamente sentir que sua natureza é plenamente aceita, sentir-se absolvida da culpa deformante que detém até então o seu desenvolvimento. Infelizmente, a criança exigente em geral provoca críticas e censura por parte dos outros, especialmente quando fala no corpo de um adulto. O que essa criança quer é ter permissão para viver de forma espontânea e natural. Mas quando nós mesmos criticamos e rejeitamos nossa criança interior, como podemos esperar que os outros a aceitem? Além disso, mesmo quando os outros mostram compaixão por ela, o arquétipo do Progenitor Negativo, na nossa própria psique, se torna ainda mais rejeitador que os outros e, por conseguinte, a necessidade de aprovação da criança se torna insaciável, nunca conseguindo sentir-se genuinamente gratificada.

Quando a criança exigente que há dentro de nós lança sua súplica na direção de outra pessoa, costuma fazer com que esta caia no papel de Progenitor Negativo. É então que vivenciamos rejeição e traição, e uma sensação ainda mais profunda de inadequação e humilhação. Quando isso acontece no casamento, o fluxo de Eros encontra-se totalmente obstruído. Por certo, é

fundamental para o redespertar da ligação masculino-feminino o desenvolvimento da capacidade de conter os sofrimentos da criança exigente. Nós apenas prolongamos o processo de sua transformação toda vez que submetemos essa criança a mais situações de rejeição e humilhação.

É difícil conter as dolorosas necessidades da criança exigente porque elas sempre nos parecem muito corretas e despretensiosas: "Claro que todo ser humano tem direito a um pouco de amor e compreensão. Por que é que eu deveria sofrer e conter uma necessidade básica que é tão fácil de satisfazer? Mostre-me uma causa importante e significativa e eu lhe mostrarei o que consigo suportar! Mas por que é que eu deveria sofrer só porque você se recusa a fazer uma refeição decente ou manter a casa em ordem? Por que é que eu deveria suportar a dor que sinto por você me deixar sexualmente frustrado? Por que é que eu deveria sofrer por causa de sua frieza e ausência de compreensão por minhas necessidades tão simples e básicas? Uma pessoa desconhecida mostraria por mim mais afeto do que você. Simplesmente não vou mais tolerar isso! Você pode falar tudo o que quiser a respeito de sofrimento significativo, gritar a plenos pulmões, mas eu sei que tenho o direito de esperar algo e a simples delicadeza humana não é uma exigência grande demais..."

Aí está você. Temos o direito de privar o bebê de seu leite? De privar nossos entes queridos do leite da delicadeza humana, da simples compreensão? Bem, o bebê ou a criança certamente têm o direito de esperar que seus pais satisfaçam algumas de suas necessidades básicas. Marido e esposa, no entanto, não são os pais um do outro; esperar mais do que honestidade e abertura mata o fluxo de amor entre ambos. E, se a criança interior ainda persiste em exigir do outro os seus direitos, o casamento permanecerá imobilizado no padrão arquetípico Pai-Filho. Não há possibilidade de qualquer ligação vital entre homem e mulher, então, e nenhuma autêntica sexualidade. Portanto, minha resposta ao homem e à mulher que não enxergam motivo para

suportar as exigências "justificadas" de sua própria criança negligenciada e frustrada é a seguinte: não há nenhuma esperança de mudança real no seu casamento, nenhuma chance de retomar a ligação com os grandes ritmos naturais de seu próprio ser e do cosmo, enquanto isto não for plenamente reconhecido e vivido, e seu casamento só pode ser uma prisão estéril ou um campo de batalha.

A transformação da criança exigente não pode ocorrer, porém, sem uma mudança interna paralela no arquetípico do Progenitor Negativo. Assim que alguém exige do outro aquilo que sente que é seu "direito", é ativado no outro o Progenitor Negativo, crítico e rejeitador. E acrescento o seguinte: o Pai Negativo é constelado também na própria pessoa tão logo ela *começa* a sentir-se magoada ou enraivecida porque alguém a menosprezou, ou não lhe deu aquilo que ela sente que tem o "direito" de esperar.

Quero agora descrever de que maneira vejo o Progenitor Negativo funcionando no plano interno. Ele entra em cena assim que a criança interior começa a exigir seus direitos, suas simples necessidades de amor, compaixão e compreensão. O Progenitor Negativo nos faz sentir culpados por termos necessidades tão pueris e imaturas: "Será que você não consegue ficar em cima das suas próprias pernas? Que criancinha dependente, sem nenhum valor, que você é - uma nulidade."

Somos então esmagados por palavras como estas e fazemos um esforço determinado para nos levantar sozinhos desta posição tão rebaixada. Com isso, rejeitamos as necessidades da nossa criança interior. Mas ela é persistente e em breve reaparece com suas exigências, e até com maior insistência do que antes. Agora a batalha está em sua máxima fúria e vemo-nos imobilizados entre estas duas forças adversárias: a criança de nossa própria natureza e a força antivida do Progenitor Negativo. E tornamo-nos desvitalizados, paralisados por tudo

isso, sem saber que rumo tomar. Se nos aliamos ao Pai Negativo, nossa força vital interior submete-se à sua mão de ferro e sentimo-nos aprisionados. Se nos aliamos à criança, na tentativa de conseguir que os outros satisfaçam as nossas necessidades, apenas recebemos, de fora, a mesma reação do Progenitor Negativo.

Esse dilema só pode ser resolvido quando conquistamos a capacidade de conter a batalha, o que possibilita ao Progenitor Negativo interior transformar-se, enfim, em Progenitor Positivo que ampara e provê a criança. Essa criança interior começa então a receber a compaixão de que necessita, e pode descobrir quais são os melhores meios possíveis de satisfazer suas necessidades instintivas negligenciadas.

A psicoterapia e a criança negligenciada

As pessoas vão em busca de ajuda psicoterapêutica por causa da dor, do desespero, da raiva e das necessidades insatisfeitas da criança interior negligenciada. Uma repetição dos padrões que acabamos de descrever na sua forma conjugal logo se manifesta na relação terapêutica. Elaborar essas profundas mágoas da infância, ao serem ativadas na assim chamada transferência para o terapeuta, pode ser enormemente curativo. O termo transferência descreve o fenômeno pelo qual uma pessoa transfere (projeta) uma vivência reprimida do passado para o terapeuta, ou seja, o paciente pode vivenciar o terapeuta como uma autoridade paterna ou materna não-afetuosa, crítica e condenatória.

Na infância, todas as funções psíquicas que acabam humanizando a criança são primeiro vivenciadas como atributos dos outros. Enquanto porções vitais da própria totalidade da pessoa forem suficientemente internalizadas, ela vive num estado contínuo de dependência psíquica. A iniciação à fase adulta é, antes de mais nada, um processo por meio do qual as projeções arquetípicas contidas pelas figuras parentais são gradualmente resgatadas e internalizadas pela pessoa que as

projetou. Na nossa cultura, tem- se registrado um sério colapso nesse processo essencial de humanização. O fenômeno por meio do qual uma pessoa se torna portadora de um fator arquetípico inconsciente ou negligenciado no lugar de outra sempre ocorre quando ela se sente poderosamente atraída ou repelida por essa outra pessoa.

A projeção arquetípica não necessariamente diminui à medida que a pessoa se aproxima do equilíbrio interior. É provavelmente um fator essencial a qualquer relacionamento dinamicamente criativo, tornando-se negativa e impeditiva somente quando a constelação arquetípica se imobiliza. A internalização psíquica nunca termina; é, ao contrário, um caminho contínuo e individualizado que contém a chave do mistério do nosso desenvolvimento psicológico. As fixações nos pais, tão características da nossa cultura, são, em grande extensão, o fator responsável pela interrupção da nossa capacidade de internalização. Em decorrência disso, temos a tendência a fixar-nos, a deter-nos em enquadramentos arquetípicos, nos nossos relacionamentos mais importantes. Uma internalização interrompida impede-nos também de viver a nossa própria "criança", ou seja, perdemos nossa capacidade de liberdade no plano imaginário. Somente quando nos libertarmos da fixação em nossos pais poderemos ser a criança e então encontrar nossa imaginação emocional, uma vez que ela é essencial para a autorrealização psicológica.

Uma relação comprometida com o mundo imaginal pode manifestar-se não só como fracasso ou bloqueio da imaginação, mas também como falta de diferenciação entre o mundo imaginal interior e o mundo concreto externo. Provavelmente, tanto o fracasso da imaginação como a sua falta de diferenciação são os dois lados de uma mesma moeda. Por exemplo, a vida de fantasia aparentemente desinibida e tresloucada que ocorre em muitos estados psicóticos é, muitas vezes, uma defesa contra emoções e fantasias dolorosas e inaceitáveis. As fantasias delirantes da psicose são,

frequentemente, uma consequência de repressões severas que bloqueiam a imaginação. Por outro lado, uma pessoa cuja imaginação parece esparsa e obstruída geralmente teme abrir-se às suas imagens interiores porque não tem uma clara distinção entre o âmbito imaginal interno do pensamento e do sentimento e o âmbito externo das expressões e ações.

O desenvolvimento psicológico criativo, a individuação, depende da liberdade espiritual. Quando dizemos, por exemplo, que um homem tem o espírito livre, será que estamos querendo dizer que ele transgride livremente, ou necessariamente, os modos, costumes e tabus impostos por sua cultura? Creio que não. Isso significa, sim, a liberdade de fazer qualquer coisa ou de ir a qualquer lugar onde deseje no plano imaginal. Ele é o homem que distinguiu de modo claro o mundo sagrado e atemporal do mundo secular e histórico. Ele sabe que pode movimentar-se com dignidade imaculada entre os deuses e demônios do mundo imaginal, sem o receio de transgredir os tabus que pertencem ao plano mundano. Essa espécie de liberdade não pode ocorrer numa forma primitiva de consciência, em que as realidades interna e externa são governadas pelas mesmas leis e valores. Neste sentido, a nossa tradição judaico-cristã é primitiva, na medida em que os nossos pensamentos e desejos estão submetidos aos mesmos dogmas, à mesma regulamentação que os nossos atos. A liberdade espiritual requer uma ruptura com a tradição bíblica e o desenvolvimento de uma nova forma de consciência, que promova o cultivo da liberdade para o imaginário.

Na psicoterapia, tanto o terapeuta como o paciente são imediatamente lançados nos papéis arquetípicos de Médico-Paciente, Professor-Aluno, Pai-Filho, tão logo começam a trabalhar juntos. Essa costuma ser a constelação transferencial inicial, mas trata-se de algo mútuo, mais que um fenômeno unilateral: o terapeuta projeta o arquétipo da Criança impotente ou carente no paciente, ao mesmo tempo que este transfere para ele o arquétipo do Pai ou Mãe prestativo e forte. Enquanto isso

continua assim, as duas partes estão essencialmente desempenhando seus papéis uma para a outra e o relacionamento é apenas impessoal.

Consideremos agora algumas possibilidades de se usar terapeuticamente a transferência: 1) como instrumento para incentivar a conscientização e a diferenciação; 2) como possibilidade de vivenciar certas constelações arquetípicas críticas com o analista; 3) como meio de afastar de uma fixação arquetípica e se encaminhar para um relacionamento humano mais individualizado. Esse último fator, dentre todos, é dotado de enorme poder curativo. Depois de algumas vivências dessa espécie de cura e resgate, a capacidade de internalização começa a se tornar uma função viável e confiável, e a pessoa fica cada vez menos temerosa de expor sua alma aos outros.

Com base nessas formulações, pode-se ver que o correto entendimento da transferência colabora para o surgimento de uma autêntica experiência de cura e resgate. Se a transferência for inconsciente ou malversada, o melhor que se pode esperar é um aumento da consciência do ego, e o pior é uma intensificação da distância entre a mente e o corpo e uma maior desconfiança diante de relacionamentos humanos abertos. Torna-se também evidente que as questões importantes relativas à resolução da transferência precisam ser reconsideradas. Dado que se trata de uma parte da condição humana cair continuamente em constelações arquetípicas, a ideia de que a transferência só é resolvida quando as projeções arquetípicas são retiradas e internalizadas é um objetivo falso e impossível. Proponho, em vez disso, um objetivo mais plausível para a resolução da transferência: o desenvolvimento da capacidade de internalizar, evidenciado pela capacidade da pessoa de reconhecer constelações arquetípicas e depois afastar-se delas.

Enquanto se mantém a situação de análise, não será possível afastar-se em caráter permanente da situação arquetípica, que força o analista a assumir o papel de portador de uma

consciência mais ampla. Embora essa constelação arquetípica possa ser transcendida, a própria natureza da situação torna inevitável que as duas partes recaiam nela. O término definitivo da relação analítica é essencial para que a pessoa possa sair desse enquadramento arquetípico. Mas o término é difícil, porque, em geral, significa o término de uma relação que pode ter-se tornado algo importante em si, sem considerar suas metas terapêuticas ou espirituais. A possibilidade de um continente para manter o relacionamento deve existir, ou bem a relação permanecerá imobilizada numa situação arquetípica em que o analista é portador da consciência mais ampla, independente de a análise prosseguir ou cessar. Os seminários para alunos, mantidos por Freud, e o clube psicológico de Jung, que seus analisandos podiam frequentar, eram talvez tentativas de satisfazer essa necessidade de alguma maneira, mantendo então a ligação. Essa estrutura, nos últimos anos, transformou-se na experiência da terapia em grupo. Uma objeção que se levanta contra essa alternativa de trabalho é que o analista continua desempenhando o papel arquetípico de portador da consciência e não há, portanto, a possibilidade de analista e analisando se conscientizarem da dimensão individualizada da relação, de seu valor, significado e lugar em meio ao padrão maior de suas vidas.

Por que essa tomada de consciência é essencial ao processo analítico e à resolução da transferência? Não basta que o paciente tenha desenvolvido a capacidade de internalizar? Sim, isso deveria ser suficiente, mas, mesmo assim, a *possibilidade* de vivenciar um relacionamento mais pessoal é essencial tanto para o analista como para o analisando, ou a função de internalização se torna vazia e sem sentido. Se a internalização for sentida como o fim de uma ligação humana profundamente relevante, quem vai querê-la? Quando a criança ou adolescente fica imobilizado numa fixação parental, isso não ocorre porque necessariamente ele seja incapaz de superá-la, mas porque muitas vezes ele tem o medo de, ao sair do papel arquetípico,

ver-se isolado do afeto e das qualidades humanas positivas que são tão importantes à sua alma. Se a análise repete essa vivência de perda e mágoa, inerente à situação arquetípica entre pais e filhos, o paciente termina com a mesma sensação de desilusão e traição que sentiu quando criança.

A transferência positiva

A sensação da criança interior sofrendo mágoas decorrentes de relacionamentos amorosos é o que em geral leva a pessoa a procurar a análise. Em decorrência dessas mágoas da infância sofridas pela alma, a função de eros encontra-se, em geral, subdesenvolvida ou prejudicada, o que torna extremamente difícil, quando não impossível, que a pessoa vivencie uma ligação íntima, criativa e crescente com outra pessoa. Neste sentido, a criança ferida representa também aquele aspecto de alma que necessita e exige a união com o outro. A compaixão do analista e seu desejo de ajudar esta criança constelam a necessidade humana fundamental de união e o desejo de união entre analista e analisando é acionado. Mas o desenvolvimento do eros apenas na criança não é suficiente para permitir-lhe entrar nessa união. A criança, antes de mais nada, é dependente do amor alheio. Portanto, a conexão do eros do analista com a criança ferida, e seu desejo de ajudá-la, inicia uma transferência positiva.

Apesar de tudo isso, o paciente não é uma criança. A menos que tenha sofrido danos psicológicos de extrema gravidade, o paciente em geral é capaz de vivenciar a paixão adulta e o desejo correspondente de união. Embora a criança ferida seja normalmente a responsável por evocar o amor do analista, o fluxo subsequente de amor envolve a totalidade, tanto do analista como do analisando. Eros circula não só em volta da criança interior mas também entre as duas pessoas envolvidas em cuidar da mesma. Nesse sentido, embora a transferência tenha a natureza da relação entre pais e filhos, não há possibilidade de satisfazer o desejo de união vivido pela alma

enquanto a criança não for transformada e curada. Sua natureza negligenciada e vítima de abuso deve ser atendida e cuidada, para que ela se torne capaz de amar outra pessoa.

Essa contaminação das necessidades instintivas da criança doente e negligenciada e da necessidade que a alma tem de amar a outrem é uma fonte primária das dificuldades que emergem no relacionamento analítico. O fato de a criança vivenciar o analista como pai, mãe, Deus curador, etc. não elimina o fato de ter sido posto em movimento o fluxo do amor. É vital, tanto para o analista como para o analisando, manter a ligação via eros e, sempre que esta estiver obstruída ou for interrompida (na maioria das vezes por causa das exigências da criança), será a criança necessitada de cura e resgate a que mais sofrerá. Mas a alma, em ambos os participantes, também sofrerá porque deseja a união.

A mútua necessidade que analista e analisando sentem de uma ligação entre almas está por trás das emaranhadas projeções arquetípicas liberadas na transferência. Todas as tentativas de aprofundar o desenvolvimento psicológico do paciente, de compreender e eliminar as resistências obstrutivas e outras manifestações da transferência negativa são só em parte devidas ao interesse terapêutico e ao desejo profissional do analista. A mais profunda necessidade da alma, em qualquer relação humana, nunca é de ordem terapêutica: trata-se do desejo de unir-se ao outro. Nessa medida, o desejo que o analista tem de curar e resgatar nunca é puro. Mesmo quando o analista tenta assumir uma postura objetiva, mesmo quando ele procura concentrar-se na ferida ou na psicopatologia, o fluxo de eros está ativado, e isso, por sua vez, mobiliza sua necessidade de ligação humana.

A capacidade de analista e analisando sustentarem ambos a ligação de eros com a criança ferida depende amplamente do fluxo entre eles. A diferenciação entre o amor de um pelo outro e pela criança é, até certo ponto, artificial, embora necessária.

Pode- se encontrar um paralelo no relacionamento entre marido e esposa quando os dois estão preocupados em promover a saúde e o desenvolvimento da criança. O amor entre pais e filhos, contudo, é em grande parte unilateral, porque o eros da criança é subdesenvolvido e basicamente adstrito às suas necessidades instintivas básicas. Um desejo e capacidade recíprocos de comunhão são necessários para que a igualdade de uma relação criativa seja possível. Em termos psicológicos, sabemos que, quando os pais sofrem de uma falta de ligação entre si, a criança sobrecarrega-se com a necessidade de comunhão de ambos, insatisfeita.

Quando é dada menos importância à necessidade de união entre analista e analisando do que à necessidade terapêutica do relacionamento, ela funcionará de maneira autônoma e inconsciente, da mesma forma como acontece no relacionamento típico entre pais e filhos. Em vez de a criança negligenciada ser curada e resgatada na análise, suas mágoas serão ainda mais intensificadas. Sobretudo, chamar de "transferência" essa necessidade de união, tentando limitá-la a uma interpretação, torna a terapia o inverso destrutivo de si mesma. Tanto a criança como a individuação da alma sofrem danos.

A transferência negativa

A frustração e a desilusão emocionais que a criança sentiu na relação com os pais são reconsteladas na transferência negativa. Este aspecto do relacionamento analítico deve ser satisfatoriamente resolvido, pois, caso contrário, a união interna entre os opostos masculino e feminino não ocorre. Esta vivência é um passo essencial no processo de restabelecimento da conexão com a própria alma.

As exigências da criança ferida são, em grande medida, responsáveis pela fixação, que divide a alma, presente na transferência negativa. Mas, como vimos, a criança é ferida, antes de mais nada, porque partes vitais de sua alma não foram

internalizadas e continuam sendo contidas pelas figuras dos pais. No início, o paciente vivencia essa parte perdida de si mesmo como um atributo do analista. Grande parte de sua frustração e de sua raiva decorre de sua incapacidade de unir-se a essa imagem que o analista encarnou. Uma vez que não é possível qualquer união, a aceitação de tal realidade é a única solução de cura para a transferência negativa. A necessidade do paciente de união com sua própria alma está por trás dessa imagem idealizada. Este é um fenômeno que merece mais explicações.

A experiência parental negativa ocorre quando a criança deve ser a portadora de aspectos vitais da alma de um de seus genitores, o que geralmente decorre da ausência de conexão de almas entre marido e esposa. Resulta disso o típico triângulo incestuoso e a criança vê-se privada da possibilidade de vivenciar sua totalidade na relação com ambos os pais. Em lugar de vivenciar essa atração e harmonia básicas entre os opostos masculino e feminino, a criança sente que esses arquétipos - *yin* e *yang,* lua e sol, terra e céu, carne e espírito - são adversários hostis. Acima de tudo, parece ser esta a experiência responsável pela cisão mente/corpo que aflige atualmente as pessoas. A desesperada necessidade de sanar essa cisão, de tornar-se inteiro, está no cerne mesmo da transferência negativa. Seja qual for o arquétipo constelado na transferência - o da mãe, o do pai ou o do herói-salvador-amante - ainda é a necessidade de unificação do Rei e da Rainha arquetípicos - o *hierosgamos* - que subjaz à transferência. Enquanto a harmonia não for restituída aos opostos masculino/feminino *internos,* não pode ser mantida nenhuma conexão de almas. A transferência analítica será resolvida assim que for integralmente aceito, tanto pelo analista como pelo paciente, que a satisfação dessa necessidade arquetípica em sua relação não é nem possível nem desejável.

A natureza desse aspecto mutuamente frustrante da relação analítica precisa ser compreendida e aceita antes do término,

pois, se isso não ocorre, ambas as partes encerram a análise na ilusão de que está tudo bem e certo entre elas. Essa é uma ilusão que tende a perpetuar a cisão interna do paciente, porque ele não confrontou realmente a impossibilidade da situação arquetípica. Uma vez que a frustração da alma, na transferência negativa, é idêntica ao emaranhamento incestuoso da criança com o genitor negativo, essa experiência dolorosa da infância é apenas repetida, se a análise for encerrada com a falsa premissa de que analista e analisando estão satisfeitos com a ligação que têm um com o outro. Evidentemente, ela também fere quando o paciente termina a análise sentindo raiva e desilusão. Precisa haver compreensão e respeito de ambas as partes pela situação arquetípica frustrante, constelada pela análise. Esse reconhecimento da natureza essencialmente *impessoal* das obstruções que estão interferindo com a ligação entre almas é um processo humanizador, e torna-se possível, então, encerrar a análise com dignidade, respeito mútuo e sentimentos pessoais positivos, livres das ilusões que fragmentam a alma. A ideia de que a transferência negativa pode ser modificada dentro da própria situação analítica é perigosa e enganosa. Ela tende a prolongar em demasia a relação analítica. O encerramento da análise com a transferência negativa ainda intacta e plenamente exposta é de enorme valor e, nesse caso, esse valor se perde por completo. Recapitulando: a plena aceitação mútua da transferência negativa promove a reconciliação interna dos opostos masculino e feminino. Essa internalização dos arquétipos da união (o arquétipo do incesto) é a chave da ligação com a própria alma e da individuação.

Existe ainda uma outra dimensão no dilema da transferência. Especialmente na análise junguiana, a experiência analítica muitas vezes é equivalente à iniciação numa ordem espiritual ou num culto a um mistério. As profundas mudanças que ocorrem constelam a libido da fraternidade, que tende então, compreensivelmente, a encaminhar-se na direção de outros iniciados. Se a pessoa vivenciar um autêntico renascimento,

estará pronta para entrar numa nova vida, em que a irmandade espiritual se torna um elo mais forte do que os laços de sangue. Tenho constatado em minha experiência clínica que, a menos que se desenvolva entre analista e analisando essa fraternidade espiritual, o processo fica muito limitado. Essa ligação fraternal é um elo que não se rompe com o término da análise. Pode, porém, ser destruído se a transferência negativa não for aceita, ou, por conseguinte, se houver a negação de validade da experiência analítica. A ausência de ligações fraternas firmemente plantadas na alma é, talvez, mais responsável pela atual sensação de isolamento e alienação do que outro fator isolado. A frequente renovação obtida através da conexão fraternal é um alimento básico para o nosso bem-estar espiritual e físico.

Transferência e totalidade interior

A passagem para o estágio final da análise parece exigir o pleno e mutuo reconhecimento de que a situação e o relacionamento têm uma natureza não-secular e especial. Tanto o analista como o paciente devem ser capazes de reconhecer sua necessidade, caso ela exista, de prosseguirem com a relação relativamente desobstruída que têm um com o outro, e a impossibilidade de fazê-lo. O sacrifício consciente que devem realizar é semelhante àquele que tanto o genitor como o filho devem fazer quando este está pronto para deixar o continente do abrigo parental e entrar no mundo. Numa relação do tipo pai-filho positiva, tão rara hoje em dia, o filho não tem nenhuma garantia de que venha um dia a se sentir tão intimamente ligado a outra pessoa quanto o foi com os pais. Não obstante, o filho deve partir e os pais devem encorajá-lo a ir. É claro que a situação não é idêntica na análise: mas a pílula que se deve engolir é amarga quando a pessoa se dá conta de que irá ser extremamente difícil encontrar ou criar uma situação comparável na vida cotidiana capaz de cultivar essa ligação entre almas e a transformação das mesmas. Se o paciente for incapaz de aceitar e apreciar plenamente essa realidade, se sentir que foi traído e iludido por

ela, a ferida, na sua alma, não será curada. E se o analista tiver uma dificuldade semelhante, sentir-se-á fracassado e profundamente desiludido com a análise.

Nunca é demais enfatizar a importância de instrumentos criativos viáveis para a promoção da ligação entre almas. Esses instrumentos são as formas sociais e as estruturas básicas de uma sociedade. Eles influenciam e determinam os padrões de vida e o estilo de vida de uma cultura. Existe atualmente uma grande necessidade de novas formas de casamento, amizade e comunidade que promovam o desenvolvimento de eros e de sentimentos de conexão fraternal. Mas se passará provavelmente muito tempo até que haja alguma mudança criativa real nas unidades estruturais básicas da nossa sociedade. O que fazer, entrementes, com a grande disparidade entre a realidade de viver num mundo doente e fragmentado e a nossa visão de um modo melhor de se viver? O que deve fazer o paciente depois de completar a análise e recuperar a ligação com a visão criativa inerente à sua alma, depois de ter vivenciado a realidade concreta de uma conexão aberta e *prolongada* com uma outra pessoa?

O intercâmbio de substância anímica que ocorre quando duas almas se encontram e se tocam é essencial à vida e à saúde do corpo e do espírito. A totalidade interior logo se torna fria, rígida e letal se a alma não for continuamente reumanizada e renovada através da conexão humana. Contudo, é justamente por serem tão raras e difíceis, na nossa cultura, as conexões entre almas que a cura interior da cisão mente/corpo e da totalidade interior é tão importante. Esse é outro paradoxo que não podemos evitar.

A necessidade de manter a própria alma cuidadosamente resguardada e protegida desaparece quando a pessoa não depende mais da conexão com outrem para sentir-se completa. Não há mais o temor de vivenciar e expressar os próprios sentimentos, as próprias reações diante de alguém,

simplesmente porque a integridade e a totalidade do ser não dependem de um relacionamento em particular. Isso aumenta a possibilidade de vivenciar conexões humanas intimas e diminui as exigências e expectativas que todos somos especialistas em alimentar com relação àqueles que nos são importantes. Além disso, a alma, revelada, geralmente evoca a emoção do amor, especialmente quando nada exige do outro. Dessa forma a totalidade interior abre a porta para muitas possibilidades de conexão entre almas, a despeito da ausência, na nossa cultura, de instrumentos propícios à promoção do eros.

Existe, no entanto, outra dificuldade que ameaça sem cessar a ligação com a criança interior e a totalidade: a visão de um mundo novo e melhor. Independentemente das inúmeras formas que essa visão possa adquirir, ela tem sua origem no Arquétipo da União, expresso em imagens como o Casamento Sagrado do Casal Real (o *hierosgamos*, a Quaternidade, a Mandala). Uma conexão com este arquétipo, e a crença de que ele será com o tempo realizado e satisfeito, confere direção, sentido e equilíbrio à vida.

A compreensão e a satisfação podem ocorrer em muitos níveis: no nível interno, como harmonia e união interiores; no externo, como união e abertura para o outro, a comunidade, o mundo e o cosmo. As imagens de um mundo ideal, por meio dos quais o arquétipo se expressa, têm determinadas características em comum: a saber, um mundo em que a paz, a harmonia e o amor são a regra; uma comunidade fraternal em que cada pessoa vive com orgulho e silenciosa dignidade, protegida da invasão de forças alienígenas; uma comunidade regida pelo princípio de Eros, em que os instintos agressivos e o princípio do poder são forças criativas em ação para promover a verdade, a beleza e os valores estéticos. Esses elementos são os fundamentos comuns em que se baseiam todas as visões celestiais do Paraíso, da Nova Jerusalém. *A análise deve ser capaz de resgatar a fé do indivíduo nessas visões enquanto realidade psíquica, como o fundamento imaginal essencial ao desenvolvimento da criança*

interior e da alma, ou então fracassará em sua promessa de guiar a pessoa ao longo do caminho do autoconhecimento e da busca da sua totalidade.

Parte 6

Criança interior/criança exterior: o futuro do papel dos pais

Introdução

O modo como trato minha criança interior é o modo como vou tratar a minha criança exterior.

- Robert M. Stein

A sensação de ter valor - "Eu sou uma pessoa de valor" - é essencial para a saúde mental e é a pedra angular da autodisciplina. É um produto direto do amor dos pais. Essa convicção deve ser alcançada na infância; é extremamente difícil alcançá-la na idade adulta.

- M. Scott Peck

A infância é importante, não só porque é o ponto de partida de possíveis deformações do instinto, mas também porque é a época em que, aterrorizantes ou encorajadores, esses sonhos e imagens que enxergam tão longe vêm da alma da criança e preparam seu destino inteiro.

- C. G. Jung

Como sugeri no início deste livro, a tarefa de criar os filhos está hoje sob uma pressão que nunca conheceu antes. Conhecer, valorizar e viver corporalmente a criança interior não é, como o reputam alguns, uma decorrência do envolvimento autocentrado da geração do "eu". A percepção consciente da criança interior deve ser vista, a propósito, como o processo evolucionário de transmissão aos nossos filhos e netos das leis iluminadoras da individualidade. Os sinais na nossa cultura e os estresses que atingem nossos filhos indicam que esses limites precisos se tornaram fatos do nosso destino - os requisitos iniciáticos para as crianças numa era de transição entre milênios.

A criança interior nos pais e a vida interior dos nossos filhos reais entram em contato na necessidade que se tem de valores espirituais que reverenciem o deslumbramento e a capacidade de vivenciar os mistérios da vida. Como sugeriu Robert M. Stein no ensaio anterior, a criança interior requer a visão de um

mundo novo e melhor. Precisamos do contato com o arquétipo da totalidade, e com a crença de que ele será futuramente realizado, a fim de que a vida tenha direção, significado e equilíbrio.

Os pais que se conscientizaram de sua própria criança interior negligenciada atraíram à superfície de si mesmos recursos profundos de empatia e compaixão que aperfeiçoam a qualidade de suas relações com os filhos. Estes pais cumpriram o ancestral dito dos rabinos: "Não limitem os filhos ao que vocês próprios aprenderam, pois eles nasceram em outro tempo." A criança que se beneficiar de pais com esta consciência estará equipada para corresponder aos difíceis desafios de sua época, sabendo qual é seu verdadeiro valor pessoal e possuindo uma capacidade ilimitada de autorrenovação.

Esta seção se concentra nos benefícios do processo de conscientização da criança interior, para nos tornarmos pais de melhor qualidade. Todos os autores que colaboraram nesta parte do livro são terapeutas ou analistas que consideram a natureza da incumbência dos pais tendo em mente a criança interior.

A conexão da criança com o mundo imaginal é o ponto em que James Hillman se concentra em seu ensaio "Comentário sobre as histórias". Ouvir histórias incentiva a capacidade de enxergar e valorizar a vida interior. "É bom para a alma," diz o autor.

Bruno Bettelheim volta-se para a história e a imaginação, mas de uma perspectiva diferente. Ele sugere que, ao "contar histórias" para seus filhos, os pais têm a oportunidade de recordar episódios importantes de sua própria infância, de compreender sua própria criança interior, ao mesmo tempo que estimulam a vida interior de seus filhos.

Em seu breve tributo a Sigmund Freud, Erik H. Erikson reconhece a dívida que todos temos para com o fundador da psicanálise por suas atitudes esclarecidas com respeito à criança. Freud permitiu-nos a conscientização do nosso passado de infância e incentivou-nos a aplicar essas introvisões para

uma melhor criação de nossos filhos.

Theodore Reik, como um tio sábio e paciente, fala da realidade da criança interior que vive em cada um de nós, para sempre brincando, para sempre jovem.

E o trabalho final deste livro, escrito por Samuel O. Osherson, lembra-nos do genitor ferido no seio do adulto e nos faz pensar na necessidade de levar a uma conclusão as questões ainda não resolvidas entre o genitor internalizado e a criança interior, de tal modo que a personalidade adulta possa dignificar ambos.

33. Comentário sobre as histórias

JAMES HILLMAN

Eis uma breve e fascinante consideração dos enriquecedores efeitos da "consciência das histórias" na vida interior das crianças. Segundo o psicólogo arquetípico James Hillman, "a *primeira tarefa é re-historiar o adulto - o professor, os pais e os avós - para restaurar então a imaginação no seu lugar de primazia na consciência em cada um de nós, independentemente da idade que tenha". As ideias de Hillman estão sempre acima da maioria das observações acadêmicas da psicologia. Ele nos exorta a alimentar a imaginação infantil desde cedo, de modo a manter uma longa e saudável vida interior.*

Este capítulo pertence a uma coletânea de ensaios do autor intitulada Loose Ends. *Foi originalmente publicado em* Children's Literature: The Great Excluded, vol. III.

Do meu ponto de vista como praticante da psicologia profunda, considero que aqueles que têm uma ligação com as histórias estão em melhor forma do que aqueles a quem as histórias precisam ser apresentadas, podendo-se fazer um melhor prognóstico. Esta é uma afirmação bastante ampla e gostaria de reparti-la nos seus vários aspectos. Mas não quero reduzir sua asserção mais evidente qual seja: a de que possuir a "consciência das histórias" é, *em si,* psicologicamente terapêutico. É bom para a alma.

Ter desfrutado histórias de qualquer tipo durante a infância - e aqui incluo as histórias orais, sejam contadas ou lidas (pois a leitura tem um aspecto oral, mesmo que a pessoa leia para si mesma), mais do que vê-las numa tela - coloca a pessoa diante do reconhecimento básico da história em si, familiariza-a com essa realidade legítima. É algo dado com vida, com fala e comunicação, e não uma coisa que mais tarde vem com o

aprendizado e a literatura. Vir cedo, com vida, já é uma perspectiva na vida. A pessoa integra a vida como uma história porque tem histórias no fundo da mente (inconsciente), como continentes para organizar acontecimentos na forma de experiências significativas. As histórias são meios para a pessoa encontrar a si mesma em eventos que, de outra maneira, talvez não fizessem nenhum sentido psicológico. (Explicações econômicas, científicas e históricas são tipos de "histórias" que costumam não dar à alma a espécie de sentido imaginativo que ela busca para entender sua vida psicológica.)

Se a pessoa, na infância, cresceu desfrutando histórias, ela em geral terá uma relação melhor com o material patologizado das imagens obscenas, grotescas ou cruéis que aparecem espontaneamente nos sonhos e fantasias. Os que defendem a teoria racionalista e associacionista da mente, que colocam a razão contra a imaginação e num nível superior, argumentam que, se não tivéssemos introduzido contos tão sombrios nos primeiros e mais impressionáveis anos da vida, não teríamos tantas patologias e, em seu lugar, haveria mais racionalidade nos anos seguintes. A minha experiência prática demonstra, ao contrário, que quanto mais afinado e experimentado for o lado imaginativo da personalidade, menos ameaçador será o irracional, menor será a necessidade de repressão e, portanto, menos patologia de verdade será praticada nos acontecimentos concretos da vida cotidiana. Em outras palavras, através das histórias a qualidade simbólica das imagens e temas patológicos encontra seu lugar, de tal sorte que essas imagens e esses temas estão menos propensos a uma interrupção naturalista, imbuída de literalismo clínico, como sinais de doença. Essas imagens encontram na história um lugar legítimo. Elas *pertencem* aos mitos, lendas e contos de fadas, onde, tal como nos sonhos, todas as espécies de figuras peculiares e condutas deformadas podem aparecer. Afinal de contas, "A Maior de Todas as Histórias Já Contadas", como algumas pessoas gostam de se referir à Páscoa, está repleta de imagens lúgubres com grandes

detalhes patológicos.

A consciência das histórias propicia um melhor caminho do que o que é oferecido pela consciência clínica para a pessoa entrar num acordo com o seu histórico. O histórico também é uma forma de ficção escrita por milhares de mãos em milhares de clínicas e consultórios, arquivado em fichários e raramente publicado. Essa forma de ficção chamada '"registro anamnésico" obedece ao gênero do realismo social: acredita em fatos e eventos e aceita com excessivo literalismo tudo o que as histórias lhe dizem. Na análise profunda, analista e paciente, juntos, reescrevem o histórico do caso e fazem dele uma nova história, criando a "ficção" no trabalho de colaboração da análise. Uma parte da cura e do resgate que acontecem, talvez sua essência mesma, é essa ficção feita em colaboração, esse reunir de todos os eventos caóticos e traumáticos da vida numa nova história. Jung disse que os pacientes precisam de "ficções curativas", mas temos dificuldade em atinar com essa perspectiva, a menos que já exista uma predileção pela consciência das histórias.

A terapia junguiana, pelo menos a que eu pratico, promove uma forma de consciência segundo a qual a fantasia é uma atividade criativa, que conta continuamente para a pessoa ora uma história, ora outra, levando-a a entrar em cada uma delas. Quando examinamos essas fantasias descobrimos que elas refletem os grandes temas impessoais da humanidade, tal como a tragédia, o épico, o folclore, a lenda e o mito os retratam. Segundo nosso modo de ver, a fantasia é uma tentativa da própria psique de remitologizar a consciência; nós tentamos incentivar essa atividade ao encorajarmos a familiaridade com os mitos e os relatos folclóricos. A alma se constrói ao mesmo tempo que a consciência deixa de ser literal e que se recupera sua conexão com os padrões míticos e metafóricos de pensamento. Em vez de interpretar as histórias segundo conceitos e explicações racionais, preferimos considerar as explicações conceituais como elaborações secundárias de

histórias básicas que são continentes e provedoras de vitalidade. Como disseram Owen Barfield e Norman Brown: "O literalismo é o inimigo." E eu acrescentaria: "O literalismo é a doença." Toda vez que nos atemos a uma visão literal, a uma crença literal, a uma afirmação literal, perdemos a perspectiva metafórica imaginativa a nosso próprio respeito e a respeito do nosso mundo. A história é profilática no sentido de apresentar-se sempre como "era uma vez", uma realidade "como se", um "faz-de-conta". É o único modo de relatar, ou contar, que não se postula como real, factual, revelado, ou seja, literal.

Isto nos remete à questão do conteúdo. Que histórias precisam ser contadas? Quanto a isso, sou ortodoxo e defendo as velhas e tradicionais histórias da nossa cultura: os mitos gregos, romanos, celtas e nórdicos; a Bíblia; as lendas e o folclore. E com o menor teor possível de modernas técnicas mercadológicas (atualização, editoração, filtragem de passagens, etc.), ou seja, com a menor interferência possível do racionalismo contemporâneo, tão sujeito ao próprio estreitamento do campo de consciência que é justamente o que as histórias buscam expandir. Mesmo não sendo celtas ou nórdicos, e não tendo ancestrais gregos, essas coleções de histórias são fundamentais para a nossa cultura ocidental e atuam sobre a nossa psique quer queiramos, quer não. Podemos considerá-las distorcidas, em suas predileções pró-arianas, pró-masculinas ou pró-guerreiras, mas enquanto não compreendermos que esses contos esboçam os motivos básicos da psique ocidental, permaneceremos na ignorância dos motivos básicos da nossa dinâmica psicológica. Nossa psicologia do ego ainda ressoa com o motivo e as motivações do herói, da mesma forma como a psicologia do que chamamos de "o feminino" reflete ainda hoje os padrões das deusas e ninfas da mitologia grega. Esses contos temáticos canalizam a fantasia. Os platônicos, há muito tempo, e Jung, mais recentemente, apontaram o valor terapêutico dos grandes mitos que oferecem ordem ao aspecto caótico e fragmentado da fantasia. O corpo

principal dos contos clássicos e bíblicos encaminha a fantasia rumo a padrões psicológicos organizados e profundamente revitalizantes. Essas histórias apresentam os modos arquetípicos do viver a vida.

Penso que as crianças precisam ser menos convencidas que os adultos a respeito da importância das histórias. Ser adulto significa, hoje, ser adulterado por explicações racionalistas e esquivar-se às pueridades que encontramos nos contos de fadas. Tenho tentado mostrar em meus trabalhos de que maneira adultos e crianças acabaram sendo colocados em posições adversárias: infância tende a significar deslumbramento, imaginação, espontaneidade criativa; idade adulta, a perda dessas perspectivas.[1] Por isso, a primeira tarefa que julgo importante é re-historiar o adulto - o professor, os pais e os avós - para restaurar então a imaginação no seu lugar de primazia no campo da consciência em cada um de nós, independentemente da idade que tenhamos.

Cheguei a esta conclusão a partir de uma perspectiva psicológica, em parte porque desejo afastar a história de sua muito estreita associação com a educação e a literatura, ou seja, com algo que é ensinado e estudado. Interesso-me pela história como algo que é vivido e através do qual se vive; considero-a um caminho pelo qual a alma se encontra na vida.

34. Explorando a infância como adulto

BRUNO BETTELHEIM

Bruno Bettelheim, eminente psicólogo infantil, incentiva os pais a irem além da empatia com seus descendentes e a reexplorarem "os passos que demos para sermos quem somos". Eis aí um sábio conselho sobre a maneira de alcançar uma maior aproximação das crianças recapturando a nossa própria criança interior das vivências. Este artigo é um excerto de seu mais recente livro sobre a criação de filhos, A Good Enough Parent *[Pais Bons o Bastante],*

Não devemos parar de explorar
E o fim de toda a nossa exploração
Será chegar ao ponto de partida
E conhecer esse lugar pela primeira vez.

- T. S. Eliot

Entre as mais valiosas mas menos apreciadas experiências que a paternidade pode proporcionar estão as oportunidades que oferece de explorar, reviver e resolver nossos próprios problemas de infância no contexto de nossa relação com nosso filho. Como T. S. Eliot nos lembra, só mediante a exploração e reexploração dos passos que demos para sermos quem somos podemos verdadeiramente saber quais foram nossas experiências de infância e que significado tiveram em nossas vidas. Se conseguirmos obter esse conhecimento, o impacto dessas ocorrências em nossa personalidade será modificado. Nossa atitude com relação à nossa experiência mudará, assim como a nossa atitude quanto a experiências análogas com os nossos filhos. O crescimento do nosso autoconhecimento deve, inevitavelmente, resultar numa compreensão melhor dos nossos filhos, sobretudo quando as novas descobertas decorrem de experiências que envolvem estes mesmos filhos.

Infelizmente, quase todas as nossas primeiras experiências estão

perdidas para a memória consciente, porque aconteceram cedo demais para deixar mais do que vagos traços em nossa mente. Não podemos tornar a experimentá-las, mas podemos, pelo menos, explorar imaginativamente alguns de seus aspectos, à medida que observamos como o nosso filho responde ao seu processo interior, a nós e ao seu mundo.

Por exemplo, se nos damos conta de que o mundo da criança, quando acordada, consiste em apenas duas experiências que são opostas — felicidade e bem-estar físico, e infelicidade e dor -, isso pode-nos ajudar também a compreender a origem e a natureza ambivalente de todas as emoções fortes. Na medida em que são os pais, normalmente, que tiram a criança de um estado negativo motivado pela fome ou pelo desconforto das fraldas sujas, para um estado de satisfação, alimentando-a ou trocando sua roupa, ela sente seus pais como todo-poderosos e como fonte de toda felicidade e infelicidade; e também como seres que tudo dão e tudo frustram. É assim que se constrói a ambivalência no nosso inconsciente, sobretudo no que diz respeito aos nossos pais. Mais tarde, eles e seus substitutos, na pessoa dos nossos mais significativos educadores, continuam a dispensar-nos tanto o prazer como a dor, elogiando-nos, por exemplo, ou criticando-nos e frustrando-nos. Dessa maneira, os sentimentos ambivalentes originais, tão profundamente enraizados no nosso inconsciente, continuam a ser alimentados pelas inúmeras experiências da nossa vida cotidiana.

Entender essa origem infantil da ambivalência, especialmente no que se refere aos nossos pais, pode-nos ajudar a compreender melhor os nossos filhos quando nos confrontamos com suas manifestações de ambivalência em relação a nós. Quanto mais pudermos aceitar seus sentimentos ambivalentes para conosco, maiores oportunidades terão eles, à medida que crescem, de neutralizar e controlar essas ambivalências - e menos necessidade terão de agir de um modo, num determinado momento, e do modo oposto, em outro. Aceitando o fato de que os aspectos negativos dessa ambivalência devem ser

manifestados, de vez em quando, reduzimos em nossos filhos a necessidade de reprimi-los; e quanto menos forem reprimidos, mais acessíveis se tornarão à investigação racional e à modificação.

Quando crianças, nós também nos sentimos dilacerados por nossas emoções ambivalentes. Mas, quando expressávamos seus aspectos negativos, a desaprovação de nossos pais era em geral tão violenta que éramos obrigados a reprimir esses sentimentos, que, dessa forma, retinham a totalidade de sua força em nosso inconsciente. Quando nos confrontamos, na condição de pais, com sentimentos similares em nossos filhos, a experiência tende a reativar alguma coisa desse material reprimido. Podemos admitir que nossos filhos tenham muito menos controle do que nós, desde que seu comportamento não desperte em nós sentimentos que desejamos manter reprimidos; mas, quando nossas próprias repressões tornam a mobilizar-se, já não podemos lidar de modo realista com o negativismo de nossos filhos.

Que reprimamos os aspectos negativos de nossos sentimentos a respeito de nossos pais é compreensível; afinal, precisamos deles e não queremos ofendê-los ou afastá-los, demonstrando-lhes abertamente nossa hostilidade. É mais difícil entender porque também reprimimos nossa identificação com aquilo que, para nós, enquanto crianças, parecem ser os aspectos negativos de nossos pais. Quase todos nós estamos bem conscientes de que nos aproximamos de muitas das coisas que apreciamos em nossos pais, mas não estamos conscientes de que também nos identificamos com os aspectos negativos de sua atitude em relação a nós, internalizando-os. Disso ficamos sabedores - geralmente para nossa grande surpresa - quando nos ouvimos repreender nossos filhos exatamente no mesmo tom, até com as mesmas palavras, que nossos pais usavam conosco. E isso, apesar de termos tido objeções quanto ao seu comportamento, e de termos pensado que nunca agiríamos da mesma maneira com nossos filhos.

Por outro lado, quando falamos ternamente com os nossos filhos, não somos, de forma alguma, compelidos a usar os mesmos termos que os nossos pais empregavam. Nas nossas expressões de comportamentos positivos, somos inteiramente nós mesmos, e falamos muito com a nossa própria voz. A razão disso, mais uma vez, é que, não havendo motivo para reprimirmos nossa identificação positiva com os nossos pais, ela não ficou encapsulada no inconsciente, mas permaneceu acessível à modificação à medida que nós próprios nos desenvolvemos. A identificação negativa, em contraste, foi reprimida e, assim, permaneceu inalterável.

Com muita frequência, as relações do filho com o pai do mesmo sexo são mais assediadas pela ambivalência do que suas relações com o pai do sexo oposto. A razão disso é que, aos nos relacionarmos com o filho de nosso próprio sexo, tendemos a experimentar novamente alguns dos aspectos mais difíceis de nossa própria relação com o pai do mesmo sexo. Assim, é mais provável que uma mãe se surpreenda falando como sua própria mãe, quando critica sua filha, enquanto um pai se apanhará repetindo, em sua interação negativa com o filho, aquelas interações semelhantes que aconteceram em sua infância entre ele e seu pai.

Este é apenas um exemplo de como tendemos a projetar nossos próprios conflitos não-resolvidos em nossos filhos. Se tirarmos proveito da oportunidade que essas situações oferecem para reexaminarmos o que nos faz agir dessa maneira, poderemos ser capazes, enfim, de solucionar conflitos infantis que não conseguimos resolver antes. Essa abertura aos nossos próprios sentimentos também facilitará nossa compreensão de que é exatamente a tremenda importância que temos para os nossos filhos, e o amor deles por nós, que gera sua hostilidade ocasional. Ficará evidente que, quando a hostilidade se declara abertamente, aquilo com que nos confrontamos é apenas o reverso de sua grande afeição por nós. Essa compreensão alterará nossa atitude de aborrecimento ou coisa pior para uma

atitude de aceitação compreensiva das forças emocionais subjacentes, embora ainda tenhamos que inibir o comportamento agressivo de nosso filho. Isso pode até fazer-nos reconhecer que, ao refreá-lo, estamos reproduzindo a conduta dos nossos pais em situações análogas. Lembrarmo-nos de como achávamos nossos pais injustos nos ajudará a não reagir excessivamente ao comportamento de nosso filho. Com essas deliberações, as coisas devem ficar em seu lugar certo, e o que hoje nos aborrece com relação ao nosso filho não será alimentado e agravado por sua ligação com todos os sentimentos hostis que reprimimos no nosso inconsciente. Sobretudo, na medida em que percebemos que, apesar de todas as tendências agressivas que tínhamos quando crianças, crescemos e nos tornamos adultos não-violentos, respeitadores da lei, é menos provável que sejamos severos demais com relação ao comportamento agressivo do nosso filho devido ao medo de que se torne incontrolável quando ele for adulto.

A repressão do lado negativo dos sentimentos ambivalentes de uma criança para com seus pais, se feita com excessivo rigor, pode ter como resultado a interferência na expressão dos sentimentos positivos, que são apenas o outro lado dessa ambivalência. Conheci muitas crianças que só puderam estabelecer ligações com seus pais depois de deixarem de sentir-se compelidas a reprimir todos os seu sentimentos negativos em relação a eles.

Evidentemente, se somos capazes de reconhecer, através da introspecção, que os nossos sentimentos para com o nosso filho tampouco são completamente livres de ambivalência, já não precisamos reprimir quaisquer sentimentos negativos que brotem dentro de nós de vez em quando. A pressuposição de que o nosso filho, por causa de sua imaturidade e falta de controle, tem ocasionalmente sentimentos negativos em relação a nós, enquanto nós estamos inteiramente livres desses sentimentos para com ele, pode trazer sérios problemas para o relacionamento.

Compreendendo os pesadelos

O que foi dito a respeito das origens dos nossos sentimentos ambivalentes para com os nossos pais vale, *mutatis mutantis*, para todo o período da infância. As nossas primeiras experiências, e as do nosso filho, são em sua maior parte inconscientes e, portanto, não estão disponíveis de forma direta à nossa memória, mas estágios posteriores de seu desenvolvimento repetem algumas de nossas experiências que não foram necessariamente inconscientes ou reprimidas por nós, ou que, se o foram, não o foram tão profundamente. Essas lembranças podem ser invocadas com mais facilidade, embora ainda seja possível que haja a necessidade de um esforço considerável.

Poucos de nós conseguimos lembrar-nos, com todos os detalhes, dos pesadelos com que tanto sofremos, como todas as crianças; mesmo aquelas que conseguem lembrar-se de alguma coisa do conteúdo de seus pesadelos, e de como eles eram perturbadores, têm pouca noção de suas causas, além do fato óbvio de que a criança pequena se sente irremediavelmente ansiosa a respeito de muitas coisas incompreensíveis para ela. Não são muitas as pessoas que percebem que uma das grandes fontes de pesadelos da criança pequena é o seu superego em desenvolvimento, que tenta puni-la por suas "inaceitáveis", senão "pecaminosas", tendências. Entre outras, estas podem ser necessidades sexuais, ou o desejo de se rebelar contra a autoridade, ou de se ver livre de um pai ou irmão. Como precursor, como um estágio anterior de uma consciência mais plenamente integrada, o pesadelo desempenha um papel importante no desenvolvimento da personalidade de todos nós; teve esse papel no nosso desenvolvimento, como o tem agora no de nosso filho.

Perceber isso nos ajudará a tratar os pesadelos de nosso filho com maior cuidado e com o respeito que uma consciência em desenvolvimento merece. Quanto mais compreendemos nossos pesadelos (dos quais não estamos inteiramente livres, mesmo na

vida adulta), mais bem equipados estaremos para ajudar nossos filhos com os seus. O fato de termos esquecido tanta coisa a respeito deles sugere que reprimimos os desejos e medos infantis que se manifestavam nesses sonhos obsedantes. Subjacente a essa alienação de algumas das nossas vivências infantis está o desejo de não saber do que se tratava, talvez até algum vago reconhecimento de que o terror que sentimos então deixou em nós alguns resíduos dos quais não conseguimos livrar-nos inteiramente. Serve de exemplo a ansiedade irrealística de que muitas pessoas ainda sofrem, por exemplo, quando confrontadas com animais inofensivos, como cobras de jardim. Seu medo está frequentemente enraizado nos pesadelos infantis em que cobras ameaçavam devorá-las.

Assim, podemos utilizar os pesadelos dos nossos filhos como uma oportunidade de explorar e reexplorar - como sugeriu T. S. Eliot - o que pode ter-se escondido por trás dos nossos, e quaisquer resquícios disso que ainda possamos carregar conosco. Portanto, devemos realmente, pela primeira vez, conhecer de verdade nossos pesadelos e seu significado em nossa vida. Na medida em que consigamos realizá-lo, isso será uma dádiva para nós e para os nossos filhos, já que então seremos capazes, compreendendo-nos, de ajudá-los com seus pesadelos com uma simpatia pessoal tanto por seu sofrimento imediato quanto pelo significado dessas experiências na formação de sua personalidade, uma profundidade de empatia que, de outro modo, poderia não estar ao alcance de nenhum de nós.

Ao contrário dos nossos pesadelos, de que temos apenas vagas recordações, nossas ansiedades com relação à entrada na escola permanecem com a maioria de nós; na verdade, algumas pessoas passam a vida demonstrando para elas mesmas, mais do que para os outros, que seus temores infantis de fracasso acadêmico e social eram irreais. Como essas preocupações geralmente fazem parte das nossas lembranças conscientes, ainda que, frequentemente, apenas de forma fragmentária,

temos uma compaixão considerável pelas ansiedades do nosso filho quando de sua primeira ida à escola. Infelizmente, alguns pais parecem ter esgotado a compaixão quando uma criança mais velha desenvolve uma fobia à escola por motivos análogos. É aqui que uma compreensão baseada nas próprias vivências de cada um poderia ser de especial utilidade.

Essas situações são semelhantes a muitas outras que podem ocorrer no convívio com os nossos filhos; esforços no sentido de compreender o papel desempenhado por eventos análogos no nosso desenvolvimento sempre trazem mudanças benéficas, na medida em que fornecem uma nova clareza sobre nós mesmos. Ganhamos uma compreensão mais profunda do que certas experiências significaram em nossa vida e na nossa relação com os nossos pais, assim como do modo pelo qual essas vivências modelam agora nossa atitude em relação àquilo que o nosso filho sente e manifesta quando ocorrem coisas semelhantes. Essa compreensão nos permite sentir empatia com o que quer que mobilize nosso filho, e isso quase sempre dá à nossa relação com ele maior profundidade e sentido, tornando-a uma experiência mais agradável para ambos. Portanto, no que se refere a uma experiência em comum, não apenas influenciamos as atitudes de nosso filho como também mudamos as nossas, porque obtemos uma compreensão melhor do que significaram eventos semelhantes para nós enquanto crianças.

As crianças são muito sensíveis às razões que seus pais têm para fazer alguma coisa com elas ou para elas. Será que os pais acham que *devem* fazer isso, ou gostam disso de verdade? Será que mamãe está lendo uma história para mim porque quer que eu me acalme? Ou será porque ela acha que é sua obrigação? Talvez ela acredite que eu vá gostar dessa história em especial, ou de que ela leia para mim, ou de ambas as coisas... É claro que se trata de uma experiência mais gratificante para um filho, se ele percebe em sua mãe o desejo de lhe dar prazer.

A vivência da criança para quem se lê é radicalmente diversa da

do pai ou da mãe, embora estejam empenhados juntos em um única atividade. No entanto, quando os próprios pais reagem à história, ambos podem realmente partilhar a experiência. Talvez o pai, ou a mãe, seja levado a recordar importantes lembranças de sua própria infância. Disseram-me que algumas pessoas que leram o meu livro sobre contos de fadas — *The Uses of Enchantment* — subitamente compreenderam por que uma determinada história tinha sido especialmente significativa para elas, em sua infância. Naquela ocasião, tinha-as cativado de alguma forma, tinha despertado nelas ansiedade ou prazer, ou ambos; só agora, porém, é que percebiam a razão disso, com que experiências ou problemas pessoais o conto estivera relacionado, de forma a tornar-se singularmente significativo para elas.

Quando crianças, essas pessoas queriam que o pai, ou a mãe, lesse a história repetidas vezes por um motivo que ignoravam na ocasião mas que compreendem agora, ou seja, porque esperavam, subconscientemente, que ela transmitisse um importante recado para o leitor. Para uma tinha sido *A Família Robinson;* tecendo fantasias em torno dessa história, encontrava consolo para sua situação familiar infeliz. O mesmo livro também tinha sido significativo para outra menina, que sofria com as repetidas e prolongadas ausências de seus pais, quando ficava entregue aos cuidados de parentes que cuidavam muito bem dela fisicamente, mas que a menina detestava, principalmente porque tomavam o lugar de seus pais. Só depois de adulta se deu conta de que tinha apoquentado os pais e os parentes para lerem *A Família Robinson* em voz alta para ela porque tinha esperanças de que recebessem o recado de que as crianças precisam da presença dos pais. Subconscientemente, esperava que, a partir da história, eles compreendessem o quanto ela queria que seus pais ou parassem de viajar ou a levassem com eles.

Assim que essa mulher percebeu que o desejo de uma criança de ouvir uma certa história repetidas vezes pode derivar de sua

esperança de que seu pai ou mãe entendam o recado que ela presume que a história transmite, ler histórias para o seu próprio filho tornou-se uma experiência muito mais gratificante para ela. Mais que isso, começou a prestar uma atenção bem diferente às histórias que seu filho pedia, pois se lembrava com especial pungência de como ficava gravemente desapontada pelo fato de nem seus pais, nem seus parentes terem entendido a mensagem que ela procurava mandar-lhes através de *A Família Robinson.*

Ler histórias para seu filho tinha agora adquirido outros níveis de significado para ela. Antes ela lia para ele porque se lembrava de como essa atividade fora importante para ela e queria dar-lhe prazer. Agora lhe ocorria que, ao pedir determinado conto, seu filho poderia estar tentando transmitir-lhe algo, ou seja, um recado sobre algum assunto de grande importância para ele. Ela apreciava essa demonstração de confiança nela, seu desejo de dizer-lhe - não importa por meio de que circunlóquio - alguma coisa de sentido pessoal.

Sua compreensão da importância que *A Família Robinson* teve um dia para ela deu a essa mãe uma nova perspectiva de sua própria infância. O que anteriormente recordara e vira apenas como uma fuga para fantasias realizadoras de desejo, agora reconhecia como uma ação inteligente, dirigida para uma meta e com um propósito específico: assegurar alívio numa situação aflitiva, a longa e frequente ausência de seus pais. Antes, lembrava-se de si mesma como incapaz de melhorar as condições que a oprimiam, mas agora compreendia que, na verdade, tinha feito o melhor que podia para persuadir a família a mudar sua maneira de agir. A partir daí, quando lia histórias para seu filho, sempre se lembrava de que foi através dessa experiência que adquiriu uma imagem mais positiva de si mesma como criança e, com ela, de si mesma como pessoa.

O que foi dito aqui com relação à leitura de histórias vale também, com as devidas variações, para muitos outros aspectos

da criação de filhos. Compreender nossas vivências de infância como adultos pode proporcionar novas e importantes introvisões. Quando isso acontece, tanto o pai como o filho têm uma significativa vivência através do que estão fazendo juntos; embora eles estejam em níveis distintos, as diferenças são de menor importância do que o fato de que cada um está grato ao outro por ter tido uma mais aguda introvisão e por ter proporcionado o ambiente necessário a esse desenvolvimento. O elemento de igualdade numa vivência partilhada como essa é muito importante para a criança, porque cada participante se torna provedor e beneficiário ao mesmo tempo.

Muitas experiências de infância ficaram, por necessidade, profundamente enterradas no inconsciente durante o processo de desenvolvimento de nossa personalidade adulta. Essa separação ou distanciamento da própria infância já não é necessária quando a personalidade adulta está formada com plenitude e segurança, mas, a essa altura, a distância já se tornou, para a maioria das pessoas, uma parte dessa mesma personalidade. A separação de nossa infância é temporariamente necessária, mas, se for mantida permanentemente, priva-nos de experiências íntimas que, quando são restauradas em nós, podem-nos manter jovens de espírito e também permitir-nos uma proximidade maior com os nossos filhos.

35. A relevância histórica da infância humana

ERIK H. ERIKSON

Acompanhando a evolução do tema sobre o aprimoramento da criação dos filhos, o psicanalista freudiano Erik H. Erikson nos mostra o contexto do qual surgiu o resgate psicológico da criança, a saber, o trabalho de Sigmund Freud. Sendo um homem de intelecto indômito e coragem inabalável, Freud realmente ressuscitou a infância do status *de submersão em que se encontrava. Diz Erikson: "Ele inventou um método específico para a detecção daquilo que universalmente deteriora o gênio da criança que há em cada ser humano."*

Este capítulo é um tributo à contribuição pioneira de Freud, à sua percepção do potencial criativo da criança, tanto a interior como a exterior. Este é um excerto da coletânea do autor intitulada Insight and Responsibility, *e também uma parte da palestra proferida no dia 6 de maio de 1956 na Universidade de Frankfurt, em comemoração ao 100º aniversário do nascimento de Freud.*

O verdadeiro valor da psicanálise está em aprimorar a criação dos filhos.

- Sigmund Freud

A mudança em termos de autopercepção (desencadeada pelas descobertas de Freud) não pode permanecer confinada a parcerias profissionais como a que existe entre o observador e o observado, entre o médico e seu paciente. Ela implica uma *orientação ética fundamentalmente nova para a relação do homem adulto com a infância* - com a sua infância, que está atrás e dentro dele; com o seu filho, que está adiante dele; e, ainda, com os filhos de todo e qualquer homem que estejam à sua volta.

Os campos de estudo que lidam com as dimensões históricas do

homem estão muito distantes entre si, no que tange ao modo como consideram a infância. As mentes acadêmicas, cujas perspectivas de longo alcance conseguem ignorar as urgências cotidianas das artes educativa e curativa, prosseguem em seu jovial mister de redigir histórias completas do mundo sem vestígio algum de mulheres e crianças, relatos antropológicos inteiros sem qualquer referência aos variados estilos de infância. Ao documentarem as relações causais passíveis de ser discernidas nas realidades políticas e econômicas, parecem menosprezar acidentes históricos devidos à "natureza humana", tais como os medos e fúrias nos líderes e nas massas, como indiscutíveis resíduos de emoções infantis. É verdade que os eruditos podem ter sido justificadamente repelidos pelas primeiras e entusiásticas intromissões dos médicos da mente em suas disciplinas ancestrais. Mas sua recusa em considerar a *relevância histórica da infância humana* só pode ser devida àquela aversão e àquela repressão mais profundas e universais que o próprio Freud anteviu. Por outro lado, deve-se admitir que, na literatura clínica (e na que se tornou clínica em seu conjunto), a aversão cedeu lugar a um interesse, ditado pela moda, pelos aspectos mais sórdidos da infância, como se estes fossem os determinantes últimos do destino humano.

Nenhuma destas tendências pode deter o surgimento de uma nova verdade, a saber, que a vida coletiva da humanidade, com toda a sua legitimidade histórica, é alimentada pelas energias e imagens de sucessivas gerações, e que cada geração contribui para o destino humano com um inescapável conflito entre suas metas éticas e racionais e suas fixações infantis. Este conflito acaba fazendo com que o homem execute tantas coisas espantosas — e isso pode ser sua ruína. É uma condição da humanidade do homem e a causa primeira de sua interminável desumanidade. Pois sempre e onde quer que o homem abandone sua postura ética, ele só o faz às custas de regressões poderosas que põem em risco as próprias defesas de sua natureza.

Freud revelou essa tendência regressiva ao dissecar suas

manifestações patológicas nas pessoas. Mas também assinalou aquilo que fica tão amplamente e regularmente perdido com os ambivalentes ganhos da civilização: ele falava da "inteligência radiante da criança" - aquele ímpeto inocente, aquela coragem natural, aquela fé incondicional da infância, que acaba submergindo por causa das ambições desmesuradas, dos ensinamentos à base do medo, das informações limitadas e limitantes.

Sempre de novo nos vemos dizendo que o gênio preservou em si a clareza de visão da criança. Mas não justificaríamos nós com excessiva rapidez as regressões das massas ao apontar o ocasional aparecimento dos líderes geniais? Não obstante, sabemos (e temos um mórbido anseio em sabê-lo) como é torturado o gênio que com uma mão é impelido a destruir aquilo que criou com a outra.

Em Freud, um gênio desenvolveu um novo instrumento de observação à sua infância, à infância de todos nós. Ele inventou um método específico para a detecção daquilo que universalmente deteriora o gênio da criança que há em cada ser humano. Ao ensinar-nos como reconhecer o mal daimônico nas crianças, ele nos instou a não sufocar o que é criativamente bom. Desde então, a natureza do crescimento tem sido estudada por observadores engenhosos do mundo todo: nunca antes a humanidade conheceu tanto acerca de seu passado - filogenético e ontogenético. Nesse sentido, podemos considerar Freud um pioneiro da autocura, dessa tendência equilibradora inerente à conscientização do ser humano. Pois, agora que as invenções tecnológicas se aprestam a conquistar a lua, as gerações vindouras talvez se vejam diante da necessidade de terem maior clareza a respeito de sua impetuosidade e maior consciência das leis da individualidade; elas podem muito bem ter a necessidade de valorizar e preservar a puerilidade mais genuína, a fim de evitar irrecuperáveis criancices cósmicas.

36. O que sai da boca dos bebês

THEODORE REIK

Este texto anedótico é um simpático reconhecimento da criança interior, produzido pelo eminente psicanalista Theodore Reik, um dos mais brilhantes discípulos de Freud. Ele diz que o psicanalista deve ir em busca da criança que há no homem, em si mesmo e nos outros. "Seria um sério engano da parte do analista", diz ele, "subestimar o poder das ideias e dos ideais da criança que continua existindo no adulto." Todo aquele que tem ou virá a ter filhos pode beneficiar-se da sabedoria das palavras deste afável estudioso. Este ensaio é um capítulo de Listening With the Third Ear, *um fascinante relato da experiência interna do psicanalista, publicado pela primeira vez em 1948.*

Nem tudo que o analista se esforça por desvendar é material reprimido. A área do inconsciente alcança muito além da esfera que lhe é atribuída por acadêmicos da psicanálise. Inclui material deslocado, distorcido e repudiado. Há outros eventos e emoções ainda que nunca foram conscientes porque acontecem quando a pessoa era jovem demais para apreender-lhes o significado. Estes pertencem ao período pré-histórico da personalidade individual.

Nós, adultos, estamos a uma tal distância das maneiras e formas peculiares da nossa infância que estas se tornaram estranhas para nós. Todos têm vivências desse tipo. Nossos pais ou amigos idosos de nossa família disseram-nos que, quando éramos crianças, falamos isto ou fizemos aquela coisa estranha. Na maioria dos casos, não nos lembramos de nossas próprias palavras e atos. E, mesmo quando nos recordamos, não conseguimos mais descobrir por que agimos ou falamos daquele jeito. Não podemos pôr em dúvida a veracidade da história, mas não nos reconhecemos na situação que nos é mostrada. Temos

que admitir que fomos aquela menininha ou aquele garotinho, mas não conseguimos reconhecer qualquer identidade psicológica com o nosso passado. Este desapareceu como a neve do ano passado.

Recordações desta natureza brotam repetidas vezes na psicanálise. São conscientes no sentido de que o seu conteúdo pode ser averiguado, mas seu significado está perdido. Esse significado não foi reprimido. Tornou-se estranho à pessoa porque o adulto não tem condições de recobrar os processos de pensamento peculiares à infância. A perda de um antigo modo de sentir ou pensar pode ser já observada nas próprias crianças. Uma garotinha de oito anos não consegue acreditar que, quando estava com três anos apenas, quisera pegar uma lesma e ficara apreensiva com a ideia de que aquele bicho poderia sair correndo. Se, depois de alguns anos, as próprias crianças não conseguem mais reconhecer-se, como esperar que homens e mulheres aceitem sua identidade psicológica com o bebê que foram um dia? As atividades, as alegrias, os sofrimentos, os pequenos jogos que as crianças às vezes recordam representam sua verdadeira natureza, mas o self do passado parece desconhecido. Elas se espantam consigo mesmas e não conseguem imaginar o que as tornava tão esquisitas ou as levava a dizer coisas tão engraçadas. O psicanalista frequentemente tem dificuldade em lidar com lembranças desse tipo, uma vez que também em seu caso nenhum esforço consciente pode ajudá-lo a recuperar sua perspectiva infantil diante do mundo. Ele teria que estudar as crianças por muito tempo e com uma habilidade psicológica especial para compreender o que seus pacientes lhe dizem a respeito de alguns episódios de sua infância. Não o anseio pelo paraíso perdido, mas o desejo de compreensão psicológica lhe recorda a canção de Brahms que diz: “Oh, se eu apenas soubesse o caminho de volta, o querido caminho de volta até os dias de minha infância...”

Às vezes nos damos conta do quanto estamos distantes da maneira de sentir e pensar comum à criança, quando ouvimos as

coisas peculiares que elas dizem. Não me refiro às "explicações brilhantes", mas sim às observações e comentários que chamamos de ingênuos e que nos fazem rir porque são tão encantadores. Uma vez ouvi uma menininha na praia queixar-se de seu amiguinho: "Mamãe, Bobby não devia pegar tanta água do mar. O mar vai ficar vazio." Outro dia vi uma *charge* mostrando um pintor sentado diante de sua tela, no campo. Estava mergulhado em seu trabalho, e não prestava atenção à menininha caipira que o observava com muita atenção. De repente a criança quebra o silêncio, dizendo: "Eu tive sarampo...." Os dois momentos, o da garotinha preocupada com o amiguinho que vai esgotar o mar, e o da outra criança, que quer parecer importante e inicia uma conversa com a interessante novidade de que já teve sarampo, representam todo um grupo de pronunciamentos que mostram como é diferente o mundo que se reflete nessas cabecinhas.

Às vezes, no meio da psicanálise, ocorrem lembranças que nos deixam estupefatos porque não conseguimos entender de imediato o que significam, nem o que significaram para a criança que, vinte ou trinta anos depois, está como paciente em nosso consultório. Outras vezes é fácil e imediato captar-lhes o sentido; não temos dificuldade em nos colocar no mundo emocional da criança porque percebemos que somos ecos do mesmo sentimento quando cavamos fundo o suficiente em nossas próprias memórias. Acredito que todos irão ouvir um eco quando eu disser o que uma certa paciente lembrou sobre sua infância.

Quando ainda era bem pequena, esgueirou-se de sua cama e foi até a sala de jantar, no escuro, porque queria saber como a mobília, a mesa, as cadeiras e os abajures se comportavam quando estavam sozinhos, sem testemunhas. Estava convencida de que a sala e a mobília iriam comportar-se de outro modo, quando pensassem que não estavam sendo observadas. As concepções animistas das crianças a respeito do mundo são igualmente ilustradas por um outro paciente, que se lembrou de

ter um dia perguntado ao irmão mais velho se os postes do telégrafo conversavam com os postes de iluminação. Compreendemos imediatamente que o zunido na fiação era o motivo da indagação.

Todo psicanalista já se viu em apuros para lidar com memórias de infância, quando os próprios pacientes não compreendem o sentido de suas recordações. Por exemplo, houve uma mulher que se lembrava de, quando pequenina, ter um dia começado a chorar porque seu pai a conduziu ao elevador de um hotel no qual a família, interrompendo uma viagem, iria passar a noite. Sua lembrança lhe diz que o elevador era mais espaçoso do que qualquer outro que ela tenha visto desde então e que havia bancos estofados em três lados. Ela também está segura de que essa tinha sido a primeira vez que entrara num elevador. Ela sem dúvida recorda ter ficado desesperada ao entrar nele, e que o pai tentava em vão consolá-la e conter-lhe as lágrimas. Embora essa recordação se tenha repetido várias vezes em sua análise, nós não conseguíamos encontrar a razão para sua bizarra conduta naquele momento. Ela negava ter sentido medo quando o elevador começou a subir, porque já estava aos prantos antes disso acontecer. Nós - a paciente e eu - ficamos sem entender até que um dia, de repente, ocorreu-lhe que ela deve ter pensado que o espaçoso elevador era uma sala e que ela, em sua primeira visita a um hotel, talvez tivesse que dormir com o pai nessa sala. Ela havia pensado que os bancos estofados eram sofás-camas. Claro que essa recordação foi significativa para a compreensão do relacionamento entre a paciente e seu pai.

Em outros casos, o significado especial do comportamento de uma criança, ou de suas palavras, não é captado com tanta facilidade. Existem momentos em que não há conhecimentos, investimentos de tempo e de energia intelectual consciente, ou reflexões concentradas, que consigam penetrar nesses perdidos meandros dos processos emocionais da criança. Não há outro caminho para se atravessar essa área escondida além do da

identificação inconsciente com o paciente como criança.

Um homem lembrava-se de que, quando menino, tinha se comportado, certa vez, de uma forma estranha com sua mãe, enquanto estavam num ônibus. Uma mulher tinha descido do ônibus enquanto este ainda estava em movimento, caíra na calçada, sem, porém, machucar-se muito. O menino tinha protestado, em desespero, alegando não ter empurrado a mulher. Na realidade, ele estivera de pé a uma certa distância daquela passageira, de modo que teria sido impossível para ele tentar qualquer coisa do tipo. Não havia dúvida em sua memória de que o incidente acontecera assim mesmo. A interpretação analítica desta recordação de infância começou pressupondo que, de alguma maneira, suas emoções devem ter sido apropriadas. Depois ficamos sabendo que, naquela ocasião, ele se sentia muito hostil e agressivo com relação à mãe, que estava ao seu lado no ônibus. Diante de um sério conflito conjugal entre seus pais, ele se aliara ao pai. Pareceu-nos provável que sua hostilidade em relação à mãe tivesse levado a desejos agressivos, que reapareceram quando se deu o incidente do ônibus. Seus pensamentos pela mãe foram deslocados para a desconhecida. A mulher que machucara fora inconscientemente concebida como substituta da mãe. Quando ela se feriu, ele pode ter-se sentido culpado, como se tivesse realmente sido o responsável, porque havia nutrido desejos maldosos contra a mãe. Era como se seus desejos se tivessem tornado realidade, no acidente sofrido pela outra mulher. Existem muitos casos que mostram pessoas crescidas comportando-se de maneira semelhante quando um crime que desejavam ver acontecer é realmente cometido por terceiros.

Estou escolhendo um caso relativamente simples de minha experiência como psicanalista para demonstrar que apenas o retorno a um mundo ideativo como o da criança pode solucionar o enigma de uma recordação que para a própria pessoa adulta se tornou ininteligível.

Um paciente inglês lembrou-se de que, quando menino, tinha dito alguma coisa para sua irmã (dois anos mais velha que ele) que não fazia sentido para ele até aquele dia. Ele se lembrava da situação de maneira minuciosa. Estavam ambos perto de uma janela, em sua casa de campo, e começava a anoitecer. Olhavam as vacas regressando para o curral, atravessando a rua. O menininho se voltou para a irmã e perguntou-lhe: "Você consegue imaginar o tio Harry como uma vaca?" Bom, isso parece uma tolice e tanto e o paciente tendia a deixar de lado a sentença que lhe ocorrera à lembrança, pensando que era apenas uma das ideias estranhas que tantas vezes ocorrem às crianças. Ele se lembrava de que a irmã rolara pelo chão de tanto rir e que mais tarde brincava com ele, citando aquela sua pergunta.

Tentei convencê-lo de que essa sentença deveria ter feito algum sentido então. Suas associações parecem levá-lo até um passo bastante remoto, resgatando recordações de seu tio Harry e da tia Mabel, sua esposa, incluindo outros parentes, e do contraste entre a vida no campo e em Londres. O único fato que parecia ser digno de consideração, nessas associações, era que, pouco depois, a tia Mabel dera à luz um filho. Suponho que algo no comentário da criança aludia a esse acontecimento, talvez à gestação, que o menino tinha notado. Mas eu ainda não conseguia atinar com o significado daquela sentença: "Você consegue imaginar o tio Harry como uma vaca?" Nada indicava que o menininho suspeitasse de uma ausência de masculinidade em seu tio. Pelo contrário, esse tio era especialmente famoso como paquerador. Não chegamos a uma solução satisfatória da intrigante recordação que teve naquela sessão. Havia apenas a vaga ideia de que a sentença poderia ter alguma relação com a gravidez da tia Mabel.

A elucidação de seu sentido ocorreu-me muito tempo depois, quando o paciente, em outro momento e contexto, mencionou que as vacas às vezes se comportavam de modo esquisito na primavera. Saltam umas nas costas das outras, imitando os touros. De repente, tudo ficou claro. As crianças, o menino e

sua irmã deviam ter falado antes a respeito do que os adultos fazem em suas relações sexuais, comparando-as ao comportamento sexual lúdico das vacas. A pergunta “Você consegue imaginar o tio Harry como uma vaca?” tinha, nessa medida, o seguinte significado: “Você consegue imaginar o tio Harry comportando-se como uma vaca e saltando sobre as costas de outra vaca?” Isso, portanto, queria dizer: “Você consegue imaginar o tio Harry tendo uma relação sexual?” As crianças podem ter, nessa época, reparado na gravidez da tia e seus pensamentos se voltaram para as experiências sexuais dos parentes. A pergunta do menino é de natureza sexual. Agora faz sentido, depois que a traduzimos de sua linguagem infantil para as expressões que ora são familiares. A risada de sua irmã, compreendemos agora, não fora causada apenas pela maneira como a pergunta fora formulada: a menina rira, como um adulto riria, diante de uma alusão sexual cômica.

Tornou-se claro que essa interpretação de uma lembrança ininteligível de infância era fundamental para a análise desse paciente. Ele negara ter qualquer conhecimento dos processos sexuais antes de uma determinada idade. Embora o adulto não a compreendesse, ali estava a prova perfeita de que ele conhecia o segredo sexual antes da tal idade. Seus pais adiaram as informações sexuais; pareciam estar esperando de modo indefinido, “até que as vacas voltassem para casa". Mas as crianças conheciam o segredo havia muito tempo e o regresso das vacas só lhes serviu de oportunidade para reverem o que tinham aprendido. Muitas vezes, são justamente essas recordações de infância incompreendidas que, ao serem interpretadas pela psicanálise, oferecem importantes indicações sobre a história de vida e a formação do caráter dos nossos pacientes.

A criança é o pai do homem. Na realidade, há três pessoas no consultório do psicanalista: o analista, o paciente, tal como é agora, e a criança que continua sua existência dentro do paciente. Reconhecemos como as antigas convicções da

infância vivem nos subterrâneos da personalidade, lado a lado com as opiniões e visões do adulto. Antigos valores, conscientemente descartados há muito tempo, atuam no escuro e influem na vida do paciente. Seria um sério equívoco da parte do analista subestimar o poder das ideias e dos ideais da criança, que continuam existindo no adulto. Estes, às vezes, irrompem de maneira muito repentina de suas profundezas para a clara luz da vida consciente. O adulto sente um súbito temor do escuro e imagina que um quadro se tornou vivo. Está então revivendo a crença animista da infância, quando todo objeto inanimado tinha vida e alma próprias. Para nossa imensa admiração, muitas vezes nos damos conta de que algumas crenças infantis permanecem intactas dentro de nós, não estando, de modo algum, mortas e enterradas, mas apenas submersas.

Seria um equívoco mostrar indiferença diante desse fenômeno. O psicanalista deve buscar a criança no homem, em si mesmo e nos outros. Ele não compreenderá a profundidade das emoções se não tiver consciência desses vestígios de infância na maturidade. Essas ideias infantis não precisam ser criancices, por serem pueris. Algumas delas são construídas em torno de um núcleo de verdades precocemente apreendidas e revelam uma visão surpreendentemente clara do ambiente social contida no estreito círculo que constitui o mundo infantil.

Há aproximadamente cem anos, viveu em Viena um ator e satirista brilhante, chamado John N. Nestroy, cujas peças cheias de humor eram adoradas pelos vienenses. Numa dessas peças um personagem fala dos aprendizes de sapateiro, que eram conhecidos como jovens muito espertos e atirados, precocemente maduros, como os rapazes da parte baixa do East Side de Nova York. “Gostaria de saber,” diz esse personagem, “o que enfim acontece com todos vocês, rapazes aprendizes, tão ladinos?” Freud, que frequentemente citava essa fala, respondeu: “Eles se tornam sapateiros estúpidos.” Freud disse que, numa certa altura da infância, a repressão sexual começa a

atuar e põe fim à inteligência natural e brilhante da criança. Penso que sua resposta é unilateral. A criança aprende também a aceitar a autoridade e a reprimir suas agressões, rebeldia e independência de pensamento, que lhe são naturais. Não obstante, é verdade que, muitas vezes, crianças muito brilhantes de repente manifestam, numa certa idade, uma espécie de enfraquecimento de seus poderes naturais de observação e julgamento, como se o ajustamento à sociedade as forçasse a sacrificar essas qualidades pessoais do início de suas vidas.

As ideias das crianças, como dissemos, costumam conter um germe de verdade apresentada de uma maneira infantil que às vezes parece engraçada. Tive um paciente a quem os pais explicaram os processos sexuais quando ainda era bem pequeno. Apesar disso, o menino se manteve intrigado a respeito da sexualidade masculina, porque tentava imaginá-la em termos de animais e flores, que era a maneira como os pais lhe tinham explicado. Ele imaginava que um certo marido batia na porta do quarto da esposa, certas noites da semana, e dizia: "Mary, a semente está aqui." Não há dúvida de que existe uma certa verdade biológica na concepção desse garotinho. Quando você remove os adereços e chega ao cerne, dá-se conta de que o mundo é assim como o Joãozinho o enxerga.

Muitas vezes nos recordamos, no nosso trabalho analítico, de que a criança continua viva dentro do homem e da mulher. A própria vida testemunha essa sobrevivência. Quando minha filha Miriam era pequenininha e a levamos ao dentista pela segunda vez, ela engatinhou para baixo de uma mesa e não houve o que se dissesse que conseguisse amenizar sua ansiedade. A mãe tentou em vão convencê-la: "Você acha que uma senhora iria engatinhar de quatro para baixo da escrivaninha do dentista?" Minha filha respondeu: "Ela bem que gostaria, mas é grande demais."

37. O pai ferido interior

SAMUEL OSHERSON

Este comovente ensaio, de autoria do psicoterapeuta Samuel Osherson, foi extraído de seu interessante livro a respeito de questões inacabadas entre os homens e seus pais, intitulado Finding Our Fathers. *Embora se concentre especificamente nos conflitos interiores do homem, os sentimentos mencionados ultrapassam a questão do sexo: sentimentos de abandono, anseios profundos, carências, que tanto homens como mulheres têm dificuldade em aceitar como parte de si mesmos. "Por não termos tido uma maior capacidade de cuidar das partes carentes e vulneráveis de nós mesmos," escreve Osherson, 'trazemo-las sempre conosco, onde quer que estejamos, formando um resíduo infantil zangado e triste que tantas vezes molda as nossas relações na vida adulta."*

Todavia, este é um ensaio específico sobre os homens e a vulnerabilidade masculina: "O meu trabalho com homens tem-me convencido de que existe uma vulnerabilidade do sexo masculino nos relacionamentos que pode ser atribuída às primeiras vivências infantis de perda e separação." Osherson sugere que os homens têm uma tarefa que, sem dúvida, corresponde à das mulheres, e que consiste em abandonar as "identificações distorcidas e dolorosas" com seus pais. Sua inequívoca mensagem é que devemos curar e resgatar o pai, dentro de nós, a fim de nos tornarmos acolhedores, tanto para nossa criança interior como para a exterior. Osherson sugere que isso não só é possível como necessário paia que nos sintamos fortes na vida. Este é um texto de liberação, adequado para encerrar este livro, enquanto mensagem para homens e mulheres.

As atuais situações familiares estão reavivando questões de perda e separação que os homens não tiveram oportunidade de

elaborar durante sua fase de crescimento. Essas questões dizem respeito à nossa própria vulnerabilidade e dependência enquanto homens; às incertezas que temos com respeito à nossa identidade e ao que significa ser homem; às necessidades de apoio e tranquilização que muitos de nossos pais encobriram sob a máscara superficial de constelações familiares tradicionais e que transmitiram — impropriamente — aos filhos. As exigências normais da vida familiar contemporânea são poderosamente moldadas pelas vivências iniciais que os homens tiveram com seu pai e sua mãe e pelas lições aprendidas a partir dessas vivências a respeito do que significa ser homem.

Muitas vezes os homens reagem ao envolvimento das esposas com o trabalho ou com os filhos sentindo-se como crianças abandonadas e famintas da atenção e carinho dos pais. Quando a esposa sai de casa para trabalhar, eles podem sentir - sem o saberem - algo de vulnerabilidade e raiva que, quando criança, também sentiam quando queriam, ao mesmo tempo, segurar a Mamãe e afastar-se dela. O fato de muitos pais saírem todo dia para o trabalho, deixando-nos sozinhos com nossas mães, aumenta a importância da mãe e enfraquece o papel do pai como figura de transição, necessária, para completar o processo normal de separação-individuação em relação à mãe. Além disso, como raramente observou o pai assumir um papel secundário em relação ao da mãe, o homem pode não saber qual o grau de confiança que pode depositar numa esposa que trabalha.

Um dia, um bem-sucedido advogado de 38 anos, com um luxuoso escritório em Manhattan, estava me contando sobre seu casamento. O tom confiante e envolvente daquele homem de repente se tornou queixoso: “Sem querer parecer condescendente, sempre supus que minha esposa teria sua própria carreira profissional. Só que nunca previ que seria *assim.*” Este *assim* referia-se à mescla de perda, sensação de abandono e necessidades insatisfeitas de dependência que ele sentia à noite e nos fins de semana, quando sua esposa dedicava

seu tempo e energia à própria carreira e não a ele.

Esse lamuriento advogado não está só em sua sensação de abandono. Um famoso professor universitário também falava sobre o lado mais escuro de um casamento em que ambos eram profissionais de carreira. Sensato e gentil, ele se sentia evidentemente orgulhoso das realizações da esposa, que conseguira criar um centro de aconselhamento, agora que os filhos estavam crescidos. No entanto, deteve-se numa certa altura de nossa conversa para refletir que "a segurança é uma ilusão, sabe, e eu preciso de que minha esposa apoie em mim a noção de que *posso* obter êxito, de que consigo fazer o trabalho escrito que é necessário toda semana, publicar os artigos na corrida pelas qualificações. Desde que minha esposa começou a trabalhar tem tido muito menos tempo para mim, e eu sei que manter a confiança em mim é uma luta incessante em meu íntimo".

De maneira semelhante, a chegada dos filhos pode reavivar alguns dos nossos anseios de sermos cuidados dessa mesma forma paradisíaca, assim como nosso desesperado desejo de provar que abandonamos esses anseios e que somos independentes. Tornar-se pai pode também mobilizar um conflito de identidade no homem que, carente de modelos de papéis em seu passado, não tem nenhuma segurança quanto à forma como pode ser um pai *presente* para seus filhos.

Um executivo contou-me com orgulho o quanto participara do nascimento de sua filha. Falou, porém, todo encabulado de como se sentira traído pela esposa, que manteve sua atividade profissional, numa carreira que a solicitava bastante como advogada, agora que já tinha nascido a primeira filha do casal. Durante dez anos tinham partilhado a maioria do tempo livre. Agora que a esposa fazia malabarismo para conciliar a pratica forense e os cuidados devidos a um bebê de um ano, parecia-lhe como se ela tivesse tempo para tudo menos para mim". Estendendo as mãos à sua frente num tímido gesto de

constrangida carência, ele exclamou: "O novo bebê está indo muito bem, mas e quanto ao velho bebê? Eu!"

Existem inúmeras circunstâncias na vida adulta que nos fazem sentir como crianças — carentes, indefesos, para mudar as coisas. Ao crescerem, os homens têm grande dificuldade em conviver com a dependência e a vulnerabilidade, porque muitas vezes os pais lhes mostraram que esses são sentimentos inaceitáveis, que, para serem bem- sucedidos como homens, para conquistarem aprovação de seus pais, deviam realizar-se somente no plano externo. Nossa vulnerabilidade e dependência tornaram-se envoltas por uma competente e instrumental pose de adulto, ou pelo enfoque exclusivo daquilo que nós, homens, sabemos fazer bem: nossa capacidade de realizar no mundo do trabalho.

No entanto, apesar de nossa segurança no que se refere ao trabalho, esse campo também é rico em incertezas. Grande parte da incerteza diz respeito ao grau de comprometimento que é necessário para fazer uma carreira de sucesso; há uma certa sensação de desconforto na autoimagem promovida pelo mercado profissional competitivo. Um estupefato funcionário público de Washington, diretor adjunto de uma poderosa instituição do governo, disse-me, com total desânimo, depois de uma entrevista repleta de relatos heroicos de êxitos profissionais: "Uma grande preocupação me incomoda... Sinto-me cada vez mais como uma ferramenta bem afiada para o meu chefe." Depois, a pista: "Ele é como um pai para mim." São muitos os homens de hoje que se perguntam até que ponto têm que viver sua vida da mesma forma que o seu chefe ou o seu mentor.

É evidente que a capacidade de autonomia, independência e identidade separada são elementos essenciais a uma vida adulta saudável. Mas a ênfase que damos a essas qualidades nos meninos obscurece a luta que vivenciam em seu processo de separação do pai e da mãe. Por não termos tido uma maior

capacidade de nutrir as partes carentes e vulneráveis de nós mesmos, trazemo-las sempre conosco, onde quer que estejamos, formando um resíduo infantil zangado e triste que tantas vezes molda as nossas relações da vida adulta com a esposa, os filhos, o chefe e os nossos próprios pais.

Os homens costumavam ser protegidos das questões não-resolvidas com suas mães e seus pais pela tradicional divisão do trabalho. Mas os que foram criados nas décadas durante as quais o movimento feminista se tornou uma força poderosa estão agora vivendo mudanças sociais de proporções épicas: o claro e direto movimento das mulheres rumo a posições de maior poder e igualdade no mercado de trabalho e o movimento dos homens para o seio da vida familiar. Independentemente de os homens estarem ou não participando mais da vida familiar (e as evidências sugerem que há, de fato, um discreto movimento nesse sentido), eles não estão mais sendo protegidos daquelas partes da vida que tiveram de reprimir ou desvalorizar a fim de crescer.[1] Hoje, quando a esposa sai para trabalhar, quando chega o bebê, ou quando família se reorganiza em função da saída dos filhos da casa paterna, o homem é menos capaz de voltar a adotar os papéis e expectativas tradicionalmente masculinos. Muitas vezes, é posto de novo em contato com antigos sentimentos de desespero e impotência que, quando criança, não elaborou completamente, e é apanhado de surpresa, sentindo uma dor que, na realidade, não consegue compreender de onde vem.

A natureza volátil desta situação é exacerbada pela desconfiança mútua entre os sexos. Nesta época de transição dos papéis sexuais, é frequente os homens e as mulheres se olharem com desconfiança mútua. Muitas mulheres se sentem impacientes diante da resistência dos homens a mudar, e sentem que eles estão apenas tentando apegar-se ao seu poder nas relações, ou que se mostram desesperadamente incapazes para a intimidade. Por sua vez, os homens costumam assumir a defensiva perto das mulheres, sentindo-se acusados e criticados

pelo movimento feminista. Alguns procuram então ocultar sua impotência ou incompetência escondendo-se por trás de uma postura emocionalmente encouraçada. Em muitos dos casamentos atuais, a esposa não tem simpatia nem paciência pelos temores e ansiedades pueris do mando, conforme ambos tentam desenvolver novas composições trabalho-família, em sua convivência.

Os dois sexos parecem ter hoje um estereótipo em comum: os homens são distantes e desvinculados, enquanto os relacionamentos são a especialidade das mulheres. Muita gente acredita que as mulheres se importam mais com o amor do que os homens. Contudo, a divisão dos sexos, que coloca os homens como seres racionais e as mulheres como seres que sentem, simplesmente não é verdadeira, além de ser um mito muito perigoso e prejudicial. Em tudo com que o feminismo contribuiu para a nossa cultura, ele também introduziu uma sutil idealização das mulheres e uma menos sutil difamação ou incompreensão dos homens. O meu trabalho com homens tem-me convencido de que existe uma vulnerabilidade do sexo masculino nos relacionamentos que pode ser atribuída às nossas primeiras vivências infantis de perda e separação. A chave para as questões não resolvidas da masculinidade consiste em desemaranhar e abandonar nossas identificações dolorosas e distorcidas com os nossos pais.

Para compreender os conflitos adultos dos homens com relação ao trabalho e à intimidade, no mundo de hoje, temos que entender o modo como o menino se vivencia, e como vivencia as mulheres e os homens, da mesma forma como temos que compreender suas relações atuais como homem adulto com o pai e a mãe de sua infância.

É possível curar o pai ferido interior. Os homens não são vítimas passivas; grande parte do nosso desejo de nos envolvermos mais com os nossos filhos ou de nos tornarmos mentores no trabalho, grande parte da fome de intimidade que

tantos homens revelam é, na realidade, uma tentativa de curar a ferida que temos dentro do peito, para podermos nos tornar mais confiantes e acolhedores como homens. À medida que aprendemos mais a respeito do ciclo da vida adulta, descobrimos que as pessoas revivem as questões de separação e individuação dos pais durante toda a sua vida adulta. O dr. George Vaillant, diretor do Grant Study, numa pesquisa longitudinal com homens de Harvard, conclui: "Repetidas vezes, durante a pesquisa, constatávamos a mesma lição: a infância não acaba aos vinte e um. Até mesmo esses homens, escolhidos entre o corpo discente universitário devido a sua saúde psicológica, continuavam, nas duas décadas seguintes, desmamando dos pais."[2]

Já conversei com um número suficiente de homens para saber que tanto o trabalho como a família podem ser experiências curativas para os homens; sobretudo quando se portam como maridos e pais acolhedores, podem curar e resgatar o relacionamento com seus próprios pais e mães, deixando de lado as opressivas fantasias sobre o que lhes aconteceu enquanto cresciam para se tornar homens. Não obstante, também há muitos homens que continuam representando com o chefe e a esposa aquelas questões não-resolvidas do relacionamento com o pai e a mãe.

Curar e resgatar o pai ferido interior é um processo psicológico e social que se desdobra com o passar do tempo e implica a investigação da nossa própria história, testando e explorando um novo senso de nós mesmos, bem como a compreensão dos complexos entrecruzamentos existentes no seio de nossa família, os quais tanto nos afetaram durante nossa fase de crescimento. É certo que significa tolerar a raiva e as sensações de carência que o trabalho e a vida em família provocam atualmente, e não tentar descartar com muita pressa esses incômodos e infantis sentimentos de impotência que latejam por baixo da pose de competência e identidade masculinas.

O pai ferido interior

Vi esse menininho dentro de mim num certo dia de verão, no nosso chalé de New Hampshire, há vários anos. Aconteceu num período em que me sentia estagnado e frustrado em meu trabalho. Apesar do sol brilhando do lado de fora, eu trabalhava com afinco num livro cujo tema central tinha-me escapado por completo. Inundou-me uma profunda sensação de afundamento. Eu caminhava em meio a pilhas congeladas de palavras, que chegavam até a altura dos joelhos, entediado com o que estava escrevendo, além de zangado e enfurecido.

Minha esposa estava observando meu melodrama diário de frustração. Certa manhã, para me levantar o ânimo, ela sugeriu que caminhássemos por uma de nossas trilhas favoritas.

"Não, não posso. Quero terminar este capítulo, Julie. Não posso folgar agora", respondi entredentes.

"Então, como está indo o trabalho?"

"Péssimo. Odeio este texto. Por que estou fazendo isto? Será que precisa ser tão difícil?"

Captei uma expressão de pena, irritação e enfado cruzando o rosto de Julie, aquela espécie de olhar que as pessoas mostram quando veem uma pessoa que amam fazendo mal a si própria outra vez. E da mesma forma. Pela enésima vez. E dessa vez ela descarregou:

"Você já me disse isso um milhão de vezes, Sam. Quando é que você vai ouvir a você mesmo? Por que não dá uma parada e pensa melhor nisso tudo? Você não tem certeza do que quer dizer nesse livro, e nem mesmo de que está fazendo do jeito certo."

"Você parece um menininho andando pela rua, puxando o caminhãozinho cheio de pedras, chorando e pedindo ajuda." Tal como os meninos que procuram a mãe, os homens crescidos procuram a esposa para receber conforto e apoio sem terem que

levar a sério sua dor. Quando eu era pequenininho eu ia até minha mãe com a dor que estivesse sentindo (constrangido e inadequado), mas nunca consegui ir satisfatoriamente até o meu pai com esse problema.

Gostei do interesse e da preocupação de Julie e, por fim, segui seu conselho e deixei o livro de lado. Contudo, ao identificar minhas expectativas e o jogo que eu estava praticando, ela também o encerrava. Senti-me envergonhado e enfurecido. Uma voz interior bastante zangada gritou em resposta:

"É sua obrigação para comigo!"

Ali estava o trato tradicional que os homens fazem com as mulheres: eu trabalho bastante e sofro e ela tem que ser simpática, confortar-me e tranquilizar-me. Muitas vezes, a incapacidade que os homens têm de se despedir da mãe parece um prêmio de consolação pela ausência de uma sensação paterna tranquilizadora.

Ali estava eu, naquela maravilhosa região do interior de New Hampshire, sofrendo - ela deveria, supostamente, consolar-me, não desafiar-me a crescer! Ela não estava correspondendo ao seu papel no meu drama passional.

Se minha raiva naquele momento tivesse mais voz, eu poderia ter dito: "Você é uma mulher, não vai entender — não é possível que você possa perceber o que é ser homem."

Vem à minha mente uma imagem de meu pai olhando para a TV, todo carrancudo, depois de ter trabalhado pesado o dia todo. Minha mãe, aparentemente mais animada, vibrante; meu pai, parecendo derrotado de uma maneira sobre a qual realmente não se podia falar. Afinal de contas, ele era um grande sucesso no trabalho, mas a sensação que ele tinha de estar preso numa armadilha não era um tópico apropriado para conversa em família, ou assim me pareceu na época.

Para meu grande espanto, sentado há vários anos naquele chalé de verão, vi que, da mesma forma como eu estava zangado em

relação ao rosto triste e impotente de meu pai, em nossa casa, aquela parte dele existia em mim também. E minha mulher tinha posto o dedo naquela parte zangada e aprisionada dentro de mim que eu tinha medo de encarar.

Em algum remoto recesso onde nos vemos com clareza, topei com a assustadora verdade: sentia-me impotente para assumir o controle de minha vida. Estava fazendo Julie de minha mãe enquanto, em minha dramatização passional, eu me tornava meu pai ou, no mínimo, minha imagem dele. A lição de John Updike veio-me à mente, explorada na viagem do rabino Angstrom ao longo da idade adulta: o destino dos homens americanos é permanecerem meninos, sem jamais alcançarem a liberdade, seja do pai, seja da mãe.

Para que os homens sintam sua força, para que cheguem a um acordo com sua identidade e lidem honestamente com sua esposa, seus filhos e com as solicitações profissionais, é preciso que cuidem do pai interior ferido, daquela versão triste-zangada de si mesmos que se sente não-amada e não-amorável. Isso quer dizer chegar a um acordo final com aquela pessoa distorcida que nunca conseguimos conhecer suficientemente bem: o pai.

Epílogo:

“Que você possa permanecer jovem para sempre”

A criança [interior] é, portanto... tanto começo como fim, uma criatura ao mesmo tempo inicial e terminal. A criatura inicial existiu antes que o homem fosse e a terminal existirá depois que o homem não for mais. Em termos psicológicos, isso significa que a “criança” simboliza a essência pré e pós-consciente do homem. Sua essência pré-consciente é o estado inconsciente do início mesmo da infância; sua essência pós-consciente é uma antecipação por analogia da vida depois da morte. Nesta ideia expressa-se a natureza todo- abrangente da totalidade psíquica.

- C. G. Jung

A criança sobrevive dentro de nós, unida a nós para toda a vida: perenemente criança, viva por inteiro, uma possibilidade interior aguardando nosso pleno e consciente reconhecimento de sua presença. Contudo, fixar-se na criança interior ou exceder-se na identificação com o arquétipo é inadequado, psicologicamente debilitante, da mesma forma como é perigosa toda identificação inconsciente com uma ideia.

Mas acolher a criança, incorporá-la conscientemente como uma manifestação saudável de nossa totalidade psíquica, é receber a dádiva da criança interior.

O processo começa em alguma parte, provavelmente no óbvio e no lugar comum. Um simples reconhecimento, um brilho traquinas nos olhos, um sorriso maroto, e pronto!

No fundo do coração, somos todos simplesmente crianças. “Somos apenas crianças grandes, querido,” disse Lewis Carroll em *Through the Looking Glass,* “que esperneamos quando descobrimos que chegou a hora de ir para a cama”.

Alice Miller, em *Pictures of Childhood*, confessou seu momento de escolha da seguinte maneira:

Provavelmente, também eu teria permanecido prisioneira desta compulsão de proteger os pais... se não tivesse entrado em contato com a Criança Dentro de Mim, que apareceu tarde em minha vida, querendo contar-me seu segredo... então me percebi perto de uma porta aberta... repleta do medo adulto da escuridão... Mas eu não consegui fechar a porta e deixar a criança sozinha até morrer... Tomei uma decisão que iria mudar profundamente minha vida... depositar minha confiança nesse ser quase autista que tinha sobrevivido ao isolamento de décadas.

Aprendi a lição de acolher a criança interior numa fase de minha vida marcada por extrema vulnerabilidade. Foi quando da morte repentina de meu pai. Eu estava com vinte e um anos. Consegui superar o choque com o auxílio das palavras de dois amigos queridos que me enviaram um telegrama. Foi um reconhecimento instantâneo, que veio tão logo li as palavras:

A vida é um espírito de criança dentro de você que não responde à pergunta "por quê", mas ela é um ser amoroso e você deve acolhê-la, apesar de ela se comportar mal. Ela é cheia de alegria e dor, linda e enriquecedora. Contudo, lembre-se, ela está sempre do seu lado (nunca contra você).

• • •

Quando você vivencia a criança interior, ela o leva até o mundo. Estamos todos aqui para viver segundo o destino da criança.

"O grande barco", disse Whitman, "o barco do Mundo. Marinheiros, Marinheiros, juntai vossas habilidades."

Notas

ABREVIAÇÕES USADAS NAS NOTAS[4]

CW Collected Works of C. G. Jung (Bollingen Series XX), traduzido por R. F. C. Hull e organizado por H. Read, M. Fordham, G. Adler e William McGuire (Princeton, N.J.: Princeton University Press; e Londres: Routledge e Kegan Paul, 1953); as citações aparecem com a indicação do número do volume, do parágrafo ou da página.

MDR C. G. Jung, *Memories, Dreams, and Reflections* (Nova York: Random House, 1961).

PC "The Psychology of the Child Archetype" in CW, vol. 9, parte I, *The Archetypes and the Collective Unconscious* [Os *Arquétipos* e *o Inconsciente Coletivo.*]

Introdução/Abrams

As citações de todos os colaboradores provêm de seus respectivos ensaios, exceto onde é dada indicação em contrário. Os subtítulos são citados da seguinte maneira: "Onde está a vida que perdemos enquanto fomos vivendo?" - T. S. Eliot; "Leva muito tempo para nos tornarmos jovens" — Picasso; "Cantai, ó Musa, a Criança!" - Homero.

Citação de abertura do capítulo: C. G. Jung, *CW,* vol. 17, p. 286.

1. C. G. Jung, *CW,* vol. 16, *The Practice of Psychotherapy* [*A Prática da Psicoterapia*] (Princeton, N.J.: Bollingen, 1954), p. 32.

2. Oliver Barker, "Healing the Child Within", in *The Wake of Jung* (Londres: Coventure, 1983), pp. 48-49.

3. Ronald W. Clark, *Einstein: The Life and Times* (Nova York: Abrams, 1984), p. 13.

4. Paul A. Schlipp, org., *Albert Einstein: Philosopher-Scientist* (Nova

[4] Com o objetivo de informar ao leitor a existência em português de obras citadas nas notas, foram traduzidos apenas os títulos das mesmas; os demais elementos da referência foram mantidos de acordo com o original. As indicações bibliográficas completas em português aparecem na bibliografia entre colchetes. (N.T.)

York: Tudor, 1951), p. 17 (conforme citação em *Cradles of Eminence,* de Goertzels; vide bibliografia).

5. Segundo citação em Marshall McLuhan e Quentin Fiore, *The Médium is the Massage* (Nova York: Bantam Books, 1967), p. 93.

6. Johann Wolfgang von Goethe, "The Holy Longing", 1814, tradução de Robert Bly, conforme edição em *News of the Universe* (São Francisco: Sierra Club Books, 1980), p. 70.

7. C. G. Jung, 1932, da Introdução ao livro de M. Esther Harding, *The Way of All Women* (Nova York: C. G. Jung Foundation, 1970), p. xvii.

8. William Butler Yeats, "The Second Coming", *Selected Poems and Two Plays of William Butler Yeats,* org. M. L. Rosenthal (Nova York: Collier, 1962), p. 91.

9. "To Find Our Life", segundo Ramon Medina Silva, conforme publicado em *Technicians of the Sacred,* org. Jerome Rothenberg (Berkeley: University of California Press, 1968, 1985), p. 232.

Capitulo 1/Sullwold

1. George Bemard Shaw, "Essay on Parents and Children", in *Prefaces* (Londres: Constable & Co., 1934), p. 47.

2. William Wordsworth, "Ode: Intimations of Immortality..." in Laurel Poetry Series (Nova York: Dell, 1968), p. 115.

3. *PC,* p. 170.

Capítulo 2/Jung

1. Talvez não seja supérfluo assinalar que o preconceito leigo está sempre disposto a identificar o motivo da criança com a "criança" da experiência concreta, como se a criança real fosse a causa e a pré-condição da existência do motivo da criança. Para a realidade psicológica, entretanto, a ideia empírica "criança" é apenas um meio (e não o único) de expressar o fato psíquico que não pode ser formulado com mais exatidão. Portanto, de acordo com esse raciocínio, a idéia mitológica da criança é, decididamente, não uma cópia da criança empírica, mas um *símbolo* claramente identificável enquanto tal: é uma criança-maravilha, uma criança divina, concebida, nascida e criada nas circunstâncias mais extraordinárias e

não - e essa é a questão - uma criança humana. Seus feitos são tão milagrosos ou monstruosos como sua natureza e constituição física. Somente em virtude dessas propriedades altamente não-empíricas é que se torna, aliás, necessário falar de um "motivo da criança". Além disso, a "criança" mitológica tem várias formas: ora é um deus, ora um gigante, ora o Pequeno Polegar, ora um animal, etc., e isso indica a vigência de uma causalidade que não tem nada de racional ou concretamente humano. O mesmo é válido para os arquétipos do "pai" e da "mãe", que, mitologicamente falando, são símbolos igualmente irracionais.

2. C. G. Jung, *Psychological Types [Tipos Psicológicos*], in *CW,* vol. 6 (fonte alternativa: tradução de H. G. Baynes (Londres e Nova York: 1923)) Def. 48; e *Two Essays on Analytical Psychology* [*Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica*i], in *CW,* vol. 7, 2ª edição (Nova York e Londres: 1966), índice, ver "persona".

3. _____ [*Tipos Psicológicos*], in *CW,* vol. 6, capítulo V, 3: "O significado do símbolo de união."

4. _____ *Psychology and Alchemy* [*Psicologia e Alquimia*], in *CW,* vol. 12, 2ª edição (Nova York e Londres: 1968).

5. _____ *Two Essays on Analytical Psychology* [*Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica*], in *CW,* vol. 7, parágrafos 399 ss.

6. _____ [*Psicologia e Alquimia*], in *CW,* vol. 12, parágrafos 328 ss.

Capitulo 3/Young

1. C. G. Jung, "A psicologia do arquétipo da criança", in *Psyche and Symbol,* org. Violet S. de Laszlo (Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1958), p. 124n.

2. Este conto aparece em Heinrich Zimmer, *Myths and Symbols in Indian Art and Civilization* [*Mitos e Símbolos da Arte e Civilização da índia*], org. Joseph Campbell (Nova York: Harper & Row, 1962), pp. 4-10.

3. Heinrich Zimmer, *The King and the Corpse: Tales of the Soul's Conquest of Evil,* org. Joseph Campbell, Princeton/Bollingen (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1971), p. 134n.

4. Zimmer, *The King and the Corpse,* p. 192.

5. Minha discussão das idéias de Jung a respeito do arquétipo da criança fundamenta-se nos seguintes ensaios de Jung: "A psicologia do arquétipo da criança" e "A fenomenologia especial do arquétipo da criança", in *Psyche and Symbol,* org. Violet S. de Laszlo.

6. As citações da poesia de Wordsworth foram obtidas em *Wordsworth: Poetical Works,* org. Thomas Hutchinson, revisto por Ernest de Selincourt (Londres: Oxford University Press, 1969).

7. Erich Neumann, *The Origins and History of Consciousness,* tradução de R. F. C. Hull (Nova York: Harper & Brothers, 1962), p. 23. [*História da Origem da Consciência,* Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]

8. Jung, "A psicologia do arquétipo da criança", p. 131.

9. Jung, "Fenomenologia especial do arquétipo da criança", p. 135.

10. Meu resumo se baseia em Jung, "A psicologia do arquétipo da criança", pp. 125 ss.

11. Ibid., p. 135.

12. Ibid., p. 130.

13 Richard J. Onorato, *The Character of the Poet: Wordsworth in the Prelude* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1971), p. 203.

14. A. Charles Babenroth, *English Childhood: Wordsworth's Treatment of Children in the Light of English Poetry* (Nova York: Colúmbia University Press, 1922), p. 314.

15. Zimmer, *The King and the Corpse,* p. 131.

Capítulo 4/Bachelard

1. Alain Bosquet, *Premier testament* (Paris: Gallimard), p. 17.

2. Charles Plisnier, *Sacre,* XXI.

3. Paul Chaulot, *Jours de beton,* org. Amis de Rochefort, p. 98.

4. Conde de Villiers de L'Isle-Adam, *Ísis* (Bruxelas e Paris: Librame Internationale, 1862), p. 85.

5. Vincent Huidobro, *Altaible,* tradução de Vincent Verhesen, p. 56.

6. Oerhard de Nerval escreve: "As recordações da infância retornam à vida quando a pessoa alcança a metade do caminho da sua vida"

(*Les filies du feu, Angelique,* 6ª carta, org. du Divan, p. 80). Nossa infância espera um longo tempo antes de ser reintegrada à nossa vida. Essa reintegração é sem dúvida possível apenas na segunda metade da vida, quando a pessoa regressa, colina abaixo. Jung escreve (*Die Psychologie der Uebertragung,* p. 167): "A integração do Self, considerada no seu sentido mais profundo, é uma questão para a segunda metade da vida." Enquanto a pessoa está no florescer da vida, parece que a adolescência que sobrevive em nós coloca uma barreira à infância que está à espera de ser revivida. Essa infância é o reino do Self, do *Selbst,* proposto por Jung. A psicanálise deveria ser praticada por homens idosos.

7. Jean Follain, *Exister,* p. 37.

8. Baudelaire, *Les paradis artificiels,* p. 329.

9. Pierre Emmanuel, *Tombeau d'Orphee,* p. 49.

10. Robert Ganzo, *L'oeuvre poétique,* Grasset, p. 46.

11. Alexandre Amoux, *Petits poèmes* (Paris: Seghers), p. 31.

12. Jean Rousselot, *Il n'y a pas d'exil* (Paris: Seghers), p. 41.

13. Edmond Vandercammen, *Faucher plus près du ciel,* p. 42.

14. Henry David Thoreau, *Walden,* p. 48.

15. Lamartine, *Les foyers du peuple,* 1ª série, p. 172.

Capítulo 5/Singer

1. William Blake, *A Song of Liberty.*

2. *PC,* in *CW,* vol. 9, p. i.

3. Cf. também Baco, Dioniso.

4. Marie-Louise von Franz, *O problema do* puer aeternus.

5. Ibid.

6. Uma discussão completa deste arquétipo e do precedente aparece no ensaio de James Hillman "Senex e *Puer*: Um aspecto do presente histórico e psicológico" in *Eranos-Jahrbuch* XXXVI/1967 (Zurique: Rhein-Verlag, 1968).

Capítulo 6/Metzner

1. Ramana Maharshi, *The Spirituai Teachings of Ramana Maharshi,* com prefácio de C. G. Jung (Boulder, Colo.: Shambhala, 1972). [*Ramana Maharshi - Ensinamentos Espirituais,* Editora Cultrix, São Paulo, 1991.]

2. *PC,* p. 164. Jung continua: "Na psicologia do indivíduo, a 'criança' sedimenta o caminho para uma futura mudança na personalidade. No processo de individuação, antecipa a figura que vem com a síntese dos elementos consciente e inconsciente da personalidade. É, portanto, um símbolo que une os opostos, um mediador, um portador de cura e resgate interiores, quer dizer, aquele que torna completo."

3. Michael Harner, *The Way of the Shaman* (São Francisco: Harper & Row, 1980). [O *Caminho do Xamã,* Editora Cultrix, São Paulo, 1989.]

4. Meister Eckhart, *Meister Eckhart,* tradução de Raymond B. Blakney (Nova York: Harper & Row, 1941).

5. Fritz Meier, "The Transformation of Man in Mystical Islam", in *Man and Transformation,* org. Joseph Campbell; Eranos Anuários, vol. 5; Bollingen Series, nº 30 (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1964).

6. Edição King James da Bíblia: Novo Testamento, João 3:3.

7. C. G. Jung, "Sobre o renascimento" in *The Archetypes and the Collective Unconscious* [Os *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*], p. 121, *CW,* vol. 9, parte I.

8. Evelyn Underhill, "Treatise of the Ressurrection" in *Mysticism* (Nova York: New American Library, 1955).

9. *PC,* pp. 151-181.

10. Chuang Tsu, *Inner Chapters,* tradução de Gia-Fu Feng e Jane English (Nova York: Random House, 1974).

Capítulo 7/Frantz

1. *PC,* parágrafo 287.

2. M. Woodman, "Psyche/Soma Awareness" (Artigo apresentado na Conferência de Analistas Junguianos em Nova York, de 3-6 de maio de 1984).

3. N. Schwartz-Salant, *Narcissism and Character Transformation* (Toronto: Inner City Books, 1982). [*Narcisismo e Transformação do Caráter,* Editora Cultrix, São Paulo, 1988.]

4. *MDR,* p. 152.

5. *CW,* vol. 5, *Symbols of Transformation* [*Símbolos da Transformação*], parágrafo 165.

6. E. Tripp, *The Meridian Handbook of Classical Mythology* (Nova York e Scarborough, Ontário: New American Library, 1970).

7. *CW,* vol. 17, *The Development of Personality,* 1954, p. 173. [O *Desenvolvimento da Personalidade,* Editora Pensamento, São Paulo, 1990.]

8. M-L von Franz, *Creation Myths* (Nova York: Spring Publications, 1972).

9. *CW,* vol. 7, *Two Essays on Analytical Psychology* [*Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica*], 1966, parágrafo 342.

10. J. Blofeld, *Bodhisattva of Compassion: The Mystical Tradition of Kuan Yin* (Boulder, Colo.: Shambhala, 1978).

11. von Franz, *Creation Myths,* p. 237.

12. H. Kirsch, "Reveries on Jung", in *Professional Reports* da Annual Conference of the Society of Jungian Analysts of Northern and Southern California, edição particular patrocinada pelo C. G. Jung Institute de São Francisco, 1975.

13. von Franz, *Creation Myths,* p. 122.

14. *I Ching,* 1950, p. 81.

15. J. Blofeld, *Bodhisattva of Compassion,* 1978.

16. G. A. Foy, "On Feeling: The Feeling Function Revisited" (Artigo apresentado na 13ª Biennial Bruno Klopfer Workshop, Asilomar, Califórnia, 1983).

17. XIV Dalai Lama, *The Opening of the Wisdom-Eye* (Wheaton, Ill.: The Theosophical Publishing House, 1966), p. 142.

18. Ibid., pp. 142-143.

19. A. de Vries, *Dictionary of Symbols and Imagery* (Amsterdam e

Londres: North-Holland Publishing Co., 1974).

20. J. Dallett, "Active Imagination in Practice" in *Jungian Analysis,* org. M. Stein (La Salle, Ill.: Open Court, 1982), pp. 173-191.

21. J. Harrison, 1903, *Prolegomena to the Study of Greek Religion* (Nova York: Meridian Books, 1955), p. 574.

22. Ibid., p. 575.

23. *CW,* vol. 5, *Symbols of Transformation* [*Símbolos da Transformação*], 1956.

24. L. Taylor, *Mourning Dress: A Costume and Social History* (Londres: George Allen & Unwin, 1983), p. 48.

25. Ibid., p. 49.

26. Ibid., p. 51.

27. Ibid., pp. 48-60.

28. Ibid., p. 56.

29. H. Feifel, *The Meaning of Death,* ed. rev. (Nova York e Londres: McGraw Hill Book Co., 1965), p. 124.

39. G. Frantz, "On the Meaning of Loneliness", in *Chaos to Eros,* org. R. Lockhart (Los Angeles: C. G. Jung Institute, 1976).

31. Harrison, *Prolegomena.*

32. G. Frantz, "Images and Imagination: Wounding and Healing" (Artigo apresentado no C. G. Jung Institute de São Francisco, 1980).

33. *MDR,* p. 173-174.

Capitulo 8/Hillman

1. P. Aries, *Centuries of Childhood* [tradução de R. Baldrick de *L'Enfant et la vie familiale sous l'ancien regime,* Paris: Plon, 1960] (Nova York: Knopf e London: Cape, 1962), parte I.

2. Michel Foucault, *Madness and Civilization* [tradução de R. Howard de *Histoire de la Folie,* Paris: Plon, 1961] (Nova York: Pantheon, 1965).

3. S. Freud, *Collected Papers,* vol. II (Londres: Hogarth, 1924, 1925), p. 177.

4. S. Freud, *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis,* tradução de Sprott (Londres: Hogarth, 1933, 1957), p. 190.

5. Rousseau, *Emile,* II.

6. Freud, "From the history of an infantile neurosis (1918)" in *Collected Papers,* vol. III (Londres: Hogarth, 1924, 1925), pp. 577-578.

7. Cf. *Collected Papers,* vol. III, p. 470, o último parágrafo da discussão de Freud sobre o caso Schreber.

8. Freud, *New Introductory Lectures,* p. 190.

9. Freud, *Collected Papers,* vol. II, p. 188.

10. *CW,* vol. 9, parte I, 2ª edição (Londres: Routledge, 1968), p. 161, nota de rodapé.

11. *CW,* vol. 9, I, parágrafo 300.

12. *CW,* vol. 5, passim.

13. *CW,* vol. 6, parágrafo 422 s, 442.

14. Freud, *Collected Papers,* vol. III, p. 562 s.

15. *CW,* vol. 9, I, parágrafo 276.

16. *CW,* vols. 14 e 16, passim.

17. *CW,* 331c e seguinte.

18. Santo Agostinho, *Enar. in Ps.* XLIV, I.

19. Santo Agostinho, *Confissões,* I, 7, II.

20. Freud, *New Introductory Lectures,* p. 106.

Capítulo 10/Woodman

1. Versão King James da Bíblia, Salmos 118:22.

2. C. G. Jung, "As palestras de Tavistock", in *CW,* vol. 18, *The Symbolic Life* [*A Vida Simbólica*], parágrafo 389.

Capítulo 13/Covitz

1. Maria Montessori, *The Child in the Family* (Nova York: Hearst Corporation, Aron Books, 1970), pp. 14-15.

2. Alice Miller, *Prisoners of Childhood* (reintitulado *Drama of the*

Gifted Child) [*O Drama da Criança Bem-dotada*] (Nova York: Basic Books, 1981), p. 69.

3. *CW*, vol. 17, *O Desenvolvimento da Personalidade*, pp. 40-41.

4. Ibid., p. 44.

5. Ibid.

6. John Bowlby, *Child Care and the Growth of Love* (Middlesex, Inglaterra: Penguin Books, Ltd. 1965), pp. 77-78.

7. C. G. Jung, "Sobre a energia psíquica" in *CW*, vol. 8, p. 52.

Capítulo 14/Miller

1. M. Mahler, *On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation* (Nova York: International Universities Press, 1968), p. 11.

2. Alice Miller, "Zur Behandlungstechnik bei Sogenannten Narzisstischen Neurosen", *Psyche* 25:641-668.

3. J. Habermas, "Der universalitatsanspruch der Hermeneutik", in *Kultur und Kritik* (Frankfurt: M. Suhrkamp, 1973).

4. D. W. Winnicott, "The use of an object", *International Journal of Psychoanalysis* 50:700, 716, 1969.

Capítulo 15/von Franz

1. Ovídio, *Metamorphoses*, vol. IV (Londres e Cambridge, Mass.: Loeb Classical Library, 1946), pp. 18-20.

2. C. G. Jung, *CW*, vol. 5, *Símbolos de Transformação.*

3. J. G. Magee, Jr., "High Flight", in *The Family Álbum of Favorite Poems*, org. P. E. Ernest (Nova York: Grosset & Dunlap, 1959).

4. Gerhard Adler e Aniela Jaffé, orgs., *C. G. Jung: Letters*, 2 vols. (Princeton: Princeton University Press, 1973), vol. 1, p. 82, carta datada de 23 de fevereiro de 1931.

Capítulo 17/Luke

1. Antoine de Saint-Exupéry, *The Little Prince* [*O Pequeno Príncipe*] (tradução de Katherine Woods (Nova York: Harcourt, Brace e World, 1943).

2. C. G. Jung e C. Kerényi, *Essays on a Science of Mythology* (Nova York: Harper Torchbooks, 1963), p. 96.

Capítulo 18/Whitfield

1. Anna Freud, *The Ego and the Mechanisms of Defense* [*O Ego e os Mecanismos de Defesa*], ed. rev. (Nova York: International Universities Press, 1986).

2. George Valliant, *The Natural History of Alcoholism* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983).

3. H. L. Gravitz e J. D. Bowden, *Guide to Recovery: A Book for Adult Children of Alcoholics* (Holmes Beach, Fla.: Learning Publications, 1985).

4. M. Ferguson, *The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980's* (Los Angeles: Tarcher, 1980).

5. J. Campbell, *The Hero with a Thousand Faces* (Princeton, N.J.: Princeton Press, 1949). [*O Herói de Mil Faces,* Editoras Cultrix/Pensamento, São Paulo, 1988.]

6. Ferguson, *Aquarian Conspiracy,* C. L. Whitfield, *Alcoholism, Other Drug Problems,* and *Other Attachments and Spirituality: Stress Management and Serenity During Recovery, A Transpersonal Approach* (Baltimore, Md.: The Resource Group, 1985).

7. Gravitz e Bowden, *Guide to Recovery.*

8 T. L. Cermak e S. Brown, "International group therapy with the adult children of alcoholics", *International Journal Group Psychotherapy* 32:375-389, 1982.

9. B. Fischer, *Workshop on Shame* (Baltimore, Md.: The Resource Group, 1985).

Capitulo 19/Stone e Winkelman

1. Lucia Capacchione, *The Power of Your Other Hand* (Van Nuys, Calif.: Newcastle Co., Inc. 1988).

Capítulo 22/Stein

1. C. Kerényi e C. G. Jung, *Essays on a Science of Mythology* (Nova York; Pantheon Books Inc., 1949), p. 40.

2. Alice Miller, *O Drama da Criança Bem-dotada* (Nova York: Basic

Books, Inc., 1981).

3. Alice Miller, *Thou Shalt Not Be Aware* (Nova York; Farrar, Straus & Giroux, 1984).

4. Sigmund Freud, *Edição Standard das obras psicológicas de S. Freud*, vol. VII.

5. Robert M. Stein, *Incest and Human Love: The Betrayal of the Soul in Psychotherapy* [*Incesto e Amor Humano: a Traição da Alma na Psicoterapia*], (Dallas: Spring Publications Inc., 1984).

6. Harold Searles, "Oedipal Love in the Countertransference" (1959) in *Collected Papers on Schizophrenia and Related Subjects* (Nova York: International University Press, 1965), p. 284

7. Ibid.

8. Ibid., p. 295.

9. Ibid., p. 296.

Capitulo 23/Short

1. *CW*, vol. 17, *O Desenvolvimento da Personalidade*, parágrafo 153.

2. D. H. Lawrence, *The Complete Short Stories* (Penguin Books, 1983), pp. 790-791.

3. T. S. Eliot, *The Complete Poems and Plays* (Nova York; Harcourt, Brace & Co., 1952), p. 260.

4. *CW*, vol. 17, parágrafo 217a.

5. Ibid., parágrafo 154.

6. Ibid., parágrafo 84.

7. Ibid.

8. Ibid.

9. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Nova York Vintage Books, 1959), p. 80.

10. Ibid., parágrafo 286.

11. Ibid.

Capítulo 25/Mills e Crowley

1. V. Axline, *Play Therapy* [*Ludoterapia*] (Nova York Ballantine, 1969 - originalmente publicado em 1947). Ver também A. Freud, *The Psychoanalytic Treatment of Children* [*O Tratamento Psicanalítico de Crianças*] (Londres: Imago, 1946); R. Gardner, *Therapeutic Commumcation with Children: The Mutual Story-telling Technique* (Nova York Science House, 1971); G. Gardner e K. Olness, *Hypnosis and Hypnotherapy with Children* (Nova York Grune & Stratton, 1981); V. Oaklander, *Windows to Our Children* [*Descobrindo Crianças*] (Moab, Utah: Real People Press, 1978); e S. Russo, "Adaptations in behavioral therapy with children", *Behavior Research & Therapy* 2:43-47.

2. *MDR,* pp. 173-174.

3. Ibid., pp. 174-175.

4. *PC.*

5. C. G. Jung, *Psyche and Symbol* (Nova York Doubleday, 1958), pp. 125-128.

6. Ibid., pp. 135-136.

7. E. Rossi e M. Ryan, orgs. *Life Reframing in Hypnosis. II: The Seminars, Workshops and Lectures of Milton H. Erikson* (Nova York: Irvington, 1985), p. 51.

8. Ibid., p. 65.

Parte 6: Introdução

Citação de abertura: "Sobre a energia psíquica", C. G. Jung, *CW,* vol. 8, p. 52.

Capítulo 33/Hillman

1. James Hillman, "Abandoning the Child", in *Loose Ends: Primary Papers in Archetypal Psychology* (Dallas: Spring Publications and The University of Dallas, 1975).

Capítulo 37/Osherson

1. J. M. Ross, ' 'In Search of Fathering: A Review' ', in ***Father and Child,*** orgs. Cath, Gurwitz e Ross.

2. D. Hall, "My Son, My Executioner", in ***The AlligatorBride*** (Nova York: Harper & Row, 1969).

Epílogo/Abrams

"May You Stay Forever Young": Bob Dylan, "Forever Young", 1973, Ram's Hom Music. Citação de abertura: C. G. Jung, "A psicologia do arquétipo da criança", *CW,* vol. 9, i, parágrafo 299.

Sobre os colaboradores

Gaston Bachelard foi um dos pensadores mais significativos da França moderna. Autor de textos de filosofia e psicologia, Bachelard é considerado um verdadeiro livre-pensador que reconhecia a imaginação como a substância fundamental do mundo. Foi catedrático de história e filosofia da ciência na Sorbonne, de 1940 até 1962, ano de sua morte.

Bruno Bettelheim é Professor Emérito de Educação e de Psicologia e Psiquiatria na Universidade de Chicago. Entre seus livros estão *A Good Enough Parent* [*Pais Bons o Bastante*], *Love Is Not Enough, Children of the Dream, Freud and Man's Soul* e *The Uses of Enchantment* [*Psicanálise dos Contos de Fada*]. Este último trabalho conquistou o Prêmio Nacional do Livro e o Prêmio da Associação Nacional dos Críticos Literários, em 1977.

John Bradshaw vem trabalhando nos últimos 20 anos como conselheiro, teólogo, consultor administrativo e orador público. É o apresentador da série em cadeia nacional da Rede PBS intitulada *Bradshaw On: The Family* e autor de um livro do mesmo título. *Healing the Shame That Binds You* é seu trabalho mais recente.

Nathaniel Branden é psicólogo clínico no Instituto Biocêntrico em Los Angeles. Tem escrito extensamente sobre psicologia e entre seus trabalhos encontram-se *The Psychology of Romantic Love, The Psychology of Self-Esteem* e *How to Raise Your Self-Esteem* [*Auto-estima*].

Adelaide Bry tem livros sobre vários temas psicológicos, entre os quais incluem-se *The TA Primer, Inside Psychotherapy, How to Get Angry Without Feeling Guilty, est: 60 Hours That Transform Your Life,* e *Visualization: Directing the Movies of Your Mind.*

Joseph Campbell, o grande bardo e erudito da mitologia morto em outubro de 1987, é muito conhecido por seu trabalho na área

da mitologia mundial comparada. Lecionou no Sarah Lawrence College, na cidade de Nova York durante quase quarenta anos, onde foi criada a Cadeira Joseph Campbell de Mitologia Comparada, em sua homenagem. Escreveu livros entre os quais se destacam *The Mythic Image*, *The Masks of God* (4 volumes), *The Hero With a Thousand Faces* [*O Herói de Mil Faces*, Editoras Cultrix/Pensamento, São Paulo, 1988.], *Myths to Live By*, *The Atlas of World Mythology* e as transcrições póstumas de entrevistas sob forma de livro, *The Power of the Myth* [*O Poder do Mito*] e *An Open Life.*

Lucia Capacchione é arteterapeuta licenciada, consultora e organizadora de cursos. Entre seus livros estão *The Creative Journal*, *The WellBeing Journal,* e *The Power of Your Other Hand.* Seus métodos atualmente estão sendo empregados no tratamento de pacientes com AIDS e nos programas de doze etapas para a recuperação de vários problemas.

Joel Covitz é psicólogo clínico e analista junguiano em Brookline, Massachusetts, onde vive com a mulher e dois filhos. É autor de *Emotional Child Abuse* e seu próximo livro intitular-se-á *Visions of the Night: A Study of Jewish Dream Interpretation*.

Erik H. Erikson é uma das figuras de maior destaque no campo da psicanálise e do desenvolvimento humano. Ganhador do Prêmio Pulitzer e do Prêmio Nacional do Livro, é autor de *Gandhi's Truth, Young Man Luther, Identity: Youth and Crisis, Childhood and Society* [*Infância e Sociedade*], e *Insight and Responsibility*.

Gilda Frantz é analista junguiana com consultório particular em Santa Mônica, Califórnia e editora-fundadora do periódico *Psychological Perspectives,* publicado pelo C. G. Jung Institute de Los Angeles.

Marie-Louise von Franz, psicanalista suíça, é provavelmente a mais importante discípula viva de C. G. Jung, tendo trabalhado diretamente com ele durante 31 anos. Seu trabalho abrange

plenamente a essência dos ensinamentos de Jung, embora ela seja também uma pensadora original e provocante. Muitas de suas palestras foram publicadas e encontram-se em forma de livro. Entre seus livros constam *Number and Time, The Grail Legend* [*A Lenda do Graal,* Editora Cultrix, São Paulo, 1990.] (com Emma Jung), *Puer Aeternus, Projection and Re-Collection in Jungian Psychology, The Feminine in Fairy Tales* e *On Dreams and Death* [*Os Sonhos e a Morte,* Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]. (Faleceu em 17 de fevereiro de 1998, Küsnacht, Suíça.)

James Hillman, representante da terceira geração do pensamento junguiano, está rapidamente se tornando reconhecido como um dos mais originais pensadores psicológicos da atualidade, nos Estados Unidos. Com formação de analista junguiano, autodenomina-se psicólogo arquetípico e seus textos escritos têm atraído a imaginação de romancistas, poetas, feministas, historiadores da cultura, assim como a de seus colegas analistas. É conferencista convidado de várias instituições e editor do periódico *Spring.* Entre seus livros estão *Suicide and the Soul, The Myth of Analysis* [*O Mito da Análise*], *Re-Visioning Psychology, Anima* [*Anima - Anatomia de uma Noção Personificada,* Editora Cultrix, São Paulo, 1990] e *Loose Ends.*

Jean Houston é diretora da Foundation for Mind Research de Nova York. Realiza seminários e trabalhos pioneiros sobre o desenvolvimento humano em mais de 35 países, e já escreveu mais de dez livros, entre os quais *The Search for the Beloved* [*A Psicologia do Sagrado. A Busca do Ser Amado,* Editora Cultrix, São Paulo, 1993], *The Possible Human Life Force* [A *Redescoberta do Potencial Humano,* Editora Cultrix, São Paulo, 1993], e *Mind* Games.

C. *G. Jung,* que morreu em 1961, uma das grandes personalidades de nosso tempo, é provavelmente mais conhecido como um dos fundadores da psicanálise. Suas

reflexões abrangeram todo o amplo espectro dos problemas e preocupações da moderna alma humana. Seu ponto focal de interesse foi o mistério da consciência e da personalidade, e o relacionamento de ambas com o grande inconsciente. Seus livros compõem uma coleção de Obras Completas em vinte volumes, *Man In Search of a Soul* e sua popular autobiografia *Memories, Dreams, and Reflections* [*Memórias, Sonhos e Reflexões*].

Ursula K. Leguin é renomada romancista e contista. Entre seus livros figuram *Planet of Exile, The Left Hand of Darkness, The Dispossessed* e a coleção *The Wind's Twelve Quartels.* Vive com sua família em Portland, Oregon.

John Loudon foi o editor original do periódico *Parábola*. Atuou como editor da divisão religiosa/textos gerais da Harper & Row, em Nova York e em São Francisco. Vive no norte da Califórnia.

Alexander Lowen, diretor do Instituto de Análise Bioenergética, em Nova York, é o criador da bioenergética, prática que incorpora o trabalho direto sobre o corpo ao processo psicanalítico. É autor de numerosos livros, entre os quais *Love and Orgasm* [*Amor e Orgasmo*], *Betrayal of the Body* [*O Corpo Traído*], *Pleasure* [*O Prazer*], *Depression and the Body* [*O Corpo em* Depressão] e *Bioenergetics* [*Bioenergética*].

Helen M. Luke é conselheira junguiana e diretora da Apple Farm, um centro para retiro em Three Rivers, Michigan. É autora de *The Way of Woman: Ancient and Modern; Earth and Spirit, White Rose* e *The Inner Story.*

Ralph Metzner tem pesquisado e lecionado na área da consciência há mais de 25 anos. É psicoterapeuta e professor de psicologia comparada Oriental-Ocidental no California Institute of Integral Studies de São Francisco. Seus livros incluem *Maps of Consciousness* e *Opening to the Light.*

Alice Miller, que vive em Zurique, tem se dedicado desde 1979 à atividade literária, depois de ter clinicado e lecionado por

mais de vinte anos como psicanalista. Seus três livros, recordistas de vendas, instigadores de muita polêmica e responsáveis pela criação de um movimento de ativistas pela defesa das crianças, intitulam-se *Prisoners of Childhood* (rebatizado como *The Drama of the Oifted Child)* [*O Drama da Criança Bem-dotada*], *For Your Own Good,* e *Thou Shalt Not Be Aware.*

Joyce C. Mills e Richard J. Crowley são terapeutas de crianças que clinicam na região sul da Califórnia. Sua colaboração produziu um livro, *Therapeutic Metaphors for Children and the Child Within,* e um livro em quadrinhos para crianças vítimas de abuso sexual, *Gardenstone: Fred Protects the Vegetables*.

Samuel Osherson é psicólogo pesquisador e psicoterapeuta em Cambridge, Massachusetts. É autor de *Holding On or Letting Gó* e *Finding OUT Fathers,* e tem escrito uma coluna mensal para a revista *Boston.*

M. Scott Peck é psiquiatra com consultório em New Milford, Connecticut. É autor do enormemente popular *The Road Less Traveled,* sua continuação *People of the Lie,* e *The Different Drum.*

Theodore Reik, nascido em Viena em 1888, foi um dos primeiros discípulos de Freud. Escreveu a primeira dissertação de doutoramento sobre psicanálise, na Universidade de Viena. Veio para os Estados Unidos em 1938 e clinicou como psicoterapeuta em Nova York durante muitos anos. Entre seus livros encontram-se *Masochism in Modern Man, A Psychologist Looks at Love* e *Listening with the Third Ear*.

Rose-Emily Rothenberg é analista junguiana com consultório particular em Los Angeles. Foi editora de *A Well of Living Waters,* livro que foi uma homenagem à psicanalista e sua mentora, Hilde Kirsch.

Jeffrey Satinover é membro do Child Study Center da Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, diretor do

Sterling Institute em Weston, Connecticut, e analista junguiano com consultório particular.

Susanne Short é analista junguiana com consultório particular na cidade de Nova York.

June Singer é analista junguiana, autora e professora do Institute of Transpersonal Psychology, Palo Alto, Califórnia. Seus livros incluem *Androgyny* [*Androginia - Rumo a Uma Nova Teoria da Sexualidade,* Editora Cultrix, São Paulo, 1991.] *Energies of Love, The Unholy Bible, Boundaries of the Soul,* e *Seeing Through the Visible World.*

Robert M. Stein é analista didata no Jung Institute de Los Angeles e tem seu consultório particular em Beverly Hills. É autor de numerosos artigos e do livro *Incest and Human Love: The Betrayal of the Soul in Psychotherapy.*

Hal Stone é psicólogo clínico e professor e diretor da Academy of Delos, no norte da Califórnia, onde ele e sua mulher, Sidra Winkelman, oferecem grupos de treinamento no Diálogo entre Vozes. É autor de *Embracing Heaven and Earth* e co-autor de *Embracing Our Selves* e *Embracing Each Other.*

Edith Sullwold fundou o Hilde Kirsch Children's Center no C. G. Jung Institute de Los Angeles. Foi diretora do Turning Point, um grupo profissional de trabalho para atendimento de crianças portadoras de doenças graves. Atualmente leciona e supervisiona terapeutas em várias partes do mundo, mais recentemente, no Quênia.

Charles L. Whitfield é psicoterapeuta e autor de *Healing the Child Within* e de seu livro concomitante de exercício, *A Gift to Myself.* Pertence ao corpo docente da Escola de Verão para Estudos sobre o Alcoolismo da Universidade Rutgers, assim como da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland.

Sidra Winkelman é psicoterapeuta, mãe e co-criadora do Método de Diálogos entre Vozes, que ela e o marido, Hal Stone, ensinam nos Estados Unidos e no exterior. É co-autora de

Embracing Our Selves e *Embracing Each Other.*

Marion Woodman é analista junguiana com consultório particular em Toronto. Viaja extensamente para ministrar palestras. Entre seus livros estão *The Owl Was a Baker's Daughter: Obesity, Anorexia Nervosa and the Repressed Feminine* [*A Coruja era Filha do Padeiro: Obesidade, Anorexia Nervosa e o Feminino Reprimido,* Editora Cultrix, São Paulo, 1991]; *Addiction to Perfection: The Still Unravished Brider,* e *The Pregnant Virgin.*

James H. Young é autor regularmente publicado por *Quadrant,* revista da C. G. Jung Foundation de Nova York.

Bibliografia

Os trabalhos abaixo citados incluem as fontes dos ensaios deste livro, assim como outros títulos relevantes, relativos aos temas desta coletânea. Recomendo-os ao leitor, assim como as bibliografias de referências contidas nos próprios livros citados. [Sempre que possível, será dado o crédito da obra em português, com tantos dados da referência bibliográfica quantos se puder ter obtido. (N.T.)]

Armstrong, Thomas, *The Radiant Child*. Wheaton, III.: Quest, 1985.

Bachelard, Gaston. *The Poetics of Reverie,* Tradução de Daniel Russell. Boston: Beacon Press, 1971.

_____. *Water and Dreams.* Tradução de Edith R. Farrell. Dallas: Pegasus Foundation, 1983.

Bettelheim, Bruno. *A Good Enough Parent.* Nova York: A. Knopf, 1987. [*Uma Vida para seu Filho: Pais Bons o Bastante.* Tradução de Maura Sardinha e Maria Helena Geordane. RJ: Campus, 1988.]

Bly, Robert, org. *News of the Universe: Poems of Two-fold Consciousness.* São Francisco: Sierra Club, 1980.

Boer, Charles, trad. *The Homeric Hymns*. Dallas: Spring Publications, 1979.

Bradshaw, John. *Bradshaw On: The Family.* Deerfield Beach, Fla.: Health Communications, 1988.

_____. *Healing the Shame That Binds You.* Deerfield Beach, Fla.: Health Communications, 1988.

Branden, Nathaniel. *How to Raise Your Self-Esteem.* Nova York: Bantam, 1987. [*Autoestima,* SP: Saraiva, 1991.]

Bry, Adelaide com Marjorie Bair. *Visualization: Directing the Movies of Your Mind.* Nova York: Barnes and Noble, 1979.

Campbell, Joseph. *The Hero With a Thousand Faces.* Princeton, NJ: Princeton University Press, Bollingen Series XVII, 1949.

[*O Herói de Mil Faces*, Trad. Adail Ubirajara Soares. Editoras Cultrix/Pensamento, São Paulo, 1988.]

Campbell, Joseph com Bill Moyers, *The Power of the Myth.* Nova York: Doubleday, 1988. [*O Poder do Mito.* Trad. Carlos Felipe Moisés. SP: Palas Athena, 1990.]

Campbell, Joseph com Michael Toms. *An Open Life: Joseph Campbell in Conversation with Michael Toms.* Organizado por J. M. Maher e D. Briggs. Burdett. N.Y.: Larsen Publications, 1988.

Capacchione, Lucia. *The Power of Your Other Hand.* North Hollywood, Calif.: Newcastle Publishing, 1988.

Carroll, Lewis, *Through the Looking Glass.* Nova York: Random House, 1946.

Cott, Jonathan. *Pipers at the Gates of Dawn: The Wisdom of Children's Literature.* Nova York: Random House, 1981.

Covitz, Joel. *Emotional Child Abuse: The Family Curse.* Boston: Sigo Press, 1986.

Dieckmann, Hans. "The Favorite Fairy Tale from Childhood", in *The Analytic Process.* Editado por Joseph Wheelwright. Nova York: Putnam's, C. G. Jung Foundation, 1971: 77-84.

Elkind, David. *The Hurried Child.* Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1981.

Erikson, Erik H. *Insight and Responsibility.* Nova York: W. W. Norton, 1964.

Fordham, Michael. "Religious Experience in Childhood", in *The Well-Tended Tree.* Editado por Hilde Kirsch. Nova York: Putnam's, C. G. Jung Foundation, 79-89, 1971.

Frantz, Gilda. "Birth's Cruel Secret/O I Am My Own Lost Mother/To My Own Sad Child." *Chiron,* 1985: 157-172.

Franz, Marie-Louise von. *C. G. Jung: His Myth in Our Time.* Trad. de W. H. Kennedy. Nova York: Putnam's, C. G. Jung

Foundation for Analytic Psychology, 1975. [*C. G. Jung: Seu Mito em Nossa Época,* trad. Adail Ubirajara Sobral, Editora Cultrix, São Paulo, 1992.]

_____. *Individuation in Fairytales.* Dallas: Spring Publications, 1977.

_____. *Puer Aeternus.* Boston: Sigo Press, 1981.

Ghiselin, Brewster, org. *The Creative Process.* Nova York: New American Library, 1952.

Giannini, John. "The Dynamics of the Wounded Child." *Creation,* vol. 4, nº 6: 32-35.

Goertzel, Victor e Mildred G. *Cradles of Eminence.* Boston: Little Brown, 1962.

Harding, M. Esther. *The 'I' and the 'Not-I'.* Princeton, NJ: Princeton University Press, Bollingen Series LXXIX, 1965.

Hillman, James. *Loose Ends.* Dallas: Spring Publications, 1975.

_____. *Re-Visioning Psychology.* Nova York: Harper & Row, 1975.

Hillman, James com Laura Pozzo. *Inter Views.* Nova York: Harper & Row, 1983.

Hillman, James et al. *Puer Papers.* Dallas: Spring Publications, 1979.

Houston, Jean *The Possible Human.* Los Angeles: Jeremy Tarcher, 1982. [*A Redescoberta do Potencial Humano,* Editora Cultrix, São Paulo, 1993.]

Jaffé, Aniela. org. *C. G. Jung: Word and Image.* Princeton, NJ.: Princeton University Press, Bollingen Series XCVII, 1979.

James, Muriel e Dorothy Jongeward. *Born to Win: Transactional Analysis with Gestalt Experiments.* Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1971. [*Nascido para Vencer.* SP: Brasiliense.]

Jung., Carl Gustav. *Collected Works,* vols. 1-20. Trad. R. F. C. Hull e editado por H. Read, M. Fordham. G. Adler e William McGuire. (Especialmente volumes 9i, 16 e 17). Princeton, N.J.: Princeton University Press, Bollingen Series XX, 1953. [*Obras completas.* RJ, SP: Vozes.]

_____. *Psyche and Symbol.* Editado por Violet S. de Laszlo. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1958.

_____. *Memories, Dreams, and Reflections.* Organizado por Aniela Jaffé. Nova York: Random House, Pantheon Books, 1961. [*Memórias, Sonhos e Reflexões,* trad. Dora Ferreira da Silva. RJ: Nova Fronteira, 1975.]

_____. *Psychological Reflections.* Organizado por Jolande Jacobi e R. F. C. Hull. Princeton, N.J.: Princeton University Press, Bollingen Series XXXI, 1970.

Jung, Carl Gustav e Karl Kerényi. *Essays on A Science of Mythology.* Princeton, N.J.: Princeton University Press, Bollingen Series XXII, 1969.

Keen, Sam. *Apology for Wonder.* Nova York Harper & Row, Torchbooks, 1969.

Kehl, Richard. *Silver Departures.* La Jolla, Calif.: Green Tiger, 1983.

Kohut, Heinz, *The Restoration of the Self.* Nova York International Universities, 1977.

Lawrence, D. H. *Fantasia of the Unconscious and Psychoanalysis and the Unconscious.* Nova York Viking Penguin, 1960.

Liedloff, Jean. *The Continuum Concept.* Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1977.

Loudon, John. "Becoming a Child", *Parabola,* vol. IV, nº 3 (agosto de 1979): 35-41.

Lowen, Alexander. *Pleasure: A Creative Approach to Life.*

Nova York Coward, McCann, 1970. [Prazer uma abordagem criativa da vida. trad. Ibanez de Carvalho Filho. SP: Summus Editorial, 1984.]

_____. *Bioenergetics.* Nova York: Coward, McCann, 1975. [Bioenergética. trad. Maria Silvia Mourão Netto. SP: Summus Editorial, 1982.]

_____. *Narcissism: Denial of the True Self.* New York: Macmillan, Collier Books, 1983. [*Narcisismo: Negação do Verdadeiro Self.* trad. Álvaro Cabral, Editora Cultrix, São Paulo, 1985.]

Luke, Helen. *The Inner Story: Myth and Symbol in the Bible and Literature.* Nova York; Crossroad, 1982.

_____. *Woman: Earth and Spirit.* Nova York: Crossroad, 1984.

Mahdi, Louise, Steven Foster e Meredith Little. *Betwixt and Between: Patterns of Masculine and Feminine Initiation*. LaSalle, III.: Open Court, 1987.

Metzner, Ralph. *Opening to the Light.* Los Angeles: Jeremy Tarcher, 1986.

Middelton-Moz, Jane e Lorie Dwinell. *After the Tears: Reclaiming the Personal Losses of Childhood*. Deerfield Beach, Fla.: Health Communications, Inc., 1986.

Miller, Alice. *The Drama of the Gifted Child* (título original *Prisoners of Childhood*). Nova York: Basic Books, 1981. [O Drama da Criança Bem-dotada. trad. Valter F. R. Ribeiro, SP: Summus Editorial, 1986.]

_____. *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence.* Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1983.

_____. *Thou Shalt Not Be Aware: Society's Betrayal of the Child*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1984.

_____. *Pictures of Childhood.* Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1986.

Mills, Joyce C., e Richard J. Crowley, com Margaret O. Ryan. *Therapeutic Metaphors for Children and the Child Within.* Nova York: Brunner/Mazel, 1986.

Missildine, W. Hugh. *Your Inner Child of the Past.* Nova York: Simon and Schuster, 1963.

Neary, John M. "The Dickens Child: From Infantilism to Wholeness, *Psychological Perspectives,* Outono, 1982: 138-155.

Neumann, Erich. *The Child.* Nova York: Putnam's, C. G. Jung Foundation, 1973. [A *Criança,* trad. Pedro Ratis e Silva, Editora Cultrix, São Paulo, 1991.]

Osherson, Samuel O. *Finding Our Fathers: The Unfinished Business of Manhood.* Nova York: Random House, Ballantine Books, 1986.

Pearce, Joseph. C. *Magical Child: Rediscovering Nature's Plan for Our Children.* Nova York: Bantam, 1986.

Pearson, Carol. *The Hero Within.* São Francisco: Harper & Row, 1986. [O *Herói Interior - Seis Arquétipos que Orientam a Nossa Vida,* Editora Cultrix, São Paulo, 1992.]

Peck, M. Scott. *The Road Less Traveled*. Nova York: Simon and Schuster, Touchstone, 1978.

Reik, Theodore. *Listening witb the Third Ear*. Nova York: Arena Books, 1972.

Richards, M. C. "Recovery of the Child in Manhood", in *Centering.* Middletown, Conn.: Wesleyan, 1962.

Rothenberg, Rose-Emily. "The Orphan: Archetype." *Psychological Perspectives,* 1983:181-194.

Rubin, Theodore. *Compassion and Self-Hate.* Nova York: Macmillan, Collier, 1975.

Samuels, Andrew. *Jung and the Post-Jungians.* Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1985.

Samuels, Andrew, Bani Shorter e Fred Plaut. orgs. A *Criticai Dictionary of Jungian Analysis.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1986.

Satinover, Jeffrey, "The Mirror of Doctor Faustus: The Decline of Art in the Pursuit of Eternal Adolescence", *Quadrant,* Primavera, 1984: 23-38.

_____. *"Puer Aeternus.* The Narcissistic Relation to the Self." *Quadrant,* Outono, 1980: 75-108.

Shwartz-Salant, Nathan. *Narcissism and Character Transformation.* Toronto: Inner City Books, 1982. [Narcisismo *e Transformação do Caráter,* trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Estela Gonçalves, Editora Cultrix, São Paulo, 1988.]

Short, Susanne. "Understanding Our Childhood: The Hidden Secret." *Psychological Perspectives.* Outono, 1989.

Singer, June K. *Boundaries of the Soul*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1972.

Stein, Robert M. *Incest and Human Love: The Betrayal of the Soul in Psychotherapy*. Dallas: Spring Publications, 1973. [*Incesto e o Amor Humano: a Traição da Alma em Psicoterapia*.]

_____. "On Incest and Child Abuse." *Spring 1987:* 61-65.

Stevens, Anthony. *Archetypes: A Natural History of the Self.* Nova York: Quill, 1983.

Stone, Hal e Sidra Winkelman. *Embracing Our Selves: The Voice Dialogue Manual*. São Rafael, Calif.: New World Library, 1989.

_____. *Embracing Each Other: Relationship as Teacher, Healer and Guide.* São Rafael, Calif.: New World Library, 1990.

Sullwold, Edith. “The Ritual-Maker Within at Adolescence”, in *Betwixt and Between*. Organizado por Louise Mahdi, Steven Foster e Meredith Little. LaSalle, Ill.: Open Court, 1987. 111-131. Tuby, Molly, org. *In the Wake of Jung*. Londres: Coventure, 1983.

Viorst, Judith. *Necessary Losses*. Nova York: Ballantine, Fawcett, 1986.

Weinrib, Estelle L. *Images of the Self: The Sandplay Therapy Process.* Boston: Sigo Press, 1983. [*Imagens do Self: O Processo Terapêutico na Caixa de Areia.* trad. de David Gilbert Aubert. Summus Editorial, 1993.]

Whitfield, Charles L. *Healing the Child Within.* Deerfield Beach, Fla.: Health Communications Inc., 1987.

_____. *A Gift to Myself: A Workbook and Guide to Healing My Child Within*. Deerfield Beach, Fla.: Health Communications, 1989.

Wickes, Frances G. *The Inner World of Choice*. Nova York: Harper & Row, 1963.

Woodman, Marion. *The Pregnant Virgin: A Process of Psychological Transformation.* Toronto: Inner City Books, 1985.

Young, James H. “The Child Archetype”, *Quadrant*, Inverno, 1977: 63-72.

Permissões e direitos autorais

O Capítulo 1 é um ensaio original criado especialmente para esta coletânea por Edith Sullwold. Copyright © 1989 de Edith Sullwold. Usado com permissão da autora.

O Capítulo 2 é uma compilação de excertos do ensaio "A psicologia do arquétipo da criança", de C. G. Jung, em *The Collected Works of C. G. Jung*, trad. R. F. C. Hull, Bollingen Series XX, vol. 9, nº I, *The Archetypes and the Collective Unconscious* [*Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*]. Copyright © 1959, 1969. Reimpresso com permissão de Princeton University Press.

O Capítulo 3 é um ensaio de James H. Young. Copyright © 1977 de *Quadrant*, Journal of Analytical Psychology, reimpresso com permissão de C. G. Jung Foundation de Nova York.

O Capítulo 4 é uma compilação de excertos extraídos de *The Poetics of Reverie*, de Gaston Bachelard, traduzido do francês por Daniel Russell. Copyright © 1960 de Presses Universitaires de France. Tradução para o inglês. Copyright © 1969, de Grossman Publishers, Inc. Reimpresso com permissão de Viking Penguin, divisão da Penguin Books, EUA, Inc.

O Capítulo 5 é um excerto de *Boundaries of the Soul* de June Singer. Copyright © 1972 de June Singer. Reimpresso com permissão de Doubleday, divisão de Bantam, Doubleday, Dell Publishing Group, Inc.

O Capítulo 6 é um excerto de *Opening to the Light* de Ralph Metzner. Copyright © 1986 de Ralph Metzner. Reimpresso com permissão de Jeremy P. Tarcher, Inc., Los Angeles.

A Introdução da Parte 2 contém o poema "I Live My Life" de Rainer Maria Rilke, traduzido por Robert Bly. Foi reimpresso de *News of the Universe.* Copyright © 1980, Robert Bly, usado com permissão de Robert Bly.

O Capítulo 7 é um ensaio de Gilda Frantz. Copyright © 1985 de Gilda Frantz. Reimpresso com permissão da autora.

O Capítulo 8 é uma compilação de excertos de *Loose Ends* de James Hillman. Copyright © 1975 de James Hillman. Reimpresso com permissão do autor e de Spring Publications, Inc., Dallas.

O Capítulo 9 é um ensaio de Rose-Emily Rothenberg. Copyright © 1983 de Rose-Emily Rothenberg, Reimpresso com permissão da autora.

O Capítulo 10 é uma compilação de excertos de *The Pregnant Virgin: A Process of Psychological Transformation* de Marion Woodman (Studies in Jungian Psychology by Jungian Analysts, nº 21.) Copyright © 1985 de Marion Woodman. Reimpresso com permissão de Inner City Books, Toronto.

O Capítulo 11 é um excerto de *The Road Less Traveled* de M. Scott Peck. Copyright © 1978 de M. Scott Peck, M. D. Reimpresso com permissão de Simon & Schuster, Inc.

O Capítulo 12 é um conto extraído de *The Wind's Twelve Quarters* de Ursula K. LeGuin. Copyright © 1973, 1975, de Ursula K. LeGuin. Reimpresso com permissão da autora e da agente da autora, Virgínia Kidd.

O Capítulo 13 é um excerto de *Emotional Child Abuse: The Family Curse* de Joel Covitz. Copyright © 1986 de Joel Covitz. Citado com permissão de Sigo Press, Bostoa

O Capítulo 14 é um excerto de *Prisoners of Childhood: The Drama of the Gifted Child* de Alice Miller, traduzido do alemão [para o inglês] por Ruth. Copyright © da tradução para o inglês 1981, Basic Books, Inc. Publicado originalmente em alemão como *Das Drama Das Begabten Kindes.* Copyright © 1979 de Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main. Citado com permissão de Basic Books, Inc., Publishers.

O Capítulo 15 é uma compilação de excertos de *Puer Aeternus* de Marie-Louise von Franz. Copyright © 1981 de Marie-Louise

von Franz. Reimpresso com permissão de Sigo Press, Boston.

O Capítulo 16 é uma compilação de excertos de "*Puer Aeternus:* The Narcissistic Relation to the Self" de Jeffrey Satinover. Copyright © 1980 de Jeffrey Satinover. Reimpresso com permissão do autor.

O Capítulo 17 é um excerto de *The Inner Story: Myth and Symbol in the Bible and Literature* de Helen M. Luke. Copyright © 1982 da autora. Reimpresso com permissão de The Crossroad Publishing Company.

O Capítulo 18 é uma compilação de excertos de *Healing the Child Within* de Charles L. Whitfield, M. D. Copyright © 1987 de Charles L. Whitfield. Reimpresso com permissão do autor.

O Capítulo 19 é uma compilação de excertos de *Embracing Our Selves* e *Embracing Each Other,* ambos da autoria de Hal Stone e Sidra Winkelman. Copyright © das duas obras de 1989 de Hal Stone e Sidra Winkelman. Reimpresso com permissão de New World Library, São Rafael, CA.

O Capítulo 20 é uma compilação de excertos de *Bioenergetics* de Alexander Lowen, M. D. Copyright © de Alexander Lowen, M. D. Reimpresso com permissão de The Putnam Publishing Group.

O Capítulo 21 é uma compilação de excertos de *Thou Shalt Not Be Aware* de Alice Miller. Copyright © 1984 de Alice Miller. Reimpresso com permissão de Farrar, Straus e Giroux.

O Capítulo 22 é um ensaio de Robert M. Stein. Copyright © 1987 de Spring Publications, Inc. Reimpresso com permissão dos editores de *Spring 1987, An Annual of Archetypal Psychology and Jungian Thought*.

O Capítulo 23 é uma compilação de excertos de um ensaio original intitulado "Understanding Our Childhood: The Hidden Secret", de Susanne Short. Copyright © 1989 de Susanne Short. Usado com permissão da autora.

O Capítulo 24 consiste em excertos de *The Power of Your Other Hand* de Lucia Capacchione. Copyright © 1988 de Lucia Capacchione. Reimpresso com permissão de Newcastle Publishing Co. Inc., North Hollywood, Calif.

O Capítulo 25 é um excerto de *Therapeutic Metaphors for Children and the Child Within* de Joyce C. Mills e Richard J. Crowley. Copyright © 1986 de Joyce C. Mills e Richard J. Crowley. Reimpresso com permissão de Brunner/Mazel, Inc. Os trechos do *Memories, Dreams, and Reflections* de C. G. Jung são citados com permissão do editor, Random House/Pantheon Books, Copyright © 1963, Random House, Inc. Os trechos de *The Seminars, Workshops and Lectures of Milton H. Erickson, Volume II* (Nova York; Irvington Press, 1985) são reimpressos com permissão do editor, Ernest L. Rossi.

O Capítulo 26 é uma compilação de excertos de *Healing the Shame That Binds You* de John Bradshaw. Copyright © 1988 de John Bradshaw. Reimpresso com permissão do autor.

O Capítulo 27 é um ensaio de John Loudon. Copyright © 1979 de John Loudon. Reimpresso com permissão do autor.

O Capítulo 28 é uma compilação de excertos de *How to Raise Your Self-Esteem* de Nathaniel Branden. © 1987 de Nathaniel Branden. Reimpresso com permissão de Bantam, Doubleday, Dell Publishing Group, Inc.

O Capítulo 29 é um excerto de *The Possible Human* de Jean Houston. Copyright © 1982 de Jean Houston. Reimpresso com permissão do editor, Jeremy P. Tarcher, Los Angeles.

O Capítulo 30 é uma compilação de excertos de *Visualization: Directing the Movies of Your Mind* de Adelaide Bry. Copyright © 1978 de Bry, Inc. Reimpresso com permissão de Harper & Row, Publishers, Inc.

O Capítulo 31 é um excerto de *An Open Life: Joseph Campbell in Conversation with Michael Toms*. Copyright © 1988 de New Dimensions Foundation. Reimpresso com permissão do editor,

Larsen Publications, PBPF, 4936 Rte 414, Burdett, N. Y., 14818.

O Capítulo 32 consiste em excertos e material inédito de *Incest and Human Love: The Betrayal of the Soul in Psychotherapy,* de Robert M. Stein. Copyright © 1973, 1984, 1989, de Robert M. Stein. Usado com permissão do autor e do editor, Spring Publications, Inc., Dallas.

O Capítulo 33 foi extraído como excerto de *Loose Ends,* de James Hillman. Copyright © 1975 de James Hillman. Reimpresso com permissão do autor e Spring Publications, Inc., Dallas.

O Capítulo 34 é um excerto de *A Good Enough Parent*, de Bruno Bettelheim. Copyright © 1987 de Bruno Bettelheim. Reimpresso com permissão de Alfred A. Knopf, Inc.

O Capítulo 35 consiste em uma seleção de passagens de *Insight and Responsibility* de Erik H. Erikson. Copyright © 1964 de Erik H. Erikson. Reimpresso com permissão de W. W. Norton & Company, Inc.

O *Capítulo 36* é um excerto de *Listening With the Third Ear* de Theodore Reik. Copyright © 1948 de Theodore Reik. Reimpresso com permissão de Farrar, Straus & Giroux, Inc.

O Capítulo 37 é uma compilação de excertos de *Finding Our Fathers: The Unfinished Business of Manhood,* de Samuel Osherson. Copyright © 1986 de Samuel Osherson. Reimpresso com permissão de The Free Press, divisão de Macmillan, Inc.

Sobre o organizador

Jeremiah Abrams vem trabalhando, nos últimos vinte anos, como terapeuta junguiano, analisando sonhos, como escritor, consultor e conselheiro. Atualmente, e diretor do Mount Vision Institute, um centro para individuação sediado em Sausalito, Califórnia. Vive com a esposa e dois filhos no norte da Califórnia.

O REENCONTRO DA CRIANÇA INTERIOR

Jeremiah Abrams (org.)

A criança é que conhece o segredo primordial da Natureza e é à criança em nós que retornamos. Nossa criança interior é simples e ousada o suficiente para viver esse segredo.

Chuang Tzu

A maioria de nós sente uma forte ressonância com a criança interior. Sabemos intuitivamente o que é isso, qual o seu significado para nós. Sentimos, talvez em segredo, que uma parte em nós continua inteira, intacta diante dos reveses da vida, capaz de sentir uma imensa alegria e deslumbramento diante das menores coisas.

O Reencontro da Criança Interior é uma coletânea de 37 artigos que definem e dão realidade concreta à imagem abstrata da criança interior, mostrando que ela é um símbolo de união do ser, símbolo que representa, de acordo com C. G. Jung, "a parte da personalidade humana que deseja desenvolver-se e tornar-se inteira".

Abrangendo várias disciplinas, desde a psicologia profunda até a literatura relativa ao tema, estes ensaios são voltados para objetivos eminentemente práticos como:

- realizar a promessa da criança interior e cumprir o seu destino;
- reivindicar a inocência, o espírito lúdico e o deslumbramento da criança no adulto;
- curar a criança abandonada ou maltratada e resolver antigos traumas;
- estabelecer contato com a criança interior como símbolo da nossa energia criativa;
- perdoar nossos pais;
- desenvolver uma consciência de compaixão para ser um pai ou uma mãe melhores;
- completar a atividade variada e inacabada da infância.

* * *

Joseph Campbell, C. G. Jung, James Hillman, June Singer, Marie-Louise von Franz, Gaston Bachelard, Bruno Bettelheim e Jean Houston figuram entre seus autores.

EDITORA CULTRIX

O REENCONTRO DA CRIANCA IN
01.28.01 PSICOLOGIA
29/01/2000
9 999003 396429
Livraria Sarai